UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA HUMANA

SERINGUEIROS DA AMAZÔNIA

SOBREVIVENTES DA FARTURA

NILSON SANTOS
Orientador: Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann

USP – 2002

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SERINGUEIROS DA AMAZÔNIA

SOBREVIVENTES DA FARTURA

NILSON SANTOS

USP – 2002

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA HUMANA

SERINGUEIROS DA AMAZÔNIA
SOBREVIVENTES DA FARTURA

NILSON SANTOS
Orientador: Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann

Banca Examinadora

_____

_____

_____

_____

_____

USP – 2002

RECONHECIMENTO

A Bete, pelo pão dividido e pelo paciente aguardo deste trabalho;

A Dieter, pelo respeito e ousadia de sempre;

A Paulo e Zé Maria pela integridade na realização dos sonhos;

Aos sete seringueiros que diretamente fazem parte deste trabalho, motivação em tempos difíceis;

A Alberto, pelas longas conversas entre Cohibas, na trincheira, e pelas muitas contribuições;

A Fabíola pela amizade destes anos todos que ainda virão;

A Mario e Silvia, pela tutela do computador, essa máquina temperamental;

A Rose, pelos tantos e tantos livros que passaram e passam por suas mãos;

A Cecília e Luís, pela grata convivência dos anos de dias e noites de amor e guerra;

A Elisabete e Luís pela acolhida sempre fraterna, mesmo nos períodos mais difícil;

A Débora pela contribuição ao trabalho de campo.

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada na Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, no município de Guajará-Mirim, no Noroeste do Estado de Rondônia. Saindo do porto da cidade, duas horas de voadeira subindo o Rio Mamoré, fica a foz do Rio Pacaás Novos, início da Reserva Extrativista de Seringueiros de Guajará-Mirim, mais três horas fica o Rio Ouro Preto, que juntamente com outros igarapés compõem a Reserva.

A Reserva é ocupada em grande parte por filhos dos Soldados da Borracha, restando poucos que vieram na época da guerra; a maioria nasceu no seringal.

No diálogo estabelecido a partir da História Oral concebida por Meihy, metodologia escolhida para este trabalho, os seringueiros falaram sobre suas vivências, aventuras de trabalho, histórias que conheceram, o que foi sendo incorporando ao discurso como vivências e o que carregam de sua comunidade de referência, as situações que os identificam e os marcaram independente de terem participado delas ou não. Por vezes algumas histórias são recorrentes, como se fossem condições inescapáveis à vida de qualquer seringueiro.

A escolha foi de atribuir ao narrador o estabelecimento, na narrativa, de sua própria ordem; sua própria historicidade épica, apaixonada, ou engajada, incorrendo no risco de realizar a supressão de longos períodos da vida que por algum motivo foram secundarizados ou apagados, com total responsabilidade do narrador, estabelecendo um pacto ético e político com ele e não mera solidariedade ou tolerância. Assim, brotou não apenas uma temporalidade e uma geografia própria, mas muitas, o que torna difícil o trabalho tradicional de interpretação.

Os textos nascidos das entrevistas sugeriram fortemente a idéia de SOBREVIVENTES até mesmo pelo seu caráter provisório, pois a dimensão de comunidade de seringueiros parece mais frágil que a de sobreviventes isolados, cuja provisoriedade repousa na mitologia diversificada e contraditória.

Para tanto, pela primeira vez na Geografia é apresentada a narrativa voluntária, integral e singular de um grupo de seringueiros. Garantindo que as vozes SOBREVIVENTES se digam, para que, sobre esse dizer, possam surgir outros interlocutores que naveguem por essas vozes, também como narrativa, fazendo surgir a vida do seringueiro como ela é, como cada um deles gostaria que fosse identificada. O resultado não se assemelha a um dizer naturalizado e sem rosto, nem é mero suporte explicativo.

PALAVRAS CHAVE: Amazônia, Seringueiros, Migrações, Oralidade, Rondônia.

ABSTRACT

This research was carried out in the Reservista Extrativista do Rio Ouro Preto, in the Municipality of Gujará-Mirim, in the north east of the State of Rondônia. The Pacaás Novos River is situated at a point after a two-hour motor boat trip up the Mamoré River, where the Reserva Extrativista de Gujará-Mirim starts. A three-hour trip further up the Mamoré River the Ouro Preto River is located and with various streams forms the reserve area.

The descendants of the soldiers of latex tapping occupy the greater part of the reservation with just a few of the pioneers who arrived there at the time of the war. The majority of them were born in the latex tapping reservation.

In the dialogue, established from Oral History conceived by Meihy, the methodology chosen for this assignment, the rubber tappers spoke of their life, workday adventures and stories that they know which are being incorporated into the discourse as part of their lives and what they take from their community reference; the situations which identify and impress them, whether they participated or not. There are occasions when the stories are recurrent, as if they were inescapable conditions in the life of any rubber tapper.

The narrator was attributed the choice of setting his own order in narrating; his own epic relating, passionate or active, running the risk of suppressing long periods of life experience which for some reason, as his responsibility, was given less importance or occulted, and so making an ethic and political pact with him and not just showing solidarity or tolerance. Hence, not only its own time and geography blossomed, but others as well, which makes the traditional assignment of interpreting difficult.

The texts that derived from the interviews strongly suggest the idea of SURVIVORS, also because of the temporary characteristic, since the dimension of the rubber tapping community seems more fragile than that of isolated survivors whose precariousness founded in the diversified and contradictory mythology.

This is the first time a voluntary narrative; wholly or singularly, from a group of rubber tappers; is presented in Geography for this objective. To guarantee that the survivors' voices speaking of what was narrated can make other speakers express themselves by way of these voices, in narratives also, and by so doing make the life of the rubber tapper appear as it really is as each of them would like it to be identified. The result is not similar to a faceless and naturalized discourse nor is it merely an explicative support.

SUMÁRIO

SIGLAS UTILIZADAS 008

MAPAS

Estado de Rondônia, localização do Município de Guajará-Mirim e da Reserva Extrativista de Seringueiros do Rio Ouro Preto 010

Esboço de uma Estrada de Seringa 015

Carta - Imagem da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto 079

1 – HISTÓRIA DO PROJETO 009

1.1 – IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO DE TRABALHO: OS SERINGUEIROS DA RESERVA EXTRATIVISTA DO RIO OURO PRETO 009

1.2 – A CONSTRUÇÃO DO TEMA 017

1.3 – O DIÁLOGO COMO PONTO DE PARTIDA 026

1.4 – PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM A METODOLOGIA E O TEMA 032

2 - A METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL 039

2.1 – PROCEDIMENTOS 058

2.2 – O CONCEITO DE CÁPSULA NARRATIVA 063

3 – VIVÊNCIA DE CAMPO – 1997: primeira parte 071

4 – VIVÊNCIA DE CAMPO – 1998: segunda parte 143

5 – TEXTOS 159

Davi de Souza 159

Wanderley Lima Nunes 196

Lita da Rocha 218

Manoel dos Santos Oliveira 221

Francisco Nilo Pessoa 224

José Maria dos Santos 234

Paulo Nunes 253

5.1 - GLOSSÁRIO DOS TEXTOS 274

6 – DIÁLOGOS INTERPRETATIVOS: PONTOS DE ATRITO 284

7 – BIBLIOGRAFIA 320

SIGLAS UTILIZADAS

ASGM – Associação dos Seringueiros de Guajará-Mirim

ASROP – Associação dos Seringueiros do Rio Ouro Preto

CEE – Comunidade Econômica Européia

CNS – Conselho Nacional dos Seringueiros

CTA – Centro dos Trabalhadores da Amazônia

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

ITERON – Instituto de Terras de Rondônia

OSR - Organização dos Seringueiros de Rondônia

PLANAFLORO – Plano Agropecuário e Florestal de Rondônia

SEDAM – Secretaria do Meio Ambiente do Estado de Rondônia

SESP – Serviço Especial de Saúde Pública

SUCAM – Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

WWF – World Wildlife Fund

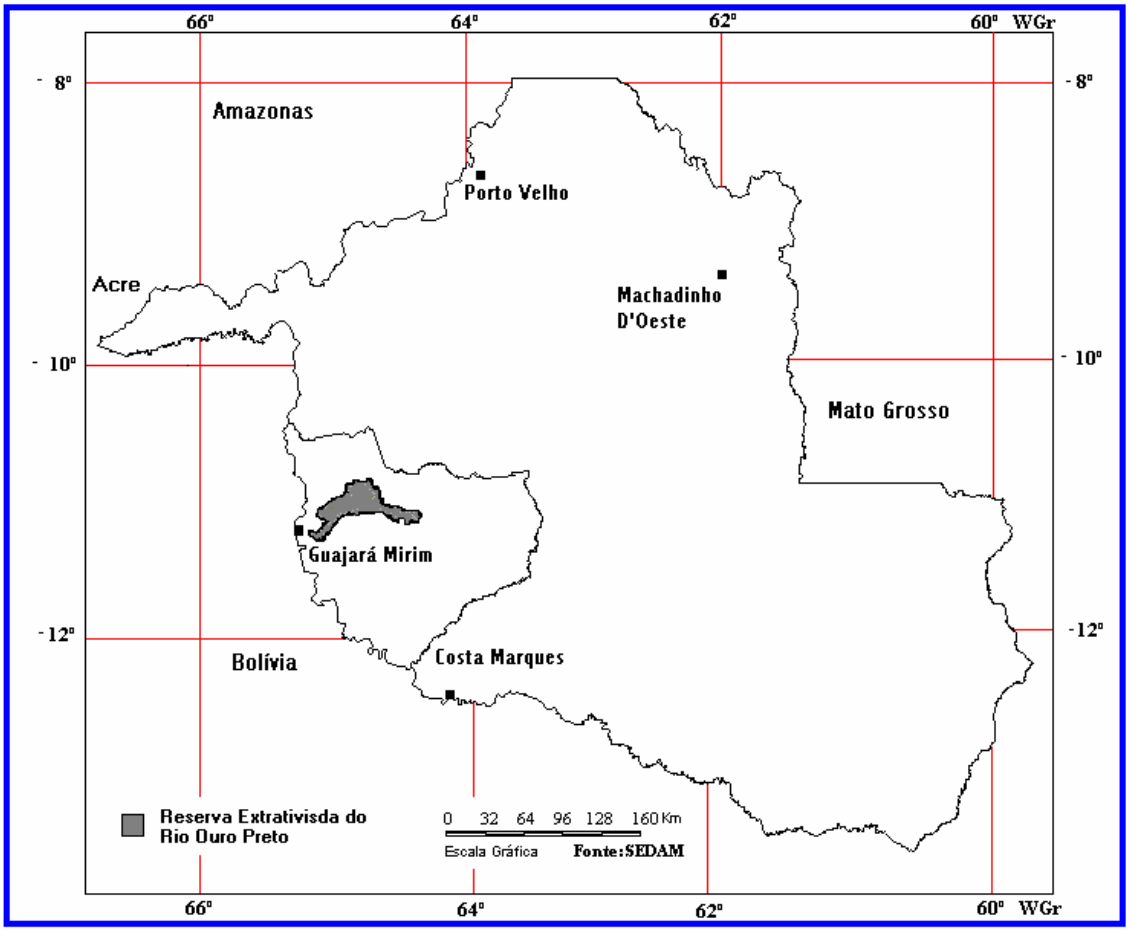
1 – HISTÓRIA DO PROJETO

> *Existe a concordância de que o rápido progresso econômico é impossível sem dolorosos ajustamentos. Antigas filosofias têm que ser sucateadas; instituições sociais velhas têm que ser desintegradas; laços entre castas, credos e raças têm que ser desfeitos; e um grande número de pessoas que não conseguem lidar com o progresso tem que ter frustradas suas expectativas de uma vida confortável. Poucas comunidades estão preparadas para pagar o alto preço do progresso econômico. (Nações Unidas – Departamento de Assuntos Econômicos, maio de 1951)*

1.1 - IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO DE TRABALHO: OS SERINGUEIROS DA RESERVA EXTRATIVISTA DO RIO OURO PRETO

Esta pesquisa foi realizada na Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, no município de Guajará-Mirim, no Noroeste do Estado de Rondônia, fazendo fronteira com a Bolívia. Saindo do porto de Guajará-Mirim, duas horas de voadeira subindo o Rio Mamoré, fica a foz do Rio Pacaás Novos, início da Reserva Extrativista de Seringueiros de Guajará-Mirim, criada pelo Decreto Federal 99.166 de 13.03.90 (vide mapa na página seguinte). Mais três horas, subindo o Pacaás Novos, fica a boca do Rio Ouro Preto, que juntamente com centenas de outros igarapés e lagos compõem esta Reserva. Continuando pelo Rio Pacaás Novos tem-se o fim da Reserva Indígena do Pacaás Novos e o início de outra Reserva de Seringueiros de área e condições semelhantes.

A Reserva é ocupada até hoje em grande parte por grande número dos filhos dos Soldados da Borracha, poucos seringueiros como Seu Nilo Pessoa vieram para o seringal na época da guerra; a maioria nasceu no seringal e uns poucos vieram de Porto Velho ou Guajará-Mirim. Suspeitam que ainda devam ter parentes espalhados pelo Nordeste, muito embora nunca fizeram contato, nem saíram da Amazônia em busca dos familiares, quando muito dizem genericamente que os pais vieram do Nordeste.



MAPA DO ESTADO DE RONDÔNIA, LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE GUAJARÁ-MIRIM E DA RESERVA EXTRATIVISTA DE SERINGUEIROS DO RIO OURO PRETO

Dean afirma que das plantas de serventia comercial utilizada nos dois últimos séculos, a seringueira parece ser a que constituiu seu mito muito recentemente, além do mais, é uma das poucas, talvez a única, cujo mito não tenha qualquer influência indígena. Seu mito depende de Henry Wickham, o herói patife, o traidor, o ladrão de sementes, aquele que gerou a agonia e a desgraça, é a re-encarnação de Judas que traiu toda uma região, fazendo chegar à Índia e à vários países do sudeste da Ásia a semente rajada em forma de ovo, de manipulação delicadíssima, e tempo de vida muitíssimo curto.

Embora por volta de 1750 Portugal enviasse para o Brasil as botas e mochilas do seu exército para serem impermeabilizadas, é somente a partir da vulcanização (1839) que seu uso se aperfeiçoa e expande, e a demanda crescerá a passos largos. Se os trilhos fazem a força do capitalismo industrial chegar e se instalar em pontos cada vez mais distantes, não haverá uma única locomotiva se movendo sem mangueiras, correias, sapatas de freio, juntas, tubos, pára-choques, capas feitas com borracha da Amazônia. Em 1874, passam a ser utilizados nos fios de telégrafo; e a partir de 1890, com a febre das bicicletas na Europa, estará lançada a tecnologia

dos pneus que ajudará a popularização dos automóveis. Em 1912, após dezenas de tentativas chegam na Ásia as sementes de Wickham que conseguem enfim fazer brotar o fim da hegemonia da borracha da Amazônia.

Se isto representa pirataria e traição, pelo início do século o Brasil fez o mesmo com as primeiras mudas de café que chegam ao país; anos mais tarde será o ouro negro do café que substituirá a borracha na balança de comércio exterior brasileiro.

No final do século XIX, uma forte seca que durou quase toda a década de 1870 e 1880, aliada a grande necessidade de mão-de-obra para os seringais da Amazônia devido à explosão de consumo de borracha no mundo todo, fez com que o governo brasileiro estimulasse a migração do nordeste para o norte. Aproximadamente 500.000 mil nordestinos (SEVCENKO, 2000: 435) povoaram os seringais neste período.

Com a Segunda Guerra, o Japão domina grande parte da Ásia e o fornecimento de borracha para os exércitos do Eixo estava garantida, mas os outros países corriam sérios riscos de ver suas máquinas de guerra emperradas. A desativação de alguns seringais e a redução de outros, fazem os EUA fundarem a Rubber Reserve Company – RRC para fomentar novamente o comércio da borracha e comprar diretamente dos seringalistas, e por vezes do próprio seringueiro. Seu Nilo Pessoa chegou a ver muitas vezes no Rio Ouro Preto os barcos de patrulha com os americanos da Rub Reserva distribuindo caixas de madeira com bacon e realizando inclusive trabalhos de combate à malária e assistência médica, mas com o fim da guerra foram embora e nunca mais voltaram.

Somente a RRC comercializava com mais de 2.000 seringais (DEAN, 1989). Moises Benesbi, antigo seringalista do Rio Ouro Preto (conhecido de muitos seringueiros e citado por Mauro Leonel em **Etnodicéia Uruéu-Au-Au** como um dos responsáveis pelos diversos conflitos armados entre seringueiros e índios da região), afirmou que os seringais dificilmente tinham menos de 100 seringueiros trabalhando. Com a informação anterior pode-se supor que mais de 200.000 seringueiros compunham essa força de miseráveis que morriam mais rapidamente e em números muito superiores aos soldados da FEB na Europa.

Em 1942, o governo Vargas recrutou a tropa para uma operação de emergência que coletaria látex para os americanos. Eram 55 mil nordestinos segundo Isto É Online de dezembro de 1988, e 70.000 segundo dados do Ministério do Exército. É certo que vieram 30 mil só do Ceará, que fugiam da seca, da guerra e vinham em busca de riqueza. A malária, a erisipela a febre amarela, a lepra e uma dezena de outras doenças compunham com onças, cobras e jacarés o caldo letal

da floresta que ainda contava com o Mapinguari, a Mãe da Seringueira em fúria, e a vingança do Curupira.

A operação montada por Getúlio Vargas para garantir aos EUA a matéria-prima estratégica na Segunda Guerra Mundial levou à morte logo nos primeiros anos mais de 35 mil nordestinos. Na época o jornal londrino **New Chronicle** denunciava que mais de 31 mil migrantes morreram nesse esforço. Desse total só seis mil conseguiram voltar para casa.

Com o fim deste período, os migrantes remanescentes foram abandonados a sua sorte tornando-se dependentes dos patrões; a mortandade não foi reduzida, sendo freqüente a morte por doenças, por vezes desconhecidas.

Preparando-se para a viagem que poderia durar até três meses aos seringais, os alistados (que chegavam a mil por dia) ficavam em alojamentos nas capitais nordestinas sob severo regime militar.

Funcionavam pelo menos quatro órgãos do governo, que raramente se entendiam, para dar suporte a esta operação, além de quatro outros órgãos, sediados no Brasil, sob administração direta dos EUA. Seu Nilo Pessoa, seringueiro do Rio Ouro Preto ainda lembra dos serviços de combate a malária da SESP (Serviço Especial de Saúde Pública), e da Rubber Reserve Company que trazia engradados de bacon e Elixir de Eparema para o fígado, levando borracha diretamente do rio Mamoré para os EUA.

O processo seletivo, orientado por estudos de antropometria realizados pelo corpo médico do exército alemão levava em conta o biótipo dos nordestinos que se alistavam. Os tipos brevilíneo e disgenopata, de ventre avantajado e joelhos arcados eram tidos como incapazes para o serviço pesado e psiquicamente inferiores, sendo dispensados.

A propaganda era intensa, prometia-se passagem de ida e volta caso quisessem desistir, 35 mil cruzeiros para o seringueiro que extraísse mais leite no ano. Os cartazes mostravam seringueiros carregando pelas de borracha em direção aos barracões, deles retornando com sacos de dinheiro.

Os voluntários ganhavam enxoval: calça de mescla azul, camisa de morim branco, chapéu de palha, alpercatas de rabicho, caneca de flandres, prato fundo, colher, rede, cigarros Colomy e saco de estopa como mala.

Só no Acre pelo menos 11 mil seringueiros teriam o direito a dois salários mínimos de aposentadoria como Soldados da Borracha (modo como os migrantes do Nordeste ficaram conhecidos durante os anos da guerra). A falta de documentação e os anos de espera têm quebrado a esperança dos que ainda não

morreram. No Estado de Rondônia, um velho juiz da cidade, cujo pai foi Soldado da Borracha e morreu sem qualquer amparo previdenciário, se empenhou por garantir a dezenas de ex-soldados da borracha aposentadoria de um salário mínimo. O exército que na época da guerra havia prometido apoio logístico durante a guerra, e passagem de volta para casa depois da guerra, além da possibilidade de serem incorporados ou aposentados como soldados, nunca os reconheceu. Até hoje, o exército ignora o esforço desta "força tarefa" (numericamente muito mais expressiva que a própria FEB) nem mesmo os reconhecem como parte das comemorações da participação do Brasil na Segunda Grande Guerra. Mesmo em Rondônia, o exército já homenageou uns poucos Pracinhas da FEB, esquecendo-se dos muitos ex-soldados da borracha que ainda vivem miseravelmente na periferia das cidades, ou até mesmo dos velhos seringalistas, que na época prestavam "grande serviço" e eram muito úteis aos propósitos do exército.

A presença deste exército de banidos composto por velhos pobres e analfabetos ainda é testemunho vivo do abandono, do descaso e da falta de responsabilidade social. Se os textos dos seringueiros que compõem este trabalho chamam a atenção pela ausência do Estado, a condição dos seringueiros que vivem hoje nas cidades reforça o mesmo quadro, fazendo brotar nas narrativas emaranhados de idealização do papel e da força do Estado (Seu Nilo), progressivas imagens de descrédito (Zé Maria), crenças no seu poder de intervenção no mercado (Paulo), ou simplesmente o desprezo pela constante exclusão (Seu Davi e Dona Lita).

Hoje, as reservas de seringueiros e o Exército não têm qualquer relação, os seringueiros e os militares nem mesmo reconhecem que em algum momento da história seus destinos se cruzaram.

A Reserva Extrativista de Seringueiros do Rio Ouro Preto, com aproximadamente 150 anos, ressurge com as necessidades da indústria automobilística, cumpre papel estratégico na geopolítica com a Bolívia, abriga milhares de Soldados da Borracha durante a década de 1940. Tudo isto apenas faz parte de uma acanhada história oficial, ou dos livros ufanistas de autores locais que pensam estar no epicentro das forças históricas do mundo.

Esta **origem** oficial não é reconhecida por qualquer seringueiro da reserva, nem mesmo pela direção da Organização dos Seringueiros de Rondônia que, quando muito, colocam sua origem mais remota nas histórias dos seus pais: O meu pai é como várias pessoas que batalha ... em 1943 ele chegou (Wanderley -74), O meu pai era cearense ... alto e meio moreno. Ele veio pra cá em 1935 no tempo dos caboclo brabo (Dona Lita - 10), Mas

quem me ensinou mesmo cortar seringa foi meu pai ... que veio pra cá em 1916 do Ceará (Nilo Pessoa - 9); e sinalizam a história do movimento de seringueiros a partir de 1988 (Wanderley), outubro de 1989 (Zé Maria), em 89 em Rondônia e em período incerto no Acre (Paulo).

Cabe, de antemão, salientar que os números indicados entre parêntesis após a transcrição se referem à indicação do número do parágrafo do texto de onde foi retirado o trecho. Assim, a indicação de Wanderley: O meu pai é como várias pessoas que batalha ... em 1943 ele chegou com o número (74) significa que no parágrafo 74 do seu texto encontra-se a frase completa. A numeração dos parágrafos dos textos no capítulo 5 encontra-se à esquerda de cada um deles.

A Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto é reserva de várzea, assim chamada por conta da localização das colocações dos seringueiros ficarem ao longo do rio; pela sua utilização como **artéria**, por onde escoam a produção de borracha, e transportam comida, combustível, equipamentos, além de pessoas para a cidade ou para outras colocações. Sua fronteira ao norte foi traçada levando-se em conta um acidente natural (o fim da serra dos Pacaás que tem sua parte mais alta no centro do estado, de onde partem grande parte dos igarapés da região). Com o avanço da fronteira agrícola em Guajará-Mirim, uma extensa área de fazendas tem se formado na face sul das montanhas, criando uma extensa área de desintrusão (vide mapa da página 78) ainda em disputa entre o IBAMA e o INCRA, este último é a principal fonte de fomento e financiamento de invasões em áreas de proteção ambiental em Rondônia (vide AMARAL, 1999) , que abrirá um imenso corredor dentro da reserva facilitando ainda mais a ação dos madeireiros e fazendeiros. A face sul da reserva é composta por uma fronteira seca, em traçados retilíneos sem levar em conta qualquer fenômeno natural da região, foi traçada num projeto de prancheta. Apesar da justificativa frágil para seu traçado, não oferece maiores ameaças pois seus "vizinho" são uma reserva Biológica e uma reserva indígena.

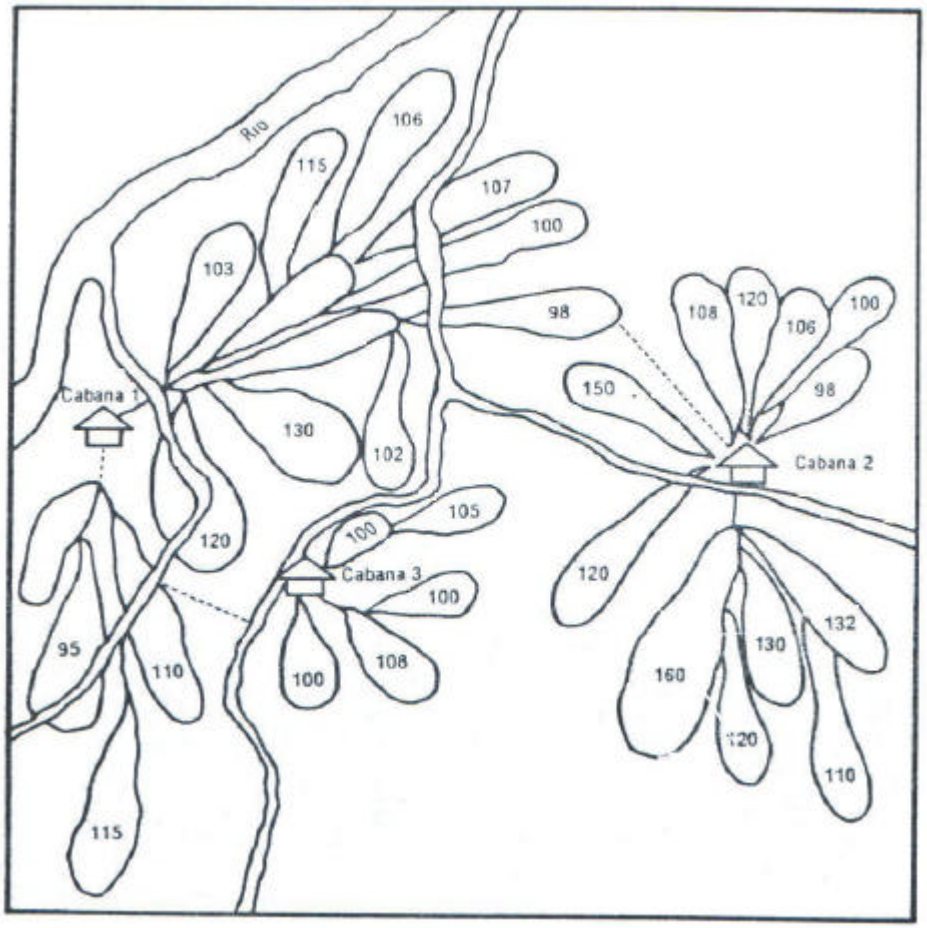
O peculiar desta reserva é o isolamento no período do **verão**, quando por mais de cinco meses desaparecem as chuvas (entre maio e outubro), coincidindo ainda com o inverno andino que, deixando de provocar o degelo, reduz drasticamente o fluxo de água para os rios da Amazônia.

Neste período os rios com mais de 100 metros de uma margem à outra e profundidade superior a 10 metros se tornam pequenos córregos, cheios de arraias, onde somente as canoas pequenas a remo conseguem navegar com menos dificuldade, isolando as colocações de seringueiros por longos períodos. O trajeto feito em dois dias com barco a motor, durante o período de cheia, pode levar mais

de 30 dias no verão. Obrigando as famílias isoladas a criarem mecanismos singulares de sobrevivência.

Nestas áreas de várzea do Estado de Rondônia se concentra a maioria das seringueiras que produzem leite em toda a Amazônia. A alta densidade das árvores e sua elevada produção fizeram com que os patrões mantivessem sua influência e domínio sobre os seringueiros até o início dos anos 90.

No verão, com o recuo dos rios, as áreas alagadas secam, favorecendo o trabalho do seringueiro, que por oito meses pode percorrer as **estradas de seringa** cortando e colhendo o **cernambi**.



O desenho acima se refere ao esquema de parte de um seringal amazônico por volta de 1900 (sem localização mais precisa). As alças, em formato de gota, entrecortadas por igarapés, são as **estradas**, e os números no seu interior indicam quantas seringueiras compõem cada estrada. Quinze estradas partem da cabana 1 (colocação); à época, isto representava morada para cinco seringueiros. Doze estradas na cabana 2, abrigando quatro seringueiros; e cinco na cabana 3, empregando 2 seringueiros. O número total de árvores inventariadas chega a 3.573, o que significa que provavelmente esta área tinha cerca de 130 quilômetros

quadrados, levando-se em conta a forma de extração e produção das pelas de borracha (ilustração copiada em scanner de mesa de **India Rubber World**, sem autor, London, outubro de 1902, página 15).

Contando com as informações sobre a produção de cada seringueiro efetuada pelos fiscais que passavam todo o tempo transitando pela reserva inspecionando a produção, a conservação das seringueiras e das estradas, além do número de seringueiras disponíveis e nomes dos seringueiros que moravam nas colocações, era possível ao patrão exercer certa pressão sobre o trabalho de cada seringueiro.

Atualmente a Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto conta com menos de 100 colocações, onde vivem aproximadamente 400 seringueiros, em sua maioria com mais de 18 anos, muito embora haja grande número de crianças.

A Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto é a maior e mais antigas reserva de seringueiros do Estado, ficando próxima do início da Estrada de Ferro Madeira Mamoré com 420 quilômetros, ligando Guajará-Mirim a Porto Velho. Foi justamente a alta produção de borracha desta região (incluindo o lado boliviano) um dos motivos para a construção da Ferrovia Madeira Mamoré, que custou 27 toneladas de ouro.

Muito embora representasse até a primeira metade deste século a principal atividade comercial do município, hoje a borracha e o seringal não exercem mais influência econômica nem representam destaque social. Grande parte dos seringalistas de outrora compravam manteiga vinda da França, hoje os poucos que ainda estão vivos, moram na periferia de Guajará-Mirim, contando com miseráveis aposentadorias. Nos últimos anos ocorreu fluxo migratório do seringal para a periferia das cidades próximas, em busca de escola para os filhos e emprego. Com a economia desaquecida e a exigência de escolaridade mesmo para atividades braçais, a migração tem reduzido e, em alguns casos, vem ocorrendo a procura por ocupar antigas colocações abandonadas da parte de antigos seringueiros, ou seus filhos que acreditam poder escapar do custo de vida da cidade. Costumam afirmar que enquanto na cidade se gasta dinheiro com aluguel, água, energia elétrica, transporte e comida, no seringal o rendimento do trabalho pode ser menor, mas não falta peixe e farinha, não tendo, portanto, gastos com energia e água, além de poderem fazer suas próprias casas; ao menos a sobrevivência da família fica garantida e os filhos não passam fome.

Alvo de freqüentes invasões por fazendeiros e até mesmo pelo INCRA que incluiu por diversas vezes áreas da reserva nos seus projetos de colonização, os seringueiros constituíram, desde 1991, a Associação de Seringueiros de Guajará-

Mirim, cuja diretoria é composta por seringueiros nascidos nas colocações com idade próxima a 20 e 35 anos. Ao longo destes anos de luta política a associação já conseguiu, legalmente, o reconhecimento sua área como Reserva Extrativista de Seringueiros, além de conseguir construir aproximadamente 25 escolas e 30 postos de saúde espalhados ao longo dos rios Ouro Preto e Pacaás Novos. Seu maior desafio, no entanto, é superar o alto índice de analfabetismo oscilando próximo ao patamar de 80%.

Atualmente, em função da queda do preço da borracha, estão empenhados, junto com os seringueiros do Acre, Amazonas e Roraima, desenvolvendo produtos semi-industrializados que possam ser produzidos dentro das próprias áreas, elevando a renda familiar. O **couro vegetal** tem sido apontado como a saída para os problemas econômicos enfrentados, ao lado da diversificação da atividade extrativista como a coleta de castanha, do óleo de copaíba (vendido para a indústria farmacêutica alemã), além de sementes e óleos medicinais.

1.2 – A CONSTRUÇÃO DO TEMA

O primeiro título deste trabalho era A INVENÇÃO DO SERINGUEIRO, sugerindo que a interlocução maior seria com a bibliografia existente sobre os seringueiros, enfocando a invenção da Amazônia e dos Seringueiros realizada ao longo da história por viajantes, escritores, pesquisadores, antropólogos, ambientalistas, militares que foram criando diversas **Amazônias** e **Seringueiros**, tornando bastante rico e plástico o discurso e, por conseguinte provocando variado leque de previsões, interpretações e ações.

Porém, mais uma vez os seringueiros seriam chamados a participar como assessório ilustrativo, seriam levados em conta aqueles que dissessem o que interessasse à pesquisa; os restantes, tomados como desvio do padrão, seriam descartados.

A primeira alteração deste trabalho ocorreu no título, que acabou sendo orientado pelo conteúdo das entrevistas como desafio por compreendê-las; desta forma foi permitido que, ao invés de se obter discurso organizado, seletivo, claro e didático (como devem ser as mercadorias), tivemos a narrativa livre que, pelo seu conjunto, sugeriu a mudança de orientação do conjunto do trabalho.

Os textos nascidos das entrevistas sugeriram fortemente a idéia de **SOBREVIVENTES** até mesmo pelo seu caráter provisório, pois a dimensão de comunidade de seringueiros parece mais frágil que a de sobreviventes isolados, cuja

provisoriedade repousa na mitologia diversificada e contraditória. A Mãe da Seringueira, por exemplo, de velha assustadora com as pernas sangrando (Zé Maria), ressurge como visagem ameaçadora, sem características físicas definidas (Seu Fernando), ou aparece como sedutora e submissa mulher de **carne e osso** que convive maritalmente com os seringueiros (Seu Davi).

Os hábitos alimentares de opções reduzidas, e os pratos de sabor quase invariável, além do conhecimento reduzido das opções de medicamentos naturais (a não ser aqueles que conviveram mais proximamente com os índios, incorporando alguns de seus hábitos), sugerem relação bastante singular com o lugar, afinal o isolamento, a solidão e o pouco tempo que estão na Amazônia talvez ainda não tenham permitido estabelecer tecidos de significação muito extensos.

O tempo todo comemos basicamente peixe em caldeirada ou frito com farinha, todas as outras carnes (quer de aves, de jacarés, ou de outros animais de caça) levam o mesmo tempero. As muitas frutas, raízes, larvas, e brotos que os índios costumam comer, não faz parte da refeição dos seringueiros. Neste sentido conservam-se mais próximos dos hábitos alimentares das populações urbanas do Norte onde a refeição básica é composta de carne e farinha.

Nenhum dos textos faz seguras ou extensas referências aos pais, falam muito pouco desse período de convivência, e quase não sabem nada sobre o passado e o temperamento deles. Os avós são mais incógnitos ainda; não lembram sequer os nomes. Para os líderes do movimento de seringueiros, sua luta começou em 1989, a partir de reunião ocorrida em Guajará-Mirim, quando Chico Mendes já estava morto, desconhecendo que em 84 uma caravana deles tinha ido à Brasília para reunião do movimento nacional.

Assim, influenciados pelo que concebemos ser a exuberância da floresta e a vida cheia de aventuras de quem vive nela, os textos de alguns seringueiros parecem monótonos e sem muita riqueza, onde as vivências **DESTERRADAS,** envoltas no medo, parecem ter muita força: as **feras** do Seu Pedro, as **coisas medonhas** apontadas por Seu Pedro, os **mistérios** do Seu Damasceno, a **calma da meia noite** dita por Seu Fernando (se meia noite tudo pára e fica calmo, é porque o resto do dia é um inferno). Por isso a floresta apareça em alguns textos sem muitos detalhes claros, contendo muitas imprecisões, até mesmo desprovidos de um tipo de objetividade já consolidada pela comunidade; as descrições do Mapinguari diferem na quantidade de histórias que se ouve, bem como a Curupira.

Conseguiram se moldar a certas circunstâncias, adaptando o lugar conforme a necessidade, dominando e convivendo com certas circunstâncias adversas.

Mesmo porque a oralidade como princípio pedagógico de socialização de conhecimento é bastante acanhada, por morarem distantes, e por considerarem o aprendizado como algo concreto, assim, para querer aprender como é tirado surubim do rio, só pescando mesmo.

Justapondo a este quadro é preciso considerar ainda que algo como 5.000 seringueiros viram chegar 30, 70 ou 200 mil Soldados da Borracha (neste caso os números variam conforme a fonte), que foram reduzidos a aproximadamente metade só nos primeiros anos, mortos nas diversas histórias ouvidas dos seringueiros por feras, por afogamento, por infinidades de doenças, pelas emboscadas dos índios ou dos patrões, e não raras vezes por conta dos próprios medicamentos, visto que quem costumava medicar era o seringalista; é muito comum ouvi-los dizer que o melhor remédio para a febre da malária que se tinha na época era uma dose de cachaça com grãos de pimenta do reino esmagados, e quem sobrevivesse nunca mais pegaria qualquer febre. Hoje, passados 60 anos, devem somar algo próximo a 7.000 seringueiros em toda a Amazônia, atuando na atividade extrativista, sugerindo verdadeira guerra silenciosa pela sobrevivência nem sempre vitoriosa.

Os poucos que restaram são verdadeiros SOBREVIVENTES do período áureo da borracha, da fartura, das festas, e da Belle Époque Amazônica (DAOU, 2000). Mesmo com o impasse do futuro da atividade extrativista, permanecem com certa serenidade, cheios de vontade de viver, de vencer ou apenas de sobreviver. Representam o que restou do ouro branco que fez imensas fortunas (hoje relegado ao preço de 18 centavos de dólar o quilo).

A idéia de **SOBREVIVENTE** sugere ainda que resistiram a algo igualmente perigoso: a toda bibliografia que procura enquadrá-los em categorias estranhas e reducionistas, mantendo vivo grande parte dos seus mitos, das histórias das feras, das festas e de muitos que vieram **enricar** e por não respeitarem certos sinais da floresta, acabaram pagando com a vida.

O subtítulo **SOBREVIVENTES DA FARTURA** sugere também a imagem anacrônica, e provocativa de naufrágio. Em que pese a grande extensão do rio Ouro Preto, o tempo e os quilômetros que separam as famílias, e as dificuldades peculiares de transporte, todo o período que permaneci no seringal, nos dois momentos da vivência de campo, uma situação chamou a atenção: a freqüência com que os pequenos barcos subiam e desciam o rio.

Ao final da realização da primeira etapa das entrevistas, no último contato com Seu Nilo, ele dizia sobre a reserva extrativista: ... acabar o seringueiro não acaba ... mas fracassa. (141). E finalmente enquanto olhávamos dois barcos descendo o rio em

direção à cidade carregados de borracha, ele arrematou: e é assim que nós tamos fazendo essa travessia.

Esta frase associada à imagem do barco se perdendo numa densa neblina que fazia o olhar se dissolver fez a ligação entre outras entrevistas, que entre relatos de sobre-vivências, sempre revelava certa bruma de incertezas diante do futuro e do mercado; são sujeitos do lugar que criam e re-criam sua existência e ao mesmo tempo emergem como sujeitados pelo Capital (KURZ, 1996 e 1997).

Enquanto lugar vivido a certa distância do mercado, a reserva vai se tornando lentamente mais e mais rica em significação como exercício de ordenamento do caos molhado da floresta, exercidas pelas vivências singulares circuladas pela comunidade, por isso ainda há grande quantidade de mistérios que a mata reserva, desafiando e ameaçando. Ela parece ser ao mesmo tempo o lugar dos tormentos que o mercado destina a cada um deles. Da floresta se retira a comida, o óleo para a lamparina de querosene, a água, a casa e o próprio barco, e ela nada pode fazer contra a boca devoradora do Capital, contra a indiferença do mercado para com o Ouro Branco.

Distante de algumas previsões que atribuem aos seringueiros prática nobre e futuro promissor, os textos aqui apresentados estão marcados por grande intranqüilidade, ou ainda por advertirem que a sobrevivência é bastante incerta. É com muito desconforto que falam em deixar o corte da seringa e trabalhar na roça, ou irem embora para a cidade.

Distante de pretender investigar com quem está a verdade, esta contradição parece chamar a atenção para o estrangulamento do diálogo entre os relatos da vida na floresta dos seringueiros e as previsões, desaguando na ausência de sincronia entre os próprios seringueiros, na medida que insistem em algumas alternativas cujos resultados tem sido acanhados.

A idéia de Floresta Amazônica **exótica e exuberante** e de Seringueiros como **Guardiões da Floresta**, não diferenciava de grande parte da bibliografia produzida sobre a região. Na verdade tanto a imagem da Floresta Amazônica quanto dos seringueiros não passam de criações de foral, em grande parte elaborada nos grandes centros do sul do país. Isto não quer dizer que deva ser descredenciado Manoel Rodrigues Ferreira, autor de vários livros sobre a Amazônia, em especial **A Ferrovia do Diabo** (que foi escrito sem que o autor viesse uma única vez para Rondônia e sem ter visto um único metro dos trilhos assentados), inspirada a partir do contato com uma série de negativos em poder do fotógrafo Ari André sobre a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, que originaram artigos seus

publicados em jornal da época, e posteriormente compilados no livro. Seu texto é importante, singular e instigante, como outros tantos que foram publicados, brilha por ter um vigor textual fabuloso e por conseguir plasmar no papel a representação do drama da construção da ferrovia no meio da floresta ligando o quase nada a lugar algum.

A coleção **História da Vida Privada no Brasil,** composta de quatro volumes, coordenada por Fernando Novais, procurou recobrar os últimos 500 anos de história do Brasil. Muito embora a borracha tenha representado em média 40% das exportações entre 1880 e 1920; o Teatro de Manaus tenha sido neste período um dos quatro mais importantes do mundo; entre 500.000 e 600.000 mil migrantes tenham ocupado a Amazônia até meados da década de 1940; esta coleção faz somente cinco referências a borracha, aos seringueiros e aos seringais, contrastando com 72 referências feitas às novelas.

Isto não significa que estas obras sejam merecedoras de descrédito, ou que somente os autores da região estariam autorizados a falarem dela. O lugar não é propriedade conceitual de quem vive nele (como sugere Samuel Benchimol em seus livros), nem mesmo de quem a administra, ou de quem supõem ter sua posse territorial. Muito menos pertence àqueles que por algum motivo empreenderam viagens pela região, publicando posteriormente suas impressões de viagem (Euclides da Cunha – **Um Paraíso Perdido**, Hércules Florence – **Viagem Fluvial,** ou próprio Manoel Rodrigues Ferreira – **Nas Selvas Amazônicas, Aspectos do Alto Xingu, Cenas da Vida Indígena, Terras e Índios do Alto Xingu**). Porém, ao mesmo tempo, elas pertencem a cada um deles como vivência particular, seja como morador, como viajante, como leitor, como pesquisador; e são destas vivências tão singulares que se elaboram relatos, artigos, livros, conversas, entrevistas, palestras; enfim, o vivido gera múltiplos discursos, múltiplos textos, todos verdadeiros como sua materialização, como exteriorização, mas isto não autoriza o autor e o leitor a tomarem-no como sendo o real, como substituto do real, como se um livro de Benchimol ou Bertha Becker dissessem o real sobre a Amazônia.

Desta forma, este não é um trabalho de economia, que esteja preocupado em encontrar as relações e determinações econômicas que produzem e reproduzem o Capital na periferia do mundo; nem de história que pretenda fazer justiça mostrando a Real História dos Seringueiros de Rondônia, devidamente ancorada nos textos tornados depoimentos; não é ainda trabalho de antropologia ou sociologia, que busque encontrar as regularidades, as determinações e as

tradições do grupo de seringueiros, que sugiram tipologias de regras e comportamentos sociais.

É, sim, trabalho em Geografia Humana, entendido como o *locus* onde a criação do lugar e as relações estabelecidas edificam o discurso produzido pela comunidade, o ser social e seu entorno, formulando galáxia própria de sentido intenso de vida, de sobrevivência, também de fracasso e morte. Quer compreender o lugar como dado central da existência, como ponto de partida para se pensar o restante, afinal se pensa o mundo não a partir do mundo, mas a partir do lugar, assim é nele que se dão as relações e os sentidos; é o jogo entre as memórias privadas e as experiências coletivas, de um lado, e experiências privadas e memórias coletivas de outro que se constituem a comunidade e a singularidade:

> No es el hombre una máquina transformable para fines completamente diversos y que una vez transformada funcione con la misma regularidad que antes. El hombre lleva siempre consigo su historia toda y la historia de la humanidad. (JUNG, 1943: 389)

Para tanto, pela primeira vez na Geografia é apresentada a narrativa voluntária, integral e singular de um grupo de seringueiros. Garantindo que as vozes **SOBREVIVENTES** se digam, para que sobre esse dizer possam surgir outros interlocutores que naveguem por essas vozes, também como narrativa fazendo surgir relações econômicas, crenças, tempo, vida, floresta, medos, derrotas, lutas, ou seja a vida do seringueiro como ela é, como cada um deles gostaria que fosse identificada. O resultado não se assemelha a um dizer naturalizado e sem rosto, não é mero suporte explicativo.

Se cada comunidade cria sua identidade própria e seu lugar, preenchendo-os de sentidos, relações e determinações, o contato com esta alteridade, por um lado, não nos permite tomá-lo como apêndice do nosso discurso, sobrepondo a análise teórica que o substitua, pois cada palavra indica relações diferentes, significados diferentes, comunidades diferentes. Porém isto não nos imobiliza num relativismo que não permita dizer nada, como quer boa parte da nova-antropologia. Este encontro de diferentes que provoca estranhamento, dúvida, interesse, faz-nos falar sobrepondo o que Nietzsche chamou *doxa* (tornada socialmente natureza) e linguagem (tornada realidade), desencadeando outros textos, novas leituras, como fluxos de criação, diálogo intenso criativo e transformador.

Após longos anos de trabalho junto ao Movimento de Seringueiros na região Amazônica, tem sido difícil a aproximação entre o discurso produzido **sobre** os

seringueiros, principalmente no centro-sul do país, ou aquele nascido de historiadores e pesquisadores da própria região norte do país.

Para os pesquisadores locais (principalmente de Belém, Manaus, Rio Branco e Porto Velho), há uma saga vivida por heróis cujo princípio é incerto, desenvolvendo-se em condições adversas, desembocando em final glorioso, mesmo que seja para uns poucos sobreviventes. Como se todos os passos dados estivessem fazendo parte do grande esforço de homens laboriosos, determinados e destemidos por dominar a natureza arredia da floresta.

Estes estereótipos obedecem à lógica da objetificação do outro; por vezes estes trabalhos até levam em conta entrevistas e depoimentos, mas a fragmentação realizada é tamanha que provoca a desfiguração completa, surgindo em seu lugar uma pasta de frases e textos sem contexto, sem origem, sem identidade. O resultado pode ser qualquer coisa, ou aquilo que o pesquisador gostaria de encontrar.

Os enganos cometidos, têm certo caráter exótico (FERREIRA: 1960, 1961), o que contribui para a imagem de **terra de ninguém**, de **homens rudes** e desprovidos de sentimentos mais nobres, ou simples engrenagens de organismo maior.

Outro tipo de bibliografia aborda os seringueiros como fruto de mecanismos políticos ou econômicos, como no caso da primeira fase da borracha no século passado, ou os Soldados da Borracha, ou ainda os programas governamentais da década de 60/70 (a periodização por décadas em torno da vida das pessoas, deveria causar certo mal estar, pois não é verossímil que os ciclos de vida das comunidades ocorram em períodos de 10 anos).

De qualquer sorte ainda temos, neste tipo de bibliografia, sujeitos desprovidos de vontade, vítimas de interesses que fugiam de sua capacidade de intervenção, que ficaram abandonados à sua própria sorte, vivendo a agonia e as distorções do sistema movido por grandes interesses. Os sujeitos destes trabalhos são grandes corporações ou governos, enquanto os seringueiros aparecem como categoria, sem voz, sem história, desprovidos de rosto.

Há outra categoria de textos produzidos sobre **os povos da floresta** (denominação geral que, mais uma vez rotula todos os que vivem na mata sob mesma denominação, sugerindo identidade comum a **seringueiros**, **índios**, **ribeirinhos**, **pequenos produtores** agrícolas, **madeireiros, garimpeiros,** e outros grupos que habitem na mata), imputa aos seringueiros a imagem de **guardiões da floresta** (o que tem sido assumido pelo discurso de grande parte das lideranças de seringueiros), ou daqueles que praticam a relação com a natureza carregada de sabedorias típicas dos **povos da floresta**, que desenvolveram fortemente a

consciência ecológica, vivendo no paraíso preservado e refratário dos inimigos da natureza (madeireiros, traficantes, pecuaristas, garimpeiros gananciosos e políticos inescrupulosos).

Nestes casos, o resultado é a objetificação, a descaracterização, a instrumentalização. A perspectiva geral é de dizer **como realmente é** o seringueiro amparados em análises e categorias globais; ou ainda em instrumentos parecidos com aqueles que a Nova História lança mão para fazer sua história aos pedaços, como contraponto à História Oficial, ainda carregados de interesses, ou elementos a serem encontrados, de tal sorte que só conseguem ter ouvidos para o que necessitam ouvir.

O trabalho de campo e a pesquisa bibliográfica são idealizados e executados de tal forma que raramente ocorram situações que fujam ao controle. E quando isso ocorre, acabam sendo descartadas para não comprometerem o trabalho. Neste sentido, a pintura realista alemã e a arte revolucionária estalinista parecem ajudar a compor o cenário perfeito da pesquisa, carregado de robustez, ingenuidade, simplicidade, pureza de caráter e perfeição, em detrimento da arte moderna que corrompe a forma e o sentido, criando dubiedade, falsas imagens e dobras.

O entrave a enfrentar aglutina-se com o pesquisador e a tradição que carrega, pois acredita (com espírito quase religioso) naquilo que realiza como pura expressão da realidade.

Ao não enfrentarmos esta discussão, o resultado acaba por fortalecer certas distorções. Projetos que pretendem levar benefícios sociais a índios, seringueiros, pescadores, pequenos agricultores, ribeirinhos, garimpeiros, enfim às comunidades relativamente distantes (do mercado), acabam estendendo ainda mais o poder de influência do Capital, tornando-o cada vez mais onipresente; **humanizar** distantes recantos representa não somente levar energia elétrica, escola e remédios, mas fazer penetrar cada vez mais o espírito do Capital.

Desta forma, durante a revisão bibliográfica sobre as temáticas em torno das muitas populações tradicionais da Amazônia e das discussões ambientais (em especial quando o centro de atenções é voltado para os seringueiros) este trabalho foi buscando, como horizonte de referências, o distanciamento de obras que realizaram o discurso sobre o seringueiro, cuja fonte preferencial são outras obras ou documentos, que apresentam a história desprovida de vida, cujas vivências não têm rosto, em que pese sua importância histórica e literária (HARDMAN, 1988; REIS, 1989; FERREIRA, 1960, 1961; FLORENCE, 1977).

Embora alguns desses autores abordarem a temática dos seringueiros, há uma preocupação neste trabalho em estabelecer diálogo prioritário com as entrevistas realizadas, o que não quer dizer que esta bibliografia não tenha sido lida, nem mesmo que deva ser desprezada, apenas foi feita a opção por construir tecido narrativo a partir do material tecido com um grupo específico de seringueiros contatados no trabalho de campo.

Realizar um trabalho que privilegie a bibliografia existente, implicaria incorrer em vícios que esta pesquisa procura evitar. Partindo das mesmas premissas para então distanciar delas, ou seja, buscar na bibliografia as informações sobre a vida dos seringueiros, seus dilemas, dificuldades, peculiaridades, sua origem; invariavelmente acabaria desautorizando a narrativa dos seringueiros ou apontaria para as impropriedades históricas que costumam narrar. Como as vivências não são intrinsecamente falsas ou verdadeiras, reais ou imaginárias, ficou claro que o suporte deste trabalho não poderia ser outra coisa senão as narrativas dos seringueiros.

Igualmente foi evitada a bibliografia que, imbuída de boa intenção, procura identificar práticas preservacionistas ou outros tipos de comportamento tipificados, pois sugeriam categorias estranhas ao grupo.

Se fosse procedente a afirmação que esses seringueiros teriam desenvolvido mecanismos de preservação da floresta, de imediato isto implicaria haver toda uma reflexão acumulada sobre natureza, homem, formas de produção, dominação, preservação, recursos renováveis; seria possível ainda encontrar na tradição dos **povos da floresta** uma leitura de mundo matematizada, íntima da racionalidade produtiva, a ponto de discernir procedimentos mais lucrativos de uso da floresta que a mera depredação para dela obter riqueza. Enfim encontraríamos juízos elaborados que só estiveram disponíveis há alguns anos quando geógrafos, biólogos, antropólogos, economistas, e uma gama mais extensa de pesquisadores começaram a se debruçar mais incisivamente sobre a problemática ambiental.

Diante desses impasses este trabalho busca realizar a empreitada interpretativa a partir de fontes orais, sobrepondo às narrativas dos seringueiros interpretação que fuja do caráter ilustrativo e fragmentário em detrimento dos discursos poderosos que validam e ordenam o mundo, fazendo com que estes textos tenham autonomia e existência próprias, a ponto de dizerem suas prioridades.

Pretende ainda garantir que a voz **SOBREVIVENTE** possa se dizer e se reconhecer. Ou seja, vislumbrar com objetividade metodológica uma crítica a forma como o pesquisador tradicional realiza seu trabalho, retirando-o do lugar privilegiado para colocá-lo sob suspeita, estabelecendo procedimentos onde o

outro possa se mostrar, para então, distante de certas pressões, estabelecer **DIÁLOGO DE ATRITOS,** onde apareçam lado a lado as vozes de cada seringueiro e do pesquisador. Possibilitando pela primeira vez na Geografia Humana que alguns seringueiros falem por si mesmos e tenham existência num trabalho acadêmico, comprometendo a idéia de sujeito que pesquisa e de objeto que é pesquisado.

Assim, dialogar e ouvir passou a ser situação chave. De José de Souza Martins a Paulo Freire ficaram os aprendizados e as advertências em torno da necessidade de aprender a ouvir, de aprender a ouvir entrelinhas, de permitir falar, de deixar fluir o que nem sempre é expresso, ou talvez nem é dito; um dos grandes desafios parece ser: fortalecer o outro e dialogar.

1.3 - O DIÁLOGO COMO PONTO DE PARTIDA

Neste contexto, houve a primeira preocupação: Como denominá-los? Como os seringueiros se nomeiam? Onde ligam sua existência? Por mais que parecesse óbvio chamá-los de seringueiros, assim como poderia parecer evidente chamar às comunidades que vivem na floresta há centenas de anos de indígenas, este foi o primeiro exercício: ouvi-los falar entre si.

E **seringueiro** surge com certa tranqüilidade, dado que esta denominação está vinculada não somente a uma categoria de trabalhadores (cujas especificidades regionais já não levam em conta somente a extração da borracha, pois muitos deles já não extraem látex, ou a atividade tem se tornado secundária), mas por comportar outras peculiaridades como a visão singular da floresta, e a significação que dão a ela e por conseguinte o modo de vida constituído.

A convivência de 10 anos foi permitindo perceber que esta seria a melhor denominação, pois é desta maneira que eles se chamam, e se identificam. É claro que o nome SERINGUEIRO é atribuição de fora, do mercado que os identifica como produtores de alguma mercadoria, como um tipo específico de trabalhadores, isto lhes dá o *status* de ser alguém no mundo produtivo - diferente do índio, que não é nada, pois é impossível atribuir a **índio** o que representa cada nação e todas elas ao mesmo tempo. O que os coloca no mesmo patamar e permite chamarmos pela mesma denominação é o monstruoso rótulo que silencia e homogeneíza, que os iguala de tal sorte que todos pareçam a mesma coisa (MEIHY, 1991).

A palavra seringueiro está prenha de relações que eles reconhecem, de formas de organizar o discurso que é pertinente a muitos deles. Da mesma forma que Chico Mendes em entrevista inicia dizendo: quando tinha oito anos fui cortar

seringa sozinho. A quase mil quilômetros de distância, num ponto qualquer da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto, outros seringueiros como Seu Francisco Eleotério, Seu Alfredo Carneiro dizem algo semelhante eliminando a infância estabelecendo o nascimento com quinze anos, com dez, ou oito.

Muito embora esteja carregado da idéia do mercado, da tipificação do trabalho, os seringueiros reconhecem particularidades e diferenças, reúnem-se há alguns anos em assembléias cuja motivação vem do seu próprio meio, das necessidades que querem realizar, imputam identidade e se incluem, depositam preocupações com o sofrimento do **seringueiro**, lamentam os impasses a enfrentar e temem seu próprio fim. Os seringueiros conseguem se ver para além do trabalho que realizam se percebem como comunidade, discutem e conhecem a vida em todo o rio, estabelecem laços de compadrio, se solidarizam com freqüência, percebem que a existência da reserva extrativista só faz sentido na medida que todos estiverem espalhados e vigilantes para não sofrerem invasões.

A perspectiva do diálogo favorece esta aproximação e o entendimento do outro, favorece a transformação da entrevista (não devendo ficar restrita a procedimento para obter informações) em encontro combinado entre-vistas, sujeitos entre-olhando, estranhando, respeitando no desrespeito, e desafiando. Permitir falar, obrigar-se a ouvir, para depois falar, e fazer-se ouvir os entre-mundos, os inter-mundos, e os contra-mundos.

Não basta simplesmente estar atento para apenas ouvir, isto representaria atribuir à narrativa poder que ela não tem: o dizer tudo, o de bastar-se, acreditando ser o resultado da entrevista a totalidade, como se o narrador fosse divino, e que pela sua boca fluísse a realidade absoluta, acreditando dizer tudo, não havendo mais nada a dizer, a intuir, a criar, a esconder, a destruir.

Isto representaria a inversão (ainda positivista) de ficar calar para se tornar objeto da manifestação do outro, fetichizando-o de tal forma que acaba parecendo intocado e intocável; estéril pois não fecunda nem deixa fecundar. A entrevista não é a última palavra, mas a primeira que funda a fecundidade do diálogo.

O diálogo representa o encontro de consciências, é expressão interior exteriorizando, interpretações e valores que interpenetrando. Este encontro não ocorre quando os envolvidos se posicionam como superiores ou inferiores, impondo poderes, ou atuando como meros espectadores, porque o encontro das consciências assenta na relação de confronto entre potências diferentes, não como relação de respeito e submissão, pois as diferentes vivências não são comparáveis, e

alocadas hierarquicamente, uma vivência não é melhor ou mais verdadeira que outra. Ao não termos contato de hierarquias, tão pouco ele acontece entre iguais, apenas temos os diferentes.

Ao fugirmos da ilusão de ser esta situação nivelada, onde os interlocutores são a priori iguais, conseguimos estabelecer relação franca onde ambos são reconhecidos na sua singularidade, até mesmo em sua fragilidade, afinal quem busca dar tratamento de igualdade é porque tem claro de antemão quem é o superior e quem é o inferior. Aceitar-se simplesmente como diferente nos desobriga de estabelecer falsa relação de paridade, aceitando que o equilíbrio do diálogo repousar justamente na instabilidade, na desordem, no caos que pode representar diálogo

O respeito não representa a atitude de considerar o que é dito como sendo definitivo acreditando nada mais caber, ser acrescido ou dito, não permitindo que a palavra seja dissolvida e multiplicada e porque não desrespeitada no diálogo, o que implica em discordar do seu interlocutor, retirando o manto intocável do que é dito para que seja reproduzida, para que ganhe vida e autonomia.

Não pode haver no diálogo hierarquia de contribuições, porque diálogo é desafio, é tormenta que, ao passar, não escolhe o que desorientar, o que desfigurar; não tem objetivos e metas a cumprir, não tem roteiros previamente articulados. Para permitir-se o legítimo encontro de consciências é necessário que a contribuição de todos seja levada em consideração, como a expressão da singularidade de cada um. Não há singularidade que deva ser mais respeitada ou importante, pois aponta para impressões do vivido.

O diálogo é expressão do interior que é exteriorizada e representa o momento em que a individualidade atualiza e materializa. No diálogo o manifesto é tomado como elemento de consideração, como provocação para a busca profunda da significação das coisas, não lida apenas com fenômenos, mas com seus nexos (FREIRE, 1979: 105). As representações das outras consciências podem revelar passos, significados ou atitudes que devem ser levados em consideração, ampliando a expressão singular, carregando-a para além do vivido, fazendo brotar o significado e a representação.

Todo diálogo é modificador para os envolvidos, é diferente da informação (que implica ordem, indicação, esclarecimento – quem não sabe pergunta a quem sabe, quem sabe falar e quem não sabe assimila, obedece e aprende) e da conversa (cuja troca de palavras acontece sem compromissos, sem paixão, sem desejo, até mesmo sem sujeito). A informação e a conversa querem apenas orientar,

não toca íntima e profundamente, nunca compromete paradigmas, não desinstala nem incomoda apenas constata.

Uma das primeiras expressões do diálogo como modificador aparece nos **Diálogos** de Platão. Impossível supor que após o diálogo - em que Sócrates era um dos personagens centrais - os envolvidos saíssem dele como entraram, participando sem envolvimento, em profundo movimento de busca e reflexão, numa reivindicação impaciente (FREIRE, 1979).

Assim, nem mesmo Sócrates teria sido capaz de, ao término do diálogo, pensar da mesma maneira antes e depois do confronto sem que novas faces e possibilidades surgissem. Era este o momento em que a consciência de Sócrates e dos seus interlocutores se encontravam; era através desta provocação e das fissuras apontadas que novas situações eram concebidas, e que as singularidades afloravam.

A expressão da ausência de diálogo é evidente quando falar e ouvir aparecem como atitudes que não interligam nem complementam, fazendo crer que o exercício da busca depende de ato individualizado, daquele que está num patamar acima, revelando atitude imprópria a quem pretenda encarar os desafios do diálogo.

Dewey e Wittgenstein muito argumentaram sobre a impossibilidade e haver palavra sequer ou linguagem privada, ambas são constituídas **na** e **com** e **para** a interação social. O significado do que discurso é compreendido pelas relações com dado corpo de significado, cada construção singular remete sempre sua comunidade, não necessariamente se prende ao seu tempo como a literatura, mas invariavelmente trabalha dentro do seu corpo conceitual.

A busca fundada no diálogo pode enfrentar e dissolver o poder disciplinar do mundo (FOUCAULT), pois torna consciente o que é significativo na singularidade e na práxis social. Recobra o papel de designar significados às coisas, destrói a relação mecânica entre sujeito e objeto, onde o objeto sempre tem algo a revelar ao sujeito.

O diálogo também instaura a intersubjetividade cúmplice que rompe com os ingênuos individualismos, não aceita simplesmente a estética e a metafísica do mundo, pois entende o ato criador como o exercício de interioridades; é desta condição singular que temos a consciência viva e criativa, apesar de submetida à práxis social. Assim o diálogo não é ratificador do mundo, mas seu demiurgo.

O diálogo ultrapassa as informações sensoriais do mundo, as experiências, escapa da expressão comum, garantindo não o embate dos conceitos, dos objetos,

dos valores, mas sim das vivências. Do contrário reproduzimos a sociedade, perdendo-nos na informação sobre como as coisas são, reconhecendo apenas os signos, mas não seu significado, seu uso, sua cor, sua textura, seu valor de uso, seu valor de troca; secundarizamos a criação submetendo-a a normatividade do mundo dos objetos.

Fora do diálogo o ser social passa a ser acessório, tergiversando sobre realidades instauradas, digladiando por teorias que se aproximam do **real**, sem reconhecerem-se como seu legítimo criador. Pura inverossimilhança.

Esta sociedade monolítica, de signos únicos, obriga cada um a anular sua interioridade, para que a práxis social possa ser absorvida integralmente e reconhecida como a realidade das coisas. Nesta sociedade o discurso sobre as coisas, se não estiver validado pela expressão reconhecida socialmente, neutraliza-a tornando-a opinião ou manifestação da irracionalidade, outro subproduto temeroso da razão. A interioridade passa a ser descartável, em detrimento do discurso descritivo, científico e útil do Capital.

O diálogo ilumina de maneira especial, pois é possível criar – criar a si mesmo, nele são produzidas as condições materiais e espirituais da vida, produzindo o visível e o invisível, porém, isto tudo não acontecer a partir do individualismo, das robinsonadas, já citadas por Marx, antes ocorre sob determinadas condições herdadas, a partir da práxis social, mas não somente nela.

As realizações passadas compõem elemento importante, num patamar a partir do qual se olha. Este patamar fundante surge como horizonte único, mas como interlocutor que acaba sendo suplantado e ampliado no diálogo pelo contato com outras interioridades rebeldes. Desafios, contradições e enigmas que serão apresentados, repostos, diluídos.

Ao mesmo tempo em que cria a semente, cria o fruto; ao criar o fruto, ao instaurar a fruto; ao criar o algodão, cria o tecido; ao instituir o tecido, dá significado ao algodão; que faz a semente tomar corpo e existir. Tudo é expressão não da dialética da natureza, mas desta dialética da criação, pois tudo é expressão do esforço de significar o caos, não é a voz do Império dos Signos ou da Ditadura da Aparência.

O diálogo vivifica esse confronto igual entre desiguais, onde cada um só pode sair como único vencedor, onde não é necessário curvar-se diante do outro, mas sentir-se atraído pelo ato de criar, e não simplesmente pelo movimento de reproduzir, o que implicaria infidelidade consigo mesmo. Paulo Freire responde o que possa ser o diálogo afirmando de forma translúcida: relação horizontal de A com B

(FREIRE, 1979: 107), e acrescenta recorrendo a Karl Jaspers que não precisa se anular e ser o outro, porque diálogo é discussão e não discurso. Por isso a palavra geradora não era concessão dos letrados para os iletrados, dádiva do educador para os educandos, mas paixão comum, de domínio da comunidade, mas de significação singular, onde cada um via nela algo de si. É a palavra que dá origem, aparece como esforço fundador da comunidade, núcleo comum para os diferentes.

O diálogo equivale ao Olimpo, onde não há hierarquização valorativa, nem a busca do substantivo mais que perfeito. Diante das personalidades divinas, não há como comparar a expressão singular dos deuses, não há como afirmar que Marte seria mais importante ou belo que Vênus; não seria verossímil a expressão de comparação entre Athena e Ceres, pois singularidades não são comparáveis. Não há como transpor a hierarquia dos objetos, a lógica do mercado, que necessita de equivalentes de valor, para o Olimpo, nem mesmo deveria ser possível realizá-la numa comunidade.

O Olimpo e o diálogo se confundem nas diversas manifestações que os deuses tem diante da vida, e nas diversas contribuições e atitudes que tem diante de situações semelhantes. A riqueza está na diversidade, na expressão das singularidades sem hierarquias, sem método verdadeiro, sem caminho único, sem padrão determinado, cada um age singular e sinceramente, daí sua divindade e importância de existência pois carregam consigo formas múltiplas de vida, fazendo por isso a vida multiplicar.

No diálogo, a exemplo do Olimpo, cada um é, e sua divindade está justamente em ser singular, não existem para respeitar a tradição, mas para refazê-la e desfazê-la, por isso são divindades, e não meros argonautas (sem nome, nem existência) de Homero. Reconhecer-se como Zeus, como Posseidon, como Athena e ser fiel ao seu pontificado, não para dominar, mas para criar.

O pensar e o diálogo representam atitudes cuidadosas e deliberadas; não são expressões de momentos inconscientes e inconseqüentes; são expressões de autenticidade diante do mundo. A atitude do artesão é ato cuidadoso e deliberado. Cuidadoso, pois não representa simplesmente a opinião ou a escravidão à sua condição sócio-histórica, mas é expressão única, de quem reconhece em si potencial instaurador; por isso é também deliberado, tomando o cinzel e dirigindo ação demiúrgica, fundindo com a materialidade do que criou, dissolvendo a matéria bruta, fazendo surgir em seu lugar ele próprio. Uma escultura de Rodin não é bronze moldado, mas é o próprio Rodin como parte de sua criação.

1.4 – PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM A METODOLOGIA E O TEMA

Partindo desta concepção de diálogo, estava cada vez mais distante a idéia de realizar este trabalho pretendendo **resgatar** a história contada **verdadeiramente** pelos seus agentes, por intermédio das **entrevistas com velhos**, por não ser possível constituir história única a partir de as todas entrevistas (pela recorrência de determinados acontecimentos, pela sucessão de datas, períodos ou locais semelhantes), como a História Oficial costuma realizar. Afinal o relato histórico não comporta contradições, ou seja, dada realidade não pode ser e não ser ao mesmo tempo, um dado fato não pode ter e não ter ocorrido ao mesmo tempo, justamente o que ocorre com boa parte dos textos dos seringueiros. Pela História Oficial os relatos orais não são aceitos senão como provisórios. Sem as provas documentais, e outras evidências históricas que embasem, e o método que determine as prioridades da pesquisa, tudo aparece como fonte primária. O historiador é o advogado de causas que nem sempre conhece as implicações (assim fica mais fácil sua crença, pois aquilo que o método permite perceber se torna o real), trabalha com as provas, com as evidências e com aquilo que o juiz (ciência) permite que ele traga à tona.

Desta sorte não caberia a este trabalho realizar outra história que pudesse simplesmente vir dos oprimidos (dos de baixo, dos silenciados, dos explorados, dos marginalizados) em oposição à História Oficial, porque representa que os diversos textos deveriam se tornar um só, e fatalmente incorreria objetificação, tal qual a **grande história** realiza**.**

Nem mesmo faria sentido ficar buscando realidades mais reais, para opor a outras também verdadeiras, para serem acusadas uma ou outra de ideológica, de falseadora, de fetichista, como se houvesse História a-histórica e supra-sensível a ser ainda contada.

Por outro lado, não seria possível mergulharmos numa discussão ambientalista, para cair na redução de certos discursos geográficos tradicionais e técnicos (ou ainda sociológicos ou antropológicos) que não estejam preocupados com os grandes sistemas que, fragmentam seus estudos em temas (geografia sistemática), ou que ficam preocupados em estabelecer áreas específicas de estudo, como se a produção da vida pudesse obedecer a limites geográficos, ou mesmo caber dentro de temas.

Em que pesem certos comprometimentos da geografia, que muitas vezes refletem a composição e a organização do espaço sem levar em conta a expressão do modo como o Capital dele necessita (afinal quanto mais organizado e refletido

for o espaço, quanto mais explicado estiver, quanto mais dominado e articulado parecer, maior será presença do Capital); a geografia crítica, percebendo a dimensão mundial do espaço (SANTOS, 1997: 16) na mesma proporção da dimensão mundial do Capital, muito embora reflita a produção do espaço, não o entende como neutro de mera ocupação demográfica, mas a toma como fenômeno de um tipo de sociedade (capitalista) na dimensão d'**O Capital** de Marx e da mundialização do trabalho (BRAVERMAN, 1987). A geografia crítica toma o espaço como a resultante da produção da práxis (historicamente dada), e não como mera intervenção humana sobre a terra (SANTOS, 1997: 19), de caráter universal como se todas as culturas tivessem a consciência e o conceito de espaço preenchido com a diversidade de sua práxis social.

Desta sorte, a leitura conceitual realizada do que supomos espaço pela nossa práxis toma a dimensão da mercadoria, pois o organiza e explicita para ser produto da necessidade que satisfaçam e esclareçam a mitologia do Capital. Afinal o espaço não ocupa somente o papel de mercadoria, ocorrendo re-composição local, sob a influência da narrativa do lugar, que nem sempre traça relações entre o espaço social e genérico com o lugar onde ocorrem as tramas existenciais e as vivências, afinal as proposições apresentadas não acontecem de **forma vazia** (HEGEL, 1992: 58), mas partem do Espírito Absoluto, como exercício de sua constituição, ou seja, os objetos, as formas e os conceitos não são platonicamente disponíveis, antes se configuram como necessidade social e existencial de organizar conhecimento, significando individualmente o que foi socialmente estabelecido (como sugere a tradição dos cognitivistas).

Este refazer local que parece por vezes frágil a ponto de subsistir apenas como alegoria mutilada, conserva potencial criativo e de negação de uma hegemonia ainda não realizada pelo Capital, manifestando-se em ocasiões particulares, acabando por tornar difícil o dialogo com o modelo geral da práxis. Assim tem ocorrido com muitos seringueiros que ao falar do **lugar** onde vivem, não o ordenam como parte do Capital, configurando-o como místico (Seu Davi) e não raras vezes simplesmente eliminando certos elementos geográficos fundamentais na comunidade como o rio (Dona Lita), ou a Serra dos Pacaás Novos, mesmo morando nela (Seu Manoel dos Santos).

O lugar em comunidades que não pertencem ao meio urbano - distantes substancialmente dos pressupostos teóricos da geografia humana, que tem se dedicado cada vez mais aos problemas urbanos - pode deixar a desejar se tomado como mero assentamento da produção agrária. No caso da Amazônia em que as

distâncias narrativas e geográficas são grandes, essa multiplicidade é maior ainda, a ponto das histórias e casos, apesar de se darem no mesmo lugar, com os mesmos personagens serem ocasionalmente semelhantes. Os lugares, as circunstâncias e os personagens mudam em cada seringueiro (e se transformam em cada narrativa) projetando a expressão própria de sua vida com o que chamamos genérica e conceitualmente de lugar.

Desta forma não seria impróprio negar-se inicialmente pensar a vida dos seringueiros (alguns, ou todos?) de forma genérica como realiza grande parte da literatura sobre eles - cuja relação com o Capital (como uma das mitologias possíveis que formata a vida) não é tão orgânica quanto possa parecer.

O espaço como expressão racional e vital da produção material (para nós), é inexistente para os seringueiros. Em muitos casos a própria incorporação da idéia de espaço acontece em desarmonia com o estágio atual do Capital, ou simplesmente são incorporados no discurso a partir alguma necessidade circunstancial, sem implicar na organicidade da sua reprodução geral.

Para não fetichizar os seringueiros, para não torná-los meros apêndices da nossa explicação de mundo (como se vivessem em algum estágio primitivo ou periférico do Capital), foi se consolidando a necessidade da reflexão onde um grupo de seringueiros pudesse efetivamente ser ouvido, não para dizerem o que estaríamos interessados em ouvir deles, mas para falarem o mais livremente de si e de suas vivências, e da sua mitologia.

O resultado ou tese foi um quadro ainda não concebido: o seringueiro como realmente ele é, como realmente ele se concebe; por vezes contraditório (Wanderley), obscuro, determinado (Seu Manoel dos Santos), incerto quanto ao seu futuro (Seu Nilo), frágil na relação com o mercado (Walter), insensível aos nossos valores humanitários. Diante dos textos dos sete seringueiros que compõe este trabalho toda a literatura até aqui produzida sobre os seringueiros parece provisória, incompleta, insatisfatória a não ser que seja tomada como expressão do olhar da nossa práxis social sobre uma comunidade específica (verdadeira, mas não real). Diferentemente de toda a história oficial sobre a borracha na Amazônia que estabelece linearidade, generalização, vínculos de causa-efeito, e um tipo de história que não dá conta da dinâmica das suas vidas. O resultado deste trabalho é um seringueiro que nunca existiu.

O resultado deste trabalho nos obriga a colocar em suspensão aquilo que se concebe como SERINGUEIRO, e por conseguinte, entender como mero discurso o que se supõe real. O fato de encontrarmos elementos em comum nestas narrativas,

ou de serem identificadas circunstâncias parecidas em outros livros senão como meros discursos, pois os propósitos e os vínculos estabelecidos com o restante da vida são completamente diferentes. Seu Davi, Seu Nilo, Wanderlei e Zé Maria participam da associação e se vêem como seringueiros a partir de um tempo e lugar diferentes, os propósitos e os caminhos discursivos divergem no resultado, e a decorrência disto não conduz às generalizações e ao real atribuídos a eles. Também por isso os textos podem frustrar a expectativa que a nossa práxis social tem em relação à floresta (exuberante, sinistra, cheia de mistérios e de riquezas) ou em relação ao seringueiro (militante, consciente, cheio de aventuras por contar)

Esta tese não quer contrapor noções (de floresta, de seringueiro) nem mesmo negá-las, antes se justifica por apresentar um grupo de seringueiros de forma nunca vista.

Não são os seringueiros de Benchimol (1965, 1977), de Becker (1990), de Aubertin (2000), de Dean (1989), de Fraxe (2000), de O'Dwyer (1998), de Reis (1998), de Leonel (1998, 2000), de Souza (1990), de Weigand (1998), de Weinstein (1993). O que eles tem em comum é que contam bem as suas histórias. E este trabalho não quer decidir quem está com a razão, ou quem está mais próximo dela, nem provar que o que tomamos como realidade é uma ilusão, antes realiza com um grupo de seringueiros a reconstituição discursiva das atitudes e valores dos narradores, respeitando seus conflitos narrativos para compor uma narrativa de conflitos.

A resultante disso é um seringueiro como ele é, e não como a teoria o deseja, desfocado dos modelos sociológicos, eles se mostram como gostariam que fossem vistos. Ou parafraseando Barthes, o seringueiro surge no entroncamento entre o que pensa ser, o que gostaria de ser, o que o outro percebe, e o que gostaria que o outro reconhecesse.

O conjunto de seringueiros, que toma parte neste trabalho (e grande parte do restante) se reconhece como **Seringueiro,** motivo pelo qual são assim tratados neste trabalho também. É importante salientar que alguns se tratam também por Soldado da Borracha; o que não é o caso das entrevistas realizadas nesta pesquisa.

Esta denominação acabou sendo incorporada a partir da atividade que os identifica como produtores de um tipo de mercadoria e como portadores de tradição específica, o que não garante inclui-los no conceito geral de trabalhadores. Em torno desta denominação/auto-denominação está a composição de poderes trazidos da práxis social: estão ocupados em certa atividade, produzem látex ou borracha, vivem em lugares específicos da Amazônia e têm a seu dispor um conjunto de instrumentos e técnicas particulares, ou seja,

incorporaram de maneira muito diversa a lógica do mercado, ou até mesmo a inviabilizam. O resultado não é mera alienação ou o fetiche como no caso dos trabalhadores urbanos ou dos trabalhadores rurais cuja interlocução direta é o tempo e o espaço da produção capitalista.

Apesar da carga de significação social que recebem do meio urbano, acontecem múltiplas resignificações locais muito poderosas (de comunidades ou grupos ainda menores) contra a ordem do discurso dominante (FOUCAULT), ou seja, a reposição dos sentidos não fica resumida somente as suas macro condições da classe a qual pertencem no espaço do Capital ou a dada categoria social (muito embora isto seja importante como elemento inicial de identidade de cada um e do grupo).

A condição comum de vida, as condições para a produção material e espiritual da sua subsistência/existência são pontos de partida que permitem agregar e/ou dissolver os valores iniciais. Alguns seringueiros vêem nas suas vidas o trabalho e a realização da mercadoria (**pneu de avião ... pedaço de panela de pressão ... são produtos de borracha feitos pelas nossas mãos,** como se pode encontrar no Hino do Seringueiro - composto por Jaime Araújo). No entanto, outros seringueiros a tomam como trajetória de vivências (que muito embora seja orientada pelo trabalho, este aparece apenas como acessório, em detrimento do que cada um selecionou para marcar profundamente suas narrativas). Seringueiros por necessidade (por imposição da práxis e do destino), mas seringueiros por si mesmos (narradores que sobrevivem aos poderes e reinam no seringal).

Estas certezas e expectativas ao mesmo tempo foram atraindo leituras que não estivessem comprometidas com a formulação do discurso único e geral, (Chauí sobre **O Discurso Competente**) como advertência para não incorrer em erro costumeiro, pois a idéia do discurso competente passa previamente pela busca de fazer coincidir o discurso e as coisas, eliminando as diferenças entre pensar, dizer, ser e viver, fazendo desaparecer a contradição e o inverossímil. Como se linguagem e realidade se fundissem formando uma só coisa, como sendo possível à realidade e a imagem determinarem as formas de narrar. Afinal, o discurso único para ser reconhecido deve ser institucional e cientificamente competente (assegurando previamente forma e conteúdo administrados pelo conhecimento que pré-domina na práxis social), é ético (acontece sob conduta social específica e é politicamente aceito), é pedagógico (pois quer ensinar o devir das coisas, explicando e estabelecendo as relações entre elas), e legislador (na medida em que nos aponta

o dever ser e as normas que devem ser levadas em conta na relação com o outro, criando em torno de si uma realidade, exata expressão do Capital).

Assim, multiplicam-se os modelos onde as dimensões do vivido precisam se acomodar, padronizando o que é dito a partir do modelo de origem, constrangendo os narradores, submetendo-os aos **modelos competentes** (CHAUÍ, 1989: 03) provocando a impraticabilidade do discurso singular, o desprezo e a conseqüente morte do narrador (BENJAMIN, 1987). Não é sem motivos que as entrevistas realizadas nos trabalhos de campo se não forem descartadas acabam fazendo parte dos anexos, apêndices, notas, ou leituras secundárias (típico material de segunda categoria), isto quando não são completamente excluídas, aparecendo aos cacos como estilhaços, aos recortes.

De um lado teremos quem irá fornecer as informações: e de outro, aquele que estará apto a apontar o caminho da realidade sem as duvidosas nuanças das subjetividades. O resultado é o espelho do método, afinal não pode ser maior que ele, **o que se pode medir, explica o que não se pode** (LABASSE, 1987).

O contato com Burgos e Viezzer foi sedimentando a História Oral como metodologia necessária, mais especificamente com dada História Oral (MEIHY, 1990, 1991, 1993, 1996a, 1996b, 1996c, 1997a, 1997b), na medida que possibilita enfrentar os protocolos, e por não surgir como mera alternativa à História Oficial (muito embora seja tomada desta forma por muitos pesquisadores), por não produzir apenas documento, mas por fazer fluir o que está além da realidade objetiva e determinada.

O diálogo entre Elisabeth Burgos e Rigoberta Menchú, projetou-se para além do método. **Ella me permitió el descubrimiento de mi outro yo,** afirmou Rigoberta (BURGOS, 1983: 21).

Se as Ciências Humanas têm tido comprometimento tão largo com a nossa práxis, a ponto de só refletir com ela, raramente colocando-a em dúvida; a História Oral como exercício crítico e metodologia consistente pode ser resposta de enfrentamento, como exercício de rompimento do modo tradicional de produzir conhecimento.

A afirmação que Burgos resolveu **seguir** Rigoberta (BURGOS, 1983: 09), significou mergulhar em si mesma, pelo que a voz (de Rigoberta) despertou no em cada uma das suas vivências. Não como simples relato, mas como exercício de diálogo, cuja relação é profunda tornando inexistente a idéia de sujeito e objeto (que balbucia para um sujeito que esclarece em seu lugar, que dá a forma da sua existência). Burgos aceitou a provocação das **perturbações** de Rigoberta, aceitou o

transtorno de enfrentar o turbilhão, de não impor perguntas, de lutar pelos seus interesses, de procurar poupar tempo, ouvindo apenas o que o entrevistador acredita ser estritamente necessário (organizado em fichas e roteiros prévios de perguntas, pautado em regulamentos que querem impor regras no envolvimento com o outro, para que o resultado seja adequado ao método e compatível com a análise), provavelmente inspirada provavelmente numa **pesquisa dirigida**, numa **pesquisa-ação** - que por vezes descobre com o outro quais são os seus determinantes e as ações possíveis (THIOLLENT, 1986), ou numa **pesquisa participante** – que coloca (por compromisso de quem pesquisa) a linguagem e os instrumentos da Ciência a serviço do que supõe ser a luta do outro (BRANDÃO, 1985 e 1985b).

Neste sentido, pouco nos ajudaria saber ao certo se Rigoberta viveu exatamente cada experiência, ou se elas representam o apanhado de vivências suas, e de seus irmãos. O que não nos deixa passar incólumes pela sua leitura é a possibilidade de que cada situação pode ter ocorrido com milhares de latino-americanos. O fundamental é a potência de vida contida em cada vivência e no conjunto. Só isto não bastaria, é necessário também um leitor que não seja positivista, jurista, que dialogue e multiplique a leitura diante de si, para, como Burgos: **descobrir um outro eu**.

O que nos obriga a crescer é justamente o encontro dialógico havido entre a existência rica e singular plasmada no papel, com o existente que não permitiu em si a realização hegemônica do Capital, que nos ensina o silêncio e a indiferença (típica dos cientistas). Desta forma, a necessidade da realização do trabalho de campo somada ao itinerário de guerrilha contra o Capital, obrigou a busca da História Oral como metodologia, que por sua vez foi trazendo o problema à tona, não como desafio *a priori* do pesquisador, mas como atividade de diálogo com vivências tão singulares, efetivando o pesquisador como leitor, e o leitor como pesquisador (MEIHY, 1997b: 267).

2 – O ENCONTRO COM A METODOLOGIA

> *Desse mundo desencantado, os deuses se exilaram, mas a razão conserva todos os traços de uma teologia escondida: saber transcendente e separado, exterior e anterior aos sujeitos sociais reduzidos à condição de objetos sócio-políticos manipuláveis. A racionalidade é o novo nome da providência divina. Talvez tenha chegado a hora da heresia: A ciência é o ópio do povo*. (Marilena Chauí, in Pesquisa Participante)

No diálogo estabelecido a partir da História Oral, o narrador fala sobre suas vivências, aventuras de trabalho, histórias que conhece, sobre as passagens, o vivido, o que foi incorporando ao discurso como vivências e o que carrega de sua comunidade de referência, as situações que os identificam e os marcaram independente de ter participado delas ou não. Por vezes algumas histórias são recorrentes, mudando alguns personagens como se fosse condição inescapável à vida de qualquer seringueiro. Para tanto, alguns pesquisadores em História Oral optam por procurar **facilitar** o trabalho do narrador sugerindo a ele dividir sua vida por etapas em origem, infância, adolescência, juventude, casamento, trabalho, filhos, viagens. O resultado acaba sendo a reconfiguração (desfiguração) do narrador de acordo com o tipo de interferência.

A necessidade de objetividade e de localizar as regularidades que criam redes de validade para certas informações, obrigam o pesquisador criar condições, ou fracioná-las a ponto de conseguir o que precisa, a um custo ontológico que acaba pondo em xeque a própria pesquisa. Ou seja, ávido por encontrar sujeitos da história, acaba produzindo títeres dela, que ao invés de referendar uma macro-história, realiza a objetivação no âmbito micro.

A escolha foi de atribuir ao narrador o estabelecimento, na narrativa, de sua própria ordem (Seu Davi), sua própria geografia (Wanderley), o produto do seu trabalho (Seu Manoel dos Santos), sua própria historicidade (Seu Fernando), com ou sem sincronicidade (Seu Pedro), a vida pública (Seu Francisco Eleotério), duvidosa (Seu Nilo), anacrônica (Dona Lita), apaixonada (Zé Maria), engajada (Paulo), hiperbólica (Raimundo Nogueira), disforme (Walter), censurada (Seu Damasceno). Essas atribuições foram sendo delineadas pela opção radical de mergulhar em cada narrador, encarando-o como sujeito e singularidade; incorrendo no risco de realizar a supressão de longos períodos da vida que por algum motivo seriam secundarizadas ou mesmo apagados definitivamente a partir das mais variadas

motivações, com total responsabilidade do narrador, estabelecendo um pacto ético e político com ele e não mera solidariedade ou tolerância.

Desta forma, não seria possível colocar de antemão hipóteses ou suspeitas a priori, o que não quer dizer que não existissem. Esta atitude privilegiou garantir que não haveria alguma forma a buscar para referendar cada entrevista, tornada texto, a partir das marcas da **macro história** ou dos **interesses do pesquisador**. Fazia-se necessário priorizar as vivências e a visão de mundo que cada um consolida como exercício instaurador pessoal e também como marca de sua comunidade.

Deste recuo inicial e necessário brotou não apenas uma temporalidade e uma geografia própria, mas muitas (o que de certa forma torna difícil o trabalho tradicional de interpretação), ao invés de estabelecer um roteiro de intervenções ou de perguntas que pudessem obrigar cada um a explicitar momentos da suas vidas que muitas vezes são importantes ou relevantes para o interlocutor/pesquisador, não sendo necessariamente relevantes ao narrador, desfigurando-o, fazendo-o ordenar sua existência segundo uma prescrição que não é sua, gerando um tipo de sujeito fetichizado pela pesquisa, imagem e semelhança do seu criador (o pesquisador), foi assumido em conjunto com os seringueiros os riscos que advêm do abandono das fórmulas tradicionais de pesquisa como a oralidade.

Quando do início da entrevista, primeiramente era esclarecido aos seringueiros o papel necessariamente **amplo** do momento inicial do trabalho de gravações, a contribuição esperada no sentido de ficarem à vontade para falarem da vida.

Quase todos ficavam espantados e perguntas do tipo: Mas eu posso falar mesmo? Posso falar sobre minha vida? Posso falar o que quiser? Eram constantemente ouvidas, a ponto de Paulo dizer na Organização dos Seringueiros de Rondônia em tom de celebração que estaria sendo feito um livro sobre a vida dos seringueiros contada pelos próprios seringueiros!. Este tipo de dúvidas levantadas inicialmente obriga a refletir sobre o que representam. Perguntar Mas eu posso falar mesmo? implica a percepção de estar diante de algo novo, até então não permitido, e como o próprio Paulo observara durante os trajetos pelo rio: até agora muita gente veio aqui para fazer pesquisa com seringueiro. Veio engenheiro, sociólogo, mas nenhum deixou o seringueiro falar. A expressão Mas eu posso falar mesmo? ao mesmo tempo inspira dúvida e requer a confirmação, por algo que não ocorre e implica em um pedido, como se estivessem habituados com todos os pesquisadores e assessores que ao mesmo tempo que se dispõem a ouvi-los, não querem ouvi-los. O pedido Mas eu posso falar mesmo? soa como se a participação no jogo dos projetos feitos **para** os seringueiros fizessem com que incorporassem as

regras foucaultianas do discurso do poder, aceitando dizer o que desejam que eles digam.

Do seio da História Oral concebida por Meihy, e do resultado decorrente da transcriação como constituição de nova escrita que seja dinâmica como a oralidade constitui-se a **Cápsula Narrativa** (Caldas, 1998 e 1999).

Atribuir a eles o poder da fala parece não ser comum. Estabelecer a cumplicidade do diálogo e dividir com eles todo um projeto de múltiplos sujeitos parece não fazer parte do jogo sempre muito bem definido do poder da fala. A pergunta Mas eu posso falar mesmo? também quer saber: como isto vai se dar? Como pode existir um tipo de relação assim? É possível que uma relação se estabeleça sem que eu tenha que me subjugar a você? Você está oferecendo mais que solidariedade? Mais que caridade? Você não vai dizer o que eu tenho que falar?

Perguntar Posso falar sobre minha vida? implica no descompasso da ordem, implica em querer saber se a vida deles pode ter valor para alguém; implica desconhecer de que forma a vida deles pode ter alguma importância diante dos projetos sempre urgentes do Capital. Ao fazer esta pergunta, se pretende saber qual o valor da vida, se ela pode ser de interesse para alguém. Até mesmo Zé Maria, liderança do movimento de seringueiros, nunca tinha se dado conta que a história que contara sobre sua vida pudesse ser tão bonita; ler seu texto o deixou profundamente sensibilizado.

O espanto ao perguntar Posso falar sobre minha vida? conduz a pergunta: a vida de cada seringueiro está em que patamar de importância da ordem da comunidade? O espanto parece vir da percepção da possibilidade da inversão, possibilidade de se sentirem sujeitos da própria vida, de perceberem que ela tem uma importância que ultrapassa as sondagens, os levantamentos, os censos, os estudos, a racionalidade do Capital.

Perguntar Posso falar o que quiser? sugere a percepção da possibilidade de subversão; a surpresa diante do mundo sempre interessado e interesseiro; o falar guiado pelo querer. Esta pergunta nos conduz a malícia do supor o que significa ... falar o que quiser? as conseqüências de se dizer o que quer, sem se preocupar com os interesses de quem lhes procura; ... falar o que quiser ... implica na possibilidade de ser instaurada uma nova-ordem, uma contra-ordem, uma des-ordem.

A surpresa contida nestas perguntas tanto sugere a forma como cada um deles é costumeiramente tratado como define o marco do rompimento com o hábito, com o tradicional, inaugura a possibilidade da singularidade, abre para o

devaneio, para o descompromisso, trazendo à tona mais que um mero reprodutor do Capital, mais que um sujeito assujeitado, mais que um fetiche do Capital.

Passado o instante inicial para confirmar que cada seringueiro deveria ficar à vontade, era ligado o gravador e solicitado que **falasse** (o mais livremente possível) **sobre sua vida**, começando por onde julgasse conveniente, dizendo o que gostaria que, mais tarde, o leitor do seu texto soubesse sobre ele, dando o máximo de liberdade possível para puderem constituir-se como texto ficcional, como ficção de si mesmo, dando o destino e o sentido que fosse fiel aquilo que reservavam para si mesmos sobre a vida e o sentido dela. As intervenções ou solicitação de algum tipo ou esclarecimentos aconteceram num momento posterior, quando essa primeira unidade narrativa (**Cápsula Narrativa**) já havia se configurado. Este momento fez desencadear uma profusão variada de tempo das gravações, de alguns poucos minutos - Dona Lita - a quase duas horas – Paulo, ou cinco horas – Seu Davi; multiplicando o que narrar, em que seqüência narrar, como dizer, a forma de enfatizar ou de delinear algo que estivesse o mais comprometido possível com o próprio tecido discursivo de cada seringueiro, procurando fugir das direções, das amarras, das armadilhas e emboscadas que tradicionalmente são preparadas pelo pesquisador que pouca intimidade tem com a prática do diálogo e os meandros do discurso.

As intervenções ocorridas durante o tempo de gravação aconteceram muito mais para provocar o narrador, fazendo com que algumas situações pudessem ficar compreensivas ao leitor de pouca intimidade com o assunto, para que pudessem ser melhor relatadas, mais bem construídas, mas ainda assim dentro da capacidade narrativa do entrevistado e dentro do seu tecido narrativo. Nesta forma de trabalho deixamos de ter o mero entrevistador e passamos a ter o interlocutor, que não é mero curioso da vida do entrevistado preocupado consigo mesmo. O interlocutor estimula-o para ver o entrevistado transformado em narrador (e não mais mero objeto da indiscrição do pesquisador), cujo produto desse encontro, desse diálogo, gera a narrativa, expressão viva da dinâmica do vivido, onde cada palavra é a expressão da tensão da sua vida e de sua comunidade.

Neste sentido, foi possível definir algumas perguntas que pudessem ser comuns a quase todos os seringueiros, que ajudassem a trazer elementos de proximidade entre as diversas narrativas, percebendo desta forma, a presença de certas idéias (como por exemplo, a Cobra Grande), ou até mesmo as diferenças que elas acabam tendo (Mãe da Seringueira).

A este tipo de intervenções a História Oral costuma chamar de **pergunta de corte** (MEIHY, 1996a). Neste trabalho, a preocupação de alargar a idéia de **Cápsula Narrativa** fez com que a pergunta de corte não fosse levada em conta por tornar o pesquisador impermeável ao outro, evidenciando-se por demais como mero arauto de seus determinismos.

Isto se deve a dois fatores: a pergunta de corte não ser estabelecida previamente, na medida em que pode induzir o conteúdo dos textos como objetos verdadeiros, deformando o tecido narrativo de cada um. Bachelard afirma ser indissociável da idéia de cada ciência os objetos que cria, pois cada imaginário ou sistema reconhece e produz suas imagens e seus objetos, desta sorte os discurso sobre os objetos, como elementos construtivos e poéticos.

Geralmente a pergunta de corte é escolhida pelo pesquisador previamente, podendo provocar a falsa sensação do envolvimento de todo o grupo que participa das gravações com a temática contida na pergunta que rastreia em todos a mesma preocupação contida na pergunta de corte; além disso, a elaboração da temática a ser privilegiada aponta para um pré-conceito, para a realização do estereótipo do pesquisador, que pré-seleciona o que deve ser buscado e encontrado na construção da narrativa, resultando, por vezes, em idéias deturpadas sobre a comunidade, mas que servem para o exercício de referendar ou refutar as hipóteses do pesquisador. O resultado disto é a objetificação de toda a comunidade de pesquisa, é sua instrumentalização para gravitarem em torno do tema do pesquisador.

Neste sentido, Clifford Geertz deixa em sua obra a crítica direta à tradição estruturalista de Levi Strauss que nunca escondeu sua opção pela necessidade de busca de estruturas distantes da empiria da própria comunidade estudada.

Estabelecer a pergunta de corte previamente pode aparecer como **ajuda** bem intencionada do pesquisador, ou rigor metodológico, que supõe estar, desta forma, contribuindo com o narrador para que este produza um texto ordenado, com encadeamentos, com certo enredo, com sentido, mas o resultado é a dificuldade em possibilitar o surgimento de uma narrativa com temporalidade e densidade própria. Este contexto produz um tipo de sujeito (narrador) assujeitado, tão objetificado quanto o da economia moderna. A exemplo do que se sucede em outras áreas da ciência, a busca de objetividade acaba sendo sinônimo de objetificação (KURZ); e dentro de certos determinismos, não resta muito espaço para singularidade e criação.

O tema contido na pergunta de corte pretende evitar vários riscos que a objetividade não pode dar-se o risco de incorrer como a necessidade de descarte de narradores **irrelevantes** ou a gravação com pessoas **sem importância**, e a conseqüente perda de tempo (e dinheiro), a **dispersão** do narrador, a abordagem de **temas não previstos** na pesquisa (que podem comprometer a credibilidade do pesquisador), e, por fim, a própria **inutilidade** da pesquisa. Essa busca de **eficiência, racionalidade** e **economia** de tempo, e da preservação da pesquisa de possíveis contradições que a comprometam, pode ser desencadeada a fetichização da pesquisa, ou seja, o temor das implicações científicas, dos compromissos assumidos, e das crenças envolvidas acabam sendo tão fortes que obrigam a realização da pesquisa sob ajustes e descartes.

Para evitar esse impulso inicial do pesquisador, a pergunta de corte deve ser uma intervenção que dê certo destaque a algo que esteja visível no conjunto das narrativas. Aparentemente sua importância como recorte de todos os textos deve ser fruto dos próprios textos, tentando dar novamente ares de objetividade, pois supõe que o temário de recorte deve estar contida nas próprias narrativas, como se elas por si só pudessem falar algo. Se presta portanto, a busca de um padrão narrativo, pretende ordenar o discurso do outro, resultando numa falsa imagem, num falso discurso, numa falsa ordem.

As perguntas genéricas podem solicitar dos narradores sobre algum tema a confirmação e a incrementação do seu texto, sem que isto comprometa a rede estabelecida na **Cápsula Narrativa**. Já nas gravações onde não foi encontrado algum tema, ela cumpre dois papéis diferentes: possibilita que o narrador se posicione confirmando alguma discordância, descrença, desconhecimento, e desprezo; ou seu efetivo envolvimento não explicitado por algum motivo, permitindo um novo relato abordando o assunto que ficara de fora até então, apontando ele próprio os possíveis vínculos para inclusão na **Cápsula Narrativa**, ou seja, onde fazer a fissura, a inserção e a sutura no texto. Dona Lita ao ser perguntada sobre as coisas que seu marido contara da mata, disse que as histórias de onça eram com ele, e encerrou. Qualquer insistência poderia ter gerado uma ou outra história, de sua parte, o que colocaria sua narrativa num rumo de inserção na comunidade de seringueiros. Seu posicionamento claro, sem levar em conta as outras histórias e possibilidades como a própria Mãe da Seringueira, nos leva a crer que o universo das aventuras e desventuras da mata não compuseram sua vida.

Assim, algumas perguntas sem a pretensão de ser uma pergunta de corte diferem substancialmente uma vez que a segunda pretende fazer a mesma incisão

em todos os corpos narrativos, registrando em cada um deles a existência de algo que pode ser apenas uma suposição do pesquisador. Uma pergunta dirigida sobre um assunto, que obriga o narrador a dizer algo, o coloca no grupo afinidades, mesmo que seja falso. As respostas transcritas para uma série de perguntas sobre o movimento de seringueiros e o preço da borracha, como tema geral para uma pergunta de corte sobre a economia da borracha, a colocaria no patamar das mulheres preocupadas com o futuro do movimento. Mas a leitura da transcriação do contato na primeira etapa do trabalho de campo mostrava ser desnecessário abordá-la sobre outro assunto que não resultasse na expansão da sua **Cápsula Narrativa.**

O que ficou visível com a realização deste trabalho é que assuntos trazidos na segunda etapa do trabalho de campo (a exemplo da pergunta de corte) não foram levados em conta ou foram rejeitados em quase todas as situações que tais temas não tenham surgido no texto inicial. Isto foi importante para fazer crescer a certeza sobre o descarte da necessidade da pergunta de corte, pois os seringueiros se sentiram à vontade e seguros no que queriam dizer, não se intimidando ao negar a permissão para que assuntos novos fossem introduzidos, aumentando a certeza de que o compromisso de cada seringueiro não era simplesmente submeter-se ou agradar seu interlocutor, antes queriam e realizaram uma narrativa pessoal e livre dos interesses do pesquisador. Além disso a disposição pelo diálogo, o respeito e a valorização efetiva dos seringueiros durante as gravações deu a mais plena possibilidade para que cada um deles tenha realizado narrativas singulares e não meras ilustrações de trabalho acadêmico.

A posterior decisão pela inclusão das gravações dos encontros realizados cabe ao pesquisador, que deverá levar em conta a viabilidade ou necessidade de compô-la com o texto inicial. No caso de haver simplesmente um reforço do que já existe, pode ser descartado (a não ser que esteja em jogo alguma questão lingüística relevante); no caso da negativa, o pesquisador pode incluir o registro de negação, ou simplesmente não fazer qualquer menção, pois o narrador não quisera falar sobre o assunto na **Cápsula Narrativa**, negando ainda num segundo momento, portanto, seu silêncio se configura como resposta, como é o caso de Dona Lita cuja dor do abandono é maior que a Amazônia; e Seu Davi que faz da sua vida um emaranhado mítico mais denso que a floresta.

Desta sorte, no caso dos seringueiros, uma das questões que se delineou depois da realização da primeira etapa do trabalho de campo, e surgiu com a imagem do último dia no seringal, com o nascer do sol (um barco descendo o rio e

se perdendo na neblina) foi a frase final do Seu Nilo: **ACABAR O SERINGUEIRO NÃO ACABA ... MAS FRACASSA** (141). Chamou a atenção para a idéia do fim de uma saga, o suplício, o processo agonizante de vida dos seringueiros. Isto fez lembrar a apreensão demonstrada com o nebuloso futuro da borracha, o reclamo geral do seu preço e da falta de mercado, e o desconforto com o trabalho na agricultura, que apesar de exigir muito menos que a atividade extrativista, desloca o seu núcleo existencial e mítico. A confirmação desta imagem foi se avolumando e veio com o tempo, durante os meses que se seguiram no trabalho de transcriação das gravações.

No trabalho de **transcriação**, muito embora se mantenha o espírito da palavra, a imagem do que a oralidade constrói, a forma de narração sofre uma intervenção demiúrgica também do pesquisador, que passará a ser o autor do texto final do narrador, o que não chega a ser uma **deformação**, ou seja, o dito permanece, mas a forma da oralidade se submete a uma transformação para outra linguagem (a escrita), pois é impossível manter na escrita a estrutura e a condição da fala, por absoluta incapacidade da primeira de conseguir dar conta dos detalhes, das sutilezas e labirintos da oralidade e do impacto do contato pessoal. Desta forma, para ser fiel ao narrador é preciso trai-lo, esculpindo na escrita o sentido de cada parágrafo, de cada idéia, verbalizado na oralidade, a narração é traída para a manutenção da palavra.

Por isso os seringueiros conseguem enxergar-se no texto lido, identificando-se com ele. Seus compromissos não coincidem com a crença científico-positivista da expectativa de transcrever a narração exatamente como ocorreu, antes buscam a idéia, a imagem contida, afinal o que cada seringueiro pretende não é comunicar palavras (que ficam ainda mais comprometidas pela condição da maioria ser analfabeto). No trabalho de transcriação e não mera transcrição, o enredo e o vivido permanecem, pois o modo de dizer as coisas é dinâmico, e os detalhes dos fatos variam de acordo com as circunstâncias. Uma mesma história contada pelos seringueiros várias vezes, vai ter inúmeras versões diferentes, porque cada uma delas se relaciona com o contexto. A história de um barco que vira, contada numa situação descontraída e com certo sarcasmo pode gerar risos; a mesma história contada numa ocasião mais formal pode passar a ter outro sentido, outra condução textual.

O ritmo narrativo se movimenta a ponto do narrador não conseguir repetir a mesma vivência, da mesma maneira por duas vezes, mesmo que repita para diversas pessoas as mesmas situações. Não foram poucas as ocasiões de conversa

com os seringueiros onde contavam dada passagem da suas vidas obtendo de quem estava ao seu lado a aprovação. A confirmação era atribuída ao vivido e ao compromisso com o significado existencial da palavra, não à estrutura das frases ou à exatidão do que era dito.

A idéia do retorno do texto transcriado para cada um dos seringueiros se parece com o próprio trabalho realizado por eles.

Eles não pensam com a racionalidade da mercadoria, com a lógica da extração máxima, do lucro total, pois se a seringueira for exaurida, pode, no período de um ou dois anos, produzir muita borracha para depois morrer ou deixar de verter leite na casca para sempre. Para tanto, não há medida exata, parâmetros, indicativos, quantitativos, amostragens, apenas a sensibilidade do próprio seringueiro e, na maioria dos casos, a Mãe da Seringueira como guardiã.

O interlocutor, por vezes, age como o próprio seringueiro. O texto a ser transcriado é a seringueira, e a faca afiada para não estragar a casca nem estragar as fibras da madeira vai desenhando cada traço em busca do leite, retirando as camadas de casca morta e musgo que se acumulam, desbasta, fere para dar vazão ao fluxo de leite, não para exaurir completamente, esfola para provocar o surgimento da densa seiva, interfere na árvore para retirar dela sua fortuna. Não é possível conseguir o leite da seringueira sem tocá-la, sem desrespeitá-la, sem irritá-la, sem incomodá-la, não é deixando-a intocada que se obtêm sua riqueza, mas é cravando com precisão a faca em sua casca que ela liberta o leite. O trabalho de transcriação pretende afastar a casca, os excessos de apoios e repetições desnecessárias, raspar o texto em busca de sua riqueza. Não se contenta somente com uma idéia, com a abundância do leite por um fábrico, quer preservar a vida da árvore e a riqueza do narrador, garantir-lhe presença e vida em abundância. O limite desta intervenção deve ser buscado na seringueira, observando se é nova demais ou muito velha, se está saudável, ou em terreno seguro; a transcriação cessa quando o texto consegue ser compreensivo como a voz do narrador, mantidas as suas escolhas e enredos por reconhecer o leite, o fluído singular da vida no texto.

A faca da seringa feita pelo Seu Nilo durante dois longos dias se assemelha a esta metodologia de trabalho, materiais aparentemente simples como cabo de madeira e o pedaço de ferro que será levado à forja improvisada no meio da floresta com bacias de alumínio, rodas de bicicleta, pedaços de linha de pesca e um prego limado em forma de anzol; este conjunto compõe uma ferramenta de aparência despojada e única, mostra-se delicada, mas precisa e suficiente quando, nas mãos do seringueiro esse instrumento de aparência rudimentar transforma-se

num elemento de profunda ligação entre seringueiro e seringueira. Leite que escorre e para se tornar látex se aglutina, eliminando o soro, a sobra, restando a riqueza do látex.

A preservação da seringueira não depende de deixá-la intocada para ser preservada. Sua importância vem da intervenção crítica, da sangria e do corte. Mesmo o primeiro resultado, o cernambi, látex bruto, não tem brilho e está misturado a folhas, gravetos, e insetos. Seu odor é desagradável, corre o risco de ser confundido com a resina de outras árvores ou ser desprezado. O que o torna especial é justamente o conjunto de intervenções que o seringueiro realiza: os banhos, a prensa, a defumação. Assim se justifica a sobrevivência da seringueira pelo látex, e o seringueiro pelo texto final, cujo resultado nenhum outro seringueiro poderia conseguir, pois cada uma das palavras se reporta às suas vivências, cada uma delas é impregnada de um significado que não é só comunitário.

O texto final, passado pelas diversidade das versões, transcriado, não foi dito por nenhum deles, mas nenhum seringueiro senão ele próprio poderia tê-lo dito, por isso o reconhece e se reconhece, por isso Zé Maria depois de ler pela primeira vez seu texto afirmou: sabe que comecei a gostar da minha história ... não sabia que ela pudesse ser tão bonita!

Ele não disse que gostou do que foi feito da entrevista, tomou-a para si como sua, como movimento e vontade pessoal, não como texto integral e definitivo, pois apontou para uma possibilidade: comecei a gostar, ou seja, não é posição definitiva, é movimento em direção a algo que lhe pertence, que é parte de sua existência. Este encontro com o texto parece algo inusitado, não significa um encontro com algo que lhe é externo, um ato público, uma declaração, um manifesto, não nasce como necessidade estranha ou de outrem; é antes um movimento seu, onde se enxerga como ator principal, parte ou não de uma condição social mais ampla, vendo-se como demiurgo de sua existência. A leitura o impulsiona num movimento para dentro, porque reconhece que nasceu do seu esforço, da sua expectativa de reconhecer-se daquela forma. O resultado final implica em franca cooperação entre narrador, interlocutor e texto, num ato mútuo de acordar com o texto. Acostumado a dar entrevistas para falar sempre sobre o que lhe pedem, sem necessariamente falar sobre o que mais intimamente lhe diga respeito, não esconde o espanto com o que realizou: não sabia que ela pudesse ser tão bonita!.

No trabalho de transcriação a tentativa de realizar a manutenção das características da oralidade com todo o tipo de artifícios que ela dispõem acaba por impor certos mecanismos de construção de texto que desfiguram a escrita se

quisermos impor a ela que se molde a **exata** expressão da oralidade. O resultado deste tipo de interversão resulta num texto desagradável para a leitura e por vezes incompreensível, que por ser a expressão de um tipo de linguagem (oral) submetida e reduzida para ser apresentada em outra modalidade de linguagem (escrita) sugere ao leitor um caráter pejorativo da oralidade sobre a escrita. Na passagem da oralidade para a escrita, muitas imagens, parte do ritmo e do estilo terminam sendo comprometido por não haver como realizar a contento, na escrita, as particularidades da oralidade, ou seja, o sistema de escrita consegue captar certas propriedades do que é dito, ficando de fora como foi dito, com que intenção, com que intensidade, e os diferentes modos como são ditas as mesmas coisas, na verdade, escrita e oralidade são modalidades de linguagem completamente diferentes.

Na introdução da obra **O Corvo,** (1998), de Edgard Allan Poe, o organizador da coletânea Ivo Barroso admite a sua (e da maioria dos tradutores e leitores) expectativa geral no trabalho de tradução, que deveria manter a consistência, o ritmo, as tensões, e a plástica encontrada no original. Um limite imediato se impõe: as traduções não conseguem ser fieis ao original, o que nos leva a outro limite: qual é o original? Quem pode conhecer e falar com propriedade do original? Seria satisfatório supor que o autor teve contato com ele quando pensou pela primeira vez no trabalho; mas entre o desejo e a elaboração mental da idéia até o seu primeiro registro escrito já foi merecendo correções como resultados de novos intertextos resultando, por vezes, em várias versões até seu texto definitivo. Qual destas etapas representaria melhor o original? O próprio autor, ao comentar seu trabalho ao longo de sua vida, ilumina lugares novos, provocando novas **(d)obras**.

A riqueza, pois de um texto não reside na fidelidade, mas na traição, na recriação. Seu caráter eterno ou atual está na força de provocar re-leituras, de estendê-lo, de esgarçá-lo, cujo resultado dê vida ao texto e re-posicione o leitor.

Isto nos leva mais adiante: toda tradução ou toda transcriação não é exercício de traição, antes de criação, de multiplicação do autor e do leitor que se mantém vivos em busca das dobras, dos pontos escuros, dos enigmas, das contradições, resultando sempre em mais diálogo.

Exigir do tradutor ou do interlocutor fidelidade à tradução ou transcriação é o mesmo que obrigá-los a uma neutralidade inexistente, porque a busca de equivalentes implica sempre em escolhas, em apostas, em soluções fora do contexto original.

Ivo Barroso não aceita e não dá ouvidos às traduções de Edgard Allan Poe realizadas por Machado de Assis, Fernando Pessoa, Gondin da Fonseca e Milton Amado. O primeiro por pecar contra as regularidades métricas, empenhando-se por contar a história; o segundo por não conservar a majestade tonal; o terceiro por alterar o esquema rímico. Perde Ivo Barroso a possibilidade de entender o tradutor e os apelos de seu tempo ou os interlocutores que valoriza, pretende antes, a tradução como atividade científica gerando um diapasão passível de colocar a todos dentro de espectros de deformação. Aceita, como todo crente, as advertências de Deus no Apocalipse (o último livro da Bíblia, no seu último capítulo e também último parágrafo): "ficarão de fora da Cidade Santa os cães, os mágicos, os impudicos, os homicidas, os idólatras e todos os que amam ou praticam a mentira."

A mentira maior, a blasfêmia maior seria aquela praticada contra a palavra, contra o texto sagrado: "A todo o que ouve as palavras deste livro, eu declaro: se alguém lhes fizer algum acréscimo, Iahweh lhe acrescentará as pragas descritas neste livro. E se alguém tirar algo das palavras do livro desta profecia, lhe será tirada também a sua parte da árvore da vida."

O temor quase religioso de inspiração científica que o pesquisador conserva provoca a falta da percepção que este dilema tem levado, principalmente no meio acadêmico, a sujeição da oralidade aos formalismos da escrita e aos seus processos de comunicação. As dubiedades da oralidade são deixadas de lado, em seu lugar surge um discurso claro, bastante explicativo, elucidativo, com as características formais de um texto escrito buscando eliminar suas deformidades "ler a transcrição da própria fala é uma lição de humildade, a tal ponto que a fala está repleta de hesitações, agramaticalidades, falsos começos e infelicidades. Nas ocasiões públicas importantes, a fala é previamente escrita, planejada, composta e corrigida." (OLSON, 1997: 20)

Na segunda etapa do trabalho de campo, quando foram lidas todas as entrevistas com cada um dos seringueiros, uma das intervenções realizadas implicou em procurar substituir afirmações do tipo ... era um facaozão desse tamanho (Seu Nilo) (113) por frases que fossem mais claras quanto às dimensões em questão. Na maioria das vezes a afirmação era acompanhada de gestos com as mãos indicando o tamanho, por exemplo, tocando o joelho para indicar mais ou menos meio metro. Nestas ocasiões perguntava se era da altura do joelho, ou se tinha meio metro; em caso afirmativo, quando da nova transcriação, esta afirmação entrava em substituição a afirmação anterior. Quando uma onça saltava "daqui até ali!",

sinalizando com os olhos ou com o movimento dos braços, uma confirmação era solicitada e posteriormente trocada no texto para dar uma dimensão mais clara na escrita.

Na gravação com Seu Davi ocorreram duas situações importantes. Na primeira, ele havia dito Quando eles passaram quatro dias aí eu fiquei assim.; intervi e perguntei se aquela expressão com a cabeça balançando queria dizer que havia ficado com medo. Ele disse que não, que havia ficado perturbado, desta forma o texto ganhou nova construção: Quando eles passaram quatro dias fiquei perturbado(165). No nosso primeiro contato ele havia afirmado: ... saiu do mato um homem desse tamanho ... com um chapéu de palha e chamou ... e ergueu o braço e olhando para a mão corrigiu o tamanho. Intervi na leitura e perguntei se o homem tinha um metro, e ele confirmou; desta forma a frase foi modificada para: ... saiu do mato um homem de um metro de altura ... com um chapéu de palha e chamou ... (606).

Esses **sacrifícios**, **perdas** ou **trocas** ocorrem para que o texto não perca as características e informações que estavam presentes na forma oral, ou para incorporar no texto certos gestos que continham informações importantes. Uma transcrição pretensamente literal, produzida a partir de uma gravação implicaria apenas num conjunto de códigos onde algumas ênfases, alguns aspectos do estilo narrativo ou ainda informações importantes poderiam ficar claras, enquanto um mundo de informações, de fios narrativos, de estrutura e sentido se perderiam.

A escrita implica nesta traição porque nos permite uma relação qualitativamente diferente daquela obtida com a oralidade. Como um de seus predicados a transformação de um pensamento em objeto de reflexão realiza uma espécie de registro isolado, paralisando a idéia em foco, permitindo parar sobre elas, fazendo surgir múltiplas tentativas de determinar seu significado, abrindo um volume grandioso de diálogos, garantindo farto trabalho hermenêutico em torno das dobras e filigranas de cada conjunto de palavras, desencadeando consistente autoconsciência da linguagem.

Como passo seguinte ao trabalho de campo as gravações foram transcritas, mantendo-se suas repetições, bem como as formas incorretamente usadas, procurando manter-se o próprio ritmo e a intensidade. Feito isto, as correções começaram a acontecer, respeitando as determinações (e também as limitações) gramaticais, tornando o texto a gramática oficial, conservadas as características básicas de estilo da narração. Incorporadas as perguntas, as vivências foram organizadas e agrupadas a partir da constituição da **Cápsula Narrativa**.

Esta tarefa não pretende aderir a positividade total, a ausência de vazios, a validação pelo excesso eliminando os hiatos: o terror em detrimento da violência, o gordo em substituição ao obeso, o mundo explicado em substituição a interpretação, o clone repetido infinitamente em lugar de eventos isolados, a informação total em tempo real e integral tomando o lugar da notícia.

No livro de Burgos (1987), determinados detalhes de atividades religiosas foram mantidos menos por detalhismo e fidelidade à gravação (mito da positividade total), e mais pela idéia de procedência e identidade cultural, pela conveniência de salientar o orgulho de Rigoberta por sua origem. A precisão de detalhes aponta para a força e a necessidade em manter sua singularidade e o que reconhece como seu mundo acessível e familiar ao leitor.

Esta ambiência só foi permitida com a quebra dos protocolos iniciais da pesquisa, com envolvimento e cumplicidade, com uma relação que não se apóia na idéia de entrevistador e entrevistado ou depoente. O resultado é um texto apaixonado, despreocupado com qualquer força de veracidade jurídica, na medida em que não pretendia a realidade dos fatos da vida de Rigoberta, mas sim o seu vigor narrativo de mostrar-se e mostrar o conjunto de vivências que tecem a vida.

Agraciada com o Nobel da Paz, Rigoberta foi criticada mais tarde e sua história e luta postas em cheque, como se nada ocorrera como havia narrado.

A exemplo de **Fragmentos** (1998), escrito por Binjamim Wilkomirski, elaborado a partir de memórias da infância (que pouco tempo depois passou a ser acusado de ter escrito **memórias falsas**). História **real** ou não o que horroriza na leitura não é esta discussão, mas sim o fato de ser de uma história plausível. O choque, o horror, a identidade, a compaixão, enfim, a capacidade da obra dialogar profundamente com o leitor, fazendo-o desterrar-se, para perturbar sua cosmovisão, não repousa na capacidade de alguém dizer o real, mas em dizer algo verossímil.

O livro de Binjamim, ao ser lançado caiu como bomba, provocando suor frio no leitor atento, e certo mal estar nos realistas, afinal cada página colocava o leitor diante dos olhos límpidos da criança que trazia de volta o horror dos horrores, por meio de memórias propositadamente imprecisas (e por isto mesmo ainda mais dramáticas), mas contundentes, que obrigam o leitor a desnudar a existência, deparando-se com a monstruosidade do acontecido que está vivo em cada um (não como memória, mas como atitude típica da nossa práxis social), a ponto de nos deixar paralisados diante do medonho que nos habita.

O fato do livro não ser **biografia**, não alivia o fardo existencial, o torna muito mais ágil e eficiente no seu propósito de tocar profundamente o leitor, não pela experiência ocorrida exatamente como está escrito, mas por tocar sincera e claramente a chaga mal resolvida e mal encarada dos propósitos da existência humana. **Fragmentos** não é obra ocupada em ser depoimento preciso, mas em estar prenhe de vida, por isso é densa. **Afinal A verdade jurídica atestada é uma coisa: a verdade de uma vida é outra** (WILKOMIRSKI, 1998: 208).

Durante o trabalho de transcriação, ocorre a necessidade de sacrificar algumas regras de um tipo de escrita oficial para garantir que as imagens produzidas pela oralidade possam ser perceptíveis, e parte das características referentes ao modo de se expressar de cada um, Desta forma, nas transcriações foi feita a opção por suprimir alguns sinais gráficos para poder criar no texto um pouco do ritmo da fala e estilo de cada um dos seringueiros.

Ficaram mantidos os pontos finais e parágrafos, como indicativos de finalização de uma idéia, ou de pausa muito prolongada; os travessões, que indicam falas ou diálogos inseridos no interior do texto foram mantidos como exercício atualizador do vivido, ou seja, como se tudo estivesse ocorrendo no agora, fazendo renascer os personagens, os cenários, e os detalhes mais importantes; o uso de dois pontos ocorre para indicar a inserção de explicações; a manutenção dos pontos de exclamação e interrogação que ajudam na plástica do texto garantindo vivas as indignações, os espantos, as alegrias, as perturbações, as surpresas, os assombros, a felicidade; o destaque em letra maiúscula e negritada se refere aos ruídos detalhados ou foram utilizadas para expressões que tenham merecido ênfase durante a narrativa: uma situação de extremo perigo (como o detalhe da onça que fez Seu Davi voltar-se e vê-la no terreiro de sua colocação preparando um ataque pelas costas), a repulsa, o ódio. Essas ênfases, diziam muito mais que as próprias palavras. Paulo quando completava alguns períodos com ... **tudo de novo** (37, 134 e 210), ultrapassava a simples informação de alguma coisa a repetir, falava da indignação e da revolta com o destino, do sofrimento que parecia nunca acabar, da falta de perspectiva de mudanças, da monotonia, do desamparo.

Considerando que é permitido o registro escrito de certas agramaticalidades ou licenças gramaticais quando se converte a fala em texto, ou seja, é comumente aceito que a transcrição mantenha certos erros de concordância como o uso de ... dos patrão ladrão ... (Paulo - 131)**,** ... cheguei lá e arrodiei o pau: (Davi - 452)**,** ... nós se jogava dentro do igarapé (Davi - 93); ou erros no uso de algumas palavras como ... encontremos muita dificulidade ... (Seu Nilo - 1), bem como as palavras cunhadas na própria

comunidade, a exemplo de catrepeiro (Zé Maria - 13); por contribuírem na caracterização do estilo do narrador e até mesmo da comunidade.

É pertinente ainda chamar a atenção para o problema do sotaque, que é insolúvel do ponto de vista da escrita.

A permanência destes sinais pessoais no texto como cicatrizes pessoais, obriga a consolidar outras marcas tornando o texto mais vivo, mais plástico, com certas dobras que estão na oralidade, que do ponto de vista da escrita representam impropriedades. Paradoxalmente o papel que faz o registro da palavra garantindo-lhe significado especial, também esconde, mutila ou simplesmente ignora outras que desaparecem com o registro escrito.

O uso da vírgula foi suprimido porque na escrita se presta a separar orações dentro de um mesmo período, ou separar alguns elementos sintáticos como complementos, apostos, vocativos, elementos repetidos. Seu uso se justifica por regras gramaticais e não simplesmente por possíveis pausas do texto, apenas ocasionalmente coincidentes com a pausa da narrativa, com o ritmo da fala. Assim, a opção por realizar uma outra escrita quer privilegiar o ritmo do seu narrador, não com a pretensão de registrar como **realmente ocorreu**, mas como referência da procedência, como lembrança da origem: a oralidade. Ao invés da vírgula utiliza-se o sinal de três pontos para registro gráfico das pausas da fala. Com isto temos uma possibilidade, mesmo que pálida, de perceber certa musicalidade, além de permitir perceber onde cada narrador estabeleceu as interrupções.

Paulo, quando falava sobre o que pegou fogo em sua casa, foi descrevendo os objetos agrupando-os por função, fazendo pausas para cada grupo; assim o uso dos três pontos permite esta visualização dos grupos de objetos que ficaria descaracterizada com as vírgulas. Quando descreve o conteúdo das mochilas que carregavam, também divide em dois ou três grupos de objetos dando a idéia não só da quantidade e do tipo de objetos, mas também da forma de uso, e das necessidades que conseguiam suprir com o que havia na mochila.

Desta sorte, este conjunto de opções no trabalho de transcriação resulta num texto que não é simplesmente a soma da transcrição (que normalmente se dedica a tornar o texto a expressão mais fiel possível do registro gravado) com a limpeza do texto despojando-o dos excessos e das **vicissitudes da oralidade** (OLSON, 1997); o resultado é um texto mais adequado à leitura da oralidade, sem se submeter a escrita oficial, mantendo as imagens que representa, onde o seu narrador pode se perceber nas imagens, nas vivências, no enredo e nos detalhes.

Este trabalho ultrapassa a simples transcrição como expressão do pacto entre o narrador e o autor; entre o pesquisador e seu material de estudo; leva em conta as implicações da memória como processo dinâmico de apagamento e construção, as relações e os desdobramentos entre oralidade e escrita; a profusão de discursos que provoca outros como correspondente do narrador e do autor, e o diálogo como fator político de busca. Por isso história e memória são identificáveis ao serem movimentos existenciais que deslocam valores sociais e temporais fazendo parecer haver uma herança no presente de algo objetivamente ocorrido. Algo semelhante ocorre entre um escritor de romances e um historiador, ambos conservam um elemento em comum: contam razoavelmente bem suas histórias, tecem consistentemente os argumentos e tramas de tal sorte que nos impacta sempre a sua leitura. A justaposição de narrativas deveria nos colocar distante do desejo de procurar decidir quem está com a razão ou tentar provar que o que tomamos como realidade é uma ilusão. Deveríamos usar a diversidade narrativa para compreender as atitudes e os valores, fazendo do conflito de narrativas um perfeito palco para serem compostos narrativas de conflito, traduzindo o conflito de interpretações em interpretações de conflitos.

O narrador e o leitor/ouvinte são como dois mapas de estradas de seringa de lugares diferentes, que ao serem sobrepostos, se limitam a coincidir algumas vezes em traços ou pontos, abandonando ou simplesmente deixando inacessíveis longos trajetos, os lugares secretos sem comunicação com nada. O narrador com sua narrativa tem sua própria trajetória, sabe onde é necessário ter mais atenção, conhece os pontos de perigo, os lugares de fartura de caça, onde se deve evitar, onde nunca mais pretende ir. O leitor com seu olhar sobre o narrador consegue persegui-lo por curtos trajetos, consegue idealizar pequenas imagens, focalizar algumas telas de uma imagem em movimento, interpreta no escuro, não consegue ver nada adiante, anda com os olhos voltados sempre para trás, para o que o narrador disse, para as imagens que selecionou para construir/constituir-se. A relação é de pequenos pontos de fricção; o narrador realiza seu tecido narrativo olhando para frente, ordenando as circunstâncias de tal sorte que mais adiante tudo se junta dentro de um fio condutor e ordenador. O leitor/ouvinte transita pela narrativa olhando sempre para trás para o que foi dito, construindo a imagem geral pelas pequenas contas de vidro que vai juntando, sem ter necessariamente o domínio do desenho geral, monta uma espécie de vitral que supõe ser constituído a partir do motivo que estabelece, sem ter a certeza do narrador. As cartografias discursivas dos envolvidos se sobrepõe em busca dos elementos comuns, em busca

da palavra de mesmo sentido, da ordem comum, do significado compartilhado, se tocam para decifrar-se, para tentarem ver além da imagem do espelho.

Dada metodologia ao se aplicar a um problema nem sempre se vê motivada a ajustar suas interrogações, seus procedimentos e seus conceitos aos limites (simbólicos) do que pretende interpretar. Este é um exercício um tanto difícil, pois parece obrigar a optar entre o conhecimento pequeno e o abrangente conhecimento universal. Freqüentemente os objetos são mergulhados (ou afogados) no conhecimento, sendo recuperados (ou salvos) por ele. Dialeticamente a mesma ciência que revela o real, o esconde. Desta forma parece representar grande incômodo a nossa práxis social responder a pergunta: Quanto e o que nossa teoria esconde do real?

A teoria demanda, portanto, a mesma estrutura de uma atitude religiosa já explicitada por Santo Agostinho, ou seja, para poder interpretar, primeiramente é necessário crer que cada teoria tem tal capacidade, seu axioma geral é quem dá sua própria validade, seu fundamento é metafísico, pois quem a valida é ela mesma, desencadeando uma espécie de racismo científico: tudo o que não ocorre segundo suas regras é ilusão sem valor.

Abdelmalek em **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade** (1996) salienta que o "discurso (científico ou não) sobre o imigrante e sobre a imigração está condenado a acoplá-lo a toda uma série de objetos ou de outros problemas" (p.14) "o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante nasce nesse dia para a sociedade que assim o designa." (p. 16), nasce para os outros como conceito e objeto, mas não para si mesmo, surge como categoria sociológica com leituras na economia, na geografia, na história, na política; por vezes é tomado como problema, como inimigo sem mesmo saber disso.

Desta forma, o outro como objeto de preocupação, a exemplo dos textos e das fotos, sofrem primeiramente a ação imposto a eles: no caso dos textos, eles recebem adjetivos (romances, épicos, dramas, ficção) que lhe são estranhos, lógicas e regras que se constituem fora do seu núcleo gerativo.

A classificação geral de uma foto (paisagem, retrato, objetos, jornalística, artística, digital, abstrata, de efeito, profissional, amadora) interfere em seu conjunto de significação, a tal ponto de redefini-la, ou de gerar um novo campo visual, um novo olhar, novas interpretações, uma nova foto porque seu registro pode ser reproduzido e recomposto indefinidamente, gerando vida própria a partir de repetições mecânicas do que ocorreu existencialmente uma única vez. A repetição

infinita de uma imagem, de uma contingência do vivido a torna uma espécie de Particular Absoluto, cujo núcleo vital está representado na imagem soberana da contingência.

Desta forma, uma foto, a exemplo de um texto-narrativa acaba sendo invisível, pois não é ela que se vê, mas sua ***Mathesis Singularis*** (BARTHES, 1984: 19) em diálogo com muitas outras ***Mathesis Singularis*** do leitor. Por transcender seu estágio no papel fotográfico ou A4, foto e texto coincidem por desencadearem três práticas diferentes.

A primeira é o fazer, o operar a ação de produzir e plasmar a matéria do encontro, como iniciativa de dirigir o olhar e a atenção para algo que reconhece e ao mesmo tempo consolida como elemento singular. Aqui o fotógrafo/escritor não se prostra neutra e passivamente diante da alteridade oferecendo sua objetiva/caneta para o mero registro; opta pelo tipo de foco/ enfoque; define a luminosidade que vai permitir ser captada; escolhe/esconde o cenário; insere/remove elementos de segundo plano; dilui/concentra o foco central. O fotógrafo/escritor realiza seu trabalho em colaboração com as limitações que lhe chegam: chuva, noite, o ponto de onde olha, os humores, a empatia, o espanto.

A segunda implica no suportar, no ***spectrum*** (idem p. 20): sofrer a forma da aparição, deixar-se flagrar sem a menor chance de subjugar-se, na medida que se mostra parcialmente, partilhando apenas fragmentos circunstanciais da paisagem/existência, permitindo registrar um fragmento do tempo, do espaço, do movimento e do lugar do observador. Permite ver-se, registrar-se sob certo ângulo, mas uma pergunta crucial ficará sempre sem resposta: O que pensava ao ser fotografado? O que refletia enquanto falava? O que a expressão do retrato não deixa ver? O que não deseja dizer enquanto fala? Quais as imagens mal vistas e não vistas e as palavras não ditas e mal ditas, que passam diante dos nossos olhos? Os olhares contidos nos retratos, as palavras aprisionadas no texto remetem a quê? O que produz cada olhar ou postura, o que motiva cada palavra ou ênfase? Da mesma forma que tudo muda a partir do momento que alguém se sente **olhado** pela objetiva, pois se põe a **posar** prestando-se ao jogo social, fabricando instantaneamente um outro corpo, o narrador também muda a postura diante do olhar do seu interlocutor.

A terceira prática, o olhar, o degustar, desencadeada com a fotografia/texto implica no ***spectator***, no ler, no interpretar. E neste sentido as máquinas fotográficas, os gravadores e os cadernos de notas funcionam como verdadeiros **relógios de ver** (idem p. 30), caleidoscópios para visualizar e medir o outro. Neste momento se

consegue resolver o grande distúrbio que a idéia da propriedade causa: a quem pertence a foto/texto: ao fotografado, ao narrador ou ao fotógrafo, ao interlocutor que registra e escreve sobre o encontro? A resposta só pode estar com o leitor, com cada intérprete, com aquele que dá vida e sentido à foto/texto. É o leitor que posiciona existencialmente um texto, fazendo com que ele passe a existir e faça sentido e diga algo significativo; uma foto ou um texto não são animados, mas animam o leitor. "No fundo – ou no limite – para ver bem uma foto [ou ler bem um texto] mais vale erguer a cabeça ou fechar os olhos" (idem p. 84) para que a foto e o texto falem no silêncio.

Desta forma, texto, gravação, transcriação se constituem como ***thesis*** e não como ***physis***, estão mais para o campo da fatalidade do olhar, do instante do pensamento que o analisa, que para os documentos e as provas.

2.1 – PROCEDIMENTOS

A exemplo de **Lembrança de Velhos** de Ecléa Bosi e tantos outros que convertem em texto escrito a oralidade, a preocupação na constituição deles a partir da transcriação das gravações nunca aspirou a constituição do real acerca do seringueiro (afinal seriam seus lapsos e enganos mais perniciosos que as omissões da história oficial?), nem se trata de desenvolver modelo/tema. Sempre foi perseguida a idéia de intercâmbio de lugares entre narradores; de um lado um grupo de seringueiros constituindo-se como personagens barthesianos, fazendo-se texto a partir do que cada um escolheu para ver perpetuar sua vida, e de outro um ouvinte/interlocutor constituindo novos textos re-territorializados, inseridos numa linguagem textual sobre o outro. Esta arte de trocar experiências (BOSI), de provocar o narrador (BENJAMIN) sob a suspeita de ter desaparecido. não é mera decorrência do comportamento social como desdobramento do mundo da produção, como manifestação de mercadoria viva que não precisa ter força dialógica, bastando sua muda presença no mercado, mas apontou sempre para a necessária suspeita dos procedimentos com a oralidade, diante dos modelos de pesquisa nas ciências humanas que, cada vez mais, necessitam de objetos servis aos propósitos do pesquisador.

Para romper este utilitarismo metodológico largamente difundido nos trabalhos realizados envolvendo narrativas orais, os passos delineados por Meihy foram importantes, principalmente no **Manual de História Oral** com o conceito de **transcriação**, que se preocupa em abrigar a palavra do outro, ultrapassando

qualquer objetivo ético-prático da pesquisa, para provocar o encontro dos sujeitos que criam a todo instante a história, pondo em questão não somente uma visão de história, mas ela própria como ciência. Tal problema vai ficando claro no momento do encontro para a gravação das entrevistas e se aprofunda na transcriação.

O contato inicial, registrado e tornado texto a partir da idéia de se constituir como **Cápsula Narrativa**, abre a possibilidade de amplo trabalho de transcriação, quando as versões do texto que vão surgindo, sucessivamente mantém a sua temporalidade, sua ordem narrativa interna, suas prioridades, e as imagens que cada narrador pretende ver consolidada.

Quando do contato com cada narrador, quando da realização das "entrevistas", as poucas intervenções (da parte do interlocutor) que ocorreram priorizaram dar estímulos ao narrador, demonstrando atenção, envolvimento e cumplicidade. As poucas perguntas que cobravam alguma forma de compreensão não dirigiam o texto para novos assuntos, antes confirmavam o que vinha sendo exposto. Intervenções como: "E foi assim mesmo?", "Não entendi.", "Não diga!", "E depois?", "E aquela história?", "O medo era grande?", "Demorou muito?", não deram à narrativa nova direção, antes mantiveram o diálogo gravado, e puderam ser retiradas do texto, restando a **Cápsula Narrativa** de cada seringueiro como um texto único.

No processo de transcriação há uma preocupação fundamental: ultrapassar o positivismo da linguagem que pretende ver registrado na escrita exatamente o que foi dito, como se isto pudesse ser realizado. Ou seja, o compromisso maior na constituição dos textos repousou na perspectiva de manter a imagem de cada parágrafo, e não necessariamente cada palavra. Mesmo porque, como a grande maioria deles é analfabeta, a forma de organizar o pensamento não se dá por palavras, mas pelas imagens decorrentes de cada frase ou idéia, organizando uma teia de aranha de sentidos. Assim, a supressão da maioria dos vícios de linguagem, dos elementos de espera como a utilização no início da frase de palavras como Então ..., Aí ..., que ajudam o narrador a ganhar um pouco de tempo para organizar o que vai dizer em seguida, e outras expressões pertinentes à oralidade, mas desnecessárias na escrita, acabaram por auxiliar na definição do texto de cada seringueiro. Apesar disto, uma série de incorreções, do ponto de vista da escrita e da gramática, foram mantidas para caracterizarem a origem (oralidade), o estilo de cada um e a forma da comunidade se comunicar.

A oralidade como atitude gera fruição; o texto obtido a partir das narrativas dos seringueiros não tem a palavra por modelo. Uma narrativa não é objeto sólido e

estável de estudos cujas variáveis possam ser facilmente identificáveis por métodos da linguagem, é antes um **potente jato de palavras** (BARTHES, 1996: 13) que se multiplica no leitor, que identifica fendas, que introduz cunhas interpretativas, que corta e é entrecortado por vários planos discursivos. O texto como resultado, e como leitura gera um entrar e sair renovado e povoado de novas explosões de palavras, dissolvendo-se e ressurgindo em inter-textos, entre-textos, sub-textos, sobre-textos, contra-textos cujo sujeito é o leitor. A grandeza do texto está na vontade de transbordamento.

Este tecido de imagens muito particular ao retornar para cada narrador, no momento que Meihy chama de re-entrevista (detalhado no capítulo 4, que registra o segundo momento do trabalho de campo), é o momento da identificação/negação do narrador com o texto, provocando não somente as correções necessárias por conta dos enganos decorrentes da transcriação, ou devolvendo ao texto os apagamentos, censuras e desfigurações que surgem no texto. Por vezes, certas escolhas textuais acabam dando vida (mas deformam o significado), brilho e significação ao texto (para que o vivido passe a ter a clareza esperada), ou em função da expectativa do pesquisador (que pretende ver reforçado alguns aspectos que julga relevantes), o vivido é re-ordenado teleológicamente para passar a ter um sentido mais claro com certas doses de heroísmo, por exemplo, ou simplesmente para emprestar em coerência ao vivido, que na maior parte das vezes é fragmentária e incoerente.

Esta volta do texto ao seu narrador busca evitar que o tema da pesquisa, os interesses do pesquisador, as necessidades teóricas ou metodológicas simplesmente fundem outro narrador e outro texto. Paulo não se mostrou satisfeito antes de ler e alterar pela sétima vez o seu texto ... tem coisas que a gente deixa de falar ... se acha que é interessante fala depois ... isso é uma maneira de corrigir o que a gente falou ... na hora de vim corrigir a leitura a gente coloca tudo as idéias na seqüência pra que saia uma coisa realmente bem escrita e quem ler essa história vai perceber que isso não é mentira ... que realmente é o que aconteceu (218).

Neste segundo momento de encontro com cada um dos narradores, além da leitura do texto, algumas perguntas foram introduzidas, envolvendo a organização do movimento dos seringueiros, o rio, a cachoeira, ou corte da seringa. Neste caso, a maioria das perguntas era quase sempre esclarecida com algo que já havia na própria **Cápsula Narrativa** de cada um, permitindo que fosse verificado posteriormente, quando das novas transcriações a necessidade ou não de incluir as novas explicações gravadas. Por vezes havia uma negativa muito clara, como no

caso do Seu Nilo Pessoa que ao ser indagado sobre visagem respondeu: Visagem nunca vi e nem quero ver ... (61). No caso da Dona Lita cuja resposta também foi negativa não houve nenhuma inclusão no texto por não ser compatível com o tecido de sua narrativa, assim, sua atitude de desprezo pelos temas sugeridos no segundo contato ficaram registrados no silêncio ou a ausência dos temas provocados na re-entrevista.

Este tipo de metodologia de História Oral tem aparecido ao longo das últimas décadas de forma fragmentária e diluída em diversos trabalhos que envolvem a oralidade, como no livro organizado por Paiva e publicado em 1978 no Brasil, com entrevistas realizadas com Carlos Lacerda, e encerrado poucos dias antes de sua morte. Para Paiva, o livro **Depoimentos** não é biográfico nem livro de memórias, tem como objetivo garantir a palavra do próprio Carlos Lacerda, registrando o modo como pensava, sua leitura de mundo, o que guardou de cada acontecimento político que viveu. Neste sentido chama a atenção para a afirmação do próprio Lacerda: "... quem quiser que conteste e dê sua versão ..." (LACERDA, 1978: 22). A revisão não envolveu nenhum historiador ou crítico, antes foi seu sobrinho e parceiro político quem corrigiu tudo garantindo mais que coerência ao texto, impondo fidelidade existencial a ele.

Apesar da necessidade de algum tipo de ordem cronológica, o texto transcorre num vai e vem labiríntico, expressão da "conversa que puxa conversa", do "assunto que puxa assunto".

A exemplo da História Oral que norteia este trabalho, Paiva já realiza a supressão das perguntas, incorporando-as ao texto (ainda de forma muito primária), tornando a entrevista um texto corrido, pois o que está em questão é o narrador do texto e não os seus interlocutores.

Desta forma, a presença dos seringueiros-textos é fundamental como expressão da riqueza e força discursiva que cada narrador encerra. Pois, parafraseando Nietzsche: cada texto tem acima de si um céu de conceitos que confere verdade à sua esfera, tornando a *doxa*, natureza, e a linguagem, ideologia. Portanto, cada uma das sete narrativas deste trabalho não é colocada como apêndice ou anexo, são forças discursivas vivas, que dialogam com o autor e com o leitor compondo um teatro de linguagem.

Quando fazemos uma citação indevida de qualquer teórico de destaque, cujo corpo teórico já foi publicado e tornado público, qualquer leitor que conheça sua obra ou mesmo parte significativa dela teria condições de propor novos

argumentos chamando a atenção para o “mal uso” de suas palavras, relacionando-a com o conjunto maior de sua obra, apontando para a impropriedade da citação.

Isto ocorre porque ao recorrermos às citações de autores conhecidos (lidos) ou até mesmo desconhecidos (mas publicados), não estamos mutilando um autor tornando-o ornamento do nosso discurso, mas o estamos trazendo para o debate, dada a força que o conjunto de suas idéias têm, ampliando o que está sendo apresentado e não como mero exercício de argumento de autoridade.

Assim o leitor ao se deparar com uma citação ou paráfrase abre na sua leitura uma fenda no texto, tendo que relacionar e refletir, participando do argumento que vem sendo construído, realizando a “solda dialógica” do texto com o autor citado .

A citação é trazida para dar validade e extensão a idéia apresentada, além de poder remeter a um outro sistema de idéias, por comportar uma constelação de idéias, que desdobram o texto para além do que está escrito. Mas é também possível que uma citação invalide o texto onde está inserida, expondo uma contradição ou fragilidade não revelada até então.

A fragmentação proveniente da citação de obra pública garante expressão de defesa, com a possibilidade de ser remetida a um texto para onde converge como referência dialógica de sentidos. Da mesma maneira, a interlocução entre muitas obras a partir dos mais diversos recortes só é possível, por haver um corpus de partida para cada uma delas.

Já um texto obtido a partir da oralidade, ou simplesmente inédito, cuja transcriação ou cópia está em posse exclusiva do pesquisador, que só a torna pública em pedaços, não remete a nada, não se multiplica, fica encerrada onde é citada, não provoca no leitor outras leituras, pois sua força discursiva depende do estranho contexto que está inserido, e que na maioria das vezes desconhece, se configurando no que Caldas chamou de **crime epistemológico** (1998: 24).

Nada poderia vir em socorro quer do leitor, quer do texto citado aos pedaços. Os discursos do poder precisam remeter sempre a si mesmos, lapidam de tal sorte as palavras (desterritorializando-as, para reterritorializá-las onde lhe convenha) para que não deixem brechas interpretativas senão aquelas apresentadas, são apenas membros mutilados e mortos que se tornam títeres de algum sistema teórico.

Mas relegá-los simplesmente a um mero anexo sugere leitura desnecessária, hierarquias e não diálogos, privilegiando o trabalho do pesquisador, atribuindo para si o papel fundamental: uma voz ordenada e ordenadora que substitui o caos pela realidade do seu discurso interpretativo, ordenando-a, retirando dela sua essência

(uma voz racional que cale o rude camponês, esse era o sonho do positivismo político e da pedagogia dos séculos XVIII e XIX).

Quando se faz um estudo sobre mãos, ou nuvens em obras de arte, não se faz simplesmente um corte exato do que se pretende, abandonando o restante, a menos que se pretenda um estudo da técnica ou tinta utilizada. Mãos, olhos, janelas, chapéus, só ganham sentido se o contexto for conhecido, se o diálogo que o quadro estabelece com a cultura e com o espectador forem levados em conta, além disso inseri-lo no conjunto da obra do pintor também desperta novos significados; por fim, encontrar outros detalhes na própria obra para se contraporem ao tema escolhido expandem infinitamente o olhar e os sentidos.

O argumento acima não abre a possibilidade de afirmar que pelo fato de incorporar os textos no corpo do trabalho esteja o pesquisador desincumbido de tocá-lo. Os textos não falam por si mesmos (este é sempre o sonho do positivismo que pretende que a realidade fale por si mesma), as fissuras, flocagens, os inter-textos, os contra-textos, os infra-textos só são possíveis pela interseção provocativa de outros textos.

Se o trabalho com fragmentos enfraquece e des-significa o texto, tornando-o anônimo e sem singularidade, nada impede que sejam feitas generalizações fundadas em pedaços de vivências criando um discurso abstrato sobre sujeitos abstratos do tipo “assim é o seringueiro”, “o que melhor retrata o seringueiro é”, “isto é o que o seringueiro deseja”, resultando um corpo discursivo que soma os pedaços na expectativa que possam ter vida mais tarde, como nos sugeriu a experiência do Doutor Frankenstein.

O tecido discursivo chamado seringueiro é ocupado por cada leitor que preenche cada diálogo, cada lugar, cada ordem, completando cada “imprecisão” do texto, tornando-se parte das realizações, das virtudes e crimes identificadas na leitura.

2.2 – O CONCEITO DE CÁPSULA NARRATIVA

O projeto foi apresentado aos seringueiros que direta e indiretamente fazem parte dele, deixando claro que em linhas gerais o trabalho privilegiaria o relato de vida deles, gravando e posteriormente registrando em papel as venturas, desventuras e aventuras que foram ocorrendo ao longo da vida.

Propositadamente o projeto sempre foi bastante aberto, se orientando sobre determinados temas somente quando alguns pressupostos metodológicos já

estavam dados como a efetivação da **Cápsula Narrativa**, coincidindo também com a finalização da realização do primeiro momento do trabalho de campo, onde grande parte do conteúdo das diversas cápsulas narrativas se configurara, sugerindo uma gama de preocupações/problemas a serem refletidos. Apresentar a eles um projeto com temática definida implicaria na anulação deles e no falseamento do resultado, pois teríamos como discurso a narrativa dos seringueiros falando sobre uma preocupação do pesquisador, logo o que estaria sendo apreciado seria o universo de preocupações do pesquisador, resultando no máximo num conjunto de "bons" fragmentos, de idéias soltas (e até instigantes) alinhavadas pelo autor do projeto, comprometendo e desfigurando o conjunto de narradores.

O momento inicial, portanto, se deu a partir de provocações iniciais: "E então Seu Fernando?" "Fique à vontade Seu Damasceno." "Estou lhe ouvindo, Seu Pedro." "Como é sua vida, Valter?" "Pronto, pode falar Wanderley."

Não houve um interesse inicial pontual, preciso, exato, um tema, uma temporalidade pré-definida, não houve um objetivo pré-definido, nem pergunta inicial que impusesse tempo/personagens/circunstâncias/temáticas ou relações iniciais (do tipo: seu nome, idade, local de nascimento, filiação, profissão, locais onde trabalhou). Estes temas ocorreram dentro do contexto da narrativa inicial, mas sua incidência e permanência como algo relevante foram definidas no contexto da narrativa e na opção voluntária do narrador.

Desta forma nasce uma narrativa particular, que não privilegia os interesses do interlocutor, mas se funda nos interesses e na vontade discursiva do narrador, nas formas da comunidade que o fez nascer, e que lhe deu olhos, na forma como se vê, no modo como se reconhece, no tecido discursivo que se molda, nas interjeições e rupturas que estabelece com sua comunidade de origem, naquilo que o identifica como parte de um grupo discursivo, ou de uma categoria que gera a amálgama reconhecida (como seringueiros, por exemplo). Foge-se assim, da caricaturização (BENCHIMOL: 1977, 1965) e do rótulo/mordaça (HUGO: 1959) que vem de fora (como migrantes ou filhos de migrantes, por exemplo) e diz de antemão o ser de cada um.

Em seu lugar surge, brota uma **Origem Voluntária** (CALDAS, 1998: 39) fruto do diálogo, da com-vivência, surge um texto, fruto de uma narrativa com historicidade própria, com nome e vida própria, diferente dos textos sem rosto, objetificados e mutilados. A **Origem Voluntária** implica numa força narrativa inicial, mas decorre inicialmente da atitude do seu interlocutor, se no início da gravação são definidos os temas e a seqüência de fatos que se gostaria que fossem abordadas como, por exemplo, tratar o narrador pela sua profissão (soldado da borracha), pela sua

posição social (presidente da Organização dos Seringueiros de Rondônia), ou colocando de início um problema a ser abordado (o preço da borracha), ou até mesmo um tipo qualquer de identificação (dizer o nome, a filiação, a origem, a data de nascimento). Estas formas de tipificação, de enquadramento sociológico trazem consigo a expectativa de um tipo de ordenamento da narrativa. Dificilmente se imaginaria que um seringueiro ao ser entrevistado pudesse desprezar a importância que a escola tem, ou deveria ter tido, na sua vida. Sempre que fui apresentado a eles como professor, e sempre que lhes perguntei algo sobre o domínio da leitura e da escrita, ouvi o que me satisfaria, porém, ao tornar mínima minha interferência na entrevista, ao permitir fluir uma narrativa livre da parte deles, um dos problemas que salta aos olhos, na leitura dos sete textos que compõem este trabalho, é a ausência da escola, ou do desejo de escolarização de um número significativo. Isto não seria claro, ou poderia até mesmo desencadear a deturpação da narrativa, se houvessem ênfases em determinados temas importantes para o interlocutor, mas é claro, não para o narrador.

A **Origem Voluntária** não pode ocorrer diante de um questionário pré-determinado, ou de um interlocutor que tem interesses específicos, que pretende formatar a palavra do outro dentro de certas condições, dentro de um determinado tempo de fala ou assunto. O interlocutor que não quer ouvir cerca o narrador de perguntas objetivas e inteligentes, verdadeiras armadilhas para conter o fluxo discursivo, para matar o fluxo da vida, fazendo surgir a fala oficial, a palavra da ordem que não se movimenta. A **Origem Voluntária,** dentro da **Cápsula Narrativa** é um dos elementos de fundamentais de singularidade, pois traz à tona a maneira de toda uma comunidade marcar a presença de alguém, ou o parâmetro que cada um faz uso para se fazer presente nela.

É recorrente, no caso de seringueiros, constituir a **Origem Voluntária** sem qualquer vínculo com o registro civil, com a data de nascimento, ela se dá a partir de algum fato que o dirige para a vida como o início do corte de seringa, algum tipo de acidente com o pai que os obriga a assumir o papel de quem ajuda no sustento da família, como é o caso do Seu Davi.

Esta associação entre a **Origem Voluntária** e o início do próprio trabalho, ou o ato de assumir uma estrada de seringa como responsabilidade é muito forte. É recorrente entre muitos seringueiros da Reserva Extrativista de Seringueiros reconhecerem-se como gente quando iniciam o corte da seringa, e isto ocorre com a idade de oito anos, os anos anteriores simplesmente não existem, não fazem parte da sua origem pessoal, podem até reconhecer que tinham oito anos, mas o que

ocorreu não importa, existem como registro estatal, mas não tem a dignidade e a seriedade que tem o seringueiro. Eles só se tornam gente quando fazem parte da vida da comunidade, quando passam a ter força física e existencial para marcar e sangrar suas próprias árvores, quando fizer o que todos os seringueiros fazem: cortar seringa.

Biologicamente suas vidas começam bem antes, mas socialmente só vão fazer parte da comunidade quando produzirem seu primeiro quilo de borracha, antes disso não existe singularidade para gerar força narrativa. Só um seringueiro pode andar só pela estrada de seringa; só um seringueiro pode procurar uma mulher para se casar; só um seringueiro pode carregar uma arma de fogo; só um seringueiro pode dirigir uma voadeira; só um seringueiro pode ver e ouvir os mistérios da mata. Desta forma, não existe nada existencialmente e comunitariamente importante. Não é sem motivos que a educação e a preocupação reservada às crianças parece estranha a nós, pois não há uma intervenção intencional na educação delas. Na maior parte do tempo elas estão envolvidas em brincadeiras ou observando os adultos, de tal sorte que sua presença é quase imperceptível, não demandando atenção especial dos pais, que, por vezes, até evitam a presença delas no meio dos adultos.

Mas a minha vida ... quando me entendi de gente mesmo ... tava com oito anos quando meu pai foi baleado (Davi - 11), ou já tinha uns oito anos ... quando eu trabalhei (Wanderley - 73), entrei aqui no dia que eu sai de Guajará-Mirim ... 17 de março de 43 pra cortar seringa (Nilo - 3), Nasci em Canutama interior do Amazonas ... todos na minha família são seringueiros. Meu pai que me fez é cearense ... na verdade não é meu pai. João Viera dos Santos ... que me registrou ... é que é meu pai ... faleceu quando eu tinha sete anos de idade ... era amazonense filho de criação do coronel de barranco Joaquim Tomás ... uma família de Tomás muito conhecida no Amazonas (Zé Maria - 1), Minha vida quando consigo me entender tinha cinco ou seis anos de idade ... foi quando meu pai subiu com meu tio a mamãe e os meus irmãos ... no Alto do Rio Cautário (Paulo - 1).

A **Origem Voluntária** permite aos narradores e suas comunidades a apresentação de uma temporalidade própria. Não há uma seleção e fragmentação que primeiro amordaça o narrador, para permitir que ele fale o que sabe interessar, para posteriormente ser esquartejado e morto no texto, surgindo como apêndice de um discurso que não é seu.

A configuração da **Cápsula Narrativa** em História Oral e o surgimento da **Origem Voluntária**, permitem textos (e o surgimento de narradores) que fogem dos padrões tradicionais do que se esperaria de um seringueiro, fazendo com que o pesquisador atue como leitor, e o leitor como pesquisador (MEIHY, 1997b).

Teixeira (1999), que faz uso de relatos orais, não consegue reconhecer os narradores que encontrou em sua pesquisa, trata-os como "um seringueiro de Ariquemes" (p. 221), "o depoente" (p. 148), "aquele seringueiro de Ariquemes com quem conversei" (p. 140), "na fala deste seringueiro" (p. 58). Não se envolve com a vida, se interessa apenas pelos cacos, pelos fragmentos que não constituem nem multiplicam o vivido, apenas agonizam como frases soltas, que dependendo do contexto onde se insiram servirão aos propósitos mais diversos. O alerta que faz Moema Viezzer sobre o trabalho realizado com Domitila Barrios vem de forma segura: "... penso que o livro é um relato que deve ser lido de maneira global. Não tirar um parágrafo solto e usá-lo de acordo com pensamento de outra forma de ser, mas sim, o livro é um todo relacionado." (VIEZZER, 1983: 214)

Domitila é maior que a própria metodologia, e o brilho de Viezzer está em permitir que isto acontecesse. Da mesma forma, os textos que fazem parte deste trabalho não apresentam uma introdução prévia com uma sugestão de tema central da entrevista conhecida em boa parte dos trabalhos de História Oral como o **Tom Vital** que pretende ser a sugestão de entrada para os textos, ou de condução narrativa ou síntese moral de todo o relato.

O **Tom Vital** aponta o caminho de entrada, dirige a leitura, quer revelar a imagem inicial, orienta a leitura do texto, ordena, quer dar sentido ou lógica ao texto, retira do leitor a ousadia da significação e por vezes marca o texto a ponto de torná-lo estéril, fechando-o para a multiplicidade de interpretações que encerra. Afinal sob cada palavra se coloca sentido e contra-senso. Desterritorializar a palavra (DELEUZE) para re-territorializá-la em outro contexto desencadeia falsas imagens, interpretações desfocadas. A decorrência coerente implicou no abandono da idéia de **Tom Vital** por ser incompatível com a **Cápsula Narrativa**, pois não se trata simplesmente de realizar o que a lingüística pretende: identificar o ser-aí, fazendo uma psicanálise do discurso.

O **Tom Vital** justifica ordenar a narrativa em torno de si mesma, desautoriza o narrador para validar a si próprio, modificando o texto pela determinação na forma de leitura que sugere, impondo sentido *a priori* e de fora, ordem que não lhe pertence, pois é elaborado a partir das impressões do pesquisador que decide como o narrador passa a ser visto, dando uma ordem à leitura.

A **Cápsula Narrativa**, como opção teórica e prática, não tem a função de constituir verdades, nem pode ser tornada verdadeira justamente porque é construtiva e poética, implica em fomento à criação, não é positivista para gerar depoimento, não nasce para ser testemunho que pode ser tomado até mesmo sob

juramento. Cada narrativa de seringueiro originada na **Cápsula Narrativa** não aprisiona a palavra do outro em perguntas prévias, em temas gerais, em sistemas teóricos, não desencadeia revelações ou resgates, mas sugerem a imagem provocada pelas **leituras à contra pelo** de Benjamim**.** Alimentando os **pontos de atrito** que fogem da imagem geral do texto.

A preocupação em consolidar a **Cápsula Narrativa** na gravação e no processo de transcriação volta seu compromisso textual para dentro do texto e não para o sistema teórico do interlocutor. O resultado é um texto comprometido com a paisagem que compõe a narrativa, garantindo mais que as palavras de cada parágrafo, preservando as imagens contidas em cada parágrafo com as sutilezas que o tecem, com as ênfases e as dubiedades do narrador. Assim, cada figura da narrativa se vincula internamente como tecido discursivo, ao mesmo tempo em que se reporta a alguém sem ser ele, ou seja, a exemplo do reflexo de Narciso, a narrativa não é nem o narrador, nem sua vida, é apenas a expressão de um fragmento, cuja singularidade está expressa na habilidade do narrador gerar discursivamente algo que nenhum outro possa produzir. A narrativa, ou as diversas narrativas contidas em uma, traz este movimento de rompimento com padrões e fluxos pré-visiveis.

Os **diálogos interpretativos** não se ocupam com a verossimilhança, não é relevante saber se historicamente existiu Sócrates ou Ulisses, o que nos impacta na sua leitura são os traços de significação que se passam sub, intra, inter ou sobre o texto, num fluxo contínuo de narrar e interpretar. É o conjunto textual polifônico de Sócrates e Ulisses que os tornou tão importantes, é sua completude e densidade que os torna tão ou mais importantes que todos os seus comentadores. Diferente dos trabalhos em ciências humanas que envolvem “depoimentos”, “histórias de vida” e outras formas de oralidade e resumem seus narradores a frases, a fragmentos de idéias, cujo contexto narrativo integral não é levado em conta, restando aos “depoentes” a condição de apêndice do autor, que seleciona o que lhe interessa, sua condição de existência se resume a fragmentos de interesse da pesquisa.

A **Cápsula Narrativa** muda radicalmente esta condição, pois aceita a condição de cada narrador, não se ocupando com a documentalidade e sim com a ficcionalidade (WOLDEMBERG) na medida que até mesmo as recordações não são inocentes, nem mesmo brotam de uma memória neutra que vai efetuando seus registros independentemente daquele que vivencia.

Para Benjamin (1987) o narrador se inspira no vivido (seu ou de outrem) incorporando de seus ouvintes o que viveu e o que gostaria de ter vivido, de tal sorte

que o resultado seja uma profunda paixão pela vida e um desejo de seduzir cada ouvinte com as histórias que tem para contar. Para o autor este personagem estaria desaparecendo com o mundo da mercadoria. O dilema mais penoso não reside na morte lenta do narrador, na verdade isto nem mesmo tem ocorrido. O golpe mais doloroso está no tipo de construção narrativa que promove a lógica do Capital, afinal, um trabalhador não combina com a narrativa épica, com os devaneios da vontade originados na singularidade que nega o mundo da informação, que seduz o ouvinte e o põe em busca do seu próprio narrador. Na medida que os leitores não se vêem mais como narradores, abandonam este tipo de leitura, preferindo leituras devidamente acompanhadas das explicações que tem amplos lastros com o mundo da produção que não exige do leitor senão verificabilidade imediata desobrigando-o de realizar dobras de interpretação.

Cala-se o narrador no mundo do Capital, mantendo-se vivo na periferia da produção, ou naqueles que não são meros sujeitos na práxis, mas sujeitos da práxis e da ação narrativa. O silêncio dominante que surge pode ser quebrado com a predisposição ao diálogo profundo e radical de dois narradores, revividos com a constituição da **Cápsula Narrativa**, ou até mesmo com um tipo de História Oral que seja expressão da paixão pela vida e não do compromisso objetificador da história oficial sempre disponível para esclarecer, para iluminar; afinal a boa história nos engaja para que nossa ação seja conseqüente com as condições dadas para o mundo do trabalho, para o terreno da mercadoria e dos mercados, perfilando um discurso anônimo, comportado, despojado de engajamento e científico, que não transcende nem é revolucionário.

A **Cápsula Narrativa** trabalha com a idéia do contador de histórias como aquele que tem a arte de contar de novo, sempre emprenhando novamente, de forma cada vez mais saborosa, pois não fala com **espelhos de cem olhos** (BENJAMIN), mas fala do seu próprio espelho, povoado de imagens, espaços, relações, vida que pulsa, rico do seu próprio rosto, sem os limites da mercadoria, sem os compromissos com a verificabilidade, afinal o pensamento é rico quando se movimenta.

Quem narra se mostra e aponta o caminho do que diz para dentro daquilo que está falando, Benjamin chama isto de uma forma artesanal de comunicação porque é obra de um verdadeiro artesão da palavra, e Barthes chama esta construção de teia de aranha. Neste sentido o pesquisador “interessado” quando identifica o narrador, age para domá-lo e contê-lo para torná-lo confiável. Se o

movimento geral do Capital se fortalece com a informação objetiva, Benjamin sugere que se realize a tarefa de escovar a história a contra pelo.

Enquanto a História Oral contempla e dialoga, a História Oficial rotula de especulativo o que não se enquadra no seu olhar de harpia em busca do real. Com a vitória eminente do mundo da escrita, principalmente no século XX, Benjamim (1987) entendia que a decorrência imediata seria a morte do narrador. Por sorte o narrador continua vivo, caso contrário a própria práxis social estaria comprometida. O que está desaparecendo é o diálogo. O diálogo deixou de ser exercício poético de vida, recriação de cada detalhe, para apenas fazer veicular informações, para ser **demonstração sem defeitos** (GRANGER, 1955: 78), entendendo que a narrativa é descrição direta ou velada (objeto importante de algumas ciências como a psicologia, a antropologia, a sociologia e a geografia).

A reafirmação do diálogo e do narrador cresce na História Oral, pois é aceito o teatro da linguagem de Barthes e, por conseguinte, não institucionaliza as vivências criando outra História Oficial (mais perfeita por levar em conta o vivido). A História Oral não quer fazer micro-história a exemplo da Escola dos Anales. O cotidiano passa a ser medido e comparável.

A história do cotidiano não singulariza o vivido, mas identifica repetições e as toma como hábitos institucionalizados, novamente desaparece a singularidade de quem experiencia a vida; em seu lugar aparecem títeres que vivem as mesmas coisas, e acabam prisioneiros num tipo de vida típica sob macro-determinantes que regem a vida de todos a ponto de os tornarem iguais**, exatamente como as fechaduras Yale, que só por frações de milímetro se distinguem** (ADORNO, 1995: 144); o que era hábito, pela recorrência passa a ser estrutura.

Fugindo das deformações o dos compromissos da micro-história, a aproximação com a História Oral foi fazendo crescer a realização do diálogo, a revitalização do narrador, e provocando o refluxo no desejo de **querer saber** (somente mais uma das ilusões iluministas).

3 - VIVÊNCIA DE CAMPO – 1998: primeira parte

Estas anotações de campo foram idealizadas como referência as primeiras reflexões e impressões ocorridas durante o tempo de permanência na Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto durante os meses de junho e julho de 1998. Para a realização da primeira etapa das entrevistas gravadas com os seringueiros, fez-se necessário ainda assinalar as impressões de duas entrevistas que ocorreram em Porto Velho, sede da Organização dos Seringueiros de Rondônia, com Paulo e Zé Maria, os primeiros seringueiros que conheci há mais de dez anos. Estas duas entrevistas se deram alguns meses antes, enquanto organizávamos a ida à reserva, e foram fundamentais para o amadurecimento da metodologia da pesquisa.

Assim, este capítulo ultrapassa o mero relado de viagem, para ser espaço de reflexão provocada pela dinâmica da vivência entre os seringueiros na floresta, que acabou por definir toda a temática deste trabalho.

Para o movimento de seringueiros, Zé Maria é hoje a liderança de maior referência. Tem enfrentado dificuldades agudas dentro e fora do movimento. Nos últimos anos, as dificuldades internas com alguns poucos dirigentes das diversas associações de seringueiros de Rondônia, que têm se utilizado do movimento de seringueiros em benefício próprio; esta situação o tem abatido sobremaneira. De temperamento bastante ponderado, tem grande capacidade de administrar situações de tensão, motivo que o coloca como referência e parceiro para diálogo com outras organizações não governamentais e inclusive com o poder local. Baixo, de fala mansa, gosta de fazer **gaiatice** com os companheiros do movimento, mas é muito correto e atento em suas responsabilidades.

Não se sente bem com tanta atenção voltada sobre seu trabalho. Freqüenta reuniões governamentais com cada vez menos confiança e ânimo em conseguir soluções efetivas. Esteve em Washington, na reunião do Banco Mundial para denunciar as irresponsabilidades do governo local e do próprio banco (a exemplo de Chico Mendes alguns anos antes), também esteve na Itália para conversar com líderes de ONG's européias e voltou ainda mais apreensivo e **cansado**, como ele mesmo diz. A Organização dos Seringueiros de Rondônia (que congrega as diversas associações de seringueiros do Estado), entidade que preside, está em sérias dificuldades financeiras, o que o está preocupando, já que as associações locais não têm condições de viabilizar seus projetos em virtude do seu isolamento, da fragilidade econômica e da ingenuidade política.

Divertiu-se muito contando que fora ao Banco do Estado abrir conta para receber recursos para o projeto de elaboração de um diagnóstico do ensino das escolas de seringal, e para a elaboração do programa de conteúdos específicos das séries iniciais. O funcionário pediu-lhe o endereço completo, e ele respondeu que morava numa colocação às margens do Rio Ouro Preto; pediu-lhe então comprovante de endereço: pagamento de água e luz, e Zé Maria disse que água ele pega no rio, e luz usa de lamparina de querosene e quando acaba, vai na mata e pega óleo de copaibeira, que é um pouco mais fraca, mas resolve.

Este ano, disseram-lhe que deveria declarar Imposto de Renda. Foi à sede da Receita Federal e o funcionário perguntou-lhe o que ele tinha de valor, a resposta foi pronta: mulher e seis filhos.

Nossas primeiras conversas gravadas aconteceram em janeiro de 1998, e tiveram que ser desmarcadas algumas vezes por compromissos e atividades nos seringais e por ser presidente do Fórum de ONG's em Rondônia.

Nascido no interior do Amazonas, com 45 anos, é dos poucos que valoriza sobremaneira a construção de escolas no seringal e se empenha muito pelo acesso a escolarização para os filhos de seringueiros que estão nas colocações. Cursou até a quarta série (o que é raro entre os seringueiros) e em boa parte do tempo estudava em casa mesmo, por isso tem se empenhado muito em conseguir mais escolas para o seringal. Foi durante o tempo em que esteve na fundação e na direção da Associação de Seringueiros do Rio Ouro Preto que conseguiu a construção das primeiras escolas e postos de saúde dispersas ao longo do rio. Na esteira da luta do movimento de seringueiros conseguiu o que nem mesmo Chico Mendes e toda a tradição do movimento de seringueiros do Acre pretendiam: o reconhecimento dos antigos seringais como Reservas Extrativistas legalmente demarcadas. Foi com sua insistência junto ao governo, que foi estabelecida uma das primeiras quatro Reservas Extrativistas do país em Rondônia, no rio onde se criou, casou e criou seus filhos.

Cinco meses depois das primeiras gravações, marcamos nossa re-entrevista, três dias depois da eleição da nova direção da Organização de Seringueiros de Rondônia, em que foi re-eleito como presidente; e um dia antes de sua ida à Brasília, ter audiência com a Senadora Marina da Silva (seringueira) e com o Ministro do Meio Ambiente para definirem formas de garantir preço mínimo para a borracha.

Marcamos para a **boca da noite,** que traz a imprecisão do horário necessário apenas para confirmar o compromisso, quando ele mesmo disse que teria mais tempo livre.

Com a calma de sempre primeiramente conversamos sobre a eleição e sobre o desânimo que anda sentindo, passou recentemente por ameaça de derrame, e disse ter sofrido muito com um velho amigo que havia lhe dito que iria deixar o movimento, o que o fez pensar também em deixar a direção após as eleições. Durante a assembléia, viu que esse amigo estava encabeçando uma chapa o que provocou nos outros companheiros pedido para que ele revisse sua decisão e organizasse outro grupo de trabalho.

Disse a ele como eu havia realizado a transcriação da entrevista, resultando no texto que lemos juntos, com o gravador por perto registrando as alterações que chamou sua atenção.

Empolgou-se sobremaneira com o desenvolvimento do texto, rindo em diversas ocasiões, confirmando e recontando as mesmas situações para confirmar. No final sem demonstrar cansaço, e com o semblante agradecido, me disse que eu havia sido **um bom relator**, e enquanto o levava para o aeroporto disse: sabe que comecei a gostar da minha história ... não sabia que ela pudesse ser tão bonita!

A entrevista com Paulo ocorreu dias após o encontro com Zé Maria. Desde que nos conhecemos, raramente Paulo não tocava no assunto que o preocupa com freqüência: descobrir meios para melhorar as condições das famílias que vivem nos seringais. Apesar de não ter concluído o ensino fundamental – não passou do segundo ano – valoriza muito as escolas dos seringais, a exemplo de Zé Maria. É a liderança mais jovem da região (tem menos de 30 anos). Nascido no interior de Rondônia, vem atuando desde 1992 em projetos de saúde e educação para as diversas reservas, afirmando que as escolas têm garantido a permanência das famílias no seringal, evitando o êxodo para cidade. De comportamento tímido, sempre diz exatamente o que pensa, sua sinceridade e simplicidade no trato com as pessoas por vezes parece indelicadeza, mas não tem meias palavras.

Certa vez, quando viajava para o seringal juntamente com ele, disse à dona da casa que a pior comida que ele havia comido fora em minha casa, e portanto, ela não deveria se preocupar em caprichar muito no almoço. Não poupou achincalhe quando fui atacado pela carga de minúsculos carrapatos (chamados de mucuim) : vocês podem ser muito inteligentes ... mas não são espertos quando estão no mato.

Paulo não é bom pescador como a maioria dos seringueiros, mas não perde a chance de relembrar os fracassos dos amigos. O seringal, mais que lugar de sobrevivência, representa sentido e rumo de existência; a exemplo de sua família, fica feliz quando, por algum motivo, tem que acompanhar alguém para as colocações. Conserva o sonho cada vez mais distante: voltar a morar no seringal.

Paulo vinha há pelo menos três anos, manifestando reservadamente para alguns amigos o desejo de voltar novamente a cortar seringa, estava na época desiludido da vida de **liderança do movimento**, foi amadurecendo a idéia e por algum tempo se afastou da OSR, indo com a família para sua antiga colocação. Os problemas enfrentados não foram poucos, teve crise de apendicite, obrigando-o a deixar sua colocação, quase vindo a falecer, além de exigir mais de oito meses de recuperação, por causa da demora no atendimento médico.

De temperamento calmo, nunca escondeu a ira que conserva dos seringalistas, antigos donos de barracão, não por formação ideológica, mas porque impuseram a sua família e a todos os seringueiros que conheceu uma vida de muita humilhação; patrão é antes de qualquer coisa sinônimo de ladrão e sofrimento. Nas entrevistas as referências que fazia a eles e os casos que os envolviam era carregado de certa fúria e parcialidade que não fazia a menor questão de simular.

Assim marcamos o primeiro encontro para a sede da OSR onde tratamos antes do cronograma de atividades que teríamos que desenvolver para o projeto de educação das reservas (envolvimento pessoal há pelo menos 10 anos). Fui apresentado a alguns seringueiros que vieram para a cidade para fazer tratamento médico, registro dos filhos, compras, ou visita a parentes, e que usam o alojamento da OSR para estadia. Paulo falou para Manduca, vice-presidente da OSR, sobre o trabalho que eu estaria fazendo, e este disse que estava fazendo exatamente a mesma coisa, escrevia já há alguns anos um livro sobre a história do seringal, foi quando me prontifiquei a ajudá-lo a publicar seu trabalho pela universidade.

Para conversarmos mais tranqüilamente sem sermos interrompidos, fomos para o alojamento e gravar nosso primeiro contato. Paulo sentou-se numa das camas, e eu me sentei em outra, entre nós o gravador foi registrando o encontro. Muito embora soubesse que poderia falar livremente quando o gravador foi ligado pediu-me que fizesse a primeira pergunta, então disse: **Paulo, fale sobre sua vida**, e ele falou livremente, sem qualquer interferência minha por duas horas e cinqüenta minutos, quando demonstrou cansaço, resolveu encerrar o primeiro encontro dizendo que se quisesse perguntar alguma coisa nos encontraríamos em outro dia.

Deixou claro durante a entrevista que estava falando das **coisas boas**, que não iria falar das coisas ruins e dos casos de doença, dando claro sinal de estar à vontade por selecionar o registro que gostaria de fazer, indicando a opção narrativa que estava fazendo.

Apesar de conhecê-lo há alguns anos, e trabalharmos juntos por diversas vezes, muitas das histórias de caráter particular, como o casamento com Aparecida,

as situações de dificuldade pessoal, e alguns impasses vividos na sua militância, foram omitidos neste primeiro encontro.

A entrevista com Paulo tem dois grandes blocos: um primeiro, onde fala diretamente das vivências com sua família, carregada de diversas circunstâncias que se relacionam formando pequenas histórias, pequenos ciclos, momentos que se encerram começando outros, apontando para o todo de sua vida com a família. Apesar do seu esforço por ordenar cronologicamente sua narrativa, era freqüente a recorrência a situações semelhantes ou correlatas em sentido, que eram evocadas fora de contexto cronológico, mas que ajudavam a alargar dada vivência. Por vezes, muitas delas começavam e se encerravam com um ano de trabalho, ou seja um período de inverno (chuvas) e um outro de verão (seca), ou como eles mesmos chamam **fábrico,** quando vinham para a cidade para trocar as pelas de borracha, finalizando mais uma volta da roda da fortuna e iniciar novo ciclo, cada uma dessas etapas era geralmente seguida da mudança de colocação, onde novas situações seriam vivenciadas, e os sofrimentos se renovavam, num **Oroboro** sem fim.

O segundo bloco exato e cronologicamente crescente, desprovido dos movimentos cíclicos anteriores, obedece ao modelo tradicional de narrativa histórica, controlada, selecionada e organizada para referendar e ser referendada pelo seu ingresso na vida pública, pela necessidade de incorporar a fala do poder (FOUCAULT). Começa em 92, quando é convidado a ingressar no movimento de seringueiros. A partir deste ponto os ciclos desaparecem e em seu lugar surge a imagem de crescimento linear e em evolução, partindo do envolvimento inicial na Associação dos Seringueiros de Guajará-Mirim (onde nem mesmo entendia o que ouvia), passando pela percepção crítica do trabalho **fraco** realizado pelo Boneco (o primeiro presidente da Associação de Seringueiros de Guajará-Mirim), crescendo com o ingresso na Organização dos Seringueiros de Rondônia, onde, apesar das dificuldades, os projetos se somam, gerando aprendizado e a esperança de condições futuras favoráveis para todo o movimento não só de Rondônia, mas da Amazônia toda, construindo um sentimento no sentido inverso de Zé Maria.

No primeiro bloco usa mais intensamente a primeira pessoa: **eu**; apóia-se no plural **nós** para designar sua família. No segundo bloco, Paulo participa e atua, aparecendo invariavelmente como **nós**, as situações narradas envolvem claramente a comunidade (a direção da Organização dos Seringueiros de Rondônia e o movimento de seringueiros) do qual faz parte e que o legitima como narrador.

Depois que saiu da sua colocação de seringa para atuar no movimento de seringueiros, a percepção de si mesmo e o seu reconhecimento só foi possível ao

migrar de um sub-grupo para outro dentro da mesma comunidade, saiu do meio de sua família para a direção do movimento. Mas, quando está de volta para o seringal fazendo o que chama **trabalho de base** continua a falar como seringueiro, como se ainda estivesse cortando seringa; não se sente desigual por fazer parte da direção, muito embora saiba que é diferente, procura esquivar-se de brincadeiras sobre o fato de estar na direção do movimento e morar na cidade. Apesar de incorporar a palavra do poder, reivindica para si a condição de seringueiro, porque não sabe fazer outra coisa senão desejar ser seringueiro. Age e fala tendo como referência o **nós,** como se estivesse no corte diário da seringa; reluta até mesmo em comandar ou liderar. Reconhece-se no grupo, naquilo que o movimento realiza, muito embora nem todos o vejam como um deles.

Na segunda parte do seu texto desaparece como agente singular, e incorpora o tipo discurso e prática decorrente do poder, fica desprovido de vontade, age por determinação do movimento, acredita não falar mais em seu nome, mas atua pela vontade e pelas necessidades históricas, políticas e econômicas que envolvem a luta do seu movimento. Desaparece como sujeito, ressurgindo como parte do organismo sem rosto.

Cinco meses depois da entrevista marcamos novo contato exclusivamente para tratar da re-entrevista, poucos dias antes de irmos para o seringal iniciar as entrevistas em campo. Deveríamos ter marcado antes, mas eles estavam se preparando para a grande assembléia geral de troca de diretoria, assim, passado o evento, as incertezas e preocupações decorrentes, acertamos dia e hora.

Paulo estava muito curioso e pediu para ver o texto alguns dias antes. Assim, trouxe o texto lido e pronto para **consertar**, termo muito usado por ele. Quando nos encontramos, disse que teríamos que fazer alguns **consertos**. Acertamos que eu leria e toda vez que quisesse deveria interferir. Agiu como joalheiro e fez 69 intervenções para melhorar algumas idéias, ou corrigir algo incorretamente escrito. A cada ajuste dizia que eu deveria ver depois se ficaria melhor do jeito que ele **consertou**, para depois, quando nos encontrássemos novamente pudéssemos ver como ficou.

Nos encontramos outras quatro vezes, não mais preocupados em concertar o texto, mas empenhados em alargar as vivências já presentes no texto. Motivado por incorporar situações que ia lembrando e selecionando nos intervalos de tempo entre uma entrevista e outra, Paulo foi trazendo algumas novas situações principalmente algumas mais delicadas e difíceis de serem tratadas em situações formais.

A princípio, a ida para o seringal deveria acontecer em alguns meses, pois faltava ainda dedicar-se mais intensamente aos estudos da metodologia de História

Oral, bem como realizar algumas incursões pela semiótica, a fim de compreender melhor as tensões na passagem da oralidade para a escrita. Mas o seringal do Rio Ouro Preto - onde reside o grupo de seringueiros que fez parte deste trabalho - é de várzea. O que cria uma espécie de portal de tempo.

Por mais de seis meses a chuva se intensifica em toda Região Amazônica (ocorrendo diariamente), somando o degelo dos Andes a este fenômeno, o resultado é um período de sete meses em que o nível dos rios fica elevado, facilitando a navegação. No período restante do ano compreendido entre os meses de maio a setembro, as chuvas desaparecem completamente, favorecendo as queimadas, principalmente as criminosas. Este período do ano coincide com o inverno no hemisfério sul, interrompendo o degelo dos Andes, que deixa de alimentar grande parte dos rios da Bacia Amazônica, comprometendo a navegação de alguns rios, tornando alguns impraticáveis para o movimento de barcos de pequeno porte.

Por influência dos migrantes do nordeste que vieram para cá nos vários processos migratórios de ocupação da Amazônia (entre a segunda metade do século passado e a primeira metade deste) chama-se de **inverno** o período onde a umidade e a temperatura são mais elevadas, e portanto, de chuvas constantes. E o período em que as chuvas quase desaparecem de **verão**.

No verão alguns rios perdem até 12 metros de lâmina d'água, mesmo no caso de rios caudalosos como o Rio Madeira, a navegação fica muito prejudicada e em muitos trechos bastante perigosa.

O Rio Ouro Preto sofre influência desse fluxo, e no período do verão se torna bastante arriscada sua navegação visto que os encalhes são constantes pela formação de bancos de areia e da vegetação flutuante que avança sobre as águas do rio (chamada de colcha), que pode fechar completamente o rio, fazendo os motores dos barcos ficarem sob o perigo de quebra pelo denso volume de vegetação, com os galhos e folhas travando o movimento de rotação das hélices, além da grande concentração de arraias no fundo do rio, aumentando os riscos.

Por este motivo, aguardar ainda mais para partir, significaria correr o risco de subir o rio e só retornar para casa quatro meses depois; outra alternativa implicaria em aguardar mais um ano até o início do verão do ano seguinte. Assim a alternativa era uma só: ir a campo no mês de junho, correndo o risco de ter alguma dificuldade para sair da reserva. É claro que este receio não é compartilhado com os seringueiros que continuam a subir e descer o rio, só deixando de trafegar quando as condições se tornam muito desfavoráveis.

Outro motivo que encorajou a realização da viagem foi o fato de Paulo - uma das lideranças dos seringueiros e também minha referência de ingresso no seringal - poder me acompanhar no início do trabalho. Isto facilitou o ingresso na reserva, que por se tratar de reserva extrativista federal, acaba implicando em muita burocracia, a ponto de se ter que encaminhar para Brasília com enorme antecedência cópia do projeto a desenvolver, dando início ao processo de autorização. Estando acompanhado de seringueiro as exigências são amenizadas, decidindo-se a liberação entre a Organização dos Seringueiros de Rondônia e a associação local.

Como já havia realizado a entrevista com ele e com Zé Maria, a segurança em torno da metodologia de trabalho, principalmente no aspecto da experiência com **Cápsula Narrativa** (CALDAS, 1998, 1999) vinha sendo alargada e amadurecida.

Muito embora a entrevista com Zé Maria já estivesse acertada, uma vez que ele fora um dos primeiros seringueiros que conheci em Rondônia, ainda em 1991, Paulo reforçou que eu não deveria deixar de gravar com Zé Maria, pois:

- O Zé Maria conhece várias coisas ... praticamente órfão de pai ... foi criado por um padrasto que segundo ele tratou muito bem ... mas na verdade é diferente de você ser criado por seu pai legítimo. Trabalhou de seringueiro ... foi gerente de patrão ... comboiero e motorista de barco ... se tornou um líder e defensor da classe seringueira e com opinião própria. Na época ele era empregado mas resolveu sair do trabalho para entrar nessa luta.

- Ele conhece como é a vida da liderança e como é que é o poder público.

Mas o fundamental era a ida de Paulo, visto que fizemos a subida do rio, indo até a colocação onde estava seu irmão Walton que iria me acompanhar na realização das entrevistas. Assim, enquanto subíamos o rio até a colocação Boca Larga, Paulo foi parando nas colocações onde eu deveria entrevistar os seringueiros tendo o cuidado de me apresentar nas colocações, tomando para si a decisão de determinar quais seriam os seringueiros entrevistados sem que tivéssemos conversado sobre isto. As colocações ficam espalhadas ao longo do rio, geralmente se localizam na parte alta da margem para evitarem a alagação do inverno. Geralmente ficam na margem esquerda do rio, e distam horas de barco umas das outras. (ver carta-imagem da página seguinte com a indicação da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto e a localização dos colocações onde ocorreram as entrevistas).

(SUBSTITUIR ESTA PÁGINA PELO MAPA IMPRESSO)

Em cada parada que fazíamos, ele me apresentava a todos os seringueiros daquela colocação, dizia o que eu estava fazendo e deixava claro a quem deveria procurar, me levando pessoalmente para conversar rapidamente com meu futuro entrevistado, uma vez que moram várias pessoas ou mesmo várias famílias numa mesma colocação de seringa. Isto facilitou sobremaneira o contato seguinte, pois quando do meu retorno os seringueiros já sabiam o que estaríamos realizando, e alguns chegaram mesmo a dizer que ficaram pensando no que iriam dizer, possibilitando a eles as escolhas e a constituição do seu próprio texto.

As indicações que Paulo foi fazendo, enquanto subíamos o rio se pareciam com a estrada de seringa, ou seja, a seringa boa de dar leite é aquela que está formada, madura, que foi identificada e riscada anteriormente. Mas nem todas as madeiras são cortadas, nem todas as árvores são seringueiras e nem todas as seringueiras são boas de leite! Desta forma nem todos os que moram na reserva têm a alma de seringueiro.

As árvores novas são finas e sensíveis, sangrá-las significa leite por pouco tempo, em alguns meses elas não suportam e, se não morrem, passam o resto da vida sem verter uma única gota; as boas seringueiras já carregam consigo vários sinais, as camadas de cascas as protegem e indicam muitos anos de vida, de resistência e sobrevivência.

Mas, mesmo numa estrada de seringa nem todas são encontradas, ou as que estão distantes também são deixadas, talvez para outro seringueiro que virá mais tarde, em outro tempo abrindo outra estrada.

Paulo não explicou de imediato a escolha, porque a estrada de seringa não é explicada, é pesquisada, é construída, é aberta com o trabalho do bom mateiro, e por fim apresentada. Quando o seringueiro deixa a colocação e outro vem em seu lugar, o mais velho conduz o mais novo até a boca da estrada e mostra uma a uma a seringas. Assim como o velho seringueiro que ao passar pelas seringueiras bate nelas com as mãos, mostrando os seus sinais, dizendo suas qualidades, quantas cuias de leite rendem, Paulo em cada parada me dizia algo sobre cada morador.

A exemplo da estrada de seringa depois de mostrar a estrada o velho seringueiro vai embora, parte, deixando ao novo a tarefa da sangria, da retirada do leite. Paulo deixou os lamaçais, os igarapés, os lugares escuros, as feras, os cipós que agarram, dificultam e confundem, as cobras, o encanto dos pássaros, as sombras, os mistérios onde poucos penetram, e todas as armadilhas que podem nos fazer desviar ou encontrar a imensa multiplicidade de caminhos diferentes.

Outro aspecto importante no processo seletivo indicado por Paulo, foi o **apagamento** de toda uma comunidade. Na comunidade de Ouro Negro reside a família do presidente da Associação, cujas atitudes têm afastado os seringueiros da participação nas reuniões, além da falência administrativa, estando o prédio da sede da associação (que fica na cidade e serve como alojamento para os seringueiros) penhorada pela justiça para pagamento de dívidas; esta situação se agrava cada vez mais com o preço da borracha cada vez mais baixo. O resultado tem sido a desfiliação de muitos seringueiros descontentes, aumentando os desentendimentos, as dívidas, o abandono e a fragilidade do movimento.

Muito embora Paulo tenha feito menção a existência daquela comunidade, não quis parar. Este apagamento representa uma forma de resolver o conflito existente, colocando no esquecimento um tipo de comportamento que não deve ser alimentado, lembrado ou mencionado. Desta forma foi-se consolidando o grupo escolhido por Paulo tendo como pressupostos a relação familiar, de amizade e admiração que nutre por alguns, explicitando suas relações de afeto e afinidade como o caso de seu pai, seu irmão (Wanderley). Colocou neste grupo um número deles que tem histórias para contar, ou seja, dão a identidade ao grupo, dão sentido e conseguem significar o modo de vida do seringueiro, de tal sorte que os demais se espelhem na narrativa deles, se tornam referência discursiva para a comunidade, cujo contar ultrapassa sua própria significação para derramar-se sobre a narrativa dos outros, como exemplo de textos que se interpenetram, de significados que migram produzindo um amálgama discursivo para o grupo. Neste grupo Seu Nilo sempre surgiu como referências fortes tanto para Paulo como para Zé Maria.

Paulo insere aqueles que considera pessoas antigas, ou seja, aqueles que viveram a época dos patrões, que viram muita coisa estranha na mata e aqueles que passaram por muito sofrimento como Seu Davi, Seu Pedro. São seringueiros que não definem de forma incisiva o discurso da comunidade; não têm uma fala pedagógica como Seu Nilo que é capaz de fazer uma narrativa onde os outros possam ser incluídos. Nas aventuras e desventuras de Seu Pedro e Seu Davi não cabem muitos outros atores, eles falam de sua perspectiva, de sua singularidade de seu lugar discursivo, de sua colocação, da forma como significa cada canto de suas colocações, de um vivido que só poderia ter ocorrido na sua colocação.

Por fim, apresenta um quarto grupo que completa o amálgama; ele se constitui daqueles que participam diretamente do movimento de seringueiros, e assim como ele, estão todos preocupados com os problemas que afligem política e economicamente a associação. É deste grupo que se origina a palavra oficial do

movimento, a narrativa pública do movimento acabando por influenciar a operacionalização dos projetos voltados para questões como ecoturismo, a preservação ambiental, o sistema escolar, as demandas por infra-estrutura, as novas tecnologias e o saber local.

Deste núcleo, Paulo acreditava ter constituído um grupo diverso e representativo da vida do que acredita ser a diversidade de experiências de vida no seringal.

Paulo sempre procurava deixar claro que eu estava ali para escrever um livro sobre a vida do seringueiro contada pelo próprio seringueiro. Pedia a eles que contribuíssem porque seria importante que outras pessoas conhecessem a vida deles, além de deixar registradas suas vidas.

01 de junho de 1998.

De Porto Velho a Guajará-Mirim, o último município do Estado em direção Oeste antes da fronteira com a Bolívia, costuma-se gastar quatro horas, mas a condição da estrada nesse período do ano, após as chuvas é quase intransitável para motoristas que não andem constantemente por ela, pois a estrada é bastante irregular, a sinalização inexistente e os buracos muito grandes e profundos podem provocar capotamento. O resultado foi uma viagem de mais de sete horas e bastante desconfortável.

A sensação de incômodo piora, pois a viagem ocorreu durante a madrugada. Como a semana anterior fora cansativa acabei dormindo nos primeiros instantes da viagem. Mas os movimentos de desvio dos buracos ou até mesmo o forte impacto e os estrondos provocados pelo impacto dos pneus nos buracos da estrada acabou me tirando do sono, por vezes tive a sensação que caminhava para um campo de batalha em terreno minado, onde os solavancos e desvios bruscos que aconteciam a todo instante bem como os impactos se assemelhavam a explosões. Felizmente o ônibus não quebrou, como em outras ocasiões. Quando cheguei em Guajará-Mirim com os primeiros raios do sol, fui ao hotel tomar um banho, dormir não mais que uma hora e tomar café, para procurar Paulo e começar a preparar a viagem.

Antes de organizar a ida para o seringal, deveria conversar com a secretária de educação do município por conta da avaliação em andamento realizando um diagnóstico das condições das escolas que se situam no seringal. Na conversa, a secretária afirmou estar pessoalmente empenhada pelas escolas do seringal, pois sabia que as crianças não tinham culpa de estar naquela situação, como se a vida no seringal pudesse representar castigo às crianças. A conversa avançou por boa parte da

manhã, sem que necessariamente houvesse comprometimento mais sério por parte dela para com o elevadíssimo índice de analfabetismo no seringal que oscila em torno de 80%.

Paulo acompanhou este primeiro momento da discussão quando então fomos providenciar a compra de combustível, da alimentação, além de conseguir também barco que pudesse estar à disposição do trabalho (que pelo combinado já deveria estar programado). Nos encontramos novamente no final da tarde, ficando mais ou menos acertada a hora de saída: quatro horas da manhã do dia posterior. Até lá Paulo continuaria a viabilizar a nossa viagem e eu então retornaria à Secretaria de Educação para apanhar alguns documentos necessários a finalização do diagnóstico.

Andando pela cidade, há mais de quatro mil quilômetros do litoral, vi um *out-door* com um surfista e a seguinte inscrição: *BILLA BONG a marca mundial do surf.*

02 de junho de 1998

Dormi pesadamente nesta noite, e fui acordado por Paulo na madrugada dizendo que só poderíamos sair no dia seguinte, pois ainda faltavam algumas coisas para levarmos. Dormi novamente até o dia amanhecer e nos encontramos novamente para acertar os últimos detalhes da viagem e sairmos na manhã do outro dia.

03 de junho de 1998

Cinco e meia da manhã, começamos preparar o motor e a carregar os volumes para o barco, colocamos os cerca de 500 litros de combustível, a comida, as mochilas, a pequena lona, remos e panelas.

A alimentação básica dos seringueiros é farinha d'água e peixe; por vezes, quando consegue ir à cidade e vender algum produto para a associação ou nos mercados de Guajará-Mirim, retornam então com sal, óleo, macarrão, combustível, pregos, enfim, o que não conseguem retirar para subsistência da própria floresta. Assim, Paulo fez as compras que costuma fazer orientado pelos seus hábitos. O único abuso realizado foi comprar duas latas de goiabada, atacadas pelas crianças logo na primeira parada.

Pelo meio da manhã ligamos o motor e saímos pelo Rio Mamoré, que faz a fronteira Brasil-Bolívia subindo em direção ao Rio Ouro preto passando pela infinidade de barcos pequenos e grandes; pequenas canoas dirigidas por crianças, e gaiolas carregadas de banana, macaxeira, peixe e farinha. As muitas marolas de cada barco batiam nas margens do rio, tornando ainda mais barrentas suas águas,

os ruídos dos motores impediam freqüentemente de ouvir as revoadas de pássaros que cruzavam o rio a todo instante.

O forte e úmido calor amazônico começava a provocar sensação de cansaço e torpor. Deixando a pele constantemente molhada de suor, as narinas se enchiam do ar denso, aveludado, morno e adocicado, somente interrompido pelo cheiro de combustível queimado das embarcações, ou pelo odor acre de suor dos ocupantes dos pequenos barcos que lentamente passavam muito perto.

Com a chegada do meio-dia, das embarcações maiores chegam odores de peixes fritos e ensopados, e os acenos de cumprimento ocorriam com o prato fundo numa das mãos e a colher na outra. Dos sorrisos quase não se vêem os dentes, somente a boca cheia de farinha e os lábios engraxados do óleo da comida.

Neste trajeto, as duas margens do rio são ocupadas por pequenos lotes de terra e grandes fazendas de gado, eliminando as árvores, fazendo o olhar penetrar longe, provocando a incidência direta do sol e uma luminosidade que retira os contrastes das cores, tornando tudo muito ofuscado, dificultando a visão, tornando os tons de verde, marrom, azul e branco muito parecidos.

O calor continua cada vez mais forte, como já saímos do Rio Mamoré e entramos no Ouro Preto, onde o trânsito de barco é menor, resolvemos parar na margem esquerda (início da Reserva Extrativista), pois na margem direita fica a Reserva Indígena dos Pacaás Novos (local proibido pela FUNAI para os brancos). Fizemos fogo com alguns galhos encontrados, e comemos debaixo de sol forte uma panela de arroz com charque, que Paulo preparara no dia anterior, na sede da associação; o suor escorria fartamente pelo corpo todo e antes que voltássemos rapidamente ao barco para seguirmos em frente, Paulo recomendou que ao voltar para a cidade, no final do trabalho, procurasse seu pai para ser entrevistado:

- O meu pai é um soldado da borracha que veio ainda de menor na época da guerra ... veio na companhia do irmão dele como migrante. O navio que ele veio com os soldados da borracha na volta afundou ... era na época do fogo cruzado ... pra gente ele contava os perigos que atravessou na vinda.

- Vieram porque nos comentário ... aqui era o mesmo que ter uma árvore de dinheiro caindo folha e as pessoas puxando aquelas folhas de dinheiro com um ciscador ... aquilo iludiu milhares de nordestinos. Contava que cansou de ver aquelas filmagens do governo ... com as estradas de seringa que parecia uma bica ... a pessoa cortava e aquele leite ia caindo na estrada inteira e o camarada só ia defumando. Por dia fazia três pelas de borracha de cem quilos e no final do mês tava com três – quatro toneladas de borracha pronta ... vendendo e guardando o dinheiro dentro de caixas ... a filmagem de enganação foi feita para iludir os nordestinos. Vieram até pessoas de famílias nobres e filhos de coronéis.

- Meu tio veio pela propaganda que iam enricar!

- O soldado da borracha era pra ter sido aposentado como primeiro sargento do exército ... ele não foi pra linha de frente mas veio adquirir dinheiro pra poder o país enfrentar a guerra através da borracha que era o ouro. O dinheiro que veio pra indenizar os soldados da borracha o Juscelino se apossou e construiu Brasília todinha.

- Eles vinham um ano e no ano seguinte era pra ter passagem de volta. Choravam com vontade de voltar pra casa ... no meio desses tinha gente forte e gente fraca. Uns voltaram 20 anos depois ... outros até hoje lutam e não conseguiram voltar ... vão morrer aqui e se voltam já não encontram mais ninguém.

Chegamos no Pompeu, que funciona como porto de saída dos barcos de muitos seringueiros, pois chega-se até ela pela pequena estrada de terra que sai da periferia da cidade, muito embora seja possível chegar à cidade pelo rio. Nesta antiga colocação que agora serve como ponto de apoio encontramos Ricardinho, que cuida do rádio amador da associação que está quebrado há mais de um ano.

Preparamos macarrão com sardinha e lá pelas oito horas desço até a margem do rio para tomar banho, llumino o rio com a lanterna que seguro entre os dentes e não vendo nenhum jacaré aproveito para refrescar um pouco, tomando banho tranqüilamente. A distância entre a casa e o rio é grande e é unida pela pequena trilha na mata. Na volta caminho apenas com o luar, em alguns lugares a mata está bastante fechada. O cheiro doce, o canto de muitos pássaros e uma série de ruídos povoa aquele lugar aparentemente imóvel. O foco da lanterna não consegue penetrar muito, por causa das árvores e cipós, mas é possível ver a pequena paca que cruza ligeiramente o caminho.

O olhar não penetra mais que dois metros, a idéia do olhar predador estar nos espreitando pode ganhar sentido rapidamente, dado que a vida à noite na mata é muito mais intensa que durante o dia. Se durante o dia os seringueiros falam das feras e dos apuros, nas muitas caminhadas noturnas que fizemos esse assunto era francamente evitado, porque no meio da floresta não se pronuncia o nome da fera para evitar provocar o medo.

Os ruídos, os movimentos, a quantidade, a variedade de pássaros e outros bichos que se ouve à noite é muito maior do que durante o dia. Se por trás de cada ruído há uma boca, pode-se pensar que sejam pequenas e inofensivas, mas podem ser grandes; bocas têm dentes, presas que perfuram, mordem, dilaceram, rasgam, sangram e matam; bocas precisam de patas para caminhar, segurar, para agarrar e imobilizar; que por sua vez têm garras para ferir e dilacerar, as garras se unem a patas fortes, que são velozes, que não dão chances para sua presa; esse conjunto compõe-se de olhos atentos e impiedosos que nos perseguem, que aguardam

pacientemente o momento para o ataque indefensável, que fere de morte, e faz o sangue jorrar, que retira as forças dos pulmões, que faz os punhos retesarem em vão, que faz a vida de uns perder-se para que outros permaneçam.

Depois da comida, armamos rapidamente nossas redes e mosquiteiros, pois os carapanãs já incomodavam bastante; deitados conversamos um pouco até o cansaço e o sono vencerem definitivamente.

04 de junho de 1998

Na manhã, depois do bom banho, o copo de café fraco, doce e morno, retomamos a subida do rio, ele já baixou pelo menos três metros e continuará a baixar mais, creio que dentro de um mês, quando estivermos saindo, estará dois metros mais baixo.

A partir deste trecho, o rio afunila mais, se torna serpenteado, colocando o sol à nossa frente, por vezes atrás, ou ao lado, confundindo a direção que tomamos.

Antes de vir para a reserva, já havia realizado a primeira entrevista com Paulo e Zé Maria e já iniciara o trabalho de transcriação e por horas me pus a pensar nelas.

A narrativa do Paulo se parece muito com o rio. Ele procura dar sentido linear e cronológico a tudo, como o movimento das águas do rio, mas o movimento da narrativa parece encurtar caminhos, criando furos e rompendo as margens previamente definidas, liga assuntos correlatos e personagens, não respeitando o fluxo previsível da narrativa padronizada.

As freqüentes guinadas na narrativa de Paulo, que ora apontam para um certo desfecho melhor, mas que sofre mudança radical, impondo novamente sofrimento a tudo, se parece com o fluxo do rio, que avança lenta e vagarosamente, sem necessariamente apontar qual é o caminho para o mar, oscilando para um lado e para outro, como se fosse uma imensa serpente se contorcendo, de forma acentuada ou suave, escondendo galhos, pedras e perigosos troncos submersos.

O texto de Zé Maria se parece muito mais com a **estrada de seringa**. Ela começa quase sempre muito próxima a casa do seringueiro e o final fica muito próximo ao início, realiza movimento de hipérbole como pétala de flor; ele começa e termina sua história como seringueiro, começa e termina na colocação. E ao longo do seu relato ele vai colhendo, vai sangrando as vivências, somando-as lentamente naquilo que considera a vida e o trabalho em prol dos companheiros.

A quase totalidade das colocações de seringueiro fica na margem esquerda do Rio Ouro Preto, por ter área de terra firme maior, ou seja, durante o período de cheia, no inverno, esta área nem sempre chega a ser inundada.

Paramos na primeira colocação onde mora Seu Alfredo. Não se encontrava em casa, mas sua mulher foi chamá-lo na roça, que fica a quase uma hora de caminhada. Enquanto aguardávamos, Paulo disse que não paramos na colocação do Seu Nilo por que ele havia ido para a cidade, mas que eu deveria procurá-lo na volta, uma vez que deixara recado com alguns seringueiros que o localizariam e pediriam para ele retornar brevemente.

Há anos ganhei uma poronga do Zé Maria, feita pelo Seu Nilo, pessoa que não conhecia, apesar de conhecer seu trabalho.

- O Nilo é uma das pessoas que eu sempre vi que era interessante fazer gravação ... porque em conversar ele me contou desde que chegou os primeiros soldados da borracha aqui na região de Guajará-Mirim ... quando isso daqui ainda era do Mato Grosso ... ele tem um conhecimento geral de como foi a mortalidade de milhares de soldado da borracha e quando chegaram do nordeste pra cortar seringa totalmente desinformado de beribéri ... de onça e índio.

- A beribéri galopante com 24 horas o camarada tava morto e a outra caia os cabelos da perna ... se não tratasse também dentro de poucos dias morria ... mas essa galopante se desse podia cavar o buraco. Quando começava a dar muito não tinha jeito ... começava a cavar as sepulturas e ia enterrando ... cavando e enterrando ... enterrava um e já deixava outra aberta.

- Contou que presenciou pessoas mortas de flecha de índio. Na verdade era uma guerra ... quem colocava o seringueiro contra o índio era os patrão. O seringueiro ia explorando o seringal e aqueles que escapavam iam deixando o seringal aberto para os que viessem no próximo ano ... essas pessoas foram usadas como escudo.

- Eu pude chegar na seguinte conclusão: não sei qual foi a guerra pior pra escolher ... se enfrentar os campos de concentração da Segunda Guerra Mundial ou vim pro Norte fazer borracha pra defender o país da miséria. Acredito que era mais fácil ir pra lá porque a morte era mais rápida ... não vinha pra cá morrer de beribéri e enfrentar cobra e onça.

- Disse que muita gente morreu afogado ... ia querer cruzar o rio de um lado pro outro e não sabia remar ... alagava a canoa e morria. É muito triste a maneira como ele conta. É interessante que grave pras pessoas ficarem sabendo como viveu o soldado da borracha ... muita gente tem esse conhecimento mas não tem a habilidade pra contar aquilo tudo que viu.

Do meio da mata foi surgindo um homem baixo, muito magro, de roupas rasgadas e banhadas em suor. Imenso bigode que juntamente com as sobrancelhas franzidas davam ar de pessoa de poucas palavras.

Seu Alfredo foi chegando pelo meio do terreiro (arrastando uma das pernas acidentada há muitos anos), obrigando Paulo parar nossa conversa para dizer sobre

o trabalho que eu estaria fazendo, e que um dos recomendados para a entrevista era ele.

Apesar do semblante sério ficou contente com a notícia de Paulo, fez questão que tomássemos café com ele e sentando-se ao meu lado, colocando a perna manca sobre a outra com ajuda das mãos começou a falar de sua vida. Ficamos de nos encontrar na volta. Enquanto isso ele disse que ficaria pensando no que iria dizer. Nos despedimos e enquanto eu afastava a quilha do barco da terra firme para continuarmos a subir o rio Paulo me disse:

- O seu Alfredo é um homem trabalhador ... na época que eu fui diretor da associação ele foi uma pessoa que nunca deveu ... só não pagava se tivesse doente mas quando ele ficava bom voltava e pagava ... essas pessoas costumam sempre falar o que acham e fazem uma avaliação séria sem muita ilusão.

Subimos o rio e no final do dia, avistamos uma colocação ligeiramente diferente das outras.

Paulo alertou que iríamos parar ali pois iria me apresentar para Seu Manoel Areba:

- Ele é um seringueiro tradicional e filho de soldado da borracha ... teve oportunidade de servir o quartel e conhece muito ... porque a pessoa quando serve o quartel pega uma experiência na vida muito grande e também é um seringueiro que teve época que abandonou pra tentar a vida na cidade mas deu errado e voltou ... então com essas experiências de vida ele pode contar porque que optou por tá dentro da reserva.

As residências dos seringueiros são suspensas, como palafitas, em função das enchentes de várzea e para minimizar a entrada de insetos e outros animais. Nos esteios usam madeira resistente a água como a amargosa ou a itaúba, as paredes e o assoalho geralmente utilizam uma palmeira, a paxiúba, por ser muito resistente, facilmente encontrada e de fácil manipulação; a cobertura é feita do trançado aprendido com os índios com folha de inajá, outra palmeira que chega a durar mais de cinco anos.

Nesta colocação, havia ainda um pequeno galpão coberto de lona preta, mesa e alguns instrumentos de preparo químico da borracha. Paulo foi logo me apresentando a Seu Manoel e foi dizendo que ele trabalha com um tipo de preparo do leite da seringa em que ela já sai pré-industrializada da própria colocação. Disse que o seu Manoel teria muitas histórias além de ser bom conversador. Risonhamente disse pra tomar cuidado com ele porque costuma contar muita mentira, antes de irmos embora, pediu a Seu Manoel que me recebesse bem quando voltasse.

Seu Manoel foi apresentando um a um seus oito filhos, dizendo-se orgulhoso de cada um que ajuda na roça, na pesca ou no preparo químico da borracha. Tomamos banho e comemos peixe frito com farinha e macarrão. Fumamos cachimbo na beira do rio e ficamos conversando sobre o preço da borracha.

05 de junho de 1998

Acordamos com o primeiro sinal do dia, fizemos café preto que acompanhou o peixe frito com farinha e continuamos a jornada.

Chegamos na colocação Sapezal, para que Paulo falasse do trabalho com Seu Chico Eleotério. Enquanto subíamos o barranco deixou claro:

- O Seu Chico Eleotério é uma das pessoas que eu acredito que nasceu na vida do extrativismo da borracha ... não só cortando seringa mas quebrando castanha ... tirando poalha. Ele conhece muito aqui ... tem uma história muito boa da vida dele com certeza ... se ele lembrar por onde trabalhou ... os produtos que extraiu ... a dificuldade que ele teve pra criar uma família muito grande.

Com certa indiferença e fala muito preparada, com certo caráter oficial, Seu Chico nos recebeu na escada da casa e pensou que eu fosse assessor de algum órgão do governo, muito embora deixasse claro do que se tratava, manteve o discurso pronto e carregado de informações técnicas sobre o seringal e seu trabalho, chegando a dizer que a Comunidade de Sapezal era a mais importante de todo o seringal, porque até o helicóptero do governador já havia pousado aqui. Das coisas que fora dizendo de sua comunidade, tudo parecia muito artificial. O que dizia ser uma comunidade inteira não passava de sua família e o professor, ou seja cinco pessoas; para freqüentar a escola, as crianças vinham diariamente de barco ou caminhando pela mata de outras colocações, pois a escola fica nesta colocação.

Almoçamos por ali e seguimos para a colocação Floresta, onde moram cinco famílias. Seu Damasceno estava pescando na outra margem, Paulo acenou para que viesse, e enquanto a pequena canoa atravessava com esforço o rio, Paulo fora adiantando algo sobre ele, aliás, sempre fez isto ao pararmos em alguma colocação.

Seu Damasceno teria sido raptado por índios quando pequeno, onde passou muitos anos de sua vida. Agora já bastante velho e com a audição bastante prejudicada, falava pouco, mas em todas as ocasiões que nos encontramos, mostrou-se muito falante e muito paciente por tentar facilitar nossa conversa. Conhecedor de quase toda a reserva por ter sido mateiro e ter aberto colocação para vários seringueiros, muitos comentavam sobre sua vida, um grande mistério

sempre era acompanhado sobre os comentários que fazem de sua vida. Uns diziam que ele fora matador de índio, que gosta de morar só, que ajudou a dizimar a tribo que o raptou, e come até mesmo peixe cru. Paulo foi reforçando:

- O Seu Damasceno tem uma história interessante: foi pego quando criança pelos índios e levado pra aldeia ... foi criado até a juventude até que pode fugir pra civilização de novo ... sabe contar os dois lados: ser civilizado e o ser índio ... como o índio pensa. Que eu tenho conhecimento que ele foi um dos melhores mateiros dessa região ... tanto mateiro de rumo como de colocação.

Do barranco do rio foi surgindo um homem gordo e muito forte, de semblante leve, muito gentil e fala mansa, foi até sua colocação e veio com a garrafa de café se sentar no meio de nós. Seu jeito em nada se parecia com o personagem que vinha sendo construído pelos outros seringueiros com quem conversara anteriormente. Seu filho já com 18 anos e bastante forte, veio conversar. Muito paciente com o pai, ficou a me ensinar como me comunicar melhor com ele, pedindo para que combinasse voz alta e gestos.

Ainda nessa colocação fomos para a outra casa e encontramos um ex-diretor da associação. Durante sua gestão não só houve má aplicação de recurso de vários projetos, mas o caso chegou à polícia por desvio de dinheiro. Isto comprometeu muito a relação deles com ONG's que apóiam o trabalho dos seringueiros. As discussões durante aquele período foram duras, Paulo me disse que discutiram seriamente, mas enquanto estávamos por ali, todos conversaram muito e acabamos ficando para o jantar e dormir. Paulo acertou outra entrevista com o mais velho da casa, um senhor de 98 anos que não consegui saber seu nome, e fomos até a casa de Seu Pedro, que fica a uns 200 metros dali. Como tinha saído para caçar, Paulo conversou com sua mulher, Dona Lita, que ficou de passar o recado assim que ele chagasse:

- É importante entrevistar o Pedro que é um ribeirinho que nasceu nessa beira de rio e sabe contar muita coisa dessa região desde a época de criança ... quando o pai dele morava ali pelo poção do Pacáas Novos. Teve uma época que ele não cortava seringa ... morava como ribeirinho e vivia só da pesca.

Mas a atitude tomada anteriormente por Paulo me deixou intrigado: em outras ocasiões percebi algo parecido, vi vários deles que divergem bastante no trabalho da associação, mas no dia a dia tem relacionamento que não levantaria suspeita de qualquer desafeto. Boneco, que foi o primeiro presidente da associação dos seringueiros do Ouro Preto, vem causando muitos problemas para a Organização dos Seringueiros, freqüentemente é encontrado na sede da OSR, dormindo no alojamento, comendo, usando o telefone da OSR e isso não implica

em relação tensa. Parece que as críticas de trabalho, os problemas pessoais, se não são resolvidos pelos meios que costumeiramente os “militantes” fazem uso, muito embora não sejam esquecidas, não criam animosidade duradoura.

06 de junho de 1998

Quando acordamos ainda estava escuro. Como deveríamos andar muito, não fizemos nada para o café, apenas pegamos a panela com peixe frito para que comêssemos mais tarde no próprio barco.

Enquanto o barco ia subindo o rio, o sol esquentava cada vez mais, fiz anotações e comi peixe com farinha, Paulo só diminuiu um pouco a marcha para que colocássemos a panela no rio para conseguir água para beber. Pelo meio do dia chegamos ao **estreito**.

O estreito é um trecho labiríntico de quase três horas de percurso onde o rio se espraia muito, suas águas ficam rasas, raspando o fundo do barco constantemente, obrigando-nos vez por outra saltar do barco para desencalhá-lo. Navegamos ou nos arrastamos entre as árvores, cipós, folhas e galhos que batem no rosto o tempo todo, além de esconderem o céu completamente, trazendo a luz difusa cuja origem não é perceptível. Este emaranhado provoca atenção redobrada e confundem os sentidos.

Depois de alguns instantes dentro do **estreito**, a mim já não era mais possível saber o caminho. Às vezes percebemos o rumo pelo movimento das águas, mas Paulo que dirigia o barco não se confundiu uma única vez. Por este labirinto de chão móvel e vítreo, cujo céu é um cobertor verde, caminhamos entre árvores que sobem e cipós que descem esguios da altura superior a 30 metros. Esse pequeno mundo verticalizado só é quebrado por orquídeas e bromélias suspensas, dando a sensação de intermináveis fios vivos que unem o céu às águas. Cada seringueiro que passa por aqui subindo ou descendo o rio, contribui por abrir um pouco o caminho, que não passa por vezes de um metro e meio de largura. Assim, pequenas árvores golpeadas, cipós decepados e galhos cortados a golpes de terçado e machado ajudam a ir navegando/caminhando pela fina lâmina de água caramelada que traz o fundo do rio para mais perto, mostrando longas algas que se movimentam o tempo todo.

No rio aberto, o olhar se volta para as revoadas de papagaios ou o vôo solitário de uma garça, um manguarí, um mergulhão, uma cigana, um bando de biguás, um glou-coroado; mas por vezes um jacaré ou um bando de ariranhas se movem na margem, nivelando o olhar.

No estreito o olhar se move nervosamente para o fundo do rio em busca de bancos de areia ou troncos submersos que podem atolar ou cortar o fundo do barco, mas se dirigem também para a altura dos olhos em busca de galhos ou serpentes penduradas, fora isso, o olhar é mesmo rasteiro. O silêncio é inevitável, só quebrado com o aviso de algo adverso. Neste furo de rio (se continuássemos no leito normal levaríamos mais um dia de viagem) a desatenção pode custar caro, e o som dos pássaros fica muito próximo, geralmente bem acima de nossas cabeças. Neste átrio somos dispensáveis, meros coadjuvantes da natureza.

Na navegação normal o olhar é mais expansivo, busca o horizonte o campo vasto: o **studium**, o interior das margens do rio, quer penetrar, quer participar dos **gestos, dos cenários, das ações** (BARTHES, 1984: 46). No segundo quer desvendar, é mais introspectivo e defensivo, exigindo intuição e rápidos movimentos que devem resolver imediatamente o que fazer diante de um pequeno detalhe que pode desequilibrar. Se parece muito com a idéia de **punctum** que evoca **picada, pequeno corte, e também lance de dados** (idem).

Este furo não é o mesmo que os outros seringueiros fazem uso, este é o meu trajeto. Para o meu olhar representa outra dimensão, outra significação do mesmo lugar. Os outros seringueiros não o percebem assim, nem mesmo se me dissessem seria capaz de entendê-lo, porque para mim seria sempre recorte barthesiano, mosaico de outros lugares sugerindo um lugar dentro de outro. Eles passam por aqui uma infinidade de vezes, sob as condições mais variadas, em circunstâncias particulares que fazem com que o furo não seja o mesmo. Nem mesmo o furo de Paulo seria o mesmo dos outros seringueiros.

Ao sairmos deste enredado trajeto tomamos água e conversamos um pouco até chegar na colocação do Walter Negão.

Paramos num barranco muito alto onde fica a colocação do Walter e Paulo chamou por ele. Paulo e Walter conversaram no barco mesmo enquanto fui preparar café. Ainda tinha as imagens do **estreito** circulando pela cabeça e não prestei muita atenção ao que fora acertado, deixando a conversa com Walter para o retorno. Paulo chamou-me para seguirmos adiante, pois ainda teríamos longo percurso até a colocação Boca Larga, onde moram seus três irmãos. No barco Paulo comentou:

- O Walter é uma pessoa que conhece os dois lados ... ele não só trabalhou em seringa e até é novo na vida de seringa ... mas ele veio de São Paulo. Passou em diversos tipos de trabalho ... acredito que dá pra contar um pouco de cada coisa. O que acho mais interessante é porque uma pessoa instruída na vida que nem ele ... que conhece o lado bom e o lado ruim da vida decidiu ficar dentro do

seringal. Ele tem o conhecimento de uma pessoa que não só conhece a seringa. Ele já teve me contando que trabalhou com fazendeiros e grileiros ... ele conversou comigo muitas coisas mas não cabe a mim contar a vida dele ... ele é que tem que falar.

Ao passarmos por uma colocação abandonada na beira do rio, Paulo fez o retorno com o barco e paramos. Foi quando conhecemos Seu Davi. Calmo, de fala mansa e lenta é muito gordo e ainda não tem cabelos brancos apesar dos 63 anos, nasceu dentro do seringal e nunca freqüentou escola.

Ele, sua mulher e dois amigos que estavam de carona estavam almoçando. Do abrigo onde estavam só restavam os esteios em pé, somente uma parede de paxiúba ao fundo e um pedaço pequeno do assoalho, onde todos estavam sentados. O resto de fogueira soltava um filamento fino de fumaça branca que serpenteava para o lado. Duas panelas pretas com peixes fritos e macarrão avermelhado de colorau separavam os pratos e o saco plástico aberto com farinha d'água. Foram logo oferecendo a comida e Paulo não fez cerimônias. Pegou prato em nosso barco e serviu-se do peixe e do macarrão que pingava óleo. Paulo foi logo se dirigindo diretamente a seu Davi e marcou o compromisso.

Ele com o contorno da boca, peito e barriga brilhando do óleo escorrido do macarrão disse que poderíamos encontrá-lo pelo rio, uma vez que ele estava voltando para casa, e que pelos próximos oito dias deveria chegar. Mais interessado na conversa com Paulo do que em ouvir o que eu tinha para dizer, continuou a mastigar e falar com ele. Depois da comida Paulo começou a procurar café, que foi prontamente apresentado na garrafa térmica quase sem cor. Lavados os **apetrechos** de cozinha subimos o rio, enquanto os outros, sem pressa, terminavam de apagar o fogo e juntar novamente as coisas de volta para o barco, antes da curva do rio acenamos com o braço e Paulo disse:

- O Davi foi uma das pessoas que realmente cortou seringa desde menino ... trabalhou com todo tipo de patrão ... foi marreteiro ... foi seringueiro no toco e arrendado ... hoje trabalha dentro do Rio Ouro Preto e tem sua colocação: a Boca do Bicho. Foi de tudo na vida que diz respeito ao seringal.

Quando fizemos a última curva do dia, e apontamos a proa do barco para o barranco, era início da noite. Um grupo de homens estava conversando na margem do rio limpando os peixes fisgados há pouco. Ali mesmo Paulo puxou longa conversa.

O ar estava carregado de um misto de cheiro de mofo que vinha da mata, e um forte cheiro ardido e azedo vindo das macaxeiras submersas há mais de três dias num barco alagado ao nosso lado, como parte do preparo da farinha.

Enquanto desocupávamos o barco, Wanderley (um dos irmãos do Paulo) me olhava desconfiado, não se conteve e perguntou para Paulo se eu era o padre que vinha rezar missa pois ele ouvira dizer que um padre deveria subir o rio neste ano para fazer reza.

Uma longa fila mata adentro se formou com galões de combustível, mochilas e um saco com comida até chegarmos no grande e bem cuidado terreiro onde grande quantidade de galinhas perambulava. Bem no início ficava a casa de farinha com grande forno sendo preparado para o feitio da farinha d'água, um poço, uma casa de paxiúba e pequenas roças de mandioca nos separavam da floresta.

Colocamos as coisas no assoalho da casa e tomamos um copo grande de *chicha* acompanhado de bolo de macaxeira, o calor e a sede eram tão grandes que até mesmo o sabor fermentado e azedo da *chicha* passou desapercebido.

Paulo foi explicando o que eu estava fazendo, dizendo inclusive como devo proceder e o que vou dizer nas entrevistas. Enquanto os homens começaram a falar sobre as histórias que sabem e as aventuras que passaram, as mulheres recolheram os copos e foram para o pequeno coberto de paxiúba usado como cozinha, dando claras mostras que o que estávamos fazendo era restrito aos homens.

Isto me fez perceber que seria difícil fazer entrevistas com mulheres. Sempre que paramos, os homens procuravam os homens para conversar e as mulheres ficavam alguns instantes, para observar a conversa e sob o pretexto de passar um café iam para a cozinha de onde vinham rapidamente para deixar a garrafa térmica e retornavam.

Paulo diz a todos que não poderá ficar o tempo todo comigo, pois terá que devolver o barco em quatro dias, obrigando-o a partir no dia seguinte. Explica que as entrevistas não se resumirão a um único contato, mas que eu deverei voltar com todas elas já transcritas no papel para que possamos ler e decidir como deve ficar o texto, podendo posteriormente modificá-la se acharem que não ficou bom. Disse também que até eu retornar ninguém mais iria ouvir a gravação:

- Vai ser um trabalho realizado entre vocês e ele.

Depois, reservadamente me recomendou entrevistar seu irmão Wanderley:

- O Wanderley é um camarada que conhece várias coisas ... por ser novo trabalhou na cidade em mineradora e como seringueiro ... como ajudante de pescador ... como mateiro e serrador ... ele sabe contar a diferença de cada trabalho que atravessou e qual vai escolher de agora pra frente. Quando se conhece vários trabalhos a gente escolhe o que é melhor!

Acertou ainda que a comunidade emprestaria outro barco para que seu irmão Walton pudesse me acompanhar.

Comemos caldeirada de peixe com farinha, conversamos muito e fomos dormir. Apesar do cansaço, não consegui dormir esta noite, pois o luar tomava o terreiro e iluminava completamente a rede que eu estava com forte clarão prateado, além disso vários galos cantaram boa parte da noite. Depois das duas da madrugara, dois dos filhos do Edmundo com febre e tosse choraram muito e pediram água aos pais mas não foram atendidos, fiquei muito incomodado e só não fui atender as crianças porque suas redes estavam entre a dos pais. Mas aquela lamúria rouca e sofrida dos garotinhos me incomodou bastante. Por volta das quatro horas da manhã outras crianças acordaram e vieram brincar embaixo da minha rede, o que me garantiu a possibilidade de ver o trajeto da lua, o resto da madrugada bastante estrelada e ainda acompanhar os primeiros traços da manhã chegando com o céu mostrando-se roxo, vermelho, alaranjado e por fim azul.

07 de junho de 1998

Ainda estava escuro, mas fui para a beira do rio tomar banho, na volta enquanto todos iam acordando, as mulheres foram acender o fogão, a conversa foi surgindo juntamente com o movimento do machado rachando lenha para o café e para o forno da casa de farinha. Paulo foi se juntar a Wanderley, Walton e Edmundo, seus irmãos e Seu Manoel (um velho índio que ajudou a criá-los, e que ainda tem muito vigor para o trabalho) para arrancarem ainda mais mandioca para preparar farinha.

Wanderley ao perguntar se iria entrevistar Seu Damasceno foi dizendo que ele fora raptado pelos índios quando menino e morou com eles até vinte e poucos anos, chegou a se tornar Tuchaua quando conseguiu fugir, se tornando então seringueiro. Como seringueiro, à mando do patrão, voltou pra sua tribo e matou todos, inclusive sua mulher e filhos.

Pelo meio da manhã, fomos desalagar o barco que eu iria usar no trabalho, retiramos do rio e o colocamos virado, para que no dia seguinte, já seco, fosse iniciado o trabalho de calafetagem. Aproveitamos e subimos o rio, com outro barco, até a comunidade de Petrópolis, antigo cemitério.

Quase todas as colocações ficam nas baías, onde a pesca e os jacarés abundam. Também é a morada da cobra grande, que faz grandes locas nas suas águas paradas. Da entrada da baía foi possível ver o telhado alto de zinco que destoa dos demais. É antigo barracão dos anos 50 já quase todo destruído, herança

dos seringalistas, um depósito onde se compravam as pelas de borracha dos seringueiros e se vendia o rancho para os seringueiros. Grande parte das brigas e mortes eram tratadas e conspiradas nos terreiros dessas imensas casas de madeira com cobertura de folhas de zinco e esteios feitos de árvores inteiras com mais de um metro de diâmetro.

Chegamos para o almoço e Paulo já foi pegando prato para se servir do peixe e farinha. Apresentou-me Seu Fernando e novamente explicou o trabalho que eu iria realizar.

Apesar de ter nascido na cidade de Guajará-Mirim, Seu Fernando não freqüentou escola; de semblante bastante envelhecido apesar dos quarenta e dois anos e poucos dentes na boca, ouviu atentamente e aceitou, abraçado com dois dos sete filhos que tem. Disse estar preparando a nova cozinha para a casa e como estava fazendo o trançado de palha para o telhado, sua casa estava parcialmente descoberta, então colocamos nossas coisas na escola da comunidade, visto que a professora não se encontrava na comunidade; aliás, este é um problema freqüente nas escolas do seringal, os professores passam de dez a quinze dias na cidade com a justificativa que precisam receber salário.

Como não há nenhuma fiscalização por parte da secretaria de educação, muitos deles ficam na casa de parentes retornando para o seringal somente quando o salário acaba, pois a exemplo dos seringueiros que conseguem sobreviver com pesca, os professores passam os dias alternando as aulas das crianças com a pesca. De sete escolas que passamos até agora somente em uma foi possível encontrar o professor em aula, nas demais há pelo menos quinze dias os alunos estavam com as aulas suspensas.

Atamos nossas redes no barracão semi desabado, improvisado para escola e conversamos um pouco mais com Seu Fernando enquanto ele, a mulher e os filhos iam trançando as folhas do sapé no terreiro. Pelo final da tarde descemos o rio em busca de um bom lugar para pescaria, onde garantimos o farto jantar.

Nesta colocação deveria estar funcionando um dos quatro radioamadores que a associação adquiriu de projeto internacional, mas como não teve manutenção, somente um deles está funcionando em condições que quase não é possível se comunicar, freqüentemente é possível interceptar a comunicação de madeireiros organizando derrubadas, negociando preço de madeira, ou ainda discutindo transações futuras ou derrubadas em organização. Do rádio desta comunidade foi possível encontrar somente o captador solar preso ao sapé do telhado da casa.

Como o luar iluminava o terreiro a nossa volta e desenhava o contorno das árvores, fui até o cemitério, entre o barracão e a casa do Seu Fernando onde afirmam que mais de três mil seringueiros foram enterrados. O que restou deste antigo **Campo Santo** foram somente algumas cruzes de madeira e ferro já muito apodrecidas e fincadas diretamente na terra. Umas poucas cruzes de madeira pintadas ou descascadas dão a impressão de enterros mais recentes, o foco da lanterna consegue iluminar algumas inscrições de 1994 e 1998.

08 de junho de 1998

Na manhã, após o copo de café e peixe frito com farinha seguimos de volta, No meio do caminho pescamos para garantir o almoço e o jantar de hoje. Enquanto jogávamos a linhada n'água, Paulo foi dizendo:

- É importante entrevistar o Fernando porque é outro que nasceu e se criou dentro de seringal ... o pai e a mãe era tudo seringueiro e como a tradição dele diz respeito ao objetivo do trabalho ... acho vale a pena conversar porque onde ele vive já foi barracão.

Na chegada, limpamos e desocupamos o barco de alumínio para que Paulo pudesse iniciar seu retorno. Nos despedimos, quando lhe passei o último tambor de combustível me disse:

- Acredito que essa oportunidade que o seringueiro vai ter não é qualquer pessoa que tem ... porque tem tanta gente que tem muitas coisas interessantes pra contar ... mas é uma coisa muito rara ter alguém que vai escrever as histórias daquela pessoa ... essa é a primeira vez que isso acontece no seringal ... por isso eu fiz de tudo pra passar pela casa de todos eles.

Percebo que Paulo compreendeu parte do que estou me propondo a realizar; a relação que vou estabelecer, diferente da vivenciada na relação dos seringueiros com os pesquisadores ou consultores. Uma relação de não objetificação, para permitir falar, permitir decidir o que dizer. Poder ter a oportunidade de falar sua história que é individual e coletiva ao mesmo tempo.

Paulo se foi, e eu fiquei a espera do barco, prisioneiro do tempo amazônico.

Minha expectativa é que também pudesse subir o rio ainda hoje, mas o barco ainda não fora consertado, penso que amanhã ele será preparado e então estaremos partindo.

Com as panelas e pratos no chão da casa, sentamos no assoalho, em volta das panelas para almoçar, pelas frestas da madeira era possível ver a terra mais em baixo, onde se concentravam patos, galinhas e cachorros disputando as migalhas que caíam. Enquanto comíamos, as espinhas de peixe e alguns grânulos de farinha que foram atirados pelas fendas do assoalho eram prontamente disputados pelos bichos. A conversa em volta das panelas, era misturada aos latidos, piados e

barulhos de asas. Enquanto olhava atentamente para os pratos que estavam no chão em busca das pequenas espinhas dos peixes separando minuciosamente a carne com a colher ou com os dedos, o olhar era por vezes, desviado para as frestas com o movimento dos bichos.

No jantar da noite anterior, já havia percebido algum tipo de movimentação em baixo do assoalho enquanto jantávamos, mas como a luminosidade das lamparinas de querosene não tinha forças para penetrar nas frestas, percebi que os ruídos eram semelhantes aos do almoço, o que me fez crer que novamente patos, galinhas e cachorros estavam à espera das migalhas bem em baixo de nós.

As noites têm sido longas e iluminadas pela lua. Uma grande variedade de pássaros grita, grasna, chia e assobia toda a noite em meio a macacos que guincham aos bandos.

Os filhos do Edmundo continuam muito doentes. Tossem e choram muito durante a madrugada sem que alguém os acuda.

Pude perceber que valorizam sobremaneira os filhos, muito embora passem boa parte do tempo reclamando deles e ralhando, é como se ocupassem a solidão e o silêncio com o que eles fazem. Raramente vi qualquer demonstração de afeto e carinho entre adultos e crianças, muito menos entre os adultos. Um dos filhos do Edmundo, que tem cinco anos não fala uma palavra sequer, mas imita galos e patos com perfeição, pois com eles passa a maior parte do tempo. Os adultos só se dirigem ás crianças para dar ordens; e mesmo quando brincam elas pouco se falam entre si, suas brincadeiras são geralmente solitárias, andam pelo terreiro o tempo todo, mas não tem o hábito de falar.

A escolarização dos filhos é algo que preocupa muito as famílias. Por vezes, mais do que o próprio preço da borracha, a garantia de acesso à escola têm feito muitas famílias deixarem o seringal. Quando não se mudam para comunidades que tem escolas, acabam por enviar seus filhos para ficar na casa de parentes na cidade, que nunca mais retornam. Há muitos anos atrás, muitas famílias migravam para a cidade, mas é recorrente a idéia que as famílias que vão para cidade, acontece uma desagregação geral: o pai passa a beber, a mãe arruma outro marido, as filhas se tornam prostitutas e os filhos se drogam. Isto tem se tornado tão forte no meio deles, que tem gerado medo muito grande de se mudarem para a cidade.

09 de junho de 1998

Logo no início da manhã fui ver a roça de mandioca que o Wanderley está preparando dentro da mata. Aproveitei para conversarmos sobre o concerto do barco e a entrevista que iríamos fazer.

Retornamos pela hora do almoço, o calor era muito intenso, o corpo estava cansado e encharcado de suor, uma galinha ensopada com farinha nos esperava. Depois de comermos, enquanto as mulheres deitaram no assoalho para tirar um cochilo, as crianças se embrenharam pelo mato para brincar. Aproveitei e fui até o rio tomar banho, bem a minha frente um casal de botos faziam belos movimentos sincronizados como casal enamorado que repete os passos e os movimentos para que possam ficar juntos. Saindo ao mesmo tempo com o corpo quase todo para fora da água, os dois pareciam brincar de deslizar fazendo movimento de costura entre o ar e o rio, parecido com a agulha que minha avó usava nos remendos das minhas camisas, unindo o tecido rasgado ao pedaço de pano nem sempre igual. Armei a rede na beira do rio, deitei e olhando para os botos fui sendo envolvido por aquele suave movimento de entrar e sair da água, comecei a ver os dedos ágeis da **Nona** desenhando os mesmos movimentos repetitivos. Senti-me como se estivesse deitado sobre o saco de retalhos da casa sem forro de Rio Claro. Os olhos foram ficando pesados, o trançado dos galhos das árvores foram ficando mais e mais parecidos com as ripas e telhas da velha casa da avó e apesar de sentir o suor aumentando no peito, dormi profundamente por uma hora.

O sol começava a inclinar-se, deveria ser quatro da tarde, mas o calor continuava sufocante, a ferrada dos piuns começou a intensificar, acordei e subi de volta para a casa. Edmundo tinha ligado o rádio para alegrar o resto da tarde, ouvimos fitas de Amado Batista. As mulheres e os homens já pararam de trabalhar há muito e estão todos sentados no assoalho, ouvindo silenciosamente cada música. Durante esse tempo fiz anotações e ouvi uma das letras que dizia: *À noite procurei minha namorada e ela estava num bordel, perto do inferno longe do céu.*

Seu Manoel chega da mata onde fora buscar o caucho que será utilizado no preparo da calafetagem de amanhã.

Com o final do dia, começa o movimento em direção ao rio para o banho, primeiro vão as crianças que sabem banhar-se sozinhas, depois as crianças menores e as mulheres, e por fim, individualmente os homens.

10 de junho de 1998

Cedo fomos ver o barco e iniciar os preparos para calafetá-lo. Todos resolveram dedicar o dia ao concerto do casco. Seu Manoel, já está bastante velho, filho de índios, raptado por brancos quando pequeno, e seringueiro a vida toda, quase sempre morou com a família de Paulo, ajudou a criar todos os seus irmãos. Seu Manoel era o mais entusiasmado, não fala quase nada, com quase ninguém, mas tem o respeito de todos eles. Acorda sempre muito cedo e vai pescar, quando todos estão tomando café, ele sempre traz peixes. É bastante lento no trabalho, mas nunca está sem fazer nada. Foi ele quem trouxe a lenha e fez o fogo ainda de madrugada, para derreter a mistura de breu e caucho, um tipo de látex. Trouxe o sisal e foi desamarrando e cortando um pequeno pedaço para fazer a mexa na ponta de um galho para embebedar como pincel na mistura negra que foi aos poucos fervendo. Neno ficou atento à mistura, colocando ora leite de sorva, ora pequenos flocos de breu moído. Edmundo, Wanderley e eu estávamos colocando o sisal retorcido em forma de trança nas frestas do barco, batendo com a cunha e o grosso pedaço de madeira que serviu como martelo.

A conversa mais animada gira em torno de caçadas e andanças pelo seringal. Seu Manoel lento e atento sorri sempre e muito sem nada dizer, mas não tira os olhos da lata que está no fogo. A fina fumaça transparente sobe vagarosamente desenhando movimentos serpenteados até desaparecer nas copas fechadas das árvores, deixando forte cheiro defumado. Lentamente o **toc-toc** vai empurrando o sisal, que vai fechando as fendas. O dia foi chegando ao fim e a primeira demão daquela fervente gosma emborrachada começa a ser espalhada no fundo do barco, formando listas pretas nas frestas da madeira vermelha. Quando a mexa embebida toca o sisal, a pasta preta ferve penetrando bastante.

O banho de hoje teve que ser mais demorado, pois o cheiro de fumaça impregnou bastante no corpo e nas roupas. Aproveitei para lavar as camisas que aguardavam oportunidade e vontade.

11 de junho de 1998

A noite passada pareceu mais curta, não vi quando a lua se escondeu atrás das árvores, mergulhando no rio.

Depois do café com peixe frito, voltamos todos para ver o barco. O arrastamos até a margem e lentamente foi mergulhando no rio. Lentamente por muitos pontos a água foi tomando o fundo. Com muito esforço ele foi retirado e novamente virado. Com pregos grandes e enferrujados, foram cutucando o sisal,

retirando longas tiras, para serem reforçadas. Seu Manoel foi trazendo a lenha novamente e Neno retomou o preparo da negra mistura. Novamente o silêncio da mata foi ocupado pelo **toc-toc**. A mecha de sisal embebida desenhou novas listas, reforçando o movimento nos pontos mais frágeis.

Sobrou tempo para olharmos o motor. Um velho motor estacionário, adaptado com um cano, feito um rabo, daí o nome de **rabeta** com a hélice na ponta. Bastante velho e cheio de arames segurando mangueiras, tinha uma cunha de madeira na boca do tanque para não entrar água, aos meus olhos ele parecia pronto para o ferro velho, mas eles se deram por satisfeito, apenas Wanderley ficou de trocar a vela que falhava muito e a palheta com rachaduras bastante acentuadas provavelmente seja trocada.

O motor que será usado é bastante comum, de mecânica simples e robusto, continua funcionando mesmo que faltem peças. Cheguei a ver vários deles com grandes vazamentos quase desmontados funcionando bem. A potência dele é dez ou vinte vezes menor que o motor que me trouxe até aqui, isso significa que deveremos demorar quase um dia pra chegar à próxima colocação rio acima, que é a colocação do seu Fernando.

12 de junho de 1998

Depois de um bom copo de café preto com peixe re-frito, fomos ainda cedo para colocar o barco novamente na água, e ainda encontramos alguns pontos em que a água entrava bastante. Novamente as tarefas e as conversas foram reiniciadas. Este já é o terceiro dia que todos se dedicam ao barco, deixando seus afazeres. E mais um dia foi **consumido** ou **perdido**.

O trabalho nas colocações é rigorosamente dividido de tal sorte que, por vezes, um ou outro membro da família acaba sobrecarregado. Há uma tarefa em torno da pesca que é comum a homens e mulheres: a limpeza e o preparo do peixe, que acontece na beira do rio. A pescaria pode ser realizada por mulheres, desde que elas estejam sós ou acompanhadas de outras mulheres.

Quando os homens chegam cedo da pescaria, eles mesmos se incumbem da tarefa, caso cheguem tarde, as mulheres assumem a responsabilidade de limpar os peixes. O preparo da mandioca, o feitio da farinha e a derrubada, são atividades masculinas, já o preparo da roça e plantio fica com as mulheres.

A cozinha e o preparo dos pratos de cada um é de responsabilidade das mulheres, assim como a lavagem das roupas e dos utensílios de cozinha. A extração

da borracha pode ser desenvolvida pelas mulheres, mas é geralmente restrita a duas situações: viuvez ou doença do marido.

13 de junho de 1998

O barco volta para a água. Em pequenos pontos a água teima em entrar, mas eles disseram que estava bom, e aquela água que entrava, ajudaria a madeira a intumescer e com algumas horas o problema estaria quase resolvido. Alertaram-me que seria bom levar uma lata para que durante o trajeto alguém fosse esgotando a água que fosse acumulando no fundo do barco.

Lavamos o barco, instalamos o motor e fomos pescar.

Tenho chamado a atenção deles há vários dias para um dos cachorros que está mancando, uma de suas patas com enorme furo onde se vêem vermes se movendo. Seguramos o cachorro e com palitos tiramos dezenas de larvas, depois eles pegaram óleo diesel e jogaram na pata do bicho e o soltaram, dizendo que isto mataria as larvas restantes.

Enquanto jantávamos e mesmo depois, todos me olhavam com certa expectativa, e provocavam uns aos outros para falarem sobre suas histórias, mas todos tinham clara a recomendação deixada por Paulo. Pela afinidade que tem com o irmão mais velho, e pela conversa mais séria que manteve com ele reservadamente, quem deveria gravar era Wanderley.

14 de junho de 1998

O cansaço desses dias todos me fez acordar mais tarde: seis da manhã, Walton já estava preparando o barco para iniciarmos a subida do rio e as entrevistas. Tomei rapidamente um copo de café com caldeirada de peixe e farinha. Preparei minhas coisas, e fomos embarcar o combustível. Conosco vai Arlete, esposa do Walton.

Paulo acertou antecipadamente o valor das diárias que devo pagar ao seu irmão, uma vez que ele vai deixar sua roça pelo restante do mês.

Nove horas da manhã o barco já estava preparado e fomos almoçar: arroz, feijão e farinha.

Instantes depois o barulhento motor rabeta começava a nos levar rio acima.

Quando fomos com Paulo até Petrópolis, o velho Smith que vinha descendo o rio pediu informações sobre o dinheiro que estava vindo para a associação. Hoje, novamente Smith nos parou e pediu as mesmas informações para Walton. Disse que tinha pressionado Paulo e posto o gerente do banco que estava com ele no barco pra correr. Por sinal quem estava com Paulo neste dia era eu. Primeiramente fui

confundido com o padre por Wanderley, e agora com gerente de banco. Paulo me dissera para não entrevistar o Smith porque ele é muito retraído, muito calado, só costuma falar, e muito, quando está embriagado. Numa dessas ocasiões disse que na sua colocação costuma brigar com visagem, com a visagem do padre que morreu naquele lugar.

Os projetos comunitários, envolvendo diversas famílias, ou o trabalho em grupo, quase sempre não são bem vindos. Wanderley morou alguns meses em Petrópolis, queria fazer mutirão para construir casas para todos, para fazer o roçado, para fazer o plantio, para juntar a borracha e vender; mas isso não foi bem aceito pela comunidade que acabou criando clima bastante desfavorável à sua permanência naquela colocação gerando o que ele chamou de **greve** para que ele fosse embora.

Continuamos a subir o rio em busca do Seu Davi, que mora na Boca do Bicho. Isto significaria mais três dias rio acima. Paramos numa colocação abandonada e dormimos bem cedo, o sol mal tinha se posto.

15 de junho de 1998

Retomamos bem cedo a subida do rio. O barco estava com muita água, esgotamos e secamos o que estava molhado, comemos arroz e feijão e partimos. No fim da tarde, depois de comermos feijão e farinha no próprio barco, vimos o barco dele parado na colocação Sepetiba.

Nesta colocação além da escola (que nos serviu de alojamento), cujo professor também se encontrava na cidade, existe o pequeno posto de saúde com um agente treinado da própria comunidade.

Novamente descarregamos o barco e esgotamos a água.

Enquanto isso, seu Davi retornou ao barco para também descarregar suas coisas, e acertamos que nos próximos dias estaríamos gravando nossa conversa.

Subindo o rio já há oito dias, ele só iria partir daqui quando sua mulher tomasse uma bateria de injeções diárias que ele trouxera da **rua**, o que levaria pelo menos uma semana.

Enquanto ele rachava lenha na sombra da floresta, combinamos pegar o barco e baixar um pouco para pescarmos até o início da noite, quando a pesca de surubim é mais favorável. Nossa primeira conversa gravada ficou para depois do jantar.

Quando retornamos comemos macarrão, farinha, feijão e peixe frito.

Passados quatorze dias comendo somente com colher senti pela primeira vez certo desconforto por isso.

Durante o jantar Seu Davi disse que poderíamos marcar para o dia seguinte nossa conversa, enquanto os outros falavam muito sobre um dos jogos do Brasil que iam assistir, porque como haviam chegado dois barcos, poderíamos retirar do tanque alguns litros de combustível para alimentar o pequeno gerador que a comunidade usava para o rádio amador, que funcionava por poucas horas. Foi então que notei que havia uma pequena TV.

16 de junho de 1998

Pela manhã fomos pescar, trouxemos um surubim de 20 quilos e aproximadamente trinta piranhas muito grandes com quase um quilo cada.

O almoço foi bastante farto, outras duas famílias que moram em Sepetiba vieram comer os peixes e trouxeram arroz. Encontrei um pequeno pé de pimenta perto do rio. Amassei duas, misturei com arroz e comi. Foi o suficiente para me despertar o apetite, depois desses dias todos comendo peixe frito ou caldeirada com farinha ou macarrão, a pimenta veio trazer sabor diferente à comida.

As opções de carnes de caça e peixe são bastante variadas, mas o tempero utilizado é sempre o mesmo. Em peixe se usa sal se for frito e acrescenta-se colorau se feito caldeirada, nas outras carnes como macaco, veado, porco do mato, paca ou aves acrescenta-se pimenta do reino; o macarrão leva sempre sal, colorau e muito óleo. Quando se come farinha, por ter acentuado sabor azedo, ela acaba encobrindo o sabor do que acompanha, predominando seu sabor e aroma acre.

A caldeirada de peixe tem sabor delicadíssimo dado o uso do peixe fresco e o caldo fino, de coloração levemente rosada e sem personalidade própria, que pode levar raramente alguns talos de cebolinha, acentuando a textura do peixe, que devido o pouco cozimento sua carne toma a consistência de um manjar com toque aveludado. Quando se acrescenta a farinha, o sabor da caldeirada e do peixe acabam por desaparecer por causa paladar acentuado da farinha.

Todos os pratos de carne têm o mesmo acompanhamento da farinha que é armazenada e servida em latas ou sacos, cabendo a cada um fazer o fundo do prato com aquela massa. A farinha d'água é geralmente dura, e por causa dos caroços grandes que forma, não deve ser triturada com os dentes; quando isso ocorre, os grânulos grudam nos dentes impedindo a mastigação. Quando a farinha é nova e mais macia o seu sabor e aroma se acentuam ainda mais.

Quando sobre a farinha d'água é colocado o caldo do peixe, ela amolece e intumesce o suficiente para tornar o caldo grosso e consistente formando o pirão que mata a fome.

Passado meio mês de trabalho de campo, estou com o corpo bastante dolorido por ficar sentado sem apoio para as costas quer no barco, quer nas colocações e por dormir em rede esse tempo todo.

Deveria gravar a entrevista com seu Davi nesta tarde, mas peguei muitos micuins e passei parte da tarde retirando-os do corpo, além disso aproveitei também para lavar minhas roupas. Porém o motivo maior é que haveria jogo do Brasil na Copa do Mundo na França, e com nosso combustível, seria possível gerar energia para a TV.

Na hora do jogo, a TV foi levada para a escola, onde sentamos todos nas carteiras dos alunos. Todos olhavam incomodados para o relógio. Dezesseis horas **em ponto** o gerador foi ligado no terreiro e imediatamente a TV funcionou. O jogo havia começado há alguns minutos e a atenção foi grande. Ao término do primeiro tempo, a mulher do Aparecido desligou o gerador que só voltou a ser acionado quinze minutos depois, quando do reinício da partida, para economizar combustível pois ela gostaria que sobrasse um pouco para que pudesse ver novela à noite. Assim assistimos o Brasil derrotar por três a zero o ingênuo time de Marrocos.

Sem qualquer demonstração de euforia, saímos da escola e ficamos conversando, enquanto as mulheres iam para a beira do rio tomar banho. Sobre o jogo não observaram nada, mas o comentário generalizado entre eles afirmava que na **rua** (na cidade de Guajará-Mirim) estaria acontecendo a grande festa pela comemoração da vitória; todos estariam bebendo, caindo, dançando e soltando foguetes pela cidade. Estavam certos da grande **festança**, dos carros e pessoas circulando com os policiais **sentando peia nos bêbados**, e que com certeza todo o festejo iria até a madrugada.

Quando fui em direção ao rio para o banho, me alertaram para a ocorrência de pequenos jacarés que estavam rondando a baía atrás de dois patos selvagens e por isso estavam se aproximando bastante do local de banho. Prendi a lanterna na boca e fiquei iluminando o tempo todo a água ao meu redor.

O jantar foi muito bom, acompanhado das pimentas, comemos caldeirada de surubim, cuja carne é muito branca e quase gelatinosa de tão macia. Consegui comer farinha seca, que me foi oferecido pela dona da casa. De sabor mais neutro, sem aquela ocorrência acre, o sabor e a textura do peixe se impôs soberanamente

preenchendo na boca os espaços dos grânulos da farinha. Comi fartamente até ficar **suando em bica**.

A noite estava bastante agradável, creio não ter ultrapassado trinta graus, e nem mesmo havia muitos insetos perturbando. Como todos estavam na escola assistindo TV com o resto de combustível do jogo, fui até o pequeno paiol abandonado, onde se alojara Seu Davi com sua mulher. Sentei-me ao seu lado e enquanto terminava de comer galinha de capoeira com farinha, ficou me ouvindo falar do projeto. Pediu café, e ali mesmo começamos a conversar vendo o braseiro da boca do fogão ir se apagando lentamente.

Ele iria ficar vários dias nesta colocação até que sua mulher completasse a série de injeções compradas na cidade para combater o câncer no seio (já em estado muito avançado) que fora diagnosticado somente há poucos dias. Preferiram subir o rio para tomar a medicação neste posto de saúde por estarem mais perto de casa e por estarem mais confortáveis aqui. Apesar de falante, ela respirava com dificuldade e sua voz estava bastante rouca.

Eu ainda estava retirando as fitas do bolso quando ele começou a falar.

No princípio ficou nitidamente **escolhendo** algum caminho narrativo enquanto ia falando, ficava claro que estava organizando sua fala pois falava com muita lentidão e sem envolver-se, mas rapidamente foi alargando o discurso, falando com mais segurança, além de dirigir o que dizia, dando a ênfase e o conteúdo que pretendia.

Fui me impressionando com a agilidade e amplitude textual moldada paulatinamente, Na medida em que ia tecendo o discurso, tornava-o cada vez mais complexo, orgânico e vigoroso. Nada linear, e bastante labiríntico, foi alinhavando as vivências em torno de assuntos nem sempre conexos, mas sempre correlatos. Isto demandou atenção redobrada para poder acompanhá-lo.

Não constituiu fala impessoal, nem mesmo quis dar depoimento, que demandasse a comprovação por documentos escritos e **cartas de reconhecimento**, de **cessão**, ou de **direito de uso** por parte do **entrevistador**. Não pretendia falar sobre **O Seringueiro**, mas sobre sua condição de seringueiro, a forma como gostaria de ser visto, e o seu olhar no agora, com os exatos sentimentos que tinha naquele instante. Não tinha preocupações com uma verdade supra real, mas consigo mesmo, com suas vivências, com o sentimento que construiu para cada uma delas e com os fundamentos de sua narrativa, com a chama que foi se constituindo ao longo da vida, que em parte é de sua comunidade, onde reconhece os outros e se reconhece, mas que tem sua carga de originalidade, pois ninguém senão ele

poderia dizê-la. Por isso, demonstrando desprendimento, desprezo e coragem, afirmou: EU ME CRIEI MESMO FOI SÓ!

Seria possível que tivesse dito: *Não sei se foi assim, mas só sei que foi assim!* Abrindo sinceramente uma vala de dúvidas de certa obscuridade, que atrai pela necessidade de preencher e interpretar. Ele não quer silenciar quem o ouve, dizer tudo para encerrar o assunto, mas quer provocar, para que haja participação, diálogo, e provocação, mostra-se instigado a compreender, a **apreender com**.

Seu Davi não fala do lugar indeterminado, para o leitor anônimo, essas impessoalidades pertencem ao mundo da verdade histórica e da mercadoria, ele não age por um **autismo da indiferença** (ADORNO, 1985), não há objetividade no que diz, há o prazer de contar, vivendo novamente cada pequena história e nunca as vivendo da mesma forma. A fala é mansa, envolvente e cuidadosa a ponto de despertar no leitor/ouvinte a dúvida e a necessidade de pensar com, e por vezes contra ele. Não fala a favor da unanimidade de sua comunidade, mas marca sua vida pela cizânia, não evitando contradizer o saber de sua comunidade, ele não é um seringueiro **bem informado** sobre sua cultura ou sobre o preço da borracha, não narra motivado pela razão impessoal e tipificada como quer a modernidade científica, o que nos impede de formular convicções acerca de algo, afinal quem poderia melhor dizer **a verdade do seringueiro** senão um seringueiro.

EU ME CRIEI MESMO FOI SÓ! é assim que começa Seu Davi, não impede que se duvide dele, não se prende a preocupação de verossimilhança de quem lhe ouve, apenas mantém vozes que tem dentro de si e que compõe os lastros de significados que o mantém no alto de seus sessenta e três anos de idade, afinal como ele mesmo disse: o medo é a gente que faz.

Encerramos a primeira parte da conversa de hoje depois de uma hora e meia, apesar de em dois momentos terem vindo nos convidar para assistirmos televisão. Seu Davi disse que não iria porque estava ocupado.

O tempo todo Seu Davi ficou sentado num toco e falou de lado, de tal sorte que não me olhasse diretamente, ficando de frente a princípio para a chama vermelha da lamparina de querosene que soltava fumaça preta que ajudava a espantar os carapanãs, e depois focou olhando para o terreiro iluminado pelo luar. Cheguei até mesmo a mudar ligeiramente a posição do toco em que eu estava sentado, mas percebi que ele se virou também. Foi só pelo fim da conversa do primeiro dia foi que começou a me olhar um pouco para falar.

Mas sempre que ia contar as histórias de onça olhava para a chama da lamparina dando ênfase com os olhos ao que ia dizendo, mantendo a fala bem

pausada, lenta e cadenciada, arregalava os olhos para dar realce, como se quisesse dar à narrativa ar mais dramático e trágico. Mas este é um tipo de detalhe que não é possível registrar na textualização, a escrita é por demais restrita para tamanha riqueza.

17 de junho de 1998

Pela manhã fui pescar com Seu Davi e Walton; antes fizemos merenda reforçada com café, peixe frito e macaxeira cozida. Apesar do calor estar intenso conseguimos muito peixe; depois do almoço retomamos a gravação. Ele ficou deitado na rede e eu fiquei sentado no assoalho de paxiúba de uma casa abandonada. Neste segundo encontro conversamos por mais duas horas, e foi quando pedi para me explicar melhor algumas situações que havia relatado no dia anterior e que não entendera bem.

O trabalho de hoje serviu para que Seu Davi fosse provocado a alargar mais as ligações entre algumas idéias e situações configuradas no dia anterior em sua **Cápsula Narrativa**. Além disso outro fator importante deve ser levado em conta: convivemos um pouco mais, e acredito que isto facilitou o diálogo fluir com menos reservas. Ele pôde então dizer com mais soltura.

Durante a pescaria esteve falando bastante sobre situações que envolviam a entrevista realizada. Assim, aproveitei algumas situações que relatara no barco, durante a pesca provocando-o para que contasse novamente agora com o gravador ligado. Ao final da gravação, acreditei que nosso trabalho havia terminado.

18 de junho de 1998

O peixe frito que sobrou de ontem foi nossa merenda matinal junto com um copo de café e novamente saímos para pescar. Desta vez pesquei os maiores peixes, e percebi que Seu Davi se animou bastante com isso. Quando retornamos fez questão de dizer a todos que fora eu quem garantira o almoço do dia. Almocei o peixe que sua mulher fez, e percebi que ele estava ainda mais receptivo que nos dias anteriores, desta forma propus que conversássemos outra vez com o gravador ligado. Aceitou, mas marcou para a noite.

Novamente trouxe a lamparina de querosene e o cachimbo bem velho, com a piteira gasta e com o fornilho bastante roído. Desta vez ele mesmo disse que iria falar melhor algumas coisas. Conversamos por duas horas até o cansaço chegar. Há certa altura fui percebendo que estávamos tocando o limite, uma vez que os assuntos começavam a ficar recorrentes e repetitivos. Seu Davi já dava

demonstrações de estar satisfeito, e encerramos depois de ter a sensação que ao final de quase seis horas de gravação tínhamos esgotado sua **Cápsula Narrativa**.

Deitei na rede e me pus a pensar na forte crença urbana em torno das ligações estabelecidas entre a preservação ambiental e o seringueiro. Isto parece mais com rótulo externo, algo que as ONG's e os pesquisadores alimentam fortemente nos dois lados, como convencimento para a sociedade urbana e como discurso pedagógico para os seringueiros.

Os projetos, sejam eles governamentais ou não, movimentam recursos, assessorias, publicações, enfim demandam uma gama enorme de ações para que o seringueiro se mostre **(prioritariamente)** como consciente defensor da floresta. Isto se parece mais com uma ingerência constante e externa à comunidade para que cada um desenvolva determinados projetos cujo resultado é a preservação que nós pensamos melhor e queremos que eles realizem. Principalmente por isso uma série de programas objetivando a modificação da forma de produção da borracha acaba por não dar qualquer resultado, ou então não conseguem ser duradouros, pois o seringueiro não os incorpora.

Seu modo de agir depende muito mais das suas necessidades, das pressões do mercado (e principalmente de sua forma de inserção nele), da tradição de sua comunidade do que pela escolha racional por um ou outro modo de se relacionar com a mata, por um ou outro modelo de relação de uso dos recursos da floresta. Ele quase sempre não consegue definir o que e como produzir, dado que é refém do mercado e da sobrevivência, quase sempre não tem escolhas. E quanto mais ele estiver organizado em associações ou cooperativas, maior será a relação de dependência com processo de circulação de mercadoria que cada vez mais o expulsa do círculo dos incluídos.

A mudança mais significativa na forma de produção da borracha (de defumação para a prensagem) foi rapidamente difundida porque implicou na simplificação, numa diminuição do esforço a realizar; qualquer tentativa de trazer pra dentro do seringal um tipo de trabalho com a borracha que agregue valor não necessariamente é bem recebido, na verdade a prensagem é talvez a forma menos trabalhosa, por isso deu certo, mas se há **economia** de tempo, isto não se reflete em tempo para produzir mais para acumular, mas em caçar mais, em pescar mais constantemente; não pela obrigação, mas pelo prazer. Em alguns casos a diminuição do tempo que se dedicam para o trabalho tem sido acompanhada pelo aumento do consumo de álcool.

Isto não implica necessariamente em atitude de preservação. Eles têm, por exemplo, notado que os peixes têm diminuído bastante, e isso não tem feito com que busquem outras formas de conseguir comida, antes continuam a pescar no mesmo ritmo, tendo que, por vezes, se deslocar para mais longe para conseguir peixe.

Paradoxalmente nos últimos anos, na medida em que os ideais de preservação ambiental se fortalecem no meio urbano e no discurso das lideranças do movimento de seringueiros, mais destrutiva se torna ação, a cada ano mais e mais seringueiros restringem sua atividade como coletores de látex para mais e mais se parecerem com pequenos agricultores, que derrubam a mata, e ateiam fogo, preparando o terreno para plantio de mandioca usada no feitio da farinha (este produto sim com mercado garantido na cidade).

Vários projetos de organização de pomares para produção de frutas ou de criação de animais de pequeno porte nem sempre empolgam. Das centenas de mudas de árvores frutíferas distribuídas (com os respectivos cursos de treinamento), as poucas que sobreviveram não mereceram qualquer cuidado especial, e grande parte não tem dado frutos. Das centenas de matrizes de galinhas e porcos distribuídos a grande maioria foi para a panela.

De certo modo não há uma atitude muito aguerrida do seringueiro com relação a sua Associação nem mesmo uma relação mais estreita com a produção, a idéia de excedente e acúmulo é ainda mais difícil. Produzem para poder comprar na cidade o que não produzem. Muitas vezes dedicam duas semanas, com toda a família para ir à cidade vender seus produtos, fazer o rancho e voltar.

Se antes quando somente produziam borracha do tipo defumada, sua jornada de trabalho começava no meio da madrugada e terminava ao anoitecer, agora com a borracha produzida por prensagem, e com o plantio de macaxeira para a farinha, trabalham a metade desse tempo, dedicando mais tempo para a pesca e para as idas na cidade que têm sido cada vez mais freqüentes.

Tive a oportunidade de verificar vários projetos de industrialização de castanha, de beneficiamento de alguns cereais, de produção de mel, bordados, artesanato, de coleta de sementes de potencial farmacológico e madeireiro, produção de farinha de babaçu, dentre outros, acabam se circunscrevendo a expectativa potencial de técnicos e assessores que tiveram a idéia, que tem espírito ambientalista ou mercadológico mas que representam valores de fora da comunidade, justificáveis apenas tecnicamente.

O plantio de mandioca é o único que tem tido um pouco de resultado porque eles são os primeiros beneficiários, se alimentando da farinha que produzem, vendendo o restante para ser consumido na cidade, além do mais este tipo de atividade é bastante compatível com seus costumes.

O ideário ambientalista é muito forte no meio de assessores, lideranças das associações, técnicos de órgãos do governo, e no próprio meio acadêmico, cujo resultado empírico difere das soluções, dos debates e das resoluções apresentadas. A preservação no meio da comunidade tem sido mais um desdobramento de seu próprio ideário mítico, como os castigos provenientes do Curupira, da Mãe da Seringueira, da Cobra Grande e do espírito protetor do Pai da Mata, que de consciência ecológica desenvolvida no meio científico. O mesmo seringueiro que não mata mais porcos do mato do que necessita para o consumo com medo do Curupira, cederia a idéia de dizimar um bando de ariranhas que consomem os peixes de sua colocação.

A preservação da própria seringueira está muito mais assegurada pela Mãe da Seringueira do que por razões econômicas, a não ser para aqueles que perderam total ou parcialmente a antiga estrutura mítica. Para estes, as razões para não deixar estragar ou morrer a seringueira passam a ser econômicas, e quanto maior for esta identificação, mais a floresta correrá perigo de ser devastada, pois o que prevalece não é a vida ou a mata, mas uma equação que leva em conta custo e benefício, ou seja, a partir do momento que outras atividades mais rentáveis forem surgindo, o modelo de preservação e a noção de equilíbrio ficarão livres ao sabor das necessidades do mercado. Neste sentido esta estrutura mítica é muito mais eficiente como resultado na preservação da floresta que grande parte dos projetos até hoje implementados. Mais poderoso e perfeitamente integrado com o modo de vida do seringueiro é sua mitologia. Se algo pode salvar a floresta não são os projetos ou as assessorias.

O seringueiro não pesca com rede porque ainda não se rendeu ao mercado, ao **instinto** (do Capital) de gerar excedente, de acumular cada vez mais, porque o discurso mítico sempre garantiu que a mata é lugar de fartura, é criação perfeita e misteriosa de Deus, de certa forma ainda é o paraíso, ainda não se configurou como ***locus* da produção**, sua vida ainda não depende unicamente das **condições materiais da produção** (MARX). O motivo de ter ou não peixes nos rios, de conseguir boa caçada se justifica pela presença de algum animal que afugenta os demais, em algum período do ano, ou no fato de estar **panema**, sem sorte, com algum tipo de mandinga atribuído às mulheres. A forma de solucionarem passa pela

necessidade de quebrar o encanto se livrando da panema, buscar um outro lugar, ou simplesmente desistir de continuar. Não querem aprender a lidar com as forças da natureza para servirem-se dela, mas aceitam os imprevistos naturais ou cíclicos e as barreiras intransponíveis.

Desta forma se os peixes começam a desaparecer do rio, não há preocupação com a possibilidade de extinção de alguma espécie, com o possível desequilíbrio ecológico, apenas se ressentem da dificuldade crescente de conseguir pescar com algum sucesso. Da nascente do rio até sua primeira metade a pesca ainda é farta, na porção posterior do rio, que é mais populosa, o peixe está ficando cada vez mais difícil, afinal são mais de cem anos de atividade extrativista neste rio.

Nas conversas com os seringueiros eles acusam o ressurgimento de grupos de ariranhas e o aumento das piranhas como os responsáveis pela dificuldade na pesca, além da presença de botos e jacarés que também comem peixes. Aceitando e compondo as armadilhas do discurso da comunidade, a matriz da forma de significação do mundo, não é científica, nem ecológica, muito menos ética. A incorporação de alguns desses elementos ocorre de forma fragmentaria, ou seja, como emaranhado narrativo de intertextos, ou como prática contraditória, ou ainda como combinação de fração de discurso com fragmentos de prática.

Vêem-se como parte da fecundidade da mata, e por isso se valorizam neste meio, sentindo-se desprotegidos quando saem do seringal, por isso diferenciam-se dos que vão lá somente para depredar, para retirar, enquanto eles fazem parte do Oroboro de geração de vida e morte, os invasores (madeireiros, fazendeiros, pescadores profissionais, dentre outros) representam somente a morte; aliás, o mercado na medida em que avança sobre novas fronteiras deixa atrás de si imenso rastro de morte e destruição, para que em seu lugar só floresçam os frutos da mercadoria. O que pode ser travestido de mercadoria é valorizado e preservado, para o restante que não couber neste modelo o fim é trágico.

Não há, portanto, nenhuma intenção de resistência ao Capital, paradoxalmente, quanto mais a organização do movimento de seringueiros se torna forte, quanto mais obtém apoio para projetos sociais e econômicos, mais vulneráveis se tornam à lógica da mercadoria. Mais distante vão ficando da **mitologia da fertilidade da floresta**, para ficarem mais próximos da **mitologia necrofágica da mercadoria**. Destruir seus mitos implica imediatamente na destruição do que são e no fim do que fazem e como fazem, tornando-os cada vez mais agentes (o termo mais preciso seria rufiões, pois trabalham, produzem, injetam vida e valor na mercadoria, mas não gozam as delícias da liberdade do mercado) do sistema de

produção de mercadorias. Ou seja, de posse de mais recursos, de melhores instrumentos e de capital, seu potencial destruidor se tornaria cada vez maior.

Suscetíveis às pressões de ambientalistas e temerosos com respeito à polícia, dizem não matar determinados bichos - cujo valor está no couro, como lontras, veados, onças, jacarés – por causa do medo de irem presos. Muito embora estejam por vezes há mais de quatro dias de qualquer localidade, temem que o IBAMA ou o CNPT os flagre, e mande-os para a cadeia. Esta imagem mitificada da polícia e dos órgãos de fiscalização é mais eficiente

A inexistência de origem comum para as narrativas, além das vivências cada vez mais diversificadas e nem sempre compartilhadas, tem provocado desentendimentos entre eles e levado ao aparecimento de relações mais tensas.

O diálogo tem se modificado bastante, antes havia seringueiros que se reuniam por ocasião de algum trabalho ou festa. Atualmente, tão ou mais importantes quanto os encontros para as conversas são as assembléias, e as reuniões dos grupos de base, cujo teor e vigor se modificou bastante - carregadas de informes, de comunicados de caráter impessoal, cuja narrativa das lideranças assume o formato aprendido das assessorias ou da prática política – esses momentos acabam gerando desinformação, cujo resultado pode ser a desconfiança crescente na comunidade. Tem sido freqüente ocorrerem assembléias para deliberarem ações que as lideranças não conseguem operacionalizar, por conta do modo como são encaminhadas as reuniões que são estranhas e complicadas para o restante dos seringueiros.

Têm ocorrido desencontros generalizados entre as lideranças e os seringueiros. Para muitos, os seringueiros que se elegem para trabalharem na direção da associação vão para a cidade gastar o dinheiro da associação com bebida, além de fugir do trabalho duro da seringa. Dado esta distância cada vez maior de vivências entre a direção e o restante da comunidade as diferenças tendem a crescer e as divergências aumentar, enfraquecendo o núcleo mítico original, fragmentando a comunidade, e inserindo cada vez mais discurso de fora, vindo do mercado pelas mãos de assessores, por meio de projetos, da escola, da presença de professores, que aparecem como os detentores da nova ordem, que podem até não conseguir mudar os velhos, mas atingem sobremaneira os mais jovens.

19 de junho de 1998

Seu Davi concebe a natureza não simplesmente como objeto à mercê da vontade humana, reconhece nela vida independente que pode castigar ou

beneficiar, assim como favorecer alguns com melhor **sorte**, por isso sua vida coincide com certas práticas e com certos conceitos de preservação que temos, pois esta relação de retirar da mata o que se necessita tem implicações míticas, e para nós econômicas. Sua resultante não é oposição homem-natureza, mas uma inter-relação, afinal os seringueiros convivem com a Mãe da Seringueira, o Pai da Mata, o Curupira, e todos são portadores de vontades, caprichos, cuidados e necessidades que devem ser respeitados, não há hierarquia, mas convivência, que pode ser conflituosa, exigindo penalizações pela transgressão, como a sofrida pelos cachorros do Zé Maria que levaram uma surra, ao passo que as visagens que importunavam Seu Davi mereceram desprezo ou velas como mostra da inconveniência.

Enquanto uns preservam os animais da floresta pelo medo da lei ou pelo medo do olho do Estado, Seu Davi não o faz porque as forças da natureza seriam atingidas e alguém poderia se revoltar contra ele, é algo com o qual se relaciona aprendendo a conviver e a ser tão forte e criadora quanto ela.

20 de junho de 1998

Hoje devemos começar a baixar o rio, chegamos no ponto mais distante, devemos estar há pelo menos seis dias de barco da cidade. Agora devemos realizar as entrevistas, onde na subida do rio Paulo foi parando.

Com tantos dias parados aqui, nosso barco afundou, tivemos que retirá-lo do rio, limpá-lo e carregá-lo, enquanto isto, entreguei a Seu Davi uma máquina fotográfica para que ele registrasse o que fosse importante desta colocação. A idéia o agradou bastante. Contou que tiraram foto dele, mas que ele mesmo nunca tinha tirado uma foto. Testou a primeira vez, certificou-se que tudo ocorrera bem e saiu com a máquina andando pela colocação umas boas horas acompanhado da máquina.

Chegamos em Petrópolis ao entardecer, os tons da mata começam a ficar mais evidentes e as mantas de folhas das trepadeiras que se formam sobre as árvores parecem um imenso rendado em tons variados de verde claro que tocam a água do rio, impedindo que o olhar penetre nas margens. Os troncos das árvores mortas que caem sobre os rios desarranjam temporariamente a paisagem uniforme das margens e tornam a travessia de barco bastante perigosa, principalmente neste período em que os rios ficam mais secos. Encobertos pela água, muitos desses troncos provocam acidentes, rasgam o fundo dos barcos de alumínio, ou retiram a calafetagem dos barcos de madeira provocando inundação. Quando eles começam a emergir, ficando parcialmente fora da água, uma grande quantidade

de plantas aquáticas se prende a eles formando o que chamam de colcha. Passar sobre as colchas implica em manobra arriscada, pois a vegetação se enreda na paleta do motor travando-o. Esta passagem deve ser rápida o suficiente para não permitir a prisão da paleta, mas deve ser cuidadosa já que existem troncos semi-submersos escondidos na manta verde.

Nestes últimos seis dias o rio já baixou quase um metro. De agora em diante ele baixará muito rapidamente. Muito embora à nossa frente esteja formando um temporal que cairá sobre nós em alguns instantes, as chuvas neste período são raras, acompanhadas de forte ventania e duram pouco tempo. A pequena lona deixada por Paulo deve evitar que as caixas com comida e as bolsas fiquem molhadas. É possível escutar ao longe, a chuva caindo sobre as folhas num chiado parecido com queda d'água, que se aproxima mais e mais. Enquanto a chuva vítrea e gelada começa a intensificar e nos molhar, diminuímos ainda mais a velocidade do barco, porque a visibilidade fica prejudicada, o céu se carrega de chumbo movimentando imensas nuvens escuras e baixas, além disso a superfície do rio se torna mais turbulenta, dificultando a localização de troncos submersos.

Chegando no pequeno porto da colocação do Seu Fernando o sol forte volta a aparecer e milhares de borboletas forram o chão de amarelo, e do outro lado da margem, na pequena praia um tapete de borboletas azuis faz o chão fervilhar. A quilha do barco toca a areia provocando um sulco e fazendo com que as borboletas levantem vôo, levantando a cortina amarela que nos envolve. Acenamos para Seu Fernando de longe, que retribuiu, e fomos descarregar nossas coisas e o motor do barco para dentro da escola, porque a trepidação do motor tem feito vibrar a calafetagem, aumentando a entrada de água. Durante o trajeto, constantemente tiramos água do fundo do barco.

A noite chega rápido, tomamos banho sob o olhar de dois jacarés próximos. Prendo a lanterna na boca enquanto ensabôo o corpo, fazendo foco na direção dos jacarés para me certificar que os dois pares de olhos vermelho-fogo continuam no mesmo lugar.

Iluminados pela lamparina de querosene no terreiro, conversamos sobre o trajeto percorrido e sobre o trabalho. Enquanto isso, pela fresta das madeiras é possível ver as mulheres preparando a caldeirada com os peixes que trouxemos. Fumo cachimbo enquanto o Fernando faz rapidamente um cigarro com folha de caderno e o fumo que eu tenho, pois há alguns meses estava sem fumo. Enquanto isso outros seringueiros que moram perto, aparecem para a janta. Uma mesa com dois bancos compridos foram trazidos para o terreiro.

Os homens ficaram sentados à mesa e as mulheres e as crianças foram para a casa de farinha. Vez por outra elas vinham para encher os pratos e retornavam para a cobertura de palha onde o candeeiro de querosene delineava apenas contornos. Apesar da vela que estava acesa, era o fraco luar dessa noite que iluminava nossos pratos e rostos.

Após o jantar, ainda com metade do cigarro no canto da boca seu Fernando quis gravar a entrevista na escola. Ele colocou uma cadeira de frente pra outra, e uma pequena lamparina de querosene que não permitia ver ao certo suas expressões. Sentou-se de frente para o brilho prateado que vinha do rio, e quase não me dirigia o olhar. De fala serena e bastante à vontade foi desenrolando o novelo narrativo.

Enquanto transcorria a gravação o cheiro doce de mato começava a tomar volume e uma infinidade de sapos coaxava incessantemente ao nosso redor, misturado ao canto de muitos pássaros diferentes.

Realizada a segunda entrevista, fiquei na rede até a madrugada refletindo nelas.

A entrevista com Seu Fernando me chamara a atenção porque se constitui como balão preso a um bastão, ou seja, ele estabeleceu dois ou três aspectos da sua vida interligados e presos a grande esfera do presente imediato, de onde não conseguiu romper, falando sobre sua condição atual e sobre as dificuldades em comercializar a borracha. Já Seu Davi não fixou um ponto para organizar sua narrativa, começou a falar de um sentimento que o incomodava naquele dia provocado pela conversa que tivemos com Paulo há alguns dias atrás, quando o vimos pela primeira vez. Pelo visto há muitos dias a inveja consumiu parte de seus pensamentos, fazendo-o começar por ela, para depois organizar um pequeno fio histórico (tradicional), que ao final se dissipa num espaço muito amplo, como um centro radiado. Não impõe linearidade histórica, a sequencialidade de tempo, as vivências dão lugar a outras que se ligam lateralmente por uma palavra, flocando repentinamente, impulsionando sua fala pela força das vivências, articulando-as por detalhes ou passagens que podem parecer insignificantes, mas que representam o elo de ligação entre elas. O tempo para seu Davi não é o mesmo da produção (linear crescente), da acumulação, mas o das vivências, tempo da vida que escolheu apresentar.

Seu Davi não representa uma fala desleixada, ou dirigida pela logicidade que demandaria uma História de Vida pretendida como pública ou comunitária, não obedece ao discurso oficial, não se vincula ao tempo estatal, desconhece ou o

menospreza, e cria à margem da história cartorial, pois o discurso documentado que fala sobre o seringueiro, fala ao mesmo tempo de ninguém.

Os historiadores, ao traçarem um grande arco histórico alinhando causas e conseqüências, pretendendo colocar sob si extensas camadas de vivências singulares e comunitárias, acaba por instituir uma narrativa movida por determinações que envolvem a todos e por isso mesmo a ninguém.

Mas isto não anula as empreitadas de historiadores como Samuel Benchimol e Manoel Rodrigues Ferreira e tantos outros, apenas as invalidam como porta vozes do real; eles se constituem como narrativas particulares como a de cada seringueiro, não se configuram como ou como capazes de falar de um genérico a partir dos particulares, de tal sorte que os substitua. O resultado é também texto, narrativa particular do que pensam ser o passado.

A narrativa de Seu Davi lembra vela acesa, a chama representa o núcleo onde transitam as linhas de comando de onde partem suas histórias, que se dissipam em várias direções, iluminando determinadas vivências, compondo-as e colorindo-as a partir deste núcleo. É a intensidade e a coloração da chama que cria o entorno, que chama para perto de si o que pretende ver iluminado, dando ao vivido sua marca pessoal, pois se a chama se apaga tudo o mais se dissipa. O seu entorno, e o que ele próprio resolveu iluminar, é que compõe a narrativa, que pode se reconfigurar, mostrando-se de maneira diferente. Se Paulo não o tivesse encontrado, sua narrativa poderia ser outra. Desafiado escolheu um caminho, que não aponta para sua totalidade, mas para sua força de constituir o texto.

21 de junho de 1998

Esta madrugada os cachorros latiram insistentemente das duas horas até o dia amanhecer, colocando-nos em alerta. Um jacaré açu, que chega a seis ou sete metros tem vindo para este lado da baía, quase todas as noites. Seu Fernando disse já ter dado muitos tiros nele sem conseguir matá-lo. Durante esse tempo já comeu várias galinhas e um cachorro.

O cansaço vem se acumulando.

Com a caneca de café bem fraco e muito doce nas mãos conversamos enquanto eu fazia o pirão com o resto da caldeirada de ontem para escapar do peixe frito. Enquanto tomava as notas de campo, Walton e Fernando foram secar o barco para que pudéssemos ir pescar.

Ficamos boa parte do dia pescando, porque depois do **estreito,** a incidência de peixes diminui drasticamente, assim optamos por levar o peixe conservado em sal. No final da tarde, começamos a limpar e preparar a salmoura.

22 de junho de 1998

Por volta das seis da manhã acordamos, ajeitamos as coisas enquanto Seu Fernando foi bater as fotos com a máquina que lhe entreguei.

A relação de Seu Fernando com a máquina fotográfica foi mais próxima. Ficou animado e rapidamente saiu batendo suas fotos.

A primeira foto que quis bater foi de sua própria roça; a segunda da sua casa e depois das pessoas da sua família. Depois que bateu as fotos disse que gostara mais da que bateu dos seus filhos cobrindo a cozinha da casa. Aproveitou a oportunidade para dizer a pose de cada um e o lugar em que deveriam ficar.

Secamos o barco, preparamos o motor e seguimos já no segundo trecho de retorno novamente em direção à colocação dos irmãos do Paulo, para fazer a entrevista com Wanderley, como chegamos no meio da tarde resolvi lavar roupas.

23 de junho de 1998

Não estava acertada nenhuma entrevista com mulheres, mas na colocação Boca Larga, onde fiquei a maior parte do tempo, tenho conseguido conversar com elas. Conversei com Isabel, irmã de Paulo e Wanderley, esposa do Neno, que calafetou o barco que estamos usando. Acertamos gravar a conversa para hoje no fim da tarde.

Retornei então para a gravação com Isabel, mas ela estava com febre muito alta e forte faringite que lhe deixou sem voz e com dificuldades para se alimentar.

Como não podia fazer a entrevista fiquei ajudando Neno, a calafetar outro barco da comunidade. Ficamos conversando, batendo estopa nas frestas das tábuas e passando a mistura para vedar.

Wanderley passou o dia preparando a roça nova e no fim da tarde veio conversar conosco, marcamos pescaria pela manhã do outro dia e a gravação para a noite.

24 de junho de 1998

Como tinha que fazer a entrevista com o Wanderley à noite, assim que o jantar ficou pronto fiz meu prato, caldeirada de tucunaré muito saborosa, que comi com farinha. Feito o prato o levei até a pequena mesa fora da cozinha e puxei um banco. Aliás coisa rara de se encontrar em casa de seringueiro é banco na cozinha,

portanto, depois de quase um mês sentado no chão para comer, sentei à mesa para fazer a refeição, inominável! Dada a situação tão favorável resolvi servir-me de um pouco mais de caldeirada. Entrando na cozinha notei que todos já estavam comendo, e até agora, foi a cena mais chocante que vi.

Como as lamparinas de querosene precisam ficar na altura acima dos pratos e da boca das panelas para que se possa ver seu conteúdo, e como não há mesas nem cadeiras a solução é colocar tudo no chão. As lamparinas foram postas sobre latas, ficando mais elevadas enquanto todos sentavam no chão com seus pratos (como sempre). As espinhas de peixe na medida que iam surgindo eram postas foras dos pratos no próprio chão. Terminada a refeição, depois que todos se retiram, o chão ficou cheio de espinhas. Isabel sentou-se novamente em meio às espinhas para recolhê-las com a colher.

Na Boca Larga entre uma casa e outra, existe um trecho de mata de uns 200 metros. Para fazer a entrevista com Wanderley, o Walton foi comigo. Fomos pelo meio da mata com a lanterna. Fizeram um caminho muito parecido com a estrada de seringa, não se consegue enxergar além de uns dois metros de distância em função da quantidade de árvores. A dificuldade para penetrar os olhos é muito grande, a luz batendo nas árvores mais próximas impedindo a visão de penetrar.

Conversamos por quase duas horas e Wanderley parecia muito à vontade, sentamos no chão da cozinha de sua casa e tomamos chá de erva cidreira enquanto falávamos. No início procurou evitar assuntos mais polêmicos como sua expulsão da colocação Petrópolis, mas percebeu que por evitar abordar certas circunstâncias mais delicadas isto estava dificultando sua própria narrativa e lentamente foi se despreocupando e ao final estava muito satisfeito e agradecido.

25 de junho de 1998

O dia já amanheceu, esta madrugada o calor incomodou muito. Enquanto Isabel realiza as tarefas do dia, e decide novamente sobre nossa entrevista, continuo a ajudar Neno a calafetar o barco já que todos foram para a roça.

Impressiona como mal chego nas colocações e todos já sabem o que andei fazendo. Mal havia retornado aqui e todos já sabiam que há quase uma semana atrás o Seu Fernando estava sem tabaco e que eu havia dado fumo de cachimbo a ele; assim como depois da entrevista com seu Davi todos na comunidade de Sepetiba já sabiam o que havíamos conversado, o que havia acontecido, o que eu havia dito, além de todos já saberem que eu já havia vindo outras vezes para cá, o que havia feito, com quem tinha vindo. O rio é ao mesmo tempo telefone, rádio,

ônibus, é por ele que tudo chega e parte, desce a borracha, sobe o combustível, o macarrão, os anzóis, desce e sobe gente, luta, sonho, segredo, desilusão, e informação.

Esta situação por vezes facilitava uma prévia apresentação. Quando fui dizer para seu Davi o que estava fazendo ele disse que esperava, pois havia passado antes na colocação do Seu Fernando e ele já havia dito; ele não só sabia o que eu queria, mas também o que Seu Fernando dissera a ele que iria me contar quando nos encontrássemos para gravar. Portanto, Seu Davi disse que sabia o que eu queria.

Isabel voltou a sentir dores de garganta e febre, enquanto isso, na colocação do Edmundo, Wanderley e Seu Manoel estavam torrando farinha, pois quando subimos o rio eles haviam retirado uma área grande de macaxeira plantada e colocado na água para apodrecer e poder preparar para o fábrico da farinha.

Deitei na rede e fiquei fazendo anotações para a nova gravação com Wanderley.

Fui até sua casa e acertemos nova gravação. Almoçamos e retornamos para a casa de farinha, como estávamos sós iniciamos a gravação ali mesmo, enquanto ele mexia a farinha no fogo para secar, uma vez que Seu Manoel e Edmundo foram na beira do rio retirar as mandiocas que estavam de molho. A um certo ponto Wanderley falava sobre Chico Mendes, pediu-me para que mexesse a farinha, correu até sua casa e trouxe dois livros sobre a vida do seringueiro do Acre. Durante a conversa com o Wanderley, notei que quando começou a falar do período em que trabalhou com Paulo, seus olhos ficaram embargados e passou boa parte do tempo segurando o choro.

Wanderley ainda é jovem (34 anos) e freqüentou a escola por quase dois anos, mas lê com muita facilidade, do tipo magro, rosto fino, baixo, de olhar bastante triste mas muito forte; com fala mansa sorri boa parte do tempo enquanto fala. No trato com a moto-serra é muito habilidoso, vai derrubando árvores e tirando tábuas imediatamente, tábuas e vigas só no traçado do saibro da moto-serra.

Decidi que amanhã cedo vamos baixar o rio em direção a colocação do Walter, e não mais realizar a entrevista com Isabel.

Enquanto fui passando pelas colocações ouvi vários comentários nas conversas informais que o Walter Lopes (próxima parada) teria matado a mulher grávida, a golpe de terçado, pois ela queria abandoná-lo. Outro comentário a seu respeito é que teria sido matador de aluguel algum tempo atrás, quando trabalhou em fazendas do Mato Grosso.

Pelo assassinato da mulher recebeu pena de sete anos, tendo cumprido três e meio em Guajará-Mirim; depois retornou para o seringal, e agora raramente vai para a cidade, prefere pedir para que algum seringueiro leve sua borracha para vender e traga o que necessita.

Depois do jantar, fui até a casa do Wanderley e junto com seus dois irmãos, pedi para que ele explicasse melhor algumas coisas que havia dito à tarde, e outras que conversamos nesses dias todos.

26 de junho de 1998

Pela manhã comecei a preparar minhas coisas para que pudéssemos continuar a descer o rio até a colocação do Walter. Fez muito frio de madrugada e o dia amanheceu sem sol, ventando bastante o que é muito incomum, suponho que a temperatura esteja em torno de vinte graus.

Para essa região uma alteração de temperatura como essa faz com que todos reclamem muito, e passam a usar blusas de lã, ou moletom. Ninguém saiu para o trabalho hoje. As crianças estão quase todas gripadas e catarrentas.

Fui à casa de todos para me despedir, e encontrei Seu Manoel, ele havia riscado com graveto, no chão, um rosto em forma de sol com a face voltado para o rio, olhando para o sol nascente. Disse estar chamando o sol.

Por um barco que vai subindo o rio, deixaram recado para mim. O Seu João Fabrício e o Seu Jonas mandaram dizer que não querem dar entrevista. Como devo passar por lá em alguns dias, espero esclarecer melhor, porque o recado me pareceu estranho e ríspido.

Chegamos no fim do dia na colocação do Walter a tempo de preparar a janta, tomar banho, ficar fumando cachimbo na rede e conversando.

27 de junho de 1998

Walter é um dos pouquíssimos negros que vivem na reserva, é alto, aparência ainda de alguém muito novo e bastante forte, nasceu em São Paulo e tem 44 anos, cursou todo o primeiro grau na capital, mas preferiu fugir da mãe e do restante dos parentes (todos igualmente “crentes”). Depois que saiu da prisão não morou com mais ninguém. Há muitos anos que sua companheira é uma gata preta que gosta de caçar aranhas, pequenos pássaros e cobras. Sua colocação é a mais despojada de todas, tem quatro anzóis grandes para surubim e um carretel de linha de pescar, algumas panelas, uma rede, umas poucas ferramentas velhas e um terçado. É um dos poucos seringueiros que só corta seringa (ainda não fez roça), acredita que a borracha que levaram para vender na cidade deve render R$ 300,00, e segundo

seus cálculos o suficiente para viver um ano, já que não tem filhos nem mulher. Muito embora não more distante de seus vizinhos raramente sai de sua colocação. Neste ano só se lembra de ter saído uma vez. Há alguns meses sem farinha e sem sal, foi até a Boca Larga pedir ajuda.

Conversamos um pouco pela manhã e aceitou gravar a entrevista contanto que eu o acompanhasse no corte de seringa. Assim, depois da merenda reforçada com caldeirada de peixe e farinha, entramos os dois na mata. Andando atrás dele o tempo todo, carregava o gravador na mão esquerda e o terçado na direita, e ele carregava o terçado na bainha e a faca de seringa nas mãos. Na medida que passávamos por velhas seringueiras, mostrou-me os diversos tipos de cortes que os seringueiros já fizeram, levou-me para ver seringueiras com mais de 50 anos que ainda conservavam as linhas finas e retas como cicatrizes. Mostrou-me a faca que encontrou no meio da mata, de uma fundição antiga de Guajará-Mirim, que fabricava facas no fim da Segunda Guerra.

Enquanto andávamos, ele falava sobre o trabalho com a seringa. Mostrava ninhos e tocas, alertava para os atoleiros de areia fina e pegajosa que engolem os bichos assustados. Ao pararmos para que cortasse alguma das madeiras, voltava a falar de sua vida. Por vezes andávamos longos trechos em silêncio, serpenteando entre árvores imensas, cipós, embaúbas, brejos e toras apodrecendo. O céu só foi visto novamente ao retornarmos, quando já estava escuro.

Durante o tempo que estivemos conversando, sentados no assoalho de sua colocação, não quis falar do crime. Mas andando pela estrada de seringa, lentamente foi contando; em cada seringueira um pedaço do acontecido, como uma **via sacra,** de cada corte na árvore saía leite e um pouco da mágoa da traição, em cada marca da faca de seringa o sinal de açoite, acompanhados das lágrimas brancas que fomos deixando para trás como testemunhas vivas de uma vida, marcas profundas da existência e do auto-exílio.

Muito embora soubesse que eu viera de São Paulo, não fez uma única pergunta sequer sobre o lugar distante, onde nasceu e passou parte de sua vida.

Durante o trajeto fomos obrigados a parar de falar por duas vezes. Na primeira delas tivemos que passar correndo por um rastro de uns 30 metros de formigas saúva, e depois novamente ficamos em silêncio quando percebemos a presença de um pequeno bando de queixadas, que se estivessem na nossa direção nos obrigaria a subir em alguma árvore, pois atacam em bandos.

Walton e Arlete foram pescar e fizeram comida enquanto andávamos. Molhado de suor, ao chegar fui tomar banho e jantamos com a luz de duas

lanternas. Rapidamente arrumei minha rede e dormi pesadamente até o dia amanhecer.

28 de junho de 1998

Fomos pescar para salgar peixes, pois a escassez de peixe começa a ser percebida a partir desta parte do rio. Arlete ficou fazendo o almoço. Assim que chegamos fomos limpar os peixes e prepará-los para ficarem no varal tomando o sol da tarde. Conseguimos uns 40 quilos de peixe, suficiente para alguns dias, foram três surubins cada um aproximadamente oito quilos cada, além de dez piranhas grandes de pelo menos um quilo cada. A partir de agora, em cada colocação que chegarmos teremos que pendurar o peixe para continuar a secar.

De onde estamos (aproximadamente na metade do rio), fica cada vez mais difícil encontrar peixes grandes em função do aumento da quantidade de famílias que dependem dele para sua sobrevivência.

Enquanto ficamos preparando os peixes, Walter foi recolher o leite que ficou escorrendo desde ontem, não quis companhia porque iria mais rápido. Assim, no meio da tarde, com o peixe preparado e com o retorno do Walter, gravamos mais uma hora, quando então fui aprofundando mais um ou outro aspecto do que ele dissera ontem.

Hoje à noite quando fui descer até o rio para tomar banho focalizei com a lanterna os olhos de alguns jacarés que estavam muito próximos, são olhos vermelhos como fogo, é o que os seringueiros chamam de **tocha**. Acabei voltando sem tomar banho, parecia arriscado entrar no rio nessas circunstâncias, principalmente porque conservava o cheiro de peixe, o que suponho poderia atrai-los.

A bebida preferida do Walter é a mistura de metade álcool doméstico e metade água, com Ki-suco de limão. Essa mistura é muito forte, a boca chega a ficar adormecida, e custa pelo menos seis vezes mais barato que cachaça, além de embriagar mais rapidamente.

Como em outras ocasiões, antes de dormirmos, Walton e Walter comentaram algo sobre os próximos seringueiros que encontraríamos como se quisessem me preparar para o que viria.

29 de junho de 1998

Acordamos às cinco horas, desalagamos o barco e começamos a prepará-lo enquanto isso a Arlete foi preparar café. Comemos farinha e piranha frita com café,

conversamos mais um pouco com o Walter e por volta das oito horas da manhã partimos.

Há três dias estamos passando por uma friagem muito grande. Ontem à noite a temperatura baixou mais um pouco e caiu uma fina garoa por toda a madrugada. Nosso trajeto também está com ritmo diferente, está mais lento, sentimos um vento frio que sopra na calha do rio e a forte serração molha nossas roupas e impedem a visibilidade.

Essa friagem acontece uma ou duas vezes ao ano, a temperatura hoje deva estar em torno de vinte graus, o que para eles é a temperatura baixíssima e responsável pela mudança de ritmo das tarefas. Não cortam seringa, geralmente ficam em casa e os poucos que tem algum tipo de blusa passam o dia todo com ela, geralmente colocam duas ou três camisas.

A ausência do sol há alguns dias, tem tornado difícil a secagem das roupas, e provocado o aparecimento de muitas larvas na carne salgada dos peixes.

A previsão de chegada em Floresta, que é a comunidade mais próxima, deve acontecer no final da tarde. Durante o trajeto passamos novamente pelo **estreito**. O rio baixou mais um metro nesses dias o que torna a passagem pelo estreito ainda mais difícil. Fiquei na proa com o remo e o terçado para poder cortar os cipós, desviar dos tocos e poder remar quando o motor precisava ser suspenso ou desligado.

O rio passa por grandes alterações entre o período de cheia e o período de vazante, o recuo das margens provoca o aparecimento de praias de areia fina e branca, onde borboletas, patos, tracajás e jacarés costumam ficar ao sol.

Muitas árvores que ficam na beira do rio ou até dentro d'água no período das cheias, quando as águas vão baixando acabam lavando as margens, e terminam por expor as raízes de tal sorte que lentamente essas árvores terminam por cair. São árvores com mais de trinta metros, que ao cair no rio dificultam a navegação além de encher de troncos e galhos o leito. Os cipós que antes pendiam da copa das árvores formam agora uma mortalha que toca o rio, criando a imagem de um manto que prende as árvores, uma grande quantidade delas vai inclinando a copa das árvores para dentro do rio como se o reverenciasse, outras já dentro da água com essas mortalhas de cipó e trepadeiras, criam diferentes tons de verde, dificultando a visão da própria margem em longos trechos de navegação.

Em meio a este cenário de Monet encontramos dezenas de ciganas, garças, cisnes e patos que ficam nos galhos pendentes das árvores a procura de insetos ou

pequenos peixes. Quando passamos, alçam vôo e ficam por muito tempo voando a nossa frente acompanhando o desenho do rio.

Muito embora a maioria dos seringueiros afirme não acreditar na Mãe da Seringueira, no Pai da Mata, no Curupira, nas visagens, contam e re-contam histórias a respeito, e a qualquer grito estranho de pássaro, boa parte coloca em dúvida sua própria crença na inexistência dessas entidades. Mas a idéia da Cobra Grande é bastante viva, afirmando haver em toda baía a morada da grande sucuri. Raros são os que nunca a viram, ou passaram por dificuldades por causa da Cobra Grande.

A relação que mantêm com a cidade é de bastante intimidade, muito embora a periodicidade possa não ser grande, mas a intensidade é bastante visível. As vivências contadas a partir do mundo urbano sugerem espaço mais violento e preocupante que o seringal, mas é na cidade que está toda a sorte de conforto e grande parte das coisas boas que a vida conserva. Apesar da familiaridade com a cidade, de saberem o que devem e podem fazer nela, a forma de relação dentro do rio é radicalmente diferente, ou seja, alguém que chegue na colocação de outro companheiro (por vezes desconhecido) mesmo que não esteja, entra, ajeita seu material, fica ali o tempo que for necessário e depois segue no rio novamente. Seu Davi, que estava a algumas horas da sua própria colocação, parou e ficou descansando por três dias em Sepetiba, onde nos encontramos.

O entendimento de relação de troca e até mesmo a politização, processo que vem sendo fomentado pelas ações desencadeadas pela associação, obrigou cada seringueiro incorporar regras de economia de mercado, de interferência do Estado e de políticas públicas; obrigando-o a sair da relação paternalista e quase escravista, que o apartava de certos aspectos do mundo da produção.

O ritual necessário à consolidação da associação obrigou-o a tomar para si esses domínios. É inevitável a reclamação que muitos fazem sobre a maneira como vivem hoje em comparação a época dos patrões, onde entendiam que viviam melhor justamente porque não precisavam vender seu produto, não precisavam barganhar, trocar, comprar, vender, o patrão garantia tudo. O dono do barracão, o seringalista era o grande provedor de tudo que o seringueiro poderia precisar. Com a autonomia para ir e vir, a liberdade de agir no mercado e a criação das associações, o envolvimento de cada um passou a ser exigido, é preciso participação mais íntima com as formas de produção e portanto da realidade que o mundo do capital apresenta, todos devem ser ao mesmo tempo produtores e mercadores.

É assustadora a capacidade de penetração do ideário do Capital, não há um palmo dessa região que não seja traduzível em trabalho, valor, mercadoria, mercado, propriedade, estado, liberdade, direitos. Não há um único lugar que nossos olhos consigam explicar como extensão de nós mesmos.

30 de junho de 1998

Sobre a nascente do rio Ouro Preto, tudo indica que fica há uns trinta dias rio acima, mas outra referência de origem do rio é atribuída à cachoeira, mesmo sabendo ser a nascente, enxergam a cachoeira como ponto de referencia para a origem do rio e da reserva. Nas conversas mantidas na **boca da noite** ou mesmo nas entrevistas, a cachoeira invariavelmente surge como lugar paradisíaco, radicalmente diferente da paisagem do restante da reserva, e também bastante diferente de um seringueiro para outro.

Assumido como lugar mítico, de satisfação, fartura e gozo; não há discussão quando falam dela. Sabem que dizem coisas muito distintas, mas não se contradizem, não se opõem ao que outros dizem, ouvem atentamente e depois dizem o que sabem dela, como situações sobrepostas, mas não contraditórias. Não é lugar geográfico, é estado de espírito, portanto, não há o que contestar objetivamente, afinal os positivistas não são eles, tratam-na como utopia, pois raramente alguém foi até ela. Assim as narrativas não se anulam por falta de objetividade e verossimilhança, mas se somam como atributos e constituição mítica. Não importa em qual margem estão coqueiros e palmeiras, mesmo porque talvez, tenham ficado nas praias do nordeste de onde vieram seus pais e avós. Se forem piscinas de jatuaranas ou tucunarés, isto depende daquilo que torna a mesa farta. Ela não é parte do imaginário, mas se constitui como positividade, da mesma sorte que para nós iria se constituir discursivamente outra representação, não como origem, apenas como lugar, como outros tantos originados com nosso olhar.

Walter conta que certa vez chegou a levar uma prostituta de Porto Velho para conhecer a cachoeira em barco a remo, empreitada que demandaria provavelmente quase dois meses de navegação.

Dessa forma ouvi a pintura do quadro da origem de tantas cachoeiras quanto singularidades que as originam.

Lá, não existe mais carapanã, há uma queda d'água que cai dentro do imenso poço onde se encontra abundância de todo tipo de peixe. Walton chegou a falar que não se pode entrar com barco a motor porque a hélice emperraria de tanto matar peixes, por isso deve-se entrar com barco a remo, ou seja não é com

um instrumento do Capital que se chega, mas com o esforço de deslocamento do braço que rema, do poder narrativo visualizado no braço que desloca e conduz. Quem se dá por satisfeito como filho do Capital não precisa desta origem. Seu Manoel dos Santos não a conhece, nem precisa dela, afinal seu negócio **é trabalho**.

Seu Davi falou do lugar onde se escolhe o peixe que se deseja, ou seja, se coloca o anzol na boca do peixe que se quer comer, é dela que vem os peixes, é dela que transborda a vida em abundância do restante do rio, é ela quem regula o ciclo das águas baixas, é dela que também vem a desgraça como os bandos de ariranhas que afugentam os peixes e os dizimam, é ela quem faz com que o rio transborde nas cheias e quase desapareça no verão.

Esta cachoeira é por vezes parte de outra cachoeira; mais acima existe outra grande piscina d'água, onde não há peixes, pois estes não sobem a cachoeira. Nesta piscina de água cristalina é possível ver o fundo, nadar, beber e ninguém morre afogado. Esta grande piscina é formada por uma segunda cachoeira que fica mais acima ainda, onde o rio se estende na mesma proporção de tamanho, dobrando sua extensão, como se um espelho reproduzisse a imagem do rio cachoeira acima.

No estreito nosso barco encalhou por duas vezes, na primeira Walton desceu do barco subindo em cima da árvore que flutuava, empurrando-a para baixo enquanto o barco foi se soltando lentamente; mas na segunda ficamos horas presos, até que desembarcamos todas as coisas que estavam no barco para a pequena praia, andando por cima do tronco que saía da margem, tiramos também o motor, assim, pudemos mergulhar o barco no rio alagando-o de maneira a ficar submerso para que passasse por baixo da árvore que estava atravessada no rio, bem na flor da água, o tiramos da água mais adiante, esgotamos a água e embarcamos novamente as coisas.

No meio do caminho encontramos uma colocação já abandonada com metade da casa caída. Walton chamou a atenção, pois ali ele, seu pai e seus irmãos moraram há muitos anos. Duas curvas mais abaixo na margem do lado esquerdo havia uma árvore bastante grossa com copa proporcionalmente muito pequena e toda florida. Walton disse que os antigos contam que nessa árvore um índio veio pescar com um garoto, trazendo-o até ali o matou, comeu seu cérebro e o enterrou no pé da árvore, que todo ano flori de roxo. Mais adiante passamos pelo Boto vermelho que calmamente acompanhou-nos por longo trecho. Brincando disse a Arlete para que ela tomasse cuidado com o Boto, o que a deixou bastante envergonhada, essa situação me fez lembrar a mulher do seu Fernando que disse ter

mais medo de boto do que de jacaré e arraia quando está no rio, indagada por que, baixou a cabeça e se retirou.

01 de julho de 1998

Já era fim de tarde quando chegamos na colocação Floresta onde moram cinco famílias. Deixei Walton e Arlete descarregando o barco e definindo onde iríamos ficar, porque queria conversar com Seu Jonas. Com 93 anos é o seringueiro mais velho, e como dorme muito cedo, quis procurá-lo logo, pois há muitos dias mandou o recado que não iria gravar entrevista.

Ele me disse que não poderíamos conversar porque no dia seguinte iria para Guajará-Mirim comprar o rancho e receber sua aposentadoria de Soldado da Borracha, bastante irritado não quis conversar mais e disse que ia dormir.

Resolvi então procurar Seu Pedro, que acabara de chegar da roça. Lembrou-se do compromisso e aceitou na mesma hora e disse que poderíamos começar naquele instante porque a comida ainda não estava pronta.

Apesar de ter nascido na capital – Porto Velho – foi ainda criança para o seringal, não freqüentando a escola; falante, baixo e com as costas já curvadas, um olho perdido, tem fala muito vigorosa e muitos cabelos brancos que acusam a idade avançada; solta as palavras pelo canto da boca que ainda tem dentes, e não consegue pronunciar uma só palavra sem gesticular muito. Tem 56 anos, mas aparente fisicamente muito mais, embora tenha disposição de garoto.

Sua entrevista aconteceu no rancho coberto onde faz farinha, e o tempo todo falou alto e gesticulou muito, encenando quase sempre o que dizia, mostrando a posição em que alguém se escondia, andando por todo o terreiro, chegou a sair correndo como os índios (a certa altura precisei ficar andando atrás dele com o gravador para poder conseguir gravar sua voz).

Em certos momentos incorporava de tal forma o que falava que conseguia recriar o acontecido, interrompendo algumas vezes para exigir que seus filhos parassem de rir dizendo que os meninos de hoje não acreditam mais nas histórias dos velhos.

Dona Lita que é sua mulher ficou o tempo todo falando, comentando o que ele dizia, corrigindo-o e provocando-o de tal forma que foram poucas as intervenções que fiz.

Jantamos tarde hoje, já estava escuro há muito tempo, e seu Damasceno veio até onde estávamos. Acendeu a lamparina de querosene e jantou conosco, disse que sabia que iria atrás dele, e sabia que realizara a gravação com Seu Pedro.

Assim, marcamos para amanhã bem cedo nosso novo encontro, que aconteceria com o gravador ligado. Surdo há muitos anos, consegue entender muito mal por leitura labial e alguns gestos que usa com os filhos.

02 de julho de 1998

Ainda estávamos preparando o café quando Seu Damasceno chegou. Aceitou comer peixe com farinha, e parecia muito disposto.

Pela nossa conversa, ficou claro que seria difícil acertarmos alguns detalhes do que ele dizia. Minhas intervenções não puderam buscar coisas muito específicas ou explicações. Como não ouvia, me restringi às histórias que ele contava, dando apenas certos estímulos para que contasse novamente ou percebesse que eu estava pedindo que dissesse melhor. Novas perguntas, ou perguntas sobre outros assuntos quase não eram entendidas, cheguei mesmo a escrever no papel e mostrar para ele, mas não obtinha resultado como se houvesse certa resistência para falar daquilo que não estivesse falando.

Seu Damasceno nasceu no seringal do Rio Limoeiro, estudou as primeiras séries, e é bem conservado aparenta ser bem mais novo que sua idade cronológica (65 anos), gordo, de caminhar lento e fala mansa, é muito atencioso e não se irritava ao perceber que eu insistia em dizer-lhe algo que não entendia. Dizem que como conseqüência do trabalho de mateiro que realizou há mais de vinte anos atrás, dirigiu muitos grupos que vinham para exterminar índios hostis. Em sua entrevista não faz referência a isso, mas em conversa com outros seringueiros, todos afirmam que Seu Damasceno teria participado inclusive do extermínio da tribo em que ficara preso por anos. Sem alterar a voz seu Damasceno foi narrando o que acontecera em sua vida, orientou sua narrativa logicamente em a linearidade exemplar, evitando contradições e encadeando os fatos na seqüência crescente de tal sorte que se encaixavam, não permitindo espaços para muitas perguntas.

Entreguei a máquina fotográfica para ele e pedi que tirasse fotos das coisas mais importantes de sua colocação. Pegou a máquina e horas depois me devolveu.

Restando ainda a manhã toda, fui até a colocação do seu Pedro. Ele já saíra para a estrada de seringa, mas Dona Lita estava. Bastante atenciosa, me serviu café e trouxe um macaco para que eu pudesse brincar com ele. Conversamos longamente, e como até agora não conseguira realizar entrevistas com mulheres, arrisquei propor a ela. Disse-me que pela manhã não poderíamos conversar, pois precisava lavar roupa, cuidar dos meninos, fazer comida e cuidar do marido quando voltasse do seringal, mas eu deveria retornar de tarde.

Cheguei logo depois do almoço, ainda cumprimentei Seu Pedro que estavam indo para a roça e os seus dois filhos que iam de barco para a escola.

Dona Lita estava me aguardando sentada na escada da cozinha. De banho tomado, roupa limpa, e cabelos penteados me aguardava há algum tempo.

Bastante envelhecida, com não mais de quatro dentes na boca e cabelos completamente brancos, aparenta muito mais de 44 anos, nasceu na colocação Parati (dentro do Rio Pacaás Novos), se diz muito doente de reumatismo, enquanto preparava a gravação ela ainda estava alegre; ao ligar o gravador, assumiu olhar profundamente triste, fala lamuriosa, e freqüentemente olhava para o chão ao falar.

Falou por 15 ou 20 minutos, e depois respondeu de maneira monossilábica as perguntas que fiz, com o intuito de provocá-la a dizer algo mais. Parecia recusar-se a falar de outro assunto que não estivesse relacionado com a mãe que a abandonara ainda pequena.

Depois de insistir mais para que falasse sobre algo, desisti e desliguei o gravador e tomamos café juntos, mas os assuntos continuavam a circular em torno do abandono. Despedi-me, e disse que retornaria mais à noite para falar com ela e Seu Pedro.

Ao retornar passei pela colocação do Seu Jonas, A conversa foi novamente difícil, muito embora não fosse feita qualquer referência a entrevista. Acompanhei-os até o barco e fui tomar banho de rio enquanto olhava para dois botos que lentamente passaram pela baía. Walton e Arlete saíram para pescar, mas nada conseguiram.

Depois do jantar de peixe frito com arroz, fui novamente me encontrar com Seu Pedro em companhia de Seu Damasceno que comeu conosco novamente. Conversamos o resto da noite, e Seu Pedro contou novamente algumas histórias, tendo sempre a aprovação de Dona Lita ou do Seu Damasceno.

03 de julho de 1998

Esta noite quase não dormi, peguei outra carga de mucuim que incomodou bastante, de manhã, no próprio barco, enquanto vínhamos para a colocação do Sapezal onde mora o Seu Chico Eleotério, fiquei tirando os pequenos e vorazes carrapatos do corpo.

No trajeto nosso motor apagou, o que nos obrigou a passar a manhã toda remando até chegar. Hoje é dia de mais um jogo do Brasil, perto da hora do almoço

alguns seringueiros que moram a horas daqui estão chegando para ouvirem o jogo no rádio do Seu Chico.

Acertei a entrevista com Seu Chico Eleotério e fomos fazer almoço: o peixe que trouxemos, com farinha e arroz. Apesar do cansaço da noite não dormida e do esforço da vinda. Como a casa dele estava com muita gente, fomos para a casa de farinha, onde armamos nossas redes para aproveitar a sombra e gravar.

Seu Chico Eleotério nasceu na fronteira com a Bolívia, tem 66 anos, ficou na escola por alguns anos, o que lhe possibilita ler com certa facilidade, é baixo, pele bastante queimada e enrugada, expressão de caboclo, com aparência envelhecida, demonstra muito cansaço, tem a fala mansa, e sorriso desconfiado no canto da boca. Passou o tempo todo da entrevista mascando pedaço de fumo. Quando faltavam quinze minutos para começar o jogo do Brasil ele pediu para pararmos e retomarmos no início da noite.

Aqui, ouvimos o jogo pelo rádio, e ao final quando o Brasil ganhou de três a dois da Dinamarca, os comentário foram os mesmos que ouvi em Sepetiba sobre a euforia comemorativa que estaria ocorrendo na cidade. Acompanhar a partida pelo rádio foi quase impossível, pois há mais de vinte anos que não me dedicava a ouvir jogos de futebol pelo rádio.

Recordo-me que na infância, nos finais das tardes de domingo, ficava com meu pai sentado no quintal, ouvindo, torcendo, sofrendo e principalmente **vendo** as partidas pelo rádio, a partir da narração do locutor, então chamado de *speaker*. A associação mais viva que faço com jogo de futebol é o fim do domingo. Certa dose de tristeza surgia com o pôr do sol e a voz de Fiori Gigliotti narrando pela rádio Bandeirantes: "apita o árbitro, fecham-se as cortinas, e termina o espetáculo" anunciando o fim da partida e do domingo, ficando para o próximo final de semana as brincadeiras, o frango assado com macarronada, a garrafa de tubaína gelada, e o próximo jogo.

No seringal, a sensação de ouvir a partida pelo rádio, diga-se a mesma rádio Bandeirantes que ouvia na infância (com os mesmos sinais sonoros anunciando o tempo decorrido de jogo), a mesma forma de **radiar o jogo** e fazer os comentários.

Foi duplamente incômoda, primeiro porque não consegui visualizar as jogadas ou acompanhar a narração, nenhuma imagem surgia na mente, apenas ouvia a voz rápida a dizer coisas que nem sempre inspiravam conexão, enquanto ao meu redor, o grupo silencioso participava atentamente das jogadas; comentando a atuação dos jogadores e o posicionamento errado deles em campo. Além disso tive a sensação de um hiato perceptivo, perdido em algum lugar da infância, dado que

não conseguia criar mais as imagens a partir daquela narração, cheguei até mesmo a fechar os olhos para forçar a imaginação, mas a narração rápida não permitia que criasse a imagem do jogo.

Recordo-me por exemplo, que numa noite, quando os vizinhos estavam conversando, sentados na calçada, alguém trouxe o rádio, que noticiava acidente de caminhão com vários feridos, solicitando doadores de sangue. Meu pai pegou sua bicicleta e foi ao hospital, enquanto ficamos ao redor do rádio, aterrorizados com o acontecido. A cena narrada parecia tão viva que fiquei apavorado e não dormi naquela noite. Era possível ver os corpos feridos, o olhar de cada vítima, as ferragens, o combustível escorrendo, o lugar da estrada, o acostamento, a noite escura e estrelada, e as vozes clamando por socorro.

Apesar de me esforçar, a sensação que vinha diante daquele rádio, era a de uma pasta narrativa, que não se projetava, não se multiplicava diante dos meus olhos, era amálgama impenetrável de palavras sem capacidade de materializar o dito. Então me levantei, abandonei a sala e fui para a casa de farinha, onde havia atado minha rede, já que também era possível ouvir de lá o jogo, para tirar um cochilo, dirigindo a atenção para a casa apenas nos momentos de gol.

A surpresa no jantar foi grande; quando já estava pensando, no peixe salgado e frito novamente, comemos cutia ensopada com farinha. Estava divina!

À noite com a casa mais tranqüila, Seu Chico se sentou no banco ao lado do rádio e eu me sentei na escada olhando para o céu estrelado; novamente mascando fumo, entre uma fala e outra Seu Chico cuspia a saliva pela fresta do assoalho da sua casa.

Enquanto falávamos, Walton pegou a chumbeira dele e foi pro mato. Deu dois tiros e acertou a paca.

Totalmente exausto e bem alimentado não consegui conversar muito mais. E quando deitei na rede não deveria passar das oito horas. Walton e Arlete ainda foram limpar e preparar a paca para que no dia seguinte estivesse no fogo logo cedo.

04 de julho de 1998

Acordei antes que os outros, lavei minha roupa, tomei banho e ao subir de volta parei para sentir o cheiro do guisado de paca. Com os primeiros sinais do dia, estávamos todos na cozinha comendo. Como o peixe é mais difícil por aqui, todos preferiram peixe frito, enquanto me deliciava com o arroz e a paca.

Fui até a escola, e tomei café com o professor, ele terminou o segundo grau técnico em contabilidade, e nunca tinha dado aulas antes. Disse sentir muita solidão por estar longe da cidade e da família, mas não via outra saída, pois apesar de receber menos de um salário mínimo por mês, tem farinha e comida de graça; enquanto na cidade não consegue emprego. Sempre que vai à cidade para receber o salário, procura em vão algum emprego. É bastante grato a sua professora de primário, que na falta de formação pedagógica tornou-se o seu modelo. Frequentemente fica se lembrando das aulas que tinha quando criança, e procura fazer da mesma forma.

Passei a manhã na escola, entenda-se uma construção de madeira com duas salas: uma onde mora o professor e outra onde as crianças têm aulas. Como há um único ambiente e poucos alunos, todas elas ficam no mesmo espaço, assim o professor dá ao mesmo tempo aulas para crianças que estejam sendo alfabetizadas e para as outras que cumprem o currículo das séries restantes até a quarta série. É o que se chama de sala multiseriada.

Estar no seringal – ter contato com as crianças, com a grande maioria dos adultos analfabetos, conversar com professores sem formação, orientados apenas pela sua experiência como aluno em escola pública de Guajará-Mirim – e não pensar em educação é pouco provável.

Os alfabetizados, os que viveram por algum tempo na cidade, que se depararam com outros valores, tem certa insatisfação por viver no seringal, mas sentem-se derrotados por não terem conseguido sobreviver nela, dominaram em parte o modo como se processa a vida urbana, mas não têm poder suficiente para enfrentar sozinhos a sobrevivência na **rua**, como costumam dizer. A expressão **rua** designando outro lugar, utilizado como sinônimo para a cidade é costumeiramente utilizado também por presidiários quando estão detidos; a rua é gíria para a liberdade, para o lado de fora, para o lugar onde o acesso é negado, desejado mas inacessível.

No seringal é preciso falar de uma educação que possa ir além da alfabetização, ou seja, garantir certa independência de vida tanto para o seringal, como para o meio urbano, muito mais conseqüente e consistente que o ensino formal, e ao mesmo tempo efetivamente crítico com o que representam esses dois universos de vida.

O resultado mais visível até agora tem sido uma atividade e não um sistema de ensino, cujo resultado é o preconceito. Os professores que vão para lá não estão abertos a possibilidade de aprender algo com o mesmo peso de validade que

aqueles conhecimentos que traz, afinal vai da cidade, lugar do conhecimento para o meio da mata: terra do nada para ensinar aos degradados.

Alguns seringueiros dizem que um doutor da **rua** não sabe se virar dentro do mato. No seringal eles é que são os doutores!

Esse argumento populista e aceito pelos educadores só reforça o jogo de poder da nossa práxis. Pois apresenta esses dois saberes como complementares, com se fizessem parte da mesma base epistemológica, partisse do mesmo real, das mesmas crenças, do mesmo olhar, apenas apontando para graus de especificidade que os coloca em patamares diferentes, mas de pouca utilidade em outros.

Sujeitos ao discurso do poder (FOUCAULT) se inscrevem no mesmo processo de validação que é formulado pela ciência, mas fundamentalmente veiculado pela escola. Assim, de um lado temos o conhecimento científico, urbano, que obedece a racionalidade dos meios de produção, que são validados por procedimentos irrefutáveis, colocando sob suspeita o que não se comporta cientificamente como o **saber popular** e os saberes que não produto da ciência, que são gerados no seio de comunidades particulares, que são incapazes de qualquer irrompância pretensiosa à universalidade.

Mas outro tipo de educação, inútil na perspectiva de valorizar os saberes locais se insinua. Partidária do diálogo, constrói o conhecimento partindo do que entende por conhecimento popular, ordenando-o e incorporando a ele novos elementos de tal sorte que ao final tenhamos conhecimento científico cuja base e origem é o conhecimento do dia-a-dia, como se a ciência fosse o argumento último o destino teleológico de toda forma de conhecimento, tudo o mais é conhecimento bruto, que demanda expurgo para que somente reste o conhecimento objetivo, a racionalidade do Capital.

Quanto mais a escolarização avança, quanto maior for o número de escolarizados dentro do seringal, menos ainda Seu Davi e outros terão força, ou se farão ouvir, e por conseguinte menos a própria comunidade terá forças. A homogeneização promovida pela escola será maior, e portanto, BENJAMIM terá sido profético quando apontava para o fim do narrador. Não é sem motivos que começam a discutir a necessidade de placa de energia, implantação de energia solar, não somente pelo aspecto ecológico e biodegradável mas também por ser energia barata facilitando o acesso da televisão, e a trama de objetos que fomentam o consumo.

Para o mundo escolarizado Seu Davi é a expressão do ridículo, sua história, suas vivências, sua vida faz parte do mundo do ridículo, do delírio ou do imaginário.

As mesmas histórias ouvidas de Seu Davi e Zé Maria foram contadas para os alunos que freqüentam a escola da colocação Floresta. O riso foi geral (quase nazista). Mas, não por maldade das crianças e sim pela eficiência do ensino que recebem. O conhecimento escolar segrega desde o princípio o que deve ser levado em conta e o que merece os rótulos e preconceitos, separa o conhecimento de linhagem do restante obscurantista; o perfeito do imperfeito, ressaltando o conhecimento puro.

Com certeza as crianças e bem provavelmente os professores não saibam ao certo porque se divertiram tanto com a história dos velhos, mas o sorriso de inspiração macabra, sugere bom presságio.

05 de julho de 1998

Acordamos cinco da manhã, preparamos nossas coisas e tomamos café reforçado: café, peixe salgado e re-frito e arroz. Hoje ajudei a preparar o café e então pude entender porque Arlete não tem preparado o peixe que trouxemos de outra maneira que não frito. Como temos nos deslocado freqüentemente, o peixe passa parte do tempo ensacado, mantendo-se úmido. Assim todas as vezes que ela os prepara tem que bater nas mantas da carne do peixe para que caiam os ovos ou as larvas de moscas que vão se acumulando. Durante a fritura uns poucos que ficam são destruídos.

Pela hora do almoço chegamos na colocação do Seu Manoel dos Santos. O peixe salgado e frito que Arlete preparou juntamente com a última porção de feijão que temos foi muito bem aceito e combinou bem com o macarrão e o arroz que a dona da casa tinha preparado.

Seu Manoel vem trabalhando no projeto de produção de placas de borracha, que chamam de borracha química, um tipo de borracha previamente trabalhada com produtos químicos, quando o leite da seringa ainda não coalhou, assim, ele anda pela manhã, duas vezes na mesma estrada de seringa: uma cortando e outra colhendo o leite ainda líquido, antes de coalhar. Ao chegar realiza o preparo químico, deixando secar no varal até o dia seguinte

Depois do almoço nos sentamos na casa de farinha para a entrevista. Seu Manoel tem traços indígenas muito acentuados e nasceu em Costa Marque, na divisa com a Bolívia em 1947, usa fino bigode, cabelos curtos e pretos, é muito atencioso, mostrou-se alegre e bastante objetivo, foi a entrevista que mais intervenções fiz. Ele agiu o tempo todo como se estivesse diante de um questionário, dando ares de ansiedade e agitação, pois ainda iria trabalhar à tarde na roça.

Antes de partir, entreguei-lhe a máquina fotográfica e rapidamente fez as fotos que quis.

A grande preocupação que têm é com a queda freqüente do preço da borracha. No meio da nossa conversa, Fabrício que vinha subindo o rio parou na colocação do Seu Manoel e disse que o Cocal esteve na cidade para trocar borracha por comida, mas não estava conseguindo por causa do preço desestimulante da borracha. Esta informação interferiu diretamente na gravação, fazendo Seu Manoel responder mais rapidamente. Ao final não conseguimos passar de 40 minutos de entrevista.

Mesmo estando há vários dias rio acima, já estávamos sabendo que Cocal e sua família, que **baixaram para a rua**, não estavam conseguindo trocar a borracha que levaram. Essa é a característica de todas as colocações onde passamos: manter-se informados. Invariavelmente sabíamos de qualquer ponto do rio sobre o estado de saúde, o que cada um estava plantando, se alguém estava cortando madeira, se estavam preparando roça ou cortando seringa, quem estava na cidade, ou se tinha tabaco para fumar. Não houve entrevistado que não soubesse de antemão quem eu era, o que estava fazendo, quem já entrevistara, entrando por vezes, nos pormenores das entrevistas que havia feito.

06 de julho de 1998

Logo cedo, antes do calor intenso fomos para a colocação do Seu Alfredo, que havia saído para a roça logo pela manhã. Apesar da idade, passou o dia todo fora, voltando no final da tarde.

Vivendo entre cachorros magros, meia dúzia de galinhas e o terreiro árido em volta da casa, vive com Dona Inês que passa o dia só e sentada na rede olhando pelo vão da porta frontal da sua casa. Ela foi logo adiantando que Seu Alfredo já estava impaciente pela nossa demora em retornar. Ele gosta de falar muito, e que quando os seus filhos vêm visitá-lo, costuma ficar até altas horas da madrugada conversando.

Depois do peixe frito do jantar, após as conversas que mantivemos, fiz a entrevista com Seu Alfredo, baixo, bastante magro, de cabelos compridos, barba rala e bigode, arrasta a perna direita ao andar, e anda o tempo todo com boné sem aba na cabeça, e apesar dos 57 anos trabalha diariamente na roça. Nasceu na região, e apesar de analfabeto não se intimida nas reuniões que participa na associação. Sua fala mansa, parecida com a de muitos outros é envolvente, conta sobre a vida como quem vai viver eternamente, não tem pressa para nada, tanto

que gravamos quase quatro horas de uma só vez, isto porque era mais de uma hora da manhã, e eu não conseguia mais acompanhar seu raciocínio.

07 de julho de 1998

Acordamos por vota das cinco da manhã, fiz o café enquanto Walton foi desalagar o barco e Seu Alfredo esquentou a caldeirada e os peixes fritos, colocamos novamente nossas coisas no barco, e partimos.

Chegamos no pequeno porto do Pompeu e encontramos Seu Raimundo, pai de Paulo.

Como ele é surdo, Walton se adiantou e explicou o trabalho, a entrevista e a gravação, desta forma não pude conversar, pedindo alguns detalhes, mas por sorte é alfabetizado, assim as intervenções que fiz se limitaram a palavras que escrevia em papel do tipo ÍNDIO, COBRA, NAVIO, MAPINGUARI, que dentro do contexto do que estava dizendo, serviam como reforço para que desse continuidade. Por vezes o próprio Walton se adiantava, solicitando que dissesse algo, pois me acompanhou em grande parte das entrevistas; se não estava ao meu lado, ficava por perto de tal modo que ouvia as gravações, além disso, quando eu mesmo ficava ouvindo algumas das gravações para regravar mais tarde, ele ficava ao meu lado prestando atenção às histórias. Conversamos várias vezes e disse a ele que aquilo não era simplesmente questionário com perguntas e respostas, mas que se tratava de dar condições para que cada um pudesse falar o mais livre possível.

Assim, ajudou bastante na entrevista com seu pai, percebendo até mesmo que não se tratava de simplesmente explicar os fatos, foi conversando com o pai de tal forma, que acabou assumindo a entrevista, (eu me limitei a pequenas intervenções), Até mesmo porque ele nunca conversara com o pai por cinco horas seguidas (tempo da entrevista). Ficou surpreso com a confissão do assassinato em legítima defesa que o pai partilhou, e que até então não sabia (e por certo os outros filhos também não).

Gesticulou muito, o tempo todo como se as hipérboles desenhadas pelo dedo em riste avalizasse o que dizia, como ele mesmo disse: meu nome é Raimundo Nogueira Nunes, o homem que só fala a verdade. Com pronúncia clara, quase aristocrática, não demonstra os 66 anos que tem; quando fala alterna voz alta, por vezes muito baixa, a ponto de quase não ser possível perceber o que dizia. Lembrou muito o jeito do Seu Davi falar. Nasceu em Belém e é dos poucos soldados da borracha ainda vivos em Rondônia.

Muito Embora Paulo já tivesse falado com ele, Walton detalhou melhor, fazendo gestos que ia compreendendo. Preparou nestes últimos dias algumas páginas de caderno contando sua vida, e me entregou no nosso primeiro encontro:

Aqui Fala A Verdadi
Raimundo Nogueira Nunes
Viajei di Fortaleza Ciara Com Destino A Manaus eim 1940 Acompanhado di 2000 Soldado da Borracha i di 200 Soldado Do Quinto Bequ Batalhão i uma Esquadra di Avião Para nos Sauva dos Sub Marino Era Tempo di Guera i Navio ci Chamava Comandanti Ripa O Comadati ci Chamava Ranufo. O Mermo Vai A Pique na Volta Eim Alto Mar Ficamos 6 Mesis Com Estadia Do Governo
Di Manaus Viajamo Para Rio Branco Aqri. Cito O Nomi Do patrão Era 3 Irmão Juão Amacio i Cebastião Amacio i Atonho Amacio
Tinha cara di monti Jenti Cada um Tinha o Nomi do pais Aondi nacia Alagoana Cerjipi Ciara
Acim parti com minha familha tudo beim nunca fumo atroca
Cortamo 5 ano Voltamo para Rio Braco di Rio Braco para Manaus di Manaus para o Rio Machado Cempri Cortanto Seringa
Do Machado para Guajara tenho 7 Filhos duas mulheri e 5 Omi Todos Filho nacero no Ceringal
Aqui em Guajara estou com 17 ano Cortando no Rio Oro Preto
Estoo Aposentado dechei a seringa mais meus Filhos Cotinôa a Corta
Aqui So Falei a Verdadi
Cempri Teu Amigo Raimundo Nogueira Nunes
Sou Filho di Eteuvina Nogueira Nunes i di Acibildi Nunes Estrela
Sou Filho di Belem Para minha terra natal
Um Aperto di Mão di Teu Amigo Raimundo Nogueira Nunes
Ois Ceringal que Cortei Ceringa Aqui Cito o nomi
Rio Braco Aqri
Rio Idarara
Rio Cautarinho
Rio Cautario
Rio Oro Preto
Conheco no Rio Machado Pira Pora Santa Cruis i 17 Machadim
Cortei Seringa na Bolivia Fortalesa do Abuna Cempri Fui Beinquisto Com Todo Meus Amigo
Centei prassa no Execito tirei eim premeiro lugar
Pasei para o ospital Como Einfermeiro
Como einfermeiro tirei Diploma i Tivi o Direito para Corer o mundo era 12 estudanti
Conheso a ligua Alemanha a inglesa ibraica Elitina Casteliana Francesa espanhola italiana a Turca a portugesa a Tupi Guarani
Fiquei loco por uma japonesa mais não mi decharo traser para o Brasil

Fim

Depois que me entregou o papel, ficou em pé, estendeu-me a mão e disse: Raimundo Nogueira Nunes, o homem que só fala a verdade, muito prazer.

Sentou-se e começou a falar.

Considerei que depois destas quase cinco horas de gravação, não seria necessário retornarmos a gravar, e deixamos tudo pronto para no dia seguinte partirmos de volta para Guajará-Mirim.

Com a noite livre, e sem a responsabilidade de procurar novamente Seu Raimundo, Walton ficou conversando com o pai até muito tarde querendo saber melhor da sua vida.

08 de julho de 1998

Conversamos mais um pouco com Seu Raimundo e, com o sol já alto continuamos a descer em direção à colocação do Seu Nilo Pessoa, chegando no meio da tarde.

Apenas alguns patos e galinhas estavam soltos no terreiro. Tiramos nossas coisas do barco, ajeitamos na casa do Seu Nilo, fizemos comida, almoçamos e ficamos esperando, no final da tarde retornou do corte da seringa.

Seu Nilo é muito baixo, aparência bastante velha, cabelos brancos e barba por fazer, olhos semi-abertos, fala baixo e muito devagar, mas ainda guarda forças para continuar trabalhando no corte da seringa e na forja onde faz porongas e facas de seringa.

Em virtude de hoje o corte da seringa acontecer durante o dia, as porongas são usadas somente para caçada, mas muitas vezes alguns seringueiros viajam alguns dias até chegar à colocação do seu Nilo para encomendar faca de seringa.

No final da tarde Seu Nilo e Raimundo voltaram da roça de mandioca que estão abrindo e plantando há mais de dois meses.

Falei da entrevista e da faca que gostaria de levar.

Tomamos banho, e enquanto Arlete fritava os peixes, Raimundo ofereceu guisado de macaco, que prontamente comi. A carne é bem vermelha e adocicada como sangue.

Conversamos até muito tarde, e Seu Nilo pediu que tivéssemos atenção, pois as cutias andavam atacando sua plantação, e a onça estava há alguns dias procurando por elas e tinha andado durante as madrugadas pelo seu terreiro. Por prudência coloquei a lanterna e o terçado dentro da rede, ao meu lado .

09 de julho de 1998

Pela manhã, depois de comer o guisado de ontem com café, Seu Nilo pôs-se a fazer a faca.

Depois do almoço fomos até o barranco do rio e gravamos nossa entrevista. Sentando nos calcanhares, e com os olhos quase fechados, falou o tempo todo olhando para o rio.

Seu Nilo é mais que ferreiro. Na casa abandonada conserva grande quantidade de caixas de ferro velho espalhadas, armas velhas, lamparinas, motores enferrujados, máquinas de costura desmontadas, se misturam a parafusos, marretas, pregos, e arames. O pedaço de ferro que usou para forjar a faca que fez, retirou de maquinário velho. Conhece muito de serralheria e mecânica, e sempre está fazendo esse tipo de trabalho para passar o dia. Seus óculos têm só uma das lentes, para proteger pelo menos um dos olhos das fagulhas do esmeril.

Durante a entrevista perguntei sobre seu casamento. Disse ser solteiro e imediatamente levantou-se:

- Vamos, vamos fazer sua faca.

E interrompeu a entrevista me deixando só.

Depois do jantar, deitados na rede (com a lanterna e terçado novamente ao lado), ficamos novamente conversando até tarde.

10 de julho de 1998

Seu Nilo ainda passou toda a manhã fazendo minha faca de seringa, enquanto Raimundo foi novamente para a roça, e Walton foi desalagar o barco e limpar o motor. Como ficamos a sós, liguei o gravador e retomamos a gravação de ontem. Na noite anterior conversamos muito e não só os assuntos foram diferentes, como também o conteúdo deles também diferiu. Quando estávamos gravando ele disse morar só, e que não era casado, à noite Raimundo perguntou como estava sua filha. Desta forma quando retomamos as gravações, procurei abordar novamente alguns temas, mas Seu Nilo se esquivou de todos, mantendo nitidamente as duas situações distintas. Nas conversas noturnas se mostrou mais solto, contando sobre as visagens que viu, as noites nos bordeis de Guajará-Mirim, e as brigas entre seringueiros e índios; mas durante as gravações mudava completamente.

No jantar estávamos conversando, comecei a fazer perguntas para Seu Nilo e resolvi trazer o gravador para registrar a conversa. Rapidamente Seu Nilo foi envolvendo Seu Raimundo na conversa de tal sorte que apenas os dois passaram a falar, fiz ainda intervenções que foram em grande parte ignoradas.

11 de julho de 1998

O luar ainda estava intenso no terreiro da colocação, enquanto começávamos a desatar as redes, e preparar o café da manhã.

O chiado da frigideira re-fritando o peixe, e o cheiro doce do café sendo coado se misturavam aos odores mofos e vítreos que vinham da floresta. O barco foi desalagado novamente, o motor reposto e lentamente a carga foi sendo arrumada no barco.

Tomamos café com peixe e farinha sob a luz avermelhada da lamparina de querosene enquanto o pretume do céu foi sendo trocado por tons de roxo e azul marinho do início do dia.

Sentamos no alto do barranco vendo o dia clarear, observando as primeiras ciganas e garças que voavam freneticamente sobre o rio, assustadas com o ruído constante do motor rabeta que era percebido desde muito longe. Liguei o gravador e fizemos a última meia hora de gravação.

O barco com a família do Manoel Binga estava descendo o rio pela terceira vez neste mês. Ele ainda estava tentando vender a borracha que produzira nos últimos seis meses, mas até agora não havia conseguido comprador. Na verdade o depósito da Associação de Seringueiros, em Guajará-Mirim, estava abarrotado há muitos meses com a produção de vários seringueiros que não conseguiam encontrar comprador para a borracha.

Como Seu Manoel Binga, vi muitos seringueiros descendo e subindo o rio todo o tempo, levando borracha para a cidade e voltando desanimados.

Enquanto via aquele barco descendo o rio e se perdendo na bruma amazônica, ouvi Seu Nilo encerrar a entrevista dizendo:

Acabar o seringueiro não acaba ... mas fracassa. E é assim que nós tamos fazendo essa travessia. (141)

Esta travessia, este longo trecho de caminho desértico, desabitado e solitário dita pelo Seu Nilo, somou-se a densa névoa matutina, cortada pelo barco que surgiu do nada e apontou para lugar algum passando diante dos nossos olhos, como se fosse o ruidoso batelão de visagens que acordou Seu Davi, e vagando rio acima ou abaixo, continua a marcar presença e assombrar alguns seringueiros.

Nos despedimos do Seu Nilo e depois dos raios mais fortes do sol dissolverem a forte serração, subimos no barco e começamos a navegar com destino à cidade.

Depois da primeira grande volta do rio o motor apagou, e ficamos à deriva por toda a manhã tentando consertar. Resolvido o problema, chegamos no Porto de

Guajará-Mirim no fim do dia. Descarregamos o barco, levamos o motor e o casco para a associação. O sol do final da tarde ainda era muito forte, a pele ardia e o suor escorria fartamente pelo corpo, a ponto de descer da testa para os olhos fazendo-os arder. Despedi-me de todos e fui para o hotel.

É quase indizível a sensação de poder abrir o chuveiro e tomar banho com os olhos fechados sem precisar se preocupar com alguma coisa. É como o prazer da chuva intensa que toca todo o corpo.

No dia seguinte do meu retorno a Porto Velho, Paulo foi a minha casa, uma vez que estamos realizando o projeto de educação para as escolas das reservas, a fim de agendarmos alguns cursos. Ao falarmos sobre minha ida para o seringal, preocupou-se em saber se conseguira entrevistar todas as pessoas que me havia apresentado. Interessou-se por saber quanto tempo cada um havia gravado, afirmando que um ou outro tinha **escondido o leite** falando pouco.

Disse inclusive, que o rancho comprado para minha viagem era pequeno, justamente para que eu tivesse que viver como seringueiro, obrigando a suspender minhas atividades para pescar e procurar o que comer. De fato não houve qualquer privilégio. A única lata de goiabada e os dois pacotes de bolacha, não suportaram as primeiras horas do ataque de crianças ávidas por doce.

4 – VIVÊNCIA DE CAMPO – 1999: segunda parte

> *Tenho sido entrevistada por centenas de jornalistas, historiadores ... mas de todos esses materiais que levam, são muito poucos os que regressam ... Então eu queria pedir a todos que pensam que querem colaborar conosco, que todo aquele material que levaram, o façam coltar a nós como você [Moema] fez com este problema da metodologia que utiliza.* (Domitila in SE ME DEIXAM FALAR ...)

01 de Junho de 1999

Sai de Porto Velho com destino a Guajará-Mirim onde Paulo deveria estar me aguardando, por esses dias foi até lá visitar a família.

Dormir no ônibus é tarefa quase que impossível. A viagem é longa, principalmente porque à noite as horas parecem demorar mais para passar, mas é a melhor opção, pois durante o dia o calor consegue torná-la ainda mais difícil.

Chego em Guajará-Mirim. Instalo-me no hotel de costume, tomo banho, café e aguardo a chegada do Paulo que acontece logo em seguida me pedindo ajuda para terminar o relatório que está preparando e precisa entregar.

Dessa forma o dia passa, trabalhamos no relatório, e mais tarde fazemos as compras para nossa viagem. Nas idas e vindas do mercado para a associação (onde está o barco e o motor) ficamos sabendo que Seu Davi está na cidade, para o tratamento de câncer de sua mulher que piorou mais; além disso ele ouvira dizer que saíra financiamento de mil reais para os seringueiros no banco, mas a informação não estava muito correta, o financiamento deve sair dentro de ainda pelo menos dois meses, isso significa que ele ainda deve ficar em Guajará-Mirim, até que essa questão se resolva.

02 de Junho de 1999

Logo pela manhã fomos comprar combustível e tentamos novamente localizar Seu Davi. Ele estava no mercado municipal, onde grande parte dos comerciantes é boliviano, alcoolizado, mas conseguimos marcar o encontro para o dia seguinte.

Enquanto esperava Seu Davi na sede da associação, a conversa do presidente era sobre a preocupação com um seringueiro já bastante velho, sem forças para trabalhar, sem receber aposentadoria ou qualquer outra forma de ajuda, mora com três filhas entre nove e onze anos. Ele vinha freqüentemente à

cidade e trazia as filhas que entregava para os donos dos mercados em troca de comida. O Conselho Nacional de Seringueiros foi avisado e organizou um grupo, que apanhou um barco para chegar até a colocação dele para verificar a história.

03 de Junho de 1999

Consegui encontrar Seu Davi, e pudemos conversar longamente na casa do seu irmão. À tarde a seleção brasileira de futebol enfrenta a Holanda e o jogo vai ser transmitido pela TV. Ficamos no alpendre da casa sem muros, que fica de frente para um boteco de tábuas e cobertura de telha de amianto (cujo calor é brutal), uma coleção empoeirada de garrafas de cachaça fica ladeada por fotos do Sagrado Coração de Jesus, de São Francisco e do time do Flamengo. Seu Davi é analfabeto, apesar disto entreguei a ele (bem como para todos os outros) a cópia de sua entrevista impressa e encadernada, outra cópia (que deve retornar comigo) utilizei para fazer a leitura para ele e também para anotar as correções que ele fosse indicando. Também levei o gravador que ficou ligado o tempo todo.

A primeira coisa que se lembrou foi dos peixes que pescamos juntos em duas tardes, e não se esqueceu do grande surubim que peguei.

A TV estava ligada enquanto três fregueses ao sol, dividiam uma garrafa de **51** aguardando a hora do jogo. Estávamos pela metade da leitura, quando o início do jogo foi anunciado. Perguntei se ele gostaria de ver o jogo mas disse que não, que estava gostando da entrevista e que preferia continuar a leitura ao jogo. Dessa forma a leitura só era interrompida quando escutávamos os gols pela TV do boteco, trocávamos então duas ou três palavras sobre o gol e retornávamos à leitura.

Sua mulher apareceu à janela e perguntou a Seu Davi se não iria ver o jogo. Ele disse estarmos ocupados lendo sua entrevista para ver se estava tudo certo.

Ao final, após sugerir pequenos acertos de nomes incorretos ou pequenas alterações, Seu Davi mostrou-se bastante satisfeito e muito agradecido pela entrevista. Com o jogo já pelo fim, retornei para o pequeno hotel onde estou hospedado pelas ruas empoeiradas e completamente vazias.

O jogo antecipou o fechamento do comércio, mas normalmente esta é uma cidade vazia. A fronteira com a Bolívia viveu seu apogeu e períodos de bonança muito recentemente quando a moeda nacional ficou equiparada ao dólar. Por acertos com a Zona Franca de Manaus chegaram a abrir dezenas de lojas de importados, algo muito parecido com a fronteira do Brasil com o Paraguai em Ciudad del Este. Este período durou pouco tempo. Recentemente com a desvalorização da moeda nacional, quase todas as lojas fecharam, há dezenas de

prédios abandonados e grandes construções paralisadas. Em alguns horários a cidade parece desabitada. À noite, não há onde comer, e ficava lendo, sentado na calçada, até tarde, sem que passasse um único carro pela rua do hotel, que fica no centro da cidade.

04 de Junho de 1999

Hoje pela manhã fomos pegar o combustível encomendado, preparar as malas, carregar o pequeno caminhão que iria nos levar pela estrada de terra até o porto do Pompeu, antiga colocação que hoje serve de parada para os seringueiros que vão para a cidade, é um porto reservado, isolado, fora da cidade, de uso exclusivo dos seringueiros, pois fica ainda dentro da reserva. Durante toda a manhã ficamos passando na casa de alguns parentes dos seringueiros para poder trazê-los de caminhão para a beira do rio, depois de percorrer a estrada de mais ou menos quarenta quilômetros de terra em três horas, chegando no final da tarde.

O caminhão veio muito cheio, com oito famílias e muitos pertences, botijas de gás cheias, tanques de combustível, roupas, compras, sacos de arroz, de farinha, mudas de plantas, de tal sorte que na cabine foram duas mulheres com as crianças mais novas, uma de quatro e outra de oito dias. Na carroceria do caminhão o restante: Denilce, menina de vinte dias e Denilson, irmão gêmeo, outras duas crianças com um mês e meio vieram conosco sentados em meio aos galões, sacos, o motor o e barco.

Preparamos nossa embarcação, e ajudamos a descer e a preparar o barco das outras famílias que lá estavam. Ali mesmo no pequeno barracão da Associação, fizemos comida para todos e dormimos.

05 de Junho de 1999

Logo pela manhã, pegamos o barco e começamos a subir o rio. A princípio tínhamos a intenção de retornar as entrevistas no sentido inverso do realizado no ano anterior, quando então tínhamos subido o rio até a comunidade mais distante e na medida em que vínhamos baixando as entrevistas eram realizadas, porque o rio estava baixando rapidamente, e se fossemos subir lentamente, corríamos o risco de ficar presos. Desta vez faríamos o inverso, ou seja conforme subíssemos o rio iríamos parando nas colocações, pois se algum seringueiro tivesse ido para a cidade, poderíamos passar novamente em sua colocação na volta, e caso ainda estivesse na associação, poderíamos localizá-lo ao chegar de volta à cidade.

Mas isso acabou não acontecendo pois os técnicos do CNPT precisavam levar comida e computador e não tinham barco, assim demos carona. Fomos portanto

até a colocação Floresta, pois a associação e o CNPT que é órgão do governo federal e trabalha com populações tradicionais em áreas federais, organizou mutirão onde foi acertado com o cartório da cidade e um juiz da vara de família, para virem até esta colocação regularizar certidões de nascimento, óbito e casamento. Esta colocação tem um barracão disponível de tal sorte que as famílias que moram rio abaixo e rio acima puderam vir.

Esta atividade que chamaram de **esforço pela cidadania**. O local escolhido foi o recém construído Centro de Formação de Seringueiros, onde devem ser realizados daqui para diante uma série de cursos visando direcionar a sobrevivência do seringueiro não mais para a seringa mas para a agricultura de subsistência, para o plantio de hortaliças, de árvores frutíferas e além de fomentar a organização de pólos de ecoturismo dentro da reserva. Para o CNPT dentro de alguns anos, essas colocações passam a ter viabilidade econômica através do ecoturismo, por isso, pretendem formar os adolescentes e jovens que moram na reserva como guias, mesmo não havendo nenhum estudo sobre o impacto ambiental e social disso.

A antropóloga do CNPT e o técnico agrícola que estavam organizando o pequeno "espetáculo" de cidadania, têm notado o aumento do consumo de álcool (cabeça azul) entre os seringueiros, mas não conseguem perceber que isto se deve justamente pela intervenção deles. Com o incremento da agricultura os seringueiros têm muito mais tempo livre durante o dia. Como não pensam em poupar tempo para trabalhar mais e produzir excedente, acabam consumindo álcool.

O CNPT tem ainda estimulado, com cursos, a produção de artesanato feito pelos próprios seringueiros. Além desse tipo de atividade não ser costumeira entre eles, os técnicos partem erroneamente do pressuposto que a atividade manual de cunho artístico é algo que se aprende.

Desta sorte, em função desta atividade organizada pelo CNPT, não mais faria sentido subir o rio lentamente parando nas comunidades, pois todos os seringueiros que entrevistei deverão vir até aquela colocação para regularizar os documentos de algum membro da família, além disso, realizei nesta colocação três entrevistas (Seu Damasceno, Seu Pedro, e Dona Lita).

Na subida do rio, deixamos a entrevista do Seu Raimundo para que fosse lendo, visto que sua surdez dificultaria nossa comunicação, assim teria muitos dias para lê-la e poderia pensar com calma no que estaria lendo.

Para os funcionários do cartório veio a compra com carne (da cidade) e água mineral para que não corressem o risco de ao comer peixe da reserva ou beber a água do rio ficarem doentes! Só ironizando mesmo. Este carregamento veio

em nosso barco, e me fez lembrar que no século passado vinha de barco água mineral da Escócia para Belém, Manaus e Porto Velho ou manteiga da Holanda.

O Centro de Formação foi **sanitariamente** isolado por cordas pela determinação do **juizinho** que se fez presente (o ar pejorativo é meu próprio pela arrogância e humilhação que o "magistrado" se esforçava todo o tempo por impor aos seringueiros), mas lentamente os seringueiros foram desrespeitando e circulavam livremente pelo local, dando pouca importância para um sujeito que agitado e ansioso de toga preta e vermelha no calor amazônico, querendo dar ar solene àquela situação, o que provocava muitos comentários jocosos entre os seringueiros.

06 de Junho de 1999

Enquanto os seringueiros começavam a chegar e ajudar a preparar o local, aproveitei e retornei as entrevistas do Seu Damasceno, onde gravei com ele as alterações que quis fazer, e pude entregar cópias das fotos que bateu no ano passado, pedindo para que comentasse cada uma delas.

Havia certa expectativa (que depois se alterou para revolta) desses **funcionários públicos,** pois trouxeram dois tipos de comida: uma para eles e outra para os seringueiros. Apesar de algumas reclamações com as cozinheiras a ordem foi prontamente desrespeitada pela comunidade. Todos acabaram comendo macarrão, arroz, farinha e carne seca. Mais ou menos 170 documentos foram emitidos, na grande maioria certidões de nascimento de crianças com alguns dias de nascimento, até velhos com mais de 60, 70 anos.

Neste primeiro dia surgiu uma família que de uma só vez conseguiu a certidão de nascimento para os avós, filhos e netos, além de realizar dois casamentos.

07 de Junho de 1999

Neste período tenho aproveitado para conversar com alguns seringueiros que não via há muito tempo. Nas conversas perguntei se algum dia haviam feito uso dos documentos que estavam ali para retirar. Apenas um disse que levou no bolso quando foi à Porto Velho.

De manhã ainda, fui na casa do Seu Pedro e Dona Lita, que por causa do evento não iriam trabalhar hoje e amanhã, assim pude ler a entrevistas dos dois. Dona Lita ouviu atentamente e disse estar satisfeita e não ter nada a acrescentar. Ela ficou muito atenta a tudo que fora lido, dizendo ao final com sorriso de satisfação estar de acordo com o que estava no papel.

Seu Pedro ficou admirado porque todas as histórias que eu li para ele ainda estavam em sua cabeça, e disse:

- Eu tô me lembrando de tudinho e ainda me lembrando mais ... porque tudo o que está aqui neste livro eu tenho passado ... nessa vida tenho sofrido muito.

Apesar disso, quis gravar novamente várias histórias que havia contado, variando em pequenos detalhes; acabava contando a mesma história, e como na ocasião anterior corria e saltava re-encarnando cada cena. Não necessariamente trouxe novas informações que pudessem mudar ou diferenciar o rumo da história, mas teve a preocupação maior em ilustrar melhor o que havia dito anteriormente.

Seu Pedro, quando recebeu a entrevista pediu para que eu lese antes mesmo que dissesse a ele que eu iria ler. Ficou ouvindo a história, por vezes olhava para Dona Lita e fazia sinal de aprovação sobre o que estava sendo lido. Quando em alguns momentos ela fazia comentários, rapidamente trocavam algumas palavras, mais para ratificar a história que para corrigi-la.

Com Seu Damasceno, dada sua surdez adiantada, pedi para que ele mesmo lese. Em voz baixa passou horas lendo, enquanto me mantinha a seu lado. Ao final da leitura, disse que estava satisfeito com a entrevista que havíamos realizado e não tinha nada a acrescentar. Aproveitei a oportunidade para fazer algumas pequenas perguntas, esclarecimentos de questões apresentadas em sua narrativa e que tive dúvidas se estavam claras, mas Seu Damasceno mesmo assim fez comentário muito sucinto, a ponto de não acarretar alterações significativas ao texto que lhe fora apresentado.

Recebeu ainda as fotos e foi dizendo o que cada foto mostrava.

À noite, enquanto andava pela colocação, encontrei novamente Seu Damasceno que estava bastante alcoolizado e quis agradecer muito o texto que eu entregara a ele.

08 de Junho de 1999

Pela manhã, Seu Chico Eleotério chegou com a família. Não veio para retirar documentos, apenas para ver o movimento.

Aproveitei e entreguei a entrevista a ele. Fiz a leitura que foi ouvida em silêncio. Ao término, disse que não queria acrescentar nada e não fez nenhum comentário, dizendo apenas que estava tudo certo. Percebi que ele mesmo não se interessara muito pela própria entrevista, aliás no primeiro contato que tivemos seu desinteresse era claro, parecia ser atividade do movimento de seringueiros, obrigação e não interesse. Das entrevistas realizadas Seu Chico Eleotério foi o que menos envolvimento mostrou, o tom de voz na primeira entrevista parecia apenas de um relato qualquer.

Daquilo que foi possível observar e ouvir, os técnicos CNPT vem notando as fragilidades do movimento de seringueiros e têm minado o poder financeiro da associação. Denunciou as dívidas que tinham e conseguiram bloquear a conta corrente da associação, de tal maneira que quem tem movimentado o dinheiro do movimento hoje é o CNPT, além de estimular o presidente da associação que reservadamente começa a dizer que pretende se lançar candidato a vereador.

Neste sentido o CNPT vem usando de expediente assistencialista, como possibilitar aos seringueiros retirar seus documentos de graça, com vistas a preparar da plataforma eleitoral de candidato que nasce com o discurso do movimento, mas com interesses manipulados de fora. Com o controle financeiro da associação, o CNPT tem realizado seus projetos dentro da reserva, sem qualquer oposição dos seringueiros e sem que haja demanda inicial das colocações.

Das conversar mantidas com os técnicos do CNPT, há uma crença forte de que o Estado precisa coordenar e liderar as ações dos seringueiros já que eles não são capazes de se organizar, nem tem força econômica para tal.

De um lado tenho ouvido por diversas vezes, dos seringueiros os reclamos dessa disputa, e por outro, acabo ouvindo dos técnicos do CNPT as propostas de ação que tem para a reserva, e por não ser seringueiro, me vêem como um deles, como interventor, ou pesquisador que manipula o objeto de sua pesquisa ao sabor de seus interesses (públicos e privados).

Juntamente com uns poucos seringueiros que vivem no Rio Ouro Preto (e conseguem visualizar as manipulações que ocorrem) a Organização dos Seringueiros de Rondônia - que é a entidade estadual congregando as várias associações e que vem acompanhando com preocupação o desenrolar dessa situação em Guajará-Mirim - vêem defendendo que a associação deve ser autônoma, em que pese seus problemas financeiros, não cabendo nem mesmo a própria OSR envolver-se na direção do movimento. Neste sentido a ingerência do CNPT, aumenta a dependência dos seringueiros para com as políticas de estado, alimentando velhos costumes e não fazendo com que o seringueiro seja o sujeito econômico da sua própria ação.

Esses primeiros dias divididos entre o encontro com alguns seringueiros e essa verdadeira “patetada” cartorial, fez-me de certa forma ter isolamento do ritmo do seringal (ao qual estou habituado e costumo associar com o estilo de vida do seringal), pois a movimentação de seringueiros tem sido grande, e em quase todas as noites os adolescentes têm ficado próximos à margem do rio (onde armei minha rede) até o meio da madrugada bebendo álcool e ouvindo fitas de música brega.

Na verdade, isto tudo faz parte da vida dos seringueiros. A mim, que tenho certos conceitos formados sobre os seringueiros é que estas situações parecem artificiais. A mim também é difícil não romantizá-los ou estigmatizá-los com determinados comportamentos estereotipados. Não os vejo como se vêem, mas parto de expectativas e personificações que criei gerando contradição insolúvel.

09 de Junho de 1999

No final da noite passada, os filhos do Seu Manoel dos Santos chegaram para ver o movimento e disseram que seu pai viria no dia seguinte. Assim, deixamos para subir o rio amanhã no aguardo de sua chegada, que ocorreu à tarde, depois de ter trabalhado de manhã na seringa.

Depois de dar uma volta pela colocação, conversar com Seu Chico e ver o movimento do cartório "mambembe"**,** veio me ver, e então pude entregar-lhe a entrevista e então pudemos ler calmamente seu texto na casa de farinha. Tinha expectativa ruim do retorno com Seu Manoel. A entrevista com ele fora muito rápida e pensava não ter dado condições para que ele pudesse falar à vontade. Imaginava que ele fosse ficar desapontado ou até mesmo rejeitar o texto. Mas ele ouviu atentamente, sem fazer qualquer objeção, e ao final eu perguntei várias vezes se gostaria de dizer mais alguma coisa que se lembrara; a resposta foi negativa e se deu por satisfeito, dizendo que ele era **exatamente aquilo**. Ficou muito grato e disse que iria ler para os filhos para que eles soubessem quem era o pai e o avô deles.

Cobrou as fotos que tiramos e ao entregar-lhe, comentou-as.

10 de Junho de 1999

Bem cedo voltamos a subir o rio para chegar até a colocação do Walter Lopes, agora parece possível começar a envolver-se mais com o ritmo de vida do seringal.

Chegamos no final do dia, Walter ainda não havia voltado da sua estrada de seringa, vimos o peixe que ele havia pescado, salgado e deixado no varal secando, pegamos e fomos prepará-lo.

Enquanto isso, Paulo pegou um pedaço do peixe para usar como isca e poder pescar, retornando no começo da noite com mais ou menos uns dez quilos de piranha, que imediatamente foram preparadas para a fritada, já que estávamos em cinco. Conosco veio Zezão, irmão do seu Davi, que tem olho de vidro, obra de onça. Ele vai subir o rio conosco para separar-se pegando o rumo por terra, da colocação do Amarelo, mais ou menos doze horas de caminhada a partir da margem do rio.

Zezão tem aproximadamente oitocentos quilos de borracha nessa colocação e pretende trazê-la toda à beira do rio para poder levá-la para cidade e vender. Acredita que em um mês consiga trazer tudo, já que vai fazer o transporte no máximo com pélas de vinte quilos. Como acha que em cada viagem deve trazer duas pelas para a margem do rio, vem num dia e retorna no dia seguinte até completar.

Nessa noite foi possível olhar para o céu e ver o manchão de estrelas, passar quase a noite toda acordado com os sapos, os grilos, e os diversos pássaros que cantam em diversas horas, longe, perto, mais alto, mais baixo. Hoje começamos a entrar num ritmo de vida mais lento.

11 de Junho de 1999

Na madrugada, uma mucura que emite grito alto e rouco, impediu-nos de dormir porque ficava cruzando o rio a todo instante gritando ora no terreiro (bem próximo das redes), ora na outra margem do rio, provocando também os jacarés, com a lanterna foi possível focalizar o reflexo do par de olhos azuis muito fortes.

Pela manhã, preparamos café preto e tomamos com farinha e alguns peixes que haviam sobrado da noite anterior e que foram novamente à panela para serem fritos. Paulo, Aparecida, e Zezão foram pescar.

A pescaria resultou em mais quinze quilos de peixe para o almoço e jantar. Enquanto a pescaria acontecia, fiquei com Walter na colocação para lermos seu texto. Disse-me que ficara internado alguns dias em Guajará-Mirim com problema de coluna, por isso estava andando muito curvado. Conseguira fazer um pequeno rancho com algumas latas de óleo, arroz, fumo, pilhas e alguns anzóis, o que considera suficiente para passar aproximadamente dois ou três meses, tempo suficiente para fazer borracha e vender na cidade para fazer novamente outro rancho para mais alguns meses.

Após o almoço descansamos todos. Pelo meio da tarde Valter foi cortar sua estrada de seringa e aproveitamos para conversar um pouco mais, fizemos nova fritada de peixes para o jantar e conversamos até a mucura retornar.

12 e 13 de Junho de 1999

Acordei com o bando de araras que pousaram no buritizeiro próximo.

Nos arrumamos e prosseguimos viagem, para em dois dias chegarmos na colocação do Seu Fernando. Nesse meio tempo paramos na praia e rapidamente fizemos um peixe cozido com água, colorau e sal, comendo com farinha. Dormimos,

pescamos e seguimos viajem, para chegarmos no final do dia na colocação do Seu Fernando.

Seu Fernando e sua esposa haviam saído para a comunidade próxima, onde existe a pequena enfermaria e o agente comunitário de saúde (um seringueiro que participou de treinamento para ser agente comunitário de saúde).

Seu Fernando estava doente, por isso foi até lá para receber alguma medicação. Pescamos um surubim de mais de 15 quilos para o jantar, e fizemos caldeirada para todos (nós e os filhos do Seu Fernando que ficaram sozinhos na colocação). Depois do jantar, por volta das sete da noite, como Seu Fernando não chegou, fomos dormir.

14 de Junho de 1999

Acordamos e fomos todos pescar, retornamos pela hora do almoço para preparar outra caldeirada de surubim e a fritada com os peixes menores.

O dia foi de espera. Após o almoço atei a rede e dormi. À noite, depois do jantar, ouvi algumas histórias que o Zezão estava contando do Amarelo, apesar de bem distante, era colocação antiga, e hoje está quase abandonada. Na baía próxima à colocação tem a entrada do varador que liga o rio à colocação; muitas famílias tentaram se fixar por ali mas acabaram saindo apavoradas em virtude de verem freqüentemente algo que saia do rio e os assombrava muito, meio cavalo e meio homem.

15 de Junho de 1999

No almoço Seu Fernando retorna com sua canoa, demorou mais do que imaginara porque Velaneda (o agente de saúde) havia saído para pescar e enquanto isso ficou por lá aguardando.

À noite, depois da saborosa caldeirada de peixe combinamos que na manhã seguinte leríamos, já que eram mais de sete da noite e todos estavam cansados.

16 de Junho de 1999

Pela manhã começamos a preparar nossas coisas para o retorno, e fizemos café com peixe frito e farinha.

Enquanto Paulo subiu o rio para deixar Zezão mais próximo da baía de entrada para o Amarelo e voltou pescando; li o texto para Seu Fernando.

Fomos até a nova escola que fora construída, pois a antiga que funcionava no barracão ainda da época dos patrões estava muito deteriorada, com o assoalho bastante irregular.

Os alunos estavam sem aula (o que é muito comum) porque o professor havia ido até a cidade receber seu salário. Sentamos em duas carteiras, lemos a entrevista e assim pude mais uma vez ouvir Seu Fernando.

Ele me disse que estava quase decidido a ir me procurar rio abaixo, pois se encontrara com Seu Damasceno pescando e estava mostrando para todos seu texto, e ele também queria saber se eu trouxera o dele. Pegou as fotos comentou todas, e apesar de analfabeto deu a entrevista para o filho (que estuda) ler para ele de novo.

No final da manhã nos ofereceu café reforçado para que pudéssemos seguir rio abaixo, café bem forte com peixe do dia anterior re-frito (já que o café magro é somente o café fraco e bem doce) e farinha, quando então retornamos.

Fomos até a colocação onde moram os irmãos do Paulo, chegando já no início da noite, retiramos do barco somente o necessário e fomos tomar um rápido banho quando o irmão do Paulo nos ofereceu peixe frito com macarrão. Comemos, trocamos algumas palavras e fomos dormir.

17 de Junho de 1999

No dia seguinte, quando passamos pela Boca Larga, onde moram seus irmãos, Paulo disse que ficaríamos por ali descansando uns dois dias de tal sorte que ele também pudesse conversar com seus irmãos sobre alguns projetos da associação e sobre o novo preço da borracha que em função da alta do dólar estaria empurrando o preço da borracha da Amazônia para cima, pois a borracha da Malásia, a grande inimiga e concorrente da borracha feita pelos seringueiros, havia quase dobrado seu valor.

Aproveitei para arrumar as fichas de entrevistas, e lavar a roupa. Almoçamos guisado de macaco e marcamos a caçada para a tarde, afinal Paulo havia trazido a caixa de balas para sua arma que sempre fica na colocação. No fim da tarde subimos o rio; eles entraram pela mata e eu fiquei no barco pescando enquanto escutava esporadicamente os tiros que renderam paca e jacumim.

A janta, motivada pela caçada e pela carne guisada, foi recheada dos **causos** e contos das caçadas de cada um, nos obrigando a dormir mais tarde que o costumeiro.

18 de Junho de 1999

Pela manhã Paulo percebeu que nosso barco tinha um pequeno vazamento, precisamos então virá-lo para refazer o serviço de calafetagem, passando o dia preparando o breu, a estopa para a calafetagem e colhendo a sorva.

Wanderley chegou da pescaria em Petrópolis, onde Seu Fernando lhe mostrou seu texto. À noite, depois do jantar, fui ler o texto com ele, que concordou, fazendo ajustes de texto. Chamou a atenção para alguns acertos e mostrou-se preocupado com a manutenção das indicações que tinha feito de alguns lugares onde ocorre ouro e pedras preciosas, assim, preferimos mudar os nomes e trocar alguns indicativos dos lugares. Seu pai (Seu Raimundo) lera também sua entrevista e havia mandado recado para mim dizendo que aquilo que seu filho dissera era tudo mentira. Wanderley falou que se fosse para mudar alguma coisa, preferia que eu não publicasse a entrevista, porque o que disse era o que acontecera com ele.

Esclareci que aquele texto era dele e que ninguém poderia interferir se ele não consentisse. Assim, mantivemos o texto.

19 e 20 de Junho de 1999

Concluímos o serviço do barco e fomos pescar, mas Paulo quis ficar mais um dia para ter certeza que o barco estava pronto e conversar mais com seus irmãos.

21 de Junho de 1999

Descendo o rio para chegarmos à colocação do Seu Alfredo, paramos de volta na comunidade de Floresta (para dormir), onde já havia terminado a atividade de emissão de documentos para os seringueiros.

Soube que no último dia da atividade fizeram um forró que durou a noite toda e no dia seguinte antes de todos irem embora houve jogo de futebol. Muito embora tivesse passado quase duas semanas algumas famílias ainda estavam por lá.

22 de Junho de 1999

Novamente Seu Alfredo estava na roça e passou o dia fora. Trouxemos muitos peixes e fizemos grande fritada. Novamente após o jantar, e longas horas, iluminados pela chama vermelha da lamparina de querosene, li a entrevista para Seu Alfredo, que disse estar correto o trabalho que eu havia feito e que concordava que eu pudesse publicar seu texto.

23 e 24 de Junho de 1999

Rumamos para a colocação do Seu Nilo, e lá ficamos nestes dois dias sem que houvesse sinal de sua presença.

25 de Junho de 1999

Enquanto fiquei na colocação, Paulo pegou o barco e foi no Pompeu, onde soube que Seu Nilo ficaria mais alguns dias em Guajará-Mirim. Dada a situação resolvemos ir embora para a cidade procurar Seu Nilo por lá, pela casa de algum dos parentes que tem.

Para chegar até Guajará-Mirim, tivemos que tomar dois outros rios (o Pacaás Novos e o Mamoré), sendo possível perceber suas diferenças nesse pequeno trajeto (de aproximadamente 70 quilômetros), que é invariavelmente o trajeto percorrido por muitos seringueiros. O rio Ouro Preto abriga as colocações de seringueiros que foram escolhidas para este trabalho, é rio muito serpenteado com curvas muitas vezes de quase 180 graus e por vezes com **furos** que emendam essas dobras onde o rio rompe com o barranco formando pequenas ilhas. De água ligeiramente transparente, ou seja com até um metro de profundidade é possível observar os peixes, a correnteza do rio geralmente é forte mas a lâmina de água, parece não se mover, implicando que em determinados lugares a calha do rio seja bastante funda.

Em dois lugares no rio Ouro Preto existe o que chamam de estreito (ou grandes furos de muitos quilômetros). Nesses lugares o rio se torna bastante raso, muitas vezes com menos de meio metro de profundidade, mas com grande extensão, dificultando a navegação, ou tornando-a muito perigosa. O rio se espalha por larga região, o barco caminha, atravessa trechos entre pequenas árvores, como se fosse um **varador** dentro da água. Nesses lugares os cipós são muito densos.

Quando o rio Ouro Preto deságua no rio Pacaás Novos (estabelecendo na margem direita a Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto e na margem esquerda a Reserva Indígena dos Pacaás Novos que dá o nome ao rio), a calha do rio fica bem definida, chegando a ter mais trezentos metros de uma margem à outra, as águas correm lentamente e sua coloração passa do caramelo transparente para um tom negro e denso. No lugar das corredeiras, criam-se espelhos de água que refletem de maneira invertida a vegetação, projetando para dentro do rio o céu azul pontuado de nuvens, confundindo e dificultando a percepção da linha da margem do rio.

Se no rio Ouro Preto as margens não eram bem definidas, com muitos furos e alagados, na junção com o Pacaás Novos, a margem se torna muito clara, o barranco é alto e bem delineado e o rio na maior parte do seu transcurso quase retilíneo, com curvas muito suaves.

Outra característica do rio Ouro Preto é que suas margens são redesenhadas a cada conjunto de anos, vários seringueiros chegaram a comentar sobre a mudança do rio ao longo de uns dez ou vinte anos, rompendo o barranco em vários

lugares redesenhando seu curso, deixando o trajeto que anteriormente havia sido seu, é portanto, rio vivo que se move, diferente do Pacaás Novos.

Desta sorte não só a sazonalidade do rio desenha drasticamente a paisagem como chega a reduzir a distância entre as margens no período de seca.

A calmaria do Pacáas Novos possibilita ver há longa distância os botos se movendo a flor-da-água, bem como ouvi-los quando vem a tona para respirar.

Mais adiante, na junção do Pacaás Novos com o Mamoré, já no final da reserva extrativista, as águas ficam barrentas e completamente turvas, as margens alargam-se para além de quinhentos metros e o movimento das águas se tornam muito turbulenta.

Ao chegarmos em Guajará-Mirim no final do dia, levamos o barco e o motor para a associação, e me alojei num pequeno hotel da cidade para no dia seguinte procurar Seu Nilo.

26 de Junho de 1999

Logo pela manhã sai a procura dele. Encontrei-o bastante alcoolizado na casa da filha, preferi deixar recado que voltaria no dia seguinte.

Fomos até a casa onde está Seu Raimundo, que trouxera para a cidade seu texto. Dizendo já ter lido, não quis alterá-lo. Mas afirmou que muitas histórias de sua vida não estavam naquele texto, mas o que estava escrito já era suficiente.

Pediu somente para não publicar o texto de Wanderley (seu filho), pois ele mentiu o tempo todo, afinal seu filho nunca achara nada em garimpo, além disso em toda sua vida sempre fora homem de valor e coragem e nunca fugira de patrão, como seu filho afirmara.

27 de Junho de 1999

De manhã voltamos a procurar Seu Nilo que estava no mercado bebendo muito, mas disse que à tarde, quando estivesse melhor, poderia passar em sua casa.

Ainda um pouco alcoolizado nos encontramos. Li sua entrevista e apesar de constar no texto que era solteiro, sua mulher e filha ficaram ao seu lado ouvindo minha leitura, bem como seus comentários.

O trabalho de re-entrevista esbarrou em algumas limitações porque a idéia de aprofundar temas, ou idéias que teriam surgido ao longo da gravação, implicam num tipo de detalhamento e abstrações que não necessariamente são levadas em conta pelos seringueiros, o que implica em pensar que determinadas situações e vivências tratadas de forma genéricas acabam contendo implicitamente uma série

de outras informações que não são explicitadas, causando-nos a impressão de algo frágil ou inacabado.

Quando a família do Wanderley foi até a colocação Floresta onde aconteceu o trabalho de emissão documentos, Seu Manoel ficou no Boca Larga e Wanderley disse para Seu Manoel: **cuida lá**. Essa expressão **cuida lá** implicou em roçar a área que havia sido plantada com mandioca, roçar o terreiro da casa, cuidar dos animais, fazer sua própria comida, deixar a colocação ajeitada e pescar.

Quando chegamos na cidade com o barco para ser entregue na associação Paulo recomendou aos seringueiros que carregavam nosso barco, **leva e emborca**, ou seja, era para retirar o motor esgotando seu combustível, lavar o barco, tirá-lo do rio, leva-lo no terreno ao lado da associação, virá-lo e prendê-lo à corrente junto ao pé de goiabeira.

Fiz uma série de tentativas, sem resultado, para que explicitassem determinadas idéias. A própria conversa entre os seringueiros não implica necessariamente em reflexões abstratas como nós as concebemos, mesmo os problemas de ordem política ou administrativa da associação são comentadas no âmbito das ações desencadeadas, por vezes pragmaticamente: o que o governo tem que fazer ou não faz, toma lugar do entendimento das relações ou implicações decorrentes, bem como de suas causas.

Nas conversas entre seringueiros sobre o mesmo assunto, invariavelmente incorre o relato de casos semelhantes para reforçar a mesma idéia. No trabalho da pesca, por exemplo, procurei fazer com que explicitassem as formas, técnicas, e estratégias de pesca, mas só pude compreendê-las depois de pescar com eles por vários dias, em várias ocasiões e situações, e em locais diferentes, somente neste momento foi possível perceber que determinados peixes como a piranha, demandam atitude rápida de puxar a linha logo nas primeiras fisgadas, visto que ela consome rapidamente a isca abandonando o anzol limpo. Cada peixe, inclusive a piranha, tem um lugar no rio de sua preferência, geralmente elas ficam no centro do rio, lugar de corredeira, coincidindo com alguma curva. Mais ao fundo são encontrados os acaris e bodós.

O surubim é peixe muito tímido de fundo de rio e movimentos lentos, fica próximo a margem, onde a vegetação avança sobre a água fazendo sombra. O anzol tem que ser jogado na beira do rio e aos primeiros sinais de que o peixe está tendo contato com o anzol não se deve produzir movimentos bruscos, deve-se permitir que o surubim carregue o anzol, para isso é necessário soltar muita linha.

A profundidade do anzol também implica em peixes diferentes, já que alguns ficam mais próximos a flor d'água como os tambaquis, enquanto outros preferem ficar em profundidade média ou no fundo como as arraias.

O horário também determina o tipo de peixe que se encontra, no início da manhã se encontra um tipo de peixe, à tarde outros, e a noite já são outros completamente diferentes. A temperatura também influencia, ou seja, nos dias mais frios e nas horas de chuva os peixes vão mais para o fundo do rio.

Além disso, o tamanho do anzol e a grossura da linha utilizada podem pegar diferentes peixes mesmo que sejam arremessados à água no mesmo lugar e na mesma profundidade.

Esse tipo de detalhamento não é encontrado nas entrevistas, o que não significa que se neguem a relatar o que acontece, mas invariavelmente o aprendizado da pesca acontece durante a própria atividade, quando então, os detalhes se tornam perceptíveis facilitando e abrindo a conversa sobre o que se está fazendo, ou seja isto implica na presença de outro tipo de abstração e não na usa ausência.

5 – TEXTOS

DAVI DE SOUZA

1. Tem uns que não tem sorte ... ninguém procura sua própria sorte ... só procura a sorte do outro. Olha esses irmãos do Paulo ... desde que nasceram tão procurando a sorte boa e ainda não tá na posição que o Paulo tá e esse Paulo roçou estrada minha. Não era nada ... eu digo:
2. - Esse daí não arruma nada.
3. Eu era muito melhor de vida do que ele.
4. É Deus que dá a sorte ... ninguém vai procurar uma sorte má ... agora se não nasceu pra ter aquela sorte não tem ... Deus é que dá e ele faz conforme o cara merece ... pra mim a posição que tô tá boa ... ele deu essa sorte e tô bem.
5. Imaginava coisa melhor e ainda imagino. Já tive bem de vida ... tive uma posição que não trabalhava ... já botei bar duas vezes e ficava numa boa ... marretei duas vezes.
6. Quando dou fé quebro ... se tão me devendo quebro mesmo porque o capital é pouco ... então minha sorte foi essa até agora ... não sei daqui pra frente. Deus dá conforme o cara merece ... quer dizer que não mereci ir pra frente ... mas quero dizer que tô conformado com a minha sorte ... porque tô com saúde e tenho coragem pra trabalhar.
7. Eu trabalhava com um engenheiro ... que me dizia assim:
8. - A sorte da gente desde que nasce já vem traçada.
9. E eu calculo que é ... não dá pra mudar tudo ... agora a sorte que Deus não dá é do cara roubar ... esse faz porque quer. Ele não vai dar a sorte do nego só viver matando. A sorte que ele dá é assim de nascer aleijado.
10. É como o Paulo ... deu essa sorte de pegar esse emprego. Essa vida dele é melhor ... que ele era seringueiro. Ele pode dizer pro povo que é melhor cortar seringa ... mas não é não. Que ele nasceu na seringa.
11. Mas a minha vida ... quando me entendi de gente mesmo ... tava com oito anos quando meu pai foi baleado casualmente né ... um padrinho baleou e ficou aleijado ... acertou na junta do pé uma bala 44. Minha mãe é que criou nós e ele passou dois anos sem trabalhar.
12. Escola não fiz ... era todo o tempo no seringal ... brincava de baladeira ... fazia flecha de cana ... a gente brincava à beça flechando calango ... era a vida da gente! Domingo tinha folga ... mas dia de semana era trabalhando ... trabalhei até agora ... tô com 63 anos e sempre trabalhando.
13. Já morei sozinho ... trabalhei muito sozinho ... vontade de conversar dava ... mas cadê? Porque saía pra trabalhar de madrugada ... quando ia chegar em casa era umas quatro da tarde ...

então ia defumar aquele leite todinho e quando acabava era dez da noite e já tava doido pra dormir ... pra sair no outro dia.

14. Domingo tinha folga ... de manhãzinha já ia tirar o cavaco e vinha carregando pra dentro do fumaceiro ... de tardezinha ia pegar um peixe pra comer ... **A VIDA ERA TODO TEMPO ASSIM**.

15. A minha bóia era mais mesmo carne e chibé. Chibé é farinha com açúcar e água. Porque tinha dia que chegava e não dava tempo de cozinhar ... comia aquilo e ia dormir. Tinha dia de passar a semana todo no chibé mais carne seca. ***EU ME CRIEI MESMO FOI SÓ!***

16. Vejo agora esse negócio de criar menino com leite ... me criei foi comendo só caldo de traíra.

17. E quando achava uma caça ... aí matava e comia ... matava uma anta ... um porco ... aí passava o mês comendo carne ... trazia a anta punha sal e sol ... ai comia com farinha feijão e arroz. E a comida de agora é a mesma coisa ... só não tem mais chibé ... porque agora já tem a mulher que faz a comida e naquele tempo era sozinho.

18. Vim me casar depois de velho ... casei com a Regina aqui mesmo no Rio Ouro Negro ... me ajuntei com ela ... passei um ano junto aí nós se casemo quando o padre veio ... ela falou:

19. - Vamo casar?

20. - Vamos.

21. Já possuí treze mulher com ela ... tudo era amigado ... vim me casar com a Regina ... tá com oito anos. A Maria eu roubei ... roubei não ... ela fugiu porque quis. Ela trabalhava em Colônia e falou:

22. - Tu quer fugir?

23. - Quero mas tenho mulher em Guajará.

24. - Mas vou contigo. Você me leva?

25. - Levo ... quando chegar em Guajará tu fica.

26. Minha mulher era da idade dessa daí e ela era nova.

27. Na época dos patrão ele que era o juiz e era o padre ... era só assinar um papel e pronto. Se quisesse casar com uma menina ... ele dizia:

28. - Quer casa?

29. A menina:

30. - Quero.

31. - Então tá bom.

32. Falava com o pai e assinava ... quando não queria não tinha nada ... só se a menina fugisse ... aí tinha que roubar. Se a menina quiser e o noivo querer não tem pai e mãe que empate. Eles foge daqui e vai ali ... já tem uma casa de família e daí passa uns dois ... três dias e volta pra casa do velho ... aí aceita porque não tem mais jeito ... já dormiu junto então o que vai fazer.

33. Agora em Pedras Negras teve um cara que matou o genro que roubou a filha. Ele falou que quem roubasse a filha ele matava ... o cara falou:

34. - Eu roubo!

35. Então trataram ... quando foi negócio de uma meia noite eles fugiram ... amanheceu e o velho foi atrás ... quando encontrou o rapaz:

36. - Quer dizer que você roubou minha filha?

37. - Roubei!

38. - E que intenção você vai ter?

39. - A intenção é me casar com ela.

40. - Mas eu disse que não queria o casamento.

41. E deu um tiro no rapaz ... matou e levou a filha. Deram parte pro delegado que veio e prendeu ... o rapaz morreu e a menina ficou aí solteira.

42. Agora o namoro antigamente era mais duro que agora ... porque no tempo que me entendi de gente ... se pedir uma menina em casamento ... era ela lá e o cara aqui e pegava só no dia que casasse. Tinha vez que o filho dizia:

43. - Pai tô gostando daquela menina.

44. E o velho é que ia pedir pro pai dela:

45. - Olha ... meu filho queria casar com a sua filha ... é do seu gosto?

46. Se fosse do gosto chamava a noiva ... e dizia:

47. - Bem ... de hoje em diante esse aqui é teu noivo. Pronto ... mas só namorava de longe. Tal dia vocês vão se casar.

48. Eles só ia agarrar a noiva depois que casava.

49. Agora ... o pai não sabe é de nada! Quando dá fé a filha já tá com o filho no braço. Era difícil o cara andar deixando a mulher dele ... só deixava por morte. E agora não ... mora com uma mulher hoje e quando vê trocou.

50. Teve uma mulher que me deixou ... mas porque morreu ... o nome era Carmen. Eu gostava dela e nós não se deixemos ... ela que morreu. Porque uma mulher me deixando não tenho saudade ... se deixa por causa de briga a gente fica com ódio. E morrendo é outra coisa.

51. Com oito anos ia quebrar castanha ... naquele tempo escola eram poucas e não estudei ... vivia só no trabalho porque a minha mãe tinha um monte de menino tudo mais pequeno e eu que tinha que trabalhar e quando tava com 15 anos ... tomei conta da minha vida ... que já sabia cortar seringa ... eu falei:

52. - Vou trabalhar só ... mas o saldo que tirar vou dar pro meu pai.

53. O patrão não quis me fornecer a mercadoria ... falou:

54. - Não vou fornecer mercadoria pra menino que ele não paga.

55. O meu pai disse:

56. - Eu compro a mercadoria e dou pra ele.

57. E o gerente ia anotando a mercadoria que mandava.

58. Quando foi no fim do ano ... naquele tempo o dinheiro valia. Paguei a conta e tirei nove mil de saldo ... meu pai tirou mil. Fiz mil e quatrocentos quilos de borracha.

59. - O que tu vai fazer com tanto dinheiro?

60. - Vou dar pro meu pai e vou trabalhar no inverno.

61. - Trabalhei no inverno e tirei mais dois mil cruzeiro ... todo tempo por minha conta.

62. O patrão falou:

63. - Vamo trabalhar comigo Davi?

64. - Lá tem índio?

65. - Tem não. Tem mas é manso.

66. - Então eu vou.

67. Eu e os companheiros de barraca chegamo lá e os índios era brabo ... nesse tempo só cortava de noite ... que era defumada. Chegava com o leite quatro da tarde e nove da noite terminava de defumar.

68. - Companheiro cortei uma estrada e deixei umas tigelas lá na boca da estrada ... cheguei lá e não tava ... era 50 tigela.

69. Eu falei:

70. - Macaco carrega de uma ... assim não pode.

71. Quando foi um dia cheguei e entrei na barraca ... não tinha panela ... não tinha prato ... não tinha nada ... é os caboclo!

72. De noite nós se deitemos ... eu dormia muito que era novo e nesse dia dormi. Quando deu sete horas os caboclos invadiram um quartinho de palha que fizemos pensando que nós não tava dormindo ali. Olhei e tinha três mas não tava com flecha ... gritei e eles correram.

73. Cortei o ano todinho com medo e eles só roubavam. Tinha um vizinho que roubaram e quiseram flechar os garotos ... aí fumo atrás desses caboclo ... andemos dois dias e voltemo. Quando cheguei no Água Branca mataram um rapaz ... saímos de novo e andemo todo o dia ... mataram um seringueiro bem pertinho e nós atrás ... andemo 14 dias. Acabou o rancho e teve gente que já queria até deixar a espingarda de fome ... tudo fraco nós tava ... acabou sal e farinha ... só não acabou a munição.

74. Nós matava um bicho mas comia sem sal ... comia pedacinho ... acostumado a comer com sal não alimenta né. Não demorava muito botava fora. Ainda gastemo 16 dias ... quando nós cheguemos no barracão tava tudo fraco.

75. Cheguei a fazer borracha ... ter borracha no terreiro ... e não ter mercadoria ... pegava banana fininha e verde pra cozinhar e comer com carne ... que o comboio atrasava três dias ... cansei de comer só macaxeira ... tudo isso é sofrimento que a gente passa no seringal.

76. Eu morava com uma mulher e ela caiu doente ... tava com três horas de viagem ... pra carregar ela nas costas tava longe do barracão ... quando nós cheguemos a mulher tava morrendo. Faltava farinha ... faltava açúcar.

77. O maior sofrimento que já passei na minha vida mesmo foi arrancar um cadáver. Ele veio de Roraima ... pra abrir uma rodagem e ganhar sete real por dia aqui no Cautarinho ... os outros foram embora e ele ficou com a malária ... não levaram o homem ... aí fui avisar que esse homem tava doente ... andei 15 quilômetros de picada ... cheguei lá e avisei

78. - Tá bom. Nós vamos tirar. Agora você vai buscar o nosso motor ... dá cinco quilômetros.

79. Fui e voltei no mesmo dia ... quando cheguei ele tava pior.

80. - Seu Vicente porque que o senhor não vai pra Guajará-Mirim?

81. - Eu não vou. Só vou daqui quando ficar bom.

82. - O senhor vai morrer.

83. - Vou não.

84. O cara veio aplicar uma injeção e ficou com o braço dessa grossura. Aí mandaram um rapaz com soro ... eu falei:

85. - Vocês aplica bem lento ou então aplica só meio ... porque ele tá muito fraco.

86. - Ele aguenta.

87. - Você fica cuidando desse soro ... quando der sono chama nós.

88. - Tá bem.

89. Mas quando agarremo no sono ... ele abriu o soro pra ir mais ligeiro ... quando entrou o soro não agüentou ... forçou demais ... nós se acordemo com o homem gritando. E morreu.

90. Lá em Roraima a mulher dele soube que o pessoal tinha matado ele de pau ... ela foi com a polícia ... aí veio o filho do delegado e outro rapaz. Chegaram lá:

91. - Agora nós temos que arrancar o homem Seu Davi ... pra bater foto.

92. - Eu não vou cavar não.

93. Aí eles me deram um álcool e peguemo a pá ... quando deu uns dois palmos ... não sei da onde veio tanta mosca ... nossa valência é que nós tinha levado umas camisa aí amarremo ... meu corpo era só mosca ... nós se jogava dentro do igarapé e elas ficavam ... quando saia elas vinha em nós ... até que descobrimos o cadáver ... tava numa rede ... aí bateu a foto. Ninguém podia falar que era tudo amarado ... até que viemo se embora.

94. Nós tumemo banho e butemo extrato. Me deu uma dor de cabeça que quase não agüentava e eles pegaram 15 dias de malária. O doutor disse assim:

95. - Você escapou da malária porque tava bebendo.

96. Foi a coisa mais ruim que já passei na minha vida ... foi feio.

97. Aqui no seringal quando morre alguém ... o pessoal ajunta ... vai no Fernando e avisa ... vai lá em casa avisa e vem velar ... no outro dia enterra no cemitério em Petrópolis ... leva e deixa lá ... só reza mesmo se o padre vem rezar.

98. Eu tava no barracão do Cautarinho ... aí passou um velho já idoso e outro moço que foram pro lote deles ... o rapaz novo tava doente e o velho doido pra ir embora ... eu falei assim:

99. - Esse rapaz tá com malária.

100. - Que nada. Vão bora senão vão tomar o nosso lote.

101. E foram ... quando chegaram com oito dia o velho caiu doente pra morrer ... o outro falou:

102. - Vou lá no Seu Davi.

103. Aí ele veio:

104. - Seu Davi ... aquele velho tá doente e ele não escapa não ... vai morrer.

105. - Tem gente lá?

106. - Fui chamar dois e vim chamar o senhor pra nós tirar ele e levar pra cidade.

107. - Rapaz ... não dá pra nós tirar ele pra cidade. Porque daqui pra onde tem carro dá trinta quilômetros e daqui pra donde vocês tão dá mais de três ... 33 quilômetros na picada ... nós vamos trazer esse homem na rede e nós somos só quatro ... não vamos aguentar.

108. - E se ele morrer?

109. - Vocês enterra lá mesmo.

110. - Se chega lá e nós fala pra polícia ela não vai acreditar

111. - Se a polícia chegar aqui eu aviso. Ela não vai andar 33 quilômetros na picada pra vim ver um corpo.

112. - Seu Davi eles vem.

113. - Eu não vou não. Se chegar e ele tiver morto então enterra. Vocês não são três? Então pronto!

114. Quando chegou lá de manhã o homem já tinha morrido ... umas três horas lá vinha eles ... aí falei assim:

115. - Que tal ... o homem morreu?

116. - Morreu!

117. - Enterraram o homem?

118. - Não.

119. - Mas porque?

120. - Porque nós vamos avisar pra polícia.

121. - A polícia não vem aqui rapaz! Ela vem se fosse de carro ... mas como não anda carro aqui ... ela não vem.

122. Deixaram o homem ... chegaram lá avisaram pra polícia que o homem tinha morrido ... pra eles irem lá olhar.

123. - Por que vocês não enterraram o homem?

124. - Não enterremos pra vim avisar.

125. - Vocês voltem e vão enterrar o homem.

126. - Nós não vamos voltar mais não ... nós não vamos andar 33 quilômetro pra enterrar o homem ... viemos avisar se a polícia não vai enterrar também não vamos.

127. - Então deixe lá!

128. Deixaram ... passou 13 dias ... aí o cara chegou e disse:

129. - Davi ... vamos lá ... sepultar aquele corpo?

130. - Não vou não ... pode ir lá enterrar o homem.

131. E ele foi enterrar o homem ... chegou lá os urubus já tava em cima da casa ... mas não entrava ... jogaram álcool nele e cavaram só uns dois ou três palmos e enterraram. Eu falei:

132. - Se morrer um aqui eu enterro e não comunico a polícia ... enterro logo.

133. - Como o Doutor que foi lá no Cautarinho fazer umas pesquisas de ouro ... ele falou:

134. - Tem barraco aqui perto?

135. - Com meia hora tem um.

136. Aí foi lá pro barraco ... eram quatro irmãos.

137. - O senhor veio de onde?

138. - De São Paulo.

139. Quando eles passaram quatro dias fiquei perturbado ... tava pescando de fronte do barraco ... aí escutei aqueles grito ... vou sair daqui e vou lá ver. Aí quando dei fé e escutei bem perto de mim ... dentro da água **PLUM ... PLUM** ... eu falei:

140. - Isso aí é anta ... eu vou matar uma anta dessa.

141. Vim saindo pro rio ... mas a canoa enganchava ... quando saí só vi olada: perdi a anta ... foi embora!

142. Escutava uma moto serra funcionando e quando parava gritava ... deixa estar que era o doutor gritando ... então não vou mais não.

143. E o doutor falou assim:

144. - Olha ... você fica aqui fazendo piquete ... que eu vou com o outro lá no pé da serra.

145. Aí o rapaz falou:

146. - Vamos de motor?

147. - Não ... vamos no varejão.

148. Aí o rapaz foi embora e doutor foi na popa ... quando eles vão fazendo a volta do rio ... os caboclos tava na beira jogando flecha que varou a barriga ... aí o doutor disse:

149. - Hei rapaz ... porque tu faz isso? Para com isso!

150. E quando a flecha veio de novo ele se abaixou e pegou a flechada no outro que caiu logo na água e saiu nadando e o doutor ficou na canoa ... o outro caboclo jogou e pegou três flechadas na perna dele.

151. O doutor ficou em cima da rampa com três flechas fazendo que tava morto e o caboclo falando que não precisava mais flechar. Os caboclos jogaram o tanque na água e empurraram a canoa. O cara que levou a flechada ... com tanto medo que tava saiu beirando o rio e a flecha agarrada e ele pensando que não ia aguentar.

152. O rapaz foi descendo e quando chegou lá perguntaram:

153. - Cadê o doutor?

154. - Os índios mataram.

155. - E você foi flechado ... olha a flecha onde tá.

156. - É mesmo ... puta merda eu fui flechado.

157. Aí ele sentiu e quebrou a flecha ... ficou só um pedaço ... mas as tripas saiu de fora. Eu tô vendo aquilo e os gritos era do doutor que vinha remando ... aí deixaram o rapaz que tava com muita dor ... o doutor ouviu aquele cara gemendo e falou:

158. - Você que tá aí?

159. - É eu mesmo.

160. - Levei três flechadas mais tô vivo! Pensei que você tinha morrido.

161. - Doutor eu levei só uma mas não posso nem me levantar.

162. Aí o doutor tava com o joelho inchado ... pegou o cara e foi levando. Foi o homem mais forte que já vi ... eu digo:

163. - Vou já buscar a injeção.

164. E o rapaz gemendo ... gemendo ... aí mandei um cara lá pegar a injeção pra tétano ... aí ele pediu água gelada e o irmão dele mandou não dar água ... eu digo:

165. - Dá água pro homem!

166. - Seu Davi se dar água ele morre.

167. - Dá água que ele vai morrer mesmo ... senão ele vai morrer com sede.

168. Aí peguei uma lata ... molhei as tripas dele pra não secar e ele bebeu todinha aquela água ... dois litros ... ele falou:

169. - Quem tem coragem de botar minhas tripas pra dentro?

170. Eu digo:

171. - Eu tenho.

172. - Então bote pra dentro.

173. - Eu vou botar. Deixa tu acabar de beber água.

174. Quando ele acabou ... não demorou e saiu tudo pelas tripas ... ele falou:

175. - Me dá água de novo.

176. Bebeu dois litros de novo e saiu tudinho ... aí eu falei:

177. - Mas você aguenta?

178. - Aguento. Bota minhas tripas pra dentro.

179. Aí eu pegava com os dedos e ia empurrando ... empurrava prum lado e saiu por outro ... aí lutei ... lutei ... digo:

180. - Não entra!

181. - Mas Seu Davi.

182. Aí o irmão dele:

183. - Será que ele vai morrer Seu Davi?

184. - Não vai dar duas horas.

185. Quando faltava quinze pra duas ele morreu ... aí eu disse:

186. - Ele agora vai se despedir desse mundo.

187. Botei uma vela na mão dele e foi morrendo.

188. - Eu não disse que ele ia morre?

189. Aí o doutor disse:

190. - E agora Seu Davi?

191. - Agora é 30 quilômetros de picada e quem vai?

192. - Vocês ficam velando o rapaz aqui e eu vou buscar as coisas.

193. Era de canoa ... aí nós saímos fomos lá e peguemos ... a valença é que o tanque não afundou e nem rodou ... ficou no remanso. Nós cheguemos lá era umas dez da noite e o tanque tava na beira ... aí embarquemos ... fomos lá onde tava as coisas do doutor ... aí ele falou assim:

194. - Seu Davi eu queria te fazer um pedido ... o senhor me tira da canoa que os caboclos vai me flechar.

195. - Vai não doutor ... nós tamo aqui agora e eles não vem não.

196. Mas ele ficou com muito medo e quando nós tava saindo:

197. - Tá lá o caboclo ... já vai me flechar.

198. Eu falei:

199. - Rapaz não dá certo ... nós tem que se defender.

200. - Pra onde o senhor quer ir?

201. - Queria ir pro meu quarto.

202. Peguemo e levemo. Aí eu falei com a mulher:

203. - Você fica aqui cuidando da porta.

204. Ele falou:

205. - Seu Davi se eu escapar dessa nunca mais venho pro Amazonas.

206. E nós escapemo ... era só superstição dele que tava flechado e via caboclo ... aí falei assim:

207. - Agora vamos enterrar o homem?

208. - Não vamos enterrar não. Ele vai ser enterrado em Costa Marques.

209. - Olha ele não vai agüentar chegar ... ele morreu e o sol tá muito quente ... nós tamos velando ele aqui debaixo dessa casa de zinco ... isso aqui esquenta muito e a vela acabou-se de noite.

210. Quando o dia foi amanhecendo ... eu falei:

211. - Rapaz vamos enterrar esse homem! Daqui do pé a gente via a cabeça e da cabeça via os pés dele ... olha adonde já tá a barriga desse homem. ninguém vê o pé ... vai pro lado do pé e não vê a cabeça.

212. Deu dez hora a barriga do homem tava grande ... nós já tinha cavado a sepultura ... então vamo enterrar.

213. - Na rede eu também não quero ... queria que fizesse um caixão.

214. - Olha ... agora não tem tábua.

215. - Mas não tem moto-serra.

216. Serramos as tábuas e um rapaz que era carpinteiro fez o caixão ... quando nós fomos enterrar o homem era umas cinco horas ... quase que quatro homem não leva ele ... nós paremos umas cinco vez pra chegar no cemitério.

217. - Esse homem tem muito pecado!

218. E o doutor foi embora e nunca mais veio.

219. - Seu Davi eu vou pra São Paulo ... o dia que o senhor chegar lá pode me procurar que o senhor vai morar dentro da minha casa.

220. - Sei lá quando vou pra São Paulo!

221. Mas eu vi que eles mexeram com os caboclos ... que não eram trabalhador ... quando eles subiram não tinha milho e quando eles baixaram tinha ... eu perguntei:

222. - E esse milho?

223. - Trouxemos de Guajará.

224. - Mas não tem em Guajará ... o milho é de caboclo!

225. Mataram ... eles foram na maloca e cada um matou um porquinho bem mansinho ... aí os caboclos vieram e flecharam eles. O doutor não queria que matassem ... mas matou.

226. E o doutor não mataram não ... mas ficou três flechada que não era mortal ... não tinha gancho ... era do tipo peixeira ... só pra furar ... mas botou muito sangue ... o joelho dele já tava muito grosso que ele não andava mais.

227. As festas daqui era um forrozinho ... agora já é mais melhor ... tem o toca-disco ... mas naquele tempo era só violão e batendo no fundo de balde. Naquele tempo uma festa era uma morte ... o cara bebia e era muito ignorante ... dava uma discussão! Quando não matava de faca era de tiro. Não demorava muito era briga e já tavam no soco.

228. - Vem que te mato!

229. - Eu sou homem!

230. Aí eu disse assim:

231. - **HOJE VAI TER MORTE!**

232. O delegado:

233. - Vai não ... a gente interfere ... eu já tomei as facas quase de todo mundo.

234. - Mas tem uns aí que tem faca.

235. Aí depois:

236. - Olha pessoal quem tiver faca me dá. Todo mundo deu a sua ... você não vai dar não?

237. - Não.

238. - Você vai dar por bem ou por mal ... você pode furar um mas os outros vão te pegar.

239. O cara tinha levado uma mulher solteira para o seringal ... ela pegou a falar muito e ele falou assim:

240. - Olha Raimunda tu fica direita ... porque aqui não é igual em Guajará-Mirim ... tu não tá no brega ... aqui é familiar.

241. Ela falou:

242. - O que tu vai querer?

243. Aí meteu um tapa nele.

244. Tava dando no marido. Aí tinha um rapazinho do lado e disse assim:

245. - O cabra ali não é homem ... porque uma puta dá nele.

246. - Tá certo que ela era puta mas agora ela é minha mulher ... tô vivendo com ela e você tem que respeitar que é minha mulher e não puta.

247. - É puta! Uma mulher dá em você porque que eu não dou?

248. E meteu-lhe a mão ... o cara disse:

249. - Eu apanho de uma mulher mas de homem não apanho.

250. E foram lutar e ele deu no rapazinho:

251. - Não tô dizendo que eu apanho de mulher mas de homem não.

252. No barracão ... tinha uma rua de trás cheia de quartos ... pra quando o seringueiro vinha da colocação esperar o motor que ia pra Guajará.

253. Aí ele foi indo e correu ... entrou dentro do quarto ... quando foi dando fé o rapazinho saiu de lá com a espingarda engatilhada na mão ... só escutemo **POU ... POU** ... dois tiros e caiu no assoalho ... aí nós falemo:

254. - Ali caiu um ... morreu que não gemeu nem nada ... já caiu morto!

255. - Agora terminou a festa.

256. Aí ficou tudo em **SILÊNCIO ... SILÊNCIO** ... tinha mais de 100 pessoas ... eu falei:

257. - Olha aí tá vendo como é ... nós tava dançando bem agora ... mataram um e a festa acabou.

258. A comida era boa ... os homens e as mulheres tomavam cachaça e matava um boi pra gente comer.

259. - Então nós vamos embora ... tá aí o resultado.

260. E no outro dia prenderam o rapazinho que de manhã apareceu. Falei:

261. - Olha aí o que aconteceu ... você vai preso ... o outro vai pra debaixo da terra e a mulher vai pro brega de novo.

262. Ela baixou a cabeça e lá foi pro brega.

263. Todo o ano tinha morto ... no outro ano:

264. - Vamos fazer festa?

265. - Vamo. Nós vamos ver se não tem briga e vamos ver se não tem morte.

266. Quando foi quatro hora da manhã ... o cara largou-lhe o murro na cara de um ... o outro bateu a mão num terçado e a primeira terçadada que deu na cabeça do rapaz entrou e veio bater no meio da testa.

267. - Eu vou matar!

268. - Rapaz o homem já tá morto!

269. Aí a festa acabou ... quando foi no outro ano o dono do barracão disse que não fazia festa ... a turma se reuniu ... os homens chegaram lá e ficaram.

- Davi ... vamos fazer uma festa?
- Rapaz ... se ele não quer fazer ele que sabe ... ele é o dono do barracão.
- Não ... mas o barracão é nosso.
- Não ... o dono do barracão é ele.
- Mas nós vamos fazer uma festa no meio do terreiro.
- É no meio do terreiro tá certo.

Falaram com o patrão:

- O senhor dá licença da gente fazer uma festa?

Ele falou:

- De jeito nenhum.

Disseram:

- O motor tá aí e tem uma lona lá ... vão bora pegar a lona e vamo fazer a festa.

Fizeram o salão deles no meio do terreiro e aí chamaram o tocador ... o homem não queria aí fizeram ele tocar ... aí nós tamos bebendo lá: bebemo ... bebemo ... bebemo ... disseram:

- Briga não vai ter. Sabe de uma coisa a comida tá boa ... carne bem assada ... vamos fazer o patrão vim pra cá?

Eu dizia:

- Deixa ele.
- Não ... não ... vamos fazer ele vim ... ele não vende a nossa borracha? Tem que vim.

Aí quando chegou lá:

- Nós quer falar com o senhor.

Ele falou:

- Bebida não vendo mais.
- Nós não vamos querer só bebida ... agora nós vamos querer a bebida e você vai passar a noite lá sentado no banco vendo nós dançar.

Foi e vendeu bebida ... quando deu cinco hora ... ele tava com sono:

- Vamos deixar o homem ir. Libera o homem.

Eu falei assim:

- Quer dizer que ele tá preso?
- Tá.
- É muita sacanagem ... vocês prenderam o patrão.

E nesse ano não teve morte ... aí eu falei:

- É não teve morte porque quem ia morrendo era o senhor ... se não fosse na festa o senhor ia morrer e eles já tinham botado o revólver em cima.

Agora não tem mais festa ... aqui o ano passado teve duas ... mas não teve prosa nenhuma. No Pacaás Novos eles fazem forró com os caboclos ... agora que já tá manso.

301. O Damasceno andou muito atrás de índio aqui ... ele diz que nunca matou índio não ... mas eu falo que ele matou ... que ele era mateiro ... **DAMASCENO JÁ ANDOU MUITO!** Mas agora chega no Pacaás Novos ... num lugar de caboclo ... eles recebe na casa dele melhor que o civilizado.

302. Só tem uma coisa que é melhor agora: o negócio do xadrez ... porque naquela época não tinha advogado ... fui preso uma vez só uns 15 minutos porque eu tinha razão.

303. Mas ali com o Capitão Alípio o cara sofria ... ele pegava uma marreta de borracha pro cara quebrar pedra ... o cabra passava dia e noite batendo naquela pedra ... chegava e perguntava:

304. - Quebrou a pedra meu camarada? Não? Então guarda ele.

305. Era muita formiga de fogo ... aí botava pra capinar ... quando a formiga batia ele dizia:

306. - Não mata as bichas ... isso aí é minhas crias. Não mata!

307. Era muito malvado ... o cara capinando ali na formiga de fogo e o outro quebrando pedra com a marreta de borracha e nunca que quebrava. Quando saía do xadrez tava todo doído e com a mão inchada. Não tinha advogado ... o advogado era ele ... se o patrão chegasse e dissesse assim:

308. - Prende o Davi e só solta ele no dia que o motor for sair.

309. Se faltasse 20 dias ia ficar lá dentro do xadrez. No dia da saída é que ia solto. Quando era um bom seringueiro e falava com o patrão ... ele chegava:

310. - Solta ele ... o senhor sabe que ele não vai fazer mais isso.

311. Soltava e o cara ia farrear de novo mas direitinho ... que qualquer coisa mandava prender de novo. Hoje tem o advogado.

312. E tinha festa familiar e de mulher solteira ... não tinha esse roubo e essa matação ... era muito difícil um cara matar uma pessoa em Guajará-Mirim ... matava mais no seringal. Agora no seringal não mata mais ninguém ... só mata na rua. Pode abrir o rádio todo dia que só vê dizer: “matou fulano” ... “fulano matou” ... “fulano roubou” e naquele tempo não tinha isso.

313. No brega o nego chegava e já revistava ... se tivesse armado tomava a faca ... se tivesse um revólver tomava. Agora não ... o cara entre e nem a polícia vai lá revistar. Pois naquele tempo era muito mais melhor e era dinheiro todo o tempo. Nos mês de janeiro a abril ... aqui no rio não tinha um vivente ... tava tudo em Guajará ... de maio em diante o motor pegava a subir ... botar mercadoria nos barracão e os caras indo pras colocação ... porque ia tudo pra Guajará ... não tinha o que fazer aqui ... ninguém botava roça e não tirava seringa ... isso aqui tudo alaga e quando alaga ia tudo ... porque aqui é no baixo.

314. Agora ... o cara fica aqui mesmo cuidando da sua rocinha e naquele tempo o patrão não queria roça ... era só seringa. Agora tão só cuidando de roça ... não tão cortando ... quero só ver como eles vão pagar.

315. Hoje quase todo seringueiro tem um motor ... mas agora tá ruim porque tá tudo muito caro e o dinheiro tá muito difícil né. De primeiro o motor era 500 quilos de borracha e hoje com

1000 não dá ... não tem dinheiro pra comer e quando era no tempo do cruzado um quilo de borracha era dois cruzado. Quer dizer que duzentos quilos de borracha dava 400 cruzados.

316. O melhor presidente do Brasil até agora pra nós fora o Getúlio foi o Sarney. Todo dia tinha a inflação que levantava muito ... comprava de manhã por um preço ... de tarde era outro ... mas o produto que a gente fazia levantava também. Com o cruzado a gente comprava uma caixa de óleo por 20 cruzado e achava caro e agora com o real é 23.

317. O barracão era melhor. Mas a Associação ... se todo mundo cumprisse o que diz a lei nós tava numa boa ... ela botou umas cantinas por aí. Agora o pessoal comia e não pagava ... ela não pode tá botando mercadoria se ninguém trabalhar. Quer dizer que foi nós mesmo ... porque se nós pagasse tinha mercadoria aqui. Aí reclama que a Associação não presta ... ela não pode dar mercadoria pra todo mundo. Essas coisas que a gente passa aqui ... não tem nada de IBAMA ... a crise quem fez foi nós mesmo.

318. Mas aqui tinha caboclo pra todo canto ... o fina do Manussakis mandava matar ... tinha até uma metralhadora ... aqui ele tinha homem que ganhava só pra matar caboclo e queimar maloca. Eles passava quinze dias aí pra dentro ... chegavam no barracão ... passavam quinze dias descansando ... fazia o rancho e entrava de novo. O Cocal falou que aí pra dentro tem caboclo ainda.

319. Mas no tempo do Manussakis tinha vez que vinha de 20 - 30 seringueiro e quando chegava lá no Estreito voltava ... os caboclos flechava dentro do batelão mesmo e o cara já voltava com o motor e tudo.

320. Eu nunca matei caboclo. Vi no mato de passagem ... mas nunca matei ... também eles nunca jogaram flecha em mim. Trabalhei no Pacaás Novos e lá tinha. Me roubaram a casa ... mas nunca me jogaram flecha ... só atiro se eles mexer comigo. De roubar eu não ligava ... porque de lá podia roubar um caneco ... eu ia no barracão e falava pro patrão:

321. - O caboclo me roubou um caneco e se não me dá outro eu saio da colocação.

322. Me deram outro. Fui no barracão e falei:

323. - Os caboclos agora roubaram minha rede.

324. Eles foram e me deram outra.

325. Agora eles flecharam companheiro ... mataram uma família todinha. Que o rapaz foi atrás e mandou prender os índios mansos. Foram e amararam ... tinha um caboclinho que trouxeram solto.

326. O rapaz disse:

327. - Vão fazer comida. Que eu vou ficar cuidando dos caboclos.

328. Aí eles ficou comendo amendoim ... que é uma planta que os caboclo come muito. Aí o caboclo virou a língua pro caboclinho: desata aqui.

329. Aí o caboclinho ficou andando e desatando. Desatou um ... aí os outros ... aí desatou aquele que tinha um machado e o cara com a boca cheia comendo amendoim ... ele veio com o

machado e deu no pescoço ... ele queria gritar mas não pôde porque tava com a boca cheia de amendoim.

330. Aí cada caboclo pegou um rifle. Mataram três e outro correu ... aí eles falou assim:

331. - Agora nós vamos lá matar o gerente.

332. O galinheiro era de fronte o barracão ... os caboclos de noite vieram e entraram dentro do galinheiro. A mulher falou:

333. - Vai olhar o que tem dentro desse galinheiro que as galinhas não se aquieta hoje.

334. Ele falou:

335. - É os galos que tão em cima das galinhas.

336. Deixa estar que era os caboclos dentro do galinheiro ... quando foi de manhã Servilio levantou ... aí veio pra porta do barracão bem defronte o galinheiro ... de lá o caboclo viu ... o tiro pegou bem no meio da testa. Quando ele caiu ... tinha um velho ... o velho correu logo e se escondeu no meio do mato ... tinha quatro mulher e dois garoto ... aí disseram:

337. - Agora nós vamos matar as mulher e os filhos tudo.

338. Eles tinham umas espadas de paxiúba ... as mulheres:

339. - Nada! Nós vamos ser mulher de vocês.

340. - Não ... nós não quer.

341. E o velho lá escondido vendo tudinho ... mas não tinha espingarda ... eles procuraram o velho mas não acharam ... pois os índios chegaram e mataram essas quatro mulher e os meninos. Pegaram o menino numa perna e na outra ... rasgaram e jogaram o moleque.

342. São malvados!

343. E foram embora ... que naquele tempo caboclo não ia preso ... agora se matar vai preso ... agora é bom.

344. Se civilizado matou vai preso ... se caboclo matou vai preso.

345. Agora desde oito anos que eu trabalho ... tô com 63 anos e só teve um ano que folguei. Oito mês eu vivi numa boa ... era empregado do doutor Vítor em Ariquemes ... era só bebendo e comendo ... minha vida era só correr a divisa do terreno dele. Quando chegava lá no fim da divisa saía pra rodagem e o carro já tava esperando e vinha embora ... eu falei:

346. - Vou embora ... vou cortar seringa que eu ganho mais.

347. Que nada ... me arrependi depois que eu saí ... lá foi a vida melhor que já passei.

348. Mato é a coisa mais ruim que tem ... **NINGUÉM QUER VIVER NO MATO** ... no mato tá seguido de cobra ... tá seguido de onça ... seguido de índio. Já trabalhei em colocação que era índio era onça era cobra ... andava com medo todo tempo. Não sabia se lembrava primeiro da cobra da onça ou do índio.

349. A cobra espera ... mas se a gente vê ela de longe e faz alguma coisa ... ela foge. Mas o índio não ... é quase uma pessoa como nós ... ele põe a tocaia dele e antes de ver ... já flechou. O índio é a coisa mais pior que tem no mato. Quando nós cheguemos no seringal ... os caboclo

tinha matado a mulher de um rapaz. Nós ia chegando e eles ainda jogaram flecha em nós ... mas aí correram porque nós fizemos barulho.

350. Nós procurava essa mulher só de um lado do barraco ... aí cruzemo o rio ... pois eles degolaram a mulher e foram deixar do outro lado o corpo. Agora nós passemo essa noite com eles rondando a casa ... vendo a hora de no outro dia nós sair e eles flechar. Passaram a noite todinha rondando a casa e de manhã atacaram os meninos.

351. Outra vez vinha um rapaz na canoa.

352. - Os caboclos matou minha mulher.

353. E nós apavorado fomos lá ver. Ele deixou os meninos na barraca sozinho ... aí nós cheguemos lá já tava os três espetado nas flechas.

354. - Vamos levar pra cidade.

355. - Não ... nós tem que enterrar é aqui logo.

356. Levemos as flechas pras autoridade ... que os civilizados não faz as flechas como as deles. Já trabalhei numa colocação ... que acordei meia noite com aqueles gritos de alarme.

357. - Mas aqui não tem gente!

358. Da minha barraca o mais perto dava uma hora e vinte. Quando foi no outro dia fui lá na casa do vizinho.

359. - Rapaz ... ouvi uns caras gritando lá em casa de noite!

360. - Foi algum macaco.

361. Que nada! Isso foi o verão todinho ... mas nunca vi ... sou panema pra isso ... quando fui morar numa barraca ... quatro horas da manhã tava comendo e dei as costas pro mato e escutei: **TÉC**.

362. Que a onça quando faz assim a gente escuta ... peguei a lanterna e foquei: ela já tava da beira do assoalho uns dois metros pra pular em cima.

363. - Aí minha Nossa Senhora é uma onça!

364. Corri pra pegar o revólver ... quando saí ela já tava na beira do mato. Amanheceu o dia e fui pro mato ... peguei a espingarda e falei:

365. - Não ... eu vou deixar aqui mesmo. A onça veio ontem mas já correu e foi embora.

366. Fiz o café ... deixei na beira do fogo ... fiz comida e tava comendo ... olhei pro relógio e falei:

367. - Ontem uma hora dessa eu tava comendo e a onça tava nas minhas costas. Quando peguei a lanterna e foquei ... ela tava no meio do terreiro no mesmo canto. Corri peguei a espingarda e ela pulou embora.

368. - Amanhã eu pego!

369. Quando foi no outro dia saí com a espingarda e ela não veio. Tinha um córrego e uma tábua ... quando a gente pisava na tábua fazia **BLÊNC** ... tudo que pisava naquela tábua escutava. Quando foi umas nove horas da noite escutei **BLÊNC** na tábua. Tava deitado na rede ... arranquei o mosqueteiro depressa ... fiquei olhando e vejo **VAP** ... pulou em cima do

barranco ... foquei e era a onça que já vinha passando ... peguei a espingarda e ela correu ... não atirei.

370. Eu não criava cachorro ... assim era eu. Dormi e quando amanheceu desci do assoalho ... falei:

371. - Mas rapaz! Filho da puta. Da onde veio esses cachorros?

372. Eu fiquei olhando ... pois era ela!

373. Ela passou a noite arrodiando o barraco e queria entrar.

374. - Ainda vou pegar essa onça!

375. Não fui dormir cedo ... fiquei fumando um cachimbo bem caladinho ... o varador passava no meu terreiro ... aí escutei a tábua: **BLÊNC**.

376. - Isso é a onça!

377. Peguei a poronga botei na cabeça e a lanterna na mão ... como é de noite vou levar o revólver e a espingarda. Fiquei olhando com o claro da poronga: não é nem onça ... é macaco.

378. Segui pra frente ... quando vou descobrindo ... que vou metendo a poronga ela também vai metendo a cara ... mas não deu tempo de atirar ... ela saiu pelo varador e eu saí atrás e nada ... chegou na frente ela não se virou e atirei na bunda dela ... foi embora e nunca mais apareceu.

379. Uma outra vez tive muito medo também ... saí era uma hora da madrugada e cortei 50 madeira ... tiro o cachimbo do bolso que já fazia hora que não fumava. O caminho fazia uma curva e vi a pico de jaca que vinha ... a valência é que ela ia pra lá e eu pra cá ... nunca vi bicho tão ligeiro. Quando ela viu o foco da poronga essa cobra fez: **SSSSSSS** e se virou pra botar em mim ... afastei com a poronga ... o jeito era matar essa cobra.

380. O cara morar só é a coisa mais ruim que tem ... não tem mulher nem nada ... vou arrumar uma mulher pra me acompanhar ... que aqui tá ruim. Eu falei:

381. - Mas eu não vou voltar ... vou entrar no mato ... daqui arrodeio e saio lá. Eu conheço bem aqui ... tinha um pau caído ... arrodiei e pronto ... nem caminho nem nada ... me perdi de noite! Subi num pau baixo pra ver e fiquei ali esperando o dia amanhecer. E com medo!

382. Quando tô em cima do pau ... escutei um bichinho pisar de lado de lá da tora ... mas com medo ... pra mim era a cobra que vinha ... falei:

383. - O minha Nossa Senhora essa cobra vem aqui me picar agora!

384. Peguei logo o terçado ... eu vou cortar nem que seja de terçado ... não vou ser picado não.

385. Mas o nego quando tá com muito medo é assim. O medo é a gente que faz! Quando vou olhando ... botei a poronga era um veado me olhando ... falei cá comigo:

386. - Se fosse num lugar que tivesse caminho ia correr com medo de um veado né.

387. Aí quando o dia amanheceu ... bate ... bate ... até que saí na estrada ... eu falei:

388. - Agora eu vou lá onde tá a cobra ... porque de dia eu vou matar.

389. E nunca mais vi essa cobra ... quando vinha de noite ... ali passava devagar. Porque meu compadre matou uma que deu onze palmo de grossura. E a outra também ia me pegando ...

porque a donde mora uma mora outra. Ia acendendo o cachimbo ... quando vou dando passagem ... ela tava enrolada e jogou o bote ... **VAP** ... pulei pra trás bati num pau e caí ... quando caí ela veio dando outro ... mas eu ia com a espingarda ... aí levantei a espingarda e foi Deus que me ajudou ... pegou dois palmo abaixo da cabeça mas não torou ... ela levantava aquele pedaço e caía já com a boca aberta ... meteu o dente na paiera e morreu agarrada. **ÊTA BICHA ENFEZADA E DOIDA PRA PICAR A GENTE!** Era a coisa que eu tinha mais medo na minha colocação.

390. Eu vi lá no Pompeu a paca virar pico de jaca ... aquelas pressas da paca fica grande ... aí ela vai encompridando e espichando ... a cabeça fica como de uma cobra ... aí ela vai se esticando ... a pico de jaca tem quase a pinta da paca e ela só mora junto com a pico de jaca.

391. Quando a gente vai cavar pra tirar paca ... vai com cuidado que lá dentro tem cobra junto. Não pica ela e não come a paca não. O Zacarias criava uma paca e quando foi de noite com a lua clara ... ela vinha do mato ... vinha e voltava ... eu disse:

392. - Vou já me levantar e ver que bicho é.

393. Ela vinha trazendo uma pico de jaca que dava mais ou menos uns cinco metros ... chegava perto da pico de jaca e gemia e a pico de jaca vinha atrás e ela na frente ... quando chegava na porta a pico de jaca ficava parada e ela voltava de novo.

394. E as vezes o cara tá sem nenhuma espingarda.

395. Não vê esse cara que tá lá no Igarapé do Bicho ... ele tem cinco filho pequeno e é tudo mulher ... ele se jogando numa mata daquela e se sai um bicho feroz e se cai doente lá?

396. Porque às vez acontece ... quando eu trabalhava na colocação sozinho caí doente ... tava cortando e me deu muita dor. No outro dia fui cortar e não agüentei ... dava mais de hora pro vizinho ... saí seis horas e quando cheguei era dez ... só de moleza. Se passasse mais um dia não saía. Se caso uma cobra ... um bicho picar no mato ... morre mesmo.

397. Se a onça bota ... ele sobe num pau e fica lá ... se anoitece e não chegar na barraca ... no outro dia a mulher tem que ir atrás dele ... chega lá tá a onça e ele trepado ... aí ele tem que descer pra resolver isso e se a onça matar primeiro ele ... aí mata a mulher também ... imagina um homem com tanto filho sem espingarda e sem farinha ... sem açúcar e sem café.

398. A pior coisa é morrer ... porque doente ... se ele tá com febre fica bom ... tendo fé em Deus fica bom e depois de morto ele não vive mais de jeito nenhum ... **PORQUE DOENTE FICA BOM E MORTO NÃO FICA VIVO!**

399. Quer ver ruído: more só numa colocação deserta ... adonde não tivesse jeito.

400. Já vi gente gritar de noite no mato ... eu cortando e o cara gritando ... já cortei numa colocação que quando eu ia de dia no rolo da estrada ... o cara gritava lá da boca da estrada ... aí deixava ele ficar gritando.

401. Porque tudo é silêncio às seis horas da tarde ... agora seis horas da manhã não ... que os passarinhos fica alegre. Mas seis horas da tarde fica silêncio. Sozinho num barraco pra mim é uma tristeza e de manhã é uma alegria ... to vendo aquela água correr ... todo lugar tem rio ... o

nego trabalhando mais assim na terra ele não vê rio ... mas coloca o barraco dele na beira do rio pra ver a água correndo aí né fica mais alegre. É como a gente morando na beira de uma rodagem ... se sente mais alegre porque é passando gente pra lá e pra cá ... assim mesmo é o rio e na mata central ninguém vê passar nada ... é só mato e passarinho cantando.

402. O nego fica imaginando a vida ... imagina o que já fez e o que pode passar ... à tarde já fica mais triste e vai chegando a noite. Agora quando o dia tá amanhecendo é animado ... porque os passarinhos tão cantando e também a gente já vai levantando pra trabalhar. Quando trabalho sozinho ... seis horas da tarde quero tá fazendo algum serviço pra que passa logo ... quando dou fé já tá de noite.

403. A gente só imagina besteira ... coisa que não é nem pra fazer ... tem muitos que imagina só coisa ruim ... pelo menos imagino coisa boa: "quero que Deus me ajude que goze saúde pra trabalhar e arrumar um dinheiro pra sair desse viver ... porque isso não é vida para um cara sozinho na mata ... jogado assim é triste!"

404. Agora seis horas é muito triste ... passarinho fica tudo em silêncio. Depois que passa das seis a coruja volta a gritar ... meia noite também é silêncio e meio dia também ... até o vento para. Posso tá afobado cortando ... faltando assim três minutos paro ... depois que passa meio dia é que vou começar o trabalho de novo ... se tá tudo silêncio também vou ficar quieto.

405. Até uma reza ... quando o cara vai rezar é mais às seis da tarde ... meio dia ... seis da manhã. Até quando tá doente ... às seis horas da tarde ataca mais a doença ... passou daquela hora já fica mais livre.

406. É triste acender a poronga uma hora da madrugada pra se jogar numa mata ... riscando madeira. Olha pra trás e não vê ninguém ... olha pra frente e não vê ninguém ... só tá ele na mata ... é um bocado triste ... com a poronga não enxerga daqui a ali ... aí vai rodar a noite e o dia até amanhecer ... só vê mesmo grilos e alguma coruja gritar ... às vezes vê uma onça esturrar atrás da gente e quando ela esturra perto **TREME MESMO O CHÃO!**

407. Na mata não sei ... esse lugar mesmo quem abriu foi um homem que mataram mais em baixo ... deram dois tiro nele. Diz o povo que não chegou o tempo de morrer ... aí fica vagando até o tempo de morrer. Quer dizer que o que ele fazia quando tava vivo ... faz quando tá morto.

408. Por isso que digo que numa mata sozinho é triste ... não tando dormindo e sem sono no barraco ... olha pra um canto olha pra outro e não tem ninguém com quem conversar e quando tá só é que aparecem as coisas. Teve noite que não deixaram eu dormir ... puxando a perna. E quando tem muita gente não ... isso só acontece quando a gente tá só.

409. No meu barraco adonde eu tô agora ... nunca apareceu nada ... mas a mulher sozinha de dia já viu ... eu tava cortando e ela tava na cozinha fazendo comida ... chegou e ficou pisando na sala **PLAC** ... **PLAC** ... ela falou:

410. - É o Davi ou então é o cunhado do Zé que chegou. Chegaram cedo hoje!

411. Aí pisou e se agüentou ... calou ... ela acabou de temperar e saiu: ninguém! Aí ficou calada e nós passemos mais de hora pra chegar do mato. Quando foi de noite ela contou:

412. - Chegou um cara de dia ... pisou na sala ... pensei que era você.

413. De dia a gente tá vendo tudo e já de noite não vê ... a pantonia só aparece de noite. Aqui nesse caminho ... a mulher do Velaneda viu três homens passar da beira do rio ... cruzaram o caminho e entraram pra dentro do mato ... ela vinha de dia e não era ninguém ... falou que os homens ia com umas panelas nas costas. Só aparece quando tá só ... bem tranqüilo e desocupado.

414. E de noite a gente sonha muito ... sonho é de todo jeito ... sonho com os caras me matando ... com onça me pegando. O sonho mais aperreado é uma onça pegando a gente ou um cara matando ... porque o sonho só vem com quem já morreu.

415. Um cara que morreu a gente já sonha com ele e quando dá fé ele vem na carreira pra pegar ... a gente quer correr e não pode.

416. Se for uma onça pega e de uma onça já se transforma numa pessoa e dessa pessoa quando tá lutando já transforma noutro que morreu ... é o mesmo que um filme. Quando vê ... lá vem um com a faca procurar a gente e o cara quer vim e todo mundo corre ... corre mas sempre pega aquele que tá sonhando. Quando a gente acorda é agoniado e o cara furando ... tem vez que acordo e passo logo a mão na barriga e nada! Porque se o sonho fosse verdade Ave Maria!

417. Agora tem sonho que dá certo ... essa mulher minha sonhou se alagando com o marido dela numa canoa e a cobra vinha pra pegar ela e não pegava ... parece que pegava o marido e era aquele sangue. Quando foi no outro dia escutou o aviso que tinham matado o marido dela. Mataram no mercado ... dois homens pegaram de traição com uma faca.

418. Eu sonhei que tava marretando ... tinha de tudo e não devia a ninguém ... fui marretando e fui fracassando e ficando sem nada. E deu agora: eu marretei e não devia a ninguém ... trabalhando ... trabalhando ... mas agora não tenho nada. Sonhei que minha mulher ia cair doente e caiu mesmo.

419. E já tive sonho de ficar rico ... tinha carne e dividia a caça ... viva numa boa ... agora sim não fico mais pobre! E quando acordei sem nada falei:

420. - Isso é indigestão ... quando a gente come demais e vai deitar ... sonha besteira. Tenho sonhado muito dirigindo carro ... de vez em quando sonho dirigindo numa cidade desconhecida ... nunca é na cidade que eu moro ... o carro é grande e branco ... com tanto carro e eu não bato em nenhum ... nunca imaginei ser **CHAUFFEUR!**

421. Aí o cara dizia assim pra mim:

422. - O senhor não dirigia motor?

423. - Dirigia.

424. - É a mesma coisa.

425. Perguntei ao Gonzaga.

426. - É mais pior dirigir no rio e no igarapé do que um carro na rua?

427. - Pra mim não é não ... um carro é mais difícil.

428. - Mas eu digo que não ... porque eu vejo seringueiro que já foi seringueiro e agora dirige e não sabia nem pegar num motor.

429. **SE É NESSE MUNDO QUE VOU DIRIGIR CARRO ... VOU VIVER MUITO AINDA!**

430. A Regina ... sonhou com o finado Zé quando mataram ele ... só sonhava com cobra ... a Regina quando sonha com cobra já sabe que é traição.

431. Se sonhar com onça ... o primeiro cara que falar comigo é falso e se sonhar com cachorro o primeiro cara que ver é amigo ... porque o cachorro é amigo do homem né e a onça é traiçoeira e falsa.

432. Nunca sonhei com cobra me pegando. Às vezes vou andando e ela bota na minha canoa ... já sonhei que pisava e pra onde pulava era cobra ... eu falei:

433. - O minha Nossa Senhora ... . só pode ser sonho!

434. Uma vez tava sonhando com uma onça querendo me pegar e ela dava cada esturro! Mas acho que tava meio acordado ... porque nesse dia quando me acordei ela tava esturrando perto do meu barraco ... eu falei:

435. - Olha esse sonho era verdade.

436. Ela esturrou e veio vindo veio vindo ... quando acendi a poronga ela calou-se ... aí quando dei fé ela esturrou muito longe ... ela viu a luz e foi embora ... que ela vendo a luz ela não vem.

437. Agora a cobra que pulou ... saiu da água e veio pra dentro do barco. Também não sei se é porque nós tava na casa de um rapaz onde o barranco era muito alto e o cara gritava e era muito difícil escutar aqui em cima. Ele desceu foi beber água e demorou ... o outro falou:

438. - Vou já ver o que ele tá fazendo.

439. Ele gritava mas ninguém escutava lá de cima ... já fazia hora e ele gritando ... quando chegou lá no porto ... entrou dentro na canoa e quando foi beber água a cobra laçou ele de dentro d'água ... ele ficava segurando dentro da canoa e ela queria puxar pra dentro d'água ... ela jogava pra laçar na cintura ... se laçasse levava e quando ela jogava ele metia os dois braço e empurrava a volta dela dentro d'água e gritava ... aí ela jogava de novo.

440. Já tava cansado e se demorasse mais ela ia levar mesmo ... aí ele pegou o terçado e meteu ... ela desenrolou e deixou.

441. Aqui já morreu dois homem ... tava passando beirando a baía e quando a cobra laçou ... um não tava armado e gritou pro outro ... o cara chegou e ela laçou também prendendo os braços e o terçado na bainha.

442. Agora o homem tinha coragem. Ela tava laçada e cravada a metade dentro d'água e ele fazendo força e agarrando num pau e meteu o dente que saiu escama na boca ... jogou e meteu o dente de novo só naquele lugar ... aí ela foi afrouxando ... ele puxou o terçado ... deu um golpe mas não matou. O cara passou sempre doído por dentro e morreu disso ... ela acochou muito e quebrou por dentro. E o cara que mordeu a cobra os dentes dele caiu tudinho ... é porque ele

mordeu muito naquele lugar que tinha uma catinga ... uma inhaca que apodreceu mesmo. Isso é a sucuri.

443. Que eu já vi uma cobra engolindo ela ... a cobra preta. Uma vez vi e matei as duas. Cheguei e vi rabo pra lá ... rabo pra cá e via só uma cabeça no meio ... eu digo:

444. - Cobra com a cabeça no meio não pode!

445. Ano passado vi uma engolindo: tava na beira do rio e fiquei olhando: é uma nambu ou um mutum que vem aí? Só via o mato mexer ... quando dei fé ela caiu e pegou a outra e ficaram se batendo ... eu falei:

446. - Eu vou já é sair daqui!

447. Mas a coisa mais estranha que já vi e que me deu muito medo ... foi um homem na mata. Eu tava cortando e ia colher. Olhei e ele vinha de lá pra cá com um sapato folgado no pé ... chapéu de marca na cabeça e uma espingarda nas costas ... vinha de cabeça baixa que não vi o rosto ... ia andando pro centro e ele vinha pro lado do meu barraco.

448. Quando tava perto ele entrou pra dentro do mato. Eu digo:

449. - Ele vai lá pra casa mesmo ... mas eu vou ver ... quando passar naquele limpo vai ficar mais perto ... aí eu vou gritar pra ele.

450. Tinha um pau grosso ... aí ele veio e se encobriu por detrás do pau.

451. - Esse cara não sai de atrás desse pau não?

452. Aí fiquei ali uns cinco minutos e não saiu ... cheguei lá e arrodiei o pau: ninguém! Me deu medo.

453. Outra vez tava cortando de noite ... a gente chama manga quando tem uma madeira no canto. Vai ... corta e volta de novo e pega o caminho. Tinha cortado umas 35 madeira. Quando fui botando o tabaco no cachimbo e acendendo escutei aquele negócio ... nesse dia a mulher tinha ido comigo ... ela falou assim:

454. - Olha ... tão batendo no sapupemba.

455. - É não ... aqui não tem ninguém ... é só nós que entrava aqui.

456. Saí e cortei uma madeira de duas tigelas ... entrei na perna da esquerda e os caras vinha na direita pro meu rumo. Era um cara tocando violão ... um no pandeiro e outro no bumbo e lá vem batendo ... cruzaram o caminho e entraram no mato pra sair onde eu tava e lá vem. Aí fui e disse assim ... mas também aquilo foi o mesmo que jogar água quente. E dei graças a Deus:

457. - Ei rapaz! Vão tocar lá pra puta que os pariu filho das puta!

458. Tava enfezado!

459. Também foi só ... desapareceu todo mundo ... não vi mais ninguém aí fiquei com medo ... me sentei no pé da madeira fumando cachimbo ... passa o tempo e passa tempo ... aí eu falei:

460. - Agora vão bora!

461. Outra vez vi um cara que assoprou a mão três vezes na minha frente de noite ... de repente ele foi pra frente ... mas não me respondi ... que é ruim quando a gente responde ... respondendo ele fica aperreado e vem ver. O menino no Parati foi invocar ... ele ia cortando de

noite e quando botou a poronga que ele vai numa reta viu um cara que vinha todo de branco ... aí ele gritou:

462. - Quem é? Vou falar três vez ... se não responder eu vou meter chumbo.

463. Nada!

464. - Fala rapaz senão atiro.

465. Então **PÁ ... PÁ** e o cara caiu.

466. - Puta merda matei o homem! Mas também eu falei três vez e não respondeu.

467. Quando falou assim o cara de lá pulou ... levantou mais perto ... ele botou o cartucho e atirou de novo.

468. - Agora matei.

469. Quando vai metendo outro cartucho ... pulou mais na frente ainda ... ele afastou e atirou de novo ... foi três tiros. No que foi metendo outro cartucho não deu mais tempo ... já pulou em cima dos pés dele. Jogou a espingarda e puxou pela faca e meteu a peixeira ... quando meteu a faca sentiu que entrou no cara mesmo ... meteu a faca e correu.

470. Na casa tinha a mulher e um garoto ... escutaram aquele baque no assoalho ... aí o menino falou:

471. - Madrinha caiu um negócio em cima do assoalho e o baque foi grande. É o meu pai!

472. E ele falou:

473. - Aonde eu tô? Como que eu vim?

474. - Você veio e se jogou ... nós só escutemos foi o baque.

475. A espingarda ele deixou lá mesmo.

476. - Adonde tiver a espingarda foi adonde eu atirei no cara e meti a faca nele ... senti até o peso da faca que entrou.

477. Agora a faca tava na mão e não tava melada de sangue. Chegaram lá a espingarda tava jogada e não viram sangue nem nada. Ele quase que fica doido ... aí ficou com medo de cortar de noite.

478. **MAS A NECESSIDADE OBRIGA O SERINGUEIRO SOFRER.**

479. Eu trabalhei numa colocação que passei de agosto até outubro ... não vou dizer que vi porque não gosto de mentira ... só vi a pantonia dela. Tava deitado na minha rede ... sozinho no meu barraco e escutava mesmo. Ele vinha ... subia no assoalho e ia no fogão.

480. O primeiro dia vi quando bateu no assoalho que era alto ... quando vinha pulava e fazia zoada. Aí vinha e eu via soprando o fogo ... não tava com medo ... falei assim:

481. - Mas rapaz ... moro longe de gente ... vou já ver quem tá aí mexendo na minhas panelas ... se quiser comida que faça ... mas a minha não vou dar que amanhã vou sair bem cedinho ... ele que faça comida.

482. Me levantei e foquei com a lanterna ... não vi ninguém ... me deitei e também acabou-se. Quando foi no outro dia de manhã ... quatro horas que vou me acordando ... balançou o

punho da minha rede. Aí eu me levantei e fiz o café ... comi e fui embora. Nesse dia passou o gerente e eu falei:

483. - Seu Joaquim ... o cara essa noite balançou o punho da minha rede.

484. - Faz uma cruz no esteio da casa.

485. Risquei com a faca de seringa e fiz a cruz. Quando acordei umas horas da noite ... escutei cortando de machado a capoeira bem perto e derrubando pau ... eu falei:

486. - Mas rapaz esses cara tão numa confusão! Tão brigando nessa terra? Amanhã vou ver quem é.

487. Derrubaram pau muito tempo! Começaram umas nove hora e quando terminou era meia noite com a lua clara. Quando acabaram de derrubar eu dormi.

488. Me levantei e o dia amanheceu pra ir pra estrada ... passei lá donde eles tavam derrubando e o mato tava do mesmo jeito:

489. - Ué ... danou-se tudo!

490. Quando foi no outro dia na boca da noite ... de novo!

491. Trabalhou uma semana todinha cortando de machado. Aí já chegou e foi pra cozinha de novo ... acendeu o fogo e eu acordado ... desceu a escada ... foi lá no córrego e trouxe água ... lavou a panela e botou.

492. Me alevantei ... alumiei e não vi ninguém. No outro dia de novo: foi lá no mato ... rolou o pau e jogou no terreiro ... meteu o machado e partiu a lenha:

493. - Também eu não vou mais olhar.

494. Partiu a lenha todinha ... veio e fez o fogo ... foi lá no córrego de novo tomou banho e voltou.

495. - Esse cara ... será que já trabalhou aqui no rio e tá fazendo essa pantonia?

496. Não demorou muito pegou no punho da minha rede e sacudiu ... até que sumiu a zoada. Era toda noite e eu já não dormia e ele foi maltratando ... saía às dez hora e desaparecia ... de dez ele dormia até o dia amanhecer e acordava. Tinha dia dele sair duas da madrugada ... e só trabalhando ... nunca falou nada e eu também não falava.

497. Se ele quer que eu fale ... não falo. Mas a visagem entende. Dizem que aquilo é pintura do cão mas digo que não.

498. Eu cheguei um dia doente do mato e com febre ... era solteiro e fui tomar um banho ligeiro. Comi um pouquinho e me deitei de dia. Quando anoiteceu umas sete horas ele chegou no punho da minha rede sacudindo ... só faltava cair da rede ... aí falei mesmo assim:

499. - Mas rapaz será possível! Que passo o dia trabalhando e quando é de noite não tenho sossego. E você ainda vem aqui apertubar a vida.

500. Pronto!

501. Parou!

502. Ele passou uma semana sem vim.

503. Por isso que eu digo que ela compreende. Outra vez veio: subiu o assoalho e eu falei assim:

504. - Mas de novo!

505. Ele pulou embaixo ... o terreiro era limpo e de lá pegou a quebrar pau ... quebrou um pau de lá e jogou ... eu falei assim:

506. - Porque que tu não vai jogar esse pau no inferno?

507. Ele deu uma gemida que acho que escutava como daqui lá no Petrópolis ... que passei bem uns cinco minutos na rede ... aí ele foi embora. Passou uns três dias sem vim. Seu Joaquim passou de novo pra fazer a nota ... eu falei:

508. - Seu Joaquim ... fiz a cruz aqui e não deu nada.

509. - Acende vela.

510. Mandou dois maços de vela. Quando foi de tarde ... umas seis horas acendi uma vela lá adonde prensa borracha ... pra não mexer comigo e pra não aparecer mais. Nessa noite quase que não durmo ... era dele batendo pelas paredes e gritando. Aí fui cortar no outro dia ... quando cheguei a vela tinha queimado assim uns dois dedos ... não tava nem no meio e eu tava bebendo um álcool ... falei:

511. - Ah tu não quer vela né? Tô trabalhando aqui ... comprando vela ... acendo e tu não quer.

512. Peguei as velas e joguei dentro do corgo. Essa noite vi anoitecer e amanhecer e ele chateando ... batendo pelas paredes e andando ... fazendo comida e carregando água ... partindo lenha e a noite todinha aquela bagunça ... por isso que digo que ela compreende. Acendia a luz e ela afastava ... quando a luz apagava ... era de novo. Agora não posso dizer ser era mulher ou homem ... porque nunca vi ... abria o olho mas não via ... só escutava a zoada ... quando saía da rede terminava.

513. Isso foi de agosto a novembro ... saí e ela ficou lá. Nesse ano não foi mais ninguém pra lá ... no outro ano foi um homem que tinha três filho ... só trabalhou dois mês ... que a visagem não deixava e a colocação fechou ... o comboio passava lá meio dia nas carreira ... que se ouvia era jogando rebolo de pau nos burros ... jogava e os burros saiam correndo ... mas ninguém via. É por isso que fico invocado: joga ... cai e a gente vai lá e não vê.

514. Era uma colocação velha que tinha morado e morrido muita gente.

515. Porque morreu um cara que você conhece ... aí vai passando aqui e vê ele ali em pé ... sabe que já morreu e diz:

516. - É fulano.

517. Mas a sua matéria não se dá mais ... quer ir falar com ele mas não pode. Quando a minha mulher morreu ... tava lá no seringal e mandei ela pra Guajará doente. Em Guajará não deu jeito ... aí mandei pra Manaus ... quando chegou em Porto Velho morreu. Quando foi um dia seis horas ... por isso que digo que a visagem compreende ... eu falei:

518. - Queria ver minha mulher ao menos uma vez pra conversar.

519. E eu sozinho no barraco.

520. - Se ela viesse hoje eu conversava.

521. Deu sete horas ... tava fazendo comida pra de manhã já estar pronto e deitei ... a lua clara ... olhava pela brecha da paxiúba e tinha uma cortina na porta ... quando dei fé ela mexeu na cortina ... lá vem ela entrando ... é a mulher ... vou já conversar. Mas aí ela entrou dentro do mosquiteiro e ficou me olhando e eu queria falar ... mas a língua pesa que a gente não fala ... até que lutei ... lutei e falei:

522. - Minha Nossa Senhor me acode!

523. Aí ela saiu do mosquiteiro. Agora eu falo com ela porque vou ascender a luz.

524. Me levantei e acendi a luz ... botei em cima de uma mesa ... vou ver ela no claro quando passar aqui. Quando tava deitado olhando pra porta ... a cortina mexeu e ela entrou ... foi passando bem pertinho da luz da lamparina ... ela abanou o vestido e apagou a lamparina. Aí entrou e veio me agarrando e eu pedindo até que falei no nome de Deus e ela saiu ... fui e acendi a luz ... quando ela vai passando de novo ela abanou e apagou a lamparina ... isso nós lutemos até quatro hora da manhã ... aí rezei três Padre Nosso e três Ave Maria e ela não veio mais.

525. Por isso que digo que a visagem compreende. Ela tava com o mesmo vestido que embarcou. Parecia uma pessoa ... ela tinha umas bituração de ouro ... só não vi as bituração ... mas tinha uma aliança no dedo que eu vi.

526. Agora a boca ela não abria e foi a valência ... que se abrisse eu assombrava. Diz o pessoal ... que quando morre com ouro o cara abrindo a boca sai fogo dela. Porque quando nasce não tem ouro ... botaram depois ... por isso tem muita gente que não gosta ... bota dentadura mas não usa ouro.

527. Acho que ela escutou e veio ... porque falei que queria falar com ela ... ou ela queria pedir alguma coisa. Eu queria falar e cadê? Num falava de jeito nenhum ... o corpo fica paralítico. Tava vendo queria falar e não podia ... ficava todo amortecido. O cara morreu ... o corpo da gente não se dá mais.

528. Agora aqui é muito bom. Quando a gente tem uma mulher ... sai de casa chega e conversa.

529. Outra vez tava cortando nessa colocação mesmo ... no estreito ... era até um dia de sábado e tinha mandado a espingarda pra Guajará pra endireitar ... ela falou:

530. - Vou pegar umas traíras lá na beira da baía.

531. - Cuidado ... que tá andando onça aí na beira.

532. Aí escutei uns gritos de alarme pro rumo de casa ... vim na carreira e quando cheguei no porto ... olhei e não vi nada ... falei:

533. - A onça pegou essa mulher. Se pegou e matou tem sangue.

534. Saí no caminho olhando ... cheguei em casa e não vi ninguém. A onça pegou foi na roça e escutei o grito longe ... quando cheguei ela tava moendo milho e eu falei:

535. - O que foi esses gritos?

536. - Que grito?

537. - Uns gritos que tavam gritando!

538. - Aqui ninguém gritou ... eu não escutei.

539. - Gritaram demais ... um grito de alarme eu pensei que era você.

540. - Não ... não era ninguém não.

541. Não sei quem tava gritando ... se era caboclo gritando. Só se era esse tal de Mapinguari mas esse não tem ... só se era algum outro bicho que grita.

542. No seringal tem um bicho que gritava e todo mundo falava de sair das colocação ... mas o bicho gritava muito feio mesmo. Quando gritava tinha gente que ficava tudo arrepiado ... aí correu a notícia:

543. - Rapaz esse bicho gritou na minha casa!

544. - Também escutei o grito.

545. **O GRITO É MUITO FEIO ... A MATA É MUITO FEIA ... É UM BICHO MUITO FEROZ!**

546. Uns sete já tinha escutado os gritos e já ia sair da colocação tudinho. Quando foi um dia o cara tava cortando ... olhou e ia passando uma raposa ... mas ela não viu ele ... meteu os queixos e olhou pra cima e deu aquele grito véio feio ... ele falou:

547. - É uma raposa!

548. E o pessoal pensava que era outro bicho ... por isso que digo que tem muito bicho que engana a gente no mato.

549. Meu pai me contava que chegou no Rio Machado quando vieram abrir ... o patrão mandou o mateiro explorar o mato ... de lá ele tirou uma picada do pé da serra. Quando deu uma hora da tarde escutou um grito em cima da serra e lá vem o bicho ... gritando e descendo ... ele falou:

550. - Vão bora!

551. Pegaram a picada e vieram e o bicho acompanhou gritando ... **GRITANDO** ... quando chegaram na beira do rio pegaram a canoa que nem viram que bicho era e foram embora. Quando chegou lá o patrão falou:

552. - Vocês escolhe uns homens e amanhã vai lá.

553. Num instante apareceu dez homens ... com meu pai fez onze e foram. Na picada ia passando um macaco preto ... o cara diz:

554. - Vou logo experimentar se meu rifle é bom.

555. **PÁ** e o bicho caiu no meio do varador que eles iam.

556. - Vai levar o macaco?

557. - Não ... fica aí que na volta leva.

558. Deixaram o macaco e foram pra frente. Chega lá e o cara dizia:

559. - Ontem nós tava aqui quando o bicho gritou ... era uma hora da tarde … gritou em cima da serra ... desceu e acompanhou nós até a beira do rio.

560. - É mas nós somos onze homem ... hoje tem que ver esse bicho.

561. Quando deu uma hora ele deu o primeiro grito em cima da serra e lá vem gritando e o grito é feio ... aí já tinha homem que queria se esconder por trás dos pau ... o mateiro falou:

562. - Não ... nós vamos enfrentar o bicho ... nós tem que enfrentar.

563. Quando ele saiu no meio da pisada ... os olhos do bicho era comprido ... chegou encontrou o macaco no meio do piso e pegou ... entrou na mata porque viram o sangue e saiu gritando até adonde eles não escutaram mais.

564. - Vamos passar mais uns dois dias aqui.

565. Aí passaram mais dois dias e nada ... só pegou o macaco e de lá mesmo foi embora e nunca mais viram. Colocaram o pessoal que ia cortar seringa e nunca mais apareceu.

566. Ninguém sabe ... iam saber se não tivesse matado o macaco ... que ele ia bater lá onde eles estavam ... mas pegou o macaco no chão né e tomou outro rumo.

567. Mãe da Seringa nunca vi ... mas isso acontece ... digo que é Deus que já botou mesmo ... um dia um cara me contou que falaram pra ele:

568. - Se você corta a estrada pela perna direita ... quando for sexta-feira corta pela esquerda três vez. Corta duas vez ... na três quando chegar no rolo da estrada meia noite ... grita que a Mãe da Seringueira vem ... fala contigo e aumenta o leite.

569. O Américo cortava e tirava dez lata de leite ... no primeiro dia que cortou pela esquerda ... foi no traço. Na outra sexta aumentou mais dois traços ... de dez veio pra quatorze. Agora no outro traço o cara tem que cortar e não embutir a tigela pra aparar o leite ... que é pra Mãe da Seringueira embutir.

570. Mas a estrada dele dava volta e passava bem pertinho de uma madeira e quando passou perto ele varou ... entrou e foi reparar o que tinha cortado. Chegou lá a madeira já tava com a tigela cheinha ... ele falou:

571. - É verdade!

572. Aí saiu cortando e levou o relógio ... não tinha nem relógio de pulso ... levou o despertador ... quando chegou faltava dez minutos para a meia noite e ficou lá parado no rolo da estrada. Falou que o céu tava bem estrelado mesmo ... aí quando deu meia noite em ponto ele deu três grito ... aí respondeu.

573. Quando respondeu ... diz que escutou foi é ventania no mato que vinha acabando tudo ... ele só via nas vistas dele pau caindo de um lado e de outro e quando chegou perto ele ficou com medo ... aí gritou:

574. - Me vale minha Nossa Senhora!

575. Aí pronto ... terminou aquele temporal! Olhou e tava do mesmo jeito: o céu estrelado ... não tinha caído nem um pau e nem nada ... aí ele falou:

576. - Agora vou voltar ... vou em casa e venho colher esse resto de leite desse pedaço que cortei.

577. Quando ele voltou tava do jeito que tinha cortado ... só era leite derramado! Ele só levou uma tigela que eu vi cheia. Quando chegou em casa o cara falou:

578. - O rapaz! Desse jeito não ganha leite não. Na hora que os paus tava caindo que ela vinha pra falar contigo ... aquilo é só pantonia ... não tinha pau. Na tua vista era pau caindo mas não tinha nada.

579. Eu já vi dizer mas eu mesmo nunca vi ... não vi de jeito nenhum. Um cara conseguiu isso. Quando ele chegava a casa tava arrumada ... ele era solteiro ... ela só aparece pra solteiro. A casa dele tava arrumada com café e bolinho assando ... era essa mulher. Quando foi uma noite chegou devagar e ela tava fazendo as coisas ... falou que essa era uma mulher bonita. E eles diz que é uma velha toda recortada ... que aparece pra quem corta mal.

580. Ele falou que a Mãe da Seringueira chegou e disse assim:

581. - Olha você vai tirar muito leite ... mas tem uma coisa: você é pra não morar mais com ninguém ... eu vou morar contigo.

582. E ficou como mulher dele ... ele falou:

583. - Tá bom!

584. - Você não mora com ninguém e nem conta pra ninguém ... porque se contar vai morrer.

585. - Tá bom.

586. - Quanto você quer de borracha?

587. - Quero fazer três tonelada.

588. - Tá bem ... pode deixar! Você corta só a primeira madeira da estrada e não corte mais ... fica lá sentado que o leite vem. Que hora tu quer chegar?

589. - Quero chegar onze horas.

590. Quando dava onze horas o sacão de leite tava cheio! Só fazia defumar. Quando foi no fim do ano ele falou:

591. - Vou me embora.

592. - Pode ir ... quando for no outro ano vou estar aqui.

593. No outro ano ele foi pra outra colocação ... ela tava lá ... pra colocação que for ela vai ... aí ele tirou um bom saldo. Foi pra uma colocação que ninguém fazia borracha ... não prestava ... o patrão disse:

594. - Não presta!

595. - Mas eu vou!

596. No fim do ano fez três toneladas ... aí disseram:

597. - Mas rapaz ... fez três toneladas nessa colocação?

598. - Foi e qualquer uma que eu for eu faço!

599. Aí insistiram e ele não. Mas o cara que bebe ... ele pegou a beber ... e os caras insistindo ... insistindo ... ele falou:

600. - Não rapaz ... eu vou contar. Qualquer colocação que for faço borracha ... porque sou amigado com a Mãe da Seringueira.

601. - É?

602. - É. Agora ela disse pra mim não contar pra ninguém ... se contasse morria. Rapaz sabe de uma coisa ... contei isso e já tá me dando uma dorzinha na perna ... eu vou deitar.

603. Quando foi no outro dia amanheceu e o homem tava morto. Assim que eu vi contar.

604. Ela vivia como mulher dele ... fazia a comida dele ... lavava a roupa dele ... morava com ele mesmo! Dormia na mesma rede ... agora era pra não falar pra ninguém e ele falou.

605. Agora eu vi um menino que sumiu. O porto era bem longe ... a mãe dele mandou lavar um pano de passar café. Sumiu de manhã umas nove hora ... quando saiu era umas cinco da tarde. A mãe chegou lá e encontrou o pano de passar café ... mas o rio era muito fundo no porto e tinha uma cobra. Ela ficou invocada que a cobra tinha comido ele.

606. Ele falou que quando ia subindo ... saiu do mato um homem de um metro de altura ... com um chapéu de palha e chamou ... tava com um bocado de fruta e disse:

607. - Toma fruta.

608. Ele comeu e ficou com medo ... foram andando e ele tirando fruta e dando ... ele falou:

609. - Não sei adonde tirou tanta fruta ... fruta que nunca tinha visto.

610. - Bora que aqui tem um pé de fruta.

611. Aí ia tirando e dando pra ele ... que quando deu fé chegou num pauzão grosso ... era um sapupemba ... aí ele falou:

612. - Fica aqui.

613. Foi se embora e não demorou ele chegou com um bocado de fruta:

614. - Olha aí ... vai comendo.

615. Aí ele ficou comendo ... quando deu mas duas horas ... ele falou:

616. - Vou embora pra casa.

617. - Não ... não vai não. Nós vamos ficar aqui comendo fruta.

618. Aí ele saiu andando ... andando ... quando andou uns dez metros voltou ... que ele ia andando e nas vistas dele a terra ia crescendo ... ele tentava de novo e a terra ia crescendo. Aí ele subiu num pau e foi andando ... a terra crescendo e crescendo e o cara atrás dele:

619. - Não ... não vai ... fica aqui.

620. Ele carregava um crucifixo no bolso ... botou no pescoço e saiu andando ... saiu andando e a terra cresceu ... cresceu ... quando ele saiu já tava na casa dele e era cinco hora. Quando saiu o pai dele deu uma pisa ... que ele queria falar e não podia que a língua enrolou.

621. - Adonde que cê tava? Ah ... não quer falar?

622. E deu lhe uma pisa até que ele contou a história pro pai ... mas ficou abestado. Nós era menino e brincava com ele ... tinha idade de uns dez anos ... ele ficou assim meio abestado depois disso.

623. O Curupira não pegava seringueiro ... só menino. Pegava pra ficar com ele ... pra brincar ... só comer fruta e os menino não volta mais. Agora sumiu um ... acho que com cinco anos foi descoberto: a mulher foi na casa do compadre ... aí chegou lá e o afilhado dela falou:

624. - Papai vou com minha madrinha pro sítio.

625. - Vai.

626. Aí levou ... ela tinha outro garoto e eles foram quebrar milho:

627. - Vai meu filho pegar milho pra comer assado ... vai.

628. Quando chegou lá no roçado ... os dois foram brigar ... o afilhado tava desarmado e outro tava com o terçado ... quando o outro veio brigando ... ele largou o terçado e matou o garotinho:

629. - Mamãe eu matei o menino!

630. Aí o velho disse:

631. - Puta merda e agora? ... nós trouxemos o nosso afilhado e esse menino vai matar. Nós vamos preso!

632. A mulher falou:

633. - Sabe o que nós vamos fazer? Nós vamos enterrar e fazer uma carreira por cima ... queima a paiera e pronto. E nós chega e diz que sumiu o menino.

634. Assim fizeram ... enterraram e cortaram um bocado de lenha ... botaram por cima e tocaram fogo. Com três dias ela foi ... chegou na rua e falou pro compadre:

635. - Seu filho desapareceu.

636. Aí foram pro sítio procurar ... botaram até o exército ... procuraram e não acharam. Como ia achar se ele já tava morto?

637. Passou mais ou menos um ano ... ela vendeu tudo e foi embora pra Porto Velho e o menino dela foi crescendo ... quando foi um dia teve um garoto que mexeu com ele ... ele falou:

638. - Olha quando eu era menino matei um! Matei o afilhado da mamãe e ninguém sabe.

639. Aí o rapaz disse:

640. - Ah nós sabe dessa morte.

641. Aí foi e disse pra mãe dele que deu parte ... aí prenderam ela e o pai ... depois de muitos anos prenderam.

642. Agora outro desapareceu mas acharam e aquele foi o Curupira que pegou e botou no buraco ... passava gente ali ... o menino via eles mas não podia falar e eles passavam e não viam o menino. Tava encantado ... com oito dia é que veio a achar dentro do buraco. O menino falou que foi o Curupira que colocou ele ali dentro ... mas ele ficava com o peito todo de fora da terra e eles passavam e não viam ... isso no mato.

643. Ele foi buscar uns ovos ... quando ele pegou os três ovos de nambu ... a peia comeu ... era um homem forte ... ele pulava pro canto e pulava pra outro ... olhava e não via ninguém e a peia comia. Mas disse que foi uma peia de mais ou menos uns quinze minutos ... de lá mesmo ele voltou com febre ... sei que perdeu até as forças e deixou os ovos. Ele acha que é Curupira ou então o Pai da Mata. Agora o Pai da Mata tem ... diz que é um molequinho pequeno que é o dono da Mata.

644. Meu pai me contou que dia de Sexta Feira Santa no Rio Corumbiara ... tava com três companheiros ... eu era menino ainda ... tinha um barreiro e um cara falou assim:

645. - Eu vou matar um veado.

646. Aí o pessoal falou:

647. - Não ... deixa pra você matar esse veado no Sábado de Aleluia.

648. - Não eu vou matar é hoje!

649. Pegou a arma e foi embora. Daqui a pouco escuta o tiro. Ele subiu num pau e demorou muito ... vinha três veado e um cara montado num. Vou atirar naquele que é o maior de todos ... aquele que o cara vem montado. Quando ele meteu o disparo ... o cara:

650. - Não ... tu mata um desses daqui não.

651. - Pois vou matar é esse que tu vem montado!

652. - Não atira!

653. E atirou. Ele mesmo conta que quando viu o veado correr. O cara desceu ... tomou o rifle dele e meteu-lhe a peia ... deu-lhe uma pisa que ele ficou jogado no chão. Finado meu pai disse que escutou o tiro nove horas e nada ... quando deu três horas:

654. Vamos atrás desse homem.

655. Quando chega lá ele tava caído com o rifle ... levaram e ele contou a história. Passou ainda três mês vivo e dessa pisa ele morreu. **O PAI DA MATAS É O DONO DOS BICHOS!**

656. Já o Mapinguari não existe ... todo bicho que existi tem em revista e aparece na televisão e esse nunca apareceu! O pessoal inventa que o bicho só tem um olho no meio da testa ... mas ninguém nunca viu ... isso é conversa.

657. Até uma jibóia atrai a gente. Atrai com a vista dela e faz o seringueiro se perder ... quando tá muito velha atrai o cara pra comer ... ela vê e a gente não vê ela ... o cara vai andando e cada vez tá mais perto dela.

658. Agora Cobra Grande pode ter ... já vi uma quando era menino ... não sei se era cobra ... sei que nós vinha no Rio Guaporé e quando nós demos fé ... vinha saindo de uma baía e olha ela lá!

659. - Olha papai a lua mexendo dentro d'água!

660. Era o mesmo que uma lua cheia ... aí meu pai olhou e falou:

661. - Rema porque é uma cobra!

662. Escapemo numa praia que tinha ... ela saiu e nós escutamos foi a água ... parecia um motor fazendo aquela zoada ... saímos correndo pelos barranco ... que no raso Cobra Grande não vem. Como é a lua cheia ... era assim o olho dela ... as duas tochas dos olhos!

663. Ali no São Miguel tem um lago que de canoa ... atravessando é uma hora ... só pode cruzar seis horas ... de oito em diante não cruza mais. A água pega a balançar devagarzinho e quando dá fé a olada tá com mais de metro. E se chegar seis hora e dá um tiro na beira dele ... não cruza mais também que a água pega a balançar ... a fazer banzeiro e não tem canoa que cruze.

664. Só pode ser uma Cobra Grande ... que escuta o tiro. Agora vi assim meu tio matar cobra grossa que nem um tambor ... tava atravessada todinha no igarapé ... cortaram pra ele passar com a canoinha.

665. Aqui dentro desse rio acima da Boca do Bicho ... se passar uma voadeira quando tá enchendo ... não demora muito ela pega a cavar o barranco. Com o barulho da voadeira ela fica cavando com o rabo. Em casa mesmo já tive que mudar minha barraca ... que ela já tomou o caminho e foi derrubando o barranco.

666. E quando tá enchendo o rio ela cava todo dia pra fazer um poço que é pra morar ... ela vai cavando ... vai aterrando pra lá e fazendo praia.

667. Pé de Ouriço também nunca vi ... também numa colocação tinha um barreiro que os bichos comia ... nunca vi e ninguém sabe que bicho era ... agora via um rastro ... só um pé ... o pé dele era que nem mão de pilão comprida. Foi um pessoal lá ver comigo ... eu digo:

668. - Lá na minha estrada tem um barreiro que as anta come e o cara anda ... passo lá uma hora da tarde e ele já passou. E as vezes passo nove horas e ele já passou ... nunca topei com ele.

669. Toda vez que ia pra essa estrada via o rastro mas também só andava com a espingarda. Tinha a terra firme ... ele subia e ninguém via mais ... só via na lama.

670. Uns três ou quatro iam ... disse:

671. - Vou lá mostrar.

672. E nós fumo lá ... duas horas da tarde chegamos e vimos o rastro ... viram só um pé.

673. - Nove hora ele passa também.

674. Nós viemo nove hora e ele já tinha passado ... nunca vimos. Não fazia zoada ... não fazia nada ... só o rastro.

675. Outra vez tô na barraca e dormia com revólver na rede ... aí ouvi quebrando o mato ... morava perto da serra e do córrego ... subia a serra e de lá ficava olhando e cortando seringa. De noite tava ali fora e escutei que vinha quebrando ... **BLAU** ... **BLAU** ... **BLAU** ... mas meu medo era só de gente que tinha morrido. Tinha muito medo naquele tempo ... agora não que já tô velho ... aí eu falei:

676. - Isso é um bocado de visagem que vem aí. É gente que morreu e vem passar por aqui.

677. E lá vem **BLAU** ... **BLAU** ... **BLAU**. É duas pessoas que vem quebrando aí no mato. Quando eu levantei peguei o revólver e fiquei ... ela queria subir pra serra e lá vem pisando.

678. - É visagem!

679. Soltei o revólver e fiquei me benzendo ... pedindo pra tudo quanto era santo e lá vem a bicha ... eu falei:

680. - Não tem reza que dê jeito! É a visagem mesmo! Me vale minha Nossa Senhora!

681. Pois a anta vinha pisando em cima de mim ... era Deus mandando a carne e eu com negócio de tá me benzendo!

682. A gente quando é novo tem muito medo! Agora perdi ... fiquei mais velho e já vi muita coisa. De onça era uma coisa que eu tinha medo ... principalmente depois que vi a primeira e matei.

683. Essa onça quando passei a primeira vez na boca do rio ela passou ... quando voltei ela não tava ... mas cavou no meu rastro ... cavou e cagou.

684. - Essa onça quer me comer. Será possível meu Deus?

685. Quando vim cortando e fechei a estrada tirei o cachimbo ... olhei pra primeira madeira que cortei e ela tava lá ... arrodiava e cheirava ... olhava pra cima e cheirava nos cantos ... umas três vezes:

686. - Daqui eu não atiro que não dá ... tá muito longe.

687. Eu em pé e ela não me via ... sabia que eu tinha passado ali mas não sabia pra donde tava ... e ela: aqui ele passou.

688. Se olhasse de lá ela me via ... ela acabou de cheirar e entrou pra dentro do mato ... fiquei logo com a espingarda. Quando ela foi passando eu assobiei ... aí ela botou logo a cara ... atirei e foi nessa que dei cinco tiro pra matar.

689. Quando cheguei lá ela deu um miado e pulou pra cima de mim ... mas o braço tava quebrado do tiro ... ela pulava mas caía logo ... abriu a boca e eu atirei dentro ... depois ainda dei mais três e matei.

690. E a outra eu vinha desarmado e escutei ela fazer **MIAU** ... eu falei:

691. - Isso é onça ... isso não é gato ... que gato dá o miado mais fino e essa miou grosso.

692. Cruzei uma pinguela que tinha na estrada ... no que eu olho ela tá sentada bem no caminho e eu ia só com a peixeira.

693. Essa onça vai fazer presepada comigo ... olhei pra ela e andei um pedaço ... quando cheguei perto ela deu uma rosnada.

694. Eu não sou bonito ... sou feio e com essa barba ela corre! Vou tirar o chapéu porque se ela vim vou dá uma facada nela. Vou ver se engano com o chapéu e dou uma facada. Mas ia com medo dela. Tirei o chapéu e puxei a faca ... corri e dei um grito ... quando dei o grito ela pulou e eu **VAP:**

695. - Dessa graças a Deus já tô livre!

696. Mas ela encara ... porque vi um companheiro com o revólver ... isso era uma hora da madrugada ... a onça botou e ele lutando com terçado ... ela em cima e ele não pegava o terçado. Ele ia morrer ... ela já foi prensando e ele foi afastando ... encostou no pau e gritou:

697. - Me vale meu São Francisco!

698. Ele com o revólver na cintura e não se lembrava e quando foi encostando no pau ... o braço dele tocou no cabo do revólver ... aí atirou ... quando atirou ela ainda bateu no revólver ... caiu no chão e ele ainda pegou ... mas como ela já tava muito baleada ... saiu escavando e foi morrer na frente.

699. Pois se não fosse ele encostar no pau ia morrer com o revólver. No Tombo também o cara atirou numa ... ela botou e tomou o revólver ... o braço dele entrou na boca dela e ela mordeu. Olha não quebrou porque ela já tava na hora da morte. Ele puxou o braço ... pegou o revólver e não quis detonar mais ... bateu com o revólver na cara dela ... ela saiu andando e caiu. No outro dia nós fomos lá e tava morta ... mas se ela não tivesse morrendo tinha torado o braço dele. Que ela tem muita força!

700. Vejo o pessoal dizer que uma onça tem força pra sete homem. ela mata uma anta e carrega sozinha ... ela mata um boi sozinha e carrega. Bota nas costas e carrega que eu já vi ... ela tem muita força e o homem não faz!

701. Fomos pegar um gato do mato que subiu ... aí tinha dois caras em baixo e o outro subiu. Disse:

702. - Davi eu vou lá e vou jogar o gato aqui ... vocês pega.

703. - Rapaz ... eu não vou pegar.

704. - Pega o gato!

705. - Então joga.

706. Era uma ilha ... o resto tudo era água e ele subiu. Chegou lá o gato cismou e pulou ... eu não peguei não ... quando pulou saí fora ... aí o Piauí agarrou ... mas estragou o peito dele tudinho com as unhas ... mas segurou e amarrou.

707. Nós fumo lá no brejo e vinha andando ... não foi acontecido comigo mas foi com o rapaz ... os caras tava na rodagem fazendo a picada.

708. - Nós vinha assim sem espingarda e vimos uma onça com três gatinho ... é bom levar a espingarda quando for cortar seringa!

709. - Que nada! Ela não faz nada comigo não ... ela tem medo de mim.

710. No outro dia nós tava no barracão e ele chegou assombradinho ... não comeu ele por causa dos gatinho ... ele vinha cortando e ela tava na estrada ... quando ele viu a onça botou nele ... quando ela já tava pra pegar os gatinhos miava e ela voltou pra atender.

711. Outro rapaz foi cortar ... andava com a espingarda mas a onça botou nele ... agora nós não tava lá pra ver ... quando nós cheguemo lá que o pai dele mandou chamar ... ele tava caído e a espingarda tava jogada ... armada e com o cartucho dentro e tinha cinco cartucho e palanqueta batida. Ela matou ... sangrou e bebeu só o sangue. Acho que ele tava muito em cima e matou o rapaz de 18 anos.

712. Mas agora tem pouca onça ... todas que vê a gente foge. O ano atrasado fui na cachoeira ... era eu essa minha mulher e o Nezinho. Lá na cachoeira ... é pedra e os tombos d'água e tem muito peixe ... só jatuarana ... mas é uma por cima da outra ... dá até pra bater foto ... porque elas ficam tudo assim em cima d'água. Tem um tombo e o poço e elas fica no poço ... quando chega lá em baixo é outro tombo e outro poço ... aí vê de novo os peixes ... eu só fui em dois ... mas tem três tombos. E quando a cachoeira anivela com o nível do Ouro Preto aí desce aquele cardume de peixe. Quem explicar bem o que tem pra cima é o Damasceno.

713. Aí eu venho com esse motor ... mas ele tava bom ... quando desdobro o rio a onça vinha cruzando ... ela ouviu o motor e não sabia se ia pra ou pra cá ... aí eu falei:

714. - Atira não.

715. Dei devagar no motor e ela naquela armação e eu com o motor.

716. - Agora atira na onça Nezinho ... se você não atirar ela pula dentro da canoa.

717. Atirou que nem pegou ... ela saiu e ele atirou atrás. Ele atirou com medo e ela ia pular dentro da canoa ... se aperreasse muito ela pulava.

718. O Vavá deu seis tiros numa ... descarregou o revólver e o motor correndo ... não pegou nem um tiro ... ela **PUM** e de dentro da água ela pulou e ficou no meio da canoa ... aí o motorista parou o motor e ele na proa olhando pra ela ... aí ela pulou n'água foi embora e não mataram ela não ... deu seis tiros e não matou. Só pode ter sido com medo!

719. Mas voltando na estrada o cara tinha muito medo ... ele tava voltando ... aí cheguemo .. eu digo pro mateiro:

720. - Rubens. Olha aqui a carniça da onça: um pedaço de veado.

721. Tava a cabeça do veado enterrada e ela puxou folha em cima e tinha outro enterrado. Aí ele falou:

722. - Rapaz vão bora!

723. Eu falei:

724. - Diz que a gente mijando em cima da carniça ela vem.

725. - Vem.

726. - Pois eu vou mijar que eu quero ver se ela vem!

727. - Rapaz ela vem!

728. - Deixa vim! Nós somos três homens e com terçado nós mata ela.

729. Quando eu disse assim só ficou eu e o outro ... mas nós ria muito ... nós fomos ver ele só em casa ... aí ele disse assim:

730. - Mas rapaz tu é doido. Tu mijou?

731. - Eu mijei ... fiquei esperando e ela não veio. Mas você é muito mole e tu tava com a espingarda.

732. - Mas essa espingarda não é muito correta!

733. E nós ria dele! Tem cara que tem muito medo de onça!

734. Aqui não tem muita ... elas tão agora acostumando. Não vê que é proibido matar?

735. Mas elas tão chegando de novo. Não tem uma estrada dessa que não andam ... é só o seringueiro começar a andar ... elas querem andar também. E elas vão aumentando porque ninguém mata ... o IBAMA não quer.

736. Esse rio aqui tinha muito peixe ... diz que é pescador que acaba. Pescador não entra mais aqui. O que tá acontecendo com os peixes daqui é a lontra ... aí pra cima elas só falta entrar dentro da canoa ... come tudo. Entram dentro de uma baía que tem saída pro rio e acaba todinho o peixe.

737. Eu vi o cara que é chefe dos peixes falando na televisão que se matasse a lontra as piranhas comia até os viventes daqui uns anos quando caísse dentro d'água ... porque ela come muita piranha ... mas ela acaba com os outros peixes também.

738. Se tá pescando aqui e vê uma lontra ali ... pode sair que não pega mais nenhum peixe ... eles vai tudo na carreira. O que tá acabando o peixe daqui é ela ... tudo ela vai e come.

739. Por hoje não tem mais ... agora só amanhã que eu vou imaginar ... porque me esqueço de muita coisa e não sei falar diretamente né ... porque o que eu falar tá tudo certo porque foi o que vi. E o que não vi contei porque me contaram. Foi realidade mesmo o que vivi. Porque tem muitas coisas que o nego fala e às vezes não se lembra ... é depois que se lembra. Tem muitos que vai contar a verdade ... mas vai contar muita mentira que nunca viu ... pode falar mentira mas um dia é descoberto.

WANDERLEY LIMA NUNES

1. Nasci em Fortaleza do Abunã ... Estado de Rondônia ... no dia 14 de agosto de 1963 ... fui criado e acostumado nesse ritmo de trabalho de mato ... acompanhando meu pai nesse serviço de seringa e trabalho de pescaria.
2. Nesse percurso nós vamos aproximadamente há 25 anos ... quando resolvi arrumar uma família ... mudei de Guajará-Mirim para o distrito de Surpresa e trabalhei quatro anos.
3. Quando começemo a trabalhar na agricultura eu não tinha experiência ... era um trabalho ruim ... sol quente demais ... eu não agüentava. Trabalhemo dois anos no Lago das Garças ... o primeiro ano mexendo com arroz e mandioca ... naquele tempo nós tinha um sítio muito grande se formando ... não me acostumei mas também não desistia. Fazia o possível de dar força pro meu pai ... de não afrouxar. Ele não resistiu e saiu fora ... eu saí também.
4. Fomos trabalhar na Colônia ... viemos trabalhar no Pacaás Novos ... trabalhemo um ano e saímos ... fomos pra rua e trabalhei quatro anos na cidade na fábrica do Café Mirim ... numa olaria fazendo tijolo ... daí fui trabalhar como servente de pedreiro. Não servi o quartel ... fui dispensado ... que meu sonho era servir o quartel ... aí viemos pro Rio Ouro Preto ... tinha 25 anos quando vim pra tocar por conta ... foi quando arrumei uma mulher ... roubei a mulher ... coisa que não vou fazer mais.
5. Pedi da mãe que não deu ... ela queria sair de casa e eu banquei o bobo e carreguei ... a gente namorou dois meses e meio escondido né ... a mãe dela não aceitava ... eu ia às oito horas da manhã e ficava até às nove da noite ... aí eu ficava zangado ... porque chegava às sete a mãe mandava a filha dormir.
6. Quando ela ia passear que as colegas chamavam ... nós se contratava pra encontrar na rua ... a gente passeava ... ia na praça. Quando a mãe dela descobriu proibiu de sair ... aí me convidou pra carregar ela. Conversei com vários colegas e falei:
7. - Olha ... vou levar uma menina ... só que vocês vão fazer um negócio comigo: meio dia nós vamos sair daqui ... vou liberar o barco e falo que vou pra Porto Velho visitar um parente e eles que tão presente vão testemunhar. Vocês sobe ... rodeia a ilha e me pega lá no porto da ASMG.
8. Então o barco foi embora ... arrumei as coisas na bicicleta e fui pro porto ... passados quinze minutos o barco chegou ... embarcamos e saímos ... quando ela desconfiou da filha ... foi direto na delegacia. Lá na rodoviária fica o nome da pessoa e não tinha no ônibus das quatro e no das dez da noite nenhuma pessoa com esse nome ... depois de uma semana foi que ela descobriu que eu tinha tapeado. Moremo um período de quatro anos e tivemo um filho ... que tá hoje com meu pai.
9. Nós ficamos seis meses sem voltar ... aí a mãe dela pediu pra ver. Eu soube que queria que a filha fosse pra dar-lhe uma pisa. Fui lá com o delegado ... eu falei:

10. - Aconteceu esse problema aí.

11. - Mas porque você fez isso?

12. - Porque ela não liberava ... não deixava eu namorar nem casar. O que você acha?

13. - Você fez certo então. Só que ela quer que a filha dela vai lá.

14. - Mas eu não quero levar porque ela vai bater ... segundo a conversa ela vai dar uma pisa. O que você acha?

15. - Se ela bater ... se houver uma denúncia sua ... ela pode ser punida. Agora se ela reagir ... educadamente não tem problema.

16. Fui diretamente na casa dela sozinho e levei o ofício do delegado ... mas não apresentei.

17. - Tua filha tá lá em casa ... ouvi falar que você vai pegar e dar-lhe uma pisa. O que acha: quer ver sua filha numa boa ou quer ficar sem ver?

18. - Eu vou dar parte de você.

19. - A senhora não vai dar parte ... que a senhora não tem condições e nem educação ... porque com violência não consegue nada. Se quiser trago ela aqui hoje ... mas pra conversar com a senhora e tomar benção ... não vou levar a minha mulher pro outros bater né.

20. De noite trouxe e apresentei pra ela. No outro dia entreguei o ofício pro delegado e falei que não precisava ... ele achou graça e disse:

21. - Como é que você conseguiu?

22. - Com paciência e com educação. Porque se eu fosse logo apresentar o ofício ... ela ia ficar com medo do delegado ... não ia ficar com medo de mim ... me apresentei pra ela com educação ... não apresentei violência.

23. Saí da reserva e fui trabalhar em Guajará como gerente da Granja União ... aí recebi uma carta do pai da minha mulher ... que ia me dar dois lotes pra trabalhar ... invés de eu ter dado uma olhada primeiro ... dei uma cabeçada ... pedi a demissão do emprego e fui lá com tudo ... quando cheguei não era o que pensava ... os lotes que ele me proporcionou não tinha nem estrada ... não tinha nada. Fiquei numa pior ... tive que gastar tudo e acabei com a energia que tinha ... **ADOECI**.

24. Ainda passei dois anos ... por fim ela viu que o negócio tava difícil mesmo ... invés de reagir e de ter lutado ... eu de um lado ela do outro ... ela tentou se separar.

25. Voltei à Guajará-Mirim e lá resolvi trabalhar em Costa Marques ... quando descobri uma pesquisa de garimpo ... uma companhia de pesquisa de um japonês e fomo trabalhar ... com um geólogo tive pegando umas instruções.

26. Com índio nunca topei ... sempre desviei ... conheço a quebra deles que é prá trás ... se eles tão pra lá ou pra cá ... se for lugar molhado ... conheço quantos são ... quantos dias faz que passou ali. Pra saber tem quase que conviver com eles. Se vai num lugar que é muito perigoso e tem índio ... pergunta antes quantos dias dá? Se dá dois dias e eles estão há aproximadamente um dia ... o que nós faz? Gasta seis dias e arrodeia ... faz uma volta muito longa evitando movimento com eles.

27. Se os índios sabe que você tá andando na área e passa num igarapé que é seco mas tem lama ... então ele pisa aqui e o outro pisa no mesmo canto e o pé vai aumentando ... pra pensar que só tem um ... eles também não é burro ... tem estratégia ... pisa tudo num canto só. E se foi pra um lado ... eles quebra o mato pra trás ... sabe pelo mato que tá quebrado ... se tem um pé grande pelo calcanhar marca.

28. Se for num lugar que tem água e se ele pisou hoje tá molhado ... se pisou ontem tá molhado mas não tem marca de lama. Se tá com três dias só tem água dentro ... a lama tá assentada e se tá com quatro dia olha no mato. Se pisou com dois dias em diante já tem a teia de aranha por cima do lugar ... a aranha aproveita o buraco e faz logo uma teinha ... que é pra pegar um bichinho.

29. Quando eu falava isso alguns companheiro acreditava ... mas pra muitos eu não falava ... quando via essas coisas dizia que era anta ... quando via rastro procurava pisar em cima pra não assustar os companheiros ... mas sabia o que tava fazendo ... sabia desviar ... porque as vez o caboclo tá escondido ouvindo você falar ... e se algum tá falando:

30. - Num caboclo desse vou dar é um tiro!

31. O caboclo tá escutando.

32. Já enfrentei uma situação difícil ... não de caboclo. Nós tava subindo uma serra e ficou dois rapaz embaixo ... eu falei:

33. - Não precisa levar rede ... consigo ir e voltar às seis horas.

34. Subimos a serra pelo canal ... mas era difícil ... na volta os dois não queria vim mais pelo mesmo lugar porque era ruim ... eu falei:

35. - Se for por outro canto vamos dormir na serra e é perigoso uma onça comer a gente. Se vocês querem ir por lá também vou com vocês ... se vocês vão morrer também morro junto.

36. Continuemos e fizemos uma viagem muito grande ... era uma serra plana bonita ... quando tava com duas horas ... subimos num cipó grosso que formou tipo um degrau ... uma base de uns vinte metros de altura ... era o cipó apuí ... que cresce muito ... continuemo andando ... na frente formou outro degrau e foi aumentando. Na serra tem uma tal de rastadeira ... é um cipó muito grosso que chega a aproximadamente três polegadas ... ele cresce grudado na pedra empinada ... é muito grande e sobe grudando na pedra todo tempo. Eu disse:

37. - Nós vamos subir nesse cipó ... se vocês querem chegar ... nós dorme em cima da serra que lá não tem bicho.

38. - Mas sobe de um por um ... eu subo aí vocês dois fica ... quando chegar lá em cima eu grito aí sobe de um em um.

39. Quando chegamos lá em cima ... o outro chegou na metade e não agüentou mais ... deu caimbra nas perna. Eu falei:

40. - Desce e corta o cipó lá em baixo e nós vamo tentar puxar ele.

41. Desceu uns cinco metro e deu câimbra também ... mas cortou o cipó e se atracou ... consegui puxar e já era cinco hora da tarde ... aí nós dormimos na cabeceira da serra ... à noite

vimos um morcego que pesava mais de dois quilos ... eles mora dentro de caverna e atacaram a gente de noite ... vinham pra cima e nós não tinha fogo ... atirar não podia pra não atrair os outros que tavam do outro lado ... pra não pensar que tava com problema ... então passemo a noite aperreado.

42. Nessa noite onça esturrava pra todo canto ... pau pra subir em cima não tinha ... porque em cima da serra não tem ... passemo a noite sentado um de costa pro outro ... época de frio. Enxergar ninguém enxergava nada.

43. Em outra viagem eu não tinha prática ... teimoso também ... sabia que nós tava no rumo certo ... mas não sabia o tempo que ia gasta ... disse duas horas e gastemo três dias ... mas saímos! Nós não levava comida ... foi quando aprendi a andar no mato.

44. Pra andar no mato não tem que ser teimoso ... só tem que ser observador ... tudo que a pessoa falar tem que observar o que diz e procurar explicar o que você sabe ... por mais que a pessoa diga que compreende as coisas ... tem algum detalhe que falta. Aprendi muito ... mas ainda falta ... **AINDA FALTA**.

45. Já vi história de Mapinguari e já vi uma realidade ... na cabeceira do Cautarinho ... entre Costa Marques e a Fazenda Pau D'Óleo. Nós fumo pra um barreiro esperar caça ... umas duas da madrugada escutamos um grito muito grande que vinha ... aquele grito feio que vinha gritando ... a gente escutava um grito rouco que não dobrava. O cara que tava comigo subiu pra copa da árvore e largou a rede. Fiquei escutando ... escutando ... aí eu falei pro cara:

46. - Rapaz isso não é nem uma fera não ... isso é um grito comum.

47. - Cala a boca! É um bicho e vai comer a gente tudinho aqui.

48. - Que nada rapaz ... fica na tua.

49. Observei que vinha ... era um grito morrendo ... fazia alto e diminuía ... quando chegou perto era uma coruja ... mas a cabeça dela era bem grande ... só quem viu foi eu que foquei ... o outro não quis focar ... não quis nem olhar e arrumei uma inimizade com ele ... ficou com raiva de mim porque ele disse que era Mapinguari ... e não era.

50. Tem muitos tipo de bicho que confunde ... aqui dentro do Concórdia diz que tem fera e eu já vi gritar ... não é nada de bicho ... é pássaro da noite. Eu não vou dizer que não tem Mapinguari. É uma fera que anda e você vê a pegada dele ... é um animal que não é das província ... que o animal das província no fogo não queima e nem na água morre ... você ouve mas não vê ... mas Mapinguari não ... ele morre afogado e se botar no fogo ele se queima. Não sei como é o Mapinguari ... se ele é da época passada ou se ele transforma como o povo fala ... de um animal pra outro.

51. Eu não gosto de falar ... mas segundo a lenda consta ... ele se transforma do pajé quando tá velho de mais ... vive tanto que se transforma de pajé pra um animal desse.

52. Vi o rastro ... não sei se era real ... vi quebrada de pau e não tinha galho embaixo ... arrebentaram pau pela raiz ... quebraram e não era pedra tombada da serra ... vi marca onde bebeu água no igarapé ... e não vi rastro de anta ... vi uns sinais ... parece que ia com a perna

arrastando ... girando pedra pequena de três quilo e marca de um pé comprido mas que não tinha dedo.

53. Os cara que ia comigo dizia que aquilo era o Mapinguari ... mas não acredito ... o Mapinguari não é da nossa época. É da época que ninguém andava aqui ... que o Rio Amazonas não foi habitado todo o tempo ... na cabeceira dele foi achado um queixal ... metade de mandíbula ... que tá no museu de Rio Branco no Acre e pesou parece que treze quilos ... só a metade.

54. Já a Curupira é um animal das províncias ... existe mesmo. Na época do Coronel Rondon que formou essa estrada de ferro ... eles puxaram um fio da Cachoeira de Paulo Afonso ... da usina hidroelétrica pra poder trabalhar à noite. Eles construía a estrada de ferro de dia ... os índios desmanchavam à noite e de dia matava as pessoas que se ausentava buscando água.

55. Nesse fio que era usado pra matar índio grudado ... quando foi numa dessas manhãs tinha uma Curupira grudada ... ainda não tava morta ... tiraram com um pau ... os pés era pra trás e o calcanhar pra frente ... o cabelo preto e duro ... era baixo e forte ... enjaularam e levaram ... ninguém sabe o paradeiro.

56. Não sei pra que serve ... se combina com a floresta ou o que seja.

57. Já ouvi falar da Mãe da Seringueira ... mas nunca vi nem vento frio ... que o povo diz que vem primeiramente um vento frio ... assoprando no mato ... depois é que ela se aproxima e fala com a pessoa.

58. Mas existi espírito né ... espírito maligno que encarna na pessoa ... aí fica dizendo:

59. - Ah ... eu vi a alma de fulano!

60. Mas isso é um demônio que existi mesmo ... não é alma humana ... que o homem que morreu não vem mais aqui. Pra mim ele aparece de outras formas. Se tenho um companheiro muito legal e gosto muito dele ... acontece numa dessas ocasião do cachorro dele morder a minha galinha ... a minha mulher vai e briga com a mulher dele ... pra gente se estranhar. É dessa forma que ele se apresenta ... nesse caso procuro evitar problemas.

61. Mas pra mim eles não existi ... só não vou desmentir as pessoas antigas ... o Mapinguari é real e aconteceu mesmo ... pessoas até já mataram ele ... meu pai passou por essa fase. Escutaram o grito ... que vinha do outro lado do igarapé e não conseguiu cruzar ... eles se defenderam por isso ... porque fera que vem de noite não pode ser vista.

62. Mas quando chegava em cima das minas ... não me emocionava ... sentia só a realidade ... que meu sonho era chegar lá. De avião o cara marcou que dava aproximadamente 14 centímetros no mapa ... dava 140 quilômetros do quilômetro 90 da estrada de Costa Marques. Da margem do Cautário pra chegar lá eles não sabia ... pra vim eu calculei e disse 10 centímetros ... que é calculado 10 dias de viagem ... mas da margem do Cautário pra chegar na mina dava só quatro ... porque nós vinha em diagonal.

63. Se puxar na mata sem caminho ... o máximo que anda é 10 quilometro ... não consegue andar mais de jeito nenhum. Anda o dia todinho fazendo pique e os outros atrás abrindo o

caminho. De volta gasta uma hora ... quando chega no final é cinco horas da tarde ... pode voltar que chega às seis no acampamento. Então foi quando cheguei na mina ... nós chegamo no igarapé ... sabia que o igarapé era aquele ... agora não sabia se a mina tava pra cima ou pra baixo ... só vi a forma dela.

64. - Bora fazer o seguinte ... vamos dividir a equipe ... uma pra cima e uma pra baixo ... quando for três horas da tarde voltamos pro acampamento.

65. A equipe que tava comigo não conseguiu nada ... mas os que foram pra cima conseguiram ... aí no outro dia cheguemo e achemo ... já era um acampamento ... parece que tinha gente trabalhando.

66. Tinha um pouco amontoado e o filão continuava ... furamos na frente aproximadamente um quilômetro ... foi quando deu numa pedra rocha. Fiquemo de fazer uma clareira ... tinha até um japonês que disse:

67. - Nós faz uma clareira aqui de cem metros ... o helicóptero desce e leva até três tonelada.

68. Ai ele perguntou quantos quilômetros dava daí pra lá ... eu não me emocionei ... fiquei pensando como eu podia impedir que eles pegasse aquelas pedras ... se eles soubesse que era tão perto puxava até por água ... então inventei essa estratégia de dizer que era 15 dias até chegar na margem do Pacaás Novos. Mas não ficou pra mim.

69. Trabalhei muito tempo na mato ... é mateiro que o povo fala ... tem mateiro de rumo ... mateiro de expedição ... mateiro de garimpo ... e tem mateiro de seringa. Mas não me considero nenhum deles ... me considero simplesmente um aventureiro. Porque o mateiro de expedição de garimpo ganha dinheiro pra isso ... passei 190 dias na mata ... passei por cima de ametista ... aí os cara me perguntaram:

70. - Que distância fica daqui pra margem do Pacaás Novos?

71. - Aproximadamente 15 dias.

72. Ai ninguém quis mexer ... mas eu sabia que tava quase cinco horas de viagem ... minha idéia não era de ir buscar só ... porque nós tava dentro da reserva e eu não ia deixar que uma firma rica viesse buscar dentro da reserva ... não deixei que ninguém pegasse. Tirei os graus do mapa e não marquei ... porque se marcasse eles podiam tirar de helicóptero ... deixamos pra lá. Nunca usufrui do povo da reserva. Eu tava violando a lei e roubando pros rico ... aí não tem jeito. Então esse que são os mateiro de expedição ... eles roubam pros rico e eu já fiz o contrário.

73. Eu trabalhei desde a idade de menino acompanhando meu pai pelo mato ... pelo rio. Meu pai me colocava num burro ... já tinha uns oito anos ... quando trabalhei e eu dormia em cima dele viajando ... cansei de pegar chuva no mato. A minha vida foi interessante ... levava chuva na mata e problema ... e por aí vai embora né.

74. O meu pai é como várias pessoas que batalha ... em 1943 ele chegou do nordeste ... veio escoltado no barco Comandante Riba ... com 150 soldados e dois caça minas da época da

guerra. Na volta pro nordeste foi arrebentado ... estourado e bombardeado. Mas só tinha os tripulantes.

75. Agora ele conseguiu aposentadoria ... mas cruzou muitos problemas ... da juventude até a velhice ... pescando e cortando seringa pelas matas.

76. Da atividade do meu pai ... a única coisa que ele pode me ensinar foi pescar e cortar seringa. Não tivemos condição de estudar ... não é dizer que ele não quis ... é porque não dava ... o trabalho dele não dava pra bancar sete filhos pra estudar. E acostumemo no mato ... quando nós quisemos acordar que tava no mato ... não teve mais jeito ... é assim mesmo.

77. Eu não estudei ... não tenho estudo ... mas sei ler ... aprendi por vontade própria ... ninguém me ensinou ... o meu pai trabalhava de gerente ... eu pegava os talões dele e passava pro caderno ... aprendi a escrever mas não sabia ler. A minha mãe me ensinou o ABC ... das 23 letras que aprendi eu pronunciava a palavra e aí fui lendo página de revista ... até que consegui tipo um almanaque ... lia todo dia ... não tinha coisa pra ler que dentro do seringal é difícil ter contato com pessoas ... então só tinha aquilo que eu lia ... até que eu decorei ... ele tinha 12 páginas.

78. A minha infância foi dentro da mata trabalhando ... ajudava o pai a cortar ... andava com ele no mato ... caçava.

79. Os meus irmãos sempre foram mais tranqüilo ... levaram a vida um pouco melhor ... porque eles tocaram a vida mais cedo e eu saí de casa tinha 25 anos ... sempre vivi perto do meu pai e da minha mãe ... tinha uma irmã que saiu de casa com sete anos ... se criou na rua estudou ... se formou e tá tranqüila.

80. Minha mãe sempre foi simples e educada ... criada na cidade grande ... no Rio de Janeiro ... conheceu meu pai em Manaus ... na época ele era garimpeiro de diamante no Rio Machado e por intermédio da irmã dele se casaram. Ela trabalhava na casa de um juiz. Foi pra Belo Horizonte mas não gostou porque era muito frio ... tinha muita geada e não agüentou. É um tipo de mulher que não guarda ódio ... é tranqüila. Porque se fosse uma pessoa que ligasse pra problema e sofrimento não tinha acompanhado meu pai nesse tempo todo.

81. Na época dos patrões violentos ... passamos momentos de sofrimento no mato ... nos anos 80 meu pai trabalhava como gerente e eu como noteiro ... eu anotava o que as pessoas levava pras colocações. Tomava de conta de tropas de animais ... tinha que ouvir e calar ... eles dizia assim:

82. - Aquele fulano tá trabalhando pouco ... vamo ter que tirar ele de lá ... tomar a mulher dele ... dar pro fulano que tem uma boa produção e mandar ele pra Guajará

83. Aquela era a lei.

84. As mulheres não podiam fazer nada ... a lei da mulher vigorou tá com poucos ano ... por ela ser sexo feminino ... mais fraco que o homem ... não tinha poder ... eles faziam do jeito que queria. Eles tinham várias pessoas que eram conhecidas por capanga ... que nós chama de jagunço. Eles pegava a mulher do sujeito ... entregava pra outro e mandava ele pra Guajará

85. Quando sabia dessas coisas ficava calado ... porque se chegasse lá e dissesse:

86. - Tá vindo uma equipe e vai te tomar a mulher.

87. O cara ia ficar esperando ... ia querer reagir e ia morrer ... então deixasse que descobrisse por ele mesmo que aí não morria.

88. Quando houve um problema ... o Renato o Adão e o Gaúcho queriam matar meu pai ... nós saímo de lá e fomos pra cachoeira do Lucindo ... mas tinha índio brabo porque eles carregavam o ouriço de castanha e deixava só o sinal do ouriço no chão ... a cutia não ia carregar tudo aquilo.

89. Foi no tempo que meu irmão se ausentou de nós ... meu pai disse uma bobagem pra um Sebastião Muçum e tinha muitas pessoas que escutaram ele falar ... falou muita pornografia que as pessoas que não gostaram ... ficaram zangado e quiseram reagir contra ele. Quando passei por de trás da minha casa ... escutei as pessoas falando que iam me matar e depois matava meu pai minha mãe e os meninos todinho ... eles tavam bebendo e falando em voz alta ... aí larguei tudo ... arrodiei peguei umas armas e tentei reagir ... meu pai me segurou e eu expliquei pra ele que tavam querendo fazer emboscada e matar a gente ... quando amanheceu o dia nós arrumamos as coisas e deixamos tudo e fomos se embora.

90. Fomos embora e o nosso material que nem máquina de costura ... motor ... ficou tudo lá e quando voltei pra buscar eles não me entregaram. Em 83 fomos pro Cautarinho ... sete meses lá dentro. Quando o igarapé secava e nós tinha que ir visitar uma pessoa ... gastava um dia e meio por dentro do mato ... foi quando vi pegada de índio rastro e quebrada. Mas meu pai pensava que era outras pessoa ... mas eu escutava grito ... escutava soprar ... conhecia mas não queria dizer pra ele ... porque os índios não vai matar sem fazer problema pra eles.

91. Se eles bota uma marcação no seu caminho ... se você cortar com raiva e quebrar eles te flecha ... mas se passar por baixo e não ligar eles também não faz questão.

92. Pra chegar na boca do rio ... na época da seca ... gastemos nove dias puxando o barco ... foi quando tivemos que comer jacaré e arraia porque a dificuldade foi grande. Nós passava de três dias pra andar dois quilometro no barco ... com oito dias de viagem deu uma chuva muito grande que encheu o igarapé e conseguimos sair na margem do rio Guaporé.

93. Isso aconteceu em 1983 ... ainda não era reserva na época ... trabalhemos mais oito anos aqui dentro cortando seringa ... ninguém tocava roça porque na época os seringalista não deixava mexer com roça ... ele dizia que tava dando a colocação de seringa pra fazer borracha pra ele ... não era pra fazer roça e se tentasse ele botava outro pra trabalhar.

94. Essa era a lei que tinha. Hoje é reserva extrativista e você é dono do que é seu aqui dentro ... todos nós somos donos do lugar que mora ... na época não. Se no primeiro ano fizesse três tonelada ... no segundo fizesse duas e no terceiro ano fizesse uma e meia ... o seringalista já lhe botava pra fora. Acontecia demais aqui dentro! Ele dizia que era dono e a lei era essa ... se procurasse na justiça não ganhava nada.

95. Hoje entrou a reserva extrativista e as pessoas acha ruim ... mas tá cem por cento melhor do que era antes. No lugar que você tá ninguém pode falar mais alto.

96. Já tive que arriscar a vida ... uma vez livrei meu irmão Paulo ... quiseram matar ele por causa de uma mulher ... era bonita e queria ele. E ele se iludiu com ela ... descobri que o cara ia matar ele ... formei uma emboscada e mandei ele embora.

97. Outra foi com a Conceição que era cabocla. Tinha dois companheiro de barraco que tinha mulher e morava mais dois que não tinha ... na madrugada os dois que tinha mulher ... ia cortar seringa com poronga ... e os outros dois cortava só de dia. Quando saíam pra cortar seringa ... a mulher dos dois aproveitava e ia pra casa dos dois solteiro até o dia amanhecer ... houve uma desconfiança entre os solteiros ... um deles conversou pra outras pessoas que contaram pros maridos das mulher. E eu escutei eles conversar que iam matar os dois. Falei pra eles:

98. - Olha vai se embora porque os cara vão matar vocês hoje ainda ... vocês pegam o varador e partam pra Guajará na primeira condução.

99. Era violento.

100. Se o cara tinha muito saldo ... então diziam:

101. - Leva o fulano pra dá uma caçada.

102. Levava e matava o rapaz na mata ... quando o camarada chegava sozinho.

103. - Cadê?

104. - Rapaz eu não sei ... fomos caçar e lá nós se perdemos e não sei pra onde foi. Amanhã nós manda uma equipe atrás.

105. Ele mandava três pessoa ... se fazendo que tava no mato. Passava três dias o patrão ia na rua e dizia:

106. - Vi fulano lá em Porto Velho ... gordo ... ainda paguei o saldo dele.

107. Eu ainda alcancei esse tempo ... foi na época de 1971 ... era pequeno ainda ... conhecia os que era contratado dos patrão pra matar. Eles matava as pessoa amarrado no tronco ... umas hora da madrugada ia lá ... jogava dentro de um saco no cemitério ... colocava uma cruz e pronto.

108. - O que foi?

109. - Morreu de hepatite.

110. O Manoel Lucindo ... o Quintão ... o Pernambuco ... o Mário Migia ... eles era patrão muito perverso ... eles eram muito mal com as pessoas. O barracão de Petrópolis tem aproximado 50 anos. Era de um seringalista ... aquilo era carregado com escravidão. Agora o Benesbi sempre foi uma pessoa legal ... quando os índios flechavam ou adoecia ele tirava. Morria porque tinha que morrer mesmo ... mas naquela época era pequeno ... tinha uns sete anos ... o Edmundo era novinho de peito ... o Paulo já tinha uns quatro anos nessa época.

111. O meu pai trabalhou como gerente num seringal chamado Tiradentes ... São Sebastião era o nome do depósito ... ele fez um barracão muito grande de seis por quatorze ... colocava a

mercadoria toda lá dentro. Nós saímos porque eu adoeci muito e os índios Cinta Larga foram e queimaram o barracão ... foi logo que nós saímos de lá ... acabaram com tudo.

112. Fechou o seringal ... o seringueiro que ia pra cima eles flechavam ... ficou até um gado lá da velha Atma ... muitos anos antes de nós entrar o seringal já era fechado ... ela levou cavalo e gado pra lá. Os índios mataram as pessoas ... não escapou ninguém e o gado ficou na mata ... lá tem campo da natureza muito grande ... aconteceu que fechou esse seringal lá e ninguém entra mais.

113. Os patrão acabou através do Chico Mendes ... ele convocou tipo um decreto ... ele mesmo. Só morreu por causa que entrou nas fazendas ... ele formou a Reserva Extrativista Chico Mendes ... mas parte da reserva que fundou entrou nos fazendeiros. Os fazendeiro meio rico contrataram e mataram ele ... mas por ter matado ficou pior ... abalou o mundo inteiro ... invés de ter mexido só com a reserva ... abalou a bacia Amazônica todinha ... e todo o continente europeu ... revoltou as pessoas. Era só ele que tinha essa vontade de formar a reserva extrativista ... depois da morte todo mundo quis inventar reserva ... invés de ficar no que tava. A reserva extrativista virou-se a bacia Amazônica inteira ... onde tem floresta tropical formou reserva.

114. Em 1988 veio o Raimundo Mendes de Barro ... primo desse Chico Mendes e teve o primeiro encontro em Guajará-Mirim ... encontrou 500 pessoas da reserva e juntando todas as pessoas deu 1000 ... esse primeiro encontro foi na Diocese de Guajará ... o próprio bispo de Guajará compareceu ... o juiz e o prefeito também. E formou a reserva extrativista nesse período ... os patrão se revoltaram e pediram indenização porque pagavam imposto dos seringais ... aí foi pior pra eles ... foram remexer tudo e ninguém nunca pagou imposto de nada. E esses seringais ficou pra aqueles que morava no seu setor de trabalho.

115. No final da reunião ... eu tava presente quando houve essa palavra:

116. - Nós queremos um documento pra que as pessoa não possa cobrar mais renda nossa ... como é que nós pode comprovar que o lugar é nosso?

117. O Raimundo Mendes falou assim:

118. - Olha ... não vou dar documento nenhum ... o documento vai ser a palavra de vocês. Quantos anos vocês trabalha dentro desses seringais?

119. - Desde quinze anos ... hoje tenho 45.

120. - Eu tenho 52.

121. - Eu 56.

122. - E quer dizer que o senhor ainda não se considera dono do lugar onde mora? Se o senhor sozinho diz que não paga a renda ele joga o senhor pra fora ... mas se os seus próprios companheiro disser que não paga renda com uma boca só ... será que esse patrão sozinho sem a ajuda do governo e da justiça vai ter condição de jogar vocês fora?

123. O coronel confirmou:

124. - Ninguém vai obrigar vocês a pagar renda ... paga se quiserem. Vocês são donos do lugar que mora.

125. A reserva extrativista foi fundada um ano depois e demarcaram todas essas áreas.

126. Então resolvi diminuir o trabalho de mexer com seringa ... sempre continuar mas de uma maneira mais lucrativa e menos prejudicial ... porque a seringa prejudica ... cansa demais. Eu cansei de trabalhar ... sair seis horas da manhã e chegar seis da tarde ... quero trabalhar de outra maneira ... cuidar de outro trabalho ... mexer com madeira ... tratamento de apicultura ... mexer com café ... arroz e milho. Mas pra mexer com isso tem que ter tratamento de veneno ... tem aquele fungo que prejudica o café ... nesse caso não pode trabalhar diretamente na seringa.

127. Mas se começar na seringa tem que ir direito até terminar ... porque se passar quatro dias sem mexer ... não dá mais o leite que dava. Se cortar hoje aquela estrada ... depois a outra ... quando for cortar de novo o traço já tá seco ... não dá mais o leite que é pra dá. A seringa é trabalho que dá prejuízo ... ganha a diária mas se falhar um dia ... não recupera mais. A seringa tem esse problema ... não pode parar ... não vai poder cortar dois dias num só pra recuperar.

128. O meu trabalho quando morava com meu pai era desse jeito ... sempre trabalhei bastante ... me esforcei muito pra não ficar devendo pro patrão ... pra não ficar com problema ... ver minha mãe bem vestida. Me esforçava pra não ver contratempo.

129. Meu pai ficou surdo com dezoito anos ... quando ele se casou com a minha mãe ele já não escutava. Ele é inteligente ... conhece bastante rumo ... já se perdeu muito em mato ... por duvidar das coisas já se perdeu e dormiu no igapó. Uma vez fiquei no acampamento da pescaria ... eu tava remendando as malhadeiras e ele foi pro igapó pescar ... eu falei:

130. - Não vai demorar demais que eu vou ficar aqui te esperando.

131. - Eu vou e volto logo.

132. Tentou achar a baía central ... se perdeu e dormiu no igapó. Atrás dele não ia ... que eu tava com um barco grande e ele tava com o pequeno ... tinha que esperar ... quando foi no outro dia ele saiu. A dificuldade dele é que não escutava ... não adiantava atirar. Se eu me perdesse ele soltava foguete ... se fosse à noite ... escutava e de manhã eu tirava o rumo e saia. Mas ele não adiantava. Se fosse o caso de morrer perdido ... ia morrer ... como é que ele ia achar?

133. Desde a época que a gente trabalhava em pescaria ... sempre foi fora do comum ... ela tem que ser em barco reforçado ... com material adequado ... pra prevalecer o trabalho. Com equipamento bom ... pesca o peixe com facilidade e com equipamento inadequado ... pesca com dificuldade ... se for no gelo é um tratamento fácil e ligeiro porque pesca e bota no gelo ... num lugar que tiver muito ... pesca uma tonelada por noite ... se for pra salgar ... num lugar que tem muito ... tem que pesca só uns 100 quilos se não estraga.

134. Pra salgar tinha gareira ... nós despejava uns 20 litros de água numa gareira ... botava meio saco de sal ... mexia bem ... desmanchava aí botava o peixe dentro e salgava ... tirava dali e ia deixando no lugar certo pra secar ... mas a gareira que nós tinha era pequena.

135. Fomos pescar no rio Guaporé ... no Cautário ... no rio Pacaás Novos ... pegava surubim de noite no espinhel e de dia na época de seca nós pescava de zagaia e linhada ... pescava de zagaia das oito das noite até onze horas ... e das onze até duas da madrugada com espinhel ... dormia até às cinco e ia tratar do peixe até nove horas ... depois ia procurar isca.

136. E nós cruzava chuva ... cruzava o sereno da noite ... no período do dia sol demais ... poço perigoso ... cobra e jacaré. O pescador tem uma vida meio complicada ... tem que enfrentar as suas dificuldades e a dos bichos né ... porque tudo é sobrevivência ... é luta pela vida ... você luta pela sua vida pegando os peixes ... enquanto as feras luta pela vida delas.

137. Lá foi que eu quase pulo do barco ... escutei o estrondo ... um jacaré grande demais ... pra mim era uma banda da lua que vinha caindo ... aí eu queria pular dentro d'água e meu pai teve que me controlar porque aquilo era comum ... aquela região era cheia daqueles jacarés de seis metros.

138. Na Baía da Coca ... andava devagarzinho ... quando dava num lugar raso tinha que puxar a canoa ... lá foi que eu vi uma cobra ... nós escutamos os estrondos mas eu não sabia se era no seco ... se era debaixo da canoa ... aquilo tremia tudo. Tiramo o peixe que tinha na malhadeira e deixamo. Assustei meu pai ... disse que ali tinha um bicho feio gritando ... tiramos a malhadeira e saímos. No outro dia quando nós viemo tinha tronco de pau boiado ... folharada ... derrubou uma embaúba pertinho onde tava a malhadeira ... quebrou tudo ... quer dizer que aquele monstro tava debaixo da canoa onde nós tava ... era uma cobra que tava ali.

139. O estrondo da cobra é como um motor ... assim é a sucuri ... não sabe se tá perto ou se tá longe ... acho que livrei nesse dia da bicha comer nós ... porque até a árvore que nós tinha amarrado a malhadeira quebrou ... acho que ela ficou braba aí baldeou a terra embaixo.

140. O terceiro medo que eu passei foi com umas ariranhas ... conhecidos como lobo d'água ... nós tava dentro da Baia do Cortez ... quando eu escutei um barulho na água do igapó.

141. Cheguei lá era um bando de ariranha ... invés delas correr com medo de mim ... partiram pra me pegar. Eu não sabia se subia num pau e deixava a canoa embaixo ... se eu tivesse feito isso a canoa tinha saído e eu tinha ficado lá em cima pra toda vida. Resolvi atirar nos bichos ... tava com uma chumbeira dezesseis e os cartucho que tinha eu fui disparando ... atirava pro rumo deles e por todo canto elas boiava com aqueles dentão feio ... queria reagir e eu atirando ... se afastaram ... era pior do que um bando de porco ... porque o porco na terra você sobe num pau ... mas eu tava num igapó e eram muitas.

142. A Cobra Grande é a sucuri ... é um animal comum ... ela não ataca ... não é que nem o jacaré ... não é um animal perigoso porque eu já vi bastante ... até já cutuquei e não reagiram. Já vi delas de umas 18 polegadas de grossura ... vi uma morta de 10 metros ... tava só a ossada dela. Viva mesmo vi em Surpresa ... o rapaz matou na malhadeira e nós fomos puxar pro seco ... nós tiramos 50 quilos de banha da barriga pra remédio de reumatismo ... pra dor de asma ... pra dor de coluna. Eu sofria de coluna e não tive coragem de beber a banha não.

143. Eu conheço lá pra cima 75 cachoeiras ... do Bom Destino até chegar no Redenção ... são 75 tombos ... não anda nada de barco ... só anda por terra ... pra cima eu conheço o Tombo Grande que é um depósito até o São Sebastião ... fica dentro do igarapé Tiradentes ... esse seringal eu conheço lá pra cima.

144. As cachoeiras de lá são incríveis ... tem serra pelada que não tem árvore nenhuma ... você olha de longe e parece um filme ... mas aquilo é real mesmo ... tem paredão de serra que chega a ver o lodo verde da água descendo ... há mais de 300 metros de altura daquela serra ... serra mesmo ... parece que foi feita de talhadeira.

145. Eu conheço um choro de água lá pra cima ... que cai de uma serra que dá muito mais de 150 metros ... aquela água cai tipo um lençol branco ... não vê onda na água só aquele lençol ... em cima dá uns oito metros de largura ... embaixo não vê a grossura que é mínima ... quando bate em baixo sobe aquela neve e forma um arco íris ... com 100 metros de distância vê aquela neblina dia e noite e fica com o cabelo todo branco daquela neve ... aquela zoada que não escuta nada ... se o companheiro der um tiro pode até não atinar pra onde fica ... não dá pra se aproximar mais do que 50 metros ... por causa da água que bate e volta ... é um buraco que ninguém pode calcular a fundura.

146. É serra de um lado ... serra do outro e aquele igarapé cai lá de cima. Pra baixo um pouco ... vi jatuarana e traíra que parece que é colocado ali ... é tanto que nem piaba quando você joga gordura na água ... você joga o anzol não precisa colocar isca ... basta colocar um pedacinho de pau meio branco ... bateu ela pega. Não vi lugar que tenha mais peixe ... parece aquário criado.

147. Esse foi o trabalho nos caminhos de seringa ... nunca aconteceu de morrer nenhum irmão meu dentro dos mato. Havia dificuldade de doença mas a gente tentava logo sair. Houve problemas que adoeceu irmão meu ... meu pai tentou baixar e o patrão não deixou ... eu peguei uma arma e reagi ... falei que se não deixasse nós sair eu ia dar tiro ... foi pior porque nós saímo e não voltamo mais.

148. Aconteceu muitas coisas difícil ... morria as crianças das pessoas. O cara pedia pra baixar e se tava devendo não deixava ... morria lá dentro ... eles dava remédio doido ... aquele remédio que é veneno Diacrosin ... Cebalena ... Aguardente Alemã pra malária ... se não tivesse um intestino bom ... cozinhava tudo por dentro.

149. Minha mãe tava grávida de um irmão que nasceu morto né ... ela tava doente e deram Aguardente Alemã ... meu pai quis baixar ... e não deixaram ... ela passou quatro mês com o menino morto no ventre. E quando chegou na rua que os médicos foram ver a criança tava morto há quatro mês e tava conservada ... eles falou que foi a Aguardente Alemã que conservou aquela criança morta.

150. E aconteceu muito mais pior com outras pessoas ... como não tinha atestado médico ... se morresse uma pessoa e fosse do conhecimento da justiça eles dizia que tinha sido uma doença simples ou dizia que a cobra matou e ninguém conseguiu trazer porque era muito longe.

151. Era assim que fazia ... deixava a família num lugar e levava o cara pra trabalhar. Um cara adoeceu lá dentro e a mulher dele morava na cidade ... dava oito dias de viagem e tinha que andar dois dias em costa de animal ... o rapaz pegou uma malária e não conseguiu sair ... o cara falou:

152. - Pô ... mal chegou e já quer ir embora ... vai ter que ficar.

153. Deram quinaquina pro rapaz tomar ... mas ele não tava com malária ... ele tava com hepatite. A quinaquina não conseguiu matar a doença e morreu. O resultado que deram pra mulher dele é que uma cobra matou ele no mato. Ela só soube da verdade quando eu cheguei na rua.

154. O rapaz que falou morava lá dentro e não ia abrir o jogo pra mulher né ... podia prejudicar o patrão dele ... eu conversando com ela disse:

155. - A senhora é a mulher do Luizão? Um rapaz que morava na cabeceira do Rio Pacaás Novos? Eu tava na época que ele adoeceu lá dentro.

156. - Mas ele adoeceu? Me disseram que ele foi mordido de cobra.

157. - Olha ... não foi cobra ... porque a lei é essa: se a pessoa tá devendo não baixa ... embora esteja doente ... não cura. Só desce se tiver saldo e se o saldo for muito grande e a pessoa não tiver família ... eles matam e tomam o saldo ... se a pessoa tiver família e conhecer pra onde foi é meio difícil eles matar. E ele morreu de hepatite ... quis baixar mas como não tinha saldo ... tava começando a trabalhar ... não deixaram ... morreu a míngua.

158. Eu sou tanto profissional na mata como no rio ... entendo banzeiro de profundidade ... rebolo de profundidade ... compreendo rebolo de tronco de pau ... rebolo de pedra e o rebolo do banco de areia ... que é tudo diferente.

159. A pedra ele joga pra cima ... vem na velocidade ... sempre onde tem pedra tem uma descaída de água ... as pedra nunca dá em lugar declinado ... sempre dá uma descidinha ... joga rodando tipo uma hélice de motor. E banco de areia é comprido ... tem rebolo bastante mas é comprido ... e dá pra ver de longe brilhando. Em profundidade ... joga um aqui ... outro lá longe e outro mais afastado. O de tronco só joga ele mesmo ... não é salteado.

160. Pra andar no mato eu me baseio pelo sol ... pela base da terra ... e pela base do tempo. No mês de junho mostra um sol bonito mas no mesmo instante dá uma friagem e desaparece o sol ... como é que vai andar? Aí tem que prestar atenção ... que o sol do mês de junho quando não aparece sopra do lado sul pro norte ... aí dá pra calcular onde está o sol.

161. O tempo de invernada é difícil porque as vezes o vento vem do norte pro sul ... as vez vem do nascente pro poente ... então procura um lugar que não tem árvore por perto ... árvore grande ... aí enfia um facão no chão ... se ausenta uns quatro metro e fica observando ... no percurso de 10 minuto aparece a sombra ... aí vê a sombra rodando ... às vezes aparece pra um canto ... aparece pro outro ... até que aparece só de um lado.

162. Me considero um pesquisador ... porque o seringueiro é aquele que vive da seringa e não tem outro ramo de vida. Não pesca ... ele mesmo não é um professor ... um caçador ... um

garimpeiro ... um pedreiro ... um carpinteiro ... não é mestre de obra. Tudo isso que tô falando sei fazer ... não sou um professor de faculdade ... mas se eu for dar aula de como pode fazer missão na mata ... é uma aula técnica. Não sou professor de uma coisa mas sou de outras ... conheço como pode andar no rio ... sou carpinteiro ... mestre de obra ... pescador ... corto seringa ... e sou pesquisador.

163. A carreira maior que eu gostei ... foi mexer com pesquisa de ouro e ametista. Todas que fiz fui bater em cima ... não consegui ter porque não é fácil mexer com essas coisas ... o ouro tem que batalhar e ele leva tempo ... a ametista é pesada ... tem que levar apoio pra puxar. Então me considero mais um pesquisador do que um seringueiro ... levei mais tempo mexendo com isso do que cortando seringa ... trabalhava com meu pai ... mas meu destino não era aquele.

164. Agora eu não posso fazer outras pesquisas porque ... já consegui esse equipamento de apicultura ... se largar vão dizer que é loucura. Tem um rapaz que fez uma pesquisa comigo ... passemos 18 dias ... ele era detetive profissional ... mas vivia nessa mata. Isso é loucura! Eu falei pra ele:

165. - Tô aqui porque não tenho isso ... se tivesse eu não tava.

166. Achei que o serviço de roça e seringa não era o meu forte. Foi quando ... achei que tudo era uma ilusão ... a seringa ... a roça ... o garimpo ... tudo não passa de uma ilusão.

167. É que nem jogar na loto ... se acerta tudo bem! Conseguiu mas tudo é uma ilusão. Pego 100 mil reais ... se sou solteiro o que eu quero fazer com aquele dinheiro? Vestir bem ... andar com um carro novo ... possuir uma boa moto e boas garotas ... tudo isso não passa de uma ilusão. Tudo é o caminho ... tudo leva ao caminho. Real mesmo é aquilo que ocorre no dia a dia ... você vai levando a vida ... levando a vida.

168. Porque muitos nasce pobre e morre rico ... outros nasce rico e morre rico ... eles não tem ilusão. Agora muitos nasce pobre e tem a ilusão de ser rico um dia ... quando consegue a riqueza ele não sabe o que faz com ela. O rico não sabe ser pobre ... nem o pobre sabe ser rico.

169. Mas Quando retornei ... inventei de fazer uma pesquisa nas matas do Rio Negro ... numa reserva indígena entre a reserva militar e a reserva extrativista do Cautário.

170. Os mapas peguei pelo Doutor Sinésio do INCRA ... que me levou numa mina de ouro. Na equipe de 12 homem voltaram oito e quatro foi comigo.

171. É meio complicado porque nós saímo de barco e largamo com seis dias de viagem ... chegaram na terra e não quiseram caminhar ... largaram a gente e fomos só em quatro. Comia carne com farinha e patoá ... não levava panela e só comia mesmo assado e nada mais.

172. A gente comia macaco ... mutum ... paca ... os animais mais fáceis. A gente via porco ... via viado ... mas não matava porque é uma caça grande e ia pesar. Teve noite que vi onça ... uma anta quase derrubou o acampamento da gente de noite ... se assustou com o claro e não sabia se corria pro escuro ou pro claro ... demos uns tiros e ela saiu. Outra noite nós tava dormindo no pé de uma serra quando escutei um grunhido feio ... ninguém sabia o que era ... nós foquemo com a lanterna ... era uma onça preta ... não deu pra atirar nela ... porque ela viu a

lanterna e negou o olhar ... não deu pra matar ... naquela noite ninguém conseguiu dormir mais de apavorado.

173. À noite a gente percebe a caça através dos olhos dela que brilha. Se tá esperando e escuta um chiado ... distingue através do chiado das folhas ... se tá andando ... tem que ir focando constantemente.

174. Se for a paca o olho dela é vermelho e não pisca ... se for um gato ele não olha na lanterna ... ele abaixa e levanta ... o olho brilha mas não focaliza direito ... ele sempre tira a vista. Se for anta é que nem um burro ... o olho é apagado e ela sopra. O veado quando foca a vista é azul e ele baixa a cabeça mas continua sempre te olhando ... o viado é um dos animais pior pra caçar de noite ... porque ele não espera ... desconfia logo e corre.

175. A carne era temperada com a saliva ... era missão mesmo ... nosso alimento era farinha e sal ... pra levar dois quilos de açúcar não ia adiantar ... então melhor é não levar nada. A missão de pesquisa de garimpo é assim ... tem que levar muito medicamento ... desde o bisturi ... soro anti-tetânico ... o soro contra a picada de cobra e xilocaína. Quando nós chegamos nesse lugar ... falei pro companheiro que era metido a caboclo:

176. - Procura a árvore mais alta que tem e sobe.

177. Ele procurou um angelim ... subiu e viu a serra ... eu falei:

178. - Localiza a serra.

179. - Tá no rumo que você falou do lado do sol.

180. - Como é que ela é?

181. - Duas serras ... uma pequena e uma grande.

182. - É a Serra da Cutia.

183. Que era o nosso destino ... olhei no mapa e nós tava na cabeceira do Rio Sotério ... que abre dois galho ... o da esquerda onde tem índio selvagem até hoje e o da direita é onde tem a mina de ouro ... falei pra eles:

184. - Tamos em cima do ouro.

185. - Não. Nós tem que ir na Serra da Cutia.

186. - Não. O ouro é aqui na cabeceira do rio.

187. Teve uma teima ... os três teimaram muito ... reclamaram e disseram que eu tinha ficado doido. Eu falei:

188. - Vamos fazer uma pesquisa aqui na cabeceira do rio.

189. - E nós vamos dá uma caçada ... mas nós temos é que chegar na Serra da Cutia.

190. Eles me desobedeceram ... mas o Zé Luís que era crente falou:

191. - Vamos abrir a prancheta que você falou ... bora fazer o buraco.

192. Fizemo o buraco e colhemo ... ele viu ... deu muita fagulha de ouro ... era ali mesmo ... eu falei pra ele:

193. - Se dizer que é aqui ... eles vão ficar com raiva de você também.

194. Saímos de lá e fomos pro acampamento ... aí eles chegaram com umas caças e no outro dia cedo continuemo a viagem. Mais dois dia de viagem chegamos na Serra da Cutia ... onde eles queriam. Furemo por todo canto e não deu nada.

195. Conversar no mato é que nem quando tá numa festa ... só vai pensar em levar a garota bonita pra dançar. Se vai atrás de uma pesquisa ... só vai pensando em conseguir a mina ... esse é o papo dos companheiros. E meu conselho quando eu vou na mata é assim ... cada qual cuidar do outro ... porque às vezes você tá de costa e a onça pula ... olho vivo tanto no dia como a noite. A conversa é simplesmente muito baixa ... porque a onça tá escutando a sua zoada e de noite ela vem observar o que é ... então tem que ficar calado ... trocar idéia muito pouco.

196. Fiz uma missão que conheci até a cabeceira do Puna ... a cabeceira do Amarelo ... do Concórdia ... foi uma viagem muito importante ... conheci as matas que desejava andar ... os companheiros dizia que tinha minério e não é verdade ... não tem nem forma ... que é um tipo de pedra que te leva a frente do ouro ... é a forma de uma coisa que você anda atrás ... passamos um mês nessa mata ... batalhando e não conseguimos nada ... voltamos e continuei a trabalhar em serviço de seringa de novo.

197. O que leva a gente a trabalhar nisso é um destino ... é sempre uma força de você dizendo: eu nunca consegui nada porque eu não tenho chance ... então tem que batalhar.

198. Se não conseguiu nada não é porque não batalhou ... tem muitos que conseguem com facilidade e outros com dificuldade ... eu sempre tentei conseguir com facilidade ... não consegui. Então vou conseguir com dificuldade e também não consegui. A gente consegue as coisas **DEVAGARZINHO.**

199. Mas eu sempre voltei pra seringa ... é o único ramo de vida que tenho ... companheiro meu da cidade que trabalhava na prefeitura ... ganhava muito ... ganhava seis salários e sempre que nós se juntava ia na Bolívia ... passeava por lá ... tomava umas Paceñas e voltava. Ele ganhava muito e eu ganhava pouco. Ele comprou droga e vendeu ... a polícia pegou e prendeu.

200. A minha coragem não é de fazer isso ... isso é arriscar a vida dos outros ... prefiro arriscar a minha que a dos outros. Desde quando eu meu criei ... vivo dentro da reserva trabalhando ... então fazer uma pesquisa de minério ... ouro ... diamante não é roubo. Arrisco a minha vida e pras pessoas que anda comigo eu explico demais ... pro meu irmão expliquei: se pisar de noite em cima da sandália sem olhar pra ela ... pode ter um escorpião em cima ou uma cobra.

201. Já consegui esse equipamento de apicultura ... me levou anos ... há quatro anos pensava nesse material ... não sei se vai à frente ... essa é a esperança da gente que mora aqui nessa dificuldade doida. Tudo isso leva ao caminho da esperança.

202. Gastemo numa pesquisa ... 21 dias até chegar ... quando chegamo lá ninguém conseguiu realmente o que queria ... porque a mercadoria que nós levava era pouca ... deu de sobrar só um litro de farinha.

203. Os companheiros foram muito fraco e choraram ... perguntei meio sério que eles tava sentindo porque eu não sou pessoa de rir na hora do problema. Disseram que era alegria por ter achado a mina e tristeza por não ter mais rancho pra voltar ... por não conseguir voltar pra ver a família ... carne não dá pra comer pura ... o estômago não aceita.

204. Eu falei que não se preocupasse ... que nós tava mais perto de casa do que imaginavam ... pra voltar nós não ia gastar dois dia.

205. Realmente nós tinha que sair no Cautário e essa foi a minha missão. Gastamo dois dias e no Cautário pegamo um barco até Guajará-Mirim. Na volta os companheiros não quiseram voltar mais eu ... então tive que morar em Costa Marques pra poder retomar em nova missão. Foi quando nós chegamo na mina ... trabalhamo 15 dias e fomos denunciado pelos companheiros da reserva ... tava com outra equipe de quatro pessoas ... quando chegamo lá desconfiei do pelotão do forte.

206. Trinta homens do Forte foram em busca dos garimpeiros que tava lá que era nós ... mas nós era só aventureiro. Foi quando a gente descobriu que ia ser preso por eles e tiramos por outra rota ... escapamo e deixamo a jazida lá e não quisemo voltar mais ... eu falei pros companheiros:

207. - Escapamos ... dessa vez nós tamos livre ... lá não piso mais.

208. Antes disso eu fiz outra pesquisa que cruzei o Pacaás Novos ... passei 190 dias no mato. Vimos muita coisa ... passamo por aldeia de índio ... nós via elas da serra e de lá desviava ... passamo por muito **FOJO** que é armadilha de índio ... faz o buraco e enche de espeto dentro ... em cima bota um garajau fino ... você nota que é folha e se pisa e cai lá dentro morre estrepado. Perto da aldeia é cheio pra matar as pessoas. Se vai atacar e não conhece ... cai dentro.

209. Tem que ter a vista muito rápida ... porque é diferente o lugar ... você vê que a mata por mais que seja limpa ... tem uma graminha nascida ... onde tem armadilha de índio não. Aí nós achemo ametista ... foi quando resolvi ir. Mas isso não é roubo ... que eu moro dentro da reserva toda a minha vida. Eu considero isso como um aventura e não um roubo.

210. Agora eu morei em Sepetiba aproximadamente um mês. As pessoas não se deram bem comigo ... mas eu me dei bem com eles. Logo que eu cheguei o pessoal tava desorganizado ... eles não tinha organização ... trabalhavam sempre individual e esse não era os meus planos ... que trabalhar individual ficava mais difícil ... tinha que trabalhar em mutirão. Se vou fazer uma casa sozinho vou demorar um mês ... se trabalha quatro faz em dois dias. Eles achavam que eu tava errado ... eu digo:

211. - Mas eu vou fazer minha parte.

212. Andaram se metendo e acharam muito difícil. Me colocaram no núcleo de base da comunidade. Tive dando umas idéias sobre os problemas da associação ... porque o núcleo de base é pra descobrir esses problemas ... pra repassar pra comunidade ... pra ver o bem ou o mal que tá acontecendo. Acharam que eu tava falando demais ... descobri que a conta da associação

tava bloqueada ... o juiz bloqueou pro dinheiro ser tomado e pagar a lei trabalhista. Quando teve a reunião em Petrópolis eu compareci e joguei isso a limpo.

213. O Jorge disse que a conta não tava bloqueada. O Manduca da OSR também falou que eu tava mentindo.

214. Houve ameaça na reunião contra mim ... ninguém me ajudou ... tinha certeza mas não tinha prova. Fiquei na minha ... sai de lá e vim pra cá. Porque fica difícil cuidar da sua vida ... da vida da família e cuidar da vida dos outro ... é melhor sair fora.

215. Minha idéia é de não só eu prevalecer com os meus planos de trabalho ... porque eu mexo com madeira e posso tocar sozinho ... pagar as pessoas pra trabalhar pra mim e com pouco tempo eu tô levantado ... meu plano é que todos prevaleçam também. Porque nós tamo com um problema aqui dentro ... a borracha caiu e não pode desmatar dentro da reserva pra agricultura ... se desmatar é ameaçado pela lei ... então tem que mexer com um pouquinho pra produzir muito.

216. Se por acaso aparecer algum projeto ... quero trazer pra cá um triturador ... isso favorece não só a nossa comunidade ... mas muitas comunidades. Mexer com apicultura ... tocar agricultura não só de um objeto ... mas muitas atividade ... café ... mandioca ... milho ... arroz.

217. Eu posso fazer sozinho ... mas depois vou ficar uma pessoa esquecida pelos outros. E por fim não só eu tenho ... senão todos. Sempre procuro fazer com que as pessoas também tenha condição ... da mesma forma que eu ... procuro não esconder as coisas ... porque muitos tem sonho ... mas como vai conseguir?

218. As pessoas que sabe ... procura orientar as que não sabe mas tem sonho ... que eu tive observando ... que todo sonho é colorido ... se sonha de madrugada ... já amanhecendo o dia: é um sonho real. Se sonha das nove hora até meia noite ... é a superstição do dia que passou ... você brinca ... sorri ... conversa ... briga e à noite sonha com aquilo. De meia noite pra amanhecer o dia já é sonho colorido ... tem que observar o que vai acontecer.

219. Essa viagem que eu fui no Pacaás Novos ... tive um sonho. No décimo terceiro dia nós voltemos ... levamos um rapaz pra encaminhar melhor o rio que nós não sabia onde era ... foi quando meu irmão ia na frente comigo ... o que eu levava era pesado ... mais de 30 quilos e eu não queria dar pra ele ... porque podia causar um problema nas costa e ele não tem costume ... eu não quis que ele levasse.

220. - Prefiro que você mais o rapaz ... vá na frente fazendo o caminho do varador antigo ... pra achar o rumo reto fica mais difícil ... pegando a rota do varador antigo que você conhece ... vai cortando caminho pra poder caminhar melhor.

221. Aí eu sonhava que meu irmão dizia assim:

222. - Olha ... tu vai pescar amanhã e nós vamos caçar.

223. Caçar é mais difícil do que pescar ... porque pescar fica sentado e eu vou me cansar porque vou andar.

224. No outro dia eu tive o mesmo sonho ... o mesmo velho embarcou na canoa e dizia:

225. - Você hoje vai pescar de novo e eu vou caçar de novo.

226. O velho chegou e caiu perto da casa que nós tava ... aí eu disse:

227. - O que foi? Tá com dor de cabeça?

228. Ele não me respondeu e eu vi várias pessoas sorrindo ... até eu mesmo sorria.

229. Invés de eu ter observado aquele sonho né ... quando foi de manhã o rapaz falou:

230. - Wanderley ele tá com as costa doendo ... é melhor tu empicar e outro companheiro levar a carga.

231. Aconteceu: o velho caiu no chão ... foi um golpe que pegou no pé ... ele ia mais atrás e o outro mais na frente ... quando o outro atrasou um pouco ... levou o terçado e cortou ele que ia atrás. Quer dizer que se eu tivesse observado o sonho isso não teria acontecido.

232. Esse sonho tive quatro horas ... foi a base quando o socó canta.

233. O sonho do começo da noite ... se você brigou o dia ... falou pornografia ... à noite vai sonhar a mesma coisa ... até meia noite ... da meia noite em diante já muda.

234. Eu tive um sonho ruim ... foi aqui em Petrópolis ... quando eu tava pensando bobagem ... mas quase um sonho real. Nós começamos falar besteira ... eu mais o Fernando e os outro ... aí foi umas nove horas da noite eu sonhei que uma mulher pelada chegava e deitava em cima de mim ... mas eu tava acordado ... quando eu vi empurrei ela ... mas eu não tinha força de empurrar porque ela era forte ... aí eu virei os braços e tirei.

235. Não deu pra entender direito ... tive uma visão ... senti que não era uma visagem comum ... pensei bastante ... porque não é bom se intimidar por qualquer tipo de conversa. Conversa tem que levar tranqüilo ... se levar muito a sério pode se hipnotizar ... se levar a sério não dá quase pra se defender.

236. Eu vi um sonho meu acontecer ... eu tava em Guajará-Mirim quando tive um sonho com um rio largo ... água bem limpa e margem bem verde ... parecia que era plantado de grama ... tinha coqueiro nativo da natureza.

237. Na próxima noite sonhei a continuidade ... não tinha chegado no final ... como se fosse viajar o dia todo e não conseguia chegar. Sonhei que tinha muitas pessoa comigo ... eu ia em pé na ponta do barco ... o motorista eu não conhecia e tinha três no meio que eu não conhecia também.

238. Nós saímos do igarapé estreito num lugar bem largão ... a margem era limpa e verde ... uma beleza ... o dia tava amanhecendo e me acordei. Na terceira noite eu sonhei que a água era barrenta ... bem suja e tinha uma casa bem velha e uma jaqueira amarela com uma parte verde ... fiquei preocupado mas deixei pra trás.

239. Nesse mesmo mês eu recebi uma carta de Surpresa ... foi os três anos que eu passei em Surpresa ... no primeiro foi uma beleza ... tudo verdinho ... o segundo ano também ... já o terceiro ano deu problema ... me separei da primeira mulher ... é aquela água barrenta e a árvore amarela que significa desespero ... acabou tudo.

240. Noutro sonho que tive lá em Surpresa ... chegava uma pessoa pra mim aí dizia:

241. - Tá vendo aquela casa?

242. Eu ia me virar e ele falou:

243. - Não ... não olha pra mim ... Olha pra baixo.

244. Pra baixo via o rio grandão e aqueles degraus bem grandão ... dava uns seis metros de um pro outro ... coisa estranha ... eu falei:

245. - O que é isso?

246. Ele disse:

247. - Não sei.

248. Eu me assustava e saía nas carreiras naqueles degraus ... pulando de um degrau pro outro mas não sentia que pisava ... até que chegava embaixo antes do rio ... dava um pulo bem grande e não conseguia pisar no rio. Acordei com o coração batendo.

249. Na segunda noite sonhei que nesse mesmo sítio eu ia pra casa ... quando chegava tava tudo alagado ... a água tava no meio da parede. Entrei e me molhei todo ... a água chegava no umbigo ... quando abri a porta dentro da casa tava tudo sequinho ... não molhou nada. Acordei e não entendi.

250. Na terceira noite ... sonhei que estava olhando pro céu e riscava uma estrela grande ... caia e dava um estrondo e a risca dela era fogo ... quando ela estrondou eu caí da cama ... acordei assustado e fiquei calado.

251. Quando foi nove horas da manhã chegou uma bicicleta com um rapaz dizendo que tinha recado que a minha mulher tinha mandado ... era pra buscar minhas coisas que ela não queria mais morar comigo. Quando eu fui pra Surpresa soube de outro problema ... mas aí não quis fazer questão ... não quis levar a sério ... os cara disseram:

252. - Porque não reage?

253. Então no primeiro sonho ... dos pulos que eu dei nos degrau era os problemas ... problemas grande que tinha pra resolver ... mas eu não reagi ... não matei ninguém ... não pisava no problema. A casa com a metade alagada que dentro tava seco ... calculo que seja o coração limpo ... não liguei pro problema. Por fora tava aquela conversa toda mas dentro de mim não entrou nada ... não guardei problema nenhum. E o terceiro foi quando a estrela caiu ... a estrela que eu tinha era a mulher ... gostava dela e caiu ... teve aquele problema mas eu não liguei ... deixei pra lá. Esse foi o significado do sonho.

254. Fui na igreja de Surpresa e eles não decifraram ... falaram que eu tava trabalhando muito ... que tava cansado. Mas eu sabia que não era ... você não vai sonhar com uma estrela caindo ... não vai sonhar com uma casa alagada que abre e tá seco dentro ... como é que vai pular um degrau de seis metros ... tem que ter um significado.

255. Em missão de vinte dia de viagem ... é uma missão que você não tem nem base ... é levado bem dizer pelo destino. Que nem o beija-flor ... vai do Brasil à África do Sul ... num percurso de seis dias de viagem ... quer dizer que é levado pelo destino e o sonho é de chegar ... mas ele não sonha. É igual os rapaz que foram comigo ... eles diziam:

256. - Mas não sonhei com essas pedras!

257. - É porque nós não chegamos nela.

258. Quando fui fazer essa pesquisa de Surpresa ... que gastei 27 dias até a Serra da Cutia ... tive um sonho que eu tava na ponta de uma serra ... subia numa árvore e sentia que não tava pisado em terra ... sentia que tinha uma baixa muito grande e de lá eu via uma serra ... só via um verdão ... olhava pra trás e só via árvore.

259. Calculei com aquele sonho. Porque o sonho tem que acontecer ao contrário ... se sonhar sorrindo ... vai chorar e lá vem tristeza. Uma vez eu sonhei com burro e veio o queixada ... porque um pisa diferente do outro.

260. Terminei de fazer a viagem mas sabia que ia dá tudo o contrário. Já no dia de chegar ... sonhei diferente ... sonhei com uma lagoa de água escura de lama ... invés do ouro só tinha pedra preta e carvão misturado ... então significa que o carvão ninguém quer pisar nele que suja os pés ... o ouro todo mundo quer pisar em cima porque brilha. Então nesse caso fiquei alegre de pisar no carvão ... são dois objetos diferente um do outro ... ninguém mistura ... é o preto e o branco ... ele não mistura ... o ouro com o carvão nunca vai misturar.

261. De um tempo prá cá não tenho quase sonho ... No trabalho do dia a dia sempre tem que ser aquele mesmo trabalho ... então sonha um sonho simples ... não é que nem uma viagem muito difícil ... você se preocupa com aquilo. Agora posso até sonhar uma coisa pra me orientar ou dificultar.

262. Várias coisas são real e pode não levar no caminho certo ... porque muitas pessoas vive iludido ... consegue as coisas boa mas lança fora né ... muitos vivem atrás das coisas ruim ... lançando as coisas boas fora e muitos anda atrás das coisas ruim porque é destino dele ... mas se aparecer uma coisa boa ele não vai desprezar.

263. É como a Bíblia ... ela é um caminho ... uma profecia que não é da vontade do homem ... não é que vai acontece daquele jeito ... é pra você se defender do que pode acontecer daqui há trinta dias ... você pode evitar pra que aconteça só daqui há trinta anos. É a palavra que leva você para um caminho mais longo.

264. E agora eu tô aqui trabalhando ... cortando seringa e serrando madeira pra comunidade ... pra mim e pros parentes.

LITA DA ROCHA

1. Sem mãe não tem carinho ... eu não soube o que é carinho de mãe ... as mães sempre tem o cuidado com os filhos ... e eu não soube o que é mãe.
2. Um dia ela disse que ia embora ... me bateu e eu fiquei chorando ... chorei ... chorei ... chorei. Fez uma jantinha ... um arrozinho e uma sopa ... deu para os meus irmãos. Quando foi à noite ela fugiu. Eles ficaram chorando mas eu não lagrimei mais ... fiquei com raiva porque ela não quis me levar ... chorei naquele instante que eu queria ir pra ela ... mas ela não deixou. Quando foi umas oito horas o papai chegou:
3. - O que foi minha filha?
4. - Mamãe foi embora e disse que não quer mais nós.
5. - É ... a sua mãe não quer ... mas o papai quer vocês.
6. Ele comprou uma latinha de leite e fez um leitinho. Ela abandonou nós pequenininho ... o papai passou a noite acordado ... doente e acalentando a criancinha ... fez até leite. Aí ela dormiu.
7. Por fim tinha uma vizinha que cuidava de nós ... quando meu pai ia pro trabalho eu ficava com uma senhora que tinha criança. Eu não sabia lavar ... não sabia cozinhar ... era pequeninha ... um dia inventei de cozinhar e me queimei todinha com aquela panela de frango que caiu... largou o couro todinho de mim. O papai disse que não era pra fazer o que eu não sabia.
8. O papai nunca botou madrasta ... porque nós dizia:
9. - É papai ... a mamãe deixou nós porque não gostava. Pro senhor arrumar madrasta para nós ser judiado é melhor nós viver sozinho.
10. O meu pai era cearense ... alto e meio moreno. Ele veio pra cá em 1935 no tempo dos caboclo brabo. Cortou muita seringa.
11. Ele contava que os caboclos atacavam as casa e matavam gente ... ele ia cortar e minha mãe ficava em casa ... viu eles no mato mas não chegaram a bulir com ele.
12. Depois que minha mãe foi embora ... meu pai ficou na cidade até falecer ... ele era padeiro ... ia trabalhar para dar o pão de cada dia para nós ... doente mesmo ele ia trabalhar. Ele sofria muito ... botou nós no estudo ... só que nós não aprendemos porque nós não tinha quem cuidasse.
13. Papai vendia pão prá sobreviver. Quando nós se entendemos ... meu irmão começou a trabalhar na padaria com ele e eu arrumei meu marido ... e vim pro interior trabalhar. Meu pai ficou em Guajará com a outra minha irmã ... só que ela é cheia de vaidade ... passeava e deixava o pobre do velho doente ... passando necessidade e fome ... foi enfraquecendo até quando mandaram o aviso que ele já tinha falecido. Eu não cheguei nem a ver.

14. Minha mãe era baixinha e morena ... nunca mais vi ... minha irmã conheceu ... diz que ela queria me ver. Mas eu tenho na minha mente que ela não é minha mãe ... porque eu tenho meus filhos ... sou casada e nunca abandonei eles ... abandonar é sinal que não gosta. Ficamos jogados e judiados nas mãos dos outros ... porque eles não tem o cuidado de mãe.

15. Pra que ela abandonou?

16. Ela não passava fome ... não apanhava ... não estava desprevenida de roupa. Porque ela deixou meu pai e se ajuntou com outro?

17. Arrumei o primeiro marido seis anos depois. Eu perdi minha mãe ... passei uns quatro meses com ele e me deixou. Aí eu tava na casa do meu pai com 14 anos ... o Pedro baixou do seringal do Lucindo ... se engraçou de mim e perguntou se eu gostava dele ... eu disse que gostava. Ele chegou lá no meu pai e pediu pra mim ficar com ele e eu fui ... uns três anos depois nós casemos e até hoje ... tenho 44 anos ... nós tamos vivendo bem e temos filhos.

18. No começo eu ia com meu marido nas festas ... tudo animado ... todo mundo dançando ... cantando ... mas era só de família.

19. Eu nunca cortei seringa mas trabalhava muito na roça com o Pedro ... só que agora não trabalho mais ... por causa do reumatismo ... me sinto doente ... passando necessidade ... porque aqui não tem bons alimentos. Mas eu crio três netos.

20. Naquele tempo quando tinha que ganhar nenê era aqui mesmo em casa. Eu chamava a vizinha para participar comigo ... a gente cortava e pronto já tava em paz. Mas eu nunca vi nem ajudei a fazer parto ... que a pessoa para fazer parto dos outros tem que compreender para atender a outra mulher ... porque às vezes a pessoa tem que ver qual que é o perigo ... as vezes a criança tá atravessada ... morre dentro ... e tem que compreender.

21. Criar os filhos é fácil ... tendo condições pra comprar o leite ... vai e faz. Agora os meus filhos eu criei no leite mesmo dos peitos e no mingau de macaxeira. Eu pegava ... ralava e tirava a goma ... pisava ... aí botava no sol para secar ... ia pro pilão ... pisava ... pisava e peneirava ... ficava só aquela massinha bem fininha ... botava para cozinhar ... punha no leite e dava na mamadeira ... o menino fica sadio!

22. O Manoel ... quando era pequeno ... sempre gostou de acompanhar o pai dele no mato ... agora depois que cresceu ... não quis mais. Só que ele é ruim na bebida ... ele bebe e fica doido. Eu até dou conselho pra ele ... as vezes ele quer bater nos irmãos ... aí o jeito é ir na peia com ele ... meto a peia ... que peia dói que se aquieta ... fica por aí e chora ... chora.

23. - A peia tá doendo mamãe!

24. Mas mesmo batendo ele ainda apronta!

25. Na minha vida trabalhei muito com o Pedro na roça ... capinar ... plantar ... ajudei muito ele ... eu era medrosa e só andava junto com ele no mato. Não ficava em casa ... que era só eu e ele nesse tempo. Quando eu ia pro mato escutava o jacu cantando **TARRUM TARRUM** ... o mutum **BIT BIT BIT.**

26. Um dia ele matou uma porquinha e criamos dois leitãozinho. Ele disse:

27. - Agora eu vou colher o leite da seringa ... tu fica aqui sentada na boca da estrada.

28. Eu me entreti e o bichinho bebeu um camburão de leite ... morreu intoxicada pela barriga.

29. Durante o dia eu acordava cinco horas da manhã ... fazia um café e ia varrer ... lavar e passar ... quando era 10 horas o Pedro chegava e almoçava. Onze horas já botava um pouquinho de arroz pra cozinhar ... que era pra jantar. Assim que meus filhos iam pra aula eu ia pra roça com ele. Chegava só de tarde quando os meninos já tava em casa ... o dia era assim trabalhando.

30. Eu aprendi a cozinhar com as vizinhas que moravam pertinho ... a temperar a carne ... se fosse peixe cortava aquela cebola bem cortadinha ... cheiro verde ... pimentão e tomate ... aí botava no fogo pra refogar. Fazer carne cozida com caldo ... assado de panela ... galinha.

31. Carne de caça é cozida bem molezinha só no tempero e no óleo. A paca tem um pêlo ... a gente bota água no fogo ... esquenta e pela. Agora o viado e a cutia é tirado o couro.

32. As vezes eu vou pra a cidade na casa da minha filha ... vou me consultar quando me ataca muita dor. Mas eu não gosto de Guajará ... só é bom para quem tem dinheiro ... se não tem dinheiro o que a gente vai comprar? A vizinha veio de lá ... tava na casa da filha dela e me contou que passaram necessidade ... porque a gente não tendo dinheiro não compra feijão ... não compra arroz e farinha. Fica só olhando televisão e a barriga "**RÓÓÓÓÓ**" ... só roncando. No lugarzinho da gente aqui na Reserva Extrativista ... tendo um anzolzinho eu vou ali e pego um peixe ... tem macaxeira ... tem galinha ... tem arroz ... a gente mata e tem de tudo ... em Guajará só come se tiver dinheiro ... se não tiver não come.

33. Quando aqui passou a ser Reserva Extrativista foi até bom mesmo ... porque enquanto não era reserva ninguém tinha o direito de ter um lugar como nós temos ... que esse daqui é nosso mesmo. Nós tem muita plantação ... nós temos cocô ... ingá ... laranja ... jambo ... abacate ... dá muita fruta ... tudo plantado pelas nossas mãos. E quando era no tempos dos patrão ... nós não tinha esse direito de plantar nada ... eles não queriam que ninguém plantasse e nem que fosse dono do lugar. Depois que passou pra reserva ficou bom ... a gente tem o direito no lugar da gente ... a gente planta ... tem tudo ... aqui tudo nós tem.

MANOEL DOS SANTOS OLIVEIRA

1. Nasci no Guaporé mas me criei em Guajará-Mirim ... meu pai morreu com 66 anos trabalhando o tempo todo no seringal.
2. História ele quase não contava ... o caso do meu pai era trabalho e o meu também. Ele nasceu no Mato Grosso ... quem criou ele foi um peruano. Quando tinha 16 anos se casou com a minha mãe que era cearense. Então ele veio descendo o rio pra Guajará-Mirim ... tirou o dinheiro do patrão e foi trabalhar no Pacaás Novos.
3. Ele começou a cortar seringa desde a idade de 10 anos e morreu com 66 e nem era aposentado.
4. Ir pra uma festa era muito difícil ... só no dia de São Francisco que tem reza ... ou então no sete de setembro ... era um pé lá e outro cá. E eu fui criado assim: pior do que uma moça. Eu nunca empatei meus filhos ... já meu pai era diferente. Para eu sair era uma briga. A história dele era trabalho. O meu avô também não gostava de muita festa. Minha mãe morreu quando eu tinha três anos ... meu irmão tinha dois e o outro um. Fui criado sem mãe ... não tive amor de mãe.
5. Meu pai morou comigo todo o tempo ... eu me retirei do meu pai quando ele morreu ... separei do meu pai com 35 anos ... que ele me deu ordem pra poder sair porque eu já era responsável ... mas sempre trabalhava junto dele ... ele numa colocação e eu na debaixo ... ele foi meu pai e minha mãe ... eu tinha muito amor por ele.
6. Quando eu servi o quartel teve um tenente que queria me levar para o Rio mas eu tinha muito amor a meu pai ... nunca quis ir ... e perdi essa chance. Talvez se eu tivesse ido com ele ... não tava aqui nessa região. Eu servi cinco anos ... entrei em 65 no Corpo de Bombeiro ... mas eu ganhava pouco: 150,00 No 5º Batalhão em Porto Velho ... foi que nós tiramos essa estrada de Guajará-Mirim para Rio Branco e Porto Velho ... aí eu ganhava 520 ... era soldado e trabalhava no almoxarifado.
7. Foi um período muito bom ... nunca fui detido ... foi a melhor vida que eu achei. Tem um filho meu que vai esse ano pro quartel.
8. Agora em casa eu boto no lugar ... do jeito que fui criado e do jeito que servi ... porque as vezes meu filho chega nos lugar e já vai sentando ... eu já sou diferente se for possível eu passo o dia todinho em pé. Eu digo:
9. - Meu filho! Pelo amor de Deus! Vamos ficar em pé!
10. Eu já sou diferente. Antes do outro acabar de comer eu já comi ... eu sou assim ... tudo ligeiro.
11. Comecei a ajudar meu pai na seringa desde a idade de seis anos ... andava com meu pai e ele me deu a faca e falou :
12. - Cuidado! Não vai cortar no pau da seringa.

13. Mas aí com seis anos ele me batia.

14. - Você tem que aprender menino!

15. Eu cortava feio ... não cortava direito as pestanas... vige Maria! Essas mãos aqui ficou doída de tá apanhando com o cabo da faca.

16. Tô com 51 anos trabalhando na seringa e tô criando os meus filhos na seringa ... eu trabalhei muitos anos no Cautário ... no Pacaás Novos ... no São João perto do Seu Miranda ... quando eu entrei aqui no Ouro Preto eu tinha doze anos ... trabalhei dentro do Bicho cinco anos ... conheço até a cachoeira ... muito peixe é o que você vê lá ... piau surubim ... piranha jatuarana chega a ficar forrado o chão ... a água é bem clarinha não é como essa ... numa faixa de três metros enxerga o fundo. Agora pra ir lá é difícil ... além de ser longe tem muito galho ... o rio lá é estreitinho mas fundo.

17. Agora se aqui não fosse reserva já tinha vendido o lugar ... e tinha ido me embora. Porque tem hora que a gente fica imaginando ... esse tanto que a gente trabalha e nada tem.

18. Construi família no seringal ... sou pai de 12 filhos e oito netos ... e graças a Deus tô feliz ... porque é muito difícil qualquer pessoa ter um filho que chama pelo Avô ... o meu pai morreu tá com cinco anos ... só dois filhos meus chamaram ele de avô ... o resto não conhece meu pai.

19. Não gosto muito da cidade ... quem nasce no interior gosta do interior ... sempre no mato é melhor pra gente conseguir as coisas pra comer ... o peixe ... a caça é bem mais melhor ... o negócio da bóia é mais fácil. O que não é fácil é o negócio da mercadoria.

20. Outro dia eu vendi borracha pro Cícero ... tô com o dinheiro vou comprar uma lata de óleo onde? Vou comprar açúcar onde? Não tem como ir se não passar um companheiro para ir para a cidade. Lá não é como no mato ... no mato você tem aquele sotaque ... aquele riso ... você chegou na casa da gente se a gente tiver um café: tá aqui o café!

21. Na cidade é muito diferente. Se quiser peixe custa ... se você não tem dinheiro não traz peixe ... que lá eles não dão. Criar os filhos no seringal é bom porque você bota no regime que você quer. As crianças do mato não têm aquela maldade que a gente vê na rua ... que você vê um matando o outro ... passando o carro em cima do outro. E aqui em casa o erro que eu vejo eu corrijo ... e ele vai levando aquilo pra dentro da cabeça. Eu sou muito duro com os meus filhos ... não bato ... só faço é dizer pra eles:

22. - Isso aí não serve! Isso aí não presta! Isso aí é feio! As coisas têm que ser assim! Você vai pra escola não é para brigar com os companheiros ... se vê que tá errado chame eles.

23. - Filho amanhã tem que carpinar macaxeira e derrubar o mato acolá.

24. Pronto não tem mais porque eu tá em cima ... já sabe.

25. Agora eu tô cansado de trabalhar na seringa ... não é porque tenho essa idade ... graças a Deus eu sou forte para trabalhar ... mas da seringa você não vê nada ... qual é a pessoa que chega aqui e diz:

26. - Esse comércio é desse senhor ... ganhou com dinheiro de seringa.

27. Não ... não tem. Só se for de outro jeito ... porque não tem preço ... a gente trabalha muito e no fim se prejudica porque não tem como vender ... isso é uma injustiça. Hoje tudo aqui por trás é roça... e tô colocando outra pra acolá ... pra vê se eu deixo da seringa. Eu não digo que vou pra cidade porque eu não tenho saber pra cidade.

28. Sou de 1947 e naquele tempo ... quando um filho tava estudando na escola ... era porque era filho de algum senhor que tinha muita grana. Hoje em dia não tem porque o filho se criar analfabeto ... em todo canto tem escola. Eu vou sorrir muito se eu ver algum filho um dia ser alguma coisa.

29. Se chegar esse estudo aqui fica melhor pra gente ... porque os filhos do mato eles são mais calmozinho ... mas se eles chegam na cidade eles já ficam acesozinho.

30. No tempo que eu nasci ... com os patrão era assim:

31. - Rapaz eu vim aqui para você me dar dinheiro de mil quilos de borracha.

32. Ele disse:

33. - Rapaz não dá de te arrumar.

34. Eu ia com outro:

35. - Rapaz eu quero que você me dê o dinheiro de mil quilos de borracha.

36. Aí ele **PÁ**.

37. Aqui passou para reserva à pedido dos seringueiros que queria a reserva ... porque talvez era melhor ... acho que foi mais ou menos assim. Tá certo que foi bom a reserva ... mas já ficou ruim. No ano passado ainda tinha um rapaz que trabalhava aqui marretando e hoje em dia não tem. Você tá com o dinheiro dentro da bolsa e manda comprar aonde? Se você não for pra cidade fica difícil.

38. Estou pedindo a Deus que essa borracha nova que nós tamos fazendo dê certo. Pra ver se dá pra gente ter uma condição pra gente viver melhor. E ela não dá trabalho de fazer. O trabalho é você colocar o líquido ... saber colocar a medida ... não pode passar nem faltar ... tem que ser aquele “x” todo o tempo.

39. O leite dela tem que ser colhido no dia ... não pode coalhar ... em cinco litros de leite ... põem 30 ml de formol com fumaça ... depois tem que pegar uma garrafa de creolina ... colocar em 50 litros d’água ... ela vale pro verão todinho ... que a gente mergulha a borracha pronta pra não dar mofo. No fim do ano se não terminar tem que cavar um buraco pra jogar a creolina dentro ... porque você não pode jogar n’água ... é uma coisa que destrói muito. E aí coloca a água: 100 ml de água com 400 ml de leite pra dar certo a mistura. Com uma hora e meia mais ou menos passa na calandra ... uma é só pra poder esticar e ficar grande e a outra é pra sair na medida ... o problema é você pegar prática.

40. Duas coisas acho importante: mais importante é que sou feliz porque tenho meus filhos. E se voltasse a idade de novo queria servir o quartel. Lá aprendia a respeitar o que é importante. Tô com a idade de 51 anos e nunca falei mal nem bati em ninguém. Se não gosto ... não falo.

41. E eu não tenho muito que falar mais não.

FRANCISCO NILO PESSOA

1. Quando nós entremos aqui ... encontremos muita dificulidade ... muita fera ... muito índio ... entonse nós tivemos essas travessias com os companheiro.
2. Até agora eu permaneço no mesmo rio e a situação tá cada vez mais pior. A gente não sabe o que faz ... não temos documento de propriedade ... não temos nada e a borracha nessa condição ... a associação dos seringueiros que se fez pra nos ajudar ... tá pior que o próprio seringueiro.
3. Entrei aqui no dia que eu sai de Guajará-Mirim ... 17 de março de 43 pra cortar seringa aqui dentro ... cortei até agora ... tá com 50 anos que corto seringa.
4. O que é que eu tenho?
5. Nada.
6. Tem muitos que não tinha um cipó ... hoje bebe leite ... tem carro. E o seringueiro?
7. Eu só tenho esse carinho de mão porque me deram. Cadê o capital? Cadê os projeto? Cadê o dinheiro dos projeto? Pegaram e reteram ... esculhambaram com tudo ... acabou tudo.
8. Naquela época de 43 foi contratado 65 mil homens pra trabalhar. Eu tava por aí no beiradão ... porque mamãe era separada do meu pai e eu fiquei agüentando a barra. Desde a idade de 14 anos que eu sei o que é peso de família ... mas pegava o dinheiro e ela comprava nosso ranchinho ... foi um passatempo ... porque ali no meio do Mamoré é alagado ... não pode fazer lavoura.
9. Mas quem me ensinou mesmo cortar seringa foi meu pai ... que veio pra cá em 1916 do Ceará. Dizia que era maquinista de uma fábrica ... que tinha na capital ... perto do Morro do Moinho ... numa fábrica de sabão. Naquele tempo era usado o algodão pra tirar óleo ... fazer o sabão e o bagaço dava gado.
10. Eu aprendi um pouco a mexer com ferro com meu pai ... quando eu cortava seringa aqui no Ouro Preto. Na época que eu baixava ... ia pra oficina ... trabalhava de dezembro até abril ... em maio retornava pra seringa de novo ... e assim fui aprendendo. Trabalhei como mestre de serra ... mas o serviço tava pouco tive que sair da oficina ... a navegação tava fracassando ... faltava gente e fui cortar seringa. E assim fui aprendendo ... quanto mais a gente vai trabalhando mais vai aprendendo ... olha pra fazer faca o segredo está na têmpera ... você corta ... enverga ... lima ... vira ... tempera ... coloca o cabo ... e tá no jeito de levar. Porque sendo uma faca de ferro ... tem que virar aço ... quando começa a cortar a seringa ... não pode virar e entortar. A de aço mesmo ... se não temperar bem ... não for a têmpera exata para cortar a seringa ... ou quebra ou entorta ... o segredo da faca é esse. E a poronga não ... você cortou fez o cinto soldou ... já tá no jeito.
11. Nessa época meu pai contava que lá no Ceará era seco mesmo. Tinha um velho aí quando eu era menino ... que me contou de um grande seringalista no Jamarí ... ia passando não

sei se no Ceará ou no Rio Grande do Norte ... onde tava um pessoal acampado e viu uma moça chorando ... ele parou o burro e perguntou porque aquela moça chorava ... ela falou que tava chorando porque eles iam matar ela pra comer ... porque era a mais gorda que tinha. Ele falou:

12. - Quer trocar a moça nesse burro?

13. - Troco.

14. Deu o burro e pegou a moça ... mandou educar e logo casou ... agora não sei como era o nome ... muita gente fala que era Baina do Lago.

15. Ele veio naquele influência da borracha ... naquele tempo da Primeira Guerra ... quando o Kaiser brigou com a França ... aí durou quatro anos ... Quando acabou lá ... acabou tudo por aqui. Papai e mamãe contavam ... que nesse rio do Vale do Guaporé ... no rio São Miguel ficou caucho debaixo do barracão e borracha que se acabou com o tempo e ninguém queria comprar ... pior do que agora.

16. Papai cansou de trabalhar pra um velho seringueiro por nome de Rufino em Guajará-Mirim ... de graça ... só pela bóia ... macaxeira com bobó de boi e todo mundo achava bom.

17. Aí eles se dedicaram a lavoura e foram trabalhando ... quando foi em 37 aí a borracha já começou a dar dois mil réis. E foram cortando de novo ... quando foi em 40 começou ... já tava a guerra formada ... o “Hei Hitler”.

18. Como o americano queria a borracha ... foi comprando ... e ela foi subindo ... foi quando em 42 o Brasil declarou guerra à Alemanha. Sujou tudo! Pra conseguir meio quilo de sal em Guajará-Mirim era a maior dificuldade.

19. O cara pegava a estrada aqui pro seringal e ia pro beiradão do Mamoré ... botar groseira pra pegar arraia e tirar o óleo do fígado ... porque pra você arrumar um litro de inflamável pra lamparina ... era a coisa mais difícil. Quando vinha era pro seringueiro ... tava escrito nas caixas e nas latas: só pro seringueiro.

20. Aí eu fui cortar com o papai. Só agora eu me aposentei como soldado da borracha ... porque eu procurei meu direito e encontrei: podia ser aposentado como soldado da borracha ... como muitos. Teve um decreto ... que filho daqui podia se aposentar como soldado da borracha ... porque os arigós quando chegaram ... vieram se aprendizar com os filhos daqui.

21. Tinha deles que não sabia encastoar o anzol pra pegar peixe. Agora pra aprontação e bater um pandeiro tinha muitos.

22. A gente ensinava a cortar ... tirar cavaco ... fazia a fornalha pra ele ... ensinava defumar ... mostrava qual madeira que era boa pra barraco ... ensinava como tirar e abrir a palha pra cobrir.

23. Os arigós quando chegavam aqui se admiravam muito da mata ... ficavam muito admirado das coisas. Eles diziam que o contrato era de dois anos ... quem quisesse voltar pra seus lugares ... o Governo do Getúlio Vargas dava o retorno ... e a caderneta de primeira categoria como soldado da borracha ... não como militar.

24. Eles matavam pássaros pra fazer fantasia ... dizia que ia brincar carnaval no Rio ... só que muitos deles estão aqui no Rio Ouro Preto **PARA SEMPRE**.

25. Eles diziam que aqui era uma vida tranqüila ... calma ... até o ar era diferente. Lá sente mais cheiro de inflamável ... aqui é mais sadio ... mas teve o tempo do Beriberi ... diziam que é por causa dos índios que botavam timbó na água.

26. Naquele tempo a gente andava armado mas desviava deles ... porque o índio tem o mesmo raciocino nosso ... sabia que tava tudo armado ... não chegava muito perto ... mas sempre eles flechavam no banho e matava ... ia no rio e atacava a canoa. Foi atacado até um batelão do Manussakis ... já pra chegar em Floresta.

27. Eu nunca matei índio não. Eu desviava deles ... conhecia ... porque o caboclo afinava como o arremedo do macaco ... do nambu ... mas nunca é como o animal mesmo ... desconfiava e as vezes não ia pra estrada ... ficava na barraca cuidando ... ajeitando.

28. Já vi foi gente flechada ... morto por modo de flecha ... ninguém trabalhava tranqüilo ... mas o seringueiro daquela época tinha uma facilidade... que era o seringalista ... esses depósitos: Macaxeira ... Ouro Negro ... Floresta ... Petrópolis ... tudo era cheio de mercadoria ... o que o camarada precisasse tinha. E agora não tem mais ... tem um barraco acolá que dizem que era pra colocar mercadoria ... fazer uma cooperativa em Guajará-Mirim e a filial no Pompeu ... pra todo mundo da cidade comprar o que fosse do seringueiro ... o ovo a galinha o pato ... tudo que ele produzisse.

29. Mas cadê? Foi o tempo que deram aquele bloqueio danado na associação que até mudou o nome. O buraco ficou e cadê o dinheiro? E assim acabou-se. Os projetos que tinham ... trancaram. Não sai o dinheiro. Não sei como é que saiu esse PRODEX ... ninguém pode viver assim ... agora se dissesse:

30. - Tá aí uma casa pro comprador de borracha em Guajará-Mirim.

31. Aí tava certo ... o camarada baixava com sua borracha ... sua farinha ... seu arroz ... seu feijão ... a castanha ... a sorva ... a copaíba. Chegou aqui ... pesou mediu ... recebeu seu dinheiro: pode fazer suas compras ... com um carro que vai deixar de volta lá no Pompeu.

32. Segundo o pessoal fala hoje ... o seringueiro mesmo não tem crédito. Deve supermercado ... deve bomba de gasolina ... deve drogaria ... deve tudo. Você chega com a borracha e quando vende ... o dinheiro não dá pra pagar as conta. Do que adianta?

33. Ficou do Pedro Oliveira comprar. A gente ia lá ... recebia a metade de rancho e pegava o dinheirozinho. Agora que não tão mais comprado como é que vai ser? O barco de manutenção nunca mais veio ... tá jogado se acabando por aí e motor não tem.

34. Agora se pagassem 70 centavos o quilo e você chegasse aqui com a borracha e pagassem na hora ... tava certo. O seringueiro sabia o que fazer: comprar seu rancho ... fazer suas coisas e retornar ao seu barraco.

35. Tem um rapaz aí pra cima o Boliviano Salvaté ... passou três meses indo para Guajará-Mirim sem vender mil e tantos quilos de borracha.

36. Por último veio um caminhoneiro de fora carregado de açúcar e então quem tivesse alguma borracha mandasse com ele ... pra não ir vazio batendo a carroceria ... foi aí que eles compraram a 85 centavos.

37. Uns diz que vai ter aumento ... outros diz que não e assim o povo tá indeciso ... não sabe se vai trabalhar pra ter um resultado pior. Se ela cair de uma vez ... o que fazer com a borracha? Tocar fogo é o que pode acontecer.

38. Por aí você tira a situação ... mas o camarada trabalhando ... dá pra ele comprar a sua mercadoriazinha e quando não dá ... toca a roça que é o que dá mais resultado ... pelo menos tem o que comer ... cria uma galinha ... um pato ... pode criar até um porco. E tem muitos aí pra cima que não tem nem uma raiz de macaxeira pra comer quando falta a farinha ... esse é que tá mal. Tem gente que não tem espingarda ... quando quer matar um bicho vai na casa do vizinho tomar emprestado a arma pra matar o bicho e comer.

39. Parece que só se ligam mesmo em tomar álcool ... bater bola e dançar forró. Em cada comunidade você pode olhar ... tem uns quatro ... cinco troféu de torneio de futebol. Tudo isso é atraso pro próprio seringueiro ... e eles estão enxergando isso. Eles sabe que aquilo vai dá prejuízo pra ele ... fica na agonia: nem trabalha ... nem faz borracha ... nem faz roça ... nem faz nada. E vinha dinheiro! E no começo era a fundo perdido.

40. Agora faliu a associação ... faliu tudo ... ninguém paga ninguém e não tem como pagar. Eu graças a Deus não devo nada ... o que tiver aqui é meu. Toda vida desde rapaz novo tive essa opinião ... eu honro de não dever nada ... pro camarada não chegar aqui:

41. - Rapaz cadê o dinheiro? Não fez nada! Tá devendo e não fez nada?

42. Vou pra cidade ... pego meu ranchinho ... também não vou me alargar comprando o que eu não posso pagar ... aí eu compro o que eu vejo que dá pra pagar com o saldozinho ... mando um dinheiro lá pra minha família e venho de volta trabalhar.

43. Mas olha ... naqueles tempo de 43 morreu muita gente de Beribéri ... inchava a perna e com 24 horas dava um tal de galopante ... ficava rodando a perna e com 24 hora já ia.

44. Zé Pereira da Silva o Pernambuco ... foi dizer pra nós já em 48:

45. - Oxente! Levei 40 brabo.

46. Que chamavam brabo os arigós.

47. - E escapou oito ... o resto tava sangrando aqui na boca do rio Ouro Preto.

48. Morria e enterrava. Hoje tem uma colocação denominada Boca Larga ... por causa do carioca ... que tinha a boca larga e morreu no lugar porque não sabia remar ... não sabia pra onde ia. Quando encontraram ... cavaram com remo ... jogaram um bocado de terra e folha em cima e vieram embora ... lá apodreceu ou os urubus tiraram ele pra fora e comeram.

49. Assistência não tinha ... depois foi que pareceu a SESP ... naquele tempo era por conta do americano ... que só dava um saquinho com 100 Etebrina ... o camarada tomava e às vezes cortava o impaludismo. Cortava mas intoxicava o fígado ... com qualquer coisinha já ia também. Hoje em dia tá quase do mesmo jeito ... você chega no posto de saúde e não encontra um

detergente ... um Melhoral ... uma Cebalena. Aqui tem o Firmino que era o agente de saúde comunitário ... sempre tinha um medicamentozinho ... hoje em dia não tem **NADA NADA**. O que ainda tá funcionando mas não é muito bom não ... que eu vejo os pais de família reclamar é a educação. Professor vai pra Guajará e passa 10 ... 15 dias pra cidade.

50. Enquanto teve a guerra ... a SESP foi a primeira guarda de saúde ... agora é FNS - Frente Nacional de Saúde ... eles botavam veneno na lamparina ... furavam as latas do quintal. Era mantido pelo americanos ... depois pelo Governo Federal ... mas acontece que quem era envolvido e trabalhava nisso era o americano. No tempo da força da guerra ele queria era borracha ... e ele tinha que dar assistência ao seringueiro para poder ter a borracha ... se não ia perder.

51. Agora foi de uns anos pra cá ... que tem americano de novo pra cima e pra baixo ... não sei fazendo o que. O lugar que tinha muito americano é na Bolívia ... era a Rub Reserva. Depois quando passou pro Governo ... foi chamada Rub do Governo Companhia ... antes era RRC ... Rub Reserva Companhia. Mas quando acabou a guerra em 45 ... fechou o contrato ... deu as contas e cada um foi tomar conta de si. Os que tiveram boa inteligência ainda se aprumaram ... o resto não se aprumou mais de jeito nenhum ... não tem um seringalista aqui que diz:

52. - Deixei isso pronto.

53. O único que deixou pelo menos um filho formado foi o Conrado Faria ... que é o Delegado Faria. O resto acabou tudo ... virou corpo de borboleta.

54. E eu trabalhava fazendo a minha borracha ... tirava meu saldo ... ia pra Guajará ... gastava ... tomava minhas pingas e vinha de novo.

55. Nesse tempo eu nunca vi curupira mas existe ... já faz uns anos que eu não acompanho rádio ... mas tavam dizendo que eles fizeram uma barragem ... pra fazer a hidrelétrica do Maranhão... aprontaram tudo e fecharam ... a água começou a tomar as terras ... aí foi aparecendo todo bicho: tatu ... e foram dando o nome dos bichos ... até curupira já tá aparecendo e fugindo das águas da represa do rio Tocantins. É por isso que eu digo que ... tem a Curupira ... tem o Pai da Mata ... que eu nunca vi ... nem quero ver!

56. Se o camarada abusar com os animais do Pai da Mata ... ele mete a peia ... dá no couro. Que o camarada não vê quem tá batendo e a casca tá caindo! Ali no José Alfredo trabalhava o Jorge Nunes ... que entocou-se com o Curupira e meteu a peia nele. Disse que chegou um caboclinho pequeno perto dele ... disse não sei o que e pulou pra cima.

57. O que eu não acredito e são lendas ... é o tal do Mapinguari ... porque tem muitos animais feroz ... carnífero na África ... na Ásia ... por esses continentes ... então você vê a fotografia deles tudinho ... e do Mapinguari quem foi que já viu? Ano passado diz que um garimpeiro apareceu com um Mapinguari ... que já tinha comido não sei quantos índios. E como não vão atrás desse animal? Tem o exército e a polícia que pode ir ... diz que não tem bala pra furar o couro dele. Deixa eu atirar com uma 7,62 pra ver se eu não atravesso ele. Agora atirar com baladeira não adianta.

58. Eu não acredito que tenha esse animal não ... pode ter o Curupira que é encantado ... não duvido que tenha porque o mundo é composto.

59. Mãe da Seringueira não acredite não ... que isso aí é conversa de bêbado pra delegado Seringueira não tem mãe ... a mãe da seringueira é a natureza. Agora muitos vê um grito ... uma zoada de bicho que ele não sabe o que é ... aí vem com história.

60. O Gastão e o Finado Djalma ... viram um bicho lá no igarapé e começaram a chamar de Igarapé do Bicho. Lá tem um poção grande ... o poço fica se rebolando e espumando o tempo todo ... disseram que era um cavalo cor de ouro ... um bicho bonito ... mas bonito mesmo! Ele botou a espingarda três vezes em cima ... mas não teve coragem de atirar ... diz ele que quando ia amassando o dedo se arrependia ... ele tirava a espingarda ... olhava ... o cavalão tava lá ... lindo! Ele saia fora só até o pescoço.

61. Visagem nunca vi e nem quero ver ... diz que é coisa do outro mundo a nossa matéria não se importa ... porque essas coisas que aparece é espírito mal. Mas talvez nunca existiu. Porque o medo o camarada faz do tamanho que ele quer.

62. Uma vez nós saímos daqui doze e meia ... tomamos café ... quando nós ia saindo com a poronga ... a lua vinha saindo também ... apareceu uma luz como se fosse uma poronga ... o Italvino viu ... fiquei velhaco.

63. - Vamos verificar isso direito?

64. - Vamos.

65. Apaguemos a poronga e aquela luz lá ... vamos ficar aqui nesse lugar uns minutos pra ver o que é ... aquilo foi diminuindo o fogo e fomos verificar direito: a água do sereno formou a bolha d'água com a reta da luz era um fogo direitinho. Aí eu digo:

66. - Olha se nós não vinha verificar ... saia por aí dizendo que apareceu uma poronga lá em casa.

67. Conto outra: nós morava ali no centro da Colônia ... na mesma hora ou mais cedo ... eu tava dentro da rede ... a velha chegou e sentou na rede e nós tava conversando ... os meninos tudo acordado. Lá vem aquele cara de lá pra cá com sapato de borracha ... **POC POC ... POC POC** ... idêntico ao sapato de borracha quando ele folga. Eu com aquela superstição ... o cabelo em pé ... chegou bem na frente de nós e parou ... eu meti a lanterna em cima e não vi ninguém.

68. Aí deu aquele pouquinho de coragem:

69. - Eu vou ver quem é.

70. Era um sapo grande e chato ... de bico e pulando ... **POC POC ... POC POC** ... e foi embora. Se eu não fosse reparar ... ia amanhecer alarmando que tinha um cabra virando no terreiro.

71. O camarada vai e conta uma história dessa aqui ... quando chega lá no Firmino ... conta e encomprida uma coisinha ... quando dá fé tá desse tamanho. Pior é o que vai contar pro segundo ... aquele é que exagera mesmo. Tem conversa que a gente escuta porque tem ouvido!

72. O Neno viu uma Cobra Grande cruzando ... saindo do rio pra uma baia ... no Pantanal do Napoleão ... a ponta do rabo era da grossura de um tambor de 60 litros ..... porque o resto tava dentro do mato. Dizem que não existe sucuri com mais de dez metro ... mas a boiúna ... a sucuriju ... a jibóia ...

73. Quando eles foram para lá ... o Cara Suja disse para o Italvino:

74. - Vai e repara lá no barranco a subida da cobra ... fez um arrastado como quem arrastou uma canoa de uns cinco metros.

75. Abaixo do barracão do Ouro Negro tem uma baia ... ali saiu uma que mediu três palmos e meios de rastro ... ela subiu na praia e a praia abaixou ... ficou igual um pau quando cai assim numa terra mole que fica aquela baixa do pau grosso.

76. Agora eu nunca ouvi dizer que a cobra engolisse ou comesse um por aqui ... agora no Mamoré já comeu gente. Tem desaparecido uma porção deles. A tia do finado Chapecó ia puxando ele e nadando ... quando o bicho chegou ... passou engatou e deu aquele safanão ... que ficou só o relógio na mão e ele foi embora ... engolido mesmo.

77. Eu vi um peixe ... faz muito tempo ... trabalhava nas Três Bocas ... ali no Pacaás Novos. Naquele tempo não tinha essa proibição ... cheguei e falei:

78. - Vou comer um tracajá.

79. O Boto já tinha feito uma bagunça ... eu vi que ele tava bulindo ... daí eu fiquei em pé na canoa ... o vento assoprando ... a canoa bem devagarinho ... eu com a 16 na mão:

80. - Se ele buiá eu toco na venta.

81. O Seu Chico disse:

82. - Rapaz aqui tem um peixe que não tem linha que agüente.

83. O Carlinho mandou Seu Zé Ferreira fazer um anzol de vergalhão e comprou foi um cabo.

84. - Não tem linha que agüente ele ... mas agora eu trouxe um cabo pra pegar esse peixe.

85. Pegou um quebra galho ... deu uma volta no anzol ... aí ele jogou na boca da baia ... não demorou nadinha. Ele disse:

86. - Quem vai ferrar ele é a canoa ... que tá em cima do capim.

87. Quando ele esticou a linha a canoa saiu de cima do capim e lá vai! Tirou num estirão no rumo de baixo do rio ... mas ele cansou no braço de praia ... aí o Carlinho foi lá mais os peões: um Jaú com três metros e meio. Quando ele cansou ... ficou de um jeito que não valia nada ... eles puxaram pra praia ... com mais de meio metro d'água ele enganchou ... ficou agarrado... os ombros dele do lado de fora ... mataram e cortaram a nuca. Deixaram a cabeça cortada ... com dois meses tava seca do sol.

88. Quantos não tem daquele tamanho aí dentro ... se ele pegar o nego de jeito nesses poços ... o cara vai cruzando ... nadando ... e **VAPT ... JÁ FOI**. Um peixe com três metros e meio engole um homem ... ele cabe bem apoiadinho dentro da barriga e tem bóia pra passar um monte de dias sem comer.

89. Antigamente no seringal ... o patrão tirava a mulher do seringueiro quando ele tava com dívida como modo de pagar ... mas aconteceu isso tem muitos anos ... diz que fizeram isso mesmo ... igualmente os pretos no tempo do império ... tinha tronco para amarrar o seringueiro e mandar peia. Se tirava saldo ... mandava matar ... os antigos conta que era assim. Depois do mandato do Presidente Vargas foi que acabou ... ele mandou a polícia acabar com esse bando de crime que tinha nos seringais.

90. Pra mim ele foi o melhor presidente ... criou muitas coisas de melhoria. Outros também ... mas pelo menos o Vargas foi um dos presidentes que teve moral ... se ele dissesse:

91. - Isto é tanto.

92. Era tanto ... você podia ter a casa cheia ... que era aquele tanto ... e se tivesse só um era o mesmo. Hoje quando não fracassa ... o comerciante aumenta o preço por conta própria.

93. Não tinha essa corrupção que tem hoje. O camarada chega ... pega o dinheiro ... gasta estoura e no fim diz que não tem condição pra pagar. Vai e a autoridade diz:

94. - O homem não tem condições ... como é que ele vai pagar?

95. E no Getúlio Vargas não ... ele tinha que pagar ... ou na lei ou na roça ... ou na seringa ... como fosse tinha que pagar.

96. No tempo do velho Alípio ... o seringueiro malandro que baixava e não queria pagar a conta do patrão ... ia com o delegado. O velho Alípio dizia:

97. - Você deve ao Manussakis?

98. - Devo sim senhor ... mas não vou mais pra lá ... porque tem muito índio.

99. Começava a remendar ... aí o Velho Alípio dizia:

100. - É meu camarada ... tem que ter um caminho pra conseguir: tu vai procurar um seringalista pra garantir tua conta ... ou vai pagar pro Manussakis lá no seringal ... ou vai lá pra serra tirar lenha pra estrada de ferro até pagar a conta.

101. Se aqui tinha índio lá era a matriz ... ai dizia logo:

102. - Você não é cego ... não é aleijado ... não é paralítico ... você tem condição de pagar. Você vai escolher.

103. E o cabra tinha que pagar a conta. Pagava ou não baixava ... o gerente dizia:

104. - Veja você ... é ordem do Manussakis ... não pode baixar enquanto não pagar a conta ... você não vai baixar mesmo não.

105. O barco que tinha era o deles ... não tinha motor particular. E por terra ... o camarada tinha medo ... por mais que soubesse andar no mato ... tinha medo do índio comer ele assado.

106. Tem que arrumar a lei do país ... hoje em dia o camarada faz uma contona danada ... aí o marreteiro leva ele na justiça ... chega lá diz pro delegado ... o juiz ... o que seja:

107. - Doutor eu não tenho condição de pagar ... não tenho nada.

108. Aí o Juiz diz:

109. - O homem não tem nada ... como eu posso obrigar ele a pagar?

110. O que o malandro quer é isso!

111. Hoje em dia tá tudo uma bandidagem doida. As leis oculta o bandido... agora nem preso vai mais. Fica três meses e já tá saindo atrás de matar outro. Preso é o que entrou pra debaixo do chão ... esse é que é preso para sempre. Não é como de primeiro aquela lei seca. Um cabra que pegasse trinta anos ... a peia e o sofrimento que ele passava não era mole.

112. Agora com três mês ... um ano ... já tá na rua de novo fazendo o mal aos outros ... bebendo cachaça ... daqui pra ali mata um ... tem o direito humano que não vai preso não. Se é de menor ... o besta vai e faz mesmo pra ganhar um troquinho ... carrega até o bagulho pra fumar. Naquele tempo se o camarada ... saísse do xadrez não tinha mais o couro que nasceu ... ia se acabar embaixo da maçaranduba.

113. Nas festas que tinha antigamente em Guajará não era assim ... naquele tempo tinha freio. Quando nós viemos do Mato Grosso ... tinha a patrulha que usava aqueles caibrozinho pequeno. Agora ... o segundo grito da patrulha mesmo ... era um facaozão desse tamanho. Quando falava:

114. - Lá vem o velho Alípio o camarada já ia escorregando. Ele chegava nas festas e ficava de longe com aqueles óculos dele que espelhava ... só manjando as festas que qualquer coisinha ... quando o cara pensava que não o velho Alípio já tava no pé dele:

115. - Meu camarada ... você tá preso.

116. O velho Alípio era bravo.

117. Naquele tempo não tinha viatura ... era preciso ir de pernada ... mas tinha freio mais que hoje. O camarada que tomava umas cachaças ali no Triângulo ... se caia na estrada de ferro bêbado ... dois três pegava e focava nele assim com a lanterna ... se não riscava o fósforo.

118. É fulano de tal ... é conhecido.

119. Ai tirava ele fora da linha pro trem não passar por cima.

120. - O que ele tem no bolso?

121. - Ah ... deixa isso aí que é pra ele tomar cachaça!

122. E botava no bolso de novo.

123. Hoje é só vendo ... tira até a roupa o sapato ... deixa despido.

124. Naquele tempo do velho Alípio ... que era ditadura ... vê se tinha “pé inchado” aí no mercado ... **EU DUVIDO**. Eles encostava o produto do Amazonas como diz e lasca a maçaranduba.

125. Mas quando terminou o barracão e começou a associação ... o governo fez um desapropriamento e seringalistas arrendava e ficava comendo as custas do seringueiro ... como eu que pagava 300 quilos de borracha daqui ... só que eles não pagavam imposto ... nem banco e nem coisa nenhuma ... eles não tinham mais condição mesmo. E acabou os seringalistas.

126. E acabou! Fez aquele encontro ... já tá com sete anos e de lá pra cá ninguém pagou mais renda. Agora o seringalista era bom porque se o camarada era trabalhador e adoecia ou acontecesse qualquer fracasso com ele ... chegava em Guajará não faltava nada pra ele.

127. Chegava e o que você queria comprar no barracão ... comprava. O malandro que não arrumava dinheiro a polícia obrigava a pagar a conta. Eu queria que voltasse esse tempo ... ia ver muito nego na peia da polícia.

128. Aqui tem uns que diz:

129. - Isso aqui eu não pago é fundo perdido! Fica por isso e por isso fica e acabou-se.

130. E se continuarem a desmatar ... do jeito que está não tem freio ... vai acabar a reserva. Porque tão invadindo ... devagarzinho ... devargazinho. Cadê a Polícia Florestal o IBAMA o CNPT?

131. Aqui vai acontecer a mesma coisa que aconteceu no Curumbiara ... vai invadindo ... vai invadindo ... quando quiserem tomar atitude eles tão fixos ... aí vão fazer fogo contra a polícia. Porque o fazendeiro ... o madeireiro diz:

132. - Não ... o seringueiro só tem direito onde tem seringa ... onde não tem a gente pode cortar.

133. O camarada tem um terreno aqui perto ... abre caminho e pula pra dentro da reserva ... e começa a tirar madeira.

134. - De onde você tá tirando essa madeira?

135. - Lá do terreno do fulano de tal.

136. E fica nisso ... eles não vão espionar nada.

137. De trás do Ouro Negro ... é tudo revirado de garimpeiro ... buraco aí tá que é maceta ... vive cheio de tapiri ... onde tem serra cutucaram tudo ... tá tudo cavado. Os garimpeiros de Vila Nova cortam com bússola e tudo ... que vão bater na cabeceira do Ouro Preto.

138. Outro dia teve essa confusão da rodagem. Falaram que o Doutor Casara vinha pra resolver. De Campo Novo faltava 16 quilômetros pra emendar ... que vem de lá pra cá e de cá pra lá. Tão cruzando as duas reservas ... a extrativista e a biológica. Não pode cruzar as áreas de reserva. Ai parece que vieram empatar.

139. Agora isso pode ter freio ... se um dia o militar tomar conta. Que o militar não vai mandar recado ... ele vai lá olhar. Mas o civil do jeito que gosta de tutuzinho ... de dinheiro.

140. Tem gente que não tem precisão e vem pescar aqui. Gente que tem do que viver vem perseguir os bichos do mato. Um tempo desses mataram um bando de queixada.

141. Um caçador ataca por aqui ... outros por ali ... outros por lá e acaba tudo. Eu queria que Deus me desse mais 10 anos de vida pra ver como é que ficava o rio Ouro Preto ... acabar o seringueiro não acaba ... mas fracassa.

142. Pois é. É assim que nós tamos fazendo essa travessia ... essa caminhadazinha aqui.

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

1. Nasci em Canutama interior do Amazonas ... todos na minha família são seringueiros. Meu pai que me fez é cearense ... na verdade não é meu pai. João Viera dos Santos ... que me registrou ... é que é meu pai ... faleceu quando eu tinha sete anos de idade ... era amazonense filho de criação do coronel de barranco Joaquim Tomás ... uma família de Tomás muito conhecida no Amazonas.
2. Sou filho único ... minha mãe se chama Altina Pereira da Silva ... teve três filhos ... eu sou o do meio ... morreu o mais velho e o mais novo por isso ela tem a maior preocupação comigo.
3. Até dez anos de idade eu não conhecia carro ... minha mãe pegava casco de jabuti e limpava bem pra gente brincar na ladeira ... era o nosso carro. Outra brincadeira que a gente usava era da raiz da embaúba ... ela tem uma raiz parecendo um coice de arma e aquilo nós cortava e era nosso rifle. Outras coisas que a gente usava como brinquedo era quando meu pai de criação matava uma anta. Minha mãe pegava os mocotós e cozinhava ... depois de cozinho ele desmontava em um monte de pecinhas ... aquelas pecinhas parecia uns bonequinho ... aí botava pra formigas roer e ficava bem branquinha e a gente brincava.
4. As pessoas fala que hoje a vida tá difícil ... é muito diferente da vida que nós levava naquela época no interior dos seringais. No barco do seringalista subia só nas bocas dos igarapés pequenos ... aí soltava todo mundo e cada um subia à remo nas suas canoas. E pra completar não tinha essa facilidade de proteger as coisas com plástico e lona que tem hoje ... a maioria dos amazonenses fazia uma cobertura na canoa chamada jacaré ... é um tecido de palha e outra forma de proteger as dormidas era saco encauchado ... a gente fazia sem nenhuma técnica ... sem usar química nem nada.
5. Então foi assim a minha infância ... com dez anos de idade cheguei aqui em Porto Velho que eu fui conhecer carro ... até eu não conhecia carro ... me assustei várias vezes com o apito do trem.
6. Vivemos no Amazonas até a idade de 10 anos ... lembro que naquela época em 60 a borracha já entrou em crise ... alguns seringais andaram fechando no Amazonas e eu vim pra Rondônia. A gente tava num seringal bem próximo de Porto Velho chamado Colombo no rio Mucuim.
7. A gente veio fazer a primeira visita a Porto Velho e com a notícia do garimpo da cassiterita meu padrasto voltou doidinho ... **ILUDIDO ...** que aqui em Porto Velho se ganhava dinheiro com cambito.
8. - Vamos pro garimpo!
9. E a gente veio!

10. Ficamos uns dias aqui e fomos para a mineração Jacundá ... passando o Candeias ... essa estrada não tinha asfalto ... era fechada de espinho ... nós levamos três dias pra chegar ... teve gente que chegou lá com a banda do rosto toda rasgada de “espera aí”. Meu padrasto pegou uma bacia de alumínio da mamãe lavar louça ... e com aquela bacia ele defendia ... eu como era miudinho ... quando os grandes se abaixavam eu abaixava nas costas deles ... os espinhos agarravam nos outros e eu escapava.

11. Voltando um pouco atrás ... lá no Amazonas era um pouco difícil trabalho para mulher e criança ... para todo mundo ... era na seringa ou na roça. Eu tinha vontade de ganhar meu dinheiro ... comprar minhas roupas e quando chegamos aqui eu comecei a trabalhar na Colônia cortando arroz ... eu ganhava uns cem cruzeiros velhos por dia.

12. Comprei as minhas primeiras roupas com meu dinheiro ... trabalhava a semana inteira cortando arroz ... depois fui pro garimpo. Implorei à minha mãe até ela deixar eu ir pro garimpo ... fui pra dentro dos buracos mesmo ... onde moravam os garimpeiros ... lá arrumei um colega e a gente faiscava no cascalho ... depois baixamos barranco ... nós era a revelação no garimpo ... os garimpeiros mais famosos era eu e meu colega Ivo. A gente com 12 anos descendo barranco com quatro metros de fundura ... baixava uma cata de 4 X 4 ... 6 X 4 ... pequena por que nós era pequeno também. E com isso a gente ganhou a simpatia do gerente da Mineração Santo Antônio ... lá eu trabalhava fazendo reco.

13. Minha mãe brigou mais meu padrasto e separou ... nós viemos pra Porto Velho ... e um conhecido da gente convidou pra ir pra mineração Santo Antônio ... ia até a vila do Abunã de trem ... lá descia o rio Abunã saindo no Madeira ... fica do lado da Bolívia ... e andava mais um dia de pés pro centro da mata ... lá eu passei a ser garimpeiro né ... baixar barranco eu mais o Ivo. O dono da mineração colocava motor bomba pra secar nossa cata ... porque ele dizia que nós era mais homem do que os homens ... todo canto tem uns catrepeiro ... algum garimpeiro moleirão que não fazia quase nada ... e nós era dois moleques e enfrentava.

14. Na minha adolescência quando eu tive no garimpo ... era uma época violenta ... o garimpeiro usava dois revólver tipo pistoleiro de faroeste ... às vezes nem pelo cara ser mal ... mas porque achava bonito andar com dois revólver ... e disso eu gostava ... então eu achava legal quando eu encontrava um garimpeiro com dois revólver.

15. - Vou comprar um assim pra mim também!

16. E se atirava muito ... brincando à toa ... e por se viver muito armado ... alguns se empolgavam e matavam os outros ... assim tinha muita arma muita facilidade pra matar e teve muita morte.

17. Quando a gente baixou a mamãe adoeceu ... ganhei um dinheiro até bom naquela época ... aí quando chegamos em Porto Velho a gente encontrou com meu padrasto de novo ... e eles voltaram a se ajuntar.

18. Ele foi fazer uma pesquisa no Jaci Paraná ... pesquisa de Cassiterita.

19. A seringa no Amazonas dá pouco leite ... então o seringueiro corta o dia inteiro ... e chega em casa com um baldinho de leite. Aqui não ... a seringa do Jaci Paraná é muito boa de leite. O seringueiro vinha com um saco que não podia carregar. Quando ele viu aquilo no Jaci ficou louco ... resolveu deixar de ser garimpeiro outra vez e voltar a ser seringueiro ... ai disse:

20. - Ali dá nega! Dá pra gente enricar! A seringa faz uma borracha quase por dia.

21. Eu abandonei os meus trem de garimpo ... enxada picareta tudo ficou lá ... ia voltar e não voltei mais.

22. Trabalhamos cinco anos no Alto Jaci Paraná numa colocação com 10 horas de viagem de pés ... da margem do igarapé Formoso pra dentro ... essa área do Jaci eu conheci tudo. Eu não tinha é muita simpatia pra cortar seringa ... vivia no seringal por causa da convivência da minha mãe ... que morava em seringal e eu sempre amoroso com ela ... nunca pensei em abandonar. Mas eu não tinha vocação para cortar seringa ... é tanto que eu fui trabalhar de empregado no barracão. Eu era a segunda pessoa do gerente ... ganhei logo confiança e assumia o barracão na ausência dele.

23. Tive uma encrenca no Jaci Paraná ... porque quando eu fui pra Guajará-Mirim ... um sujeito ameaçou de dar na mamãe ... fui pedir que ele não dissesse isso ... que eu como filho não era legal ouvir aquilo ... aí ele disse que dava nela e dava em mim ... e em quem se doesse por ela. Fiquei revoltado e disse que ia matar o cara ... mas eu não sou bom matador ... não consegui ... mas dei uns tiro nele. Pegou um tiro mas não morreu porque ele era muito ruim.

24. O gerente do barracão me deu voz de prisão e a gente veio pra polícia ... gastamos nove dias até chegar em Porto Velho. O juiz tava viajando ... eu tinha catorze anos na época ... não tinha idade nem para ir pra tal da Maravilha ... a casa de menores de até nove anos ... nem pra ficar preso ... aí eu fiquei detido na delegacia central ... quando passo lá eu digo:

25. - Essa casa aqui já foi minha.

26. Quando o juiz chegou tomou o depoimento ... como nunca tinha entrado em polícia ... e o cara era conhecido como mal elemento.

27. Mas o que mais me ajudou foi que ele chegou na delegacia e encontrou os policiais antigos ... da guarda territorial que foram famosos ... um era chamado de Pau Seco e que era amigo. Ele se empolgou e acabou dizendo que tinha prometido bater em minha mãe. Um preso de sentença que já tava em liberdade viu e ele serviu de testemunha ... foi o suficiente para que o juiz me liberasse na mesma hora ... fiquei dez dias porque o juiz não tava.

28. Fomos pra Guajará-Mirim ... quando cheguei não era conhecido de ninguém ... não deu pra arrumar trabalho ... assim mesmo fui pra dentro do seringal perto da minha mãe ... e tive que cortar seringa com 15 anos. Até 10 anos eu andava na estrada com meu padrasto só ajudando.

29. Depois fiquei todos esses anos em Guajará-Mirim cortando seringa ... lá eu trabalhei no rio Ouro Preto ... o primeiro ano que eu trabalhei por conta sem depender do padrasto foi em 71. Essa conta corrente eu guardo até hoje. O Benesbi me cobrou na época 60 cruzeiros velhos pra subir pro seringal ... 60 pra descer ... aluguel de tigela ... tudo isso a gente pagava ... seringalista

não dava nada pra gente não ... ainda tirava 10 por cento do peso da borracha ... que era pra cobrir as despesas.

30. Trabalhei em caucho também. Caucho é uma árvore que tem bastante leite ... só que ele é extraído diferente da seringueira ... a seringueira você dá um risquinho ... o caucho tinha que sangrar ... dar golpes arrodiando ele pra escoar o primeiro leite ... e facilitar quando você for derrubar de machado pra não espirrar muito leite. E depois o caucho da região quase acabou porque era trabalhado dessa forma ... sangrava e depois derrubava e ia anelava ele todinho ... aí ele escorria todo o leite no chão mesmo ... só limpava onde ia cair ... pisava um pouco pra terra ficar dura pra não misturar. E depois vinha buscar aquele cernambi que levava 15 dias pra endurecer ... aí fazia os blocos tipo borracha prensada. Na época que tá chovendo muito ... dificulta porque ... acaba perdendo o leite que dissolve com a chuva ... mesmo cobrindo a árvore com palha cortada.

31. O caucho tem várias qualidades e dá até 100 quilos ... tem caucho Cururu ... caucho Amarelo ... caucho Banha ... caucho Banha é aquele que você dá o golpe e não escorre nadinha só coalha ali no risco ... aquele não presta. Então a gente já conhece qual é o que presta qual é o que não presta quando tá empicando.

32. Em 72 fomos para Bom Destino reabrir o seringal que o Benesbi tinha comprado da dona Artma ... viúva. Em 73 fui parar no Cautário ... mais em baixo no Canindé. Em 74 eu já casei ... arrumei a Maura e ficamos até 78 no Cautário ... quando vim pro Pacaás Novos e fiquei até 86 ... mas em 83 eu deixei a Maura na cidade para as meninas estudar porque na época não tinha escola no seringal ... então a minha vida foi difícil.

33. Antes de ir para o Jaci Paraná ... num ano a minha mãe me deixou na casa de uma senhora na cidade pra me alfabetizar ... Aí peguei sarampo e quase morri ... quando a mamãe veio me visitar que me viu magro ... cheio de curuba disse:

34. - O meu filho não fica mais de jeito nenhum!

35. Me levou de volta pro seringal.

36. Então hoje é uma das coisas que pra mim é um desafio. É questão de honra quando eu senti que tinha condição de fazer alguma coisa pelos colegas ... quando houve já o primeiro encontro de seringueiro. Em 89 eu conheci o Conselho Nacional de Seringueiro ... foi quando começou a falar das experiências do Acre e tudo ... e eu já tava morando na cidade ... mas eu vim participar do primeiro encontro ... porque surgiu a conversar que iam dar as colocações ... ninguém entendia a proposta ... vim pra garanti a colocação da minha mãe que ainda estava no seringal ... pra dar o nome da colocação deles pra garantir.

37. Só depois desse encontro é que a gente foi saber que Chico Mendes teve em outubro aqui ... perdi três dias de trabalho mas participei dos três de encontro ... aí o os moradores do Pacaás Novos disseram:

38. - Vamos indicar o compadre Zezito ... que eu sou conhecido assim lá ...pra ser nosso representante.

39. E fiquei na primeira comissão criada em 17 de fevereiro de 89 ... representando o Pacaás Novas na Comissão Municipal do Conselho Nacional dos Seringueiros ... pra que essa comissão trabalhasse reunião com as comunidades pra preparar para a criação de uma associação. Tinha um pessoal do Instituto de Estudos da Amazônia também apoiando.

40. - O que vocês querem? Querem sindicato?

41. Aí todo mundo dizia:

42. - Quero.

43. Ninguém sabia qual era a diferença de sindicato e associação ... ninguém entendia nada de movimento sindical ... primeira reunião que a gente participou na vida.

44. - Querem uma associação?

45. - Quero.

46. - Assim fica difícil ... tudo vocês diz que quer. Então vamos tirar uma comissão e aos poucos ir trabalhando isso que não dá pra criar uma associação sem as pessoas entender nada.

47. Em março a gente foi pro Primeiro Encontro do Povo da Floresta e o segundo encontro do Conselho Nacional dos Seringueiros e foi no Acre ... já no segundo ... em Guajará fundamos ASGM Associação dos Seringueiros do Município de Guajará-Mirim ... saí na chapa como vice presidente ... pra montar essa diretoria foi o maior sacrifício porque queriam a associação mas ninguém queria fazer parte da diretoria.

48. Ai foi chapa única e a gente foi eleito ... um ano depois aqueles grupos que não queria saber de nada começaram a fazer campanha pra tirar o mandato da gente.

49. Em dois anos nós montamos uma estrutura grande porque tava aquele movimento devido o assassinato do Chico todo mundo tava querendo ajudar e financiar projeto ... dois anos depois nós tinha uma sede própria ... com alojamento e telefone ... com barco e carro. Tinha 12 escolas na nossa área de abrangência e oito posto de saúde.

50. E com tudo isso nós não fumos reeleito ... a gente ficou sem capital de giro porque naquela época teve uma crise e ficamos um tempo sem comprar borracha porque não tinha pra quem vender.

51. O Chico Mendes eu não conheci ... mas tenho a imagem que ele sempre sonhou com esse movimento ... o grande objetivo dele era o crescimento do movimento e a garantia das terras prás comunidades seringueiras. Ele morreu porque as famílias tava sendo expulsas e tava vindo pra cidade ... as áreas tava sendo invadida e desmatada pelos fazendeiros.

52. Mataram o Chico porque achavam que matando acaba o movimento ... mas foi aí que os adversários se enganaram. Matou o Chico aí é que surgiu centenas de Chicos ... na época o movimento tava só no Estado do Acre ... hoje o movimento extrativista tá com dificuldade mas tá estruturado em oito estados da Amazônia Legal.

53. O meu nome tem sido indicado pra concorrer a presidência do CNS e eu queria ir porque o conselho passou por cima do Estado do Amazonas e foi pro Maranhão ... pro Mato Grosso ... pro Pará ... então o estado que tem a maior população extrativista é o Amazonas e é

aonde o conselho tá menos estruturado ... é aonde as comunidades tão menos organizada é no Amazonas e onde tem seringueiro extrativista que vive miseravelmente.

54. Tem depoimento de colegas nos encontros ... que tem se chegar lá você não conversa com a família toda porque nem todo mundo tem roupa pra sair ... então vem o marido e a mulher e os outros fica dentro do quarto ... aqueles entra e dá a roupa pro outro ... o outro veste e aí vem.

55. Desde 17 fevereiro de 89 eu me envolvi e não faço mais porque eu não posso.

56. Eu pulei um pouco a história. A gente viveu na cidade quase um ano ... minha mãe trabalhou na fábrica de borracha mais antiga de Porto Velho ... foi o período que eu me alfabetizei. Quando ela voltou ... ficou mais de ano separada do meu padrasto ... quando se encontraram voltaram às camaradagens de novo ... foi quando saí da escola e fui pra Jaci Paraná. Mas minha mãe por ela ser analfabeta foi um desafio ... eu ouvi ela muitas vezes dizer:

57. - Eu sou burra mas meu filho não vai ser burro não!

58. Ela dizia que eu tinha que aprender a ler e escreve. O que foi interessante é que ela comprou uma cartilhinha de ABC ... cada pessoa que chegava em casa que sabia ler um pouquinho ... ela botava pra me ensinar ... mas o ABC não conseguia entrar na minha cabeça. Aí eu lembro que um dia o camarada tava me ensinando: **A ... B ... C ... D** ... quando parava de dizer ele pedia:

59. - Agora leia.

60. E eu não conseguia ler. Aí a mamãe pegou uma palmatória lá e me deu uma porção de lapada **PÁ ... PÁ ... PÁ** ... quando me soltou:

61. - Lê agora Zezito.

62. Aí eu:

63. - **A B C D E F G H**.

64. Não esqueci mais a partir desse dia. Mas eu tentava lembrar e não conseguia ... não era malandragem ... mas com a peia foi só levar umas cinturãozada ...

65. Minha mãe foi uma mulher muito trabalhadeira ... chegou a tirar lenha para navio quando meu pai faleceu no Amazonas ... naquela época mulher não conseguia emprego em prefeitura ... em lugar nenhum.

66. Lugar atrasado!

67. Ela torrava farinha de meia ... desmanchava roça ... seringa a minha mãe nunca cortou ... nem aprendeu a cortar. As mulheres amazonenses não são muito boas seringueiras ... as mulheres rondoniense são mais seringueira ... as mulher lá no Amazonas trabalham mais em roça do que na seringa e na castanha. Mulher seringueira eu tenho a história da minha bisavó.

68. Minha bisavó é cearense e brava. No Acre ela trabalhava ... tinha conta no barracão ... e era conhecida como a “Velha do Rifle” ... naquela época quando o seringueiro vinha chegando no barracão ... era costume antes de aparecer dar uma rajada de bala. A velha fazia a mesma

coisa ... chegava no acero do campo encostava o coice do rifle no chão e **PÁ PÁ PÁ PÁ PÁ ...** rajada de bala. O povo já conhecia ... dizia:

69. - Já vem a Velha do Rifle!

70. Ela viveu demais ... morreu com cento e poucos anos ... quando ela morreu foi prefeito ... foi tabelião ... somar os anos que a velha tinha ... acho que ela nem sabia exatamente.

71. Ela chamava Velha do Rifle porque era brava ... não tinha medo de homem. Se mandasse ver ... ela metia bala mesmo. Minha avó era muito brava também ... as mulheres da minha família são muito bravas. Ao invés de apanhar dos maridos ... elas que batem. Eu vi tia minha bater no marido dela.

72. A minha vó dava no meu avô de terçado ... e já era velha de 60 anos ... cearense mesmo lá do pé da serra ... então quando o velho não andava direito ela dava de terçado. Ela gostava também de uma pingazinha né ... aí por qualquer falta de respeito que o velho sacaneava ... ela cobria o cara no terçado. Eu lembro que uma vez ... ela dando uma lição no cabra e os filhos já homem feito gritavam:

73. - Corra papai!

74. - Corra!

75. É ... as mulheres da minha família são muito bravas ... a minha mãe também não era muito mansa não. Às vezes eu digo pros camaradas que anda rodeando lá por casa as minha meninas:

76. - As mulheres da minha família costuma dar nos homens!

77. Minha filha já andou acertando uns tapinhas na cara do namorado dela.

78. Voltando o que tava falando lá atrás do movimento ... quando eu descobri que tinha a oportunidade de fazer alguma coisa ... um dos maiores desafios que eu sempre defendo ... é a proposta de educação e saúde.

79. Eu estudei o primeiro ano ... fiz prova pro segundo ano e não consegui estudar mais. Para fazer o primeiro ano tive que me separar da minha mãe ... ficar na cidade na casa dos outros sendo maltratado ... pra ser alfabetizado.

80. A minha mãe foi picada de cobra lá no Pacaás Novos ... só depois de quase três dias foi que ela foi ter medicação ... porque não tinha ninguém treinado pra dar o medicamento ... ficou lá esperando.

81. Enfim a melhoria da qualidade de vida da comunidade toda ... é um grande desafio pra mim ... porque a gente foi massacrado por isso ... tive muita dificuldade pra ser alfabetizado ... foi quando eu descobri que dava pra lutar ... para ter escola lá no seringal ... pra ter um posto de saúde com agente de saúde treinado.

82. É um saldo do seringalista que nunca investiu em capacitar ninguém ... nunca lutaram pra ter escola no seringal para alfabetizar os filhos dos seringueiros ... eles tinham medo do seringueiro ficar sabido ... e passar a cobrar mais. Por isso que as prefeituras não ajudavam ... porque os seringalistas mandavam fazer aquilo.

83. Esse é o grande motivo de me encontrar no movimento. Hoje estou vivendo mais pro trabalho do que pra minha família ... estou passando uma média de quatro dias por mês em casa ... porque não trabalho pelo salário ... trabalho por uma justa causa.

84. Tenho vontade ... embora a gente tenha muito obstáculo ... tem outros colegas dentro e fora da área ... lideranças que não contribuem. Somos um grupo pequeno com vontade de acertar ... e os colegas se vendem e se iludem muito fácil. Estou dedicando tudo de mim em benefício do movimento ... mas as pessoas não vêem o que a gente faz ... acham que estar aqui em Porto Velho é uma vida boa ... e o lascado é quem tá na colocação de seringa.

85. No entanto acho que a vida melhor que eu tive ... foi quando ninguém me conhecia ... hoje com esse papel de liderança conhecida ... por entidades da Suécia ... dos Estados Unidos ... agora na Itália ... essa não é a melhor parte da minha vida. Eu não sabia que quando tava na colocação de seringa ... tava vivendo a melhor fase da minha vida ... passava o dia no mato mas de noite tava com a minha família ... e de manhã cedo antes de eu ir pro mato via os filhos ... mulher e tudo.

86. Essa relação da convivência de casal nessa mudança de sistema de vida de sair dos seringais e ir pra cidades é uma mudança difícil ... poucos que fizeram essa mudança ficaram juntos.

87. Até casais idosos separaram ... porque a gente tinha uma cultura de viver junto com a esposa e elas não tinha liberdade de ir pro trabalho sozinha ... então pra viver na cidade como trabalhador braçal de diária ou mesmo de vigia ... as mulher tem que trabalhar né ... então muitos homens não soube ter essa confiança com a companheira de achar que não tava no trabalho e tava namorando. Inclusive isso foi uma das dificuldades que eu tive ... não de achar que a minha esposa tava namorando ... que eu sempre confiei nela. M mas por exemplo ela foi trabalhar no hospital como copeira ... e eles tiram plantão à noite. Muitas vezes eu chegava de viagem e dormia só porque a mulher tava de plantão ... embora eu tivesse com um pouco de ciúme ... mas não demonstrava isso pra ela e isso muitos não souberam administrar e a maioria separara por esse motivo.

88. Outra dificuldade muito grande pra mim na cidade ... foi que a gente tinha aquele costume tradicional da fartura lá do mato ... de cozinhar pra família um surubim inteiro ou uma paca e depois chegar aqui na cidade e comprar um quilo de carne e dividir em pedacinho pra família inteiro ... aquilo pra mim era muito terrível ... eu não conseguia aceitar aquilo.

89. Porque eu fui criado na fartura grande com carne de caça e peixe à vontade. Só depois de muitos anos é que eu aceito que foi uma necessidade fazer pra beneficiar nossos filhos pra estudar.

90. No mundo da gente tem aquela cultura tradicional ... por exemplo os santos: São Francisco é o santo mais forte do seringueiro ... ele tem muita fé no São Francisco ... é promessa para filho ficar bom ... para ter um bom fábrico ... pra tudo. Então todo quatro de outubro tem festa ... a maioria do seringueiros confia em tudo quanto é santo ... mas o santo de confiança da

maioria absoluta é o São Francisco. Então a gente tinha aquela cultura de fazer festa junina. Para São João ia pra casa de um compadre ... no São Pedro já tinha festa na outra comunidade.

91. Eu não tinha pensamento ... da administração de um Estado ... de um Município. Ouvia falar ... sabia que tinha o Governador e o deputado ... mas não sabia claro como funcionava essa máquina. Vivia num mundo ... que não imagina a dificuldade que tem pra administrar um Estado um Município ... naquela época não tinha essa compreensão ... hoje muita gente já tem essa idéia. A tecnologia e essa história de computadores e mesmo os meios de comunicação ... rádio ... tudo isso ajudou muito a desenvolver o pessoal do interior.

92. O governador pra mim mandava em todo mundo ... não tinha esse negócio de Assembléia Legislativa ter que aprovar. Na compra de um equipamento ... se o recurso é uma verba federal tem que respeitar uma lei federal. A gente no interior não sabia ... nem todo mundo sabe ... hoje por causa desse movimento de organização social ... e por se trabalhar com projeto ... muita gente tem um pouquinho de entendimento.

93. A gente não imagina que a nível federal tem um Congresso ... que tem lei ... então pedir um aumento para a borracha ... o camarada que está na colocação acha que o Zé Maria tem poder de chegar para o Governador e dizer que a nossa borracha tá barata ... eles não imaginam que tem que criar o tal do projeto de lei ... depois apreciado no Congresso ... depois ir pra votação ... pra ver se passa ou não passa. Então o camarada não vive no mesmo mundo ... mas em torno dele ... tem uma outra compreensão.

94. Esse mundo dele é mais tranqüilo ... não tem a preocupação do salário atrasar e alguém cortar sua luz ... porque mesmo quando acaba o querosene a gente sabe se virar ... vai no mato tira uma copaíba e se alumia com o óleo de copaíba ... não é tão bom como a querosene mas serve. A água você pega no rio ... você nunca vai dormir pensando que ... se o seu dinheiro não der a CAERD vai cortar sua água ... o aluguel da casa você também não tem essa preocupação. Acho que as pessoas do interior tem mais possibilidade de viver ... do que quem vivem na cidade cheio de preocupação. Na tua colocação de seringa é mais tranqüilo ... vindo da sua estrada de tarde chegou tomou seu banho ... jantou e dormiu oito horas da noite.

95. Mas eu nunca sonhei que ia para lugar nenhum.

96. Parecia um sonho eu chegando em Roma ... o Raimundo Mendes de Barros tinha me falado isso ... quando ele saiu do Acre que foi chegando em Roma ... depois do assassinato do Chico Mendes ... que levaram ele para fazer uma visita ... disse que o caboclo sai lá da colocação de seringa ... cruza uma parte do mundo pro outro lado do pacifico é um sonho. Acho que a mesma coisa aconteceu comigo ... chegando em Roma. Imaginar que eu ... caboclo lá do interior do Amazonas ... que nem sabia da existência dessa Roma e de repente ...

97. Por se tratar do lugar do Papa ... da Basílica de São Pedro ... aquele negócio todo ... sabia um pouco de Roma assim da parte mais histórica ... mas eu nunca imaginei que um dia fosse pisar naquele chão. Pra mim foi uma das maiores surpresas ... considero que foi um troféu que eu ganhei nesse movimento. É um lugar de muita história ... e pra minha surpresa ir sozinho

... porque eu tava sabendo que ia uma pessoa de Salvador comigo ... mas quando foi no dia da viagem fiquei sabendo.

98. - Não! Você vai sozinho.

99. A Rosalina falou:

100. - Tu vai?

101. Eu digo:

102. - Eu vou ... já tá a passagem aqui não tem mais jeito.

103. A minha dificuldade foi só na ida sozinho ... chegar no Aeroporto e pegar mala ... passar na alfândega. Disseram que eu tive muita sorte. O brasileiro que mora lá disse que ficou oito horas detido ... com os caras sacaneando ele. E eu cheguei lá o camarada brincou comigo ... perguntou:

104. - Quem é você?

105. Eu disse:

106. - Eu sou brasileiro.

107. Eles chamam brasiliense.

108. - Brasiliense! Vamos embora brasiliense.

109. Falei que tava vindo da Amazônia ... aí ele veio:

110. Cadê teu documento.

111. Eu tirei o passaporte mostrei e me mandou embora.

112. Aí acontece uma mudança ... e é nessa mudança que as lideranças tem que ter muito cuidado ... pra não perder sua origem ... seu costume ... esquecer todo um passado ... aquela vida do interior ... aquela cultura da gente ... então eu faço questão de não perder a minha origem ... eu não me empolgo com nada disso. Sou um camarada conhecido pelos órgãos do governo ... mas esse negócio todo ... não me empolga nem um pouquinho ... eu não tenho vaidade com isso ... não me julgo melhor do que aquele que tá na colocação de seringa ... que não conhece nada. Não me sinto diferente hoje por conhecer um pouco mais ... eu me considero igual a eles. Sei que isso é temporário ... estou passando uma fase ... depois vem outro pra assumir o que faço hoje.

113. Mas eu achava que ... tinha que fazer algumas coisa ... e precisava vim pra cidade. Mesmo assim sou um cara feliz ... a gente não tem casa ... sou uma das únicas liderança que vive em casa alugada ... mas não me considero um cara infeliz não. Carro próprio não tenho ... tenho uma bicicleta boa. É dessas Hércules preta antiga ... é bom que os meus meninos não andam ... porque diz que é bicicleta de velho.

114. Tenho quatro filhas ... um grande sonho da minha vida era casar e ver meus seis filhos todos criados ... diferente da minha sorte. O caçula tá na sexta série ... tenho duas filhas que são professoras ... fizeram magistério ... o filho mais velho fazendo Administração ... se forma esse ano ... e tenho uma terceira filha ... que tá fazendo o Magistério também ... a outra diz que não

tem paciência de mexer com criança ... tá fazendo Contabilidade. Nós temos um família que tá se estabilizando na cidade ... tão se preparando pra viver mesmo na cidade.

115. Minha esposa é funcionária pública ... porque quando foi pra ficar para as criança estudar ... ela teve que arrumar trabalho quando veio morar na cidade. No primeiro ano além de ser seringueiro no verão eu marretava ... o patrão me dava mercadoria eu tinha uma porcentagem ... que eu abastecia o seringal ... daí no verão como não tinha viagem constante que o rio tava seco eu ficava livre ... mas tendo mercadoria o lucro a gente dividia.

116. Aí deu pra manter ... mas quando a coisa começou a apertar ... estudo ... farda ... aí ela teve que arrumar trabalho ... hoje é funcionária pública. Então tem duas filhas que já trabalham ... o rapaz trabalha também ... pra viver em casa com a família como pobre a gente vive.

117. Mas eu não penso só na minha família ... precisa fazer alguma coisa pelas famílias dos outros. Quando entrei no movimento ... no rio Ouro Preto tinha uma escolinha hoje tem sete escolas ... no Pacaás Novos tem escola há mais tempo ... tinha duas ... agora tem quatro ... no Cautário não tinha nenhuma escola ... ano passado tinha três. Então eu me sinto bem.

118. Em todas as reservas de atuação da gente já tem escola ... tem pessoas treinadas pra aplicar uma injeção ... fazer um curativo. Mas eu ainda não concluí meu pensamento que eu pretendo fazer aqui no movimento.

119. Agora ... tô cansando ... eu não acreditava que eu cansava ... mas as coisas tão pesando sobre a minha cabeça. Os companheiros não cresceram ... não tem criatividade ... então por mais que eu não faça tenho que estar dando idéia ... dando iniciativa pra quase tudo. Eu nem queria ser essa pessoa a fazer isso ... é uma situação muito difícil ... por isso que eu passo mais tempo fora de casa. É difícil porque primeiro você não consegue agradar a todos ... por mais que você esteja dando tudo de si ainda tem gente dizendo:

120. - Da pra fazer muito mais ... você não tá fazendo.

121. É muito mais cansativo ficar o dia inteiro numa reunião ... muita política e as discussão são altamente técnica e a gente tem dificuldade pra assimilar aquela discussão toda.

122. De que cortar uma estrada de seringa na serra subindo e descendo ... chega em casa cansado das pernas ... mas a consciência tá limpa ... é diferente de você ficar o dia numa reunião ... num seminário ... com bastante polêmica pessoas de nível superior

123. Essa rotina de ter que ir num órgão e noutro o dia inteiro ... almoçar na carreira porque tem que voltar duas horas. E o pior é que o retorno disso não aparece ... você fica o ano inteiro negociando uma coisa e muitas vezes nem consegue e quando consegue é só.

124. Eu confesso que nem eu mesmo sabia de uma história que eu considero muito importante que é a minha história ... até pra outras pessoas conhecer a vida da pessoa que vive na floresta ... que nasceu e se criou na floresta ... enfrentou diferentes modos de vida ... que nem eu que vivi uma parte no Amazonas ... onde se andava de canoa e o seringalista não ia deixar mercadoria na casa do seringueiro ... vi minha mãe carregar borracha nas costas pro meu pai pra não perder o dia de trabalho. A diferença de Rondônia que os seringalista tinha os animais de

carga e pessoas que chamava comboiero ... que cuidava dos animais e ia levar e trazer mercadoria e a borracha.

125. Mas eu gosto do que faço. O momento que eu me sinto melhor ... é quando estou nas bases conversando com os companheiros ... fazendo visita nas colocações. A parte chata é estar negociando com o Governo ... sentado tendo que tolerar conversa que só promete e não faz. Com o nível de consciência que tenho hoje ... eu sei o quanto é difícil negociar com esse pessoal ... eles prometem e depois não faz. E os companheiros que estão lá dentro acham que é fácil ... você chegar e pedir uma coisa e no outro dia ele dá de fazer. É por isso que eu perdoou as críticas dos companheiros ... eles realmente não sabem o quanto é difícil.

126. É impressionante ... eu lá na minha colocação de seringa ... eu tinha um mundo ... você aqui tem o mundo de forma diferente ... então a maioria das pessoas não entende apesar do rádio educar muito ... e da televisão já estar chegando lá no meio do mato.

127. Diferente da minha época que andava duas horas e meias na pernada ... no Jaci Paraná para ir pra casa de um vizinho ouvir rádio ... de sábado pra domingo pra ficar a noite assistindo rádio até a emissora sair do ar ... no domingo assistia um programa de melodias oferecidas na rádio RIOMAR ... é quando saía os bregas que a gente gosta. Quando dava três horas da tarde ... a gente deixava o rádio e a casa do vizinho.

128. Era um programa que o pessoal do Amazonas escrevia carta oferecendo música para namorado ... pra esposa. Então ... a gente ouvia falar de famílias que a gente conhecia.

129. - A família fulano de tal ... tá oferecendo a música pra fulana.

130. - Ah! Fulana é da família tal.

131. Na época não tinha a rádio Nacional da Amazônia ... a rádio Riomar era a emissora que cobria toda essa região. Depois que terminava ia embora pra casa aí ... **SÓ NO OUTRO SÁBADO** ... pra ter uma notícia.

132. Quando começou a ter mais rádios ... tem uma história do seringal Parati: o seringalista levou um rádio pra vender ... aí o camarada ouvia no rádio dos outros aquela rádio Riomar ... chegou pro seringalista e falou:

133. - Seu Miranda ... eu quero que o senhor traga um rádio pra mim ... mas eu quero que o senhor traga **UM RÁDIO RIOMAR**. E rádio Riomar era a emissora.

134. O camarada tava ouvindo o rádio ... quando terminava aquele programa que o radialista dizia:

135. - Amigos ouvintes boa noite pra vocês!

136. O camarada dizia:

137. - Boa noite também!

138. E desligava o rádio.

139. Teve outro caso também que o camarada comprou o rádio de um seringalista e uma carga de pilha ... o dia que acabou a carga de pilha ele pegou e devolveu o rádio pro seringalista:

140. - Mas esse rádio é muito bom ... não tá falando nada não?

141. - Não.

142. - Você não viu se é a pilha?

143. - Não ... eu não sabia que funcionava com pilha né.

144. Botou pilha nova e o rádio tava bom.

145. Então tem todas essas histórias que parece piada mas não é. Aconteceu gente de comprar rádio e quando acabou a primeira carga de pilha ... voltar pra devolver pro patrão porque o rádio não prestava mais ... ele tinha descarregado. E eu quando era menino ... me lembro que a primeira vez que vi um rádio assim do tamanho de uma televisão ... ficava olhando:

146. - Mas onde está esse cara falando?

147. A voz do cara saindo ... daí e eu olhava e pensava tá aí dentro.

148. - Só pode estar aí dentro esse cara.

149. Olhava por um lado ... olhava pelo outro ... levei muito tempo pra entender que o camarada estava falando muito longe dali ... eu achava que estava ali dentro.

150. Não contei tudo ... mas quase tudo das minhas histórias ... que são muitas ... são muitos anos de vivência ... a história do seringueiro já foi contada ... escritos muitos livros ... mas ainda tem muita coisa que ninguém sabe. As vezes eu fico pensando ... lembrando de algumas coisas que eu nunca vi escrito em livro ... eu tenho idéia de fazer um folheto sobre as simpatias mais usadas por seringueiro ... que quando a gente vivia mesmo naquele mundo que eu disse que nós tinha ... então tinha simpatia pra quase tudo: se cai um palha ... solta uma palhinha da biqueira da casa de repente ... sem vento sem nada ... aí a minha mãe dizia:

151. - Olha vai chegar gente estranha ... caiu uma palha daqui.

152. Se o homem tá ruim pra matar caça ... tá atirando e as caças estão indo embora ... tem uma história que mulher grávida come a carne da caça e se ficar muito tempo sentada empanema o caçador. Se a mulher passar por cima dos ossos então ... vige!

153. O homem seringueiro tinha muito preconceito contra a mulher. O meu pai de criação não admitia que a minha mãe passasse ... cruzasse por cima da espingarda dele ... por cima da linhada ... por cima da flecha ... **DEUS O LIVRE** ... se passasse por cima:

154. - Passa de volta já sua vaca ... que vai empanemar minha espingarda.

155. Quando isso acontecia do camarada ter ido pro mato e não matava ... e nem a Caipora ajudava ele tinha que fazer simpatia. Na hora que o camarada pegava a espingarda pra sair ... na época as mulher usava a tal de anágua ... a mulher tirava aquela anágua e saia batendo no camarada que era pra tirar a panema. **LAPE LAPE LAPE** ... e ela aproveitava pra tirar o atraso.

156. E essas coisas acho que pela crença que as pessoas tinha funcionava.

157. O camarada ia pro mato e quando vinha tava carcunda com o porco e o viado na costa.

158. - Ah! Ta vendo ... você tava era panema cabra.

159. Castanha de caju no bolso ou amarrado no tornozelo .. é pra arraia não ferrar.

160. Se cachorro espirra no terreiro ... vai chegar gente estranha.

161. Se a formiga ataca a casa do camarada. Tem a saca-saia que anda de bando ... porque quando ela ataca num camarada ela morde todo ... aí saca a calça mesmo ... ou saca a saia pra tirar. E se essa formiga passa a aparecer de vez em quando na casa do camarada ... significa que ele vai ter que mudar daquela colocação. Ela adora castanha ... as baratas ... aranhas ... tudo corre. Aconteceu em casa nossa ... a gente estava dormindo e acordou pelas mordidas dela ... mordeu a menina ... aí tivemos que correr sair mesmo de casa. E o remédio de expulsar ela é jogando água ... bateu água elas fogem ... aí corria buscar balde d'água. Mas se ela atacar várias vezes significa que o camarada tá correndo risco de ir embora dali.

162. Também tem simpatia usada até mesmo pra arma ... se a espingarda tá com o chumbo frio ... que é quando você atira numa caça e ela demora muito pra morrer ... tem que dar mais de um tiro no macaco ... alguma coisa assim ... o tiro pega e não morrer na hora o camarada diz:

163. - Não ... a espingarda tá com chumbo frio ... não tá matando na hora ... vamos curar a espingarda.

164. Pega uma lata ... bota pra ferver água pisa pimenta malagueta ... pega a vareta e um pedacinho de pano pra poder lavar o cano. Olha! Tanto fica matando rápido como colocando muito sangue ... você só acredita se ver ... espingarda minha ... eu atiro no macaco ... antes dele cair o sangue estalava na folha embaixo. Sabe qual é a simpatia que eu fazia? Quando eu matava uma caça dia de sexta feira ... encostava a boca da arma no buraco do chumbo três vezes ... não precisa fazer mais do que isso não ... espingarda que não bota sangue é só você fazendo isso. Que o sangue é pra poder encontra a caça quando corre ... se não coloca sangue fica difícil seguir ... muitas vezes se a folha tiver seca ... a terra tiver dura não dá pra ficar rastro ... mas se tem a trilha de pingo de sangue ... você vai atrás até encontrar pra dar outro tiro.

165. Mas antigamente a relação com os índios era terrível ... o índio era o maior inimigo do seringueiro ... e o seringueiro o maior inimigo do índio ... como eu falei antes a gente tinha um mundo na nossa cabeça ... então achava que invasor era o índio ... na cabeça do seringueiro o índio que era o invasor ... o índio é que tinha que se mandar e ir pro centro da mata ... ir pra longe e deixar ali pra gente. O seringalista dizia que só acreditava que tinha índio no seringal dele se o seringueiro chegasse com a orelha de um. Então gerava conflito ... e os índios vinham pra defender seu território e matavam ... como houve muitos crimes bárbaros ... do índio matar uma família inteira de seringueiro.

166. Quando acontecia um caso desse gerava revolta ... o seringalista mobilizava a expedição ... pegava 15 - 20 homens armados até os dentes ... e um mateiro bom pra procurar a aldeia pra matar tudo.

167. Tinha a estratégia de atacar os índios às seis horas da manhã ou seis da tarde que tava todo mundo em casa. Quando os índios começava a sair ... em cada boca de caminho ficava dois vigia que atiravam.

168. Alguns índios que reagiam ... jogavam flecha contra aquele que tava atirando. Depois de matar muitos ... roçavam a roça dos índios ... eles sempre tiveram milho e mandioca ... e tocavam fogo nas casas que era pro índios irem embora.

169. Tinha grupo de índio que quando tava vendo que iam morrer todos: se entregavam. Ao invés de fugir pra mais longe eles se entregavam no barracão pedindo paz ... isso aconteceu aqui no São Luiz ... no Ribeirão ... no Jaci.

170. Hoje tenho a compreensão ... de que o índio estava defendendo o direito dele. Hoje a gente vive bem.

171. Hoje a gente teme menos na várzea do que na terra firme onde não alaga ... na várzea tem gente que nem usa arma ... sai três horas da manhã sem usar arma ... já na terra firme você respeita mais ... acha que é mais possível encontrar com uma onça ... um outro animal selvagem. Você acaba tendo muito medo ... se você não vê uma onça e você escutar de repente ... você tá na estrada e ela começa a esturrar ... que treme a terra debaixo dos teus pés ... aí você fica achando que vai encontrar com ela a todo instante ... de repente vem um barulho **BLAQUE** ... olha e é uma onça ... mas ela esturrando dá tremidez mesmo ... a onça esturrando com cem metros distante de você ... não sei o que é mas a terra treme assim debaixo do teu pé ... arrepia os cabelos do camarada ... precisa ser muito macho pra não ficar arrepiado e voltar pra casa.

172. Eu já matei uma porque a cachorra acuou ... tive que matar pra não matar a cachorra ... foi de revólver não foi nem de espingarda ... dei cinco tiros nela ... mas não é que eu acertei os cinco tiros ... é que eu errei quatro e só acertei um. Eu não sou muito vedô de onça não. Em casa o sobrinho do meu padrasto todo mês via onça no mato ... ela tava andando na minha estrada ... eu começava a andar ... e ela deixava de andar e de berrar. Mas ele não ... aqui e acolá ... chegava contando história que tinha visto uma onça ... que a onça tava sentada no meio do caminho.

173. Onça é o animal que seringueiro mais respeita ... ela é muito traiçoeira ... e sutil ... a onça pisa **MUITO LEVE** na folha e se esconde detrás de qualquer coisa ... eu por exemplo ao cortar uma seringueira no baixo ... tinha o maior cuidado ... principalmente quando trabalhava de madrugada. Dava uma olhada ... se tiver uma folha de uma palmeira qualquer ... patoá ou babaçu ... ela fica ali de baixo.

174. Aconteceu no Amazonas quando eu era menino ... uma onça comeu o seringueiro ... pulou nele ... ele tava com a espingarda a tiracolo ... onde cortava a seringa tava bem baixinho a vinte centímetros da terra ... então pra dar aquele risco ele tinha que se abaixar ... pela posição do risco ... que tava cortado até a metade ... foi quando a onça pulou na costa dele ... e comeu todo. Ele não teve força de jogar ela fora ... morreu com a espingarda perto.

175. Ele levantou várias vezes com ela ... tava a quebradeira no meio do mato. Próximo a seringueira tinha uma decida muito grande ... aí ele saiu bolando com ela que ficou assim um esfolado no mato danado ... tudo revirado. Quando passa a hora do camarada chegar em casa ... os outros vão atrás ... acham que o camarada adoeceu. Também aconteceu muitos casos da cobra

morder o camarada e ele ficar sem enxergar ... ou levar uma estrepada e cair lá no mato até outro socorrer ele.

176. Chegando lá entraram ... por uma perna tava cortada ... entraram pela outra não tava ... ele só cortou 17 seringueira. A onça come primeiro o coração ... o fígado o bofe ... abre o peito do camarada como se tivesse uma faca ... e cobre com um monte de folha. **PARA ELA É UMA CAÇA QUALQUER** ... igual as outras.

177. Deram quatro tiros e mataram ... levaram o couro e o queixo para Canutama ... e a mão pra família do rapaz.

178. Quando eles foram procurar ... que viram esbagaçado ... a primeira coisa que encontraram foi o quengo da cabeça dele ... foi o primeiro que ela comeu quando matou ... ela quebrou toda a cabeça dele ... depois arrastou ele pra mais adiante e cobriu de folhas que puxou em volta. O meu padrasto contou que tava uma ruma de folha ... que dava mais de metro de altura ... pra outros animais não achar. Armaram rede ... se treparam e fizeram uma simpatia pra poder matar: quando você encontra uma caça que a onça pegou ... e quer matar ela ... tem um cipózinho no mato que a gente chama tracoá ... açoita o corpo do animal com o cipó ... bota em cruz e mija em cima ... rapidinho ela volta pra comer mais ... dizem que ela enjoa ... vomita o que tá na barriga ... dá fome e vem comer mais. **ISSO É VERDADEIRO ... PAREÇA LENDA MAS É VERDADEIRO** ... tem que subir muito rápido pra se esconder ... aí espera pra matar ... porque ela não demora muito tempo pra voltar pra comer ... aí mata.

179. Quando se cortava seringa de madrugada era pior a situação. Eu casado com uma menina de 14 anos ... mulher bem novinha ... duas horas da madrugada o despertador tocava **PRRRRRRRIMMMMM** ... e eu tinha que sair da costela ir pro meio do mato

180. - Puta merda! Já deu duas horas da madrugada.

181. Era ruim mas era o costume da gente né ... porque dava duas voltas na estrada ... uma para cortar e outra para colher o leite ... chegar e ainda defumar ... que na época tinha que defumar ... depois que entrou essa nova borracha CVP a gente ficou malandro ... seringueiro ficou preguiçoso

182. Batia duas ... três horas da tarde em diante ... você via o fumaceiro no rio ... chegava numa casa sabia que o cara tinha trabalhado aquele dia por causa da fumaça. Hoje em dia de 11 horas em diante ... você chega o cara tá debruçado ... camisa no ombro ... parece que ele nem foi trabalhar ... porque ele dá só uma volta ... e no próximo corte é que vai tirando o coalho da tigela. Naquela época tinha que cortar ... chegar mais cedo pra dar tempo de dar outra volta colhendo o leite. Tinha que sair de madrugada.

183. Tinha alguns colegas que levantavam uma hora da manhã ... chegava do mato cinco horas da tarde e ia terminar de defumar o leite sete oito horas da noite ... só tinha tempo de jantar ... tomar banho e dormir de novo. Agora depois que começou essa borracha ficou mais tranqüilo. Mas a seringa não é bom cortar tarde ... porque enquanto tá frio ela tá escorrendo ...

esquentou o tempo ela coalha aquela fitinha e tampa aqueles porozinhos do leite ... por isso que ele exige do camarada sair mais cedo ... escorre mais leite na tigela.

184. Sair no meio do mato à noite sozinho é meio esquisito ... eu nasci e me criei assim na floresta vivendo no mato ... mas tinha dia que eu escutava canto de pássaro que eu nunca tinha visto ... coisas estranhas ... **A MATA É MUITO MISTERIOSA.**

185. Porque acontece coisas incríveis ... a gente nasce e cresce vivendo no mato e ainda tem pássaros que a gente não consegue identificar ... andando à noite ouve uns ruídos estranhos que não tá acostumado a ver. É muito misteriosa!

186. Alguns se assombravam ... eu não sou de vê assombração ... nunca vi na minha vida mas eu parava e ia ver o que era ... era o vento ... um galho esfregando no outro **...** alguma coisa assim. Quem não tem paciência quando vê isso já corre ... diz que é visagem. Agora também não me incomodava com as coisas estranhas que eu ouvia ... se ouvia um negócio diferente dizia:

187. - Bom ... não tá no meu caminho.

188. Eu não jogo piada nem nada ... minha avó e minha mãe contavam história de assombração ... de pessoas que mexia com coisas no mato ... xingava e depois acontecia de se assombrar. Aquilo que não conheço não mexo ... é uma das coisas que a minha mãe me ensinou ... e tem funcionado até hoje. O que eu ouvia de estranho no mato dizia:

189. - Bom ... se está no mato é dele né ... eu é que não devia estar aqui.

190. Acho que na Amazônia tem centenas de pássaros que nunca foi identificado ... porque a gente que vive no mato já ouviu muitos ... tem cantos conhecidos que a gente coloca os apelidos ... aqui e acolá a gente ainda ouve **MUITOS** ... que não sabe que bicho é nem nunca conseguiu ver.

191. Tem muita gente que viu Pai da Mata ... que viu Caipora ... Caboclinho. Dessas histórias todas o único que eu acredito na existência é o Caboclinho ... como nós caboclo amazonense chamamos. Aqui em Rondônia nunca vi ... mas quando nós morava lá no interior ... do Amazonas aconteceu muito de cachorro apanhar ... você escuta o barulho ... o cachorro ficar embolando sozinho como se tivesse alguém batendo nele ... gritando e você não vê nada e isso eu ficava morto de medo ... corria pro colo da minha mãe ... porque diziam que era o Caboclinho. Ele assobiava **Fiiiiiiiiiii** ... mas como dizia os mais antigos que conheciam o negócio:

192. - É o Caboclinho assobiando.

193. - Quer ver como o cachorro vai apanhar?

194. Que ele não gosta de cachorro ... daqui a pouco tava o cachorro gritando ... **CAIAM ... CAIAM ... CAIAM** ... danava o bichinho correndo ... apanhava mesmo. Isso eu vi quando era menino meu pai de criação dizia que o apelido desse batedor de cachorro era Caboclinho.

195. Mas também o Caboclinho avisava ... quando um bando de queixada tá por perto ... então se ele tava assobiando pra li a turma dizia:

196. - Olha! Os queixadas tá pra cá ... porque o Caboclinho tá assobiando pra cá ... tá adivinhando caça.

197. Sou meio descrente ... mas sei que existe. Tinha conhecidos antigos de ter história de negociar com a Caipora ... trocar cigarro por uma caça. Então chegava lá no mato ... na estrada de seringa e colocava o cigarro:

198. - Caipora tá aqui um cigarro pra você ... pra você me dá um viado.

199. Tinha deles que acreditavam ... deixava o cigarro e poucos minutos depois ... matava um viado ou um porco. Negociava com a Caipora.

200. O Caipora é um dos vigias da caça ... alguns contam que viram ele montado em cima de um porco. Teve época que o seringalista comprava pele de caça ... então tinha gente que matava não só para comer ... mas com a intenção de tirar o couro para vender ... com isso ... apareceu a lenda de gente viu porco andando sem couro.

201. Tem lenda que diz que era uma velhinha que adorava fumar ... então por isso que ela dava um do rebanho dela em troca do cigarro. Quem é chamado de Caipora por nós no interior é quem fuma muito ... quando alguém diz:

202. - Pô! Tu é uma Caipora.

203. É porque fuma muito.

204. Agora tem a história da Mãe da Seringueira ... tem seringueiro que diz que viu a Mãe da Seringueira ... assim do camarada cortar ruim a seringueira ...

205. cortar no pau e a Mãe da Seringueira chamar a atenção do cara.

206. Entre os seringueiros tem aqueles que tiram mais leite do que outros ... então os camaradas quando viam um tirador bom de leite ... diziam:

207. - Esse cara tem pauta pra cortar seringa.

208. O seringueiro usa entrar na estrada de seringa pela perna direita ... que ela faz um círculo e volta ... tem um ponto onde abre que a gente chama boca ... onde tem a primeira a seringueira. A gente corta a estrada de seringa entrando pela perna direita ... fechando pela esquerda. Ensinaram pro meu pai de criação que para encontrar com a Mãe da Seringueira ... tinha que cortar a estrada as avessa num dia de sexta feira ... pra chegar no rodo da estrada ... na metade do percurso à meia noite ... e lá encontrar com a Mãe da Seringueira ... fazer a pauta e tirar muito leite.

209. Quem conviveu muito tempo no mato ... sem relógio ... consegue perceber que é meia noite. Os pássaros param de cantar ... os gafanhotos ... fica tudo um **SILÊNCIO SILÊNCIO** ... você sente uma mudança total na floresta ... aí percebe que é meia noite ... como ele fez um cálculo sabia quantas horas ele gastava cortando seringa pra chegar no rodo da estrada.

210. Aí meu padrasto diz que um dia tomou umas cachaças ... não sei se ele não encontrou porque ela não gosta de bêbado ... aí ele disse:

211. - Hoje eu vou encontrar com a Mãe da seringueira ... fazer uma pauta pra tirar muito leite.

212. A idéia de tirar muito leite é pra poder fazer muita borracha. Aí foi ... sai na boca da noite de casa ... significa de sete até nove da noite ... para chegar no rodo meia noite ... e quando ele chegou lá no rodo da estrada gritou:

213. - **APAREÇA MÃE DA SERINGUEIRA ... APAREÇA**.

214. Chamou que enjoou e não apareceu ninguém.

215. Agora é muito animado o amanhecer ... o amanhecer no meio do mato uma verdadeira festa ... canta pássaro ... macaco de todas as espécies assobia ... os Garibão gritam ... **UMA FESTA** ... o pássaro comemora mesmo o amanhecer do dia.

216. O meu pai de criação conta coisa estranha ... que tinha um cara que grita no meio do mato ... grita: **UUHHHHH**

217. Pouca gente viu o Mapinguari ... agora só que tem uma lenda ... que o Mapinguari não cruza água ... então onde é possível escutar o grito dele é terra firme ... um chapadão de terra onde não tem igarapé.

218. Meu pai de criação diz que perto de Canutama ... num acampamento pra quebrar castanha . ... Estavam 12 homens numa ponta de terra ... quando chegou a boca da noite e escutaram um grito ... **LONNNNGE** … com um pouco mais veio gritando ... veio gritando e quando chegou pertinho ... naquele tempo todo mundo vivia bem armado ... tinha espingardas boas ... bastante munição ... os doze homens pegaram as espingardas e disseram:

219. - Não ... ninguém vai correr não ... isso é o Mapinguari.

220. Bateram de mão na espingarda ... e o camarada veio gritando ... e quando chegou no acero do barraco ... desapareceu ... não gritou mais ... quando foi gritar já estava muito longe ... nessa noite ficou todo mundo assombrado. Meu pai de criação não era camarada de contar mentira. O Mapinguari só morre se atirar no umbigo ... onde tem uma mancha de cabelo ... o retrato falado dele diz que tem um olho no meio da testa ... tem forma de homem só que é cabeludo e tem o pé muito grande.

221. E por hoje chega de história.

PAULO NUNES

1. Minha vida quando consigo me entender tinha cinco ou seis anos de idade ... foi quando meu pai subiu com meu tio a mamãe e os meus irmãos ... no Alto do Rio Cautário onde hoje é a reserva indígena dos Urueu-Au-Au ... antes era seringal ... onde só morava seringueiro e índio bravo.
2. Era difícil o acesso. A gente saia de Guajará-Mirim e passava oito dias subindo de motor ... rede atada no barco e tudo. Chegando no depósito Bom Destino a gente pegava um comboio ... animais que bota as cangalhas em cima e andava seis horas num varador. Neste trecho pelo rio não dava porque tinha sessenta e cinco cachoeiras ... tinha a Cabeça do Cachorro ... o Rabo do Cachorro ... a Sovaco da Velha ... não passava barco nenhum ... era um penhasco que a água cai ali empinado formando aquele buraco ... é muito parecido com as Cataratas do Niague ... então o único acesso era por terra pra chegar no depósito Redenção. Passamos por serras e muitos locais bonitos que não tive oportunidade de passar depois de adulto ... tipo o que vejo pela televisão e até cheguei a presenciar na Chapada dos Viadeiros em Goiás: penhascos muito altos ... caindo água daquela imensidão de altura. A coisa mais linda produzida pela natureza.
3. Chegando no Redenção pegava um barco e viajava um dia até o Tombo Grande que era outro depósito. Chamavam Tombo porque era o local de onde caí água lá de cima. Por lá não passava barco ... tinha que descarregar novamente a canoa e passava pro lado de cima ... pegava outro barco e continuava navegando.
4. Acima do Redenção tinha um afluente onde meu pai trabalhou como gerente ... pois o primeiro gerente foi embora com medo dos índios. Lá acabou todo o rancho porque no período do verão não tem como a gente navegar no rio ... só no inverno que anda ... por isso a gente ficava comendo aquele arroz velho estragado que não tinha nem gosto ... comia porque era o jeito. Sem açúcar sem café sem nada até chegar um nova remessa de mercadoria no próximo inverno.
5. No seringal já perto do rio Tiradentes ... na margem esquerda ainda do Cautário ... meu pai reabriu a colocação Bom Sossego junto com os mateiros do patrão onde trabalhamos um fábrico.
6. No ano seguinte o gerente tinha pedido as contas do depósito São Sebastião ... um dia acima de onde nós estávamos morando e meu pai então passou um ano como gerente do depósito ... foi onde a natureza semeou pium ... borrachudo e vários outros insetos peçonhentos da mata.
7. Independentemente disso era muito boa a morada. Por causa do pium eu e os meus irmãos criamos outro couro. O pium ferra tanto que abusa ... sunga tudo o que quer ... eu ele já não ferrava mais porque minha pele era diferente.

8. Meu pai não era sozinho ... na época tinha um irmão dele que ajudou a criar a gente desde pequeno. Estivemos antes num seringal com o Pontes de Aguiar que era o patrão dentro do rio Cautário ... só que essa história eu conto por que mamãe contava ... já não lembro eu era bem mais pequeno.

9. Meu pai saiu no final de 72 e fomos ao Bom Destino ... porque tava começando a aparecer índios nas colocações ... era um seringal virgem que tava sendo aberto.

10. Em algumas linhas no centro onde é conduzido o transporte em costa de animal eles tapavam a estrada do seringueiro ... botando galhos cruzando flechas ... jogando a tigela da seringa fora. Meu pai preocupado achou por bem vim pra Bom Destino. Esse já era o segundo ano que estávamos no seringal sem baixar ... mas ficamos na colocação Bom Sossego cortando seringa. Pagamos tudo que devia e tiramos um saldo ... nem lembro o nome da moeda ... não sei se era cruzeiro ou o que ... afinal das contas o país de primeiro mudava a moeda que nem cobra muda de couro.

11. Então nós baixamos remando na nossa canoa. Lá do Alto Cautário veio pescando ... ele costumava pescar todo final de ano quando terminava o fábrico ... chegava em Guajará com bastante peixe ... 500 - 700 quilos pra vender.

12. Foi até o escritório com a conta corrente ... mas foi enganado pelo Moisés Benesbi que hoje é deputado federal. Ele não quis pagar o saldo do meu pai porque o gerente perdeu o toco da conta corrente e aquele saldo poderia ser negativo ... **NUNCA PAGOU A GENTE**.

13. Meu pai vendeu todo o pescado que tinha ... foi o que ajudou até encontrar outro patrão para tirar o abono novamente para subir o rio.

14. Quando voltou alguns anos depois ficamos em Guajará-Mirim ... meu pai pescava e vendia. Passado algum tempo fomos para a Bolívia quebrar castanha no Rio Azul.

15. A sede do seringal era em Porto Moré no lado boliviano do rio Guaporé. Pegamos um carretão de duas juntas de bois com roda de madeira até o local do castanhal onde íamos trabalhar. A gente saia às seis horas da tarde porque não podia viajar durante o dia devido ao calor ... com sol muito quente os bois não agüentam é perigoso até morrer ... viajamos duas noites ... durante o dia a gente parava ... porque era só campo da natureza é coisa muito grande ... não tem mato ... é só aquele deserto feito de capim pela natureza ... onde os caboclos bolivianos tiram os rumos nas trilhas e descobrem as ilhas de castanha.

16. Nunca vi tanta castanha ... os galhos das árvores de castanheira emendam uns com os outros ... tem pouca mata e quando vê é só castanheira ... onde extraímos o necessário de castanha pro meu pai pagar o que devia.

17. Depois ficamos mais abaixo na margem desse rio ... meu pai batizou o local por Canto da Fortuna porque era muito farto de caça e peixe ... a terra era muito boa pra plantar e nós sempre acreditamos que fortuna é isso ... muito alimento. Não tinha roupa nem dinheiro mas tinha o que comer bastante. Foi onde passamos o resto da invernada trabalhando com lavoura branca.

18. No início do verão colheu tudo que tinha plantado e continuamos a jornada de peregrinação porque a gente não tinha paradeiro. Saímos do rio Azul e fomos para o rio Guaporé trabalhar do lado do Brasil. A fonte de renda era só pesca: meu pai pescava salgava e vendia ... era esse o trabalho do dia a dia.

19. Na época a fonte de renda era muito grande ... o vale do Guaporé inteiro produzia borracha e ela dava muito dinheiro. Como a gente não cortava seringa tinha que pescar. Muita fartura ... muito peixe ... muito pássaro ... não conto de caça porque nós nunca matemos caça nesse local.

20. E de lá saímos novamente ... antes do rio alagar pegamos o barco e baixamos o rio. Chegamos em Guajará-Mirim e novamente vendemos o peixe ... a mesma história **COMO SEMPRE**.

21. Meu tio tomava alguma cachacinha e arrumou um amigo que cuidava de um sítio ali no Lago das Garças e lá pra dentro tinha um assentamento de colonização e um sítio grande. Ele perguntou se meu tio não queria ir pra lá. Ele mais meu pai foram ver ... se agradaram do local e fomos. Nós tínhamos um motorzinho de dois e meio HP Montegomerino ... naquela época quem tinha motor vivia bem de vida ... o primeiro motor Montegomerino em Guajará foi do meu pai.

22. Fomos pra esse sítio e moramos 75 - 76 ... meu pai era meeiro ... arrancava mandioca botava na água ... torrava e fazia farinha de meio com o dono da roça o Seu Américo. Passamos dois anos botando roça e tudo ... aí ele vendeu o sítio ... até hoje esse sítio é do meu pai. Ele ia requerer só que eu disse que não vale a pena ... tem uma pessoa trabalhando lá que talvez precisa até mais do que a gente ... acho que não vale a pena ficar brigando por terra. Como dentro da reserva tem terra pra gente morar o suficiente ... não precisa ficar tomando de quem não tem.

23. Meu tio morreu em 77 quando nós ainda trabalhava no Lago das Garças. Ele com o corpo quente ... trabalhando mais meu pai ... foi e cruzou um igarapé de água de fria ... ai sentiu alguma coisa no corpo e já começou a doença ... deu febre forte e perdeu o apetite ... não comia mais ... meu pai levou ele pra Guajará-Mirim ... passou 30 dia internado e escarrava umas coisas esquisita ... não teve como ficar bom no hospital ... teve que morrer e **MORREU**!

24. Foi muito difícil pra gente que era muito acostumado com ele. Meu pai ficou um pouco desorientado ... praticamente ele era e as oiça do meu pai depois que ele ficou moco ... tudo que tinha que ser feito era através dele. Ele é que explicava ... conversava com as pessoas ... quem tomava a decisão era meu pai ... todo tipo de acordo era transmitido através dele. Meu pai ficou desorientado ... ficou de luto um ano sem tirar a barba ... foi um fracasso na nossa vida.

25. Viemos pra Guajará-Mirim ... eu e os outros meus irmãos nos matriculamos ... estudei esse ano de 77 ... fiz o primeiro ano e passei pro segundo. Aí nós viajamos ... meu pai tirou um abono com o Miranda Cunha de mil cruzeiros ... e fomos pro seringal Canindé no rio Cautário **NOVAMENTE.**

26. Ficamos lá durante o inverno e meu pai trabalhava na roça ... muito pium ... muita praga ... tinha que botar um mosquiteiro na cabeça pra poder trabalhar ... era tanta praga que entrava dentro da vista e dos ouvidos.

27. Quando chegou o verão no mês de junho ... fomos pra colocação Poção onde passamos um fábrico. Como nós não conhecíamos a colocação tudo era muito difícil ... tinha até que roçar a estrada e nós era pequeno não sabia cortar seringa ... não tinha como ajudar meu pai ... ele saía uma hora da manhã pra cortar e quando amanhecia o dia a gente ia colher ... até que fomos aprendendo ... só que a gente maltratava muita a seringa ... riscava de um lado e de outro ... cortava no pau ... trabalhava muito e produzia pouco. A seringa você tem que saber cortar se não ... não produz nada. Como tinha iniciado o corte naqueles dias a produção dele foi pouca e o gerente cortou o rancho ... disse que ele teria que produzir mais.

28. Meu pai nunca trabalhou sob pressão e sempre foi um pouco violento. Na mesma hora fez um calhapo cortando alguns rolos de pau que bóia e chegamos no depósito.

29. Meu pai foi lá e o Chico Carantino ficou escondido durante três dias dentro do armazém ... meu pai quis arrombar a porta aí ele saiu ... queria que meu pai ficasse na roça pra pagar a conta. Meu pai não ficou ... pegou rancho e uma chata no porto ... ele entregou forçado o rancho pro meu pai. Ele era um pouco agressivo mas naquela situação estava dentro da razão dele. Aí nós baixamos o rio à deriva.

30. Chegamos mais em baixo e pegamos a canoa do Cigano que tava na casa do Zé Nunes ... que era mais pequena que a chata ... colocamos nossas coisas dentro ... continuamos e chegamos na Primeira Terra onde encostamos. Tinha uma professora muito boa ... pediu que a gente ficasse e que matriculasse eu e meus irmãos na escola pra gente estudar. Fiquei ... meu irmão mais velho e meu pai voltaram de remo ... subindo o rio até o Lagarto Cocho ... onde pescaram bastante e salgaram e eu estudando **DIRETO**.

31. Antes ... eu estudei dois anos no Lago das Garças e um mês na Primeira Terra por isso que consegui aprender alguma coisa ... mas meu irmão nunca teve oportunidade de estudar ... ele era muito rebelde ... não procurava se dedicar a estudar. Ele queria brigar ... aprontar ... ele sempre foi assim ... hoje depois de homem é uma pessoa legal.

32. Continuamos ... pegamos o reboque e fomos com direção à Guajará-Mirim ... meu pai vendeu o peixe todo que tinha ... ficamos algum tempo e eu me matriculei no colégio Paulo Saldanha.

33. Eu pulei ... a história é assim: na época do Lago das Garças meu tio morreu e não deu pra estudar quando viemos do Cautário ... ficamos um tempo muito curto em Guajará-Mirim ... foi aí que eu me matriculei pra estudar ... mas antes disso já tinha estudado dois anos lá na Colônia do Lago das Garças ... aí sim eu passei do primeiro pro segundo ano.

34. Não sei porque ... os outros alunos ganharam papel pra prova e eu não ganhei ... estudei mas não fiz prova. A professora Nízia não considerou. E com a outra professora consegui aprender ... então fiz novamente o primeiro ano em Guajará no colégio Paulo Saldanha.

35. Em 79 meu pai tirou um abono com o Renato ... filho do Manuel Lucindo e veio pro Pacaás Novos. Fiquei na cidade pra estudar na casa de um vizinho mas não me dei muito bem ... meu irmão veio uns cinco meses depois ... eu não agüentei de saudade dos irmãos e da minha família ... voltei pro seringal ... parei os estudos. Minha irmã ficou ... como nunca acompanhou a gente para o seringal essa conseguiu estudar. Eu por teimosia não quis ficar não consegui.

36. Nessa época o velho Lucindo já não podia mais tocar o seringal e dividiu com os filhos ... deu um pedaço pro Renato ... outro pro Adão ... outro pro Sebastião e outro pro Louro cá embaixo onde nós trabalhamos dois anos.

37. Em 80 meu pai trabalhou de gerente no depósito do Renato ... e nós trabalhávamos de toqueiro. Meu pai explorou praticamente o seringal todo ... reabriu todas as antigas colocações que estavam fechadas ... porque vira tudo virgem de novo e a mata cobre ... que você tem que reabrir **TUDO DE NOVO**.

38. E meu pai trabalhava como gerente ... despachava mercadoria ... pesava borracha no final de mês ... tirava talão ... registrava o que a pessoa compra para saber quanto cada seringueiro devia. No final do ano o gerente sabia se tinha ou não condição de pagar a conta ... aí é que vem o processo de observação ... se tem que cortar o rancho ou não. Se o camarada tá comendo mais do que está produzindo ... o gerente vai e começa a dar corte: se come 30 quilos de farinha no mês baixa pra quinze ... que no seringal consome muita farinha ... de seis latas de óleo baixa pra três ... enfim vai graduando a despesa dele ... chega ao ponto do camarada levar cinco quilos de farinha uma lata de óleo ... corta radicalmente pra ver se no final do ano tinha condição de pagar a conta pro patrão.

39. Era esse o sistema que os patrão tratava os seringueiros: comia pelo que produzia ... se produzia bem comia bem ... se produzia mal comia mal.

40. Meu pai fazia também o trabalho de comboieiro ... transportava a borracha do centro pro pátio do barracão. E eu trabalhei de capanga pro Alfredo ... mas não me dei muito bem e fui trabalhar com o Sabazinho. Terminou o ano ... passou aquele verão ... começou o inverno aí meu pai teve que sair da gerência. Fomos para o seringal do Adão Fandinho ... mas tinha dado uns furacão fortes ... tinha destruído a estrada de seringa onde nós fomos ver ... economicamente não era viável ficar ali porque não ia conseguir pagar e nosso rancho ia ser cortado **COM CERTEZA** ... então baixamos para a colocação Cabeça de Onça ... voltando novamente no seringal do Renato.

41. Era 82 ... no final do fábrico viemos pra Guajará com bastante peixe ... o Sebastião irmão do Renato pediu pro meu pai que fosse trabalhar de gerente pra ele em outro seringal lá na Cachoeira ... no último depósito que tinha dentro do Pacaás Novos ... seis dias rio acima.

42. Meu pai foi gerente lá durante seis meses ... saiu e fomos pra Boca do Cinzento ... última colocação dentro do mesmo rio ... último morador isolado ... até índio tinha. A gente descobriu porque meus irmãos sempre gostava de caçar e descobriram os castanhais que tinha na colocação ... não pra quebrar e vender mas pro alimento porque a castanha é um alimento

muito nutritivo. Chegava debaixo da castanheira e não tinha ouriço nem quebrado ... via a marca do ouriço quando caí no chão ... mas ninguém sabia o que era e um ex-seringueiro de lá ... disse:

43. - É que todo ano os índios tira castanha dali ... eles carregas os ouriço todinho em paneiro ... pra quebrar na maloca ou em algum local mais isolado ... porque sabia que ali podia aparecer alguém e ver eles.

44. Só que graças a Deus nunca nos perseguiu.

45. Aí eu tive um problema com meu pai ... ele era meio grosso e desentendi com ele ... disse que ia embora ... naquela época eu tinha 16 anos.

46. Uma canoa nossa tinha ficado aqui no Poção perto de Guajará-Mirim e meu pai disse:

47. - Você vai e traz a canoa ... vem de reboque com o Cláudio.

48. Cláudio era o motorista do patrão.

49. Eu fui e disse:

50. - Pôxa ... não tô me dando bem em casa ... vou aproveitar que saí e vou me embora ... dar uma volta pelos outros seringais.

51. Fiz uma cartinha com o pouco que tinha estudado ... e mandei de volta pro meu pai que sabe escrever e ler muito bem ... não escuta mas lê e escreve muito bem ... mandei pra ele contando porque que eu tava indo pra outro seringal.

52. Junto com o José Felipe e o Florisvaldo ... uns colega lá do seringal tiramos abono e fomos para o Branco do Milton Santos ... acima do Pau D'Oleo ... dá doze dias viajando dia e noite de motor. O Felipe disse:

53. - Rapaz ... quer ir comigo eu te dou dinheiro.

54. Ele me deu oito mil cruzeiro em dinheiro e eu fui ... inexperiente nunca tinha saído de casa ... naquele tempo lá só ia mesmo o barco deixar os seringueiros e voltava no outro inverno um ano depois pra pegar quem tivesse saldo pra baixar ... quem não tivesse ia ficar e continuava a pagar a conta ... isolado mesmo ... muito longe. Chegou lá eu não quis trabalhar de capanga com o Felipe ... eu disse:

55. - Felipe é o seguinte: não vou trabalhar com você ... eu vou trabalhar por conta própria.

56. Ele disse:

57. - Você que sabe ... não tem problema nenhum trabalhar por conta.

58. Eu trabalhei durante o inverno ... em fevereiro de 83 cheguei no depósito Colorado ... passamos o mês sem fazer nada ... rede armada ... deitado dormindo e comendo ... aí eu perguntei ao gerente se não tinha o que fazer ... eu queria trabalhar ... eu não queria ficar daquele jeito ... os meus colegas não tavam muito preocupados com o trabalho porque ... o caso deles era a seringa ... mas eram pessoas muito trabalhadoras. Trabalhei um mês no pátio do barracão ... o patrão ia pagar mil e quinhentos cruzeiros a diária ... o dinheiro mudava todo tempo ... a moeda não era de nada.

59. Houve uns trabalhos para transportar castanha em barrica ... levar os seringueiros para as colocação ... trabalho de barqueiro e ajudei a abrir duas colocações lá dentro do igarapé Preto

e do Colorado. Nesse ano a reserva indígena daquele rio tava sendo demarcada pelo Exército ... enquanto eles demarcavam a gente cortava ... não tinha problema a gente lá dentro. Fiz 65 diárias no período do inverno.

60. Aí dividi minha conta com o Felipe ... fiquei com 60 mil de abono e ele com 60 ... eu comprava meu rancho e ele o dele. Fui pra uma colocação com o Florisvaldo e com o Antônio Castro ... mas lá não deu seringa pra nós tudo ... só deu seis estrada. Tive que vim pra onde tava o Felipe ... com quem eu tinha dividido o abono. Onde eu limpei três estradas pra mim ... rocei e trabalhei até outubro ... adoeci e fiz só 620 quilos de borracha. As minhas diárias não foram consideradas ... todo início de fábrico o patrão faz um balanço ... de quanto o seringueiro entrava devendo ... mas as minhas 65 diárias não entrou. Reclamei ... cheguei e conversei:

61. - Rapaz eu tenho tantas diárias.

62. Ele disse:

63. - Olha se você não anotou no caderno as suas diárias ... eu não notei ... você vai ter que me trazer anotada.

64. Eu disse:

65. - Não ... assim eu não aceito!

66. Ele me enganou ... não botou nenhuma diária ... desses 620 quilos ainda tirei 88 mil de saldo ... era muito dinheiro. Em outubro nós fomos no barracão ... meu amigo bebia muito cachaça ... era muito briguento muito violento ... arrumou uma briga com o Edgar que era o aviado ... e se mandou rio acima de pés. Foi parar numa cidadezinha que tava se formando na margem do rio Branco. O Florisvaldo também brigou ... teve uma desavença com o vizinho e foi pra onde nós estávamos ... aí desencabeçou a gente mais o Amaro.

67. - Vamos embora?

68. - Vamos!

69. Fomos no barracão e mandamos bater a nossa conta corrente ... peguei meus 88 mil e o Felipe tirou 120 mil de saldo. O patrão conduziu a gente até a fazenda da Dona Rosa ... de lá a gente tinha que vim por terra porque pelo rio só tinha acesso no inverno ... não saia por causa da colcha que tem muita no verão ... tem tanta que você anda no rio por cima dela. Na verdade são os pastos aquáticos que crescem em cima da água e se estende no rio. Como no verão o rio corre pouco elas conseguem emendar de um lado pro outro e de canoa não tem acesso de jeito nenhum. Com a chegada das águas no inverno ... arrebenta aquelas colchas e dá acesso pros barcos passar. Por isso tinha que ir pela fazenda Pau D'Óleo que era do governo.

70. Andamos o dia todinho ... o pior é que a comida que nós levamos foi queijo que o Seu Miguel deu e a gente comia aquele queijo mas não tinha água pra beber no meio do sol.

71. Meio dia nós chegamos na fazenda do Cacau ... tinha tudo ... até pista pra pousar avião ... ele ficou com medo e nos serviu comida.

72. - Quem é? É pessoal do Edgar? Ih ! Rapaz serve a comida pra eles lá fora.

73. Botaram fígado frito. Eles tinham matado um boi ... o tenente Henrique tava vindo visitar a fazenda ... o tenente na época era gerente da fazenda Pau D'Óleo ... naquele tempo o governo era o Teixeirão. Nós comemos fígado frito com óleo e farinha ... e bebemos bastante água. O gerente da fazenda saiu lá fora e mostrou:

74. - É pra cá o rumo da Pau D'Óleo ... sempre vem aqui um trator ... se vocês acharem a marca da roda vocês chegam lá ... se não vocês tiram no rumo do sol.

75. Cruzamos o campo ... andamos andamos ... pior ... tínhamos que cruzar por manadas de búfalos selvagem. Nós fomos em cinco ... era eu ... José Felipe ... Florisvaldo ... Amaro ... e o Gringo ... e toda arma que a gente tinha pra se defender era a peixeira do Felipe.

76. - Certo ... se o búfalo vim ... vamos ter que furar ele com essa faca.

77. Nós passemos por rastro de búfalo fresquinho ... como o sol tava muito forte eles tavam dentro das baías ... tivemos sorte de não topar com eles no campo. Já era quase seis horas e a gente andando andando.

78. Antes os colegas se desentenderam ... o Gringo e o Amaro disseram que iam por outro rumo ... que aquele que nós tomamos tava errado ... aí nós dissemos:

79. - Não! Nós vamos por aqui.

80. Ele disse:

81. - Nós vamos por ali!

82. O Amaro resolveu vir com a gente e o Gringo seguiu sozinho no rumo reto ... quando foi seis horas no início da subida de um morro nós sentamos.

83. - Ah! Vamos dormir aqui mesmo.

84. Nós já sabia que estávamos em Pau D'Óleo por causa da cercas que tavam sendo feita ... cerca de balancim pra proteção do búfalo.

85. - É amanhã nós chega ... a gente dorme e amanhã termina de chegar.

86. Aí eu digo:

87. - Eu vou ver daqui de cima desse morro ... onde é que tem árvore pra armar rede?

88. Porque no meio do campo não tinha onde armar ... subi e no que eu olho a Pau D'Óleo tava assim uns 300 metros a frente ... chegamos lá como um monte de peregrino ... como quem tava vagando pelo mundo ... sujo e todo rasgado de tanto andar naquele campo serrado ... muito cansado e com fome. Conversamos com o administrador da fazenda. O Gringo não chegou ... a sorte dele que a Pau D'Óleo tem uma fazenda na beira do rio e outra dez quilômetros pra dentro ... e tem uma estrada que vai de uma pra outra ... e como ele continuou em direção ao poente ... e nós tiramos um pouco de banda rumo ao sul ... saímos em Pau D'Óleo e ele saiu na estrada e dormiu numa casinha ... que tinha lá mesmo.

89. O homem nos recebeu e nos deu agasalho e janta ... queria nos alojar lá dentro da sede da fazenda e nós dissemos que não ... nós queríamos ficar lá debaixo do assoalho ... onde dava de armar bastante rede ... aí no dia seguinte nós conversamos pra ver se tinha trabalho na fazenda ... ele disse que ia precisar de vaqueiro.

90. Ninguém entendia disso ... só sabia cortar seringa e trabalhar com roça. Eu sabia mexer com animal ... carregar comboio ... mas é diferente de você ser vaqueiro. Continuamos a persistir ... passamos quatro dias no pátio da fazenda. No quinto dia o Gringo ainda tinha 23 mil. Passou um marreteiro ele comprou farinha sal linhada e anzol ... nós pegávamos piranha e comia assada com sal e farinha ... durante cinco dias fizemos isso ... no sexto dia o gerente da fazenda ... parece que já gostando da gente ... pediu pra roçar o aterro da estrada que ia pra essa outra fazenda ... em troca do almoço.

91. Por volta de onze e meia ... vinha passando o motor do Aristeu ... patrão que tinha 12 barcos ... ele fazia frete de Guajará pra Mato Grosso. Levava mercadoria no beiradão inteiro ... o barco pegava 150 - 200 toneladas.

92. Era quase doze e meia ... o almoço ainda não tinha saído e a gente com fome. Lá tá vindo o barco ... fez manobra e encostou.

93. O gerente disse:

94. - Arruma as coisas que o homem não espera!

95. E saímos com fome e sem comer ... tinha acabado farinha tinha acabado tudo.

96. - Vamos embora ... o cara do barco não vai deixar nós morrer de fome.

97. O gerente lá do Pau D'Óleo pediu que nos desse passagem até Costa Marques. O homem viu que nós não tinha nada ... conosco foi cinco boliviano que tava em Pau D'Óleo ... meio de zonzeira que nem a gente ... os bolivianos nós deixamos em Versalhes ... próxima cidade boliviana.

98. Viajava durante o dia ... durante a noite parava porque era muito seco o rio ... durante o dia a gente passava de meio dia desencalhando o barco. Chegamos em Costa Marques dias depois ... meu pai mais o outro meu irmão ... tinham vindo para um seringal de Costa Marques no rio Cautarinho.

99. Desencontramos. Ele tinha passado pelo Cautarinho e já tinha ido pra Guajará ... tava com um dia que tinha saído de Costa Marques com destino a Guajará-Mirim e eu pensei: nós se encontra em Guajará.

100. O Felipe trocou a conta corrente dele ... e eu com a minha guardada dentro da mala ... naquele tempo dependendo do patrão a conta corrente era que nem um cheque ouro ... qualquer comerciante trocava.

101. Em Costa Marques o Felipe trocou a conta corrente dele ... um pouco em rancho um pouco em dinheiro ... aí estourou logo na cerveja ... bebeu bebeu bebeu ... era muito dinheiro! O cara não acabava fácil! Até eu bebi um pouco de cerveja e **FIQUEI TONTO**.

102. Antes disso ... quando estávamos cortando seringa lá dentro do Rio Branco ... a nossa diversão no período do fábrico era visitar as tribos indígenas ... eram muito bons pra gente e eles bebiam chicha ... fazem de macaxeira ... socam num pilão grande e botam pra curtir. E eu bebi aquela chicha dos índios ... chegou ao ponto de eu ficar bêbado. Eles gostavam muito da

gente ... festa ... dança ... eu não sabia dançar mas ficava lá pelo meio ... era a diversão que a gente tinha ... me dei muito bem com os índios.

103. Mas eles tem muita atenção e medo que qualquer um de nós pegasse uma das filhas deles e viessem embora e nunca mais voltasse ... eles preferem que as filhas deles se case com os próprios índios porque nunca saí dali. E lá é o seguinte: na tradição deles as meninas quando nasce o pai vem e diz:

104. - Essa menina vai se casar com esse menino.

105. Aí os dois já ficam prometido um pro outro ... quando o menino já começa caçar e pescar ... ele pega o peixe e vem deixar na casa da menina pra ajudar a sustentar aquela menina pra ele ... quando tá com dez anos eles já se ajunta e é marido e mulher ... começou criar peitinho nas meninas eles já se ajuntam e já faz o casamento a moda antiga deles.

106. Eles se reúnem e faz lá aquele linguajar deles que a gente não entende mesmo e a chinchada rola uma semana. Porque toda semana tem chinchada nas aldeias indígenas por onde eu andei. Se eles já bebem por que gostam ... o casamento é um motivo pra uma festa maior.

107. Quem trabalha na verdade são as mulheres ... elas vão na roça arranca mandioca e cozinha. Prepara todo o processo da chincha no coxo pra ficar bem apurada ... tem coxo que pega 14 lata de 20 litro. Enquanto não seca a festa não acaba e é assim o ritual deles. Quando querem uma festa pequena só enche um coxo ... mas quando a festa é grande que nem festa de casamento eles enche cinco – seis e não come nada durante esses dias de festa.

108. Eu passava fome quando era mais de dois dias de festa ... porque eles não comem nada. Os velhão era na beira do coxo bebendo chincha e os mais novo dançando. Eles tinham gravador e dançavam lambada xote e forró.

109. Mas o Felipe trocou a conta corrente dele ... gastou o dinheiro quase todo ... e continuamos a viajem com esse mesmo barco. Eu não destroquei minha conta ... fiquei esperando chegar em Guajará-Mirim pra pegar meu saldo e ajudar minha família ... pensava em comprar um motor e barco pro meu pai ou uma casa pra mamãe.

110. Em Guajará fui para a pensão da dona Doninha ... que sempre recepcionava os seringueiros quando chegava ... fiquei lá durante dois dias. Nesse meio trecho ... nós fizemos uma brincadeira com o Gringo ... ele tinha vinte e pouco mil cruzeiros que sobrou do saldo ... eu e o Felipe peguemos o dinheiro dele e guardemos. Ele chorou e ficou doido! Depois que nós vimos que ele tava bem mesmo puto ... dissemos:

111. - Ó ... o teu dinheiro.

112. Quem fez essa brincadeira foi o Felipe ... eu vi quando ele pegou ... participei porque vi e não contei pra ele. O Felipe tomou umas cachaças com o dinheiro dele ... mas sobrou uns 20 mil cruzeiros ... ele devolveu e disse que assim que ele chegasse em Guajará devolvia o que tinha gasto. A minha conta corrente um dos quatro pegaram ... eu suspeito seriamente de dois ... o Felipe não. Deus que me perdoe! Foi o Amaro ou o Gringo. Pegaram e mandaram um estranho

em meu nome ... quando o Edgar do barracão chegou ... destrocou a conta corrente e pagou meu saldo.

113. Quando cheguei encontrei meu pai em Guajará e fomos pro seringal do Sebastião de novo quebrar castanha.

114. Antes fomos pro Pacaás Novos em busca das coisas que ele tinham deixado ... tava tudo deteriorada: quebraram a máquina de costura da minha mãe ... colchão todo rasgado ... os utensílios de cozinha tinham sido roubados e eu vi várias coisas nossas espalhada pela casa de algumas pessoas ... era um prejuízo e tanto. Nesse verão mamãe não foi pro seringal ... ficou na cidade ... tava gestante do nosso irmão caçula ... meu pai foi com meu irmão pro seringal ... nunca tinha acontecido isso com a gente ... dividir tanto. Resolvi vim pra dentro de casa ... não me separar mais deles.

115. A mãe passou muita dificulidade na cidade ... ficou com bastante dinheiro que meu pai tinha deixado o abono com ela ... mas teve que gastar ... alagou o bairro onde morava e teve que se mudar ... sofrimento pra todos nós ... um sofria para um lado e outro pra outro ... principalmente ela.

116. No ano de 84 fomos para o Rio Ouro Preto ... no dia 11 de maio subimos ... arrendemos a colocação Quebra Ponto com cinco estradas de seringa e pagamos 250 quilos de borracha. Nós não tinha costume de trabalhar com esse negócio de arrendado ... só trabalhava no toco com os patrão. A diferença é que o patrão fornecia tudo ... a canoa a tigela e todos os meses a mercadoria ia pra tua porta ... se fosse bom seringueiro não cortava o rancho ... em muitos dos casos dava a estrada de seringa roçada e até sangrada ... o trabalho que o seringueiro tinha era só de cortar a seringa e fazer a borracha.

117. Tinha todas essas facilidades com o patrão ... com uma diferença: pagava renda de tudo ... da tigela da espingarda e da canoa ... no final do ano era descontado tudo além dos 10% de tara.

118. Quando foi no mês de junho já tava seco ... roçamos as estradas e cortamos. **MAS O PIOR ACONTECEU.** Em julho a nossa casa pegou fogo ... queimou tudo que nós tinha ... **TUDO** ... só escapou nós com a nossa vida mesmo ... a mamãe com as crianças teve que correr para dentro do mato ... queimou nosso rancho a gasolina de um vizinho debaixo do assoalho ... os utensílios de cozinha ... só escapamos com a roupazinha de seringa ... que praticamente é um traje ... todo rasgado já muito sujo ... que o trabalho da seringa suja muito a gente ... só sobrou 700 quilos de borracha.

119. Tivemos que baixar no dia seguinte. Pedimos para o Alegário nos conduzir até Guajará-Mirim ... gastamos três dias porque tava muito seco ... levamos borracha porque dava muito dinheiro ... quem tinha borracha tinha dinheiro. Compramos um motor de 12 HP ... algumas redes simples ... roupa ... um pequeno rancho gasolina óleo e voltamos pra mesma colocação.

120. Fomos pra um vizinho que morava 20 minutos acima de remo. A gente vinha cortar as estradas de seringa e de tarde ia fazendo a casa ... fizemos uma pequenininha. Gonzaga o patrão

ajudou a gente a cobrir. Meu pai teve que baixar antes do tempo com a borracha que tinha ... fizemos 2.000 e poucos quilos de borracha mas não conseguimos pagar a conta ... por ter perdido tudo tivemos que comprar o rancho com o marreteiro e ficou mais caro pra gente ... mas meu pai iniciou a construção da casa que hoje mora.

121. No inverno não tínhamos pra onde ir ... não conhecíamos o rio Ouro Preto ... fomos morar no depósito Ouro Negro. Não fomos bem aceitos ... nós queríamos abrir uma colocação na terra firma pra botar roça. Os patrões não gostavam da idéia ... e expulsavam a troco de polícia quem tivesse essa idéia de botar roça. Saímos e viemos para a colocação do Seu Artur que hoje é padrinho de uma filha minha ... boliviano naturalizado brasileiro ... que nos abrigou durante o inverno.

122. Nós vínhamos para uma festa de sete de setembro no barracão Ouro Negro que ninguém conhecia ... era novato. Chegamo lá teve festa e jogo de bola e eu conheci uma menina ... foi a primeira mulher que eu arrumei ... ela tinha 14 - 15 anos. Aí eu vim embora e quando foi dia quatro de outubro que é uma festa tradicional de santo pra quem tem promessa ... eu mais os meus irmãos fomos todos juntos.

123. Quando terminou eu mais essa menina resolvemos sair sem pedir dos pais e morar juntos. Peguei a canoa do pai dela e vim embora de noite. Os cachorros latiram mas não chegou a acordar as pessoas ... não desconfiaram porque os cachorros latiam pra tudo. Cheguei no Quebra Ponto de manhã.

124. Aí eu não conhecia muito bem dessa história de casamento ... era novo também e nós ficamos juntos quase dois meses mas não nos entendemos bem e a família dela era totalmente contra que ela ficasse junto comigo ... eram pessoas que visavam muito um futuro melhor pros filhos.

125. Achava que a filha deveria estudar e com certeza ela iria ter um futuro melhor sem eu do que comigo. A filha atendeu o conselho da mãe e achou por bem não continuar mais morando comigo. Ai nós nos deixamos em novembro ... mas ela saiu gestante.

126. Eu vi essa criança muito pouco ... um mês depois que ela teve eu vi ... aí nós fomos trabalhar mais longe. Essa criança morreu com dois anos de idade de sarampo ... uma doença fácil de curar mas fácil de matar se não cuidar. Nós não somos inimigos mas praticamente ficamos estranhos um pro outro.

127. Em 85 nós arrendamos a colocação Boca Larga com o Leal ... no Rio Ouro Preto acima de onde tínhamos trabalhado ... fizemos 3.600 quilos de borracha e só pagamos o que devíamos ... não deu pra tirar saldo porque fomos dependendo do patrão. O Gonzaga até era uma pessoa compreensiva ... o Leal não ... uma coisa bem prática pra comparar: o Raimundo Boca de Jóia comprava um quilo de tabaco por 25 mil cruzeiro ... meu pai pagava 120 porque trabalhava em dia e não devia ... pro outro tudo lá era mais barato ... então pra quem tinha saldo era caro ... pra tomar tudo que tinha **E CONSEGUIU**.

128. Depois compramos a colocação Boca Larga ... mais para baixo por 150 quilos de borracha do Fernando Galvão e até hoje é nosso. Em 86 o Leal não quis mais arrendar colocação pra gente porque achou que não teve lucro e meu pai era muito bravo também ... muito chato dentro da razão dele ... ninguém gosta de ser enganado.

129. Voltamos para trabalhar com o Gonzaga ... mas a colocação Boca Larga já era nossa. Compramos e ficou em nome do meu pai e todo mundo tinha medo de entrar ... sabia que não ia se dar bem. Ficou lá porque não tinha seringa para cortar e a alternativa de renda na época era seringa. Fomos para as Malvinas ... na época tinha acontecido a guerra das Malvinas ... da Argentina com a Inglaterra por causa da ilha ... lá também houve muita encrenca porque a colocação produzia bem.

130. Eu mais o Wanderley ficamos e fizemos 4.020 quilos de borracha ... com a ajuda do outro meu irmão Edmundo que veio dois meses depois ... tinha recentemente aprendido a cortar. Tiramos um saldo de 2.000 e poucos quilos de borracha ... na época deu 50 mil cruzeiros ... era dinheiro de botar inveja nos outros ... seringueiro com aquele tanto de dinheiro era bem de vida ... momentâneo é claro.

131. Baixamos pra Guajará ... quase termina de construir a casa do meu pai. Compramos um rancho grande e voltamos pra Malvinas novamente. Com o Gonzaga nos demos muito bem ... ele era uma pessoa boa**. DOS PATRÃO LADRÃO ELE ERA O MAIS BESTA** ... ele vendia a mercadoria barato e pagava a borracha bem ... gostamos de trabalhar com ele. A mulher dele dona Tereza ... era gerente ... muito responsável atenciosa.

132. Em 87 nos alistamos no quartel ... passamos um mês em Guajará pra se apresentar devido as datas muito perto ... o Wanderley não voltou ... eu voltei sozinho mais o outro meu irmão. Fizemos 3.600 quilos de borracha e tiramos 1.700 quilos de saldo.

133. Esse foi o ano que o Sarney tinha estabilizado a inflação ... por isso foi bom ... meu pai investiu mais um pouco na casa. Passamos o inverno todo em Guajará-Mirim ... eu me matriculei num colégio mais meu irmão o Edmundo ... pra fazer o supletivo integrado da primeira a quarta série ... repetir tudo de novo ... que fazia muitos anos que não estudava.

134. Quase concluí a quarta. Estudei o inverno todo até chegar a época de ir para o seringal. Recuperei bastante ... aprendi coisas que eu não sabia ... esse foi o estudo que eu tive durante a minha vida toda. A última vez que eu botei os pés numa escola.

135. Voltei pro seringal de novo ... na época tinha muito trabalho na cidade ... trabalhava de servente de pedreiro ... sempre tinha **MUITO TRABALHO**. Mas ninguém se conformava ... a nossa idéia era seringa ... se a gente não fosse pro seringal parece que adoecia ... não se dava bem. Tornamos a voltar para o Ouro Preto em 88 e viemos trabalhar com o Boneco ... pagamos 450 quilos de borracha de renda para ele.

136. Foi o ano que mais brinquei na minha vida ... tinha 22 anos. Todo sábado de tarde quando a gente fechava o corte da estrada de seringa ... eu mais os meus irmãos e um outro

colega o Catuaba ... que tinha ido pra trabalhar com a gente ... íamos para a comunidade de Colônia jogar bola e dançar.

137. A gente gostava muito de festa e éramos praticamente viciados ... todo final de semana tinha que ir ... no domingo vinha todo quebrado de bola ... doído e machucado ... mas segunda feira tinha que tá na estrada cortando.

138. Uma vez meu irmão me deu uma cotovelada na costela jogando bola ... quase me quebra ... eu cheguei e disse pro meu pai que tinha sido na estrada de seringa: para alcançar o virgem da seringa ... o degrau da escada tinha batido na minha costela e tava roxo daquele jeito. Ele me deu bastante antibiótico ... se dissesse que era jogando bola ... ele mandaria ir curar com bola ... como eu disse que era trabalhando ele considerou.

139. Ele sempre foi muito chato ... nunca deixou a gente ir pra canto nenhum ... a gente ia praticamente por conta. Pedia pelo respeito de estar dentro de casa e considerar o pai e a mãe como superior ... se eles dissessem que não a gente ia. Aí trabalhamos esse ano ... quando foi final de 88 tiramos bastante saldo ... tiramos 1.500 quilos de borracha apesar do verão muito forte.

140. No Rio Ouro Preto a gente **ANDAVA** por dentro de le para onde queria ... ficou tão raso que dava pra gente cruzar ... que molhava acima do pé um pouco. Passou mais de quatro meses sem chover ... a seringa deu pouco leite ... tiramos saldo porque trabalhávamos muito. Quando foi no inverno ... fomos pra nossa colocação do Boca Larga ... lá é considerado nosso porque a gente não pagava renda. Quando baixamos pra Guajará vendemos a borracha ... ela já tava começando a perder preço ... a borracha tava 70 cruzeiro o quilo e nós vendemos a 60 ... foi um prejuízo grande ... a gente guardando a borracha pra aumentar de preço ... fez foi reduzir.

141. Porque desde da década de 70 os patrões já começaram a se desestabilizar e já existia aquela coisa de não ter mercado pra borracha e de 88 em diante começou a diminuir o preço da borracha ... na época eu não tinha idéia porque.

142. A Malásia já tava começando a botar borracha ... só que não tinha afetado ainda o mercado brasileiro de borracha ... mas já começou esse negócio das pneumáticas começar a rejeitar a borracha da Amazônia.

143. Em 89 teve o Primeiro Encontro Nacional dos Seringueiros em Guajará-Mirim. Em 88 antes do Chico Mendes morrer ... caiu um jornal nas ruas de Guajará dizendo que “ia acabar a lei dos patrões” ... que “ia chegar a época dos seringueiros serem autônomos ... donos de sua própria colocação” ... como estava acontecendo no Acre.

144. Em abril de 89 o Raimundo Mendes de Barros foi em Guajará-Mirim juntamente com o engenheiro agrônomo Jeferson do IEF - Instituto Estadual Florestal ... eles organizaram o Primeiro Encontro de Seringueiros no Estado de Rondônia ... com a participação do Conselho Nacional dos Seringueiros do Acre.

145. Quem vinha fazer esse encontro em Guajará-Mirim era Chico Mendes ... mas como mataram ele o Raimundo veio cumprir a missão que seria feita por Chico Mendes e ele concluiu.

146. Lá houve o grito de independência nosso. De 89 até hoje seringueiro nenhum pagou renda ... nesse mesmo encontro eles nos fizeram entender que nós fomos sungados e massacrados ... que nós tínhamos que dar o grito de independência ... deixar de ser escravo branco.

147. Porque nós pagávamos a renda para pessoas que se diziam patrão ... que nunca tinham pago imposto de um palmo de terra ... eles entravam dentro de um barco e botavam duas grades de cachaça no período do verão ... subia o rio e baixava cheio de borracha recebendo renda. Quem arrendava a colocação tinha que fazer casa ... roçar estradas ... comprar tigela ... canoa ... espingarda. Para trabalhar o seringueiro pagava a renda de tudo isso ... você era independente mas pagava essa maldita renda e ninguém tinha um lugar pra morar.

148. Durante o período que eu tô contando um pouco da história da minha vida ... já peregrinei bastante. E até aquela data nós ainda estávamos desse jeito ... trabalhamos bem numas seis colocação. E no outro ano com certeza a gente ia ter que arrendar outra colocação em outro canto.

149. Após esse grito de independência foi formado uma equipe para ir para o Acre ... foi o Boneco e o Manduca representando os seringueiros ... o Aldenor e o Seu Luiz Gregório representando os soldados da borracha ... aí para porque eu não sei contar como foi que eles fizeram. Naquela época a gente era tão desinformado que dizia:

150. - Qual é o meio que vocês querem ir? Vamos arrumar o meio de transporte mais rápido possível.

151. Aí o Aldenor não conhecia e disse:

152. - Bom ... nós vamos até de fax se for preciso!

153. Achando que fax era um meio de transporte rápido! É né ... mas pra você mandar uma mensagem ... pessoalmente não dá pra você ir de fax.

154. No inverno de 88 para 89 eu casei. Achava que meu pai já tava estruturado tinha a casa dele.

155. Não foi bem casar ... eu convidei a mulher que hoje é minha ... pra vim embora sem autorização do pai dela. A Aparecida concordou e nós fomos. Eu tive um problema com a mãe dela mas a gente resolveu depois. E fomos pra colocação Mangueirinha sozinhos.

156. É que praticamente nós saímos sem autorização dela ... nós távamos numa festa do divino e eu convidei se ela queria ir morar comigo porque praticamente a partir desse ano eu ia trabalhar sozinho e eu nunca tinha trabalhado sozinho numa colocação sem companhia e eu tinha medo de ficar só. Ela aceitou e nós fugimos sem ninguém ver. Deixei a minha rede e saí só com a roupa do corpo e ela também e fui pro local que eu tava morando. No outro dia foi um problema sério ... a mãe se desesperou e disse muitas besteiras.

157. Três dias depois eu fui na casa da mãe dela buscar minha rede ... minha roupa e as roupas dela. A mãe dela me agrediu bocalmente bastante ... queria me agredir com pancadas também ... mas não chegou a acontecer. Nós estávamos amigado e amigado continuamos. Ela entregou as roupas da filha e as minhas coisas que tava lá.

158. Dez dias depois a mãe dela se arrependeu e mandou dizer que por favor fosse até a casa dela. Eu fiquei desconfiado mas fui ... achava que ela ia novamente falar besteira ... fui com o propósito que se ela quiser me humilhar nunca mais vou na casa dela. Ela pediu desculpa e a filha tomou benção da mãe.

159. Antes de fugir com a Aparecida eu tinha namorado com a outra irmã dela e chegou o ponto de pedir dela e a mãe tinha dado toda a liberdade pra gente namorar. Ai surgiu essa oportunidade da gente fugir ... que eu achava que se fosse pedir a Aparecida ela não ia dar porque eu tava querendo brincar com a família dela outra vez. Avaliei dessa maneira e por esse motivo foi que tive que sair escondido ... pra que quando descobrisse já fosse tarde demais e que considerasse a situação como fato consumado e graças a Deus foi o que aconteceu.

160. Meu pai foi pro Boca Larga ... meu irmão Wanderley foi morar sozinho numa colocação três horas de remo acima da minha ... ele não conseguiu mulher pra ficar com ele nesse período.

161. Fomos trabalhar durante esse ano ... eu mais a minha mulher não tínhamos nada ... mamãe conseguiu prato e panela pra gente. Ela tinha um colchãozinho e eu uma rede e uma coberta ... não tínhamos mosquiteiro.

162. Cortar seringa foi meu forte ... até hoje vivo iludido com essa idéia. Meus irmãos me ajudou a roçar a estrada e ajudei a roçar a deles. O Edmundo foi trabalhar na colocação Escondido. Ficamos debandados cada um numa colocação em 89. Trabalhei o fábrico e já não paguei renda nem eu nem meus irmãos. O patrão não teve mais voz ativa pra cobrar renda.

163. No início de 89 minha esposa teve um aborto ... no fim do ano nasceu a nossa filha e eu vim pra Guajará-Mirim ... peguei uma malária muito forte que quase morro e passei 17 dias com febre ... não tinha calmante que passasse ... fiquei três dias internado no Hospital Regional e vários no Hospital Bom Pastor.

164. Durante todo esse trâmite só estou contando do nosso trabalho ... não de doença ... acha que não preciso contar de doença isso é uma conseqüência da vida.

165. Em 91 morei na cidade ... trabalhei na construtora Cabana e na Asteca três meses ... pra receber meu salário eu tive que pedir as contas e entrar na justiça ... aí pagou o atrasado.

166. No verão de 92 ... fui pra minha colocação. Como a época do patrão tinha terminado ... eu passei um ano na cidade ... retornei um ano depois e a minha colocação tava me esperando ... o Edmundo veio trabalhar comigo ... a colocação passou a ser minha e dele.

167. Em 92 eu retornei ... achei tudo **MUITO ESTRANHO** ... retornar pro seringal depois de ter passado mais de ano na cidade ... mas eu fiz cara dura ... como já tinha passado muito tempo no seringal logo me acostumei e fiz bastante borracha de novo. Achei tudo muito

estranho porque não é fácil morar na cidade ... tem a taberna pra comprar o pão ... tem o açougue pra comprar carne. Tendo onde trabalhar você tem o dinheiro e vive com mais facilidades em termo de alimentação e ao seu redor tem muita gente. É diferente de você estar numa colocação de seringa ... só você sua mulher e seu filho. E ter que andar nas estradas de seringa sujeito a uma cobra uma onça e outros insetos que tem na floresta que nem conhece.

168. Em 92 Walton foi pra lá comigo ... aí eu falei pra ele:

169. - Tu não compra nada.

170. Ele era pequeno tinha até medo de andar no mato sozinho.

171. - Eu compro o rancho pra nós comer e você trabalha ... o que você fizer é seu ... só quero que você pague a conta que o pai deve no Pedro Oliveira.

172. O meu pai devia uma conta no valor de 288 quilos de borracha ... meu irmão fez 600 e poucos quilos e pagou. Nesse ano a borracha ficou sem valor ... precisava de 50 quilos pra comprar um de tabaco ... baixei no inverno e não deu pra vender a borracha ... tava sem mercado ... passou cinco meses estocada no armazém da ASGM ... da Associação dos Seringueiros de Guajará-Mirim ... que já tinha sido criada dia 13 de maio de 91.

173. Eu não participei da criação ... era meio por fora do movimento. Sempre eles passavam de barco lá em casa convidavam pra reuniões ... eu não gostava muito de ir na reunião ... achava que era perda de tempo ... se eu fosse participar da reunião tinha que perder dia de trabalho.

174. Mas minha borracha quando foi vendida ... deu três milhões de cruzeiros ... e eu comprei a colocação Sepetiba.

175. Comecei a trabalhar e fiz uma roça pequena ... plantei vinte quilos de feijão ... sobrou terra limpa e plantei mais 14 pro meu irmão ... sobrou ainda um pedaço de terra e plantei macaxeira. Aí quando foi dia 23 de maio baixemos para a Assembléia de troca de diretoria da ASGM. Daí recebi o convite do Boneco pra sair na chapa dele ... convidou várias pessoas sem discutir posição ... deixou pra gente discutir cargo na véspera da Assembléia.

176. Durante o ano de 92 ele fez várias visitas na minha casa e na dos outros ... isso fazia parecer que ele era um bom administrador ... que ia ser uma pessoa melhor que Chico Leonel ... melhor que Zé Maria.

177. Eles administraram bem a Associação ... nós pensávamos que não ... antes deles entregarem o mandato foi construído várias escolas e postos de saúde ... quando eles saíram já tava funcionando até com medicamento ... mas nada disso a gente via. Queríamos botar o Boneco no poder e **BOTEMOS**. Ele foi eleito em maio de 93 ... como eu tava na chapa dele também fui eleito ... já não voltei mais pra minha colocação ... fiz parte da diretoria da ASGM até 95.

178. Como segundo tesoureiro ... cuidei também da área de saúde e educação ... fazia trabalho de base ... viajava pra representar a Associação em outros municípios ... participava de reuniões do Fórum das ONG's.

179. Tive muita dificulidade. Logo quando entrei viajei pra Ji-Paraná ... era o Primeiro Encontro dos Extrativistas. Nesta época aconteceu o encontro do CNS em Goiás ... como não tinha quem viesse pra esse encontro eu tive que participar ... ouvia tudo mas não entendia quase nada. O linguajar ... o sistema que as pessoas falam ... pra nós que moramos lá dentro do mato essas palavras bonitas não passam de abóbora ... porque a gente não sabe nem o que os caras dizem ... o sistema das pessoas falarem. Nós usamos muita gíria muito sotaque nosso mesmo ... o sistema de falar uma coisa é de um tipo no nosso conhecimento ... no dicionário conforme os técnicos falam é totalmente diferente. Eu me perguntava:

180. - O que eu tô fazendo aqui se não tô podendo contribuir com nada?

181. - Eu vou me embora pra minha colocação porque lá é meu lugar ... lá eu sei de tudo o que faço aqui não sei fazer nada. Tô representando quem aqui? Só fazendo número?

182. Terminou o encontro e eu vim embora. Como não entendi nada tentei resgatar o máximo de documento do encontro ... pra ver o que estava escrito e mostrar pro pessoal o que tinha rolado ... porque eu não saberia esclarecer nada que estava sendo discutido.

183. A ASGM na época administrava vários projetos. Não fomos felizes na nossa administração ... considerava uma Associação falida e acabada ... por mais que aparentemente não parecesse isso porque ela ainda tinha muito dinheiro. No ano de 93 e 94 ela foi considerada entre as dez melhores clientes do Banco do Brasil em Guajará-Mirim.

184. Tinha projetos que vinham exclusivamente pra fazer dos seringueiros ... pessoas com conhecimento de tudo aquilo que diz respeito ao direito da classe ... compra de equipamento ... barco com motor ... fazer inventário florestal da reserva pra saber as essências de valor.

185. Mas foi administrado diferente ... por esse motivo não foi aprovada a prestação de contas. Perdemos o repasse final de 12 mil dólar da IDRC uma entidade do Canadá. Tivemos vários outros projetos: da embaixada da Suíça ... projeto da Miserior e da CEE.

186. Era dinheiro pra caramba e usaram errado ... foi investido em compra de mercadoria pra abastecer o seringal ao invés de comprar equipamentos ... da onde me trouxe descredibilidade ... perdi a confiança no Boneco como parceiro de trabalho.

187. Cheguei a observar que ele era incapaz de assumir qualquer um tipo de movimento daquela natureza. Era uma pessoa desequilibrada que só fazia pra aparecer. Na época eu não tinha tanto conhecimento do movimento ... em termos administrativos políticos como tenho hoje cinco anos depois.

188. Tive muitas dificulidades ... nunca concordava com o sistema de trabalho que era imposto pelo presidente ... mas como ainda funciona assim ... a palavra final é do presidente ... não fechamos nenhuma prestação de contas desses projetos.

189. Eu com o Chico Leonel formamos uma chapa ... saí como primeiro tesoureiro ele como presidente e uma série de outros colegas responsáveis ... que a gente via que era capaz de assumir um compromisso **DE FATO** com o movimento ... que se tivesse assumido não estaria acontecendo o que está acontecendo hoje.

190. Fomos pra Assembléia no dia 25 de maio de novo ... perdemos por quatro votos pro Boneco com outra diretoria ... não consideramos uma derrota ... porque muita gente viu que estávamos trabalhando sério e a diferença foi muito pouco. Eu era do conselho deliberativo da OSR e continuei.

191. Em 94 na Assembléia da OSR ... fiz parte da chapa da diretoria juntamente com o Zé Maria o Manduca o Antônio Teixeira ... o Osvaldo e a Dona Alzira de Machadinho D'Oeste.

192. E já chegou o final do nosso mandato ... fizemos um trabalho de organização social ... onde a gente trabalhou muito fora das comunidades.

193. Eles precisam da nossa presença pra orientar e esclarecer. Mas não temos esse tempo ... nós somos até criticados por acharem que a gente tá bem de vida em Porto Velho ... na verdade não é isso. Nós tamos bem enrolados com tanto trabalho ... que não tem tempo nem pra família. E o nosso trabalho passou a ser muito com o governo ... tem que lutar pela regularização fundiária ... pelo mercado para os produtos ... para aparelhar as associações e dar condições de transportes para as pessoas.

194. É um trabalho político administrativo e em alguns aspectos até comercial. Nós tivemos até que comprar a produção de algumas Associações. Por ter sido criada recentemente e não ter linha direta com o mercado.

195. Por força de pressão do nosso movimento para com o Banco Mundial ... foi criada 21 reservas extrativistas ... falta agora conseguir regularizar.

196. Já administramos vários convênios com a SEDAM o ITERON ... compra de equipamentos para as associações tipo: peladora de arroz ... carroça animais ... barco motor ... carro construção de armazém.

197. Conseguimos um convênio com ITERON para a construção de dez escolas e postos de saúde nas reservas do Estado de Rondônia ... da onde essas obras até agora não foram concluídas por desinteresse da administração do próprio ITERON e do sistema de governo que nunca funciona da maneira que tem que ser. Se esse dinheiro estivesse nas mãos da OSR nós tínhamos feito.

198. Se tivesse mercado pra seringa hoje ... com preço de pelo menos um real o quilo ... nós estaríamos com as reservas cheia de pessoas trabalhando. Como a gente só tem as reservas e a seringa não tem valor ... estamos com dificulidade de segurar até em termos de fiscalização.

199. A gente tem esperança ... porque várias outras alternativas estão surgindo ... tipo fazer o couro vegetal ... artesanato ... coisas que dê mais dinheiro do que a borracha. Poder industrializar a borracha na própria colocação ... se for aprovado esse projeto sobre a folha química ... se tudo isso der certo são alternativas futuras. Temos o Ecoturismo que tamos iniciando no Vale do Guaporé e Guajará-Mirim.

200. Estamos desenvolvendo projeto para exploração sustentável de madeira ... já tem duas reservas em Machadinho D'Oeste e Costa Marques com projeto aprovado ... que pode iniciar o corte da madeira pra comércio.

201. Com projeto apoiado pelo Planafloro ... construímos algumas estufas pra fazer o processamento químico do couro vegetal. Veio um especialista em preparação de químicas da Universidade de Brasília e agora já tem alguns seringueiros que sabe preparar essa química e estão iniciando a produção em Costa Marques e Machadinho D'Oeste.

202. Temos um mercado garantido para o couro vegetal ... através da IPE da Espanha e um empresário de São Paulo ... que também quer comprar o couro vegetal produzido pelas nossas reservas. Ainda não tem preço e quem vai botar é a gente. Pelos gastos que tiver coloca o preço com lucros.

203. Tentamos firmar um mercado com a Europa através de uma entidade da Espanha ... mas não conseguimos chegar ao final da produção do couro vegetal ... fomos financiados por essa entidade numa parcela de 28 mil dólares e a segunda parcela desse financiamento não chegou ... mas nós demos continuidade mesmo sem apoio e nós tamos desenvolvendo o couro vegetal da melhor maneira que a gente tá achando.

204. Então pelo que vejo tem luzes no fundo do túnel ... não estamos é conseguindo chegar ... tem mercado mas não estamos tendo produto.

205. O único suporte para as associações até agora não vem sendo as contribuições dos associados mas sim projetos ... se hoje deixássemos de ser financiado por fontes como a WWF ... as associações poderiam fechar ... principalmente a OSR que não tem fonte de renda ... sobrevive de projeto. As associações ainda tem uma pequena renda ... mas de maneira insustentável.

206. Às vezes eu observo algumas falações dos presidentes das Associações e me pergunto:

207. - Será que essas pessoas sabem ao menos o que estão assumido?

208. Tem uns que se consideram funcionário da OSR. E isso é muito ruim. Culpam a OSR por não estar dando certo as atividades dentro das reservas ... mas ela é uma instituição política e não pode administrar dentro das reservas.

209. A gente ainda tem a necessidade de uma instituição que lidasse diretamente com o comércio ... que trabalhasse diretamente com a compra e a venda do que fosse produzido dentro das reservas.

210. O movimento se reuniu e criou a cooperativa ... que antes de ser regularizada findou o mandato ... temos que fazer Assembléia para trocar a diretoria pra poder registrar tudo de novo. O objetivo é administrar a usina de castanha ... que vai ser construída em Costa Marques.

211. Após quatro anos de luta nós conseguimos esse recurso pra construção e equipamentos ... pra sair para o comércio. Tipo: um quilo de castanha que você bota no comércio até oito reais ... vai ganhar cinco - seis vezes mais.

212. Economicamente a gente viu que é viável ... foi feito um estudo através do CTA do Acre sobre a viabilidade econômica da castanha. Aí foi elaborado o projeto para a implantação de duas usinas em Porto Velho e Costa Marques ... só que a de Costa Marques vai ser implantada primeiro ... pra beneficiar a castanha produzida no Vale do Guaporé ... Pedras

Negras ... Cautário e pessoas da BR que quebram castanha. O objetivo é trabalhar com as unidades familiar ... com pequenas máquinas de castanha dentro da reserva ... de onde tá se pensando em habitar mais o rio Cautário ... na fronteira das reservas para que não sejam invadidas.

213. O objetivo da cooperativa é também administrar o projeto de manejo ... pegar essa madeira e vender para o melhor preço do mercado nacional ou internacional ... de administrar o comércio da copaíba e do couro vegetal.

214. Tem projeto aprovado pelo IBAMA para construir a usina de beneficiamento de borracha aqui em Porto Velho. Segundo o governo ... tem subsídio para complementar o preço da borracha da Amazônia de até 90 centavos o quilo ... mas para a cooperativa participar desse subsídio tem que estar cadastrada na Bolsa de Valor da União. Essa borracha tem que ir pra leilão ... pra saber qual é o preço que conseguiu vender ... e poder então ser subsidiada até 90 centavos. Com esse desconhecimento algumas usinas que foram construídas já fechou ... inclusive a do Acre porque comprou a borracha a um real do seringueiro e vendeu de um real e 28 centavos. E eles não receberam o subsídio porque não sabiam que tinha cadastrar na bolsa de valor e ir para leilão.

215. A nossa usina nós tamos com medo de mandar construir e se tornar um elefante branco sem validade e provar pro governo que nós não sabemos o que queremos. Nós tamos vendo a possibilidade de transformar essa usina ... em fábrica para transformar o couro vegetal em bolsas ... jaquetas ... aperfeiçoar o artesanato que venha das reservas ou uma fábrica de sapato do couro vegetal.

216. E quem sabe se lembrar de mais alguma coisa ... a gente conversa numa outra hora.

217. Na verdade isso aqui pra mim é até um sonho porque nunca pensei de registrar minha biografia e acredito que isso é uma chance que muita gente gostaria de ter e já que eu tô tendo ... vou colaborar da melhor maneira possível pra que saia muito parecido comigo ... com o que eu vivi. O que eu tô falando são realidades que aconteceu comigo ... o que eu falei é o que eu conheço. E na próxima entrevista que a gente fizer se lembrar de mais alguma coisa eu falo. Porque tem muita coisa que nem falei porque nem compensa ... é melhor ser mais objetivo e falar mais do que marcou a vida da gente.

218. Essa maneira é uma maneira de aperfeiçoar ... porque quando você não prepara um discurso ... uma história ... fala muito contraditório tipo assim deixa de falar uma coisa ... aí lembra de dez anos atrás que queria colocar na história e como a gente não lembra de tudo na seqüência ... tem coisas que a gente deixa de falar ... se acha que é interessante fala depois ... isso é uma maneira de corrigir o que a gente falou ... na hora de vim corrigir a leitura a gente coloca tudo as idéias na seqüência pra que saia uma coisa realmente bem escrita e quem ler essa história vai perceber que isso não é mentira ... que realmente é o que aconteceu.

5.1 - GLOSSÁRIO DOS TEXTOS

Mantendo a própria dinâmica deste trabalho, o glossário elaborado a partir das entrevistas com os seringueiros, não teve como fonte dicionários de português, dicionários de folclore, dicionários etimológicos, nem mesmo a bibliografia existente, que por vezes explica e exemplifica certos termos de uso regional ou de construção local específicos de certas comunidades. Isto significaria matar um pouco mais a palavra, retirar de quem disse o direito de dizer novamente, de dizer diferente, de elaborar com sua própria vivência a imagem da palavra, mesmo que isto implicasse na perda da precisão.

A escolha recaiu sobre termos que não são usuais no meio acadêmico, ocorrendo na ocasião da segunda fase do trabalho de campo, quando lemos juntos, refazendo o texto onde fosse necessário, nesta circunstância, interromper para pedir explicações sobre certas palavras não interferiria mais no texto original, de sorte que as perguntas poderiam ser mais frequentes.

Devolver mais uma vez a palavra aos seringueiros representava fugir dos termos explicativos dos livros que não tem um sujeito por traz, que não tem uma história, como a palavra catrepeiro (13), que Zé Maria usa, que não caberia em nenhum dicionário, por que é a palavra dele, quando foi dizer o que era, riu muito e ficou buscando uma forma de dizer, mas era claro que pelo próprio contexto, pelo som da palavra não poderia ser algo agradável, pó isso ele não se esforçou por explicar demais, por usar outra palavra no nosso primeiro encontro; etimologicamente ela não representa nada, só tem vida e se torna prenhe de significado no contexto de sua narração, no contexto do vivido, quando utilizada num cenário, entre personagens, numa trama.

Construindo o glossário com os seringueiros foi possível perceber a força e o vigor de cada palavra de WALTER, que a partir do verbo librinar (neblinar) criou o sujeito librinoso, que se aproveita do momento da neblina ou do chuvisco para atacar. Um sujeito librinoso só pode ser alguém que incorpora o que a neblina e o chuvisco trazem para o ambiente, por isso ele se aproveita para atacar nesta hora, é quando o olhar se confunde, e a visão encurta, nivelando fracos e fortes, abrindo a possibilidade para a surpresa, a covardia, e a traição.

Construir este glossário permitiu, portanto, uma nova sondagem, um novo mergulho nas estradas de seringa sinuosas, escuras, lamacentas, úmidas, povoadas de surpresas e vida.

Abono – (Alfredo) É um dinheiro que a gente pegava antes de ir pro seringal ... o patrão dava e a gente se responsabilizava de pagar.

Arigó – (Nilo) Foi um nome que aplicaram para o pessoal que vieram do nordeste ao bem de extração de borracha na Bacia Amazônica. Aqui nós chamava eles de brabo. Não tô bem lembrado se foi 65.000 ou 75.000 mil homens que vieram.

Baixar uma cata – (Zé Maria) Essa coisa é de garimpeiro ... é tirar a terra até onde tá a cassiterita ou ouro.

Barracão – (Alfredo) Era uma casa grande que nós chamava barracão ... na época era usado pra depositar mercadoria ... era do patrão ... só que ele vivia mais na cidade.

Barraco – (Alfredo) É uma casa de palha ... é a casa do seringueiro.

Barrica de castanha – (Alfredo) Naquele tempo que eu nasci e me criei ... vinha umas barrica de madeira com açúcar ... então o pessoal comprava a castanha naquela medida ... ela pegava seis latas dessa de 20 litros. Embaixo e em cima era meio estreito e no meio bem largo.

Batelão – (Alfredo) Antigamente um motor custava bastante dinheiro e mesmo os patrões ... eles tinham esses barcos de quatro toneladas que viaja na voga ... que é um tipo de remo de cabo bem cumprido e estreito. Era colocada na beira do barco ... pregado dos dois lados. Os barcos tinham até dez voga, cinco de um lado e cinco do outro e tinha os batelão que remavam e ficava de costas pra proa.

Beriberi – (Nilo) Foi o que matou mais arigó nesse rio e tinha a galopante ... esse tipo era 24 horas e acabou-se ... uns dizem que era devido os índios que colocavam muito cipó timbó na água.

Boca da noite – (Zé Maria) É depois que escurece ... de quando o sol desaparece até umas nove da noite.

Botar estrada – (Damasceno) É fazer estrada para seringueiro cortar. A seringa tá na mata bruta ... aí o mateiro vai e quando chega lá ele bate na madeira ... tem o toqueiro que tá aqui e vai encontrar o mateiro no caminhozinho ... aí o mateiro vai atrás de outra até fazer aquela estrada com 200 ou 300 seringueiras.

Bubuia – (Paulo) É à deriva ... entra dentro de um barco ou soube em cima de uma jangada ou um calhapo e a água te leva pra o destino que tá indo. O calhapo tem de várias formas ... tem o de pela de borracha que antes os patrões conduzia a borracha em forma de calhapo. Eles enfiava as cordas nos buracos da borracha defumada e fazia um calhapo redondo e grande. Fazia 10 - 20 calhapo ... dependendo do que era produzido e cada pessoa vinha em cima de um pra conduzir até a cidade. Nessas equipe vinha um numa canoa que era o cozinheiro ... ele andava na frente pra fazer a comida em terra e quando eles vinha passando pegava cada um e deixava o calhapo a deriva baixando ... comia e depois botava todo mundo dentro da canoa e ai embora porque remando você anda mais rápido. Pode fazer um também de madeira que flutua ... pega vários paus amara e deixar aquela jangada grande.

Cascalho – (Damasceno) É a gente cavar no garimpo pra tirar o ouro o metal ou diamante no meio daquele cascalho ... peneira e rala.

Catrepeiro – (Zé Maria) É aquele camarada enganador ... é um marreteiro que pesa o produto mal pesado e vende mercadoria muito cara.

Cernambi - (Paulo) É o leite depois de coagulado. Sangra a árvore e o leite cai dentro da tigela ... no outro dia tá coagulado ... já não é mais leite é o cernambi. A borracha é o cernambi imprensado numa caixa ... forma bloco de 50 até 150 quilos.

Cipó apuí - (Wanderley) É uma árvore que é parasita ... ela se ajunta nas outras árvores fortes pra poder criar um tamanho bem elevado que chega às vezes até 4 vezes maior do que aquela árvore que se agarrou ... e mata ela porque imprensa ... vai enrolando e cobre toda. As árvores mais grossas que tem na Amazônia fora a Samaúma é a Apuí.

Colocação - (Paulo) Em outras palavras seria um sítio. Na época dos patrões era um barraco feito de palha com quatro esteio roliço tirado na própria localidade ... essa é a barraca tradicional de seis por quatro ... muito seringueiro fazia uma cozinha separada ... fogãozinho de barro e um terreirozinho ao redor e a mata em volta.

Conta corrente – (Paulo) Na conta corrente dizia o teu nome ... o tempo que tinha trabalhado no seringal do patrão ... e tudo o que tinha comprado no mês ... tipo nota fiscal ... só que lá é no caderno. Mais embaixo tinha a borracha que produziu

somado em dinheiro ... desconta os talão e vê o que sobrou ... dali é saldo líquido. Em Guajará-Mirim ou em Costa Marques ... aquela conta corrente era a mesma coisa de você ter um cheque ouro na mão ... qualquer um deles destrocava na hora e te dava mercadoria roupa dinheiro ... porque sabia que na hora que o patrão chegasse apresentava a conta corrente e o patrão pagava não hora ... era a mesma coisa de você ter dinheiro vivo na mão.

Cortar no pau – (Paulo) A seringueira tem três fases a casca dela tipo um pó ... uma casca seca ... aquilo ali não tem leite e debaixo daquela casca seca tem a casca normal onde dá o leite ... passando daquela casca vermelhinha ou roxa. Dependendo a qualidade da seringa ... tem uma entrecasca branca que quando chega com a faca mina água ...se passar dali um pouco já chega no pau da madeira ... já tá no meio da madeira e até pode dar leite ... mas mata a seringueira.

Corte de tarisca – (Paulo) Foi adotado mais pelos seringueiros do Acre e parte de Rondônia. O sistema de corte de tarisca dentro da lei dos patrões ... era 25 a 30 centímetros de bandeira e era só uma bandeira. O que é uma bandeira? É só um sentido de risco na seringueira ... não é aqueles dois riscos que nós chamamos de "V". Então media ... e só podia cortar daquele risco pra baixo. Em algumas ocasiões o patrão deixava cortar pra cima mas o certo era só pra baixo ... pro rumo do toco da seringueira ... esse é o sistema de tarisca. Agora depois que acabou os fiscais dos patrões ... as pessoas inventaram o tal do corte que é a cara de gato né ... que é duas tarisca ... uma de um lado outra do outro em "V" que é pra cair tudo dentro da mesma tigela. E tem o quebra barranco ... que desde que me entendi ... aprendi a cortar quebra barranco. É um "V" de 30 cm de um lado e 30 cm do outro e pode cortar pra cima e pra baixo ... sem atingir o lenho da madeira que é o pau né. Mas as pessoas não se conformaram ... quando acabou a fiscalização dos patrão ... como a pestana é alta e chega a medir quatro metros de altura você tem que subir numa escada pra alcançar. As pessoas pro leite chegar mais ligeiro na tigela ... cortava a pestana no meio e no toco. A gente até botou um apelido que era trem carregado ... aí começaram a maltratar a seringueira pra poder dar conta de pagar a renda no final e tirar algum saldo e a maioria das árvores ficou fraca.

Empicar seringa – (Paulo) Quando um mateiro profissional chega numa margem do rio ou no centro pra botar estrada de seringa ... ele pede pros toqueiros ficar naquele local preparando o tapiri de sapé onde eles vão ficar e ele entra pra correr o mato ... pra saber se realmente naquele local dá uma colocação de seringa ou

não. Tira um rumo reto ... se conseguir achar treze seringueira em linha reta até dar na beira da terra firme ou até onde ele consegue andar ... aí dá uma colocação de seringa ... a madeira de banda que tiver não vale ... só a que for topando de frente. Treze seringueira dá uma colocação com três estradas ... se tiver quinze dá quatro ... essa é a pesquisa. Ai o mateiro volta e sai procurando uma por uma e quando chega na seringueira ele bate ... o toqueiro responde e sai fazendo uma picada pra se encontrar ... corta só o mato alto pra poder deixar rastro pra quem vem roçando atrás saber por onde vai. Botar estrada de seringa é isso também. Ai o mateiro desenha a estrada ... faz a volta bem perto da onde ele já passou pra facilitar ... e fechar no mesmo lugar ... ali é um oito.

Espinhel – (Wanderley) espinhel e grozeira é um tipo de linha bem comprido de 50 – 100 metros pra colocar vários anzóis e bota a isca ... matupiri é o peixe que mais atraí pelo cheiro.

Estrada de seringa - (Paulo) É uma trilha que faz na floresta ... passando nas seringueiras pra coletar o leite ... então ela é cheia de idas e voltas ... passa várias vezes perto do mesmo lugar que passou só que em caminho diferente. Uma estrada de seringa ela tem de 150 a 300 madeiras ... na época que era pra cortar e defumar o tamanho máximo de uma estrada de seringa era de 250. Saia de noite pra dar tempo de cortar colher e defumar. Agora que tá embutida ... eu tinha estrada até com 350 madeiras. Era só cortar e deixar embutida a tigela ... não colhia e deixava o leite da seringa pra coalhar no mato ... colhia quando ia cortar de novo no outro dia.

Fábrico – (Paulo) O fabrico de seringa para o seringueiros é o período que ele corta. Digamos na várzea que alaga o fabrico começa em junho e termina em dezembro ... é seis meses que dá pra cortar ... aí já tem que tirar as tigelas do mato porque depois alaga com o inverno.

Faiscar – (Zé Maria) É a mesma coisa de fazer reco.

Furo – (Paulo) É o atalho que cria no rio. Na época do inverno a água passa por todo canto ... então às vezes tem um lugar que tem uma volta grande no rio mas tem um barranco alto que na época do inverno a água passa e faz um furo ... às vezes tem volta de dez minutos e pelo furo leva dois.

Gareira – (Wanderley) É uma caixa de botar carne ... pega um tronco de pau e abre no meio ... aí cava e dentro coloca a pesca e mistura bem com sal.

Inverno e verão – (Paulo) Pra nós o inverno é a época que tá alagado ... na nossa região de Guajará-Mirim o rio sobe uma quantia absurda ... alaga todas as estradas de seringa. Onde você passa andando e cortando seringa ... no inverno passa com uma canoa pescando. O inverno é de dezembro à maio ... é seis meses de verão e seis meses de inverno ... o verão começa praticamente em junho quando começa a baixar as águas ... aí já começa a cortar seringa. Nas áreas que não são alagadas e nos seringais de centro é diferente ... não tem rio pra alagar ... só alguns igarapés que enche num dia no outro tá seco ... então dá pra você cortar no inverno e verão ... o que estraga é a chuva porque de dezembro a maio chove muito e a chuva prejudica muito o corte.

Lavoura branca - (Paulo) São os produtos que a gente planta e colhe antes de completar um ano ... tipo o arroz ... o feijão ... o milho e outras que coisas tipo a melancia ... antes a mandioca era considerada lavoura branca mas de um determinado tempo pra cá é considerada como bem de raiz ... porque demora mais um ano e meio pra fazer farinha.

Leite de seringa – (Alfredo) É o que chamam de látex.

Librinoso – (Walter) É um cabra que ataca a gente mais na neblina ... quando a gente vê a coisa meia turva.

Marreteiro – (Alfredo) É um tipo de comerciante ambulante que viaja no rio comprando e vendendo ... é o mesmo que marreteiro. É porque antigamente não existia esse nome de marreteiro ... eles andava de regatão. No tempo quando nós cortava seringa ... se nós fizemos um negócio e o outro me passou pra trás aí eu dizia assim: Esse aí é marreteiro! De um tempo pra cá é que tão chamando o regatão de marreteiro ... é ladrão mas também não importa mais ... ninguém mais tá incomodando com o nome de ladrão.

Mateiro – (Damasceno) É a pessoa que trabalha no mato explorando seringa ... castanha ... caucho ... poalha e todo tipo de produção da reserva.

Mateiro de rumo – (Wanderley) É quando tem que tirar o rumo reto pra um objetivo ... aí tem que ter uma especialidade ... se não sabe fica bolando na mata ... tem que saber calcular na base do sol ... na base da terra e na base do tempo.

Mateiro de seringa - (Wanderley) É o mateiro que tá vendo uma árvore e sabe fazer uma volta na mata em círculo ... pra abrir a estrada e chegar no mesmo canto que entrou.

Motor rabeta – (Paulo) É um motor que tira e coloca na popa do barco a hora que quer. É melhor pra andar em igarapé e em rio seco ... anda qualquer época. É um eixo por dentro ... embucha um cano e coloca uma paleta no final e acopla no motor que já tem um local específico pra colocar no barco.

Paceña – (Wanderley) É uma bebida que a Bolívia usa ... nós chamamos Antarctica ... na Bolívia é Pacenã: a melhor cerveja da Bolívia!

Palanqueta – (Alfredo) Nós não chama bala de chumbo … chama palanqueta. A gente derrete o chumbo e faz bem redondinho que entre na boca da espingarda ... carrega o cartucho ou então coloca com cera por cima desse cartucho da fábrica ... aquele balãozinho de chumbo a gente chama palanqueta.

Paneiro – (Walter) É esse material que a gente carrega cernambi e outras coisas dentro ... pode carregar tudo que quiser nas costa.

Pantonia – (Davi) É quando a pessoa olhar e não é ... passou uma pessoa ali mas não é ninguém é só nas suas vistas.

Patoá – (Wanderley) É de uma árvore ... pega o cacho ... bota numa água morna e mexe até amolecer ... machuca com a mão e sai o vinho só que ele é bege ... o carroço dele dá uns cinco do tamanho do açaí.

Péla (1) – (Fernando) É o seguinte: quando vai fazer borracha primeiro junta o leite na tigelinha que tá coalhado ... aí junta todos esses cernambi. Chega em casa e faz uma prensa ... aí lava bem limpinho no rio e bota dentro da prensa ... chama pela depois que prensa porque ficou só um volume.

Péla (2) – (Nilo) Naquele tempo era a pela defumada de borracha. Depois de tirar o leite ... vai defumar na fornalha ... aí faz pela de 60 - 70 quilos.

Pesquisa de cassiterita – (Zé Maria) Como pesquisa qualquer outro minério ... fura o chão e vai pegar amostrar pra ver se dá condição de trabalhar e com a ferramenta básica na costa: pá e picareta. Fura mais nos leitos dos igarapés que seca na época do verão ... é a época mais favorável pra fazer a pesquisa. E lá mesmo a gente aprende queimar e tirar aquele ferro ... se queima uma quantidade que dá pra tocar serviço aí traz aí a proposta pros outros garimpeiros.

Pestana – (Alfredo) Pestana da seringa é um corte que a gente cortava em "v" e colocava a tigela na ponta do "v" ... se cortava pra cima chama-se pestana e pra baixo é arriação e trazia tudo no mesmo traço que é pra cair na mesma tigela.

Pium – (Paulo) Uma espécie de praga que ferra a gente pra sungar o sangue das pessoas que mora na Floresta Amazônia ... ele é pequenininho e muito parecido com o borrachudo. Tem o casaca de couro ... o cartrega ... o catuqui e o mureru. O polvilho é tão pequeno que ele sobe pro casco da cabeça e entrar no cabelo pra ferrar lá dentro. E nós tem o carapanã ... o catuqui e o meruim que persegue mais à noite. E a carapanã da malária ... que é o anofelino que nós chamamos de sovela porque ela vara qualquer rede. Tem ainda a que persegue a gente durante o dia: a mutuca cabo verde e a amarelazinha que ferra por todo canto. No rio tem uma preta: a beija flor que tá voando e tá picando ... tem a mutuca de burro que é uma mutuca grande que se deixar ela enche mais de um dedal de sangue. Essas são as espécies de insetos que sunga o sangue e que a gente tem que andar prevenido porque não só faz isso como ela transmite também a ôra que é um inseto ... um fungo que dá na Floresta ... é um inseto que vem grudado ou na carapanã ou na mutuca ... ela entra pelo fio de cabelo e cresce dentro do corpo da gente e cria tipo um tapuru grande ... só sai se passar sarro de tabaco: fuma e solta fumaça na unha ou no papel e coloca em cima e se for na cabeça tem que raspar o cabelo. Ou então coloca o leite da seringa ... ela vem pra tomar fôlego e morre.

Quebrar castanha – (Alfredo) É cortar o ouriço com o terçado ... tirar o tampo e derramar a castanha ... aí quebrou.

Reco – (Zé Maria) Fazer reco é trabalhar onde já foi trabalhado ... onde já foi lavado o minério ... vai lavar uma terra que ela já foi lavada pra ir juntando os fagulhinhos que caíram da primeira lavagem.

Recurso – (Damasceno) Se a estrada tá pequena e quer produzir mais ... aí o mateiro vai pra botar mais 50 ou 60 seringueiras pra aumenta a estrada e a produção.

SESP – (Nilo) Existia muitos anos antes da SUCAM ... era os guardas da malária ... os mata mosquito ... eles usavam aquele veneno verde paris.

SUCAM – (Damasceno) É o pessoal que trabalha pela saúde ... anda por aqui ... pela cidade e pelas parte do Brasil inteiro.

Talão – (Paulo) Os patrões usavam o talão pra colocar o rancho que o seringueiro comprava. É muito parecido com uma nota fiscal ... ali tinha o nome do seringueiro que era colocado pelo gerente ... a colocação que ele trabalhava e a data do mês que ele tava comprando ... discriminava embaixo conforme a linha: farinha arroz açúcar ... café sal pilha ... o rancho completo. Aí colocava o preço. Os que guardaram ... usaram pra obter a aposentadoria do soldado da borracha ... isso prova que ele era seringueiro na época dos patrões.

Tigela – (Paulo) É o utensílio que apara e colhe o leite ... hoje tão fazendo de plástico porque não tem ferrugem ... antes era de lata e só criava ferrugem ... aquilo prejudicava o látex da seringa.

Toqueiro – (Walter) É aquela pessoa que ajuda o mateiro a empicar a estrada ... o mateiro vai na frente procurando seringueira ... e o toqueiro fica no pé da árvore da seringueira que foi achada ... que já tá empicada e roçada. Onde o mateiro bater ... ele bate na seringueira pra responder ... eles tira o rumo e sai. O mateiro vem de lá pra cá empicando e o toqueiro vai daqui pra lá empicando pra se encontrar.

Trabalhar no toco – (Paulo) Quando tirava o abono e ia com o patrão era trabalhar no toco ... não era arrendatário ... toda borracha que fizesse não podia vender pra ninguém ... só pra aquele patrão e entregar a sua produção pelo preço que o patrão pagasse e pagava bem menos do que na cidade.

Varador (1) – (Walter) Tem o Concórdia mais em baixo ... invés de eu descer pelo rio de canoa ... eu varo por terra.

Varador – (2) (Damasceno) É um caminho que a gente faz na mata para andar.

Voadeira – (Paulo) É um motor que tem dois tempos ... usa gasolina e óleo lubrificante tudo misturado ... tempera aquela gasolina e ele tem alta rotação ... o barco apropriado pra esses motor voadeira é bote de alumínio. O que a gente anda

num motor rabeta durante um dia ... num barco voadeira não tando carregado ... anda em duas horas.

Viação – (Zé Maria) É o rancho mensal ... de cada três meses. Nos seringais de difícil acesso como era o seringal do Benesbi ... a viação era pra seis até pra oito meses e anotava no talão ... mas nem todos os seringalistas gostava de dar o talão com o preço ... alguns tirava com a quantidade da mercadoria e não colocava o preço ... ia colocar só no final do ano que era pra colocar todos os aumentos que tivesse.

Zagaia – (Alfredo) É um ferro de matar peixe. Com uma talhadeira a gente vai cortando para fazer os dentes no ferro ... tem que ser três pontas de ferro ... aí leva na oficina pra emendar os três e parecer um garfo ... o cabo tem que ser madeira que não afunde ... porque a gente solta e ele flutua na água.

6 – DIÁLOGOS INTERPRETATIVOS: PONTOS DE ATRITO

> *Um sistema não é senão outra coisa que a subordinação de todos os aspectos do universo a qualquer um deles. (Borges – Ficções)*

A provocação de Borges não nos coloca diante das "pós-modernidades" da Geografia, da Antropologia, da História e até mesmo da Filosofia, que caminham para um relativismo total, para uma impossibilidade epistemológica ou para a paralisia total diante do mundo, que nos obrigam a desconfiar de tudo o que queiramos produzir como conhecimento. Coloca em cheque o caráter absoluto da razão que pretende quase sempre substituir o mundo pela estrutura de conhecimento que cria sobre ele, sendo mais real que o real, mais completo, menos alienado, mais preciso, mais científico. Ao invés de sucumbir à totalização da razão ocidental, Borges nos obriga a perceber que um determinado sistema interpretativo não é a representação da verdade, antes, uma opção de entrada para significar. Ao optarmos por um sistema interpretativo, queremos que tudo passe a ter sentido para nós e para todos, queremos que a nossa ordem do mundo seja a verdadeira.

Neste sentido, Borges não desencadeia a mesma paralisia das pós-modernidades, apenas nos faz perceber que não dizemos o mundo, mas apenas narramos o nosso próprio mundo, que faz sentido para nós como expressão e expansão da nossa razão e dos nossos sentidos. Borges não retira a verdade do que fazemos, antes põe em suspenso a verdade do que concluímos, recolocando a questão como uma aposta narrativa que estabelece uma ordem aos fatos, um sentido a eles. Afinal o que concebemos é verdadeiro e real para alguém, para um tempo, jamais se constituindo como algo que transcende às suas amarras, verdadeiras dentro e para o sistema que a valida, real, portanto, nele.

Parece importante equivaler os pontos de atrito presentes neste diálogo interpretativo à inscrição encontrada nos pratos do submarino **Nautilus** em **20.000 Léguas Submarinas** de Julio Verne: **MOBILLIS IN MOBILE.** Interpretações são intervenções que se movimentam em textos que têm vida e mobilidade.

A materialização das narrativas não é verdadeira em si, mas nossa interferência sobre ela a torna verdadeira e portadora dos fios de significação que as tecem. O tecido realizado pelo seu narrador lhe é particular, o que fazemos é depositar nosso olhar sobre ele, significá-lo para nós. A porta (sistema) de entrada nos faz penetrar este tecido e vê-lo a partir de diversas picadas, tão diversas quanto

os varadouros e estradas de seringa da floresta que nos levam por longas caminhadas narrativas.

Por isso, o trabalho de interpretação, de preenchimento da palavra do outro nunca cessa. Trabalhos dessa natureza nunca terminam, simplesmente **eles são abandonados** (GEERTZ, 1999: 14), não se esgota o sentido, mas é o interlocutor que se sente temporariamente exaurido e de certa forma derrotado por não conseguir esgotar todas as representações.

O trabalho de leituras realizado com os textos obtidos no trabalho de campo junto às pequenas Comunidades de Seringueiros que vivem ao longo do Rio Ouro Preto, parte como resultado da dinâmica do trabalho de campo e das leituras ocorridas ao longo da pesquisa sugerindo muitos pontos de entrada, de desvios, de atalhos, de furos, de picadas. Assim, o início do diálogo com os textos-seringueiros parte da primeira entrevista realizada no seringal. Seu Davi de Souza marca o início dos relatos da Vivência de Campo, se encerrando com a triste sina de Seu Nilo, surgindo não somente como o primeiro contato gravado no meio da floresta, mas como a voz fundamental, que ecoou o tempo todo, junto com as outras entrevistas em meio ao esturro e ao miado das onças, ao piado de cegonhas e nambus, ao assobiar e guinchar de macacos, ao grasnar das araras, ao azoinar das abelhas, ao zunir dos pernilongos, ao assobiar de capivaras e antas, ao trissar de morcegos, ao **toc-toc-toc** frenético de pica-paus, ao ronco de jacarés, e tantos outros sons que dia e noite chegam sem que saibamos de quem e de onde vêm, como advertência, desafio, ameaça, acalento, ou respostas às perguntas nem sempre respondidas.

O ponto de início e ingresso nos textos é do diálogo integral, da entrega por inteiro, fugindo da coisificação e da objetificação (que só aceita fragmentos de falas, recortadas por assuntos, com as desculpas de falta de espaço e de perda de objetividade) sem sujeitos e sem contextos.

A metodologia/epistemologia perseguida neste trabalho é consequência e se guia pela ontologia que tem no Capital seu maior opositor, que não quer lidar com cacos, com falas dispersas, com discursos selecionados e úteis para confirmar, com citações de sujeitos desprovidos de contradição e vida, com narradores e textos desprovidos de dubiedades, dobras e vazios que possam colocar em cheque a voz dominante de quem dirige a pesquisa, ou as hipóteses iniciais.

Os textos aqui apresentados não são “purificados” para ganharem objetividade, nem são apadagas as contradições que pudessem depor contra as interpretações. Os desafios das múltiplas vozes são mantidos para que não brilhe a arrogância de um único caminho ou **sistema** (BORGES). Os textos aqui constituídos

são tão diversos e complexos quanto seus narradores, e permitem ao seu leitor uma vertiginosa quantidade de entradas; algumas como verdadeiras armadilhas, outras como caminhos sem saída, e tantas outras que nos levam diretamente de encontro à fera que pode nos devorar.

Não é sem motivos que costumeiramente fugimos destas armadilhas que nos obrigam a "tirar leite de pedras", retirando das gravações, das entrevistas, dos depoimentos somente aquilo que cabe (e valida) o método, coroando o trabalho do pesquisador, com fragmentos recontextualizados, retirados de uma circunstância (por exemplo: um diálogo ocorrido às cinco horas da tarde, depois de uma pescaria, com os raios do sol já enfraquecidos deixando o alto das copas das árvores com frisos de ouro, sob um calor atordoante, com o suor a encharcar o rosto, num ponto qualquer do GPS, sob o ruído de pequenos pássaros e araras) para comporem um texto acadêmico, objetivo, conseqüente, conclusivo, ligando as partes e o todo, como se o trabalho de campo fosse pautado em razões, em argumentos analisados, em juízos criteriosos, em lógicas consistentes, em hipóteses ponderadas, em um tipo de realidade descritível e passível de ser compreendida metodológica e racionalmente.

Os textos aqui apresentados dentro da perspectiva da **Cápsula Narrativa** fogem do tratamento tradicional com entrevistas e de muitos outros realizados em História Oral; este trabalho cinde com a visão tradicional que se tem dos seringueiros, rompe com as publicações existentes que buscam regularidades históricas e econômicas na vida deles. Este trabalho se justifica por mostrar um seringueiro que não existia, em grande parte distante de todos os adjetivos sociológicos, políticos e ambientais que lhe são conferidos. O coração deste trabalho, ou sua tese central é a constituição de um grupo de seringueiros arredios aos movimentos gerais da atualidade, onde os elementos econômicos como volume de produção de borracha, dificuldades de mercado, preço de mercado e trabalho extrapolam o caráter econômico para comporem significação subjetiva e ao mesmo tempo cultural. A natureza econômica do extrativismo se converte em instrumento da linguagem e de suas condutas compondo elementos significativos do lugar que extrapolam as meras determinações econômicas, mesmo porque na qualidade de sujeitos assujeitados, abandonados pelo Estado, deixados à deriva pelo mercado, apagados da história oficial, negados pelo Exército, acabaram por estabelecer vínculos tênues e passageiros com as grandes estruturas civilizatórias da contemporaneidade, e com o que se chama em geral de **seringueiro**. Na verdade parece difícil crer que toda a literatura existente quando faça referência ao

seringueiro esteja indo muito além de uma pequena comunidade onde ocorreu o contato, a não ser que se pretenda estabelecer as chamadas **linhas gerais do movimento**, cuja função informativa-pedagógica cumpre papel importante para nós, mas não necessariamente para eles.

Por isso Benchimol (1965 e 1977), Leonel (1998 e 2000), Aubertin (2000), Becker (1990), Silva (1997), Wagley (1988), Leite (1995), Florence (1977), Weinstein (1993), Bittencout (1969), Diegues (1992, 1997 e 1999), Esteves (1993), Weigand (1998), Ferreira (1995), deixam de ser as grandes referências, para em seu lugar surgirem Davi de Souza, Wanderley Lima Nunes, Lita da Rocha, Manoel dos Santos Oliveira, Francisco Nilo Pessoa, José Maria dos Santos e Paulo Nunes, que não se opõem meramente aos autores acima, mas referendam a si mesmos e a este trabalho. Aqui estão fixados e registrados pela escrita o modo como cada um deles pretendeu se deixar ver, e como podemos vê-los. O jogo discursivo-interpretativo resultante não tende a descredenciar nenhum deles, nem mesmo os autores acima, apenas colocá-los como o centro da atenção, como o grande espelho que reflete e referenda a narrativa de cada um deles, sem a pretensão de extrapolar a responsabilidade discursiva e a trama existencial contida nelas, ou seja elas são modelo e medida para si mesmas, retratando o **sentido fixado** (GEERTZ, 1989: 12) para a ação, para o vivido e não propriamente sua inteligibilidade explicativa.

Neste sentido, não é desconfortável abandonar as garantias científicas que decorrem da coleta de dados como se fosse a expressão mais que fiel do vivido, mais real que a vida subjetiva de cada seringueiro, assumindo o caráter precário, ambíguo e impreciso do trabalho de campo, pois uma foto, quando se solicita que alguém se ponha a posar, imediatamente um outro corpo surge. A posição quer antecipar a imagem resultante, o colarinho é conferido, os cabelos ajeitados, o olhar se posiciona, o próprio cenário passa a ser importante, e o próprio operador se esforça para conseguir o melhor ângulo, a imagem mais provocativa.

Com o gravador ocorre algo semelhante, onde os envolvidos – interlocutor e narrador se põem a registrar o que ainda não foi dito, da melhor maneira, da forma mais coerente e convincente possível. Neste campo de forças cerrado, se entrecruzam quatro elementos que se sobrepõem, se reforçam e se deformam, conformando-se naquilo que Jung chamou de **persona**. Diante do interlocutor, cada narrador é ao mesmo tempo aquele que julga ser, aquele que gostaria de parecer ser ao outro, aquele que o interlocutor julga que ele é, e aquele que faz uso de certos artifícios para poder exibir-se.

Este pressuposto nos obriga a fugir da aplicação geral desprovida de acuidade particular, a evitar o que em latim se chama **studium** (BARTHES, 1984: 45), de dedicação genérica das ações, dos gestos, dos quadros históricos e temáticos, dos interesses diversificados, dos temas uniformes.

O elemento novo que se contrapõe, Barthes chamou de **punctum** (idem p 46), o que representa, no sentido mais direto, picada, pequeno furo, toca, pequena fenda, ponto, alvo. O **punctum** ultrapassa o panorama impessoal, a indiferença generalizadora, ele focaliza um ponto para dissolver toda a lógica do contexto, para fugir do óbvio. É o ponto de ruptura da harmonia sugerida pelo contexto geral da imagem. É um pequeno corte ou picada por onde penetra o leitor para gerar sentidos e relações, identificando caminhos a explorar. Ele não segue a tendência geral da imagem, mas estabelece seu modo particular de leitura. Diante de uma foto bizarra de uma anã, Barthes se detém no curativo do seu dedo; diante da última foto de Lewis Payne pouco antes de ser executado, Barthes somente registra seis palavras demolidoras: "ele está morto e vai morrer" (idem p. 143), a morte antecipada está impressa no modo como repousa sua cabeça ligeiramente inclinada em contato com a parede; o fim da vida, a derrota da existência, a resignação estão presentes em um pequeno detalhe, mais óbvio que todo o conjunto da imagem.

O **punctum** transposto para os textos (CALDAS, 2001) foge da narrativa óbvia, do ato de redizer o texto, ele desafia, desconfia, dialoga, nega, desrespeita, contradiz, supera, sobrepõe, ele esgarça todo e qualquer pequeno fragmento em busca de nova totalidade, foge do óbvio em busca do que ainda não foi visto, do que não foi dito, do ponto de desequilíbrio.

Ele se apresenta como recorte em busca de repetição e regularidades para formular conceito, não se prende às formulações gerais, às macro-determinações, à construção geral de uma imagem, ele é a representação do ponto de entrada do observador/leitor. É o ponto de desequilíbrio, de dúvida, que pode desestabilizar, obrigando o movimento de todo o conjunto, desencadeando uma leitura singular.

Aplicado aos textos não produz as cristalizações dos conceitos, permitindo outras incursões, nos auxilia a navegar pelos diversos textos das entrevistas, porque as vivências apresentadas são únicas, entre os textos as vivências podem se aproximar por pequenos fios de ligação, mas não num tecido conceitual que as una, uma vez que o suporte de sentido e a relevância não coincidem.

Isto nos coloca diante da necessidade de entender toda a literatura existente sobre seringueiros não como **obra de referência** mas como leituras particulares, o

seu modo de incursão pode servir de leitura estimulante, mas não de roteiro a seguir. Na literatura existente sobre seringueiros não cabem Dona Lita, Seu Damasceno, Wanderley, cujas existências realizam meras intersecções com a borracha.

O domínio deste tipo de literatura não faz conhecer o seringueiro, mas nos põem a visualizar como os diversos autores puderam concebê-lo. Os sete textos que compõem este trabalho nos coloca diante das percepções que formularam circunstancialmente, relacionadas com circunstâncias vivenciais e não com toda uma existência; cada um deles conheceu causalidades, descontinuidades, condicionantes, tradições, transformações, o que Barthes chamou de **particulares absolutos** (idem p. 12). O seringueiro que emerge desta leitura é ao mesmo tempo nenhum, deixa de representar algo, para tornar-se ele próprio, validando a si mesmo, sem qualquer compromisso com a história oficial, mas empenhado em apresentar a sua perspectiva de vida.

Cada texto provoca outros fluxos (das interpretações) de origem dupla (tanto advém da formação discursiva do narrador como do autor) que provocam no leitor outro **jato de palavras**.

A cachoeira do Seu Davi não é a mesma do Wanderley, e nem mesmo existe para Seu Manoel.

Walter e Seu Raimundo não cometem crimes. A traição é maior (para o primeiro) e a sobrevivência tem suas implicações (para o segundo). Para o leitor de formação cristã e iluminista, brota o horror da indiferença.

Porque Seu Pedro, que tanto insiste que naquela época era diferente, não deixa claro de que época fala? De que lugar? De que vivências fala? Com o que compara hoje? O que se perdeu com o tempo? O tempo mudou, ou Seu Pedro não moveu seus valores?

Cada um dos sete seringueiros não se adequam a História Oficial, porque eles nunca foram ouvidos; assim, ou os modelos e arquétipos teóricos que foram constituídos são falsos ou cada um deles o é. Suas narrativas voluntárias nunca foram levadas em conta. Suas vozes, se ouvidas, não passam de anônimos questionários onde o pesquisador pede que se diga somente o que ele precisa ouvir.

Neste sentido a própria história do dia-a-dia não seria capaz de singularizar o vivido, porque toma a repetição como hábito de grupo, de classe, como prática institucional. A vivência se torna imutável e vira estrutura. Por isso não se trata de confirmar ou desautorizar modelos, não se pretende opôr micro-história à macro-história, mas ver e interpretar a partir dos textos e da vivência de campo, como cada um deles significa o lugar e como a vida é configurada nele.

Por outro lado, os textos não representam a abrangência dos seringueiros. O texto de Zé Maria não o representa como totalidade existencial, mas é estabelecido por ele num momento narrativo como um testemunho circunstancial, pois a vida dele é maior que seu texto, nele é possível visualizar o lastro de cada palavra, e o conteúdo de cada imagem, mas não encontramos toda sua vida.

Como nasce um seringueiro?

Esta pergunta nunca foi posta a nenhum deles, nem foi perguntado onde eles nasceram, em que ano, nem mesmo foi posta a necessidade de saber o nome dos pais, ou de onde vieram. Este tipo de pergunta já sugere um tipo de origem, uma forma de organização do tempo, ou ainda a necessidade de desencadearem suas narrativas respeitando a linearidade do calendário civil.

Por nunca ter sido feita é que esta pergunta foi respondida tão singularmente. Com uma temporalidade e organicidade bastante próprias.

A **Origem Voluntária** destes textos obedecem às expectativas presentes em muitos seringueiros, inclusive o seringueiro Chico Mendes quando afirmava freqüentemente My life began just like that of all rubber tappers ... I started work at nine years old (in nfw.org/international/chico/words.html).

Para Seu Davi tudo começa aos oito anos: Mas a minha vida ... quando me entendi de gente mesmo ... tava com oito anos quando meu pai foi baleado (11). O infortúnio do pai na verdade não antecipa nada em sua vida, porque é com essa idade que muitos **começam a se entender por gente,** não há nada de extraordinário, afinal se não fosse o ocorrido com o pai, ele certamente teria começado a cortar seringa da mesma forma, porque é essa a idade para que eles se entendam por gente e comecem a trabalhar.

Com Paulo o destino não varia muito, a infância não é reconhecida como período socialmente merecedor de atenção, nem mesmo de memórias, tudo começa com a consciência ou a inserção no mundo do trabalho: minha vida quando consigo me entender tinha cinco ou seis anos de idade ... foi quando meu pai subiu com meu tio a mamãe e os meus irmãos ... no Alto do Rio Cautário (1). Seu Nilo tinha aproximadamente oito anos quando saiu da cidade para **se entender por gente** Entrei aqui no dia que eu sai de Guajará-Mirim ... 17 de março de 43 pra cortar seringa aqui dentro ... cortei até agora ... tá com 50 anos que corto seringa. (3). O lugar de onde cada um veio não importa, a infância é inexistente.

Todos eles **se entendem por gente** quando começam a significar o lugar, quando conquistam no espaço da mata o lugar de sua colocação, fundando sua existência com o trabalho, com o corte da seringa, com o enfrentamento das feras,

das chuvas e das visagens, passando a marcar cada passo do caminho. Quando perambulam pela estrada de seringa marcando cada árvore, transformam cada encruzilhada em lugar de significação existencial. Antes disto não há seringueiro.

O período anterior da infância representa momento de pouco significado para a comunidade. Neste sentido as famílias não se preocupam com qualquer forma de transmissão de conhecimento neste período. As crianças aprender por si mesmas principalmente observando os adultos. Não há uma interferência explícita da parte dos adultos objetivando a aprendizagem. A presença das crianças é tolerada e raramente é solicitada

É aceitável no meio deles que algum seringueiro deixe de cortar seringa e continue a ser chamado e identificado, em sua comunidade, como **Seringueiro,** como tem ocorrido mais recentemente com a decadência da atividade extrativista. Mas todos eles passaram pelo período de enfrentar a mata, viver dela, e sobreviver nela.

Andar pela infinidade de Estradas de Seringa da Amazônia representa o mesmo que peregrinar pela vida de cada um deles. Somente um seringueiro sabe onde e quantas são as seringueiras escondidas ao longo do caminho. Somente um seringueiro consegue **retirar** a seringueira do meio da mata para colocá-la em sua estrada.

Para ser seringueiro não basta ser filho de seringueiro, ter nascido no seringal, morar na reserva, não basta **herdar** as estradas de seringa do pai. Esta imagem é bastante semelhante ao mecanismo de conquista da cidadania na Grécia antiga onde não bastava ser filho de cidadão grego, e ter nascido em solo grego para tornar-se um deles.

A exemplo do grego (e do judeu que passa pala circuncisão nesta idade), a idade próxima aos sete/oito anos marca o início da vida pública para o seringueiro: na Grécia é esta a idade de qualquer espartano iniciar sua vida como soldado, aprendendo o manuseio da espada e da lança. No seringal é a idade de aprender a usar a faca de seringa e a poronga, de talhar no meio do espaço da floresta o seu lugar.

Esta situação começa a ficar dramática com as mulheres que só passam a ser consideradas como mulheres-seringueiras com a incorporação de alguns valores de cidadania e igualdade para os trabalhadores. E isto significa não mais que quinze anos atrás. Na época dos patrões, algumas mulheres chegaram a cortar seringa, mas a conta no barracão estava em nome do marido. Elas cortavam seringa durante algum período difícil, de enfermidade do marido, ou até que algum dos

filhos pequenos atingisse a idade para cortar seringa, como foi o caso de Seu Davi, que não foi cortar seringa para se casar, mas para sustentar a própria família.

Dona Lita atribui sua **Origem Voluntária** ao abandono materno: Sem mãe não tem carinho ... eu não soube o que é carinho de mãe ... as mães sempre têm o cuidado com os filhos ... e eu não soube o que é mãe. Um dia ela disse que ia embora ... me bateu e eu fiquei chorando (1 e 2). Sua origem não está num lugar, nem se prende ao tempo, nasce de um sentimento, nasce do **abandono**, que modula toda sua Cápsula Narrativa, a ponto de desconhecer grande parte do que ocorre a sua volta.

Na entrevista com Seu Pedro (seu marido), ela se mostrou falante, ajudando-o a ir se recordando, atuando como interlocutor na entrevista a ponto de eu ter realizado raras intervenções. Do marido sabia a narrativa pública de vida, mas de si mesma só restou o discurso do **abandono**, como origem e como modelador da vida. Não é sem motivos que se pergunta: Pra que ela abandonou? (45) e ao mesmo tempo adverte ser diferente da mãe que teve sou casada e nunca abandonei eles ... abandonar é sinal que não gosta (14).

Mas esta **Origem Voluntária** já não representa a origem para todos os seringueiros da reserva extrativista. O tempo do mercado, o registro do cartório, o lugar como território que define a origem de cada um começa a ter força discursiva. José Maria e Manoel dos Santos representam uma forma híbrida entre o que se narra e o que consta na Certidão de Nascimento. Para ambos há o lugar, mas não o tempo: Nasci em Canutama interior do Amazonas (Zé Maria - 1), Nasci no Guaporé mas me criei em Guajará-Mirim (Manoel dos Santos – 1).

A **Origem Voluntária** mais emblemática é a de Wanderley, que incorporou o discurso de cartório, mas ainda conserva a força da origem da sua comunidade. Ele mantém de forma indissolúvel duas origens: uma registrada no documento que diz ter nascido em Fortaleza do Abunã ... Estado de Rondônia ... no dia 14 de agosto de 1963 ... (1), e outra forjada na sua comunidade que o obriga a completar na mesma frase: Nasci em Fortaleza do Abunã ... Estado de Rondônia ... no dia 14 de agosto de 1963 ... fui criado e acostumado nesse ritmo de trabalho de mato ... acompanhando meu pai nesse serviço de seringa Wanderley mantém viva esta dicotomia discursiva, sobrepondo (sem querer esconder a contradição) a origem civil e sua gênese comunitária.

Seu Manoel, ao afirmar: Nasci no Guaporé mas me criei em Guajará-Mirim ... (1), sugere não somente um nascimento passível de constar no registro civil, antes fala do nascimento do lugar narrativo, não foi ele que nasceu num lugar, mas foi o lugar que o fez nascer, foi o lugar quem gerou. As ferramentas para ler o mundo foram dadas pelas contingências de uma comunidade específica, por isso enfatiza que

apesar de ter nascido biologicamente no Guaporé, se fez gente a partir de outra comunidade. As condições iniciais foram lançadas, porém as decorrências da vida ao longo dos anos foram determinadas por ele, mudar o discurso implica romper com a origem, mudar de lugar, mudar o lugar, re-dirigindo a vida, compondo nova cartografia (GATARRI e ROLNIK, 1986), re-posicionando o sentido e o lugar mais adiante: Quando eu servi o quartel teve um tenente que queria me levar para o Rio mas eu tinha muito amor a meu pai ... Talvez se eu tivesse ido com ele ... não tava aqui nessa região (6). Percebe que sua condição poderia ser diferente se tivesse rompido com o lugar discursivo e geográfico de sua origem: talvez se eu tivesse ido levanta a suspeita de talvez haver um lugar onde a mitologia do Capital não condicione a vida das pessoas, se tivesse ido suspeita que estaria num lugar discursivo completamente diferente, poderia ter outra sorte, teria forças para romper com o determinismo geográfico-discursivo de Guajará-Mirim, afinal não mais estaria prisioneiro das circunstâncias, não estaria mais nessa região e nessa condição.

... o caso do meu pai era trabalho e o meu também ... E eu fui criado assim (Manoel dos Santos - 2), viver ou existir (FREIRE) parece ser sua condição da vida, lutar contra o lugar ou ser seu fiel parece ser um dilema crucial. Afinal nem toda ação do homem gera mercadoria e mercado, nem tudo o que se realiza é expressão da lógica do Capital. Porém, toda ação em consonância com o Capital parece sucumbir ao tentar superá-lo, por isso a crença na sua superação realizada com e a partir dele remonta a mera ilusão (KURZ). A luta de Seu Manoel não é somente contra a cartografia existencial do seringueiro, ele registra sua origem, a aceita, e não luta contra ela. Resigna-se à sua condição, sua história não centra uma existência no sentido freireano de significação do mundo, é antes exercício dialético de resistência e luta com o lugar, mas sempre preso aos limites do que está a sua volta. Permitiu desde muito cedo que a esfinge do lugar o devorasse e a trajetória de sua vida passou a ser a mesma do seu pai, e de todos aqueles que nunca saíram do lugar onde o Capital projetou suas dimensões de vida em torno das contradições do mercado, do trabalho e da mercadoria, por isso o trabalho era ... o caso do meu pai era trabalho e o meu também ... (2). O restante de sua narrativa de vida é mera decorrência, é expressão de luta dentro das regras de um tipo de jogo, cujo resultado não difere da **vida de gado** de Zé Ramalho, que devora a todos a exemplo do que faz a ferrugem na engrenagem.

Por isso Estou pedindo a Deus que essa borracha nova que nós tamos fazendo dê certo (38), só resta Deus, só lhe sobra a crença que algum poder sobre-natural, sobre-Capital, supere as amarras e as agruras da vida, não espera que o mercado, a tecnologia

nova de produção, ou a associação o ajude. Do lugar de onde nunca saiu não espera auxílio, conhece as regras do jogo e reconhece a ilusão da crença no mercado e seus fetiches, espera em outro discurso (Deus), pois há muito abdicou de sua condição demiúrgica. Matou-se quando se viu como o pai: apenas trabalho. E eu não tenho muito que falar mais não (41), aceitando a morte do seu narrador (BENJAMIM, 1987). Como produtor de mercadoria, como seringueiro trabalhador sua história é apenas uma pequena parte da história do preço que a borracha tem no mercado.

A idéia da dissolução do mundo do seringueiro é cada vez mais reforçada. Primeiramente nos textos transcriados com os seringueiros mais velhos é viva a capacidade de re-significar sua condição a partir da mitologia da comunidade; o mesmo não acontece com os mais novos que acabam colocando ainda em dúvida as histórias dos mais velhos. Isto não representa necessariamente perda ou descaracterização, mas troca do conjunto de mediações, movimentos de significação cujo resultado é a troca da mitologia da floresta pela mitologia do mercado. Os seringueiros mais novos (com menos de 40 anos) são qualitativamente melhor inseridos no mercado, alguns freqüentaram a escola por alguns anos incorporando certo modo de racionalidade e, por conseguinte certas formas de significação da mercadoria e alguns elementos da racionalidade do Capital.

Não foram poucas as ocasiões em que os mais novos, em especial as crianças que estão freqüentando as escolas do seringal riam das histórias contadas pelos mais velhos. A referência feita a Seu Davi é de ser um bom contador de mentiras e histórias, mas não alguém que mereça crédito.

Apenas os velhos seringueiros ainda o ouvem atentamente.

Joseph Conrad em **The Heart of Darkness**, traça o elo de ligação entre os homens do mar. O que os tornam tolerantes em suas diferenças, na diversidade das histórias e convicções é a impotência e a ameaça que pode vir do mar. Maior que todos eles juntos, se tornou cada um deles e todos ao mesmo tempo.

Marujos e seringueiros parecem ter algo em comum: não querem vencer o mar ou a floresta, antes desejam conviver com sua grandeza, partilhar de sua dignidade, compor com sua força, alimentar sua diversidade e seus labirintos. Todas as histórias contadas, mais ou menos fantásticas, partilham a mesma vontade, dirigem e são dirigidas pelo mar e pela floresta. As vivências, a exemplo dos mitos cumprem papel pedagógico ao sugerir atitudes e vicissitudes inescapáveis a sua condição. Não realizam disputas, competindo com o mar e a floresta, antes procuram garantir sua existência com dignidade, vivacidade, honra e força.

Não querem explicar ou revelar (empiricamente) nada, mas pretendem lembrar, suscitar, aventar, sugerir, propiciar, inspirar, insinuar, estimular, incentivar, instigar, advertir, desaconselhar, indicar, recordar, gerar, apagar, mover, controverter, expor, provocar, mover, plantar, acirrar, impulsionar, dissuadir, alterar, perturbar, envolver. Ou seja, dar sentido e densidade a existência.

Seu Davi é muito associado com a habilidade de inventar histórias (no sentido mais pejorativo da palavra), é tido como folclórico, mas não como alguém merecedor de respeito e confiança, porque o conteúdo escolar, mesmo o das séries iniciais, é bastante incisivo ao delinear os parâmetros básicos dos determinismos científicos contidos nas disciplinas aprendidas.

Paradoxalmente a escola que liberta gera o preconceito. A mesma escola que é identificada como a portadora dos instrumentos iluministas e salvaguarda da cidadania, por garantir a inclusão social, acaba por descredenciar aqueles que não organizam sua vida dentro dos modelos escolarizados.

Quem narra sua vida sem a objetividade e a linearidade da história é tido como confuso. Desta forma a escola deforma as comunidades de seringueiros, zomba daqueles que ainda insistem em permanecer no **primitivismo** dos povos da floresta. Seleciona o verossímil do inverossímil, o verdadeiro do falso, identificando os mentirosos que se tornam objeto de chacota.

A mesma escola que deveria garantir horizontes mais largos de vida e sentido, acaba por selecionar apenas um modo de vida como sendo real, tratando os demais na categoria do imaginário. O conhecimento que deveria ser instrumento de inclusão realiza o inverso, e nem mesmo se faz a pergunta proposta por Lacan: "Como ter certeza de que não somos impostores?"

Não são muitos os que respeitam as histórias do Seu Raimundo, ou de Zé Maria. Seu Pedro recebeu há muitos anos o apelido de **Pedro Doido**. Porque na medida em que conversávamos, ele revivia cada palavra que estava sendo ditas, saltava na sala como havia saltado a onça, erguia a voz, gesticulava muito e o tempo todo, falando sempre muito rápido como se não tivesse mais tempo e ainda restasse muito a dizer.

Impossível duvidar de Seu Pedro, da paixão que conserva pela vida. Cada história contada, por mais desgraçada que fosse, transbordava em vigor. O grande épico de sua vida não coube no texto escrito, o brilho nos olhos, o prazer estampado no rosto para delicadamente abrir a **Caixa de Pandora** da vida na floresta que não se acomodou no texto. A família e os amigos que estavam no terreiro de sua colocação para ouvi-lo não o intimidaram, ele envolveu a todos, ao

final era possível sentir dores nas pernas de tanto que **caminhamos** nos varadouros, de tanto que **corremos** das onças, de tanto que **marchamos** nas suas estradas de seringa, de tanto que **peregrinamos** a procura de caça.

Impossível não rir com ele, não se assombrar como ele, não desejar que se safasse das feras, não se espelhar nele, como uma tragédia grega, não há como passar incólume pelas trilhas; impossível não passar pelas catarses da vida, não se ver como traído, como esperto, como sofredor, como velho, como um seringueiro cansado.

Pedro Doido, Davi, Wanderley, Zé Maria encantam como serpente, envolvem com seu poder que nada representa diante do preço do quilo da borracha no mercado. O vigor de narrador, aos olhos do mercado, parece cair como castelo de cartas diante da falta de dinheiro para comprar sequer uma camisa nova.

Aos olhos escolarizados dos alunos, os esforços dos velhos para fazerem vivas e múltiplas a palavra **onça** ou **escuridão** atrai pouco, em seu lugar é esculpida a imagem deles como fracassados no mundo da mercadoria. A dinâmica e a força existencial das histórias passam a ser desprezadas diante de sua condição de economicamente assujeitado e diante da palavra do professor cujo conhecimento fortalece a lógica do mercado. Por isso Seu Pedro não vai deixar de ser conhecido como **Pedro Doido**, e também por isso o olhar determinista dos alunos, dos professores e pesquisador dificilmente ousaria vê-lo diferente.

Seu Davi é exemplo vivo de sujeito **da** práxis, mas não de sujeito **na** práxis, ele não é o sujeito no mercado, sua participação na associação de seringueiros não coloca qualquer seringueiro em condições de criarem modalidades distintas de participação no mundo da mercadoria, nem mesmo de se oporem a ele. O mercado torna qualquer um deles meros produtores, fetichizardos como qualquer trabalhador. Mas esta condição alienada não chega a destruí-los completamente, pois se mantém como sujeitos da sua práxis, vivem a condição de marginais do mercado, e por isso têm ainda mais força narrativa para negarem o espaço do Capital, mantendo viva a colocação como lugar de criação.

Astutamente cada um deles se mostra capaz de sobreviver no árido mundo da mercadoria, no molhado mundo da floresta, na maior crise do extrativismo, no momento histórico mais opaco e decadente da história da borracha, ou como sugere Seu Nilo: dias de fracasso no futuro. Sabem quando podem falar livremente, e sabem que para sobreviverem como narradores precisam se calar diante da escola, do mercado e dos pesquisadores. Sabem responder àquilo que cada um

quer ouvir, da mesma sorte que sabem retirar da mata quase tudo que precisam para viver, preservando e sobrevivendo no seu lugar geográfico e narrativo.

O reforço à idéia de dissolução está na condição de assujeitamento. No âmbito da economia política ou mesmo da política econômica, o seringueiro tem pequenas chances de ingerência significativa no mercado, sua presença/ausência não se configura como relevante. Paulo insiste nas ações e nos projetos das associações cuja organicidade e sustentabilidade são precárias do ponto de vista econômico.

Seu Pedro dificilmente deixará de ser **Doido,** e Seu Manoel cada vez mais será respeitado como exemplo de busca de saídas econômicas alternativas à crise da borracha enquanto as luzes e a lógica do Capital guiarem seus interlocutores.

Provavelmente Seu Davi, outro feiticeiro da palavra e economicamente assujeitado, perceba-se diferente mas isto nada representa para a história oficial porque nenhum deles foi ouvido por ela. Mesmo os mais integrados não têm conexão com os modelos sociologicamente elaborados.

Eles não referendam certas expectativas nem as substituem, antes validam a si mesmos, são falsos arquétipos universais por estarem muitas vezes fora até mesmo da sua comunidade de referência. Sua sobrevivência física é hoje tão delicada quanto a sobrevivência narrativa daqueles que fogem dos modelos para re-significarem o lugar, uma vez que sua comprovação empírica só se justifica na própria narrativa, no seringueiro que narra a história, ou por vezes no próprio núcleo simbólico da sua comunidade. Ou seja, certos relatos se justificam na autoria do seu narrador, na articulação geral com o que diz.

Neste sentido o esforço por buscar regularidades nas diversas fontes, ou descrever o lugar narrativo do outro parece precário, muito embora seja esta a atitude que norteia muitos trabalhos como o de Terence Moix ao lidar com diversas narrativas sobre um mesmo assunto. Esforço parecido ocorre na antropologia ao estudar um mito de uma comunidade, procurando instituir uma narrativa da comunidade a partir da sobreposição de diferentes relatos.

Estes procedimentos se assemelham na criação de um discurso sem rosto, na elaboração de uma história despojada das múltiplas subjetividades para assentar-se num núcleo pretensamente objetivo igualmente realizado pela história oficial.

A Mãe da Seringueira desposada por Seu Davi demanda núcleos simbólicos distintos e incompatíveis com outras narrativas sobre ela. Seu Nilo nem mesmo acredita em sua existência Mãe da Seringueira não acredite não ... que isso aí é conversa de bêbado pra delegado (59), enquanto Zé Maria não se sente seguro para falar sobre ela: ...

tem seringueiro que diz que viu a Mãe da Seringueira ... (204). Mesmo entre aqueles que acreditam na sua existência, são atribuídos comportamentos e aparências distintos, cuja manifestação e presença se consolidam no corpo da história. Da mesma sorte os objetos geográficos existem ou são inventados por necessidade narrativa, suas existências e disposições no espaço não são pré-existentes.

Esta mudança na capacidade de re-simbolização do mundo tem provocado grande cisão, e certo desconforto. Para os mais velhos, a vida há menos de quinze anos atrás, na época dos seringalistas, era totalmente dependente do barracão e isto criava uma espécie de dique que os mantinha afastados da racionalidade do mundo da produção. Muito embora fizessem parte dele de um modo muito peculiar as relações econômicas, tanto macro quanto micro, passavam pelo interesse e lógica do seringalista, uma espécie de senhor feudal da floresta, pois raramente viam dinheiro, ou se colocavam na condição de vendedores ou compradores (o aviado registrava o rancho e a borracha produzida, e as tropas de mulas e balsas provinham tudo).

Desconheciam preços e valores das coisas, nem mesmo conseguiam ter claro o custo operacional das ações de governo. E isto se reflete hoje nas avaliações e expectativas que têm com relação ao papel do Estado e da polícia. Não saíam da colocação quando queriam e se ocorria alguma desavença com o patrão eram impedidos de vir para a cidade se tratar; acometidos de malária, por exemplo, eram deixados à sua sorte e quase sempre morriam.

Este tênue envolvimento com certas condições lógicas do Capital propiciavam formas bastante singulares de significar e explicar a floresta e suas vidas vividas no isolamento do lugar. O que colocava em perigo, de forma mais direta, a sua sobrevivência eram os índios, as onças, as visagens, a Cobra Grande. Seus inimigos mais diretos e visíveis eram as feras e as vicissitudes da floresta.

A floresta em especial foi ganhando paradoxalmente a admiração, o encanto e as belezas, mas igualmente recebeu todas as cores do sofrimento e toda a carga de infortúnios oriundos da vida de seringueiro. O medo, a incerteza, a opressão, o tratamento sub-humano, das relações de produção são plasmadas na floresta. Por mais ameaçador que fosse, o enfrentamento ou a esquiva deles, era mais digno o enfrentamento das quimeras da mata que a afronta ao patrão.

As possibilidades de ascensão social e econômica dentro do modo de vida no seringal raramente elevaram um seringueiro à categoria de patrão, e numa espécie de retroalimentação a impossibilidade dessa maleabilidade social não despertava o desejo de ascensão social; nem mesmo as atividades intermediárias (gerente,

aviado, balseiro, mateiro, fiscal, comboieiro) que poderiam representar algum tipo de *status* eram muito almejadas. Estas atividades eram tarefas igualmente custosas, demandando sacrifício e perigo, em nada apartando o perigo ou a vida austera da floresta.

Todas as relações com a economia, com o mundo da produção eram previamente limitadas e dadas pela conveniência e ótica do patrão, o que significa dizer que a atuação e as decisões em torno desse universo não eram determinadas pelo seringueiro. O seringalista subtraía a produção, colocava o seringueiro onde bem lhe convinha, tirava a borracha do terreiro da sua colocação, trazia o rancho, isso quando o seringalista entendia que o seringueiro era merecedor de rancho. Desta sorte os meses que ficava na cidade eram tempos de diversão, liberdade, agitação e também de perigo. A cidade, a exemplo da própria colocação, ora aparecem como lugares de contratempos e riscos, ora como redutos de paz e segurança.

O seringal era o lugar do trabalho (Nilo), da vida para o homem de fibra (Davi), da perdição (Walter); a rua (cidade) era o espaço de todos, de todas as possibilidades, da farra, da bebedeira, mas também da morte (Davi), da busca por novo patrão (Paulo), de procurar novas oportunidades (Wanderley) e também o espaço de encontro para voltar para a floresta.

Na medida em que os velhos seringueiros estavam apartados do mundo da mercadoria participavam periférica e acidentalmente dele, sem determiná-lo, sem desejá-lo, sem lutar por ou até mesmo contra ele. Dirigindo toda a capacidade de re-simbolização e de re-significação para o lugar, cada vez mais singular e ao mesmo tempo mais distante do modo de produção que tanto os fazia sofrer. O resultado foi uma capacidade de atribuir e partilhar sentido ao lugar, a ponto de poderem se constituir como comunidade onde essas trocas simbólicas reforçavam sua condição ímpar de escravos e donos da floresta, de objetos das entidades e soberanos da caça, de prisioneiros dos seringalistas a senhores da pesca. Diferente das nações indígenas que os influenciaram no modo de comer, de fazer casas, de caçar e educar os filhos, grande parte dos seringueiros não incorporou uma característica bastante comum entre os índios: sentir-se parte integrante da floresta; em seu lugar elaboraram uma relação bastante híbrida.

Da linguagem global do mercado herdaram a idéia de indivíduo estranho ao espaço, mas íntimos de um lugar desterritorializado, mantendo com o local de origem (o sertão do Ceará para grande número deles) vínculos de sentidos e comportamentos. Individualmente se reconhecem como agentes no lugar onde

vivem, para se desfigurarem sem muita resistência no espaço do mercado; dominam muitos segredos da floresta, mas são frágeis quando penetram o espaço urbano. Para muitos deles o espaço urbano é o lugar da perdição, como um **mantra**, repetem invariavelmente a mesma história, de maneira dramática que é lá que as famílias se desintegram no caos: o marido passa a beber, a mulher o trai e vai embora, as filhas se prostituem e os filhos se drogam.

Os seringueiros mais jovens não são tão sensíveis a estas imagens. Com o fim do seringalista e a transformação territorial dos seringais em Reservas Extrativistas de Seringueiros, com a necessidade da composição dos seringueiros remanescentes em torno do novo modelo de organização do espaço da floresta na forma de Reserva, e com a necessidade de constituição política de associações acontece uma mudança na maneira de organizarem seus discursos e, por conseguinte, de reordenarem o lugar, que acaba implicando na dissolução de um rico mundo comunitário, fazendo brotar um lugar semi-morto e ao mesmo tempo singular para o espaço dominado pelo poderoso discurso ordenador do Capital onde o sujeito tende a desaparecer, surgindo em seu lugar a história de uma multiplicidade de projetos de viabilização social e econômica da reserva. As narrativas de Paulo e Zé Maria são bastante elucidativas, suas vidas são divididas ao meio, tendo como divisor de água o seu envolvimento na organização das associações e da Organização de Seringueiros de Rondônia.

O lugar das colocações começa a ser ocupado por discursos padronizados e por lugares fisicamente cada vez mais semelhantes. Até então a copa das árvores tocava a cobertura de palha de buriti de cada colocação, parecendo uma Cobra Grande preguiçosamente de boca aberta, fazendo uma espécie de concessão à presença do seringueiro na floresta. As Reservas e Associações trazem consigo racionalidades que não comungam com este tipo de organização espacial. A colocação do Walter Negão ainda preserva essa imagem. Com a casa na beira do rio, e a floresta invadindo os espaços do terreiro, Walter vive como se fossem os últimos instantes de sua permanência, como se a casa estivesse sendo mais e mais empurrada para dentro do rio. Luta para conseguir um anzol para pescar saborosas piranhas negras de dois quilos. Assim que consegue um anzol (e não mais que isso) se dá por satisfeito.

Hoje, em torno de cada uma das casas há um terreiro que separa o lugar do seringueiro (cada vez mais o espaço do Capital) da floresta, tornando (visualmente) desarmônico os dois ambientes: mata e colocação.

O Capital trouxe para os seringais a racionalidade de um espaço cartesiano, onde cada colocação deve ser a expressão de sua presença, no lugar de pequenos terreiros começam a surgir a lavoura branca... tipo o arroz ... o feijão ... o milho e outras que coisas tipo a melancia ... antes a mandioca era considerada lavoura branca mas de um determinado tempo pra cá é considerada como bem de raiz ... porque demora mais um ano e meio pra fazer farinha (Paulo - 17), o lugar começa a compor a estética do novo discurso: grandes vazios desoladores.

Ao invés da mítica, densa e úmida floresta de histórias, começam a surgir narrativas mais empobrecidas das vivências, onde quase desaparecem os personagens na primeira pessoa, a narrativa se torna oficial e sem rosto, o discurso passa a ser emagrecido e de caráter objetivo cuja preocupação se conjuga com o trabalho, com o preço da borracha, com o financiamento de projetos, com os órgãos do governo, com a diretoria da associação, tornando forte a crença na morte do narrador (BENJAMIN, 1987).

Os mais novos falam preponderantemente do mundo do trabalho, dos feitos como trabalhador, das idas e vindas para a cidade para realizar a troca das mercadorias que produzem por outras que precisam. As histórias passam a girar em torno de objetos mortos, elevados a condição de atores principais no palco do mercado. Aliados ao binômio trabalho-mercado, surgem dois outros elementos em maior ou menor grau: a associação e a família.

O discurso mítico da floresta implica em ascese individualizada, as visagens não atormentam duas pessoas ao mesmo tempo, a Curupira não aparece para dois caçadores que estejam juntos, quem quiser encontrar com a Mãe da Seringueira deve ir só para o rodo da estrada, à meia noite. A vida do herói nunca é partilhada.

A realidade do mercado necessita muitos interlocutores, massa de trabalhadores, vivendo harmoniosamente ou administrando as tensões. Neste contexto a associação é o fórum privilegiado desta tarefa (e o patíbulo de narradores como Seu Davi), e a família o ponto de segurança, de demonstração de sintonia e preocupação com o que deverá ser realizado. Ambas instituições dão o suporte para o empreendedor bem sucedido. O futuro e a prosperidade (conceitos quase metafísicos) se justificam e se materializam na família e na vida dos filhos. Quando se defende a construção de escolas, de postos de saúde, de projetos de ecoturismo, têm-se em mente o futuro dos filhos, preocupação dos últimos dez anos.

Esta passagem não se dá de forma definitiva e homogênea, assumir o discurso da associação não garante a perda da mitologia anterior, nem mesmo a inserção segura na nova mitologia: a do mercado. Seu Francisco Eleotério da colocação

Sapezal é bastante velho e incorporou rapidamente a forma de organização política trazida pelo associativismo. É alguém preocupado com a vida da comunidade, com o universo da produção, porém o que diz, e como diz não convence, incorporou certas expressões da organização do movimento social e busca constantemente fazer uso delas em situações que nem sempre se encaixam. O resultado é uma narrativa de vida fragmentada, com o forte propósito de promover-se como *self-made-man,* dedicando-se pelo bem da associação. Conserva elementos antigos de sujeito mítico e sobrepõem os remendos do sujeito do mercado, procurando dar linearidade e organização ao que diz, organizando tudo segundo os propósitos do movimento de seringueiros.

Trabalho, mercado e família tornam-se os eixos centrais deste tipo de narrador, a preocupação dos mais novos não se volta para a necessidade de significar seu mundo e suas relações. Seu núcleo de atenção se volta para a sobrevivência, para sua adesão ao mercado, para a inclusão do lugar onde vive no espaço do Capital. A dignidade é associada a ter uma mercadoria forte, a prosperidade está fora, está no que produzem. Abdicam da condição de criadores para assumirem o papel fetichizado de trabalhadores, de produtores de mercadorias e espetáculo ecoturístico.

O vivido passa a ser quase descritivo, as ações parecem provocadas e desencadeadas sempre de fora. Neste contexto os seringueiros são co-participantes na trama, atuando a reboque da circunstância já desencadeada. Fica difícil falar sobre si mesmo, sobre o que experimentou das circunstâncias, o discurso é para fora, falam sobre o que foi externalizado sobre as atitudes visíveis, o **eu** que surge é público, e age dentro dos parâmetros morais que transcendem sua própria comunidade; as vivências são sobrepostas como folhas de papel, cuja seqüência é cronológica, sem um entrelaçamento, com ligações meramente formais, aparecem como múltiplos episódios isolados apenas colocados lado a lado. O conteúdo geral passa a ser bastante previsível: são trabalhadores em busca do bem-estar e da prosperidade, um trabalhador em busca do **preço justo** pelo fruto do seu trabalho. Seu desafio está em manter alguns valores morais, pactos de compromisso, pautados pela ética capitalista de respeito a propriedade do outro. Assim temas como incompreensão, traição, coragem, honestidade, lei, amizade e valentia são recorrentes e previsíveis, cujo final aponta para a injusta derrota para o mais forte ou para a vitória do bem personalizada no narrador, boa parte dos **causos** passa a apontar para desfechos conclusivos numa espécie de “moral da história”.

Seu Manoel dos Santos se apresenta como um derrotado, que trabalhou a vida toda e continua a viver como qualquer outro trabalhador da seringa, como qualquer outro operário da floresta, que tem as mesmas posses e a mesma condição de vida que os demais. Nem a idade avançada, nem a fidelidade ao trabalho, nem a floresta (que tem se calado diante das suas dificuldades) o resgatam do abandono.

A narrativa de alguns dos velhos que vivem à margem do mercado (sem necessariamente negá-lo) é a expressão da jornada do herói, que muito embora conviva com as condições e contradições de um trabalhador, este contexto não o domina. O fundamento das vivências passa ao lado da condição proletária. Sua adesão mínima e contigencial, funciona como terreno comum que funda grande parte da comunidade, sem padronizar o vivido, ou uniformizar o sonho, obedece a uma temporalidade muito singular, e a um espaço tão particular que não se reproduz.

A dificuldade daqueles que se alinharam ao macro cosmos da economia tem trazido nos diálogos a percepção da falência dupla: da borracha e da vida de seringueiro. Isto coloca em cheque sua constituição como trabalhadores da seringa, o trabalho deixa de ser algo honroso, perde sua dignidade, pois não consegue realizá-lo como produtor de mercadoria e de histórias, a não ser que deixe sua condição de seringueiro, porém, isto não se resolve facilmente, pois toda sua existência enquanto personagem seringueiro (quer como comunidade, quer como indivíduo) está diretamente vinculada com elementos do modo de vida que sempre os distinguiu como **seringueiros**.

A tensão por não conseguir dar conta de suas expectativas e necessidades de sobrevivência fora desse núcleo mítico aumenta a apreensão; o que não significa que ajam como outras categorias de trabalhadores que perdem sua capacidade de adesão. Expulsos do mercado competitivo e globalizado, estão cada vez mais desprotegidos e paradoxalmente cada vez mais organizados, os **operários da floresta** vagam agonizando como o Mapinguari, deformados pelo Capital, caminham errantes pela floresta.

O Mapinguari, comedor de carne com um único olho, que tanto aterrorizava os velhos, hoje já não atormenta os mais jovens, afinal o bicho não está mais a espreita, não é ameaça que se encontra perdida na floresta, pois é o próprio seringueiro que vagueia e se aterroriza com o próprio destino que vem da cidade.

A mudança constante da moeda, ocorrida nas últimas décadas do século passado, provocou certas imprecisões quanto ao período de ocorrência, a forma de

estabelecer equivalentes, e quanto ao grau de prosperidade que proporcionou. De qualquer forma, o discurso associado a moeda realiza garantia de objetividade, assim a relação estabelecida entre quilos de borracha e alguma moeda para caracterizar a miséria que se vivia, ou para estabelecer um paralelo com as dificuldades cada vez maiores do presente. A afirmação ... duzentos quilos de borracha dava 400 cruzados ... (315) de Seu Davi não se presta a realizar as precisas operações de correlação com a atual moeda, este registro sinaliza para a vida cada vez mais difícil e os preços elevados que se tem hoje ... com o cruzado a gente comprava uma caixa de óleo por 20 cruzado e achava caro e agora com o real é 23... (316); na época do cruzado a condição de vida era difícil, mas hoje é muito mais, e a comparação simplesmente numérica é logo estabelecida: antes custava 20 e agora 23.

É apressado afirmar que eles estejam estabelecendo vínculos razoavelmente sólidos com as possíveis perdas do seu poder aquisitivo, ... afinal das contas o país de primeiro mudava a moeda que nem cobra muda de couro ... (Paulo - 10), mas o problema de terem que lidar como produtores **livres** no mercado, parece muito mais difícil do que na época dos seringalistas; muito embora ... no tempo do cruzado (Davi – 315) fosse o tempo em que o patrão colocava o preço na borracha produzida, era aquilo ou nada, era a vida ou a morte, ela reservava certas garantias, na medida que os seringalistas administravam as circunstâncias difíceis, que apesar de serem repassadas aos seringueiros, a distância do jogo do mercado fazia com que eles se ocupassem exclusivamente em produzir borracha; ... no tempo do cruzado as liberdades valorizadas pelo mundo ocidental capitalista não existiam para os seringueiros, mas o preço da borracha parecia ser mais favorável, o que acaba gerando discursos controversos sobre o passado.

Antigamente era mais duro que agora ... (Davi - 42), escola eram poucas e não estudei ... (Davi - 51), as festas daqui era um forrozinho ... agora já é mais melhor ... tem o toca-disco ... mas naquele tempo era só violão e batendo no fundo de balde (Davi - 227), naquele tempo o patrão não queria roça ... era só seringa (Davi - 314), tirava a mulher do seringueiro quando ele tava com dívida como modo de pagar ... (Nilo - 89), a relação com os índios era terrível ... (Zé Maria - 165), a gente andava armado ... (Nilo - 26), todo mundo vivia bem armado ... (Zé Maria - 218). Por outro lado era um tempo bom: o dinheiro valia. Paguei a conta e tirei nove mil de saldo ... (Davi - 58), nas festas que tinha antigamente em Guajará não era assim ... naquele tempo tinha freio (Nilo - 113), a borracha valia muito mais, havia mais fartura (Davi), e ao mesmo tempo um sofrimento que não se acabava porque freqüentemente começava tudo de novo (Paulo - 37), como sempre (20), novamente (25).

Os perigos, os desconfortos, a guerra pela sobrevivência acontecia no lugar, e nem mesmo a casa era refúgio seguro, contava que os caboclos atacavam as casa e matavam gente (Dona Lita 11); não havia sossego e freqüentemente a colocação era visitada por onça (Seu Pedro) ou por índio (Wanderley) ou por visagem (Seu Davi).

As variações monetárias são tão diversas quanto as perspectivas de existência, ora boas, ora desfavoráveis; Seu Davi fala do tempo do cruzado; Zé Maria lembra quando ganhava uns cem cruzeiros velhos por dia (11); Paulo procura ser preciso não sei se era cruzeiro ou o que (10). O fundamental não é a moeda, mas o tempo que se foi, a experiência que aconteceu.

A sobrevivência, ameaçada em certas ocasiões, não se relaciona com preço, com o mercado, com os planos econômicos, mas a autoridade que sempre os abandonou. Até o fim da década de 80 atribuíam aos patrões toda sua condição, reconheciam ainda que tudo isto acontecia porque o seringueiro não trabalhava, ou a Mãe da Seringueira não aparecia, somando-se o destino de viver sob o mando dos patrão ladrão (Paulo - 131) e atualmente atribuem ao governo que não dá o subsídio (Seu Nilo). Suas vidas parecem sempre depender mais do Estado que do mercado, mais do esforço individual que das relações de produção.

Hoje, grande parte das ações da Organização de Seringueiros de Rondônia está vinculada a ações do governo: ao Planafloro, ao IBAMA, ao CNPT, à SEDAM, mesmo ações que os colocariam no mercado de forma mais competitiva, como é o caso da usina de borracha, depende de projetos governamentais.

Por viverem à margem do mercado e inexistirem até o final da década de 80 como produtores individuais de mercadoria, as contradições sobre o preço, a comercialização, e mesmo sua renda, permeiam os discursos de forma mágica. As alternativas apontadas e o desencanto acabam sendo associados ao processo de "conquista" da condição de trabalhadores livres, de produtores de mercadoria com liberdade para irem ao comércio venderem seus produtos. Por vezes, o atual declínio do mercado extrativista se acopla as conquistas sociais como a escola e a possibilidade de se organizarem em associações, paradoxalmente quanto mais se organizam, mais pauperizam. Nas conversas de final de tarde era comum ouvi-los dizer que preferiam os patrões à associação.

Sob as ordens dos seringalistas muitos seringueiros morreram, a pobreza era grande, o trabalho incessante, a exploração expunha diariamente sua face mais perversa. Com o mercado vivem a condição de produtores e consumidores fragilizados e abandonados a sua própria sorte. A justiça, a cidadania sempre chega parcialmente, e por vezes tão fragmentada que não representa ajuda

satisfatória. Em decorrência disto, as alternativas idealizadas por eles passam pelo sonho de retorno dos seringalistas até a intervenção do Estado como fiscalizador, mediador e comprador da borracha. A própria presença do Estado, por ser irresponsável e quase inexistente, é de certa forma mitificada como se pudesse vir a acudi-los em algum tempo de forma eficiente e competente: Vargas foi um dos presidentes que teve moral ... se ele dissesse: isto é tanto. Era tanto ... você podia ter a casa cheia ... que era aquele tanto ... e se tivesse só um era o mesmo. Hoje quando não fracassa ... o comerciante aumenta o preço por conta própria (Seu Nilo - 90), ou ainda pela presença da polícia ele (Vargas) mandou a polícia acabar com esse bando de crime que tinha nos seringais (90).

Na época dos seringalistas, que posavam de donos da floresta e da vida de cada seringueiro, do dinheiro, da colocação, e da mercadoria, o seringueiro não se enxergava no resultado do seu trabalho. Até hoje nas conversas com os outros seringueiros também fica a suspeita da precisão imprecisa acerca dos motivos da crise da borracha, afinal a exatidão exigida neste tipo de conversa se presta fundamentalmente às considerações macroeconômicas que fogem da compreensão. Para Paulo, Esse foi o ano que o Sarney tinha estabilizado a inflação ... por isso foi bom (133); e Seu Davi confirma: o melhor presidente do Brasil até agora pra nós fora o Getúlio foi o Sarney. Todo dia tinha a inflação que levantava muito ... comprava de manhã por um preço ... de tarde era outro ... mas o produto que a gente fazia levantava também. Com o cruzado a gente comprava uma caixa de óleo por 20 cruzado e achava caro e agora com o real é 23 (316).

De modo mais ou menos dramático os textos comentam sobre a vida hoje, os impasses de agora, as facilidades de antigamente, o sofrimento dos antigos. Ao mesmo tempo em que a época dos seringalistas era marcada pela exploração, algumas referências são feitas como tempo de prosperidade e segurança. Quando vinham para a cidade trocar borracha e tinham saldo para retirar, boa parte (principalmente os solteiros) dizia poder passar um bom período (até que novo fábrico começasse) na cidade indo para festas e bordéis.

A diversidade de percepções dificulta o trabalho das próprias lideranças do movimento de seringueiros, porque passaram por um processo de formação política muito diferente dos demais seringueiros (que dificilmente deixam suas colocações), incorporando ao longo dos anos, um discurso ideológico que é externo ao movimento dos seringueiros. Para Paulo: nos fizeram entender que nós fomos sungados e massacrados ... (146).

Durante o verão amazônico, grande parte dos rios fica inviável para a navegação, se transformando num aparente impedimento ao transporte devido a um possível isolamento ou à necessidade de um tempo muito grande para fazer longos trajetos. Para os seringueiros que participaram deste trabalho, esta circunstância não se apresenta como problema, antes como condição da vida na Reserva, pois quem perde tempo e se sente impedido de livre circulação não são eles, mas nós que pensamos sob a ótica da produção, da mercadoria, do mercado, do tempo como parte fundamental da produção econômica. A ligação entre maior disponibilidade de tempo ou atrasos com possíveis **prejuízos** passa pelo modo como nós significamos a idéia de tempo, que está orientada pela racionalidade da produção (tempo = mercadoria = dinheiro).

O isolamento nos remete ainda à outro elemento crucial: a separação do mercado, à privação da mercadoria, mais que a perda de tempo tememos a interrupção da nossa relação de dependência com o mercado.

O movimento das águas referencia os períodos de corte da seringa, durante a cheia o rio transborda e invade extensas áreas de terra firme, deixando grande parte das estradas de seringa intransitáveis. Os seringueiros sequer fazem menção a ele como um período difícil, não fazem **compensações** e **comparações** entre o que decorre da seca (facilidade de locomoção em terra firme, e dificuldade de transporte pelo rio) e a estação das chuvas (que deixa o ar muito úmido e dificulta sobremaneira a movimentação pela floresta, facilidade de locomoção pelo rio).

Outro elemento passível de comparação e de submissão à lógica do custo-benefício, que não ocorre aos seringueiros, envolve a localização das colocações ao longo do rio, pois morar próximo a fronteira leste da reserva representa dificuldade de transporte no verão e longas distâncias a percorrer (cinco ou oito dias rio acima), compensadas pela abundância de peixes e caça; enquanto morar próximo à cidade significa distâncias menores a percorrer, prejudicadas pela ausência de caça e peixe.

Uns poucos que moram rio acima, onde ainda existe muito peixe, costumam falar das particularidades da pesca quando algumas espécies são encontradas no verão nos poços mais fundos, formados ao longo do rio, enquanto no inverno procuram correntezas mais fracas e passam a viver nas águas frias dos igarapés. De

qualquer forma, o peixe não falta, variando apenas o tipo encontrado, bem como o lugar onde é possível encontrá-lo.

Havendo necessidade de ir para a cidade durante a vazante, o seringueiro procura um barco menor, e evita o transporte de coisas pesadas; prepara-se de maneira diferente.

A dimensão do intervalo entre trechos no rio ou em terra firme é referenciada pelo tempo decorrido e não distância percorrida de uma colocação a outra, dificultando o estabelecimento dos deslocamentos e da movimentação dentro da floresta, por não se tratar do tempo cronológico, do tempo do relógio, e sim do tempo subjetivamente vivido e comunitariamente reconhecido. Apesar de morar a alguns anos nas mesmas colocações, o número de horas que afirmam serem necessárias para se chegar em algumas colocações varia.

Durante as gravações e as conversas na **boca da noite** havia certa dificuldade em compreender como é possível o mesmo trecho do rio ou de mata ser feito primeiramente em dois dias depois em dez, ou o acesso à cachoeira ocorrer num espaço de tempo tão pequeno que parecia improvável. Mesmo a expressão **boca da noite** usada, em alguns casos, para marcarmos o horário das gravações implicava no encontro entre o início da noite e o momento de dormir, nem mesmo o jantar poderia ser levado em conta, pois ele poderia acontecer entre sete e dez da noite.

A **meia noite no rodo da estrada**, hora certa para o encontro com a Mãe da Seringueira (Zé Maria), se reporta ao tempo que não pertence ao controle da produção: Se você corta a estrada pela perna direita ... quando for sexta-feira corta pela esquerda três vez. Corta duas vez ... na três quando chegar no rodo da estrada meia noite ... grita que a Mãe da Seringueira vem ... fala contigo e aumenta o leite (Davi - 586).

Não é a hora que delimita o fim de um dia e o início do outro. Para os seringueiros ela está localizada no meio das horas do sono, quando metade da noite já se foi, é o tempo mais longínquo, mais escondido, não está perto do brilho da manhã do dia seguinte, nem da claridade da tarde do dia anterior, pertence completamente à noite, a escuridão e ao incontrolável, é o tempo mítico onde tudo é possível, onde o caos desestabiliza e ao mesmo tempo a ordem é re-estabelecida, tudo se dissolve e tudo se re-configura, tudo é possível, por isso nenhum ser vivo se move, pássaros e animais ficam em silêncio, na expectativa do que virá; nos instantes seguintes, mantida a ordem ou o caos da sobrevivência, a vida toma seu curso, Quem conviveu muito tempo no mato ... sem relógio ... consegue perceber que é meia noite.

Os pássaros param de cantar ... os gafanhotos ... fica tudo um SILÊNCIO SILÊNCIO ... (Zé Maria - 209).

É esta a hora dos encontros soturnos, da intervenção das forças mais poderosas da floresta, e a hora de corromper a ordem social da comunidade, Seu Davi diz que dois jovens resolveram fugir para se casar, resultando em morte (Davi – 35), é a hora das visagens atormentarem os vivos Já trabalhei numa colocação ... que acordei meia noite com aqueles gritos de alarme. (356), ou retornarem para seu mundo Derrubaram pau muito tempo! Começaram umas nove hora e quando terminou era meia noite (487). A meia noite é tão poderosa que atinge até mesmo os que estão dormindo: se sonha das nove hora até meia noite ... é a superstição do dia que passou ... (Wanderley – 218).

O silêncio da meia-noite está vinculado ao fôlego do sentido que desestabiliza e o recompõem, por isso toda a vida na mata passa por uma ligeira suspensão, se recompondo imediatamente. É o silêncio da meia noite que funda o novo dia, que dá as diretrizes da vida na mata, que refaz o espaço ordenando o canto dos grilos, o grito dos macacos, o olhar da fera, é no sobressalto da meia noite que é lançada a sorte do seringueiro, a panema dos caçadores, os movimentos da Cobra Grande, é do silêncio que ressurge novamente o lugar.

A narrativa surgida deste instante refaz a vida, não mais nos moldes das forças "naturais", agora se funda em forças que podem trazer a vida, a prosperidade, e também a morte, tornando o seringueiro impermeável ou vulnerável.

Nas conversas ao longo do dia, não havia uma preocupação em comparar as diferenças de tempo para trajetos semelhantes, não são as horas do relógio que contam, uma festa começando às oito da noite e terminando quando raiasse o dia, não consumia o mesmo tempo do batelão subindo o rio por toda a noite. Cronologicamente são dez horas para as duas ocasiões, mas representam tempos diferentes, o primeiro é o tempo da alegria, da diversão, da farra, é tempo que escorre pelos dedos e acaba tão rapidamente quanto as primeiras garrafas de cachaça; o segundo tem o peso do trabalho, da luta contra a correnteza do rio, do ar morno e úmido, da morte que está vigiando. Ele escorre tão lentamente quanto os riscos de suor que vertem do rosto, carrega a interminável apreensão do perigo que espreita a cada curva, a cada parada, a cada tora que desce o rio. Se o mesmo tempo pode ser leve e breve, e simultaneamente custoso e interminável, ele não respeita o relógio, mas o tempo vivido, as vivências e a sua importância.

Não podemos deixar de considerar que a elasticidade do tempo está, por vezes, aliada ao próprio meio de transporte, que faz parte especificamente de cada circunstância. Para chegar ao local da festa, ou para baixar para a cidade com

borracha, ou ainda para poder ir ao médico, fazer uma visita, mudar de colocação, o meio de transporte termina por induzir o leitor a grandes confusões na tentativa de compor um mapa mental em função da multiplicidade de escalas e padrões, ou ainda elaborar relações simplificadas de perto e longe. Aliás, estas duas palavras quase não são encontradas nos textos dos seringueiros como conceitos geográficos para relacionar lugares diferentes; quando ocorrem, estão freqüentemente ligadas as distâncias compreendidas entre os seringueiros e o perigo, a onça, a caça, o Mapinguari, sendo estabelecidas no contato direto com o vivido; a distância não é abstrata no sentido de um padrão estabelecido por convenção, mas é preenchida existencialmente.

Entre os seringueiros, e mesmo nas conversas gravadas, as referências feitas ao meio de transporte são suprimidas ou generalizadas: ... dava oito dias de viagem e tinha que andar dois dias em costa de animal ... (Wanderley - 151), o fundamental não é saber a proximidade nem mesmo a origem e o destino. Os longos dias da viagem se somam a outros em lombo de animal, o resultado desta imagem é a dificuldade e o sofrimento para se chegar somando-se a isto as circunstâncias adversas (fome, trabalho, doença, ferimento). Nas ocasiões que fazem alusões explicitas ao barco como meio de transporte, não se preocupam em dizer se ele é grande, pequeno, de madeira, de alumínio, a remo, a motor, quais tipos de motor ou potência, uma vez que isto pode elevar indefinidamente o esforço e o tempo da viagem, a não ser que queiram com isto reafirmar as condições e circunstâncias de vida; do contrário generalizam: Chegando no Redenção pegava um barco ... (Paulo - 3), ... passava de meio dia desencalhando o barco ... (98), Então o barco foi embora ... (Wanderley - 8), ... nós saímo de barco ... (171).

Se o tempo de duração de uma viagem parece não significar muito para os seringueiros, a escolha do meio de transporte também não é objeto de muita preocupação. Quando estávamos na cidade de Guajará-Mirim, e fomos até a associação para realizar a primeira etapa do trabalho de campo, soubemos que Seu Davi tinha baixado o rio em oito dias, estava com problemas no motor e iria subir em 15 (com o mesmo barco), de sorte que não há grandes preocupações em conseguir o meio de transporte mais rápido (sensação típica de quem não vive no seringal e tem outra temporalidade).

A relação entre ganhar tempo e o meio de transporte é de pouca valia, utiliza-se o que está disponível no momento; havendo algum doente a batida do motor não se altera, se tiver que sobreviver ... sobreviverá.

Distância, tempo decorrido, alcance, tempo perdido, extensão, tempo ganho, intervalo, dispêndio, não são preocupações usuais nas conversas entre eles. Nenhum seringueiro fala da Cachoeira como se fosse grande ou pequena, ou mesmo a compara com as outras que tenha visto. Sua colocação não tem um certo número de hectares ou sua estrada de seringa não é maior que a do vizinho, essas medidas definidas por pura convenção, desprovidas de vida (pura abstração de quem precisa de equivalentes para atribuir valor) não lhes dizem muito. Quando usam alguma expressão para a dimensão da estrada de seringa, ela está vinculada a quantidade de seringueiras, ao seu potencial extrativista, não necessariamente à distância entre elas ou o total do trajeto, afinal se a estrada é boa, é mantida; caso contrário, é abandonada.

Os deslocamentos no seringal não são meramente físicos, raramente comportam dimensões geográficas, eles surgem como suporte para realizarem outros deslocamentos: o sonho de buscar algo melhor, sugerem mudanças ou tentativas de atingirem condições invejáveis (Walter levando a namorada até a cachoeira), supõe desistência diante de forças que não conseguem superar (Seu Davi deixando a colocação por conta da vida perturbada pelas visagens), ou ainda por lutar em vão em busca de mudar a vida de trabalho e sofrimento (Paulo): a mesma história como sempre (20), e fomos pro seringal Canindé no rio Cautário novamente (24), fomos pro seringal do Sebastião de novo quebrar castanha. (113), ... tudo de novo ... (37, 134 e 210), Voltei pro seringal de novo ... (135), E de lá saímos novamente ... (20), voltando novamente no seringal do Renato (40).

As mudanças de patrão, de colocação, da cidade para a colocação e vice-versa não implicam na sua mudança da condição de classe, nem mesmo a passagem de seringueiro para mateiro, aviado, fiscal era muito significativa; a dominação era mais ou menos atenuada, mas jamais extirpada.

Hoje, uma colocação é desprezada se não tiver peixe por perto e água, se não tiver casa em condições de morada, se o acesso for muito difícil, se as estradas de seringa forem ruins ou se houver visagem.

Quando abrem uma estrada de seringa ela tem o tamanho de meio dia de trabalho, de meio dia de caminhada, pois a quantidade de seringas que eles conseguirem cortar em um período, numa manhã ou numa tarde, traduz-se numa boa estrada de seringa.

Nos últimos anos, a definição de novas colocações tem ocorrido na primeira metade do rio (antes do furo) porque nesta parte do rio ainda se encontra peixe,

muito embora, as condições para se chegar à cidade sejam piores, principalmente nos quatro meses que o rio fica muito baixo.

A imagem idílica que fazemos da vida na floresta não é partilhada por um número significativo de seringueiros, afinal mato é a coisa mais ruim que tem ... **NINGUÉM QUER VIVER NO MATO** ... no mato tá seguido de cobra ... tá seguido de onça ... seguido de índio (Davi – 348) e essa é a esperança da gente que mora aqui nessa dificuldade doida (Wanderley - 201).

O valor da vida do seringueiro e daqueles que enfrentam as condições da mata parece representar quase nada, se não bastassem as desventuras, o abandono. Enquanto a cidade parece ser o lugar da festa (diário de campo 16 de junho de 1998), o seringal, única opção restante para muitos deles, não representa o paraíso que costumeiramente fazem dela. Seu Davi relata oito mortes (97, 132, 261, 330, 341, 350, 353) fruto do descaso, do abandono, do desamparo da falta de ajuda, da exclusão, e irrelevancia da vida (Nilo – 28; Zé Maria – 16; Wanderley - 54). Já morreram muitos seringueiros, índios, mulher, médicos, garimpeiros, caçadores, crianças, Chico Mendes (Wanderley – 113), uma Cobra Grande (142) e até um Mapinguari foi morto (61)

A vida vale pouco e cada um pode valer nada se morresse uma pessoa e fosse do conhecimento da justiça eles dizia que tinha sido uma doença simples ou dizia que a cobra matou e ninguém conseguiu trazer porque era muito longe. (Wanderley – 150) ou se o saldo for muito grande e a pessoa não tiver família ... eles matam e tomam o saldo (157), já vi foi gente flechada ... morto por modo de flecha ... ninguém trabalhava tranqüilo ... (Nilo – 28). Morriam e morrem de bala, de faca, de fera, de beribéri, de flecha, de cobra, até de desorientação: morreu no lugar porque não sabia remar ... não sabia pra onde ia (Nilo – 48), ou porque chegou a hora: não teve como ficar bom no hospital ... teve que morrer e **MORREU**! (Paulo - 23).

A vida parece uma agonia tão grande que parece não ter fim, tudo isso é sofrimento que a gente passa no seringal (Davi – 75)

Nem mesmo a cidade é espaço que represente segurança para o seringueiro: na rua ... que você vê um matando o outro ... passando o carro em cima (Manoel dos Santos - 21), agora com três mês ... um ano ... já tá na rua de novo fazendo o mal aos outros ... bebendo cachaça ... daqui pra ali mata um (Nilo, 112).

O dia-a-dia no seringal é pesado lerdo, maciço, carregado, vagaroso é agoniante e não há para quem recorrer cheguei a fazer borracha ... ter borracha no terreiro ... e não ter mercadoria ... pegava banana fininha e verde pra cozinhar e comer com carne ... que o comboio atrasava três dias ... cansei de comer só macaxeira ... tudo isso é sofrimento que a gente passa no seringal. Eu morava com uma mulher e ela caiu doente ... tava com três horas de viagem ...

pra carregar ela nas costas tava longe do barracão ... quando nós cheguemos a mulher tava morrendo. Faltava farinha ... faltava açúcar (Davi – 739,740).

Muito embora a casa seja o lugar da dormida e da comida, não se configura como lugar privilegiado das mulheres. Para o visitante, a vida e a presença delas é quase invisível. É mais fácil ouvir um esturro de onça, ver um boto, ouvir histórias de visagens que perceber discursivamente a presença e importância das mulheres na vida do seringal. Elas estão mais presentes nos episódios que envolvem a cidade. Dificilmente dirigem a palavra a um visitante. Quando chegam outros seringueiros, ou outros homens, ocasionalmente fazem uma aparição trazendo café quente e facilmente desaparecem do seu lugar privilegiado: o terreiro e a casa. Os seringueiros falam muito mais sobre onças, visagens, caboclos, cobras grandes, que sobre a presença delas no seringal.

As associações têm se esforçado por envolvê-las na dinâmica da vida das reservas, mas isto tem ocorrido a partir de necessidades que não caracterizam muito bem seu universo de vida. Ocasionalmente são feitos cursos e assembléias separadamente com mulheres para aprenderem a fazer artesanato ou atuarem como quebradeiras de castanha, para discutirem sobre formas de aposentadoria para elas (especificamente neste sentido, quase todas as tentativas têm sido frustradas pela justiça do trabalho). Mesmo as direções das associações, as ONG's, e muitos trabalhos de pesquisa dificilmente conseguem caracterizá-las senão como potenciais produtoras de mercadoria, ou apêndices da história do movimento de seringueiros.

Apesar de alguns esforços a vida invisível e silenciosa das mulheres ainda permanece como incógnita.

As gravações com Dona Lita, com o consentimento de Seu Pedro, foram difíceis. Sua narrativa não foi integrada e a recorrência à sua comunidade discursiva foi tênue. Centrou-se num sentimento de infância e se constituiu discursivamente em torno dele. Muito embora tenha se referido a algumas poucas vivências, elas foram entrecortadas pelo sentimento de abandono: eu não soube o que é carinho de mãe ... (01), só que nós não aprendemos porque nós não tinha quem cuidasse (12), Pra que ela abandonou? (15).

✦

Atualmente existem alguns projetos de roça de subsistência em andamento, dentro das reservas, estimulando o plantio nas proximidades da colocação, a área desmatada e ocupada com agricultura não deve exceder a um hectare por família. Muito embora os projetos sejam objetivos quanto a tamanho, e aconteçam sob visitas regulares dos técnicos do CNPT e IBAMA, o tamanho e a quantidade das roças varia muito, e sua soma nunca atinge o planejado. A razão para isto não é a ganância despertada pelo mercado; de um lado temos a abstrata e arbitrária decisão da medida idealizada pelo CNPT, de outro a assimilação da convenção, resultando numa área, que varia de colocação para colocação, que se convencionou chamar simplesmente de **um hectare**. Seu tamanho obedece a muitos fatores, se o seringueiro tinha pouco combustível para a moto serra na época do desmatamento, a área de **um hectare** ficou menor; se a mata era menos densa facilitando a derrubada a lavoura ficou maior, mas o resultado continuou a ser **um hectare**; se a quantidade de matrizes de macaxeira foi grande, outro desmatamento foi anexado totalizando **um hectare**; se o seringueiro não se empolgou com a idéia e a floresta recuperou parte do que era destinado a roça, a resultante permaneceu em **um hectare**; se a força dos braços não é mais a mesma: **um hectare**, ou se a quantidade de gente disponível para o preparo da terra era grande: **um hectare**.

Apesar da elasticidade do "padrão", certos instrumentos de medida e comparação do Capital são cada vez mais incorporados ao dia-a-dia na reserva extrativista. Um deles é o dilema entre dedicar-se à roça que consideram ser menos trabalhosa que a extração da borracha ou continuar a ser seringueiro como salienta Seu Nilo porque não tem preço ... a gente trabalha muito e no fim se prejudica porque não tem como vender ... isso é uma injustiça. Hoje tudo aqui por trás é roça... (27).

A idéia de propriedade é recente e em grande parte desprovida dos seus elementos mais característicos; muito embora o seringalista agisse como se fosse o proprietário do seringal, o seringueiro dificilmente sonhava tornar-se um por ser impossível guardar dinheiro nas condições que vivia, Seu Manoel desabafa: se aqui não fosse reserva já tinha vendido o lugar ... e tinha ido me embora. Porque tem hora que a gente fica imaginando ... esse tanto que a gente trabalha e nada tem (17). Passado o tempo dos patrão ladrão (Paulo – 131) e fundada a associação a propriedade privada continuou a ser desnecessária, cada colocação é de uso da família que nela reside, pelo tempo

que quiser ficar. Os filhos podem permanecer, abrindo sua própria estrada de seringa. Por vezes uma nova família (geralmente constituída por parentes) é admitida na mesma colocação, e a decisão pela sua permanência depende da aceitação do morador que já residia nela. Novas famílias implicam na abertura de novas estradas de seringa, Colocações como Sepetiba com mais de três famílias não é necessariamente maior que a colocação onde mora somente Walter. Não há limites para elas. O único território demarcado é o da reserva extrativista, que é objeto de preocupação quase exclusiva dos dirigentes das associações que passam a perceber as implicações jurídicas de terem a reserva demarcada, invadida, questionada ou indefinida.

Na troca ou "compra" de uma colocação, tem ocorrido a prática de alguma forma de pagamento envolvendo a mudança de famílias de uma colocação para outra, esse valor é o mesmo para qualquer colocação, compramos a colocação Boca Larga ... mais para baixo por 150 quilos de borracha (Paulo - 128), justificada pelas estradas de seringa (quando conservadas), a existência de casa e terreiro limpo e ocasionalmente roça. A existência de pelo menos um desses elementos justifica o pagamento ao antigo morador. Caso alguma família deixe sua colocação sem ter alguém para ocupá-la, não tem o direito de cobrar posteriormente, caso venha a ser ocupada. A direção da Associação não pode remanejar os seringueiros, mas pode sugerir a novas famílias algum lugar favorável, desde que não tenha "dono". A retirada de uma família da colocação só pode ocorrer se houver algum tipo de transgressão grave como um crime, por exemplo; até mesmo a implantação de algum projeto piloto, que seja de interesse da Associação é levado adiante se os moradores da colocação estiveram de acordo.

Nessa transação não há qualquer menção aos elementos abstratos da geografia que poderiam encarecer ou reduzir o valor cobrado (como nascentes de água, vales, montanhas, alagados), e do mercado imobiliário como tamanho, localização; nem mesmo ocorre a quantificação das benfeitorias encontradas. O valor único está justificado pela presença e pela identificação do lugar vivido. Não lidam com o espaço impessoal, com o abstrato território da reserva, reconhecem em cada lugar a forma da **sua comunidade** ordenar e **tornar seringueiro** o caos da floresta, este é seu valor.

Diferentemente do olhar dos patrões, que realizavam controles intensos sobre a presença de seringueiros em seus seringais, e sobre a produção de cada um deles. O lugar de cada seringueiro correspondia ao espaço da produção (vide mapa da página 14), cada colocação era traduzida em números: a quantidade de estradas

de seringa e o número de árvores com potencial extrativista. Esta racionalização do uso do espaço leva à racionalidade da ocupação humana no seringal, além de realizar um controle muito eficiente sobre o resultado do trabalho de cada seringueiro. Apesar de estar há dias de distância das colocações, o seringalista sabia constantemente quanto estava sendo produzido em cada colocação, podendo prever o quanto iria produzir no final do fabrico.

Cada seringueiro era responsável por uma média de 3 estradas, que deveriam ser percorridas duas vezes no mesmo dia. Na primeira, no início da madrugada, ele estaria sangrando a seringueira, fazendo os cortes na casca e a segunda com o dia amanhecendo para recolher o leite ainda em estado líquido, retornando para sua casa onde ficava o defumador. Este processo era repetido duas vezes na mesma semana em cada estrada, totalizando seis dias de trabalho na extração de borracha.

Desta forma, quando passava o comboio (por terra) ou o batelão (pelo rio), o próprio aviado fiscalizava a produção de cada seringueiro olhando a quantidade de pelas no terreiro da casa. E alertava cada um deles caso a média da produção estivesse muito baixa.

Com o fim dessa relação de trabalho com os seringalistas nos anos 80 e 90, e a constituição das associações, a extração da borracha ficou sob o encargo de cada seringueiro. Diante da dificuldade de gerenciar o seu trabalho e organizar seu lugar sob a lógica do mercado, sem que houvesse algum tipo de transição para isto, os relatos dos seringueiros associam, por vezes, a prosperidade, a fartura, a vida mais fácil no seringal ao período dos patrões: o barracão era melhor (Davi – 317).

Com o fim dos seringalistas eles cobram novas formas de tutela, agora dirigidas ao Estado, a exemplo do que ocorrera durante o Governo Vargas, e durante a Guerra de 40. A fiscalização e defesa dos seringais, antes mantida pelos patrões, agora ficou entregue ao governo, que dificilmente consegue atender as denúncias de invasão e destruição realizadas pelos dirigentes das associações (Paulo e Zé Maria) Cadê a Polícia Florestal o IBAMA o CNPT? (Nilo - 130). A parte chata é estar negociando com o Governo ... sentado tendo que tolerar conversa que só promete e não faz. (Zé Maria – 125).

Apesar da ausência do Estado e do mercado desfavorável, atribuem para si mesmo a origem das dificuldades: se todo mundo cumprisse o que diz a lei nós tava numa boa ... ela [associação] botou umas cantinas por aí. Agora o pessoal comia e não pagava ... ela não pode tá botando mercadoria se ninguém trabalhar. Quer dizer que foi nós mesmo ... porque se nós pagasse tinha mercadoria aqui. Aí reclama que a Associação não presta ... ela não pode dar

mercadoria pra todo mundo. Essas coisas que a gente passa aqui ... não tem nada de IBAMA ... a crise quem fez foi nós mesmo. (Davi – 317). A crise não está no espaço do Capital. Ela reside no lugar, em cada um que não consegue imprimir nos seu tecido de vida as fibras e tramas do mercado. Impregnado de visagens, da Cobra Grande, da Curupira, das onças traiçoeiras, das traições que espreitam na floresta, Seu Davi não vê saída; até mesmo Manoel dos Santos, mais comprometido com o mercado, vê no lugar onde vive a falta de saída e o colapso.

✦

A floresta é o espaço indeterminado, é dela que saem as onças, é para lá que vão as visagens, nela o Mapinguari e o Curupira vivem assombrando e vagando. Na floresta ficam os olhos à espreita, os veios de ametista e ouro ... ela acabou de cheirar e entrou pra dentro do mato ... (Davi – 687). Dela saem os bandos de macacos, de porcos, de pássaros chegava contando história que tinha visto uma onça ... que a onça tava sentada no meio do caminho. (Zé Maria – 172). Nela moravam os caboclos **brabos**: rudes, matadores, e hoje moram os caboclos **mansos**, parceiros inclusive de muitas lutas em defesa das reservas. É o ponto seguro para quem se perde na floresta quando o dia amanheceu ... bate ... bate ... até que saí na estrada ... (Davi – 387). Portanto apesar de se distinguir do lugar, de se constituir no terreno que o outro narra, na vivência do outro, não surge kantianamente como espaço universal, não se funda com os objetos geográficos. Guarda consigo o desconhecido, o indeterminado, conservando-se como espaço de liberdade e prisão; saindo da colocação e entrando na floresta pode-se chegar a qualquer lugar e ao mesmo tempo a lugar algum.

A floresta, que liga as muitas colocações, vai lentamente sendo incorporada como lugar personalizado, cujas vivências atraem ou repelem, destroem ou protegem.

A estrada de seringa se distingue deste espaço, as folhas pisadas, os cipós podados e as seringueiras cortadas se constituem no lugar do trabalho, no lugar vivido (Paulo e Manoel dos Santos). Para Seu Davi e Zé Maria é um lugar diferente, pois se constitui além da produção, é o lugar do enfrentamento das feras e dos pactos com o Caipora e a Mãe da Seringueira. Neste sentido o rodo da estrada é

ponto privilegiado, é o melhor lugar para convocar, para fazer a pauta, para superar as dificuldades.

De lugares simples, as estradas e também os varadouros e rios se particularizam com o viver diário, convertendo-se em lugares singulares e especiais, porém, eles voltam a se diluir novamente quando deixam de fazer parte do vivido. Há um imenso ipê roxo, na margem do rio, próximo a colocação Petrópolis (onde fica o cemitério) que se tornou em lugar maldito. Sempre que passamos por ele, algum seringueiro lembrava que um caboclo matara duas crianças amarradas em seu tronco, mas há outros lugares que começam a cair no esquecimento da comunidade, e lentamente se diluem e voltam a compor novamente o espaço da floresta. Espaço e lugar constituem-se discursivamente pela comunidade, assumindo ainda características muito particulares, a partir dos relatos de cada seringueiro, portanto, sumariar o lugar é sumariar o reflexo de uma cultura, o espelhamento de uma narrativa de vida.

A falta de horizontes existências mais promissores para os seringueiros sobreviventes, parecem reproduzir a falta de horizonte da própria mata. Cada vez mais os seringueiros globalizam o lugar onde moram, tornado-o extensão do mercado, ordenando, racionalizando seu uso, tornando cada vez mais compreensível a afirmação de Galileu: a linguagem da natureza está escrita em números.

Enquanto a floresta permanece cheia de surpresas e ameaças, a cachoeira se distingue como lugar paradisíaco. Quase intocada, se localizando na origem do rio, como fonte da vida, de onde transbordam cardumes de peixes, foi vista por poucos deles. Lá na cachoeira ... é pedra e os tombos d'água e tem muito peixe ... só jatuarana ... mas é uma por cima da outra ... dá até pra bater foto ... porque elas ficam tudo assim em cima d'água. Tem um tombo e o poço e elas fica no poço ... quando chega lá em baixo é outro tombo e outro poço ... aí vê de novo os peixes ... eu só fui em dois ... mas tem três tombos. E quando a cachoeira anivela com o nível do Ouro Preto aí desce aquele cardume de peixe (Davi – 712)

A cachoeira conserva em sua paisagem a antítese da floresta: vegetação reduzida, sem árvores, de horizonte identificável, sugere ainda clima agradável e brisa. As cachoeiras de lá são incríveis ... tem serra pelada que não tem árvore nenhuma ... você olha de longe e parece um filme ... mas aquilo é real mesmo ... tem paredão de serra que chega a ver o lodo verde da água descendo ... há mais de 300 metros de altura (Wanderley – 144).

O elemento mais recorrente é a abundância do peixe, é da cachoeira que origina a fertilidade e a vida de todo o vale muito peixe é o que você vê lá ... piau surubim ... piranha jatuarana chega a ficar forrado o chão ... a água é bem clarinha não é como essa ... numa

faixa de três metros enxerga o fundo. Agora pra ir lá é difícil ... além de ser longe tem muito galho ... o rio lá é estreitinho mas fundo (Manoel dos Santos – 16).

Muito embora o rio seja elemento comum à paisagem da floresta, ou ainda do restante do mundo, afinal ... todo lugar tem rio ... (Davi – 401), nem todos têm a cachoeira, e a cada dia parece que sua manifestação de vida vai ficando cada vez mais remota: a partir do Furo a abundância do peixe cessa, restando em seu lugar os jacarés, a Cobra Grande, as arraias, e os poraquês. A fonte da vida, que aparece em todo lugar, parece arrastar em suas águas, que se tornam barrentas, uma sinistra cauda de morte.

Estes momentos de **diálogos interpretativos**, gerados por alguns **pontos de atrito** antes de pretenderem ver esgotados os múltiplos temas, idéias, conceitos, padrões de comportamento, valores comunitários, querem estabelecer um princípio de estranhamento, de diálogo com os textos de tal sorte que o resultado não seja um sistema explicativo da vida de uma pequena comunidade, não querem substituir cada um dos sete seringueiros que compõem as narrativas. Desta forma não há um fim, uma conclusão, uma lição a apresentar, apenas uma necessidade de temporariamente abandonar os textos, deixar seguir, deixar para o leitor estabelecer os novos passos dos **diálogos interpretativos**, criando sempre novos **pontos de atrito**, levando os textos e o diálogo ainda mais adiante.

Esta leitura não é exaustiva, não quer exaurir todo o conteúdo dos textos, mas tecer fios de narrativa sobre tecidos narrativos para deparar-se com a narrativa do lugar, sua constituição textual, e o lugar do texto na vida do seringueiro.

Na contra-mão da história ocidental que induz todos participarem da mesma *network*, do mesmo núcleo de sentidos, e na contramão da própria saga da borracha que delineia seu crepúsculo, estes sete seringueiros vivem à margem, vivendo na margem do rio para viverem toda a potencialidade de luta de sujeitos do discurso, de sujeitos do lugar. Fomentam sua própria diferença apesar de sofrerem a desigualdade, descartáveis no mercado, são os sobreviventes da seringa; descartados pelo espaço desprovido de sujeito, são os sobreviventes do lugar geográfico e discursivo que só ira dissolver-se com a morte do último seringueiro, e com o fim da chama da última poronga.

7 – BIBLIOGRAFIA

ABDELMALEK, Sayad. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo, EDUSP, 1996.

ACHARD, Pierre & Outros. **Papel da Memória**. São Paulo, Pontes, 1999.

ADORNO, Theodor. & HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. **Palavras e Sinais**. Rio de Janeiro, Vozes, 1995.

_____. **Progresso**, in Lua Nova. n 27, São Paulo, Marco Zero, 1992.

ALLEGRETTI, Mary Helena. **Natureza e Pobreza: Comunicação e Mobilização para o Desenvolvimento Sustentado**. São Paulo, Instituto Sócio Ambiental, s/d.

ALECHANDRE, André & Outros**. Como Fazer Medidas de Distância no Campo**. Rio Branco, Brilhograf, 1998.

AMARAL, Jose Januário. **Os latifúndios do INCRA**. São Paulo, USP, tese de doutorado, 1999.

AMARAL, Januário e outros. **Pesquisa na Amazônia: Intervenção Para o Desenvolvimento.** Porto Velho, EDUFRO, 2001.

ANDRADE, Manoel Correia de. **Geografia Econômica**. São Paulo, Atlas, 1991.

ARANTES, Paulo. **A Filosofia e seu Ensino**. Rio de Janeiro, Vozes, 1993.

ATAÍDE, Yara Bandeira. **Decifra-me ou Devoro-te**. 2 ed São Paulo, Loyola, 1995.

AUBERTIN, Catherine e outros**. A Floresta em Jogo: O Extrativismo na Amazônia Central**. São Paulo, UNESP, 2000.

AVILA, Cuauhtemoc, Velasco. **História y Testimonios Orales**. México, INAH, 1996.

BALTRUSAITIS, Jurgis. **Aberrações: Ensaio Sobre a Lenda das Formas**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e Família**. in Estudos Históricos, v 2, n 3, Rio de Janeiro, 1989. p 29-42.

BARROSO, Ivo (org). **O Corvo e suas Traduções**. Rio de Janeiro, Lacerda, 1998.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. 3. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

_____. **Autors and Writers**, in SONTAG, S. A. Barthes Reader**.** New York, 1982.

_____. **O Prazer do Texto**. 4 ed. São Paulo, Perspectiva. 1996.

BECKER, Bertha K. **Amazônia.** Série Princípios, São Paulo, Ática, 1990.

BENCHIMOL, Samuel**. Amazônia: um Pouco Antes e Além Depois**. Manaus, Umberto Calderano, 1977.

_____. **O Cearense na Amazônia**. Rio de Janeiro, Seção de Documentação e Relações Públicas. 1965.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador,** in Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas, v 1, São Paulo, Brasiliense, 1987. p 187-221.

_____. **O Flâneur**, in Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo. Obras Escolhidas, v 3, São Paulo, Brasiliense, 1994. p 9-101.

BERGSON, Henry. **A Consciência e a Vida**. São Paulo, Nova Cultural, 1989.

BEVERIDGE, W. I. B. **El Arte de la Investigación Científica**. Caracas, Ediciones de la Biblioteca, 1966.

BITTENCOUT, Artur. **O Homem Amazonense e o Espaço**. Rio de Janeiro, Arti-nova, 1969.

BORGES, Jorge Luis. **O Livro de Areia**. 7 ed. São Paulo, Globo, 1995.

_____. **O Aleph**. 11 ed. São Paulo, Globo, 1997.

_____. **Ficções**. São Paulo. Globo, 1972.

BORNAT, Joanna & WALMSLEY, Jan. Historia Oral com Personas Vulnerables: Desafíos Conceptuales y Práticos. In: **Revista Historia y Fuente Oral**. Barcelona, Universidade de Barcelona, (13), 1995. p 35-56.

BORNHEIM, Gerd. **Os Filósofos Pré-Socráticos**. São Paulo, Cultrix, 1962.

BOSI, Ecléa. **Lembrança de Velhos**. São Paulo, T. A. Queiroz Editor Ltda/USP, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). **As Faces da Memória**. Campinas, UNICAMP, s/d.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. 5 ed. São Paulo, Brasiliense, 1985a.

_____. **Repensando a Pesquisa Participante**. 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1985b.

BRAUDEL, Fernand. **O Espaço e a História**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista**. 3 ed. Rio de Janeiro, Guanabara SA, 1987.

BROWDER, John O. & GODFREY, Brian J. **Rainforest Cities: Urbanization, Development, and Globalization of the Brasilian Amazon**. New York, Columbia University Press, 1997.

BURGOS, Elizabeth. **Me Llamo Rigoberta Menchú y Así Me Nació la Conciencia**. México, Siglo Veintiuno, 1987.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, Texto e História**. São Paulo, Loyola, 1999.

_____ . **Seis Ensaios Sobre História Oral**. in Caderno de Criação. Porto Velho, ano V, n 15, Junho de 1998.

_____. **Calama: uma Comunidade no Rio Madeira**. São Paulo, USP, Tese de Doutorado, 2000. mímeo.

_____. **Nas Águas do Texto: Palavra, Experiência e Leitura em História Oral**. Porto Velho, EDUFRO, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1979.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo, HUCITEC, 1998.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. 4 ed. São Paulo, Cortez, 1989.

_____. **Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHACON, Lourenço. **Ritmo da Escrita**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

CONRAD. Joseph. **O Coração das Trevas**. Porto Alegre, L&PM, 2001.

CNS – CONSELHO NACIONAL DOS SERINGUEIROS**. Estruturação do Conselho Nacional dos Seringueiros**. Rio Branco. CNS, 1989.

CNS – CONSELHO NACIONAL DOS SERINGUEIROS. **Estruturação do CNS nos Estados do Acre, Amazonas e Rondônia**. Manaus, CNS, 1988.

CONSELHO NACIONAL DOS SERINGUEIROS & UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS. **Resolução Da Reunião da Aliança dos Povos da Floresta**. Brasília. CNS/UNI, s.d.

COLLIN, Laura. História Oral e Identidade. In: **Revista CUICUILCO**, México, 1990. p 30-38.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **História Oral: Teoria e Técnica**. Florianópolis, UFSC, 1978.

CPI – COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO. **Atlas Geográfico Indígena do Acre**. Rio Branco, Gráfica Kene Hewe, 1996.

CTA – CENTRO DOS TRABALHADORES DA AMAZÔNIA. **Manejo Florestal e Uso Múltiplo**. Rio Branco, CTA,1994.

_____. **Geografia do Seringueiro**. Rio Branco, CTA, 1995.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque Amazônica**. São Paulo, Jorge Zahar Editor, 2000.

DEAN, Warren. **A Luta pela Borracha no Brasil**. São Paulo, Nobel, 1989.

_____. **Rio Claro: Um Sistema Brasileiro de Grande Lavoura**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. São Paulo, Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo, Escuta, 1998.

DESBORDES, Françoise. **Concepções Sobre a Escrita na Roma Antiga**. São Paulo, Ática, 1995.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O Mito Moderno da Natureza**. São Paulo, HUCITEC, 1997.

_____. **Sustainable Development and People's Participation in Wetland Ecosystem Conservation in Brazil: Two Compatarite Studies**, in GHAID, D. (org). Grassroots Enviroment Action. New York and London, Routledge. 1992.

_____. **Ilhas e Mares: Simbolismo e Imaginário**. São Paulo, HUCITEC, 1998.

DIEGUES, Antonio Carlos (org). **Desmatamento e Modos de Vida na Amazônia**. São Paulo, Alves, 1999.

DOCTORS, Marcio (org). **A Cultura do Papel**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra/Fundação Eva Klabin Rapaport, 1999.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica.** São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1988.

_____. **O Imaginário**. Rio de janeiro, DIFEL, 1998.

ESTEVES, Florentina. **O Empate**. Rio de Janeiro, Oficina do Livro, 1993.

FEBVRE, Lucien & JEAN MARTIN, Henry. **O Aparecimento do Livro**. São Paulo, UNESP/ Hucitec, 1992.

FELÍCIO, Vera Lucia G. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo, EDUSP, 1994.

FERREIRA, Ibaldeci dos Santos. **O Ribeirinho na Várzea do Rio Madeira**. Porto Velho, UFRO, 1995. Mimeografado.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **Nas Selvas Amazônicas**. São Paulo, Gráfica Biblos ltda, 1961.

_____. **A Ferrovia do Diabo**. São Paulo, Melhoramentos, 1960.

FERREIRA, Marieta de Moraes et alli. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____ . A História Oral: Questões Metodológicas**. Anais do Encontro de História e Documentação Ora**l, Brasília, UnB, 1993. p 21-5.

_____. **Historia Oral**. Rio de Janeiro, Fiocruz/Casa Oswaldo Cruz/CPDOC-FGV, 2000.

FILLOUX, J. C. **A Memória**. 2 ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966.

FLORENCE, Hércules. **Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas**. São Paulo, Brunner Ltda, 1977.

FOUCAULT, Michel. **What is an autor?** in HARARI, J. V. (org) Textual Strategies. New York, Ithaca, 1979.

_____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo, Loyola, 1999.

FRAXE, Therezinha J. P. **Homens Anfíbios**. São Paulo, Annablume. 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática Para a Liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

FREITAS. Sônia Maria. **Reminiscências**. São Paulo, Maltese, 1993.

FREMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra, Livraria Almeida, 1980.

GAIA FOUDATION. **A Landmark in the History of the Forest Peoples' Movement**. Londres, Gaia Found. 1989

GANDARILLAS, Humberto. **Dios Da el Água. Que Hacen los Proyectos?** La Paz, HISBOL, 1994.

GATARRI, Felix e ROLNIK Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Rio de Janeiro, Vozes, 1986.

GEERTZ, Clifford. **El Antropologo Como Autor**. Barcelona, Paidos Studio, 1989.

_____. **O Saber Local**. Rio de Janeiro, Vozes, 1999.

GEORGE, Pierre**. A Ação do Homem**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, s/d.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. **As Afinidades Eletivas**. São Paulo, Nova Alexandria, 1992.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)Caminhos do Meio Ambiente**. 5 ed. Contexto, 1996.

GONSALVES Marco Antônio. **Entrevista com Osmarino Amâncio Rodrigues**. São Paulo, ISA, 1998. mímeo.

GOULART, José Alípio. **O Regatão**. Rio de Janeiro, Conquista, 1968.

GRANGER, Gilles-Gaston. **A Razão**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962.

_____. **Lógica e Filosofia das Ciências**. São Paulo, Melhoramentos, 1955.

_____. **Por um Conhecimento Científico**. Campinas, Papirus, 1989.

GUSMÃO, Miriam. **A Poética dos Esquecidos**. Porto Alegre, Imprensa Livre, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Vértice, São Paulo, 1990.

HARA, Regina. **Livro dos Seringueiros: Pós-Alfabetização**. Rio Branco, CTA, 1991.

_____. **Poronga**. Rio Branco, CTA, 1993.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasma: a Modernidade na Selva**. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

HAVELOCK, Eric. **Prefácio à Platão**. Campinas, Papirus, 1996.

_____ . **A Revolução da Escrita na Grécia**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis, Vozes, 1992.

HOORNAERT, Eduardo (org). **História da Igreja na Amazônia**. Rio de Janeiro, Vozes, 1992.

HOSKEN, Liz & STERANKA, Kathy. **A Tribute to the Forest People of Brazil**. Londres, Gaia Foundation, 1990.

HUGO, Vitor. **Desbravadores**. Amazonas, Edição da Missão Salesiana de Humaitá. 1959.

IANNI, Octavio. **Marx e a Cultura**, in Folhetim. São Paulo, Folh de São Paulo, 21 de outubro de 1984. p 10.

IBAMA, PNUD, IEA. **Desenvolvimento da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto – Rondônia**. Porto Velho, PNUD/FAO, 1991.

IBAÑES, Maria Graciete Zaire. **Poronga: Educação na Floresta**. Rio Branco, CTA, 1999.

IEA – INSTITUTO DE ESTUDOS AMBIENTAIS. **Proposta de uma Política para a Borracha Nativa Adequada a Proteção da Floresta**. Brasília, IEA, 1990.

IEA. **Mapeamento dos Usos da Floresta: Reserva Extrativista Ouro Preto**. Pr, IEA, 1991. mímeo.

ISNARD, H. **O Espaço Geográfico**. Coimbra, Almedina, 1982.

JAPIASSU, Moacir. **Danado de Bom! O melhor da cozinha nordestina**. São Paulo, Ática, s/d.

JUNIOR, Peregrino. **Histórias da Amazônia**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1936.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos.** Editorial Sudamérica, Buenos Aires, 1943.

KIRK, G. S. & RAVEN J. E. **Os Filósofos Pré-Socráticos**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

KOLTAI, Catarina (org). **O Estrangeiro**. São Paulo, Escuta/FAPESP, 1998.

KRENAK, Ailton & AMÂNCIO Osmarino. **Aliança dos Povos da Floresta**. São Paulo, CEDI, 1989.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 5 ed. São Paulo, Perspectiva, 1997.

KURZ, Robert. **O Colapso da Modernização**. 4 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1996.

_____. **Os Últimos Combates**. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

_____. **A Honra Perdida do Trabalho**. São Paulo, Universidade de São Paulo, s/d. Mimeografado.

LABASSE, Jean. **La Organización del Espacio**. Madrid, Instituto de Estudios de Administración Local. 1987.

LACERDA, Carlos. **Depoimento**. Rio de janeiro, Nova Fronteira, 1978.

LAMBERT, Catherine Héau. **Aproximaciones a la Oralidad**, in Revista Cuicuilco, México, 1990. p 75-81.

LEÃO, Mauricília Silva & CAVALCANTE, Manoel Eustébio. **Mapinguari Comedor de Carne**. Rio Branco, Poronga, 1996.

LEITE, Mario Cezar Silva. **A Poética do Sobrenatural no Homem Ribeirinho: O Minhocão**. São Paulo, USP, Dissertação de Mestrado, 1995. mímeo.

LEONEL, Mauro. **A Morte Social dos Rios**. São Paulo, Perspectiva, 1998.

_____. **Etnodicéia Uruéu-Au-Au**. São Paulo, EDUSP/IAMÁ/FAPESP, 1995.

_____. **Bio-sociodiversidade: Preservação e Mercado**, in Estudos Avançados. São Paulo, USP/IEA, v 14, n 38, 2000

LIPIETZ, Alain. **O Capital e seu Espaço**. São Paulo, Nobel, 1988.

LOVISOLO, Hugo. A Memória e a Formação Dos Homens. **Estudos Históricos**, v 2, n 3, Rio de Janeiro, 1989. p 16-28.

LOWY, Michael. **As Aventuras de Karl Marx Contra o Barão de Munchausen**. 2 ed. São Paulo, Busca Vida.

LUTZEMBERG, José. **Manifesto Ecológico Brasileiro: O Fim do Futuro**. Porto Alegre, Lançamento, 1976.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo, Ática, 1991.

MARINAS, José Miguel & SANTAMARINA, Cristina. **La Historia Oral: Métodos y Experiências**. Madrid, Debate, 1993.

MARTINELLI, Pedro. **Amazônia: O Povo das Águas.** São Paulo, Terra Virgem, 2000

MARTINS, José de Souza. **O cativeiro da Terra**. 6 ed. São Paulo, HUCITEC, 1996.

_____. **Fronteira**. São Paulo, HUCITEC, 1997.

_____. **(Des) Figurações**. São Paulo, HUCITEC, 1996.

_____. **A Sociabilidadde do Homem Simples.** São Paulo, HUCITEC, 2000.

MARTINS, Maria Lucia & FERREIRA, Djalcir. A **Lição da Samaúma: Formação de Professores da Floresta**. Rio Branco, Poronga, 1994.

MARTINS, Maria Lúcia. **Cartilha de Educação Matemática para Crianças da Floresta**. Rio Branco, CTA, 1990.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo, Martins Fontes, 1977.

_____. **O Capital**. 3 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

MATTOS, Maria Augusta. **Dispersão e Memória no Quotidiano**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom**. A Colônia Brasilianista: História Oral de Vida Acadêmica**. Nova Stella, São Paulo, 1990.

_____ . **Manual de História Oral**. Loyola, São Paulo, 1996a.

_____ . **Canto de Morte Kaiowá: História Oral de Vida**. São Paulo, Loyola, 1991.

_____ . História e Memória ou Simplesmente História Oral? **Anais do Encontro de História e Documentação Oral.** Brasília, UnB, 1993. p 5-11.

_____. **História Oral de Família**. São Paulo, CEDHAL/Universidade de São Paulo, 1997a.

_____. **(Re)Introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo, Xamã, 1996b.

_____ (org) **Gêneros de Fronteira**. São Paulo, Xamã. 1997b.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom & LEVINI, Robert M. (orgs). **Carolina Maria de Jesus: Meu Estranho Diário**. São Paulo, Xamã, 1996c.

MELO, Hélio. **O caucho, a Seringa e Seus Mistérios**. Brasília. Fundação Nacional Pró-Memória. 1984.

_____. **Os Mistérios da Caça**. Rio Branco, Fundação Cultural do Acre, 1985.

_____. **História da Amazônia**. Rio Branco . Gráfica Amazônia. 1988.

_____ . **A Experiência do Caçador e os Mistérios da Caça**. Rio Branco, Preview, 1996.

_____. **Os Mistérios da Mata e os Mistérios dos Répteis e dos Peixes**. Rio Branco, BOBGRAF, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Sobre a Fenomenologia da Linguagem**. São Paulo, Nova Cultural, 1989.

MILLIKAN, Brent. **Levantamento Sócio-Econômico da Reserva Extrativista do Rio Ouro Preto**. Porto Velho, IEA, 1994. mímeo.

MOIX, Terenci. **O Dia em que Marilyn Morreu**. Rio de Janeiro, Globo, 1987.

MOLES, Abraham A. **A Criação Científica**. São Paulo, Perspectiva, 1981.

MONTE, Nietta Lindenberg. **Escolas na Floresta**. Rio de Janeiro, Multiletra. 1996.

MORAES, João B. M. **A FEB Pelo Seu Comandante**. São Paulo, Instituto Editorial Progresso. 1947.

MORIN, Edgar. **Meus Demônios**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1997.

MUSEU PAULISTA-USP. **Trilhos e Sonhos: Ferrovia Madeira-Mamoré**. Rio de Janeiro, Bandeirantes, 2000.

NAVARRO. **Assim Falava Lampião**. São Paulo, Estação Liberdade, 1998.

NENEVÉ, Miguel (org). **Olhares Sobre a Amazônia.** Porto Velho, EDUFRO, 2001.

NUNES, Benedito. **O Tempo na Narrativa**. 2 ed. São Paulo, Ática, 1995.

NUNES, Jersey de Brito. **Memórias de um Seringueiro**. Acre, 1996.

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Seringueiros na Amazônia: Dramas Sociais e o Olhar Antropológico**. Rio de Janeiro, EDUFF, 1998.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de**. Amazônia: Monopólio, Expropriação e Conflitos.** Campinas, Papirus, 1990.

OLIVEIRA, Lívia (org). **Percepção Ambiental – a Experiência Brasileira**, São Paulo, UFSCAR/Studio Nobel, 1999.

OLIVEIRA, Raimundo Alves**. O Soldado da Borracha**. Rio Branco, Estado do Acre. S/d.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O índio e o Mundo dos Brancos**. São Paulo, Difusão Européia do Livro. 1964.

OLSON, David R. **O Mundo no Papel**. São Paulo, Ática, 1997.

OLSON, David R. & TORRANCE, Nancy. **Cultura Escrita e Oralidade.** São Paulo, Ática, 1997.

ONG, Walter. **Oralidade e Cultura Escrita**. São Paulo, Papirus, 1998.

ORGANIZAÇÃO DOS SERINGUEIROS DE RONDÔNIA. **Plano de Utilização da Reserva Extrativista do Ouro Preto**. Porto Velho, PLANAFLORO, 1999.

_____. **Plano de Utilização da Reserva Extrativista do Pacaás Novos**. Porto Velho, PLANAFLORO, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli**. As Formas do Silêncio**. Campinas, Unicamp, 1997.

_____. **Interpretação**. Rio de Janeiro, Vozes, 1996.

_____. **A Linguagem e Seu Funcionamento**. Campinas, Pontes Editores, 1987.

PAYER, Maria Onice. **Memória da Língua: Imigração e Nacionalidade**. Campinas, UNICAMP, Tese de Doutorado, 1999. mímeo.

PECHEUX, Michel**. Semântica e Discurso**. Campinas, Unicamp, 1997.

PESSANHA, Elina. **Fronteiras disciplinares e o uso da História Oral: Por Que, de Quem, Para Quem?**, in (Re)Introduzindo História Oral no Brasil. São Paulo, Xamã, 1996. p 71-81.

PETERS, F. E. **Termos Filosóficos Gregos: um Léxico Histórico**. 2 ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. 1974.

PETERSON, Michel. **As Armas do Texto**. Porto Alegre, Sagra Luzatto. 2000.

PINHEIRO, Ary Tupinambá Penna. **Viver Amazônico**. Porto Velho, Gênese Ltda. 1986.

POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone; RAYBAUT, Paul. **Histórias de Vida: Teoria e Prática.** Oeiras, Celta Editora, 1995.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando Aprender um Pouquinho**, in Projeto História, n 15, São Paulo, PUC, 1981.

PRETI, Dino (org). **Análise de Textos Orais**. 2 ed. São Paulo, FFLCH/USP, 1995.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações Sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva**. São Paulo, CERU-USP, 1983.

_____ . **Relatos Orais: do "Indizível" ao "Dizível",** in Experimentos com História de Vida**.** São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p 14-43.

QUEIROZ, Renato da Silva. **Caminhos que Andam: Os Rios e a Cultura Brasileira**, in Águas Doces do Brasil: Capital ecológico, Uso e Conservação. São Paulo, Escrituras, 1999.

RAMOS, **Borracha: Seringueiros e Seringalistas – Verdade e Lenda**. São Paulo, IPT, s/d.

RANCIÈRE, Jacques, **Políticas da Escrita**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1995.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **História do Amazonas**. Belo Horizonte, Itatiaia Ltda., 1989.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio**. 19 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

RICOEUR, Paul. **Outramente**. Rio de Janeiro, Vozes, 1999.

SANTILLI. Marcos & MINDLIN, Betty. **Àre**. São Paulo, Sver & Boccato, 1987.

SANTOS, Andrea Paula dos & outros. **Vozes da Marcha Pela Terra**. São Paulo, Loyola, 1998.

SANTOS, Milton (org). **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo, HUCITEC, 1993.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo, HUCITEC , 1997.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo**. 2 ed. São Paulo, HUCITEC, 1996.

_____. **A Natureza do Espaço**. São Paulo, HUCITEC, 1996.

SANTOS, Nilson & CRISTOFOLETTI, Elisabete. **Especialista em Educação de Comunidades Rurais**. Porto Velho, PLANAFLORO, 1998. mímeo.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração**. São Paulo, EDUSP, 1998.

SCHARTZMAN, Stephan. **Entrevista com Chico Mendes**. Washington, s/ed, 1987.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada no Brasil - Contrastes da Vida Contemporânea**. São Paulo, Companhia das Letras. v. 4, 2000.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Pensando o Processo de Valorização e a Geografia**. São Paulo, BPG – AGB, n 66.

SERRES, Michel (org). **Elementos para uma História das Ciências**. Lisboa, Terramar, 1989. 3 v.

SEVCENKO, Nicolau (org). **História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo, Companhia da Letras. v. 3. 2000.

SILVA, Josué Da Costa. **Cuniã: Mito e Lugar**. São Paulo, USP, Dissertação de Mestrado, 1994. mímeo.

SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento. **Espaço Ribeirinho: Migração Nordestina Para os Seringais da Amazônia**. São Paulo, USP, Dissertação de Mestrado, 1997. mímeo.

SILVA, Marina. **Primeiras Palavras**. Brasília, Imprensa Oficial. 1995.

SITTON, Thad et all. **Historia Oral**. Fondo de Cultura Económica, México, 1993.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.

SOJA, Edward W. **Geografias Pós - Modernas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.

SOHN-RETHEL, Alfred. **Trabalho Espiritual e Corporal.** São Paulo, USP, 1997. mímeo.

SOUZA, Marcio. **O Empate Contra Chico Mendes**. São Paulo, Marco Zero, 1990.

STALLYBRASS, Peter. **O Casaco de Marx**. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

STUBKJAER, Erik. **Communication in Cartography, and in Information Systems Development – a Plea for a Linguistic Model of Communication**. Bratislava, 1999.

TEIXEIRA, Carlos Corrêa. **Visões de Natureza**. São Paulo, EDUC, 1999.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo, Cortez, 1986.

THOMSON, Alistair. **Recompondo Memória**. in Projeto História, n 15, São Paulo, PUC, 1981.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**. São Paulo, Difel, 1980.

_____. **Espaço e Lugar.** São Paulo, Difel, 1983.

USA – **Resolução Expressando a Posição do Congresso dos EUA com Relação a Morte de Chico Mendes**. Washington, Congresso dos EUA, 1989.

VECCHIA, Agostinho Mario Dalla. **Considerações Sobre Memória e História Oral**, in Anais do Encontro de História e Documentação Oral, Brasília, UnB, 1993. p 26-32.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. Expedição, Trecheiros e Pardais, São Paulo, USP, mimeo, 1998.

VIEIRA, Maria do Pilar Araújo; KHOURY, Yara Aun. **Movimentos Sociais, Documentação e História Oral**. In Revista Projeto História, n 8/9, São Paulo, 1992. p 103-9.

VIEZZER, Moema. **Se Me Deixam Falar... .** 8 ed. São Paulo. Global, 1983.

WAGLEY, Charles. **Uma Comunidade Amazônica**. São Paulo, Itatiaia/USP, 1988.

WEIGAND, Ronaldo & Paula, Daniela. **Reservas Extrativistas em Rondônia**. Porto Velho, PLANAFLORO, 1998.

_____. **Diagnóstico do Rio Cautário: Para a Elaboração do Plano de Desenvolvimento da Reserva Extrativista**. Porto Velho, PLANAFLORO, 1997.

WEINSTEIN, Barbara. **A Borracha na Amazônia**. São Paulo, HUCITEC, 1993.

WILKOMIRSKI, Binjamin. **Fragmentos: Memórias de uma infância 1939-1948**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

WILLEMART, Philippe (org). **Gênese e Memória: Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições**. São Paulo, AnnaBlume, 1995.

WILLEMART, Philippe. **Do Manuscrito ao Pensamento pela Rasura**. in Manuscrítica. n 7, São Paulo, AnnaBlume. 1998.

_____. **De Qual inconsciente Falamos no Manuscrito?** in Manuscrítica. São Paulo, AnnaBlume. 1995.

WOLDENBERG, José. **Las Ausencias Presentes.** Mexico, Cal y Arena, 1992.

S/ autor, **India Rubber World**. London, outubro de 1902. p. 15.